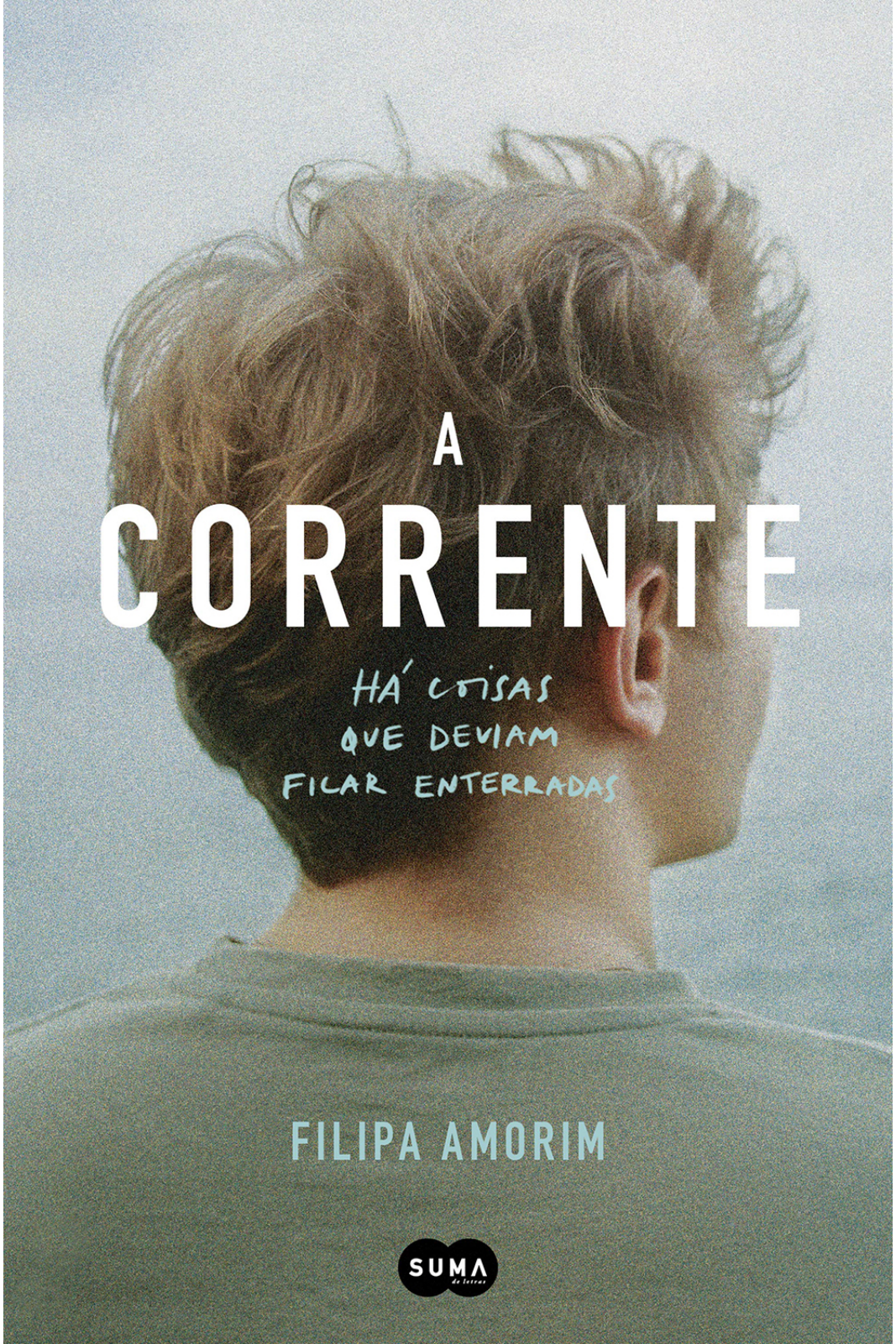


The background of the entire cover is a photograph showing the back of a person's head and shoulders. The person has light brown, curly hair. They are wearing a dark green crew-neck shirt. The background behind the person is a soft, out-of-focus blue sky.

A CORRENTE

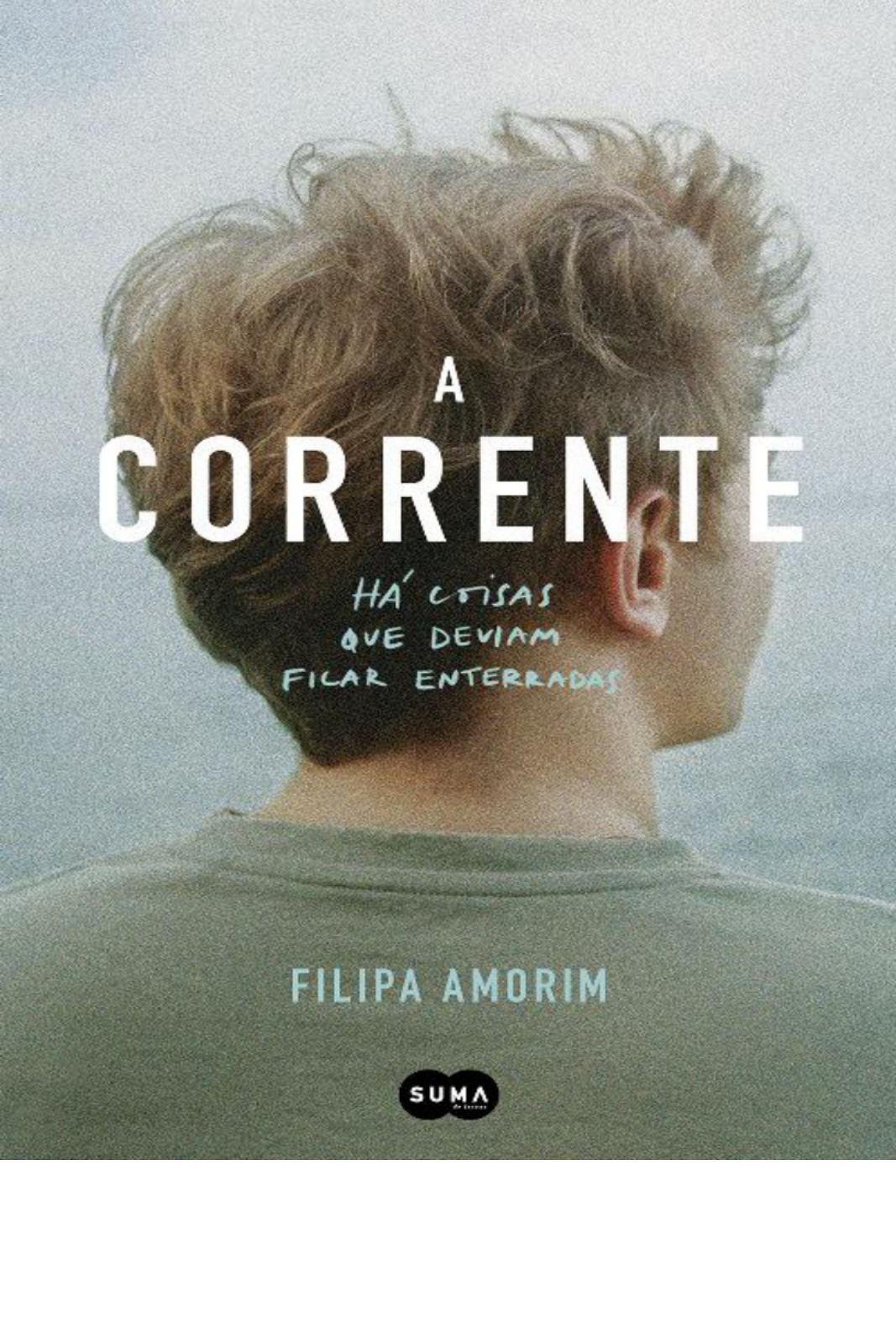
HÁ COISAS
QUE DEVIAM
FICAR ENTERRADAS

FILIPA AMORIM



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A CORRENTE

HÁ COISAS
QUE DEVIAM
FICAR ENTERRADAS

FILIPA AMORIM



FILIPA AMORIM

A CORRENTE





Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: julho de 2024

A CORRENTE

© 2024, Filipa Amorim

Todos os direitos reservados

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda. apoia a proteção do
copyright.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Edição: Diana Garrido
Coordenação editorial: João Santos
Revisão: C. Santos
Capa: Sofia Fischer

ISBN: 978-989-787-937-1

Composição digital: leerendigital.com
Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)
Facebook: [sumadeletrasportugal](https://facebook.com/sumadeletrasportugal)
Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Índice

A Corrente

Créditos

Epígrafe I

Epígrafe II

Epígrafe III

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre a autora

«Come as you are, as you were
As I want you to be
As a friend, as a friend
As an old enemy
Take your time, hurry up
Choice is yours, don't be late
Take a rest as a friend
As an old
Memoria, memoria
Memoria (no I don't have a gun)»

NIRVANA, *Come as
You Are*

«Talvez não exista tal coisa como bons amigos ou maus amigos – talvez existam apenas amigos, pessoas que estão ao teu lado quando estás magoado e que te ajudam a não te sentires tão sozinho. Talvez valha a pena preocuparmo-nos com eles, e ter esperança por eles, e viver por eles. Até mesmo morrer por eles, se for preciso. Nem bons amigos, nem maus amigos; apenas pessoas com quem queres estar, com quem precisas de estar.

Pessoas que constroem as suas casas no teu coração.»

STEPHEN KING, *A Coisa*

«I, I'm a new day rising
I'm a brand new sky
To hang the stars upon tonight
I am a little divided
Do I stay or run away
And leave it all behind?
It's times like these you learn to live again
It's times like these you give and give again
It's times like these you learn to love again
It's times like these time and time again»

FOO FIGHTERS,
Times Like These

Prólogo

Quando as pás encontraram a dureza da madeira em vez de mais terra, os coveiros entreolharam-se.

— O que vem a ser isto? — arquejou Manuel.

— Sei lá! Não disseram que o espaço 'tava livre pr'ó Esteves? — bradou José.

Continuaram a cavar até revelarem a superfície do caixão. A cada pazada de terra que lhe tiravam de cima, a tensão crescia entre ambos. José foi o primeiro a perder a compostura. Atirou a pá para o monte de terra que formara ao seu lado, tirou as luvas com um safanão e sacou o telemóvel do bolso de trás das calças.

Manuel manteve a pá na mão, apoiando-se nela quando os joelhos começaram a tremer. Não queria que o colega o visse fraquejar. Trabalhavam juntos há oito anos e nunca o deixara vê-lo ir-se abaixo. Gostava de poder ser como José, duro como pedra.

Mas aquilo era mau. Não sabia como nem quando, mas, para aquele caixão estar ali, alguém tinha feito merda. E ou muito se enganava, ou era para cima de si e de José que iam querer mandá-la, raios partam.

Esperou enquanto o colega procurava o contacto no telemóvel, o encostava à orelha e voltava a deitar um olhar abismado à cova.

— 'Tou? Ó chefe, olhe que tem de vir ao cemitério, há uma coisa

que tem de ver!

Acenou ao que ouviu do outro lado da linha, como se o outro o pudesse ver.

— Mas não demore, 'ca gente tem de saber onde raio é que vamos abrir a cova pr'ó Esteves, 'tá bem?

*

Hélder Montalvor, comandante da GNR de Santa Cruz, enfiou a arma no coldre e dirigiu-se à porta, com a sua equipa atrás de si.

— Mas o que é que os velhos disseram, chefe? — insistiu Luís.

— Nem percebi bem! Acho que estavam a abrir a cova para o Heitor Esteves e, afinal, já lá estava outro caixão.

— Então, mas eles não têm o registo das covas que já estão ocupadas?

— Sim, se eles não souberem os espaços que estão livres, quem é que há de saber? — acrescentou Anabela.

— Olhem, eu é que não sou de certeza — resmungou Hélder.

Entraram para o carro-patrulha. A viagem até ao cemitério, que costumava demorar menos de meia hora, levou quase uma. Estava um trânsito infernal na Nacional 118 e o calor, anormal para finais de maio, também não ajudava. Hélder passara a manhã à secretária, ocupado com papelada para arquivar. Com a ventoinha no máximo, voltada para si, olhava para lá da enorme janela do escritório, cujo vidro quase derretia à chapa do sol, e planeava formas de se despachar cedo, ir a casa buscar a mulher e as tralhas de praia e estender-se de papo para o ar no Guincho. Caramba, há quanto tempo não o faziam, só os dois? Judite era mais sereia que mulher, valha-lhe Deus, e se passasse muito tempo sem ir à praia começava a entrar em parafuso.

Depois de passarem a área onde se dera o acidente que motivava todo aquele trânsito, a viagem foi mais rápida. Luís e Anabela não se calavam, animados com a chamada dos coveiros. Teciam teorias, cada uma mais mirabolante que a outra. Hélder teve vontade de lhes berrar que se calassem, mas conteve-se.

Já tivera a idade deles e já sentira a adrenalina de um caso que pudesse quebrar a maldita rotina do dia a dia em Santa Cruz.

Sentiu-se grato por, ao chegarem ao cemitério, ver que ainda não havia aparato em torno da descoberta de José Ramires e Manuel Antunes. Os dois não deviam ter alertado mais ninguém. Contudo, um carro-patrolha a passar a caminho do cemitério era tão bizarro que não demoraria até que os mirones comessem a aparecer. Estacionaram em frente aos portões e saltaram do carro, Hélder à frente, Luís e Anabela logo atrás.

Os coveiros, encharcados em suor, continuavam à beira da cova aberta. José, o mais velho, tirou o boné esfarrapado da cabeça quando viu os guardas chegarem e avançou de mão estendida para os cumprimentar.

Capítulo 1

Ninguém precisou de lhe confirmar que a rajada de vento que a desequilibrara, assim que as portas do autocarro se abriram, era um mau presságio.

Gabriela analisou o céu, de um azul perfeito, enquanto as ondas do cabelo louro-trigo esvoaçavam em torno do rosto, e o vestido em redor das pernas. Quase cedeu à vontade de tornar a entrar no autocarro. Não era bem-vinda e não queria provocar a ira divina ao pisar a terra. Porém, assim que os pés tocaram a calçada, o vento parou. Ouviu as portas do autocarro fecharem-se enquanto o veículo retomava a marcha. Compôs a saia e olhou para a longa avenida que separava as vivendas a torrarem ao sol da muralha de pedra branca, da arriba e da praia lá em baixo. As saudades e o medo encheram-lhe os olhos de lágrimas.

Não saberia dizer quanto tempo teria ali ficado se o telemóvel não tivesse começado a tocar.

— Sim?

— Olá, Gabi. Já chegaste? — perguntou Daniel.

— Saí agora mesmo do autocarro.

— Ainda bem. Vem ter ao Farol.

Tinham-se despedido nesse mesmo lugar, sem perspectivas de ela algum dia voltar a Santa Cruz, por isso fazia sentido encontrarem-se lá

agora.

O Farol era o bar da Praia do Mirante e refúgio dos jovens da vila. Gabriela perdera a conta às tardes e noites de verão que ela, Daniel e os outros tinham passado ali. Ainda hoje era gerido por Joca, com Belinha a seu lado como chefe das empregadas, posto que ocupava desde os 15 anos.

Agora já devia passar dos 30. Gabriela avistou-a ao descer a escadaria de madeira que levava à praia. Tentava prender uma das madeixas da juba de cabelo louro atrás da orelha e começou a virar-se para tornar a entrar no bar.

Foi aí que reparou em Gabriela, empalidecendo como se visse uma assombração.

— Gabi?

— Olá, Belinha!

— Estás tão diferente!

— Já tu continuas na mesma! Não envelheceste nem um bocadinho.

Belinha abafou uma gargalhada, dividida entre o choque e a alegria. Trocaram um abraço rápido, antes de ela recuar para voltar a admirá-la.

— O que é feito de ti?

— Fui viver para o Algarve há uns anos.

— Pois, com o bronze com que estás, vê-se mesmo que continuas perto da praia.

— Obrigada.

— E agora já percebi de quem é que o Daniel está à espera! Anda, eu levo-te a ele.

Gabriela deixou Belinha conduzi-la para o interior do bar, onde a mudança de luminosidade e temperatura lhe provocou um arrepio. Pestanejou para focar a visão e viu Daniel, lá ao fundo.

Estava sozinho numa mesa junto à janela, que ocupava quase toda a parede voltada para o mar. Vestia uma *T-shirt* branca, umas calças de ganga coçadas e uns ténis velhos. Àquela distância, parecia ter parado no tempo. A pele curtida pelo sol, o cabelo louro-escuro desalinhado, um pouco mais comprido do que a maioria dos homens usaria, a ruga funda entre as sobrancelhas espessas e os olhos, de um azul desarmante, continuavam os mesmos.

O coração acelerou-lhe e a vontade de fugir voltou a invadi-la.

— Daniel, olha quem voltou! — anunciou Belinha.

Daniel olhou para a porta e também pareceu ser assaltado por uma visão do além. Gabriela conseguiu recuperar primeiro e obrigou os lábios a formarem um sorriso.

— Vais lá sentar-te com ele? Queres beber alguma coisa? — perguntou Belinha.

— Pode ser uma água com gelo e limão, por favor.

— É para já.

Daniel levantou-se enquanto Gabriela se aproximava. Ela viu-o descer os olhos pelo seu corpo e absorver as mudanças por que passara desde a última vez que se tinham visto. Há quanto tempo fora? Sete anos? Oito?

Não importava. Quando transpôs o último metro que os separava e lhe enlaçou o pescoço nos braços, e ele lhe envolveu a cintura nos seus, os anos evaporaram-se.

— Tive tantas saudades tuas... — segredou-lhe Daniel ao ouvido.

— E eu tuas.

Daniel soltou-a devagar, como se temesse que, atrevendo-se a largá-la, a perdesse para sempre, e acabou por lhe indicar uma das cadeiras livres.

— Disseste que tinhas saído do autocarro?

— Sim, vim de comboio de Faro até Lisboa e depois apanhei o autocarro para cá.

— Não tens carro?

— Tenho, mas a minha irmã precisou dele. O dela está na oficina há duas semanas. Olha, e estamos à espera de alguém?

— Sim, mas ainda é capaz de demorar.

Falaram de tudo e de nada, ansiosos por preencher os silêncios e por recuperar o tempo perdido. Trocaram novidades e riram-se dos episódios mais cómicos que cada um tinha passado, mas, no fim, como tantas vezes, o riso deu lugar ao vazio.

Gabriela olhou de viés para Daniel. Procurou algo com que aligeirar o ambiente, mas o desconforto já se instalara. Limitou-se a observá-lo, pensando nas centenas de vezes em que este falara mais alto do que as saudades.

E quando Daniel voltou a olhá-la nos olhos, Gabriela arrependeu-

se de o ter desejado.

— Desculpa ter-te obrigado a voltar. — balbuciou Daniel, com a voz mais pesada.

— É bom que tenhas um motivo mesmo muito forte para o teres feito.

— Tenho, acredita que tenho.

— E vou ter de esperar muito mais para saber o que é?

— Não, estou só à espera que chegue o resto da companhia e depois conto.

Gabriela preparava-se para tentar arrancar-lhe o nome dessa misteriosa companhia, mas não teve tempo. Assim que abriu a boca, aperceberam-se de movimento à entrada do bar.

E quando Alexandre e Mariana entraram e olharam para eles, Gabriela sentiu o coração cair-lhe aos pés.

Aqueles dois nada tinham que ver com os miúdos que conheceu, sempre de calças de ganga e *sweats* de capuz, cabelos ao vento e peles curtidas pelo sol e sal. Mariana, mais magra do que antigamente, agora com o cabelo liso e com um corte elegante, entrara a olhar em volta, de cenho franzido e a afagar os braços. Alexandre, que se tornara num daqueles homens conscientes do seu bom aspeto, de cabelo propositadamente despenteado e calças chino de linho caro, envolvia-lhe a cintura com o braço, aconchegando-a a si. Gabriela recordou-se, com um murro no estômago, de que eles tinham casado.

Daniel e Gabriela levantaram-se. Alexandre e Mariana aproximaram-se com receio, como dois condenados a caminho da forca. Quando os abraçaram, Gabriela percebeu que as saudades se faziam acompanhar de uma tensão que não devia existir, mas que nenhum deles conseguia ignorar.

— Vão querer alguma coisa? — perguntou Belinha.

— Sim, traz uma rodada de *Jameson*, por favor — pediu Daniel.

Capítulo 2

Belinha pousou os copos e a garrafa na mesa.

— Vou deixá-la aqui porque, pela cara com que estás, não me parece que uma dose vá ser suficiente.

Daniel agradeceu e, quando ela se afastou, levantou o copo no ar.

— Ao passado, que nunca nos há de deixar em paz.

Reparou no olhar que Mariana e Gabriela partilharam, como tinham partilhado a vida inteira, aquela estranha espécie de telepatia que deixava sempre os outros de fora. Gabriela massajou o pescoço e baixou o olhar para a mesa. Mariana, por sua vez, pegou no copo e juntou-o ao seu.

Alexandre e Gabriela fizeram o mesmo. O ruído do vidro a chocalhar cobriu-os de pele de galinha e quebrou o silêncio que caíra no bar.

Tinham passado anos e anos sem se verem, e tinham mantido tão pouco contacto que já pouco ou nada sabiam uns dos outros.

Daniel esperou até esvaziarem todos os copos e ter servido as segundas doses antes de se render à pressão do olhar de Mariana.

— O Francisco apareceu.

Foda-se, pensou, contorcendo-se na cadeira. Achava que seria capaz de lhes dar a notícia sozinho — tinha pedido para assim ser, na verdade, rejeitando a ajuda de Hélder —, mas agora arrependia-se.

— Como assim? O que queres dizer com isso? — ripostou Alexandre.

— Quer dizer que ele está morto — disse Mariana, inexpressivamente.

Alexandre e Gabriela olharam para ela. Não havia a mínima hesitação na sua voz, nem tinha desviado um milímetro o olhar gélido do de Daniel. Ele concordou com um único aceno e assistiu enquanto o caos se instalava.

Alexandre escorregou para trás na cadeira, empalidecendo, e Gabriela não conseguiu evitar um soluço.

— Mas... como? Desde quando? — perguntou Gabriela, as lágrimas a cair.

— Há nove anos — murmurou Daniel.

— Que raio é que estás para aí a dizer?! — berrou Alexandre, inclinando-se sobre a mesa e segurando o bordo com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

— O que ouviste. O Francisco morreu há nove anos e o corpo apareceu agora.

Daniel começava a perder a paciência. O que é que eles achavam que teria acontecido? Que o amigo tinha ido dar uma volta e aparecia nove anos depois como se nada fosse?

Mariana era a única que continuava impávida e serena, apertando a mão de Gabriela, num gesto antigo de conforto.

— Onde é que o corpo estava? — inquiriu Mariana.

— No cemitério. Tinha sido... enterrado às escondidas.

— *O quê?* — arfou Alexandre.

Alexandre queria continuar, mas Mariana pousou a outra mão no seu ombro com força suficiente para o calar, e lançou um olhar decidido a Daniel.

— OK, começa. Do princípio.

Daniel inspirou fundo e começou a contar-lhes o que Hélder lhe contara mais cedo: que um tal Heitor Esteves tinha sofrido um ataque cardíaco na tarde de quarta-feira e que a cova que seria aberta para ele, na área reservada à família, já estava ocupada com outro corpo. Os primeiros exames determinaram que se tratava de um homem branco, jovem e de estatura média, e que, pelo estado de decomposição, já devia estar enterrado há perto de uma década.

— Mas pode não ser ele! — Alexandre levantou a voz.

— Se o tivessem visto, saberiam que é o Francisco.

Gabriela não conseguia parar de chorar. Mariana envolveu-a nos braços, deixou-a deitar a cabeça no seu ombro e começou a fazer-lhe festas no cabelo, como se de repente fossem miúdas de novo. E era também, pensou Daniel, um gesto de empatia a que Mariana devia estar habituada, de tantas vezes que o devia usar com as famílias dos pacientes a quem tinha de dar más notícias.

— E agora? — murmurou Alexandre.

— Agora tem de se fazer a autópsia, mas tenho a certeza de que é ele.

— E o chefe Hélder?

— Concorde comigo. Ainda tentou que eu não espreitasse para a cova, mas não conseguiu. E a seguir arrastou-me até aos portões a dizer que eu não podia espalhar isto por aí, que ia ser o descalabro quando se soubesse que era o Francisco, que a Polícia tem de tentar avançar com a investigação o mais possível antes de isso acontecer...

— Mas o que é que estavas a fazer no cemitério? — interrompeu Alexandre.

— Investigação? — balbuciou Gabriela, endireitando-se de repente, sobrepondo-se a Alexandre.

— Claro, para se descobrir quem é que lhe fez aquilo. — Daniel virou-se para Alexandre: — Vi o carro da polícia a estacionar no cemitério e achei estranho, não sei porquê. Mas algo me dizia que...

Vendo o olhar de Gabriela ficar ainda mais desnorteadado, Mariana virou-se para ela com toda a calma.

— Ele foi morto, Gabriela. Ninguém acaba naquelas circunstâncias por acidente. E a Polícia não pode recusar-se a abrir um processo e...

— Mas já passaram nove anos!

— Isso não quer dizer nada.

Daniel preparava-se para concordar com Mariana quando o telemóvel começou a tocar. Tirou-o do bolso e o olhar que lhe deitou foi suficiente para os outros adivinharem quem estava a ligar.

— Sim?

— Olá, Daniel — disse Hélder Montalvor. — Já sabes alguma coisa do Alexandre, da Mariana e da Gabriela? Sempre falaste com eles?

— Sim, e já chegaram. Estamos no Farol.

— Ótimo, ótimo. Vamos precisar de falar convosco.

— Claro. Pode ser em minha casa?

— Sim, é uma boa ideia. Vão andando que nós vamos lá ter.

Assim que desligou, Mariana levantou-se e puxou Gabriela e Alexandre consigo.

— Ele quer ver-nos, não é?

— Sim — confirmou Daniel, levantando-se também. — E ou muito me engano ou, pela voz dele, já têm o resultado da autópsia.

— Está a ser depressa de mais... Está tudo a ir depressa de mais...

— soluçou Gabriela.

— Para o Francisco, não — disse Alexandre. — Para o Francisco, já não era sem tempo.

Capítulo 3

Ninguém abriu a boca durante a viagem. Daniel gostava de poder culpar o calor, mas era uma desculpa esfarrapada. Se não fosse, ao entrarem em casa e serem recebidos por aquela frescura abençoada, o desconforto que os consumia teria desaparecido, não era? Mas continuava presente, e só piorou quando, ainda mal se tinham sentado nos cadeirões e sofás ouviram as batidas na porta. Daniel foi abri-la e conduziu os polícias à sala.

Hélder Montalvor entrou ladeado por Paulo Batalha e Anabela Semedo. Avançou de mão estendida para Alexandre, cumprimentou-o, tal como fez com Mariana e Gabriela, tossiu para clarear a garganta, deixou cair a mão e preparou-se para começar o discurso que devia ter vindo a ensaiar no caminho.

— Suponho que o Daniel já vos tenha posto a par daquilo que descobrimos no cemitério. Viemos dizer-vos pessoalmente que já temos o resultado da autópsia e que sim, o cadáver pertence ao Francisco. E quisemos vir dar-vos os nossos sentimentos. Lamentamos muito que isto esteja a acontecer.

— Obrigada — murmurou Gabriela.

— Também queremos que saibam que, apesar de ele já estar morto há nove anos, o caso não vai passar em branco — continuou Hélder. — Vamos reabrir o processo e o culpado ainda vai ser

apanhado e condenado. Penso que todos sabem que a pena para um crime destes só prescreve ao fim de vinte anos.

— Sim, sabemos. Mas se não se conseguiu resolver na altura em que ele desapareceu, acha mesmo que se vai resolver agora? — perguntou Alexandre.

— Na altura em que ele desapareceu, não havia corpo ou qualquer tipo de indícios. Mas desta vez há, por isso podem crer que vou levar isto até ao fim.

— Muito bem, e o que podemos fazer para ajudar? — perguntou Mariana.

— Podem dar-nos os números dos pais do Francisco. Os que tínhamos estão desatualizados, mas precisamos de os chamar cá para falarmos com eles — explicou Anabela.

— Eu tenho o número da mãe dele — avisou Gabriela.

Tirou o telemóvel da mala e, com as mãos a tremer, procurou o número de Sandra, mas estendeu o telemóvel a Anabela sem chegar a iniciar a chamada.

— Mantiveram-se próximos deles? — perguntou Hélder.

— Bem... sim. Quer dizer, falamos de vez em quando... — confessou Daniel.

— Ainda pensámos duas vezes em contar-lhes do casamento. Eles tinham-se divorciado há menos de um ano e estávamos com algum receio de que não reagissem bem, mas acabaram por ficar felizes por nós — explicou Alexandre, com Mariana a assentir enquanto ele falava.

— E eu ligo-lhes sempre no Natal e no Ano Novo — acrescentou Gabriela, baixando o olhar para as mãos. — Eles vão ficar de rastos...

— Infelizmente, não temos alternativa, temos mesmo de os chamar de volta — disse Hélder, já a levantar-se. — Vamos voltar ao posto para reunirmos com a equipa da PJ que ficará encarregada do caso. E não fiquem com essas caras — alertou, ao ver o olhar que Daniel e Alexandre trocaram. — O facto de eles virem com dois pares de olhos virgens talvez os deixe ver o que nós não fomos capazes de ver na altura.

— Esperemos que tenha razão — disse Gabriela.

— Eu levo-vos à porta — ofereceu-se Daniel.

Gabriela, Alexandre e Mariana mantiveram-se em silêncio até ele

voltar.

— E agora? — perguntou Alexandre.

— Agora, esperamos. Assim como assim, não podemos fazer nada pelo Francisco até lá — decidiu Mariana. — E eu preciso de uma pausa. Preciso de pôr a cabeça em ordem.

— Claro, tira o tempo que precisares — concordou Daniel. — Fazemos assim: vou às compras, porque não estava a contar convosco para o jantar...

— Espera, vamos ficar aqui?! — interrompeu Gabriela.

— Sim... Tens alguma ideia melhor?

— Não, não, é só que...

Nem há hora e meia, aquela ideia teria parecido descabida a qualquer um deles, mas iam mesmo ter de voltar a dormir todos sob o mesmo teto.

— Podem ficar num dos hotéis ou na pensão, se quiserem, mas sabem que há aqui quartos suficientes e não precisam de gastar dinheiro — avisou Daniel.

— Nós não temos problema em ficar aqui, pois não, Alex? — inquiriu Mariana.

— Não.

— Eu também fico — rendeu-se Gabriela.

— E a Sandra e o João Paulo? — atalhou Mariana.

— Pois, não tenho quartos para eles... se ficassem juntos num, ainda tinha, mas dois não. E é chato estar a oferecer ao João Paulo e não oferecer à Sandra...

— Claro, mas de certeza que eles não terão problema em ficar no hotel do centro.

— Podemos dizer-lhes isso quando chegarem. Até lá, vou às compras para o jantar.

— O Alex vai contigo — informou Mariana, apressando-se a continuar ao ver o olhar que ele lhe lançou. — Vai ajudá-lo com as compras, por favor. Se ele for sozinho, sabes que se esquece de metade do que vamos precisar.

— Ei, até parece! — reclamou Daniel.

— Até parece que não é verdade! — corrigiu Gabriela. — Não me digas que te tornaste um ás dos supermercados desde a última vez que te ofereceste para ir às compras.

— Não me esqueci assim de tanta coisa...

— Não há problema, eu vou contigo — interrompeu Alexandre, voltando-se ainda um segundo para Mariana. — Queres que te traga alguma coisa?

— Uma ou duas caixas de aspirina, por favor. E, só por via das dúvidas, vê se consegues que me passem qualquer coisa para dormir na parafarmácia.

Alexandre anuiu, deu-lhe um beijo na testa e voltou-se para Daniel, que já começava a contornar os sofás e a dirigir-se à porta.

— Gabi, precisas de alguma coisa?

— Não, não se preocupem. Se precisarem que adiantemos alguma coisa por cá, liguem, está bem?

— Sim, mas não se preocupem, não vamos demorar — garantiu Alexandre.

Daniel deitou um último olhar por cima do ombro antes de sair e sentiu uma ferroadada no estômago ao pensar que aquele olhar que Mariana e Gabriela partilhavam não era, de longe, o que esperava que tivessem quando finalmente voltassem a casa.

Capítulo 4

Embora custasse como os diabos, Alexandre conseguira manter-se sob controle, mas apenas porque tinha Mariana ao seu lado.

Soube, logo ao ler a mensagem de Daniel, que se aproximava algo mau. O primeiro impulso foi fugir-lhe, conservar a paz que tinha conseguido conquistar ao lado da mulher e evitar a bomba que o amigo se preparava para lançar nas suas vidas. Se é que ainda podia considerá-lo amigo. Se calhar, tinham passado demasiados anos. Sim, por um segundo ainda questionara se Daniel merecia aquilo da sua parte. Se não seria melhor fingir que nem sequer vira a mensagem, não chegar a dizer a Mariana que a recebera e continuar a sua vidinha como se nada fosse.

No segundo seguinte, a maldita lealdade falou mais alto, como sempre.

Por isso, mesmo com a ansiedade a agravar-se enquanto se preparava para a viagem, mesmo com a voz da consciência a berrar-lhe que estava a cometer um erro, convenceu Mariana a entrar para o carro consigo, fizeram a viagem até Santa Cruz e sentaram-se com Daniel e Gabriela à mesa do Farol para ouvirem a verdade sobre Francisco. E quando ela veio à tona, não conseguiu sentir nada além de uma tremenda vontade de gritar.

Não o fez, mas só porque estava com Mariana e queria livrá-la do

fardo de ter de o apoiar. Desta vez, pelo menos, já que ela o fazia sempre e com uma perfeição que lhe dava vontade de esmurrar qualquer coisa, porque o fazia com que se sentisse um merdas, inútil e impotente. Mas não desta vez. Desta vez, queria ser ele a sua fonte de apoio.

Porém, ao incentivá-lo a ajudar Daniel com as compras, ofereceu-lhe uma escapatória, e Alexandre não conseguiu evitar o misto de alívio e culpa que sentiu ao aceitá-la. Quis dar ouvidos ao bom senso, mas a cobardia falou mais alto. Guiou até ao supermercado sem abrir a boca e ajudou Daniel o melhor que pôde, desejando conseguir manter a calma até ao fim.

A máscara só caiu quando se deparou com o letreiro que encimava as prateleiras da *Super Bock*, com o slogan que o atingiu com um murro no peito.

«Leva a amizade a sério».

Leu as palavras uma vez e, à segunda, perdeu a cabeça. Pressentiu-o, o momento em que o controlo lhe escaparia por entre os dedos, o descer da dor pelas costas e pelos braços, mas não conseguiu evitá-lo. Desabou sobre a prateleira enquanto a cabeça se enchia de memórias de Francisco e das centenas de vezes em que partilhara uma cerveja com ele, Mariana, Daniel e Gabriela, nos melhores e piores momentos das suas vidas.

A *Super Bock*, a marca preferida dos cinco, lançara aquele slogan poucos anos depois do desaparecimento de Francisco. Alexandre tinha 23 na altura e estava sozinho em casa, estiraçado no sofá, com um pacote de batatas fritas no colo, à espera de que começasse a segunda parte do Benfica-Porto, quando viu o slogan pela primeira vez, e perdeu a cabeça nesse instante com o mesmo desespero com que perdia agora.

«A amizade é para levar a sério». Quantas vezes teriam ouvido Francisco dizer aquilo? Quantas vezes lhes teria tentado transmitir a essência daquilo que os unia de forma tão simples como era para si, sem tretas, sem floreios? «A amizade é para levar a sério, hoje e todos os dias, senão não é amizade nem merda nenhuma.»

Uma descarga de raiva inflamou-lhe o braço direito, desceu-lhe até à mão e, antes de o cérebro poder processar o que se preparava para fazer, puxou o braço atrás e esmurrou a prateleira. A dor que lhe

fendeu os nós dos dedos e as costas da mão libertou-se num grito que o fez soar como um animal ferido. Sentiu o corpo sacudido pela vontade de chorar. Para não lhe ceder, para não se render como se rendera no sofá naquela noite e deixar que viesse tudo à tona, porque havia demasiado que não podia vir à tona, cruzou os braços contra a prateleira e escondeu o rosto.

Daniel, já alguns metros à frente no corredor, ainda sem se ter dado conta de que ele não estava ao seu lado, voltou-se num salto ao ouvir a sua explosão.

— Alex...

Correu para o seu lado e rodeou-lhe os ombros com o braço colossal. Puxou-o com força contra si, abraçou-o e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido que, no meio do pranto e dos soluços, ele demorou algum tempo a entender.

— Tens de te acalmar... Tens de ter calma...

Quando a ladainha de Daniel se tornou perceptível, a raiva cresceu e Alexandre afastou-o com um safanão.

— *Calma?* Queres que tenha calma?! — Alexandre abafou o que queria dizer. Fechou os olhos e tentou respirar fundo e recuperar a máscara que antes envergara, mas não conseguiu. — Porque é que nos arrastaste para isto?

Abriu os olhos para ver os de Daniel arregalarem-se. Viu-o abanar a cabeça e percebeu que o magoaria com o que diria a seguir, mas não conseguiu conter-se.

— Porque é que nos chamaste de volta? Porque é que me obrigaste a trazer a Mariana para isto? Foda-se, estávamos tão bem e tu deste cabo de tudo! *Porquê?*

— Porque preciso de vocês!

O grito de Daniel foi tão visceral que Alexandre recuou como se ele lhe tivesse batido. Fechou os olhos, incapaz de encarar a mágoa que emanava do olhar do amigo, mas isso não a aplacou.

— Achas que vos queria trazer para esta merda? Achas que fiquei muito contente por vos obrigar a sentir o mesmo que eu senti quando tiraram o Francisco daquela cova?

— Não...

— Claro que não, meu! Não sei quem raio achas que sou, mas acredita que não fiquei aos pulos de contente por ter de vos chamar

para o meio deste pesadelo! E devias saber, melhor que ninguém, que, se vos chamei, foi porque não consigo aguentar isto sozinho!

Alexandre anuiu, sem conseguir traduzir em palavras aquilo que precisava de o fazer entender, porque nem ele próprio entendia ainda. Daniel passou as mãos trémulas pelo cabelo, antes de se aproximar e lhas pousar nos ombros.

— Desculpa ter-vos arrastado para isto.

— Não, eu é que tenho de pedir desculpa. Não devia ter dito aquilo.

— Se estivesse no teu lugar, e tivesse conseguido seguir em frente com a minha vida e depois alguém me obrigasse a voltar para este maldito sítio, também o mandava para o caralho.

Daniel sorriu ao ver os cantos da boca de Alexandre curvarem-se num sorriso.

— Acredita que também me apetece rebentar. Apetece-me desde que olhei para aquele buraco na terra e vi o Francisco lá em baixo.

— Foi horrível, não foi?

— Foi a pior coisa que vi na vida.

— Por isso, ainda tenho menos razão para ter dito aquilo. Sei que não querias obrigar-nos a lidar com isto. E, se estivesse no teu lugar, também daria em louco sozinho.

— Eu sei. Mas controlaste-te bem até agora.

— Foi só porque tinha a Mariana comigo.

— Não querias que ela visse o quanto isto te deita abaixo?

— Não. Não quero ser o raio de um fardo para ela.

Viu que Daniel não compreendia. Mas claro que não compreendia. Mariana construía uma tal *persona* para os outros, erguera à sua volta uma armadura tão realista, que toda a gente achava que era realmente uma cabra dura de roer, sem sentimentos.

Mas ele já a desarmara o suficiente para saber que não era nada assim.

— Eu sei que, olhando para ela, parece que não precisa de nada nem de ninguém, mas acredita que precisa.

— E esta é uma dessas vezes.

— É, é mesmo. Ela é a pessoa mais forte do mundo, mas até a Supermulher precisa de baixar o escudo de vez em quando.

— Então está na hora de ires buscar o teu — declarou Daniel, com

um aceno solene. — Precisamos todos dele.

Capítulo 5

Gabriela quis respeitar o desejo de privacidade de Mariana, por isso chegou demasiado tarde para a ajudar.

Depois de Alexandre e Daniel saírem, Mariana passou a mão pelo cabelo, afastando-o do rosto, e soltou um suspiro que pareceu subir-lhe do fundo do peito, do centro da Terra. Fechou os olhos, deixando cair a ilusão de que estava bem, e estremeceu com uma violência que deu a Gabriela vontade de a abraçar.

— Preciso de me ir deitar um bocado, está bem? — dissera Mariana, já de saída da sala.

— Sim, claro.

— Chamas-me quando eles voltarem?

— Sim, fica descansada.

Gabriela deixou-a sair e dirigiu-se à cozinha, que conhecia tão bem quanto a sua. Em piloto automático, abriu o armário de ripas de madeira branca por cima do lava-louça, onde se guardavam os copos, canecas e chávenas. Escolheu uma saqueta de chá de cidreira e encheu a cafeteira elétrica.

Sentou-se à mesa, de pés brancos e tampo na mesma madeira dos balcões e ilha. Era ali que os pais de Daniel preferiam tomar o pequeno-almoço, reservando a grande sala de jantar para as outras refeições e para receberem convidados. Deu por si a passar a ponta

dos dedos pelos traços cavados na superfície de madeira maciça, tosca e já muito usada. Formavam aquilo que Alexandre quisera que passasse por um coelho, mas que parecia apenas um animal disforme e medonho. Emília quase lhe atirara uma panela à cabeça quando, ao virar-se para lhes trazer as torradas, reparara no que ele estava a fazer à sua adorada mesa, um dos primeiros presentes que os sogros lhe tinham dado quando ela e Eduardo se mudaram para ali, como explicara, a gritar com toda a força. Acabara por não lhe atirar nada, dando-lhe apenas um raspanete que deixou Gabriela transida de medo e que lhe tirou e a Daniel, Francisco e Mariana qualquer ideia de virem a imitar a façanha.

Pousou os dedos sobre o coelho e sorriu, sentindo os olhos encherem-se de lágrimas. Tinha tantas saudades dos sermões de Emília como dos seus abraços.

De olhos na chama que tremulava sob a chaleira, esperou que o chá fervesse. Deu por si a rezar para que aquele momento durasse dias a fio. Que Alexandre e Daniel pudessem demorar-se nas compras, que Mariana se mantivesse longe e que ela pudesse simplesmente ficar ali com os seus fantasmas.

Quantas vezes desejara voltar? Quantas vezes dera por si a ansiar pela paz que sentia ali, ao lado de Daniel, Emília e Eduardo, longe dos pais, dos gémeos e da tensão que pontuava a sua vida lá fora? Contudo, nunca chegara a dar ouvidos à vontade de regressar, porque teria de enfrentar Daniel se o fizesse.

Mesmo agora, não sabia porque viera. Podia tentar convencer-se de que fora por supor que o que ele queria contar-lhe se referia a Francisco, mas não era verdade.

Voltou a olhar para o coelho e admitiu-o finalmente: voltara para poder regressar ali, àquela casa, que considerava tanto sua como dele.

Enxugou os cantos dos olhos e abafou uma gargalhada. Fora tão ingénua. Como é que chegara a acreditar que aquele lugar lhe inspiraria a mesma paz se Emília e Eduardo, e o próprio Francisco, já não faziam parte dele? Como é que acreditara que poderia recuperar o que ali tinha sido um dia, se aquilo que a ajudara a sê-lo desaparecera?

Quando o chá ficou pronto, foi prostrar-se diante da maior das janelas, a observar o céu que continuava a escurecer. Bebeu o chá sem

pressa, a pensar na ironia de, apesar de tudo, ainda não ter coragem para se ir embora.

Só quando acabou de lavar a louça pensou em ir ver de Mariana. Não ouvia barulho no piso de cima há muito tempo. Podia ser que ela estivesse apenas a descansar, mas podia também dar-se o caso de estar a chorar, sozinha e desamparada, quando Gabriela estava ali e precisava tanto do seu apoio como, quis iludir-se, ela precisaria do seu.

Estava certa, mas apenas na última parte. Ao chegar ao piso de cima, foi espreitando para o interior dos quartos, que encontrou vazios. Preparava-se para entrar no último, que pertencera aos pais de Daniel, quando ouviu choramingar do outro lado da porta seguinte, a da casa de banho dos hóspedes.

Abriu-a e deparou-se com Mariana sentada no chão, encostada à banheira, com o rosto lavado em lágrimas pretas.

— O que é que se passa?

Mariana fechou os olhos e apoiou a cabeça no bordo da sanita, sem falar. Gabriela deu por si a olhar para o interior e viu o sangue que salpicava o branco imaculado e cobria a superfície da água.

— Oh, meu Deus, Mariana... *oh, meu Deus...*

Gabriela ter-se-ia esbofeteado, se pudesse. Sentia-se tão imbecil, ali a tremer e a repetir as mesmas três palavras vãs. Queria estender as mãos e ajudá-la a limpar a cara, queria envolvê-la nos braços e apertá-la contra si, queria garantir-lhe que ficaria tudo bem, mas não conseguia desviar os olhos esbugalhados das coxas dela.

— Volto já... v-volto já, está bem? V-vou... vou ligar ao Alex e...

— Não!

O grito e o olhar alucinado de Mariana petrificaram-na.

— Não lhe podes dizer nada! Promete!

— Mas...

— *Promete*, Gabriela!

Gabriela queria convencê-la da péssima ideia que seria fazer segredo daquilo, mas há muito que aprendera a não a contrariar.

Francisco costumava provocar Mariana e chamar-lhe «Medusa», dizia que era capaz de desfazer os homens em pó com um simples olhar, mas Gabriela nunca tivera tanta certeza disso como agora.

— Ele não sabia?

— Não — murmurou Mariana, fechando os olhos. — Eu queria esperar até chegar aos três meses.

— De quanto tempo estavas?

— Oito semanas.

Gabriela envolveu-a num abraço, rezando para que este se equiparasse, um bocadinho que fosse, ao que a mãe dela lhe daria se ali estivesse.

— Lamento tanto, Mariana...

— Obrigada.

— Não queres mesmo contar ao Alex? Ele pode apoiar-te e...

— Não — decretou Mariana, empurrando-a para voltar a olhá-la nos olhos. — Ele não precisa de saber. Só o vai fazer sofrer.

— Mas ao menos não terias de enfrentar isto sozinha...

— Não estou sozinha. Tenho-te a ti.

O coração de Gabriela não tinha mais por onde se torcer e esmigalhar, por isso as lágrimas assomaram-lhe aos olhos.

— Tenho-te a ti. A minha melhor amiga — disse Mariana, pegando-lhe nas mãos e apertando-as como se quisesse esmagá-las, com os olhos brilhantes de uma fúria que a paralisou. — Ajudas-me?

— Sabes que sim. Sabes que estou aqui para o que for preciso.

— Pois sei. Por isso, ajuda-me... E não contes nada ao Alex.

Gabriela rendeu-se com um aceno. Mariana afrouxou o aperto das mãos e soltou um longo suspiro enquanto o olhar se perdia no vazio.

— Não foi planeado, sabes? Quer dizer, claro que queremos ter filhos, e não queremos esperar assim tanto, mas não estávamos propriamente a tentar. Mas, mesmo assim, o Alex não ia perdoar-se. Sei que não. Se descobrisse que eu estava grávida e que perdi o bebé por ele me ter trazido para aqui e termos descoberto o que aconteceu ao Francisco... Não, ele não ia conseguir viver com a culpa.

— Então, vais carregá-la sozinha?

— Vou carregá-la com a tua ajuda. Não podes dizer a ninguém.

— Está bem... está bem, já prometi, não digo a ninguém.

— Ótimo. E preciso que prometas mais uma coisa.

— O quê?

— Que me ajudas a descobrir quem matou o Francisco... e que me ajudas a matá-lo.

Se tivesse sido outra pessoa a pedir aquilo, Gabriela teria revirado

os olhos e desatado a rir, mas nenhuma mísera parte de si se atreveu a duvidar da solenidade no olhar de Mariana. Por isso, inspirou fundo e fez a única coisa que podia fazer, como fizera a vida inteira.

— Prometo.

Capítulo 6

Ela sabia-o desde o início, não sabia? Que, ao regressassem a Santa Cruz, a morte voltaria às suas vidas.

Não devia, por isso, ter custado tanto quando o presságio se concretizou. Mas custou. Quando a verdade sobre Francisco a atingiu, libertou-lhe uma descarga de dor pelo corpo inteiro. Sentiu-a trespassar pele e carne e alcançar o ser que carregava dentro de si. Embora ainda não passasse de uma bola minúscula, ela já o amava. Sentiu-o morrer e sentiu a sede de vingança apoderar-se dela como nada — nem a vontade de encontrar Francisco há nove anos, a determinação com que lutara pela carreira ou o amor que sentia por Alexandre — alguma vez conseguira.

Apoderou-se dela e nunca mais lhe daria descanso.

O horror com que Gabriela recebeu o seu pedido de ajuda não a surpreendeu, nem tão-pouco a prontidão com que o aceitou. Sabia que ela não lhe falharia. Podiam passar anos afastadas sem que nada mudasse. Havia demasiado a uni-las, demasiada história, morte e dor, para ela a trair. Se alguém aceitaria ajudá-la naquilo que o resto do mundo consideraria uma loucura, esse alguém seria Gabriela.

— Como é que o vamos... encontrar? — balbuciou Gabriela. — Se ninguém conseguiu antes, o que é que te leva a crer que vamos conseguir agora?

— Oh, podes ter a certeza de que vamos. Desta vez não vou desistir. Quem quer que tenha sido, vai pagar por tudo o que me roubou.

Gabriela engoliu a custo e anuiu. Mariana limpou o rasto das lágrimas. Só o conseguiu porque o desejo de se vingar lhe alimentava as forças. Se assim não fosse, já se teria enrolado numa bola para chorar até sufocar.

Mas tinha trabalho a fazer e não podia perder tempo a fazer o luto a tudo o que amara e que lhe fora tirado.

Pôr a dor para trás das costas não era novidade para si. Aprendera a fazê-lo cedo de mais. Perdera os avós, o melhor amigo, o casamento dos pais e o futuro que tomava como garantido. Ter de o repensar ensinara-a a definir prioridades e a compartimentar emoções. Fê-la passar por insensível vezes de mais, diante de demasiadas pessoas. Mais tarde, transformou-a numa das enfermeiras mais duras do IPO de Lisboa. Passou a conseguir dar más notícias às famílias, apoiá-las e guiá-las pelos passos que tinham de tomar sem perder as estribeiras. Quando chegava a casa, ao fim do dia, podia enfiar-se no chuveiro e chorar à vontade. Mas não antes disso.

Só que nunca fora tão difícil afogar a dor como agora. Porque nunca nada fora assim.

Precisava daquele momento a sós para se recompor, mas Gabriela continuava ali, a atrapalhar-se na tentativa de a ajudar, com as mãos e o queixo a tremerem tanto que Mariana teve vontade de lhe bater.

Como é que, no pior momento da *sua* vida, ainda tinha de pôr a dor para trás das costas e ajudar outra pessoa?

Não era justo. Nada daquilo era justo.

Mas não havia tempo a perder, por isso trocou a roupa interior, retocou a maquilhagem e recuperou a compostura antes de Daniel e Alexandre regressarem. Quando Alexandre entrou pela cozinha, com pressa de chegar à ilha e pousar os sacos antes de lhe falhar a força nos braços, o que mais desejou foi correr para ele, deixar-se envolver no conforto que apenas os abraços dele proporcionavam, deixá-lo beijá-la e garantir-lhe que ficaria bem, que ficariam ambos bem, e que aquele pesadelo acabaria mais cedo do que ela pensava. Amava-o mais que a qualquer pessoa e precisava do seu apoio.

Mas ele vinha exausto, transpirado e com os olhos vermelhos e

inchados. Mariana percebeu que ele tinha estado a chorar e decidiu que, mais do que pedir-lhe consolo, o mais importante naquele momento era protegê-lo da sua dor.

— O Hélder vinha mesmo atrás de nós — informou Daniel, ao pousar os sacos que trazia junto ao frigorífico.

Nem dois minutos passaram até ouvirem as batidas na porta principal.

— Está aberta! — gritou Daniel.

— Eu vou buscá-los — disse Gabriela.

Mariana sabia que ela não se oferecia por gentileza. Hélder conhecia bem o caminho. Era, isso sim, uma oportunidade de escapar e não dar nas vistas junto a Alexandre. Por alguma razão fora sempre uma das piores da turma nas aulas de Teatro.

Cravou as unhas nas palmas das mãos. Não podia tornar óbvia a irritação crescente que Gabriela lhe provocava. Se ela desse cabo do que Mariana estava a esforçar-se tanto por conter, não sabia o que lhe faria.

Gabriela fez sala com os polícias enquanto Mariana, Daniel e Alexandre arrumavam as compras. Quando começaram a ouvir-se as rodas de outro veículo a aproximar-se da casa, e perceberam que seriam João Paulo e Sandra a chegar, Daniel tirou dois copos de um armário e uma velha garrafa de *Glenfiddich* de outro.

— Não achas que é capaz de ser um pouco forte para a Sandra? — alertou Alexandre.

— É mesmo por ser forte que ela vai precisar dele.

Alexandre baixou o olhar para os pés. Mariana manteve o seu na garrafa, desejando levá-la à boca. Afinal, já não magoaria ninguém se o fizesse.

Quando chegaram à sala, Mariana sentiu o estômago contrair-se. Não se lembrava da última vez que vira João Paulo e Sandra lado a lado. Ainda que não viessem de mãos dadas, estavam próximos o suficiente para lhe recordarem a dupla inspiradora que tinham sido um dia. O casal a quem ela vira como uns segundos pais e que lhe tinham partido o coração ao anunciarem que não conseguiam continuar juntos.

João Paulo engordara. Sandra não só emagrecera ao ponto de parecer uma uva-passa como devia ter encolhido vários centímetros. O

ex-marido sempre fora uma cabeça mais alto que ela, mas agora a dela mal lhe roçava os ombros. As entradas de João Paulo também se tinham aprofundado, acompanhando o enfraquecer do cabelo de Sandra, que agora lhe chegava apenas ao queixo, numa cortina demasiado translúcida. Mariana sentiu a garganta apertar-se ao recordar a sua antiga cabeleira majestosa. Emocionou-se ainda mais ao constatar que as olheiras que ensombravam os olhos de ambos eram tão iguais quanto o passo vacilante em que entraram, ele de mãos nos bolsos e ela a envolver o tronco com os braços, como que para se proteger de alguma ameaça.

— Olá, meninos — murmurou João Paulo, num sorriso fugaz.

Daniel contornou a mesa de apoio de braços abertos e abraçou-o. João Paulo fechou os olhos enquanto ele o apertava contra si. Alexandre avançou para beijar Sandra. Ela retribuiu-lhe o gesto com uma rapidez e desconforto tão flagrantes que Mariana teve vontade de lhe dirigir um simples aceno. Obrigou-se, ainda assim, a avançar e beijá-la, mas afastou-se logo que pôde.

Porém, não foi capaz de se afastar tão depressa de João Paulo, que entretanto abraçara Alexandre. Ao soltá-la do abraço, deitou-lhe o olhar de quem suspeitava de que ela lhe escondia algo.

Sempre a lera melhor que os seus próprios pais.

— Obrigado por terem vindo tão depressa — disse Daniel, salvando-a.

— Não agradeças. Gostávamos de nem sequer ter de vir — sussurrou Sandra.

— E nós gostávamos de não ter tido de vos chamar, mas quando souberem a razão, vão perceber que não tínhamos alternativa — começou Hélder.

Avançou um passo e estendeu a mão a João Paulo, que a apertou com emoção.

— E tu, meu velho, como tens estado?

— Ainda cá ando para as curvas, mas olha que têm sido cada vez mais.

— Parece que sim.

— Bem, já cá estamos e, por isso, mais vale começar — declarou Sandra, pondo fim ao momento entre os homens.

Ela e João Paulo dirigiram-se em simultâneo para o sofá mais

pequeno. Só pareceram dar-se conta de quão próximos iam ficar quando se sentaram e as pernas roçaram uma na outra. Entreolharam-se, alarmados, mas nenhum fez menção de mudar de sítio.

Mariana sentou-se na poltrona mais próxima deles e Alexandre equilibrou-se-lhe no braço. Daniel e Gabriela ficaram noutra poltrona. Hélder e Anabela, a única que o acompanhava dessa vez, sentaram-se no sofá que sobrava. Hélder pigarreou, preparando-se para começar, mas ouviram outro veículo a aproximar-se da entrada.

— São os colegas da PJ, de certeza — anunciou, e levantou-se para os ir receber.

No intervalo antes do seu regresso, Sandra virou-se no sofá para olhar para Mariana e Alexandre, e esforçou-se por sorrir de forma genuína.

— Vocês continuam lindos. Como têm estado as coisas?

— Estava tudo bem até... Estava tudo bem — murmurou Mariana.

— Temos tido muito trabalho, mas nada com que não consigamos lidar — acrescentou Alexandre.

— Não está quase na altura do aniversário de casamento? Acho que foi mais ou menos por esta altura...

— Sim, fizemos cinco anos ontem — confirmou Mariana.

— Parabéns! — sussurrou Sandra.

Daniel aproveitou para servir o *whisky*. Ao contrário do que Mariana previra, Sandra nem tinha pestanejado ao ver a garrafa. Quando Daniel acabou de os servir, Sandra estendeu a mão para um dos copos e levou-o à boca. Sorveu a bebida com pouco mais do que um leve arrepio e devolveu o copo a Daniel para que o reabastecesse. João Paulo deitou um olhar ansioso ao seu copo. Mariana percebeu que ele também gostaria de o poder esvaziar num trago.

Trocou um olhar com Gabriela, concluindo não só que Daniel os avaliara melhor do que elas, como que aquilo podia vir a tornar-se um problema.

Hélder regressou à sala nesse instante, com os dois inspetores da Polícia Judiciária destacados para o caso atrás dele. Todos se levantaram para os receberem. Trocaram-se apertos de mão e cortesias, algo que Sandra, uma vez mais, acelerou.

— Podemos começar? Desculpem a pressa, mas...

— Não peças desculpa. Tens todo o direito de querer saber o que

se passa — tranquilizou-a Hélder, com um sorriso amargo. — Só que, se estivesses no nosso lugar, também ias querer adiar o que temos para dizer o mais possível.

— De certeza que sim. Só que, para nós, já se adiou o suficiente — decretou Sandra. — Está na hora de sabermos o que aconteceu ao nosso filho.

A um gesto de Daniel, todos se sentaram. Os inspetores, morenos, de mau humor e olhar acusador, tornavam impossível perceber quem era o bom e o mau polícia no jogo dos interrogatórios. Seria o mais jovem e em forma? Ou o segundo, que tinha um ar acabado, demasiado magro para ser saudável? Hélder tirou o gravador do bolso das calças e pousou-o na mesa. Inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e cruzando as mãos no espaço entre as pernas, e olhou para Sandra.

— Sei que não preciso de dizer isto, mas faço questão: lamentamos muito ter de vos fazer passar por esta situação. Sabemos que não queriam voltar a pôr os pés em Santa Cruz e que estamos a obrigar-vos a reviver uma dor que não merecem.

— Obrigado — murmurou João Paulo.

— Só vos chamámos, em vez de contarmos ao telefone, porque... bem, por muito que gostássemos que assim não fosse, vamos precisar de vos ter por cá nos próximos tempos. Têm onde ficar?

— Hum... Sim, podemos ficar — gaguejou João Paulo, olhando para Sandra. — Não sei, mas não há problema, cá nos arranjam.

— Nós também ficamos, não se preocupem — disse Gabriela, estendendo a mão para a de Sandra.

Ela tentou sorrir, mas os lábios mal se moveram.

— Até vos pedia que ficassem cá connosco, mas já só há um quarto livre e... — começou Daniel a dizer.

— Não se preocupem, ficamos num dos hotéis — decidiu João Paulo.

— Muito bem. — Hélder tornou a engolir em seco, deitando um olhar de soslaio ao copo que Sandra mantinha no colo. Era óbvio que também precisava de uma bebida.

Ainda assim, e sem dourar a pílula, lançou-se na explicação das circunstâncias em que o cadáver de Francisco tinha aparecido. À medida que o ouvia, João Paulo teve cada vez mais dificuldade em

conter o choro. Sandra, pelo contrário, pareceu endurecer, ao ponto de Gabriela afastar a mão das dela ao perceber que já estava a segurar uma estátua.

— Nenhum pai devia ter de perder um filho, quanto mais perdê-lo, atravessar o inferno que vocês atravessaram e agora ter de passar por ele outra vez. Mas, e sei que também sabem e compreendem isto, temos de reabrir a investigação. O crime ainda não prescreveu e ainda podemos encontrar o assassino do Francisco e conseguir que se faça justiça — concluiu Hélder.

— Esperemos que sim. Esperemos mesmo que sim — murmurou João Paulo. — Porque se nos tiverem arrastado de volta para cá, se forem esquartejar o corpo do meu filho e revirar as nossas vidas outra vez para no fim não dar em nada, podem ter a certeza de que o resultado não vai ser bom.

Sem que ninguém conseguisse responder-lhe, Sandra pegou no copo e bebeu o resto do *whisky* de um trago.

Hélder fechou os olhos com força. Inspirou e, ao voltar a olhá-la nos olhos, tinha recuperado a calma.

— Nada do que fizermos será em vão. Vamos, uma vez mais, procurar respostas para o que aconteceu e tentar trazer-vos a paz de que estão à espera há nove anos.

Com um aceno de cabeça, passou as rédeas ao inspetor mais velho da dupla.

Todos os olhos se voltaram para o observar enquanto ele se endireitava no sofá e tossia para aclarar a voz.

— Sou o inspetor-chefe César Delgado e este é o meu colega, o inspetor-adjunto Rodrigo Gonçalves. Somos da Polícia Judiciária de Lisboa. E queremos explicar que, apesar de estarmos a pegar na pasta de outros colegas, vamos olhar para este caso do zero e voltar a analisar todas as pistas, todos os ângulos e todas as personagens. Fui claro?

— Sim — confirmou João Paulo.

— Ótimo. Então, se estiverem de acordo, gostávamos de começar por vos fazer algumas perguntas. E a vocês a seguir — alertou, voltando-se para Daniel.

— Mas eles podem ficar aqui connosco, não podem? — perguntou Sandra.

Estendeu a mão para a de Gabriela, surpreendendo toda a gente. Ninguém conseguiu dizer nada perante o olhar que Gabriela lhe lançou, espantada por ver que afinal ela precisava do seu apoio.

César tornou a tossicar, mas rendeu-se.

— Sim, não me parece que haja problema, desde que não intervenham.

O grupo acenou, em silêncio.

Rodrigo esticou a mão para o gravador e ligou-o. Ainda assim, César tirou um bloco de notas de capa cinzenta e uma caneta preta do bolso das calças. Abriu o bloco numa página onde estavam uma série de perguntas e destapou a caneta, preparado para o ataque.

João Paulo afundou-se no sofá. Sandra, pelo contrário, endireitou as costas como uma tábua e exibiu o olhar frio de quem já tinha passado demasiadas vezes por aquilo.

— Testemunho de João Paulo Andrade e Sandra Figueiredo às 19h20 de sexta-feira, 24 de maio de 2019, sobre o homicídio de Francisco Andrade, que ocorreu no domingo, 20 de junho de 2010. A investigação foi reaberta devido à descoberta do cadáver da vítima, até agora desaparecido. O cadáver foi encontrado na manhã de quarta-feira, 22 de maio, no Cemitério de S. Miguel, em Torres Vedras, arredores de Santa Cruz — declarou César, fazendo uma pausa antes de se concentrar em João Paulo. — Começando por si, João Paulo. Precisamos que nos faça um relato de como foi o sábado do desaparecimento do Francisco, com o máximo de pormenores de que consiga lembrar-se.

— OK... Já passou tanto tempo, mas... sim, acho que consigo. Como sabem...

— Assuma que não sabemos nada, por favor.

— Está bem... Então, eu e a Sandra tirámos esse fim de semana só para nós. Queríamos ter uma escapadinha romântica, sabem, para... olhem, estávamos casados há vinte anos e desde que o Francisco nasceu que eram raros os momentos que tínhamos um para o outro. Por isso, encontrei uma promoção num hotel na Comporta e pareceu-me boa ideia. Saímos de Santa Cruz de manhã cedo no sábado e voltámos no domingo ao fim da tarde.

— Quando foi a última vez que viram e falaram com o Francisco?

— A última vez que o vimos foi na sexta-feira, ao jantar. Jantámos

os três na cozinha e depois ele foi para o quarto jogar computador com os amigos — disse Sandra.

— Era normal? Ele costumava passar muito tempo em frente ao computador?

— Não... quer dizer, na altura achávamos que não — disse João Paulo. — Os miúdos da idade dele passam muito tempo a jogar e a falar com os amigos no computador, por isso não achávamos que fosse algo fora do comum.

— Não vos parecia que ele preferia passar o tempo livre em frente ao computador em vez de, por exemplo, ir à praia ou passear pela vila com os amigos?

— Não, não era a esse nível. Ele ia mais ao computador à noite, depois de jantarmos.

— E ia principalmente nas férias, porque em tempo de aulas estudava antes de ir para a cama — acrescentou Sandra.

— Não acham, por isso, que ele fosse uma pessoa... introvertida?

— *O Francisco?* Não, nada disso! — contrariou João Paulo. — Ele sempre foi um miúdo popular e com montes de amigos. Estes quatro que aqui estão eram outro nível, claro, eram quase irmãos dele, mas de resto tinha imensos amigos no colégio e fora dele. E iam muitas vezes ao cinema, ao shopping a Torres Vedras, à praia...

— Portanto, o Francisco estava muitas vezes com o Alexandre, o Daniel, a Gabriela e a Mariana.

— Sim. Cresceram todos juntos. Eu sou de Lisboa e só vim para Santa Cruz depois de casar com a Sandra. Ela é que é de cá e já era amiga dos pais deles desde criança. Principalmente das mães. Ainda acho que devem ter feito um pacto qualquer para engravidarem todas ao mesmo tempo, para os filhos irem crescendo juntos como elas cresceram.

— Não foi nenhum pacto, só calhou querermos ter filhos na mesma altura — resmungou Sandra, encolhendo os ombros.

— O que interessa é que eles cresceram sempre juntos.

— Moravam perto uns dos outros? — atalhou César.

— Sim. O Alexandre, a Mariana e a Gabriela moravam quase no centro da vila, nós um pouco mais na periferia e os mais afastados eram o Daniel e os pais, aqui na quinta.

— E os irmãos da Mariana e da Gabriela não costumavam estar

com o grupo?

— Não, já havia uma certa diferença de idades, as brincadeiras já não eram as mesmas. Os irmãos gémeos da Gabriela, a Sara e o Santiago, são cinco anos mais novos que ela, e o irmão da Mariana, o André, é seis anos mais novo, por isso acabaram por ter o seu próprio grupinho e brincavam mais juntos do que com os irmãos e o Francisco — esclareceu Sandra.

— Muito bem. E onde ficava a vossa casa? — continuou César.

— Na Rua Vale da Azenha — murmurou João Paulo, descendo o olhar para os pés.

— Quando é que deixaram de viver lá?

— Há quase sete anos. Ainda lá ficámos algum tempo depois de o Francisco desaparecer, enquanto a investigação estava a andar, porque... estávamos à espera de...

— De que ele voltasse — completou Susana, sem deixar a voz tremer.

— Certo. Mas, ao fim desse tempo, venderam a casa e deixaram Santa Cruz?

— Deixámos Santa Cruz, sim, mas não conseguimos vender a casa.

— Ainda hoje é nossa — revelou João Paulo, com um sorriso abatido. — Tentámos de tudo para nos ver livres dela, mas ninguém lhe quis pegar.

— Compreendo. Onde é que moram atualmente?

— Eu moro em Setúbal e a Sandra mora nos Olivais.

— Há quanto tempo se divorciaram?

— Há quatro anos.

Ao ver o olhar que os dois trocaram depois de Sandra responder, Daniel teve a certeza de que eles também tinham sentido aquele arrepio na espinha ao darem-se conta de que, afinal, não tinha acontecido tudo ontem.

— E a vossa casa aqui, está... — perguntou Rodrigo, trazendo-os de volta ao presente.

— Ainda está para venda numa imobiliária de cá, mas está fechada desde que nos fomos embora — explicou João Paulo.

— Muito bem — disse César, riscando outra linha no bloco de notas. — Voltando atrás: o Francisco jantou convosco na véspera do seu desaparecimento e foi para o quarto jogar no computador. Sabem

com quem é que ele jogou?

— Comigo e com outro colega nosso — interveio Alexandre. — O David Alves. Foi da nossa turma do décimo ao décimo segundo ano. Jogávamos com ele muitas vezes, por acaso.

— Obrigado, Alexandre. João Paulo e Sandra, voltando a vocês, quando o Francisco se despediu, para ir para o quarto, pareceu-vos preocupado com alguma coisa?

— Não, nada. Despediu-se como em qualquer outra noite — disse João Paulo.

— E não voltaram a vê-lo depois disso?

— Não. A Sandra arrumou a cozinha depois do jantar, vimos as notícias na sala e depois fomos deitar-nos. Já estávamos tão habituados à gritaria do Francisco em frente ao computador, mesmo que ele fechasse a porta do quarto dele e nós a do nosso, que já nem nos incomodava. Adormecemos assim que nos deitámos.

— E na manhã seguinte partiram cedo para a Comporta — disse Rodrigo.

— Sim. Não chegámos a acordá-lo para nos despedirmos porque ainda era muito cedo — confirmou Sandra.

— Mas falaram com ele durante esse dia? — insistiu César.

— Sim, algures depois de almoço ligámos-lhe. Estava tudo bem, ele ia sair para a praia com o Daniel e o Alex. Dissemos-lhe que também estava tudo bem connosco e que podia ligar-nos, se precisasse.

— Mas não voltaram a falar com ele depois disso? — confirmou Rodrigo.

— Não, nunca mais.

Sandra fechou os olhos, enterrando o grupo no silêncio. Daniel viu o olhar que César e Rodrigo trocavam, mas não conseguiu decifrá-lo. Tanto podia ser de compaixão, como de revolta pela falta de preocupação de João Paulo e Sandra para com o filho.

Se fosse revolta, não eram os primeiros a mostrá-la. Nos primeiros dias depois de Francisco desaparecer, muita gente em Santa Cruz se tinha emocionado com a dor de Sandra e João Paulo, mas depressa a empatia deu lugar à indignação. Aos poucos, os desejos de que Francisco fosse encontrado transformaram-se em queixas, confessadas em surdina entre comadres e compadres, de como os pais não tinham

cumprido o seu papel e de como deviam ter ligado mais vezes ao filho para terem a certeza de que ele estava bem. Muitos tinham chegado a defender que nem deviam ter ido para fora nesse fim de semana. Que o lugar dos pais é sempre ao lado dos filhos.

Daniel lembrava-se do dia em que, ao passar na principal avenida da vila para ir à mercearia aviar as compras à mãe, ouvira duas velhas cochicharem que Sandra e João Paulo mereciam o que tinha acontecido porque pais que deixam os filhos saírem-lhes de debaixo do nariz não merecem tê-los. E lembrava-se de como se tinha virado para lhes gritar, alto o suficiente para chamar a atenção de quem passava por perto, que elas mereciam muito pior do que verem desaparecer um filho como paga pelo veneno que deitavam da boca para fora, indo contra o que a igreja, à qual faziam questão de ir todos os domingos, defendia. As velhas tinham ficado vermelhas como tomates, horrorizadas pela humilhação pública, mas Daniel não caiu no engodo. Virou-lhes costas e deixou-as desenhencilharem-se dos olhares das pessoas que as rodeavam.

Nessa altura, ainda se preocupava em corrigir as opiniões dos outros.

— Como correu o resto do fim de semana na Comporta? Houve algum percalço, algo fora do previsto? — perguntou César.

— Não — disse João Paulo. — Fomos à praia, passeámos pela vila e fizemos os possíveis por descansar.

— Lembram-se dos nomes dos restaurantes onde comeram? Guardaram faturas?

— Se está a perguntar se temos forma de provar que estivemos na Comporta todo o fim de semana, a resposta é sim — sibilou Sandra. — Tivemos de reunir o máximo de provas que conseguimos da primeira vez e elas ainda devem estar na posse da PJ.

— Só queríamos confirmar que não vos faltou entregar nada que possa ajudar à investigação, Sandra — alertou Rodrigo.

Daniel percebeu que ele tentava parecer cordial, mas soou ainda mais duro que ela.

— Tentaram ligar ao Francisco no domingo? — atalhou César.

— Sim, ligámos ao final da tarde, antes de nos fazermos à estrada para voltarmos para casa. O telemóvel chamava, mas ele não chegou a atender — disse Sandra.

— Tentaram ligar a alguém quando perceberam que não conseguiam falar com ele?

— Não, pensámos que ele podia estar na praia ou a fazer qualquer coisa com um dos amigos e não quisemos chateá-lo.

— Conseguem dizer-nos a que horas chegaram a casa?

— Já passava das oito da noite — afirmou João Paulo, com a rapidez de quem já tinha revisto aquele dia demasiadas vezes. — A ideia era chegar, apanhar o Francisco e ir jantar fora, para não perderemos tempo a cozinhar.

— Mas, quando chegaram, a casa estava vazia, certo?

— Sim. Não nos preocupámos logo porque achámos que ele podia estar com algum amigo. Começámos a ligar-lhes e só quando percebemos que ninguém sabia dele é que compreendemos que alguma coisa estava mal.

— A que amigos ligaram nesse primeiro momento?

— Eu liguei ao Fernando, o pai da Mariana, e ao Vítor, pai da Gabriela. A Sandra ligou à Camila, a mãe do Alexandre, à Emília, a mãe do Daniel, e ainda à Anita Baltasar e à Rute Gomes, as mães do Pedro e do Ricardo, outros dois amigos deles.

— E ninguém sabia do Francisco?

— Não. Ofereceram-se para perguntar a outras pessoas que conheciam e foram-nos ligando algumas vezes a dizer que ainda não tinham novidades.

— Quando é que perceberam que tinha acontecido alguma coisa grave?

— Não demorou muito. Depois de ligarmos a todos os pais dos amigos com quem ele podia estar e vermos que ninguém sabia dele, soubemos... soubemos que alguma coisa horrível tinha acontecido — murmurou Sandra.

Pelo canto do olho, Daniel viu Mariana encolher-se. Não tinha reparado até aí, mas ela estava bastante pálida. Uma fina camada de suor cobria-lhe a testa e os olhos procuravam algo em redor, até que acabou por se levantar, desculpando-se e dirigindo-se à casa de banho.

— Têm de perceber, o Francisco sempre foi um miúdo atinado — defendeu João Paulo, voltando-se para os polícias. — Nunca nos deu dores de cabeça nem era de sair sem nos dizer para onde ia. Está bem, a maioria das vezes que tentávamos ligar-lhe tinha o telemóvel em

silêncio ou sem bateria e tínhamos de esperar que nos ligasse de volta, mas, fora isso, era o miúdo com a cabeça mais no lugar que podíamos pedir.

— Certo. A que horas avisaram a Polícia de que ele tinha desaparecido?

— Foi por volta das dez, dez e meia da noite...

— Foi para mim que ligaram — interveio Hélder. — Quase toda a gente cá da vila tem o meu número e liga-me quando precisa de ajuda. O João Paulo ligou por volta das dez e trinta e cinco da noite. Eu chamei os meus homens e fomos para casa deles.

— Deram logo início às buscas?

— Sim. Embora ainda não tivessem passado vinte e quatro horas desde a última vez que ele tinha sido visto, porque os amigos só tinham saído de casa dele por volta da hora de almoço, decidimos começar as buscas porque ninguém parecia saber do seu paradeiro.

— Muito bem. Vamos passar ao testemunho conjunto do Daniel, do Alexandre, da Mariana e da Gabriela — explicou César, enquanto desligava o gravador e fazia um visto na última linha dessa página do bloco de notas.

— Já não precisam de nós? — perguntou Sandra.

A sua ansiedade era tão óbvia que ninguém teve coragem de a contrariar.

— Não, por agora temos tudo o que precisamos. Têm aqui os nossos números — disse Rodrigo, estendendo um cartão a João Paulo. — Nós já temos os vossos. Agradecemos que nos indiquem o hotel onde vão ficar hospedados, está bem? E que nos liguem se, entretanto, se lembrarem de algum pormenor importante para o caso.

— Obrigado. Vamos agora para a vila tratar do alojamento e ligamos assim que soubermos onde vamos ficar.

— Obrigado.

— Eu levo-os à porta — ofereceu-se Daniel, assim que viu Sandra levantar-se.

Enquanto os acompanhava à saída, Daniel tentou pensar em alguma coisa para dizer que os ajudasse a lidar com a dor. Sandra ostentava a mesma expressão impossível de ler, mas Daniel não tinha dúvidas de que estava tão abalada como João Paulo, com os olhos ainda brilhantes de lágrimas. Mas acabou por os deixar sair sem

encontrar as palavras certas, porque elas não existiam.

Nenhum deles tinha escapatória para aquele pesadelo. Tinha começado há nove anos e duraria o resto das suas vidas.

Capítulo 7

Mariana entrou na casa de banho e quase correu até ao lavatório. Abriu a torneira da água fria e molhou a cara. Apercebeu-se de que tinha as mãos a tremer. Parou, fechou os olhos e respirou fundo. Afogou a ansiedade e a dor, a do ventre e a do coração. Controlou-se e acabou de secar o rosto, aliviada por ninguém a ter visto assim.

Ainda teve direito a alguns minutos sozinha antes de ouvir passos no corredor. Pestanejou para dissipar as lágrimas e voltou-se para a porta, por onde Alexandre espreitou.

— Estás bem? — perguntou, enquanto avançava para ela.

— Sim, estou. Vim só beber água, estava cheia de sede.

— OK. O João Paulo e a Sandra já saíram. Agora é a nossa vez.

Mariana anuiu e desviou o olhar do dele. Esqueceu-se, contudo, de que isso o levava sempre a pegar-lhe no rosto e a voltá-lo para o seu, para lhe ler o olhar.

— Estás mesmo bem? Se não te sentires capaz de falar com eles, podemos pedir-lhes...

— Não, não te preocupes. É só que... Desculpa, fui-me abaixo ao ouvir a Sandra contar como se sentiu...

Era o máximo que lhe contaria, mas bastou para o olhar dele se toldar de pena.

Mariana fechou os olhos e ferrou as unhas nas palmas das mãos.

Lutou por abafar o gemido que lhe subiu pela garganta. Odiava que tivessem pena de si.

Alexandre, porém, não poderia sentir pena pelo aborto. O que sentia era pena por ambos, Gabriela, Daniel, Sandra e João Paulo se verem de novo naquele cenário. Por isso, deixou que ele a abraçasse com força e lhe transmitisse a segurança de que tanto precisava.

No fim, recuou e voltou a olhá-la nos olhos.

— Acredita que te custou tanto como a mim estar ali a ouvi-los.

Numa fração de segundos, uma pontada de raiva começou a nascer no fundo do peito de Mariana, mas, na seguinte, ela liquidou-a.

Não podia odiá-lo. Não podia ter inveja dele. Mesmo que, de forma inconsciente, ele tivesse dito a pior coisa possível, não podia culpá-lo. A escolha de o manter na ignorância era sua e tinha de lidar com ela.

— Eles não deviam ter de passar outra vez por isto. Não deviam sequer ter de estar outra vez na mesma sala, quanto mais para isto... — acabou Mariana por dizer, abanando a cabeça.

— Pois não. Nem eles, nem nenhum de nós.

— Mas não temos alternativa, por isso vamos voltar para a sala. Quanto mais depressa dermos os nossos depoimentos, mais depressa eles se vão embora.

— Tens a certeza de que estás mesmo bem para falar com eles agora? — insistiu Alexandre, colocando-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— Estou. A sério. Vamos.

Voltaram à sala. Gabriela, que não saíra do lugar, lançou um olhar ansioso a Mariana. Daniel ocupara o sofá mais pequeno depois de levar João Paulo e Sandra à porta, e também lhe deitou um olhar preocupado. Mariana esforçou-se por sorrir para os desencorajar de dizerem alguma coisa. Alexandre conduziu-a ao sofá que tinham ocupado antes.

Os polícias esperaram que eles se instalassem. Logo que os julgaram a postos, César esticou a mão para o gravador ainda pousado na mesa e ligou-o. Tornou a abrir o bloco de notas, numa nova página com uma série de questões ainda sem resposta, e preparou a caneta.

— Agora que já aqui estão todos, e se não houver problema, vamos avançar com os vossos depoimentos, está bem?

— Sim — murmurou Alexandre.

— Pelo que nos foi dado a entender, vocês foram os últimos a ver o Francisco Andrade com vida, por isso devem ser capazes de perceber quão importante é que nos contem todos os pormenores da última noite e manhã que passaram com ele.

— Certo — confirmou Gabriela.

— Muito bem. Damos então início ao testemunho de Mariana e Alexandre Monteiro, Gabriela Lopes e Daniel Aleixo, às 19h53 de sexta-feira, 24 de maio de 2019, sobre o homicídio de Francisco Miguel Figueiredo Andrade. Vamos começar pelo relato da noite de 19 de junho de 2010, que vocês passaram com o Francisco em casa dele. De quem foi a ideia dessa reunião?

Mariana olhou para Alexandre, Gabriela e Daniel, esperando que a surpreendessem. Porém, tal como há nove anos, nenhum abriu a boca. Limitaram-se a retribuir-lhe o olhar, desejosos de que, como sempre, ela assumisse a dianteira.

E ciente de que era muito provável que carregasse aquela cruz o resto da vida, voltou-se para César e começou:

— Encontrámo-nos em casa do Francisco porque o Alexandre tinha acabado com a namorada da altura, a Tatiana, e precisava de desanuviar a cabeça. Quando algum de nós tinha algum problema, juntávamo-nos na casa de algum de nós e fazíamos os possíveis para distrairmos aquele que estava mais em baixo. O meu pai dizia que eram as «Reuniões do Clube dos Corações Partidos». Colava um *post-it* amarelo na porta do frigorífico com isso escrito quando eu lhe dizia que eles iam todos lá para casa, para a minha mãe saber que nessa noite iam jantar fora. Dessa vez, como era o Alexandre quem precisava de apoio e estando a casa de Francisco livre, fomos para lá.

— OK, e a que horas chegaram a casa dele?

— Perto das sete e meia...

Mariana lembrava-se de cada detalhe do trajeto desse dia, com tal clareza que podia tê-lo feito ainda ontem.

Tinham ido os quatro no carro da mãe de Alexandre. Ele era o único que já estava a tirar a carta de condução na altura. Mais por formalismo do que por outra coisa, na verdade. Eduardo, o pai de Daniel, já os tinha ensinado a conduzir ali na quinta. Ainda assim, Alexandre tivera de fazer um choradinho a Camila para ela lhe

emprestar o carro. Passara depois a apanhar Daniel e, de seguida, Mariana e Gabriela. Dirigiram-se à churrascaria, onde tinham encomendado frangos para o jantar, levaram-nos e chegaram por fim a casa de Francisco, por volta das sete e meia.

— E, quando chegaram, como é que se sentia, Alexandre?

— Estava na merda — murmurou, encolhendo os ombros. — Gostava mesmo da Tatiana e ela...

— Ela foi uma cabra para ti — concluiu Daniel.

— Porque é que acabaram?

— Porque ela me trocou por um gajo de Lisboa.

— Algum de vocês o conheceu?

— Só eu — admitiu Gabriela. — Uma vez, vi-os a passear na vila.

— A Tatiana também morava em Santa Cruz?

— Não, morava no centro de Torres Vedras, mas, como a maior parte do pessoal que conhecemos no colégio que era de lá, vinha para Santa Cruz aos fins de semana.

— Quanto tempo namoraram, Alexandre?

— Quase um ano... sim, faltava pouco para fazermos um ano quando acabámos.

Mariana não conseguiu evitar olhá-lo de viés. Sabia o quanto lhe custava recordar o fim da relação com Tatiana. Lembrava-se do quanto ele gostava dela e do quanto lhe doera que ela o chamasse a sua casa para acabar tudo com ele em meia dúzia de palavras. Alexandre ligou a Francisco a seguir, feito num caco, e ele viu logo que era má ideia deixá-lo sozinho num momento daqueles.

— Mas nem foi com essa intenção que lhe liguei — disse Alexandre. — Só que íamos ter um jogo de voleibol à tarde, na praia, com uns colegas da nossa turma e outra malta de Torres Vedras que costumava jogar connosco, e achei que conseguia dar uma desculpa qualquer para me escapar.

— Só que o Francisco não acreditou, pois não? — confirmou César.

— Não.

— Era um autêntico polígrafo humano — sorriu Gabriela.

— Pois era, e lá me conseguiu arrancar o que tinha acontecido com a Tatiana. Tentou que fosse ter com ele a qualquer lado para falarmos melhor, mas eu não estava mesmo para aí virado. Mas teve

sorte, porque os pais já tinham chegado à Comporta e tinha a casa livre, por isso convenceu-me de que podíamos ir lá todos passar a noite.

— E têm a certeza de que ele ficou sozinho até vocês chegarem?

Mariana viu Gabriela engolir em seco, viu o olhar que Daniel e Alexandre trocaram e sentiu a pulsação acelerar.

Embora nunca o tivessem confessado, tinha a certeza de que já tinham todos ponderado aquela hipótese. Nenhum era ingênuo ao ponto de acreditar, embora gostassem de o afirmar à boca cheia, que não tinham segredos entre si.

Porém, pensar naquilo e ter de o admitir à Polícia era muito diferente.

— Não, não podemos ter a certeza — acabou por murmurar, conseguindo que todos os olhos se cravassem em si.

— Então, ninguém pode confirmar que o Francisco não voltou a sair depois do telefonema com o Alexandre, certo?

— Certo, mas... não acreditamos que ele nos tenha mentido.

Foi a vez de Gabriela ficar sob os holofotes. Apesar de Mariana ter gostado de poder partilhar a fé com que ela defendia o amigo, não conseguiu.

Pelo olhar que César e Rodrigo trocaram, soube que não os convencera. Aquela desculpa podia ter servido há nove anos, quando mal passavam de crianças e tinham uma lealdade cega uns pelos outros, mas já não servia na versão cética da vida adulta.

— Muito bem, acreditando na versão que o Francisco vos contou, de que ficou mesmo sozinho em casa, contem-nos o que aconteceu a seguir — ordenou César.

— Depois de desligar a chamada com ele, liguei à Mariana, à Gabriela e ao Daniel — continuou Alexandre. — A Gabriela disse logo que o Francisco tinha razão e que era boa ideia passarmos a noite em casa dele. Ficou decidido que íamos lá ter ao fim da tarde, com os frangos para o jantar.

— E eram, portanto, quase sete e meia quando chegaram. O Alexandre estava perturbado por causa do fim de namoro com a Tatiana e vocês quiseram animá-lo. Comeram juntos, o Alexandre desabafou à vontade e vocês tentaram elevar-lhe o ânimo. No meio disto tudo, beberam alguma coisa?

Um arrepio desceu pela coluna de Mariana. Fora um erro mentirem a Hélder da primeira vez que ele colocara aquela questão. Ao olhar para ele, deu-se conta de que não era a única a lembrar-se.

— Sim, fomos à reserva do João Paulo.

Perante o olhar interrogativo de César e Rodrigo, Daniel apressou-se a explicar.

— O João Paulo adora *whisky* e tinha uma garrafeira na cave. A maioria das vezes, quando ele e a Sandra nos convidavam e aos nossos pais para jantarmos em casa deles, nós acabávamos na sala a jogar a qualquer coisa e eles iam todos para a cave, sentavam-se nos sofás e cadeirões que havia num canto especial lá em baixo e bebiam *whisky* e conversavam madrugada dentro.

— Ainda hoje achamos que era por eles também terem as suas reuniões que aceitavam que quiséssemos ter as nossas. Mas claro que não sabiam que bebíamos — disse Mariana.

— E o João Paulo não notava que vocês lhe assaltavam a reserva? — inquiriu César.

— Não, havia demasiadas garrafas para dar pela falta de alguma. E íamos sempre buscar as que estavam nas segundas e terceiras filas — confessou Daniel.

— Conseguem lembrar-se de quanto beberam naquela noite?

O silêncio que partilharam fez Hélder semicerrar os olhos de revolta.

— Algum de vocês ficou alcoolizado o suficiente para não se lembrar de alguma parte da noite? — insistiu César.

— Não. Quer dizer, há certas partes de que um se lembra melhor do que o outro, mas já partilhámos as várias versões para sabermos tudo o que se passou — defendeu Gabriela.

— Mas percebem que, por mais que tenham tentado encaixar as peças do *puzzle*, ainda pode haver algumas em falta, certo?

Aquela era outra ideia que já passara pelas cabeças dos quatro, mas era muito pior ouvir a Polícia colocá-la daquela forma, sabendo que não podiam defender-se.

— Contem-nos, pelo menos, o melhor que puderem, aquilo de que se lembram — pediu Rodrigo, numa inútil tentativa de soar amistoso.

— Bem, então, depois do jantar, dividimo-nos entre arrumar a cozinha e preparar a mesa para jogar às cartas. Aprendemos a jogar

póquer com os nossos pais e, quando estávamos sozinhos, também costumávamos jogar — disse Mariana.

— Mas perdemos mais tempo a discutir a minha relação com a Tatiana do que a jogar. O póquer era só uma desculpa para termos as mãos ocupadas — admitiu Alexandre.

— Acabámos por jogar até muito tarde, até já estarmos todos demasiado cansados, e depois decidimos ir dormir. Eu e a Gabriela ficámos no quarto dos pais do Francisco e ele dividiu o quarto com o Daniel e o Alexandre.

— Ele tinha uma cama-gavetão debaixo da dele e outra cama desmontável, por isso podíamos dormir sempre os três naquele quarto — esclareceu Daniel.

— Foram todos deitar-se ao mesmo tempo ou algum de vocês ficou acordado até mais tarde? — perguntou César.

— Fomos mais ou menos ao mesmo tempo. Eu fui a primeira a queixar-me de que tinha sono, mas a Gabriela e o Alexandre vieram logo a seguir a mim — disse Mariana.

Na pausa que se seguiu, Mariana voltou a sentir a familiar bola de chumbo que se alojava na base do estômago de cada vez que voltava àquele momento. A memória era tão nítida que, por vezes, tinha dificuldade em saber se não continuava no patamar intermédio das escadas de madeira escura da casa de Francisco, com a mão no corrimão, a olhar para baixo, enquanto uma Gabriela cambaleante se apoiava em Alexandre para não tropeçar nos degraus e, ao fundo, junto à porta, Daniel tirava o maço de cigarros do bolso, tirava um cigarro para si e oferecia outro a Francisco.

Tinham dito que iam só fumar uma última vez antes de se deitarem. Mariana despedira-se com um simples «até amanhã», virara-lhes costas e continuara a caminho do quarto. Alexandre ajudara Gabriela a subir para a cama e a deitar-se. Apagara-lhes a luz do candeeiro de teto à saída, quando lhes desejara as boas-noites. Mariana deixara-o ir e deslizara para o sono, tal como Gabriela, sem voltar a pensar em Daniel e Francisco.

E, naquele instante, deu por si a olhar para Daniel e a perguntar-se, pela milésima vez, se eles teriam fumado apenas um cigarro e subido a seguir para o quarto ou se haveria alguma peça que ele nunca chegara a adicionar ao *puzzle*.

O facto de Daniel manter os olhos no chão não ajudou. Os olhares tensos de César e Rodrigo, ainda menos. Esperou, do fundo do coração, que eles cometessem o mesmo deslize de Hélder e dos seus homens e também passassem por cima daquele detalhe, mas depressa percebeu que era uma esperança vã.

Quando os viu cravarem os olhos semicerrados em Daniel, soube que chegaria mais perto da verdade que nunca.

— O Daniel e o Francisco não se foram deitar ao mesmo tempo que eles?

Daniel engoliu em seco e endireitou as costas.

— Não, fomos fumar para o jardim das traseiras. Eu já fumava desde os 15 anos, mas o Francisco e o Alex só costumavam fumar quando estavam stressados com qualquer coisa. Ou então em festas.

— Fumadores sociais, portanto.

— Sim. E o Alex já não quis fumar aquele último cigarro antes de irmos dormir, mas o Francisco pediu-me para ir lá fora com ele.

— E falaram de alguma coisa enquanto estiveram no jardim?

— Não me lembro bem. Acho que falámos da Tatiana e do Alex. O Francisco disse que devíamos voltar a dizer-lhe que podia contar connosco. Sim, queria mesmo ter a certeza de que ele sabia disso. Mas acho que não falámos de mais nada. Só quisemos aproveitar aquele último cigarro em paz e depois subimos para o quarto.

Ninguém desviara o olhar dele durante o relato. Mariana olhou para Alexandre e Gabriela, tentando captar neles alguma centelha da compreensão que a atingira, mas viu que fora a única a detetar que Daniel não tinha dito a verdade. Nem Rodrigo, que conservara o papel de observador silencioso quase todo o interrogatório, parecia ter notado que ele não fizera uma descrição fiel.

Ela, contudo, notou. E, ao cravar os olhos nos de Daniel, deixou-o ver que não o deixaria continuar a esconder a peça em falta muito mais tempo.

Capítulo 8

Gabriela não entendia o olhar que Mariana lançara a Daniel. Por que parecia tão desconfiada? Desde quando punham em causa a palavra uns dos outros?

Tornou a virar-se para os inspetores. Gabriela estava, desde que eles tinham chegado, a tentar decidir qual desempenharia o papel de Bom e o de Mau Polícia. Não era tão óbvio quanto achava que seria. Embora Rodrigo mal tivesse aberto a boca, e fosse evidente que a sua função era prestar atenção à mais ínfima variação nas vozes e expressões dos interrogados, Gabriela não tinha a certeza se não seria ele o durão da dupla. Talvez, sob o rosto agradável e o sorriso fácil, fosse ele o mais sólido. Talvez o corpanzil musculado e atraente servisse para mais do que regalar-lhe os olhos.

César, em contraste, era tudo menos atraente. Mais velho, com um ar pesado, apesar da magreza quase extrema, muito mais rugas e ainda mais cabelos brancos, tinha um rosto severo que lembrava um abutre. A calma que transparecia só se deixava abalar por breves instantes ao ouvir alguma revelação mais chocante, como se estivesse demasiado habituado a situações daquelas para ainda se deixar perturbar. Colocava as questões de forma clara e tranquila e era também assim que ouvia as respostas. *Just another day at the office.*

O rosto de Hélder, por comparação, já o traíra demasiadas vezes.

Nenhuma parte do relato escapava sem um arregalar, semicerrar ou revirar de olhos, um suspiro mais dramático ou um menear de cabeça censurador.

— Então, depois de acabarem de fumar, subiram para o quarto do Francisco? — continuou César.

— Sim — confirmou Daniel. — O Alexandre já estava a dormir e não fizemos barulho para não o acordarmos. Deitámo-nos e também adormecemos logo. Estávamos exaustos do jogo e do álcool e de estarmos acordados há tantas horas.

— E a madrugada passou sem percalços?

— Sim. Dormimos todos ferrados até à manhã seguinte.

— Eu fui a primeira a acordar — referiu Mariana.

— A que horas, mais ou menos?

— Já não me lembro bem, mas, sim, já era tarde, mas acho que ainda faltava algum tempo para o meio-dia. Saí do quarto sem acordar a Gabriela e, quando passei à porta do quarto dos rapazes, ouvi-os ressonar do outro lado. Achei que era a única que já estava a pé. Só que, quando cheguei à cozinha, encontrei lá o Francisco.

— E como é que ele lhe pareceu?

— Normal. Disse-me que já se tinha levantado há um bocado. Tinha ficado sem sono e desceu para beber um copo de água. Perguntou-me se queria tomar o pequeno-almoço e eu disse que sim, por isso pediu-me para ir chamar os outros para podermos comer todos juntos.

— Algum de vocês reparou em algo estranho durante o pequeno-almoço?

— Não, nada.

— Muito bem. E a seguir?

— Ajudámos o Francisco a arrumar a casa — declarou Mariana.

— Dividimo-nos para darmos conta das divisões a tempo e horas de estarmos prontos antes do almoço, porque íamos todos almoçar a casa — acrescentou Daniel.

— E foram-se todos embora ao mesmo tempo?

— Não, eu fui primeiro — disse Mariana. — O meu pai veio buscar-me pouco antes da uma da tarde.

— Depois fomos eu e o Alex, no carro dele — seguiu-se Daniel. — Os meus pais tinham ligado a perguntar se alguém podia dar-me

boleia para casa porque eles tinham ido ao centro de Torres Vedras comprar sementes e adubos.

— Por isso, fui levá-lo a casa — concluiu Alexandre.

— E depois disso?

— Depois fui para minha casa e fiquei lá com a minha mãe o resto da tarde.

— Então, a Gabriela foi a última a estar com o Francisco — concluiu César.

Todos os olhares se focaram nela. Gabriela teve de reprimir a ideia que começou a insinuar-se-lhe no fundo da mente, como fizera mais cedo com Daniel, quando pareceu suspeito ele ter ficado sozinho com Francisco depois de os outros irem dormir. Claro que não havia mal nenhum nisso, tal como não havia no facto de ela ter sido a última a despedir-se dele. Se não fosse ela, teriam sido Alexandre, Mariana ou Daniel. César estava apenas à procura da ponta do cordão para começar a desfiar o novelo da discórdia.

Mas se Hélder e os seus colegas não tinham conseguido há nove anos, César e Rodrigo também não conseguiriam agora.

Gabriela engoliu em seco e varreu a sala com o olhar. Deixou-o repousar na janela, a cabeça a encher-se com a lembrança do momento em que se despedira de Francisco. Era tão intensa que se deixou arrastar de volta a ela.

Estava a acabar de trocar o pijama pelos calções de ganga e o top rendado branco que vestira na noite anterior quando a campainha ecoou pela casa. Gritou um «já vou!» que esperou que Francisco ouvisse no piso de baixo. Apressou-se a calçar as sandálias e a prender o cabelo, ainda emaranhado dos nós que ganhara durante a noite, num rabo de cavalo. Guardou o pijama no saco onde o trouxera e, depois de se certificar de que não deixara nada para trás, desceu. Francisco já estava à porta.

— Obrigada pela dormida e pelo pequeno-almoço — disse Gabriela, dando-lhe um abraço.

— Ora essa. *Mi casa es su casa.*

— Eu sei.

Francisco beijou-a no rosto e deixou-a recuar-lhe dos braços. Encostou-se ao umbral da porta e ficou a vê-la dirigir-se ao carro dos pais, estacionado do outro lado da rua. Gabriela viu o pai acenar a

Francisco e viu-o retribuir o aceno. Depois de entrar, de se sentar e de pôr o cinto de segurança, voltou-se para lhe acenar também.

Só não chegou a fazê-lo porque viu algo no rosto dele que não soube decifrar.

Parecia haver algo mais nos meigos olhos amendoados dele do que a descontração de há instantes. Foi uma impressão tão rápida que Gabriela não soube de onde surgiu. Francisco pestanejou ao reparar que ela estava a observá-lo, recuperou o sorriso e acenou-lhe também em despedida.

— Vamos para casa? — perguntou Vítor, já a pôr o carro em movimento.

— Sim, vamos... — disse Gabriela, ainda a ver Francisco pela janela de trás do carro.

E voltou a ter a impressão de que ele deixava cair uma máscara quando baixou a mão que tivera erguida no aceno e o sorriso se desfez, antes de entrar em casa e fechar a porta.

— Gabriela? Ouviu o que perguntámos?

Gabriela voltou à realidade. Todos os olhos estavam fixos em si. O cenho de César franziu-se um pouco mais, aborrecido por ter de se repetir.

— Perguntei se nenhum de vocês se apercebeu de alguma coisa que vos tivesse levado a pensar que ele não estava tão bem como queria dar a entender?

Gabriela engoliu em seco e colocou a sua voz mais convincente.

— Não. Durante a noite e a manhã inteiras, não reparei em nada de estranho.

— Muito bem. E voltaram a falar com ele depois de irem para casa?

— Não. Só percebemos que ele tinha desaparecido quando o João Paulo nos ligou.

— E o que fizeram nessa altura?

— Ligámos uns aos outros — disse Alexandre, e os restantes acenaram em concordância. — Percebi que fui o primeiro com quem o João Paulo falou, por isso informei-os daquilo que ele me tinha explicado.

— Depois disso, decidimos que era melhor irmos ajudá-lo e à Sandra a procurar o Francisco. Os nossos pais também foram —

referiu Gabriela.

— Foi mais alguém convosco para casa dos Andrade?

— Ao início, não, mas, entretanto, a Polícia foi de porta em porta perguntar às pessoas se sabiam do Francisco e a notícia foi-se espalhando, por isso alguns vizinhos e amigos deles foram lá ter e oferecer ajuda — explicou Daniel.

— E não vos pareceu que alguém pudesse estar a esconder algo sobre o paradeiro do Francisco? Que, na verdade, soubesse mais do que estava a querer contar?

— Não, eram todos amigos e vizinhos deles, estavam tão preocupados como nós.

— Portanto, toda a gente foi alertada para o desaparecimento dele e ninguém, nem uma única pessoa na vila inteira, o viu passar?

Baixando o olhar para o colo, Gabriela calou a vontade de mandar César à merda, mas ainda corou como se o tivesse feito. Mas porra, ele lera os relatórios dessa noite e sabia tão bem quanto eles que ninguém conseguira ajudar nas buscas. Insistir naquilo apenas os fazia parecer tão inúteis como Hélder os fizera sentir na altura.

— Não, ninguém viu, ouviu ou soube de nada. O Francisco esfumou-se no ar — concluiu Mariana.

Gabriela olhou para ela e arrepiou-se ao constatar que, quer a verdade viesse à tona ou não, continuariam a carregar ao peito a impotência que os consumia desde aquela noite horrível, em que Santa Cruz inteira falhara a Francisco.

Capítulo 9

— Bem, por agora não temos mais questões. Há alguma coisa que queiram contar-nos antes de irmos embora? — perguntou César, já a fechar o bloco de notas.

— Não — murmurou Daniel.

— Então, vamos ficar por aqui. Tal como dissemos ao João Paulo e à Sandra, agradecemos que nos liguem se se lembrarem de mais algum detalhe. Podem não se lembrar agora, mas se ao longo da noite ou amanhã vos vier alguma coisa à cabeça, liguem-nos.

— Claro, sem problema. Eu levo-os à porta.

Alexandre esperou que Daniel e os polícias saíssem da sala para dar a mão a Mariana. Sentiu-a fria como pedra. Procurou-lhe os olhos, mas não os encontrou mais quentes.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Gabriela.

— Por hoje, já não podemos fazer muito mais — declarou Daniel, de regresso à sala. — E como estou a começar a ficar com fome, acho melhor tratarmos do jantar.

— Sim, é boa ideia — concordou Alexandre, levantando-se.

— Vão andando. Vou ligar para casa — disse Gabriela.

Mariana, Alexandre e Daniel foram para a cozinha. Em silêncio, ocuparam as suas posições: Mariana encaminhou-se para o fogão, para pôr um tacho com água e uma frigideira com azeite ao lume,

Alexandre pôs a mesa e Daniel temperou os bifés. Ouviam Gabriela falar com os irmãos na sala. Tentava soar credível ao garantir que correria tudo bem e que voltaria em breve, mas ter de se repetir várias vezes denunciava que Sara e Santiago não se deixavam enganar.

Alexandre olhou para Mariana enquanto ouviam Gabriela repetir a ladainha de que dessa vez a investigação seria mais rápida. Viu-a esboçar um sorriso enviesado, carregado de ironia, e soube que ela também não se deixava convencer.

Gabriela desligou a chamada pouco depois e juntou-se a eles na cozinha. Assim que passou da porta, Mariana deixou o fogão e virou-se para Daniel.

— Não achas que está na hora de parares de mentir?

Alexandre foi tão apanhado de surpresa que os pratos quase lhe caíram das mãos.

— *O quê?* — arquejou Daniel.

— Ouviste muito bem o que eu perguntei, por isso não te faças de parvo.

— Não estou a fazer-me de parvo! Quando é que achas que te menti?

— Mentiste-nos a todos, e tens vindo a mentir há nove anos, quando dizes que não se passou nada entre ti e o Francisco naquela noite.

— Que merda é que estás para aí a dizer? Não se passou nada além do que vos contei na altura e voltei a contar hoje! Eu e o Francisco fumámos, o Francisco disse que era importante voltarmos a mostrar ao Alex que podia contar connosco, que estávamos todos do lado dele, eu concordei e mais nada!

Alexandre viu por fim aquilo que Mariana vira enquanto Daniel falava com a Polícia: que parecia mais nervoso a cada palavra que cuspiam por entre os lábios. No fim, já olhava em redor, à procura de uma saída que reconheceu não existir.

E que só encontrara durante os últimos anos porque Mariana deixara.

— Parem com isso! O que é que te deu, Mariana? — reclamou Gabriela.

— O que é que *me* deu? O que *me* deu foi a certeza de que o Daniel disse ou fez alguma coisa que não devia naquela noite, e é por

isso que não nos diz a verdade.

Gabriela virou-se para Daniel, ansiosa para que ele se defendesse, mas viu-lhe apenas os ombros abatidos de derrota.

— Passou-se mesmo mais alguma coisa entre ti e o Francisco?

— Sim, passou, mas...

— E acabaste de mentir à Polícia?

— Já mente há nove anos — alertou Alexandre, mas ninguém pareceu ouvi-lo.

— O que é que se passou de tão grave que preferes correr o risco de ser acusado de obstrução a uma investigação policial? — vociferou Mariana.

— O que se passou entre mim e o Francisco vai ficar entre mim e o Francisco.

— Não, não vai!

— Todos os pormenores podem ser decisivos para se descobrir quem o matou! — defendeu Gabriela.

— Acreditem que, se fosse decisivo, já tinha contado à Polícia.

— E a nós não?! O que é que pode ser tão mau que nem a nós queiras contar?

Gabriela estivera tão determinada como eles em arrancar-lhe a verdade, mas, ao ver qualquer coisa no olhar de Daniel que nem Alexandre nem Mariana conseguiam ver, recuou dois passos e baixou os olhos para o chão, com o lábio inferior a tremer. Daniel endireitou os ombros ao ver que a desencorajara.

— O que eu e o Francisco falámos naquela noite só a nós diz respeito. Acreditem que se fosse importante para ajudar a descobrir quem o matou, tinha sido a primeira coisa que eu tinha dito ao Hélder.

— Não achas melhor contar-nos para podermos ajudar a decidir se estás certo ou não? — perguntou Alexandre.

— Não, não preciso de ajuda para decidir isto.

— Achava que não tínhamos segredos uns para os outros — ciciou Mariana.

— Não, não achavas. Não te armes em hipócrita. Sabes muito bem que uma coisa é o que dizemos à boca cheia e outra é o que fazemos.

Gabriela lançou um olhar magoado a Daniel e a Mariana, como se eles tivessem acabado de lhe esbofetear o corpo junto com a alma.

Virou-se no fim para Alexandre, mas ele não a pôde ajudar.

Custava-lhe tanto quanto a ela ver que já não eram unha com carne, como tinham sido um dia.

— Gostava que acreditassem quando digo que manter o que falei com o Francisco em segredo é o melhor para toda a gente e que não vai ajudar a Polícia a encontrá-lo.

— Isto já está para lá do facto de a Polícia saber ou não. O que importa é que não queres que *nós* saibamos — acusou Alexandre.

— Porque não têm de saber! Não temos de partilhar tudo o que raio nos acontece uns com os outros! As pessoas têm direito aos seus segredos!

— Mesmo as que estão mortas?

— Principalmente, as que estão mortas.

Alexandre sentiu vontade de lhe bater. Olhou para Mariana, procurando imitá-la na frieza com que encarava Daniel, mas continuou a sentir as palmas das mãos em brasa.

— OK, se dizes que não precisamos de saber, vamos confiar em ti — declarou Gabriela.

— Ai vamos? — protestou Alexandre.

— Vão — declarou Daniel. — Se conseguirem dizer-me uma só vez em que vos escondi alguma coisa que fosse importante, digam-me, e eu peço desculpa e conto-vos já o que se passou entre mim e o Francisco naquela noite.

Mariana olhou para Alexandre, pedindo-lhe ajuda para invocar uma memória que ambos sabiam não existir. Perante o silêncio, Daniel esboçou um sorriso trocista.

— Bem me parecia. E agora, se me dão licença, vou dar uma volta para arejar a cabeça. Pode ser que dê tempo para deixarem de se armar em estúpidos comigo.

— Vais-te embora? Então e o jantar? — perguntou Gabriela.

— Comam vocês que eu perdi a fome. Mas fiquem à vontade. A minha casa é a vossa casa. Nunca deixou de ser.

Daniel virou costas e saiu disparado.

Alexandre engoliu para dissolver o nó que lhe surgiu na garganta, mas ele continuava lá depois de ouvirem a porta principal da casa bater. Mariana soltou um longo suspiro, passou as mãos pelo cabelo e voltou-se para o fogão. Tinha o corpo inteiro a tremer. Gabriela

enxugou os cantos dos olhos e inspirou fundo, como se reunisse forças, antes de se virar para eles.

— Não devias tê-lo posto entre a espada e a parede, Mariana.

— Oh, deixa-te de merdas, está bem?

— Não a olhes assim, Gabi, sabes que ela tem razão.

— E tu que não a defendesses!

— Isto não tem nada a ver com a nossa relação — reclamou Alexandre. — Ou vais tentar convencer-nos de que ficaste muito contente por saber que o Daniel andou estes anos todos a gozar connosco?

— Não, claro que não fiquei, mas tivemos de engolir aquilo que lhe atirámos à cara quando ele disse que todos temos direito aos nossos segredos, não foi? Porque, por muito que nos custe, é a verdade.

— Claro que é, mas o caso muda de figura quando esses segredos dizem respeito a uma pessoa cuja morte se está a investigar — disse Mariana.

— Se o Daniel diz que não vai influenciar a investigação, temos de acreditar nele.

— Temos?

— *Temos!* — teimou Gabriela. — Quando deixarmos de acreditar na palavra dele, quem é que vai acreditar?

Nem Alexandre nem Mariana tinham resposta para aquilo, e Gabriela sabia-o.

Capítulo 10

Tinha estado sol o dia inteiro, mas a noite chegou fria e enublada. Daniel arrependeu-se de não ter voltado atrás para ir buscar um casaco quando uma rajada de vento o atravessou e lhe cobriu os braços de pele de galinha. Mas como a última coisa que queria era voltar a enfrentar Mariana e os outros antes de terem tido tempo de arrefecer a cabeça, acelerou o passo até à carrinha.

A meio caminho, tirou o telemóvel do bolso e ligou a João Paulo. Ele atendeu logo ao segundo toque, como se já estivesse à espera.

— Olá, filho! Estou a acabar de jantar e daqui a nada vou para a quinta...

— Não, venha antes ter ao Guincho, pode ser?

— À praia? Sim, pode, mas achei que iam querer ficar na quinta.

A noite está a pôr-se um bocado agreste...

— Só vim eu. Depois explico, está bem?

— Ah, estou a ver... Sim, claro. Dá-me uns minutos e já vou lá ter.

Daniel agradeceu, despediu-se e voltou a guardar o telemóvel. Ligou o rádio, não por lhe apetecer realmente ouvir alguma coisa, mas para a música ajudar a abafar as ideias que lhe rodopiavam na cabeça como fumo. Sim, fumo, era isso que agora gostava de ter à sua volta. Ferrou os dedos no volante, mas não conseguiu resistir muito tempo a olhar para o porta-luvas. Sentiu a boca seca e obrigou-se a voltar a

olhar para a estrada. Não, não ia deixar-se vencer, não depois de tanto tempo...

Tentou concentrar-se na condução. Não se cruzou com nenhum carro até ao centro de Torres Vedras e, depois de o passar, voltou a ter a estrada para si. Quanto mais se dirigia ao mar, mais a temperatura descia e o nevoeiro se adensava. A certa altura, deu por si às voltas com aquilo de que Mariana o acusara, e subiu mais o volume do rádio para deixar de a ouvir berrar-lhe aos ouvidos.

O estacionamento das praias da Formosa e do Guincho estava quase vazio. Escolheu o lugar mais próximo do muro de pedra que o separava da praia e desligou o motor, mas decidiu ficar mais um pouco no conforto da carrinha. João Paulo tinha razão, o céu estava mesmo a ameaçar abrir-se numa carga de água a qualquer instante. Só acabou por desistir de esperar quando a raiva de ter falhado a Francisco lhe deu vontade de dar um murro a si mesmo e tornou impossível continuar a ignorar o porta-luvas. Abriu-o, sacou o maço de tabaco e o isqueiro e saiu da carrinha, batendo a porta com demasiada força. Curvado contra o vento, tirou um cigarro do maço, fez do corpo escudo para o acender e começou a afastar-se a passos largos.

Tinha deixado de fumar há anos, porque a rapariga com quem andava na altura lhe chagava a cabeça sobre como aquilo ia roubar-lhe anos de vida. Cansou-se de a ouvir e deixou de fumar, mas, de longe a longe, a boca ainda pedia um cigarro. Se calhar não passava de uma farsa e, no fundo, não tinha conseguido deixar porra nenhuma. Se assim fosse, porque mantinha o maço e o isqueiro no carro? Se calhar, lá bem no fundo, sabia que chegaria uma altura, como agora, em que a única coisa que o impedia de perder a cabeça era ter um cigarro à mão.

O vento voltou a sacudi-lo enquanto se encaminhava para a escadaria cavada na falésia. Desceu à Formosa e atravessou, pela passagem aberta na rocha, para o Guincho. Não se via ninguém na praia. Caminhou em silêncio pelo areal, a pensar na melhor maneira de recuperar a confiança de Mariana, Alexandre e Gabriela sem precisar de trair ainda mais a de Francisco.

Para ele, não importava se a pessoa estava viva ou morta. Se lhe tinha confiado alguma coisa por não ter coragem de contar a mais

ninguém, então, ele guardava o segredo o resto da vida.

Aos 13 anos, encontrou o avô nos fundos da arrecadação ao fim de uma tarde a masturbar-se com duas *Gina* abertas em cima de um fardo de palha. José António ficou lívido quando o viu embasbacado a olhar para as duas mulheres avantajadas que lhe lançavam olhares sensuais das páginas e apressou-se a fechar as calças. Suplicou-lhe, a tremer como varas verdes, que não contasse à avó, senão ela dava-lhe uma carga de porrada. Foi a primeira vez que o fizeram jurar guardar um segredo, e Daniel jurou e cumpriu. O avô morreu sete anos depois de cirrose, a avó seguiu-o em quatro anos, de uma terrível pneumonia, e ainda hoje ninguém sabia que o mestre Zé Toino, de quem toda a gente em Santa Cruz e Torres Vedras gostava, comprava revistas pornográficas e ia enfiar-se no escurinho da arrecadação para as apreciar à vontade.

Quando Daniel prometia algo, cumpria. Para o bem e para o mal.

As luzes dos bares abrigados contra a base da falésia da praia de Santa Helena atraíram-lhe o olhar. As luzes coloridas jorravam das portas abertas e dos lampiões espalhados pela pequena praça, à frente dos três bares, onde as esplanadas se misturavam. Mesmo àquela distância, percebeu que a maioria das cadeiras estava ocupada. Ouviu a música por debaixo da algazarra das conversas cruzadas, mas nem soube dizer de qual dos bares vinha.

Continuou a dirigir-se para lá, subindo as escadas que ligavam a areia ao piso da praça. Mas em vez de continuar até um dos bares, sentou-se no muro de cimento, de costas para as luzes, e concentrou-se no penedo do Guincho. Parecia-lhe sempre mais imponente à noite. Puxou uma nova lufada de fumo, apreciando o sabor.

Francisco era um hipócrita de primeira. De cada vez que fumava, jurava a pés juntos que era a última vez, mas havia sempre mais uma. Se, por azar, alguém o apanhasse de cigarro na boca, recorria a uma de entre dezenas de desculpas que tinha na ponta da língua para convencer a pessoa a não contar aos pais. Aquilo sempre fizera confusão a Daniel. Francisco não tinha medo de nada, fazia frente a tudo e todos em mil e uma coisas, mas nunca fora capaz de deixar a mãe descobrir que fumava. Nem sequer era um verdadeiro vício, só fumava de vez em quando, mas fizera sempre os possíveis para o esconder dela.

Sandra só descobriu quando Daniel teve de lhe dizer e a João Paulo que tinha fumado com Francisco no jardim naquela noite. Pelo ar com que ela ficou, Daniel deu finalmente razão a Francisco em não querer contar-lhe. Foi João Paulo quem fez o favor de o pôr ao corrente de que o pai de Sandra tinha morrido de cancro nos pulmões quando Francisco ainda era bebé por ter fumado como uma chaminé a vida inteira.

Daniel deu por si a sorrir quando puxou uma nova baforada, a pensar na facilidade com que se julga os outros sem se fazer ideia das razões que os levam a fazer o que fazem.

O telemóvel começou a vibrar no bolso das calças. Era João Paulo.

— Estou? Daniel?

— Sim?

— Já cheguei. Estou a ir para a zona dos bares da Santa Helena. Onde é que estás?

Daniel virou-se e viu-o a descer. Acenou-lhe enquanto desligava a chamada e guardava o telemóvel. Tentou acabar o cigarro antes de João Paulo chegar, mas ele não parecia com vontade de comentar o assunto quando se sentou ao seu lado.

— O que é que fazes aqui sozinho?

— Precisei de arejar a cabeça.

— Conta-me lá o que se passou.

Daniel puxou fôlego e lançou-se ao relato. João Paulo ouviu-o com toda a atenção e só o interrompeu quando ele admitiu que não contou toda a verdade à Polícia.

— Espera... Eu e a Sandra também não sabemos esta parte?

— Não. Ninguém sabe.

Daniel voltou-se para ele quando não recebeu resposta. Sabia que João Paulo não ia perder a cabeça consigo — dos pais dos cinco, era o que menos vezes ralhava a qualquer um deles —, mas tinha medo de o ter magoado tanto que ele não fosse capaz de o perdoar.

Com efeito, viu-o desviar o olhar para o oceano, tão negro e turbulento como eles. Deu-lhe tempo de digerir o que tinha ouvido e de se preparar para o resto. João Paulo acabou por voltar a encará-lo com muito mais compaixão do que ele merecia.

— Sabes que quero saber o que se passou entre ti e o Francisco, mas se não me contaste até agora, por alguma razão foi.

— Foi porque ele me pediu.

— Então, se estás a cumprir uma promessa, fazes bem em não contar.

— Não sei se faço — sussurrou, a voz a quebrar enquanto voltava a olhar para o mar. — Sabe que tento cumprir as promessas que faço, mas... talvez desta vez não seja a coisa certa a fazer. Se o Francisco não tivesse morrido era uma coisa, mas assim...

— As promessas que fazemos em vida são para honrar na morte — disse João Paulo, sobressaltando-o de tão sério. — Acredita que ninguém quer saber o que se passou entre vocês mais que eu, mas também sou o primeiro a dizer-te que se a tua consciência te manda guardar segredo, tens de lhe dar ouvidos.

— A Mariana não pensa dessa forma.

— A Mariana, às vezes, tem um coração de pedra. Sabes que a adoro, vou adorar sempre, tal como a ti, à Gabi e ao Alex. São todos filhos para mim. Mas não é por isso que deixo de ver que a Mariana põe os sentimentos de lado e age com uma frieza danada quando quer. É por isso que consegue trabalhar no ramo em que trabalha sem dar em doida.

— Pois é. E é sempre mais difícil enganá-la do que aos outros, nisto e em tudo o resto.

— Acredito. A Gabi é um verdadeiro anjo, meu Deus, mas às vezes consegue ser cega que nem uma porta. Se calhar, até já desconfiava de que não lhe tinhas contado tudo o que se passou naquela noite, mas convenceu-se de que não tinha por que desconfiar de ti e obrigou-se a seguir em frente. E o Alex... bem, o Alex passa-se da cabeça mais depressa que vocês os três juntos, mas também é o primeiro a defender-vos seja do que for. Acredita que foi bem mais difícil para ele do que para a Gabriela aceitar que a Mariana tinha razão e que lhes tinhas mentido.

— Talvez... sim, é possível.

— E achas que aquilo que se passou entre ti e o Francisco pode arranjar sarilhos com eles se lhes contares?

— Oh, sim, de certeza que sim. O Francisco percebeu isso logo naquela noite e foi por isso que me implorou que não lhes dissesse nada. Disse mesmo...

— Sim?

— Disse: «Aconteça o que acontecer, tens de prometer que levas isto para a cova.»

Nenhum deles arranjou forma de responder àquilo, mas Daniel ganhou coragem para soltar o que lhe vinha a subir pela garganta:

— O que mais me custa é que consegui safar-me estes anos todos, vá-se lá saber como, sem que eles percebessem, ou pelo menos sem darem a entender que tinham percebido, que lhes estava a esconder alguma coisa. Não foi fácil, acredite que não foi, mas consegui, não consegui? E agora vem este inspetorzeco de merda obrigar-me a repetir a história e a Mariana, que já devia estar com os sensores todos alerta a ver se nos apanhava na curva, percebe que estou a engasgar-me todo e passa-se.

— O que é que ela fez?

— Esperou que a Polícia fosse embora e obrigou-me a admitir que não tinha contado a verdade.

— Mais cedo ou mais tarde, hoje ou daqui a setenta anos, algum deles ia encostar-te à parede, filho.

— Achava que não... Achava mesmo que tinha ficado para trás das costas e que não íamos precisar de voltar a pensar naquela noite e... no Francisco.

João Paulo passou-lhe o braço pelos ombros quando ele começou a tremer. Daniel fechou os olhos e tentou em vão desfazer o nó que lhe crescia na garganta.

Ainda não tinha tido tempo de digerir a raiva. Desde a descoberta do corpo de Francisco ao regresso de Mariana, Gabriela e Alexandre, e ao reabrir da investigação, ainda não tinha conseguido ficar sozinho tempo suficiente para lidar com o que aconteceu ao melhor amigo. Tinha-o censurado todos aqueles anos em segredo, culpando-o pelo inferno que eles tinham passado por os abandonar, e afinal ele tinha sido morto. Aos poucos, aquilo tinha-se entranhado na sua consciência e a pele tinha começado a borbulhar de frustração e mágoa, e sabia que esse ardor continuava a crescer porque ainda não lhe tinha dado tempo de o consumir para o poder superar.

Mas, agora, já o podia fazer. Ao lado de João Paulo, a última pessoa que faria troça se lhe rebentasse num pranto nos braços, já o podia fazer.

— Nunca lhe disse isto, nem à Sandra, porque não vos queria

magoar, mas a verdade é que achei este tempo todo que o Francisco tinha querido ir-se embora... que se tinha cansado de viver aqui connosco e tinha mandado tudo à merda e ido à vida dele. Passei estes anos todos a culpá-lo pelo que ele nos fez passar por se ir embora e afinal... afinal ele nunca quis ir a lado nenhum. Afinal, nunca nos quis deixar para trás.

— Não te sintas mal por teres pensado isso — murmurou João Paulo, afagando-lhe os ombros. — Achas que foste o único a pensar? Achas mesmo que eu e a Sandra não chegámos a um ponto em que considerámos que podia ter sido isso que aconteceu? Claro que chegámos!

— O que é que vos fez mudar de ideias?

— A falta de lógica. Se o Francisco quisesse fugir de casa, não deixava as poupanças no mealheiro. E a roupa, claro. Havia de levar nem que fosse algumas mudas de roupa. Mas não levou nada, pois não? Então, não fazia sentido achar que ele tinha fugido.

— Cheguei a pensar que ele podia ter deixado as coisas para trás de propósito, para não parecer que tinha fugido...

— Sim, até podia ser, mas como é que se desenrascava sem dinheiro? Até podia ter deixado a roupa e o resto das coisas, mas o dinheiro não.

— Eu não pensava assim. Convenci-me de que ele nos tinha mandado a todos à fava.

— Não foste o único. Mesmo connosco a explicar esta teoria, o Hélder e os inspetores da altura tentaram convencer-nos de que o mais provável era ele ter sido só mais um miúdo a fugir de casa porque já não podia aguentar os pais. E houve uma altura em que estive tão tentado a acreditar nisso... porque as alternativas eram todas piores, não eram? Ao menos, se se tivesse ido embora por querer, podíamos continuar a acreditar que estava bem de saúde, não é?

— Sim. A Gabriela também pensava assim. Discutimos tanto na altura por causa disto, nós os quatro... Eu tentava abrir-lhes os olhos e mostrar-lhes que a única coisa que fazia sentido era o Francisco ter fugido, e sei que a Mariana e o Alex concordavam comigo, mas a Gabriela nem queria ouvir falar nisso. Desde o primeiro momento que defendeu a pés juntos que alguma coisa horrível lhe tinha acontecido.

— Nem quero imaginar o que ela deve ter sentido quando lhe

ligaste e contaste que tinham encontrado o Francisco no cemitério...

— Não, não lhe contei ao telefone! Chamei-a, e ao Alex e à Mariana, e só lhes contei no Farol. Não consegui... olhe, não tive tomates para repetir a história três vezes ao telefone.

— Não acho que tenha sido por falta de tomates. Acho que, no fundo, sabias que iam precisar do apoio uns dos outros quando recebessem a notícia. E sabias disso porque tu próprio não tiveste ninguém ao teu lado nesse momento.

— Não tenho ninguém há muito tempo — admitiu Daniel. — Primeiro o Francisco desapareceu, depois morreu o meu pai, o Alex, a Mariana e a Gabriela foram para Lisboa, a seguir morreu a minha mãe... e eu fiquei aqui. Toda a gente morre ou se vai embora e eu continuo aqui.

— Não digas isso. Continuaste porque ficaste com a quinta e quiseste explorá-la...

— Não, não foi por isso.

A confusão só durou uma fração de segundos nos olhos de João Paulo. No seguinte, esbugalharam-se e Daniel destravou a voz e obrigou-se a confessar aquilo que tinha mantido escondido a todo o custo aqueles nove anos.

— Podia muito bem ter vendido a quinta depois de a minha mãe morrer, não podia? Antes disso não. Ia partir-lhe o coração se a vendesse. Por isso, depois de o meu pai morrer, desisti de ir para a universidade com os outros e decidi ficar cá a ajudá-la. Ela ficou com a parte da gestão e das finanças e eu fiquei com o trabalho de braços. Mas depois de ela morrer? Acha mesmo que não me passou pela cabeça vender aquele maldito terreno e pirar-me daqui? Claro que passou! Não havia nada que eu mais quisesse do que seguir com a minha vida! A Mariana, a Gabriela e o Alex conseguiram e eu também queria, mas... mas...

— Mas ficaste à espera do Francisco.

Daniel fechou os olhos.

João Paulo envolveu-lhe melhor os ombros com o braço e puxou-o contra si, para que ele soubesse que já não estava sozinho.

— Achavas que ele se tinha ido embora por querer e, por isso, ficaste à espera de que quisesse voltar.

— Sim. Não houve um único dia, nestes nove anos, em que... em

que não me tenha perguntado por que diabos continuo aqui. Tentei convencer-me de que estava a ser um idiota, de que, se ele se tinha ido embora, não ia querer voltar, de que estava a perder tempo aqui parado à espera dele... mas, de cada vez que começava a fazer as malas, havia qualquer coisa que me obrigava a ficar. Não sei o que é, só sei que nunca me deixou ir embora.

— Chama-se lealdade, filho. Foi ela que nunca te deixou perder a esperança de que ele voltasse e pudesse ser tudo como antes.

— Valeu-me de muito, essa lealdade toda — resmungou Daniel. — Quem me dera ter feito o mesmo que o Alex, a Mariana e a Gabriela. Eles é que fizeram bem. Saíram daqui, tiraram os cursos deles e hoje têm trabalhos como deve ser, não ficaram para trás à espera de que os mortos voltem.

— Nenhum de vocês sabia que o Francisco tinha morrido. Eles foram estudar para Lisboa e depois ficaram por lá porque não tinham forças para voltar e ficar aqui à espera contigo. De certeza que uma parte deles também o queria fazer, mas não foram capazes de lhe dar ouvidos.

— Não sei se não foram capazes ou se simplesmente não quiseram voltar. A esta altura, já não sei nada...

— Não ponhas em causa o que sentem uns pelos outros.

— Como é que não hei de pôr? Não ouviu o que a Mariana disse nem viu como a Gabriela e o Alex olharam para mim.

— Mesmo assim, não muda aquilo que, no fundo, sentem uns pelos outros. Por mais sapatadas que a vida vos der, por mais que vos ponha à prova, não vai conseguir separar-vos. Agora estão todos com o sangue a ferver e falaram de cabeça quente, mas, quando voltares, já se terão acalmado o suficiente para fazerem as pazes.

— Gostava que ainda fosse assim tão fácil, mas já não é. Já não somos putos. Um simples pedido de desculpas já não resolve a situação.

— Pode não resolver por completo, mas ajuda.

— Acredita mesmo nisso? Que vamos voltar a conseguir ter alguma espécie de... paz?

— Acredito. Acredito mesmo. Nunca os vais perder, Daniel. Haja o que houver, vão manter-se juntos até ao fim. Sabes porquê? Porque são cinco elos de uma corrente.

Perante o olhar de Daniel, João Paulo abafou uma gargalhada e apressou-se a explicar.

— Foi o Francisco que chegou a esta conclusão. Um dia, a meio das férias de Verão, tinham vocês 15 anos, ficámos os dois sozinhos em casa. Ligámos a aparelhagem da sala aos berros e o Francisco montou a *PlayStation* na televisão e passou horas a jogar *FIFA*. Nunca conheci ninguém que se concentrasse tão bem com a algazarra da aparelhagem a tocar, mas ele conseguia. Só que, a certa altura, começou a tocar a *Chain* dos Fleetwood Mac, que é uma das minhas bandas preferidas. Conheces a música?

— Sim... sim, acho que até foi o Francisco quem nos mostrou.

— Ele tinha estado concentradíssimo no jogo até a música começar. À medida que avançava, os olhos dele brilhavam cada vez mais, até que se virou para mim e disse, olha que me lembro como se fosse hoje: «É como se a música tivesse sido escrita a pensar em nós.» «Em nós quem?» «Em mim, na Mariana, na Gabi, no Dan e no Alex. Só pode ser, porque nós também somos uma corrente, não somos?» E eram. E continuam a ser.

Daniel tentou fugir ao olhar de João Paulo para ele não ver o quanto o tinha tocado com aquilo.

— Naquele momento, ele confirmou-me que eu e a Sandra, e os vossos pais, conseguimos aquilo por que lutámos a vida toda: que vocês fossem como irmãos. Ouvir o Francisco dizer com todas as letras que vocês eram uma corrente foi a melhor coisa que eu podia ter ouvido nesse dia. E acredita que nunca duvidei disso, nem mesmo depois de ele desaparecer, porque vi que vocês continuaram a ser os elos dessa corrente.

Daniel gostava de também conseguir manter aquela visão cor-de-rosa. Para não partir o coração a João Paulo, sorriu o melhor que pôde. João Paulo, satisfeito, bateu-lhe com carinho no ombro, voltou-se para a praça e levantou-se.

— Bem, está na hora de ir andando para o hotel. Preciso mesmo de ver se durmo qualquer coisa.

— Sim, vá descansar. Não me parece que amanhã vá ser mais fácil do que hoje.

— A mim também não. Mas, se fosse a ti, ia para casa e tentava falar com eles. Não deixem a discussão que precisam de acabar para

amanhã.

Daniel sorriu, concordando com um aceno de cabeça. Ficou a vê-lo fazer-se à estrada. Levantou-se então, voltou para a carrinha e pôs-se a caminho de casa, determinado a seguir o conselho de João Paulo e a fazer os possíveis por conseguir uma noite bem dormida.

Capítulo 11

Ouviu a televisão da sala de estar assim que entrou em casa. Encontrou lá Alexandre, Mariana e Gabriela reunidos a verem as notícias. Mariana já estava de pé, à sua espera, com cara de poucos amigos. Daniel lançou-lhe um olhar rápido, mas suficiente para a arrepiar, e desviou-o para a televisão. Estava na RTP.

— Alguma coisa de jeito?

— Espera, vou pôr outra vez a peça sobre o Francisco — disse Alexandre.

Daniel contornou o sofá para se sentar ao lado dele. Ao ver que não ia poder começar a conversa que devia ter estado a ensaiar, Mariana sentou-se do outro lado de Alexandre. Ele já estava a recuar a emissão até ao início da peça, fazendo surgir no ecrã um repórter novo, com o mar e a torre de Santa Cruz em pano de fundo.

«Estamos em direto de Santa Cruz, concelho de Torres Vedras, onde ao início da tarde desta quarta-feira, 22 de maio, foi descoberto o cadáver de um jovem enterrado clandestinamente no cemitério de S. Miguel, o principal do concelho. O cadáver pertence a Francisco Andrade, um adolescente que desapareceu de Santa Cruz há quase uma década. A investigação conduzida à época não deu resultados. Agora, com a descoberta do corpo, o processo foi reaberto. Desta vez, ficou a cargo do inspetor-chefe da Polícia Judiciária de Lisboa, César

Delgado, e do inspetor-adjunto Rodrigo Gonçalves. A dupla e a restante equipa já se encontram em Santa Cruz...»

— Agora é que vão ser elas. Preparem-se para amanhã já estarmos todos debaixo dos holofotes — resmungou Alexandre.

«Francisco Andrade desapareceu ao final da manhã de domingo, 20 de junho de 2010 — continuava o repórter. — Na noite anterior, tinha dado uma festa para os melhores amigos em sua casa, aproveitando a ausência dos pais, que tinham ido passar o fim de semana à Comporta...»

— Mas como raio é que eles já sabem? — barafustou Daniel.

— A comunicação social ia divulgar isto mais cedo ou mais tarde. Quase que aposto que alguém os chamou assim que deu conta de que a PJ já cá andava — acrescentou Mariana.

— Acham que vão querer falar connosco? — perguntou Gabriela.

— Claro.

— Calem-se, deixem ouvir! — protestou Alexandre.

«A Polícia Judiciária ainda não quis prestar declarações sobre a investigação, até porque só se sabem os resultados preliminares da autópsia. A população de Santa Cruz está em choque com a descoberta do corpo numa cova onde seria sepultado Heitor Esteves, de 79 anos, que faleceu de insuficiência cardíaca ao final da tarde de segunda-feira. A família Esteves também não quis prestar declarações, pedindo apenas que a situação se resolva o quanto antes para poder prosseguir com o funeral. Amanhã retomamos o acompanhamento da investigação. Luís Macedo e Pedro Baltasar, a RTP em Santa Cruz.»

O repórter passou ao pivô, que seguiu com a notícia de um crime violento que ocorrera em Braga. Alexandre voltou à emissão em direto, mas baixou o som do televisor.

— O que é que fazemos agora? — perguntou, voltando-se para os outros.

— Agora, esperamos que algum deles venha bater-nos à porta para lha podermos espetar no focinho — silvou Daniel.

— Não devíamos irritá-los. Não precisamos de lhes dar mais razões para nos pintarem como os maus da fita — aconselhou Gabriela.

— E achas que ainda há alguma hipótese de não nos pintarem assim? Já fizeram questão de dizer que o Francisco passou a última

noite antes de morrer connosco! Em que planeta é que achas que as pessoas não vão começar a inventar teorias da conspiração sobre nós?

— Já inventaram há nove anos, por isso não admira que inventem outras ainda piores agora — resmungou Mariana.

— Ora bem. Por isso, acho que devíamos combinar não abrir a porta nem responder a nenhum jornalista que tente falar connosco, está bem? — sugeriu Daniel.

— Por mim, podem ficar descansados. Não tenciono dirigir palavra a nenhum deles — disse Alexandre.

— Eu também não — confirmou Gabriela, e Mariana concordou com um aceno.

— Ótimo. Assim não têm hipótese de nos apanhar em falso com alguma coisa que nos saia mais a quente e poderem virá-la contra nós.

— Tens razão. E, agora que a peça já acabou... — começou Mariana, virando-se para Daniel. — Preciso de pedir desculpa por aquilo de há bocado.

— Não, não precisas.

— Precisa sim, e eu também — juntou-se Alexandre, com a mão no joelho de Mariana. — Não devíamos ter perdido a cabeça. O Francisco confiou-nos segredos a todos porque sabia que os íamos guardar. Não devíamos ter tentado obrigar-te a contar o teu.

— Obrigado. Também peço desculpa por ter de vos mentir. Claro que temos todos os nossos segredos e temos direito a eles, mas mentir uns aos outros já é outra história. Lamento.

Os três partilharam um aceno solene. Daniel percebeu que a amargura por ele os ter traído continuava lá, debaixo daquela amostra de perdão, mas achou melhor deixar o assunto por ali. Tinha noção de que ia acabar por voltar à conversa, mas, por agora, preferia que fosse o mais tarde possível.

Um a um, foram subindo para os quartos, até ficarem apenas Daniel e Mariana. O olhar dela não o largava e ele decidiu, por fim, encará-lo.

— O João Paulo foi ter contigo onde quer que tenhas ido? — disparou Mariana.

— Foi. Estivemos no Guincho.

— E contaste-lhe o que se passou entre nós?

— Conteí. E se me vais perguntar se ele também quis saber o que

se passou entre mim e o Francisco, poupo-te o trabalho: claro que quis. Mas também disse que tenho de fazer o que o meu coração mandar.

— Isso é muito bonito, mas neste caso é melhor usar a cabeça do que o coração.

— Não dizias isso se ainda tivesses o teu inteiro.

Uma sombra atravessou o olhar de Mariana. Daniel percebeu que acabava de passar das marcas, mas não teve tempo de se desculpar. Ela levantou-se e saiu da sala, deixando-o sozinho para enterrar a cabeça nas mãos e perguntar-se como podiam ter estado tão perto da paz e como pudera voltar a dar cabo dela.

Capítulo 12

Gabriela devia ter previsto a péssima noite que teria, mas mantivera a esperança de conseguir relaxar. Uma esperança demasiado inocente para o que a sua idade devia permitir.

Quando desistiu de tentar cair no sono, já o sol penetrava pelas frinchas das portadas de madeira escura da janela, traçando faixas de luz que lhe permitiam ver as partículas de pó no ar. Sentia-se mole, quase cosida ao colchão demasiado duro. Esticou o braço por cima da cabeça e arrancou o lençol e o resguardo para o alcançar. Fechou os olhos enquanto passava as pontas dos dedos por ele, em círculos lentos, questionando-se como poderia manter a firmeza após tantos saltos e corridas que ela, Daniel, Francisco, Alexandre e Mariana tinham dado sobre ele, perdidos de riso e energia típica de crianças. Se calhar, as molas eram mais resistentes que a amizade.

Curvou o braço sobre os olhos. Durante um segundo, ponderou ficar ali o resto do dia. No seguinte, afastou o lençol e cobertor de cima de si com um safanão e levantou-se. Avançou para a janela e abriu as portadas. Deixou que a luz a cegasse por um instante, até a visão se adaptar e lhe permitir ver o bando de pássaros que cruzava o céu. O negro das penas contra o azul intenso e perfeito parecia tirado de um quadro. O bando desapareceu por cima do telhado e Gabriela tornou a descer o olhar para o jardim, que se estendia por muitos

metros, e a horta para lá dele. O jardim continuava, para sua surpresa, tão bonito como sempre. Deu por si a sorrir ao recordar o amor que Emília devotara aos canteiros que o preenchiam e a paciência com que a ensinara a cuidar deles.

Depois de os gémeos nascerem, a mãe de Gabriela passara a ter menos tempo para brincar com ela. Não que, antes disso, o fizesse com grande vontade, mas a partir dessa altura passou a ter uma desculpa mais convincente. Isto podia tê-la deprimido, não se desse o caso de a mãe a deixar ir à quinta dos Aleixo sempre que queria. Notara-lhe cedo o fascínio pelas flores e agradecera a Emília por a tomar sob a sua asa e a deixar ajudá-la a tratar do jardim. Durante o ensino básico, Gabriela passara ali a maior parte das tardes livres e dos fins de semana. Nas férias, passava dias inteiros. Mariana, Francisco e Alexandre também vinham para ali, mas para brincarem com Daniel. Ao ar livre ou dentro de casa, arranjavam sempre forma de se entreter sem arrancarem Gabriela de junto de Emília, porque sabiam que era ali que se sentia mais feliz. A satisfação que sentia por poder cuidar dos canteiros e o milagre de dar vida às plantas, de as nutrir até os botões florirem e encherem os vasos de cor, fizera-a sentir-se uma espécie de Deus. E o que poderia ser melhor que isso?

Mas depois entrou para o secundário, o grupo de amigos expandiu-se, as primeiras paixonetas surgiram e passou a dedicar cada vez menos tempo ao jardim. Mas Emília não levou a mal. Nunca deixou de ser uma segunda mãe para ela. Ou uma primeira, se quisesse ser honesta.

Gabriela virou costas à janela enquanto limpava os olhos. Pensar em Emília causava-lhe sempre um aperto no peito. Ainda hoje, não sabia se seriam saudades ou remorsos.

Ao chegar ao corredor, viu as portas dos quartos fechadas.

Estava a acabar de pôr uma laranja no espremedor quando ouviu passos atrás de si.

— Bom dia — murmurou Mariana, encaminhando-se até ao frigorífico.

Trazia um pijama de alças e calções curtos em cetim azul-escuro. O cabelo era um ninho de ratos e as olheiras profundas faziam-na parecer uma caveira.

— Bom dia. Dormiste alguma coisa de jeito?

— Nem por isso, e parece que não fui a única — retorquiu Mariana, enquanto tirava o jarro de água do frigorífico e um copo do armário.

— E o Alex?

— Dormiu como uma pedra. Ainda está ferrado.

— Acho que o Daniel também está. O que é bom, porque podemos falar à vontade.

Mariana tornou a guardar o jarro, encostou-se ao frigorífico e levou o copo à boca enquanto fixava o olhar no de Gabriela.

— O que é que queres tanto falar em segredo?

— Queria dizer-te que ouvi aquilo que o Daniel te disse ontem, quando estavam sozinhos na sala, sobre não teres o coração inteiro, e...

— Agora também ouves atrás das portas? Que bonito.

— Não comeces, está bem? Eu e o Alex ainda mal tínhamos chegado ao topo das escadas quando vocês começaram a falar e, como eu vinha atrás, ainda ouvi um bocado.

— Tudo bem, mas não me apetece falar disso, portanto...

— Ele não sabia o quanto te ia magoar ao dizer aquilo. Se lhe tivesses contado do aborto, nunca teria dito uma coisa daquelas!

— Ele não vai saber do aborto — decretou Mariana, semicerrando os olhos. — Nem ele nem ninguém, estamos entendidas?

— Já prometi que não conto a ninguém. O que não significa que concorde que tu não contes. Tens noção do quão hipócrita estás a ser no meio disto tudo?

— *Hipócrita?* Desculpa?

— Sim, hipócrita! Passaste-te da cabeça ontem com o Daniel, acusaste-o de saber mais que nós sobre o que aconteceu ao Francisco e trataste-o abaixo de cão por ele insistir em guardar o segredo de um amigo. E, ao mesmo tempo, pões-me entre a espada e a parede quando me obrigas a guardar segredo sobre o teu aborto! Não percebes quão ridícula estás a ser?

Os olhos de Mariana estreitaram-se em lâminas. Gabriela percebeu que exagerara, mas não conseguiu pedir desculpa. Magoara-a, mas não deixava de ter razão e, por uma vez na vida, isso teria de falar mais alto que a amizade que tinha por ela. Passara grande parte da noite com a revolta a crescer-lhe no peito enquanto ensaiava uma forma

branda de lhe dizer aquilo, mas agora, vendo-a irritar-se por tentar chamá-la à razão, soube que não conseguiria.

— Ninguém te mandou ir atrás de mim — rosnou Mariana. — Pedi-te para me deixares sozinha e tiveste de ir meter o nariz onde não eras chamada. Como sempre, aliás.

— Como sempre?

— Sim, como sempre! Muitos segredos, meus e de outras pessoas, que foste ficando a saber ao longo da vida, só soubeste porque te meteste onde não eras chamada! Tens sempre uma necessidade tão grande de estar a par de tudo, de sentir que fazes parte de tudo, que te metes onde não tens de te meter e acabas a saber mais do que deves!

Gabriela sentiu os olhos rasos de lágrimas. Tentou escondê-las, mas não conseguiu impedir Mariana de perceber o quanto estava a magoá-la.

— Se tivesses ficado na sala, eu tinha lidado com o aborto sozinha e agora não carregavas este segredo tão terrível às costas. Achas que te pesa muito? Imagina o que me pesa a mim! Não és tu que estás cheia de dores e a ter de fingir que estás na boa para ninguém notar! Não é a ti que apetece meter-te no carro e fugir daqui para fora! Portanto, não me venhas com merdas sobre hipocrisia para aqui e hipocrisia para ali, nem tentes tomar por mim uma decisão que tenho de ser eu a tomar!

— Não estou a tentar tomar decisão nenhuma por ti! E se me meti, se fui à tua procura, foi porque estava preocupada por estares sozinha há tanto tempo. E agora não vale a pena pensar nos «ses», porque não podemos voltar atrás. Vi o que vi e tenho de lidar com isso.

— Não, não tens de lidar com nada! É isso que não percebes: é um assunto *meu*, não é *teu*! A única coisa que tens de fazer é manter a boca fechada e deixar-me tratar disto.

— Tudo bem, eu guardo o teu segredo, desde que deixes de pressionar o Daniel para contar o dele.

— Estás mesmo a chantagear-me?

— Não, estou a tentar mostrar-te que eu e ele estamos na mesma posição e a fazer a mesma escolha: respeitar quem confiou em nós.

Esperara que Mariana se enervasse ainda mais, mas, ao ouvir aquilo, recuou um passo. Gabriela teve tempo de recuperar o fôlego e

decidiu que não podia permitir que continuassem. Mariana estava demasiado exaltada para reconhecer que estava a passar dos limites, mas ela não, e tinha de lho mostrar.

Inspirando fundo, avançou para ela, envolveu-lhe os ombros com as mãos e obrigou-a a tornar a enfrentar-lhe o olhar.

— Desculpa se passei das marcas. Também passaste e sei que também queres pedir desculpa, mas estás demasiado irritada e és demasiado orgulhosa para isso, portanto vamos apenas passar à frente, pode ser? Tens razão, é uma escolha tua contar ou não ao Alex e ao Daniel, e não posso tomá-la por ti. O que posso é continuar a apoiar-te como tenho feito até aqui. Porque, por muito que neste momento aches que não, sei que vai ser ainda pior se ficares sozinha a lidar com isto tudo. Portanto, vou ignorar a última parte do que disseste e vou esperar que te acalmes e percebas que também me deves um pedido de desculpas.

Mariana desviou o olhar. Gabriela deu-lhe algum tempo para digerir aquilo e para engolir o orgulho e tornar a olhá-la, anuindo em concordância.

— E em relação ao Daniel, vamos confiar nele, como confiámos a vida inteira, porque sabemos que ele nunca nos esconderia nada fundamental para ajudar a encontrar o Francisco.

Mariana tornou a anuir. Gabriela soltou-a e voltou para o espremedor, para continuar a preparar o sumo de laranja.

— Podes ir chamar o Alex e o Daniel? Vou fazer sumo para todos.

— Ah, OK, vamos brincar às famílias felizes ao pequeno-almoço de domingo?

— Não me apetece mais do que a ti, mas não temos grande alternativa.

Mariana deixou-a com as laranjas e saiu da cozinha. Voltou minutos depois, seguida pelos rapazes. Gabriela já pusera a mesa, com a cesta de pão fatiado ao centro e os copos com sumo de laranja nos vários lugares. Mariana escovara o cabelo e apanhara-o num rabo de cavalo que lhe dava um pouco melhor aspeto. Daniel e Alexandre pareciam bastante descansados, o que lhe provocou uma inveja tremenda.

— Tinham tudo o que precisavam para ontem à noite e hoje de manhã, certo? — perguntou Daniel, enquanto se servia de uma fatia

de pão.

— Sim, obrigada — murmurou Gabriela.

— Não parece é que tenha servido de muito. Não dormiste muito bem, pois não?

— Algum de nós dormiu?

O silêncio de Daniel e Alexandre alimentou a irritação de Gabriela. Bebeu dois longos goles de sumo para a desfazer.

Só voltaram a falar quando já estavam quase a terminar a refeição.

— Algum de vocês teve uma ideia magnífica durante a noite para o que devemos fazer de agora em diante? — provocou Alexandre.

— Eu, por acaso, tive — informou Mariana.

— Ai sim?

— Sim. Vou ao aniversário do João Miguel.

— *O quê?* — exclamou Gabriela, engasgando-se com o sumo.

— Isso mesmo.

— Vão reabrir a investigação à morte do Francisco e tu vais a uma festa de anos?

— Vou. Porque é a festa dos 17 anos do filho do guarda Luís Vasques.

— Espera lá, esse não é o miúdo a quem davas explicações de Matemática? — perguntou Daniel.

— É. E espero que os pais dele se lembrem da ajuda preciosa que dei ao filhinho...

— E o Luís te conte como está a correr a investigação — completou Alexandre, com um brilho a acender-se-lhe nos olhos. — És um génio!

Gabriela apreciou a audácia do plano de Mariana. Sabia que ela se tornara explicadora de João Miguel por acidente. No décimo ano, tivera de ir um dia à escola onde tinham estudado do primeiro ao nono ano, em Torres Vedras, para entregar a uma amiga de longa data da mãe um presente de aniversário que Leonor não pudera entregar. Uma vez lá, calhara a passar por João Miguel, sentado nas escadas com o livro de Matemática aberto no colo e a roer a ponta do lápis ao canto da boca. Mariana perguntara-lhe se precisava de ajuda e, quando dera por si, estava há quase uma hora a resolver os exercícios com ele. João Miguel saíra-se tão bem na aula seguinte que Luís

acabara por ligar a Mariana para lhe perguntar se se importava de passar a dar explicações ao filho em casa deles. Foi assim que Mariana se tornou um anjo em casa dos Vasques.

E agora estava disposta a cobrar a ajuda com mais do que lanches de *croissants* de chocolate e limonada.

— Vou aparecer de surpresa, a Susana vai ficar toda contente porque já não os visito há séculos, o João Miguel vai ficar ainda mais feliz por me ter lembrado do aniversário dele e o Luís só vai dar por mim quando eu já estiver com um copo de *Coca-Cola* numa mão e um croquete na outra, e não vai ter coragem de me mandar embora.

— Estás a contar que ele perceba logo ao que vais, mas até pode achar que só queres mesmo dar os parabéns ao filho — sugeriu Daniel.

— Não, ele é demasiado esperto para isso. Assim que me vir vai perceber que fui lá falar com ele, mas já vai ser tarde de mais.

— Não achas que ele pode arranjar forma de te evitar a festa inteira?

— Não, não acho que ele me vá fazer isso. Eu era quase parte da mobília lá de casa. Seja qual for a posição em que estou agora por causa do Francisco, não acho que tenha deixado de ser bem-vinda.

— Tiveste em conta que ele pode não estar a participar na investigação, certo? — alertou Gabriela. — Ele não veio cá ontem com o Hélder e a PJ. Provavelmente, já lhes contou o conflito ético que teriam em mãos devido à vossa relação, e o Hélder achou melhor não o envolver no caso.

— É possível, sim, mas pouco provável. E, mesmo que venha a confirmar-se, achas que os colegas dele não o puseram já ao corrente das novidades?

— Quando vais para lá?

— Depois de almoço.

— OK... Então e o que é que vamos fazer o resto da manhã? — perguntou Daniel.

— Pensei que talvez fosse boa ideia eu e o Alex irmos a casa buscar algumas coisas. Só trouxemos roupa a contar para o fim de semana porque não sabíamos que íamos precisar de ficar mais tempo, por isso...

— Sim, é uma boa ideia.

— Eu também devia ir a casa buscar mais coisas e explicar aos

meus pais e aos meus irmãos o que se está a passar. Tentei contar-lhes ontem ao telefone, mas escusado será dizer que só serviu para os deixar em pânico — acrescentou Gabriela.

— Muito bem, então vocês vão buscar o que precisam e eu vou às compras de mais coisas que vão ser precisas cá para casa — determinou Daniel.

— Acham melhor avisarmos a PJ de que vamos sair de Santa Cruz? — indagou Gabriela.

— Eu falo com o Hélder. Ele depois que passe a mensagem aos inspetores — tranquilizou-a Daniel.

— OK, vamos a isto. Já perdemos demasiado tempo — disse Mariana, levantando-se.

— Esperem, esperem... Não acham melhor pensarmos numa alternativa? — pediu Gabriela. — Podemos ter alguma ideia melhor para ficarmos a par do correr da investigação sem teres de ir falar sozinha com o Luís...

— Desde quando pensamos no Plano B? — reclamou Mariana. — Sabes que nunca me desvio do Plano A.

Capítulo 13

Enquanto ligava o motor e se fazia à estrada, Mariana ensaiou o discurso com que soltaria a língua a Luís. Tinha meia hora para treinar.

No entanto, a mente estava sempre a voltar ao hospital. Horas antes, na descida com Alexandre a caminho de Lisboa, uma réplica das dores lombares que a tinham acompanhado ao longo de todo o dia e noite anteriores alertou-a para a necessidade de ser vista por um dos colegas. Quando chegaram a casa, disse a Alexandre que recebera uma chamada urgente do hospital relativa a uma doente que acompanhava e cuja condição piorara de repente, por isso precisava de ir vê-la. Ele deixou-a levar o carro, prometendo acabar de fazer as malas de ambos antes de ela voltar.

À chegada ao hospital, Mariana foi ter com duas das suas superiores com que se dava melhor. Contou-lhes do aborto e elas levaram-na de imediato à presença do chefe do serviço de Obstetrícia, Vasco Rodrigues, que já era o clínico que começara a acompanhar a gravidez. Vasco reservara um gabinete para a observar e confirmou-lhe que se tratava de um aborto total. Não se dera nenhuma hemorragia interna além da esperada, nem nenhuma infeção. Receitou-lhe medicação básica e repouso. Mariana prometeu tentar cumprir.

De volta ao carro, o telemóvel começou a tocar no bolso. Estremeceu. Se fosse Alexandre, não tinha a certeza de conseguir mentir-lhe. Era ridículo, mas ele conseguia apanhar-lhe melhor as mentiras pelo telemóvel do que cara a cara. Bem, podia deixar a chamada ir para o correio de voz, certo? E dir-lhe-ia mais tarde que estava ocupada e não pudera atender.

Porém, quando à primeira chamada se seguiu logo outra, percebeu que não era Alexandre. Ele nunca insistia, porque sabia que tinha de haver algum motivo realmente importante para ela não atender à primeira. A começar a sentir as mãos a tremer, tirou o telemóvel do bolso. Não, não era Alexandre a ligar, era pior. Alguém que lhe detetava ainda melhor a falsidade na voz.

— Olá, André.

— Olá, maninha. Como estás?

Soava tão tenso, tão preocupado por baixo daquela falsa descontração, que não convencia ninguém. Por um segundo, a lógica e o bom senso desligaram-se e Mariana temeu que ele tivesse adivinhado o que lhe acontecera. Abanou a cabeça. Não, não era possível. De certeza que estava a ligar por ter visto alguma reportagem sobre Francisco.

— Estou a aguentar-me. E tu?

— Estou bem, mas já soube o que aconteceu. Vi ontem nas notícias, à noite. Lamento mesmo muito, Mariana.

— Obrigada. A mãe e o pai também viram?

— Não sei, ainda não falei com eles. Quis ligar-te primeiro. Precisas que vá ter contigo?

— Não! — guinchou, mordendo a língua logo de seguida. — Não, quer dizer, não é preciso, a sério. Estou com o Alex e com a Gabriela e o Daniel. Vamos ficar bem.

— Ainda bem que estão todos juntos outra vez!

Não havia a mínima ironia na voz dele. André acreditava, como era provável que qualquer pessoa que visse a situação de fora acreditasse, que, lá bem no fundo, eles até estavam contentes por se poderem rever.

Não teve coragem de lhe matar a inocência.

— Sim, é bom podermos estar juntos. Não sei como conseguiríamos... passar por isto tudo se não estivéssemos.

— Mas vão conseguir. Como é que eles estão, a Gabriela e o Daniel?

— Iguais.

— A sério? Bem, isso é bom... Se continuam a ser quem eram, ainda são os melhores amigos que podias ter ao teu lado, não é?

— Sim...

— Bem, de qualquer forma, também quero apoiar-te!

— Eu sei, mas a melhor forma de o fazeres é ligando para saber como estou e ficando aí para ajudares a manter o pai e a mãe informados e calmos, está bem?

Passassem os anos que passassem, a técnica de lhe colocar aos ombros a responsabilidade pela tranquilização dos pais de ambos resultava sempre. Não havia nada de que André mais gostasse do que sentir-se útil para Vítor e Leonor, e Mariana sabia que eles também preferiam mil vezes a sensibilidade e a meiguice no trato do filho mais novo, em contraste com o sangue-frio e a assertividade clínica da irmã mais velha. Sim, sem dúvida que estavam melhor com André ao seu lado naquele momento do que com ela. Por isso, Mariana conseguiu sossegá-lo e fazê-lo prometer que não iria até Santa Cruz. Depois de se despedirem, entrou no carro e retomou o caminho até casa.

Quando chegou, já Alexandre tinha as malas à porta e nem lhe deu tempo de entrar. A viagem revelou-se stressante e nervosa. Apanharam bastante trânsito na A8 e a caminho de Santa Cruz. Não era de espantar, tendo em conta o bom dia que estava. Enervado, Alexandre praguejava com todos os carros que se atravessavam no caminho e ultrapassava várias vezes o limite máximo de velocidade. Mariana desejou com todas as forças que ele fizesse uma pausa, olhasse para si e percebesse o quanto ela gostava de poder manter-se longe de Santa Cruz. Ou, então, que acabara de passar por um dos momentos mais tristes da sua vida e precisava que parassem numa estação de serviço para ter tempo de recuperar.

Tal não aconteceu. Chegaram a Santa Cruz ainda a tempo de apanharem Daniel a acabar de almoçar. Serviram-se do lombo de porco assado que restava no tabuleiro e sentaram-se à mesa com ele. Não esperaram por Gabriela, que, àquela hora, ainda devia estar a chegar a Albufeira. Comeram em silêncio, a ouvir os noticiários na televisão. Todos os canais destacaram o homicídio de Francisco. A

repórter da TVI até conseguiu chegar à fala com César Delgado, o que devia ter irritado os colegas das outras estações. César limitou-se a confirmar ou negar as informações que já eram públicas e as teorias que a repórter lançava. Mariana deduziu que ou funcionava muito bem sob pressão, ou não havia mesmo novidades a comunicar.

Depois de almoço, assim que Daniel e Alexandre se ofereceram para arrumar a cozinha, disse-lhes que era melhor não perder mais tempo e tornou a sair. Agora, quase a chegar ao centro de Santa Cruz, deu por si a desejar regressar a casa, em Lisboa, enrolar-se numa bola e chorar.

Em vez disso, continuou atrás da longa fila de carros que se encaminhavam para a praia.

Avistou o cruzamento que procurava. Virou para a rua dos Vasques e viu logo que nenhum dos convidados de João Miguel devia ter querido desiludi-lo. Os carros alinhavam-se junto aos passeios ainda muito longe da entrada da casa.

Os últimos êxitos da pop, reggaeton e música latina berravam pelas janelas abertas de par em par da casa dos Vasques. Ao chegar e tocar à campainha, temeu que ninguém a ouvisse. Estava prestes a tirar o telemóvel da mala e a ligar a Luís quando a porta se abriu e Susana Vasques surgiu do outro lado.

Num vestido de verão florido que lhe assentava como uma luva, com o cabelo apanhado num rabo de cavalo fresco e jovial, e, como sempre, a usar a sua imagem de marca — uns sapatos vermelhos de saltos altos finíssimos, que seriam insuportáveis para a maioria das mulheres —, a mãe de João Miguel era a prova viva de que era possível parar no tempo.

— Mariana! — exclamou, com o rosto a abrir-se num enorme sorriso, antes de avançar para a envolver num abraço. — Que bom teres vindo, querida!

— Obrigada, Susana. Está tão bonita! O tempo não passa mesmo por si!

— Oh, obrigada! Também estás muito bem! Muito diferente da última vez que nos vimos, mas muito bem!

— Obrigada.

— Anda daí, anda! Queres beber alguma coisa?

— Pode ser, obrigada...

Mariana deixou Susana guiá-la até à sala de estar e chamar a atenção dos presentes para a sua chegada. Retribuiu os sorrisos, acenos e beijos, muitos de pessoas que não via há quase uma década, enquanto Susana explicava aos poucos que não a conheciam quem era.

— É graças a esta linda menina que ele começou a gostar de Matemática! Se não fosse ela, nem tinha passado do quarto ano!

Durante a vaga de cumprimentos a velhos e novos conhecidos, Mariana reparou, de viés, num exemplar do jornal *Badaladas* pousado na mesinha de café. A manchete era sobre o homicídio de Francisco, claro. Em letras garrafais, o título berrava sobre uma fotografia dele: CORPO DE JOVEM DE SANTA CRUZ ENCONTRADO AO FIM DE NOVE ANOS. Não teve tempo de ler o subtítulo antes de se ver obrigada a cumprimentar mais um tio ou primo de João Miguel. Também não conseguiu inventar uma desculpa convincente para pegar no jornal e ler o resto da notícia. De qualquer modo, não acreditava que fosse muito além do que fora revelado na reportagem da RTP da noite anterior.

Terminadas as apresentações aos familiares de João Miguel, conseguiu finalmente ser levada à presença dele. Logo que atravessou as grandes portas envidraçadas que davam para o quintal, viu-o a rir à gargalhada de algo que dois amigos tinham dito. Um terceiro amigo, reparando na chegada de Mariana, bateu no ombro de João Miguel. Ele olhou para a porta e, assim que a reconheceu, surgiu-lhe um sorriso radioso.

— Mariana! Vieste! — exclamou, enquanto corria para a abraçar.

— Claro que vim! Muitos parabéns, puto! — sussurrou-lhe ao ouvido, antes de lhe dar um beijo. — Estás mesmo giro!

O rapazinho desengonçado e magricela, cheio de sardas e com uns olhos do tamanho do mundo que ela deixara para trás convertera-se num adolescente alto e atlético.

— Obrigado, Mariana! O meu pai disse que estavas cá, mas não sabia se vinhas hoje!

— Claro que vinha! Não perdia a tua festa por nada. E vais apresentar-me aos teus amigos ou não?

João Miguel apressou-se a apresentá-la aos três rapazes que o acompanhavam. Embora já soubessem que Mariana fora explicadora dele, e até tivessem chegado a encontrá-la algumas vezes ali em casa,

mostraram-se tão acanhados como se ela fosse uma perfeita desconhecida. João Miguel continuou a apresentá-la a dezenas de miúdos, cujos nomes ela esquecia de imediato, até acabar por lhe passar para as mãos um copo de *Coca-Cola*. Tagarelava a uma velocidade impressionante, sem nunca perder o sorriso de orelha a orelha. Mariana percebeu que passara demasiado tempo sem o ver. Era óbvio que tivera saudades dela. Nem a presença dos amigos e a necessidade de preservar a reputação o impediam de a fazer sentir-se a convidada mais especial da festa.

Esforçou-se por lhe retribuir o carinho e manteve-se junto a ele algum tempo, lutando para refrear a ansiedade de encontrar Luís. Contudo, não conseguia evitar olhar à volta de vez em quando e procurá-lo na multidão.

— Estás à procura de alguém? — perguntou João Miguel, a certa altura.

— Não, não te preocupes... Quer dizer, ainda não cumprimentei o teu pai.

— Oh, acho que ele estava na cozinha com os meus tios e o meu padrinho. Devem estar a arranjar as carnes para o churrasco.

— Então, foi por isso que não o vi.

— Queres ir lá dentro falar com ele?

— Não, não é preciso, quando eles vierem cá para fora vou cumprimentá-lo.

João Miguel engoliu a história e voltou-se para continuar à conversa com outra amiga. Mariana bebeu mais um gole da segunda *Coca-Cola* e tornou a passear o olhar pelo quintal.

Coincidência ou não, Luís Vasques atravessou as portas no segundo em que Mariana olhou para lá, seguido dos dois irmãos mais velhos e do padrinho de João Miguel, que partilhavam uma gargalhada descomunal. Trazia um tabuleiro carregado de febras, entremeadas e costeletas, e quase o deixou escapar das mãos quando a avistou no meio da miudagem.

Ao vê-la acenar-lhe, Luís engoliu em seco e desviou o olhar. Um dos irmãos bateu-lhe no ombro e apressou-o na direção da churrasqueira, num dos extremos do quintal. Luís seguiu aos tropeços. Mariana percebeu que o perturbara e decidiu dar-lhe tempo para ser ele a vir ao seu encontro. De qualquer forma, estava a seguir à risca o

plano que traçara.

Luís acabou por ir ter com ela após alguns minutos, deixando os irmãos e o padrinho do filho a lutarem pela posse dos garfos e espetos e pelo direito de virarem a carne na brasa. Encaminhou-se para onde ela se encontrava, ensanduichada entre as avós de João Miguel, que faziam sozinhas as despesas da conversa.

Luís esperou até a mãe e a sogra passarem das portas, a dizer que tinham de ir lá dentro ver de qualquer coisa, para se virar para Mariana, deixando cair a máscara.

— Olá, Mariana. Não sabia que vinhas à festa.

— Achei que era uma boa oportunidade de matar saudades do João Miguel. Ele tornou-se um rapaz fantástico.

— Obrigado. Já chegaste há muito tempo?

— Sim, há um bocado. Ele disse-me que o Luís estava na cozinha com o padrinho dele e os seus irmãos.

— Alguém tem de se encarregar de matar a fome a esta gente toda. A minha mãe e a minha sogra fazem uns salgados muito bons e a Susana continua a ter umas mãos de anjo para as saladas, mas toda a gente sabe que o que faz sucesso são as minhas costeletas.

— Acredito. Guarde-me uma quando estiverem a sair, está bem?

— Claro. E o Alexandre e os outros também vieram? Não os vi...

— Não, só vim eu.

Com aquilo, desfez-se de vez a ilusão de que fora à festa por João Miguel. Luís também o percebeu e o semblante ensombrou-se-lhe.

— Sabes que vais ter sempre a porta desta casa aberta, mas não posso dar-te aquilo de que vieste à procura.

— Pode sim. Aliás, só o Luís é que pode.

— Acredita que gostava de poder, mas não posso. Se o Hélder vem a saber que deixei escapar pormenores da investigação, fico em maus lençóis.

— Ninguém vai saber que foi por si que descobri.

— Não me tentes atirar areia para os olhos, Mariana. Se te dissesse alguma coisa, assim que saísses daqui, a primeira coisa que farias seria contar ao Alexandre e aos outros. E quanto tempo é que achas que ia demorar a espalhar-se? Quando desse por mim, tinha o Hélder a dizer-me para não voltar na segunda-feira.

— O que é que o leva a crer que algum de nós teria interesse em

espalhar o que me dissesse? Não ia beneficiar ninguém.

— Pois não, mas alguém podia ouvir-vos sem vocês estarem à espera e...

— Luís, compreendo que não seja fácil para si, a sério, mas vou precisar que confie em mim. Não sou uma pessoa qualquer, pois não? — decretou. E como ele não teve coragem de a contrariar, continuou. — Se calhar não se lembra, mas tínhamos a idade do João Miguel quando aquilo aconteceu. O João Miguel até está a ficar muito mais parecido com o Francisco do que alguma vez pensei que pudesse ficar.

— Eu sei. Também vejo isso. E acredita que me lembro de como vocês eram na altura.

— Então, ponha-se no meu lugar! Se acontecesse alguma coisa ao João Miguel, de certeza que os amigos dele também iam ficar de rastos! Nós nunca mais fomos os mesmos!

Luís desviou o olhar para o chão e coçou a nuca, à procura de uma escapatória que ela não lhe daria.

— Ainda hoje não sei como é que conseguimos refazer as nossas vidas. Mas agora que o Francisco foi encontrado? Mesmo que não nos pedissem que ficássemos em Santa Cruz, acha que eu, a Gabriela ou o Alexandre teríamos forças para ir embora? Nenhum de nós vai conseguir arredar pé daqui enquanto não tivermos respostas para as dúvidas que nos torturam há nove anos.

O discurso saíra-lhe muito melhor do que previra, talvez porque se limitara a dizer a verdade. Viu nos olhos embaciados de Luís que conseguira chegar-lhe ao coração.

— Percebo que precisem de respostas. E não precisas de me chamar a atenção para as semelhanças entre vocês e o João Miguel na altura em que o Francisco desapareceu. Não há um único dia em que não olhe para ele e não me lembre de vocês.

— Então, ajude-nos! Sabemos que não podemos contar com o Hélder nem com os novos inspetores para nos manterem a par dos factos, mas podemos contar consigo. Pelo menos, para nos ir contando aquilo que descobriram até agora.

— Ainda não há grandes novidades, sabes...

— É capaz de me olhar nos olhos e dizer-me que ainda não descobriram mais nada?

Luís bufou, arreliado, e deitou as cartas na mesa.

— Tens de me prometer que só contas isto ao Alexandre, à Gabriela e ao Daniel, está bem? Só mesmo a eles!

— Prometo.

— Vou cobrar-te a promessa se me sair o tiro pela culatra, Mariana.

— Alguma vez lhe dei razões para não confiar em mim?

— Também nunca me puseste numa situação destas.

— E espero do fundo do coração não ter de voltar a pôr. Se fosse por qualquer outra pessoa, acredite que não o fazia. Mas é do Francisco que estamos a falar, e não há ninguém mais importante para nós os quatro do que ele.

Luís assentiu, soltou o ar do fundo do peito e puxou-a mais à parte, certificando-se de que ninguém conseguia ouvi-los.

— Como sabes, o Francisco foi encontrado numa cova que era suposto estar livre.

— Certo.

— A primeira coisa que a PJ fez depois de falar convosco na quinta foi ir ao cemitério tentar perceber se havia registo do enterro. Mesmo que tivesse sido feito às escondidas, podia haver alguma indicação de qual dos coveiros ajudou a enterrá-lo.

— Então, acham que a pessoa que matou o Francisco não agiu sozinha?

— Claro que isso nos passou pela cabeça, mas é muito pouco provável. Em primeiro lugar, quem não trabalha no cemitério não tem noção de onde há espaço livre para enterrar alguém. Se ele tivesse sido enterrado nas zonas ajardinadas, a teoria de que foi trabalho de uma pessoa só até teria algum cabimento. Mas, tendo em conta que foi enterrado numa campa livre entre dezenas, não nos parece que o assassino o possa ter feito sozinho.

— A menos que fosse um dos funcionários.

— Exato. Essa é uma das hipóteses que ainda não foi posta de lado. Pode ter sido um dos coveiros ou guardas. Foi por isso que também investigámos a equipa que trabalhava no cemitério há nove anos.

— E...

— E percebemos que, até hoje, só houve duas mudanças. A primeira foi a contratação do Sérgio Valadas. Não deves conhecê-lo,

veio para Santa Cruz e começou a trabalhar como guarda no cemitério há coisa de quatro anos.

— E a segunda mudança?

— A segunda... foi a morte do Norberto Saraiva.

— Espere, o Norberto era um dos coveiros mais velhos, não era? Aquele corcunda que metia um medo de morte a toda a gente?

— Sim, esse mesmo.

— Ele morreu?

— Há seis anos.

— Então, não temos como saber se ele tinha alguma ligação ao Francisco...

— Pois não. Mas já descobrimos que era ele que estava de serviço no dia em que o Francisco foi morto e enterrado.

Mariana sentiu o coração cair-lhe aos pés.

— Como?

— O padre Emanuel mostrou-nos os registos de presenças dos funcionários.

— E quem mais é que estava a trabalhar com o Norberto naquele dia?

— Mais ninguém. O Norberto esteve sozinho no cemitério o dia e a noite inteira de 20 de junho.

Mariana levou o copo de *Coca-Cola* à boca ao sentir a garganta seca. Esvaziou-o de um trago para depois enfrentar o olhar de Luís.

— Como é que podemos ter a certeza de que não foi o Norberto que o matou?

— Porque não podemos tirar conclusões dessas assim de repente. Ele estava lá sozinho no dia em que o Francisco foi enterrado, sim, e ponho as mãos no fogo em como viu o que estava a acontecer, mas não significa que tenha sido ele a matá-lo. Pode ter sido só cúmplice.

— Ele era casado? Tinha família que possam interrogar agora?

— Nada. Levava uma vida de merda, coitado. Nunca casou e o Emanuel disse-nos que nunca se apercebeu de ele ter tido alguma namorada. Vivia para os mortos. E como não temos forma de saber se tinha alguma ligação ao Francisco, a única coisa que podemos fazer é continuar à procura de outros suspeitos.

— E já têm algum que se destaque?

— Ainda não. Ainda estamos muito no início da investigação, e se

acabar por ser tão difícil avançar como foi da primeira vez...

Luís deixou a frase por acabar. Mariana soube que o fazia para não a perturbar mais. Ao vê-la desviar o olhar, pousou-lhe uma mão no ombro e apertou-o com ternura.

— Lamento muito. Não desejo a ninguém aquilo que vocês estão a sentir, e o que ainda aí vem, mas não há mais nada que possamos fazer por agora.

— Eu sei. Obrigada.

Luís dedicou-lhe um sorriso carinhoso antes de lhe virar costas e se encaminhar para o grelhador. João Miguel, a vários metros deles, reparou que o pai se afastava de Mariana e acenou-lhe para a chamar para perto de si. Mariana fez-lhe sinal para esperar um segundo e foi à mesa das bebidas. Certificou-se de que nenhum dos amigos de João Miguel estava a ver e deitou a mão à garrafa de *Casal Garcia*.

A *Coca-Cola* já não era suficiente para lhe acalmar o coração.

Capítulo 14

Só voltou à quinta dos Aleixo ao pôr do Sol. Reconheceu o carro de João Paulo estacionado à sombra do edifício anexo, que servia de arrecadação, armazém, estúdio de carpintaria e tudo o mais que fosse preciso. A porta principal da casa da quinta também estava apenas encostada. Entrou e atravessou o corredor até às traseiras, onde ouvia as vozes de Alexandre, Daniel, Gabriela, João Paulo e Sandra. Todos se voltaram quando a viram aparecer.

— Olá, Mariana — sorriu João Paulo, levantando-se para lhe dar dois beijos. — O Alex contou-nos que foste à festa de anos do filho do Luís Vasques.

— Sim, dei lá um salto para lhe dar os parabéns e aproveitei para falar com o Luís.

— Senta-te e conta-nos o que ele disse — pediu Daniel, apontando para uma das espreguiçadeiras livres. — Queres beber alguma coisa?

— Estou com quase meia garrafa de vinho em cima, mas já ia mais um copo.

Reparou de viés em Gabriela, que baixara o olhar para o chão. Teve vontade de lhe dizer que também daria tudo para continuar a ter uma razão para se abster do álcool, mas conteve-se.

— Chegaram há muito tempo? — perguntou, virando-se para Sandra.

— Não, só há uns minutos. Viemos dizer-vos uma coisa, mas quisemos esperar que chegasses para também ouvires.

— É sobre a investigação?

— Não diretamente, mas... Deixa lá, conta primeiro o que o Luís disse.

— Toma — disse Daniel, passando-lhe uma *Super Bock* gelada. — Podes começar.

Mariana bebeu a cerveja enquanto lhes revelava o que a PJ descobrira sobre Norberto Saraiva. Preferia que João Paulo e Sandra não estivessem ali e fosse a Polícia a contar-lhes na altura mais apropriada, mas não resistiu ao desespero que lhes viu nos olhos.

Quando acabou, ninguém conseguiu abrir a boca durante um longo minuto. Alexandre foi o primeiro a recompor-se e a tornar a olhar para ela.

— O que é que eles vão fazer agora?

— Fiquei com a ideia de que vão continuar à procura de quem pudesse ter motivos para matar o Francisco. E agora que já vos disse de que é que falei com o Luís, podem começar com o que vieram contar-nos.

— É verdade. Fomos ao vosso colégio depois do almoço e o diretor contou-nos que vai organizar uma vigília em homenagem ao Francisco amanhã ao fim da tarde — disse Sandra.

— Disse-nos que foi uma ideia de vários professores que vocês tinham na altura, que, assim que souberam o que tinha acontecido ao Francisco, decidiram que o colégio não podia ficar indiferente — completou João Paulo.

— E nós viemos contar-vos porque achámos, bem, porque queríamos saber se querem vir connosco? — perguntou Sandra.

— Claro que vamos — disse Gabriela, pousando a mão sobre a dela.

— Obrigada. Sabemos que não vai ser fácil voltarem lá, por isso obrigada por fazerem o esforço e virem connosco.

— Não se preocupem, contem connosco. A que horas é a vigília? — indagou Daniel.

— Ele disse que estavam a apontar para as cinco.

— OK, e querem vir cá ter para depois irmos juntos para lá?

— Sim, é uma boa ideia.

Daniel anuiu e levantou-se, anunciando que ia começar a tratar do jantar. João Paulo, Sandra e Gabriela acompanharam-no até à cozinha.

Alexandre esperou que saíssem para pegar na mão de Mariana, entrelaçar os dedos nos dela e beijá-los.

— O que achas desta ideia da vigília? — perguntou, cravando os olhos nos dela.

— Acho muito estranho o Barroso ou algum dos professores ter pensado nela.

— Também acho. Porque é que não se lembraram disto há nove anos, quando teria feito mais sentido? Porquê agora?

— Porque a PJ lhes deve ter dito que o fizessem.

— Achas que sim?

— Acho, acho mesmo. É uma forma de reunirem toda a gente no mesmo espaço e poderem manter-nos debaixo de olho durante umas horas.

— Oh, estou a ver... — murmurou Alexandre, com a compreensão a inundar-lhe o olhar. — Acham que vão conseguir que toda a gente vá, mesmo o assassino do Francisco, e que vão identificá-lo se estiverem com atenção às várias reações...

— Exato. Não me parece é que vá servir-lhes de muito.

— Achas que o assassino não vai aparecer?

— Não, claro que vai. Quanto a isso não há dúvidas. Se alguém se atrever a faltar à vigília, ou apresenta um motivo muito forte para não poder ter ido ou entra logo para a lista dos suspeitos.

— E ninguém vai ser estúpido a esse ponto.

— Só acho que não lhes vai servir de muito porque não estamos a lidar com um amator. Quem matou o Francisco sabe bem como não dar nas vistas. Aguentou-se nove anos sem chamar as atenções, por isso não me parece que o vá fazer agora.

— Ao mesmo tempo, não te esqueças de que temos dois pares de olhos novos a observar a situação. Se foi alguém cá da zona, é alguém que a maioria das pessoas conhece e de quem não desconfia. Mas os inspetores são de fora, podem desconfiar à vontade. Talvez lhes salte algo à vista que nenhum de nós foi capaz de ver até agora.

— Espero que tenhas razão... espero mesmo que tenhas razão.

Mariana olhou para o jardim, a horta e o cemitério, no horizonte.

Levantou-se, por fim, e seguiu Alexandre para dentro de casa, sem querer ficar sozinha a observar o sítio onde Francisco estivera aquele tempo todo, mesmo debaixo dos seus narizes, sem que nenhum fosse capaz de o ver.

Capítulo 15

Alexandre sabia que o jantar estava a ser penoso para todos.

Daniel tivera de convidar João Paulo e Sandra para jantar, claro, nem que fosse só por gentileza. Contudo, Alexandre sabia que estava a custar-lhe tanto como a si suportar a tensão que vibrava entre os dois e que acabava por contagiar os restantes.

Enquanto preparavam o jantar, conseguiram mantê-los afastados. Alexandre tirou mais duas cervejas do frigorífico e convidou João Paulo a fazer-lhe companhia na sala. Partilharam as cervejas enquanto assistiam ao *Jornal da Noite* da SIC. Gabriela dividiu-se entre a cozinha, onde Sandra se entretinha ao fogão com Mariana e Daniel, e a sala, para ver como Alexandre e João Paulo estavam. Ficava algum tempo a comentar as notícias com eles, mas acabava por voltar à cozinha, irrequieta.

No entanto, quando o jantar ficou pronto e João Paulo e Sandra se viram sentados frente a frente às cabeceiras da mesa, a tensão instalou-se. João Paulo falava o mais que podia, ciente de que, se se fizesse silêncio, o desconforto que pairava sobre a mesa os sufocaria. Alexandre e os outros esforçavam-se por acompanhá-lo, tão desejosos quanto ele de que não se gerasse um silêncio de morte. Porém, era evidente que a conversa estava a ser dolorosa para todos.

Sandra foi a única que não abriu a boca e mal levantou o olhar do

prato. Comia tão devagar que Alexandre chegou a temer que quisesse prolongar o jantar o mais possível. O rosto não revelava qualquer emoção, independentemente do tema de que se conversava no momento. Parecia desligada da realidade, como estava desde a tarde anterior.

— Souberam do desaparecimento daquela velhota do Algarve? Deu há pouco nas notícias. Eu e o Alexandre vimos a peça — comentou João Paulo, entre duas garfadas nos bifés com molho de mostarda. — Parece que a mulherzinha se evaporou de casa do dia para a noite e ninguém ouviu nem viu nem sabe de nada. A última pessoa a falar com ela foi uma vizinha, há quase quatro dias!

— A velha vivia sozinha? — perguntou Gabriela.

— Sim, e, pelos vistos, não devia ter grande relação com os filhos, porque teve de ser a Polícia a contar-lhes que ela tinha desaparecido.

— Se calhar, até já sabiam o que tinha acontecido ou até tentaram contactá-la e não conseguiram, e não tiveram interesse em dizer à Polícia — sugeriu Mariana.

— Porque é que dizes isso? Que lógica é que tem esconderem informações da Polícia?

— Se tiverem sido eles a dar-lhe sumiço, tem toda a lógica — disse Alexandre.

— Não, não me pareceu que tivessem alguma coisa a ver com o caso. Ao falarem para as câmaras, pareciam os dois muito abalados...

— As pessoas conseguem parecer abaladas com qualquer coisa, desde que seja preciso. Já devia saber que as aparências iludem — acusou Mariana.

— Sim, mas... credo, pensar que um filho pode fazer uma coisa destas à mãe...

— Não quer dizer que tenha sido um deles, mas pode ter sido. As pessoas são capazes de muito pior do que se imagina — concordou Daniel.

— Basta pensarmos no Francisco. Quem o matou, seja o Norberto ou outra pessoa, era cá de Torres Vedras, se calhar até o conhecíamos, e fez o que fez.

Alexandre deu um pequeno pontapé a Mariana, mas era tarde de mais. Enquanto o silêncio caía sobre a mesa, ela limitou-se a esvaziar o copo e a lançar a mão à garrafa para tornar a abastecê-lo. João

Paulo desviou devagar o olhar aturdido, ao passo que Sandra o levantou do prato pela primeira vez.

— Tens mesmo a certeza de que foi alguém de cá que matou o Francisco?

— Não, claro que não posso ter a certeza, mas que sentido tem ser alguém de fora? Como raio é que ia saber que o Francisco estava sozinho em casa para poder ir lá?

— E como é que o Norberto ia saber? Ele nunca saía do cemitério! — alertou Gabriela.

— Se se tivesse informado de que o João Paulo e a Sandra iam para fora nesse fim de semana, saberia.

— Não, não vás por aí — retorquiu Daniel, abanando a cabeça. — Se o Francisco tivesse sido morto em casa, a Polícia tinha encontrado alguma pista logo no início da investigação.

— Calma, não disse que ele foi morto *dentro* de casa. Também acho que a Polícia teria percebido. O que quis dizer foi: se a entrada não foi forçada, então, o Francisco conhecia a pessoa que o matou, seja por ter aberto a porta ou por ter aceitado sair com ela. O certo é que a conhecia e não foi forçado a nada.

Sandra foi, de todos, quem conservou melhor a calma. Uma sombra de rancor atravessou-lhe o olhar, mas manteve-o firme no de Mariana, como se a incentivasse a prosseguir. Ainda assim, e para alívio de Alexandre, Mariana decidiu pôr fim ao tema.

— Não estou a *afirmar* que foi o Norberto quem matou o Francisco, apenas que há uma hipótese de ter sido. Tal como há hipótese de ter sido qualquer outra pessoa de cá. Por isso, não fique tão chocado se entretanto se vier a saber que algum dos filhos dessa velhota é responsável pelo desaparecimento dela.

— Esperemos que não...

— E eu espero que nem todas as notícias tenham sido assim tão más, que já chega de desgraças. Alguém quer mais um bife? — atalhou Daniel, ao tornar a pegar no garfo.

Gabriela estendeu-lhe o prato. Alexandre aproveitou para puxar para a conversa a continuação da telenovela dos ataques entre partidos, que ocupara a maior parte do segmento de política do noticiário. João Paulo e Daniel lançaram-se ao tema com unhas e dentes, e Mariana e Gabriela também acabaram por o fazer. Sandra

voltou a baixar o olhar para o prato e a abstrair-se do jantar. Alexandre não conseguiu deixar de pensar se aquilo que Mariana dissera não poderia aplicar-se também a ela.

Talvez a insensibilidade de Sandra não passasse de um embuste. Um embuste que durara todos aqueles anos, mas, ainda assim, um embuste, que a verdade sobre o que acontecera a Francisco, ao vir ao de cima, poderia deitar por terra.

Capítulo 16

Enquanto deitava café na caneca, Daniel encheu bem os pulmões de ar e soltou-o lentamente. Acordou com uma dor de cabeça tão forte que sabia que, fizesse o que fizesse, era provável que ainda se deitasse com ela.

Não dormira nada de jeito toda a noite e a chegada da manhã não tinha ajudado. A claraboia no teto do quarto deixou o sol encher a divisão e acordá-lo. Em criança, adorava aquela estranha janela para o mundo. Quando tinha Francisco e Alexandre ali consigo, fingiam que eram soldados na Segunda Guerra Mundial, a espreitarem pelo óculo de um submarino para verem se a costa estava livre de inimigos.

Contudo, à medida que envelhecia e se tornava mais difícil levar uma noite descansada, começava a ver a claraboia como um inconveniente. Agora, já só lhe guardava rancor. Ainda assim, não conseguia convencer-se a pôr-lhe umas portadas, nem sequer umas persianas. Quase tinha vontade de rir de si mesmo, de tanta estupidez, mas não conseguia desfazer-se de outra ligação a Francisco.

— Bom dia — disse Alexandre ao entrar na cozinha, trazendo-o de volta à realidade.

— Olá. Queres café?

— Sim, pode ser.

Daniel encheu uma segunda caneca e pousou-a à frente dele na

mesa. Alexandre levou-a logo à boca. Daniel adivinhou que lhe doía tanto a cabeça como a si e que a dor da queimadura na boca e garganta era suportável em comparação.

— Elas ainda estão a dormir?

— Não, a Mariana está a tomar banho e a Gabriela está ao telefone com os gémeos. Bati à porta do quarto para ver se ela queria tomar o pequeno-almoço e ela disse que já descia — disse Alexandre, e o cenho começou a franzir-se depois disso. — Falei com a minha mãe ontem e ouvi a Mariana falar com a dela. Queríamos ver se, bem, se estavam a pensar passar por cá.

— E então?

— Disseram que não. Que têm muita pena, que já ligaram algumas vezes ao João Paulo e à Sandra e tudo, mas que têm demasiadas coisas para fazer, com o trabalho e as casas e tudo o mais, para poderem vir para aqui. A minha mãe até disse que a filha do namorado foi operada há poucos dias e precisa de ter alguém a ajudá-la a tempo inteiro. E como o namorado é porteiro no turno da noite num condomínio qualquer de luxo, é ela quem tem estado mais com a miúda.

— Claro, têm as vidas delas e não as podem pôr em pausa e vir para aqui.

— Não podem? Então porque é que nós tivemos de poder?

— Porque o devemos ao Francisco — disse Daniel, voltando-se para o olhar nos olhos. — Porque ele também largava tudo para nos ajudar quando um de nós precisava.

— Eu sei, não me estás a dar novidade nenhuma. E não estou a dizer que somos nós que estamos mal por termos vindo. Quem está mal são os nossos pais.

— Talvez não consigam mesmo vir.

— Porquê? *Porquê*, Daniel? É isso que me custa a engolir. Até o Francisco desaparecer, eles eram tão próximos como nós. E se nós fomos capazes de voltar, mesmo que a coisa que mais quiséssemos fosse continuar longe desta maldita terra, eles também deviam sentir o mesmo dever que nós. O João Paulo e a Sandra precisam tanto deles como tu precisaste de nós, só não tiveram coragem de o admitir e de os chamar de volta.

— Nem o vão fazer. Não são tão fracos como eu.

— Achas que és fraco por teres reconhecido que não conseguias aguentar isto sozinho? Reconhecer que se precisa de ajuda não é fraqueza nenhuma.

— Fraqueza é aguentar tudo e mais alguma coisa calado e depois acabar por explodir e ninguém saber porquê — disse Gabriela.

Daniel e Alexandre olharam para a porta no segundo em que ela a atravessou. Com um vestido fresco azul-claro no corpo e o cabelo apanhado num rabo de cavalo elegante, era uma exibição exagerada de uma noite bem dormida.

Ou seria, se Daniel não lhe conhecesse o talento para disfarçar insónias com maquilhagem.

Atravessou a cozinha para o beijar e pousou-lhe no fim uma mão no peito, com um olhar que lhe aliviou um pouco a culpa.

— Não penses que foste fraco por nos ligares. Foi o melhor que podias ter feito — murmurou, antes de olhar para Alexandre. — E, quanto aos nossos pais, concordo que deviam cá estar para apoiar a Sandra e o João Paulo, mas, se não conseguem vir, ficamos nós com esse papel.

Gabriela encheu uma terceira caneca de café e puxou Daniel para a mesa.

— O que é que vamos fazer durante a manhã? Não vamos ficar de braços cruzados até à vigília, pois não?

— Não. Tive uma ideia ontem, durante o jantar. Só não quis dizer nada porque achei que o João Paulo e a Sandra não iam reagir muito bem — justificou Daniel.

— OK, mas diz-nos agora.

— Vou falar com o padre Emanuel sobre o Norberto.

— O que é que vais perguntar? Se ele sabia de alguma relação entre ele e o Francisco? — perguntou Alexandre.

— Não, vamos com calma, senão ele põe-se logo à defensiva. Primeiro, temos de perceber se os jornalistas já sabem que o Norberto está ligado ao caso...

— Isso é fácil de descobrir — disse Gabriela, levantando-se.

Daniel e Alexandre seguiram-na até à sala de estar. Gabriela ligou a televisão na SIC Notícias e procurou a última peça sobre Francisco. Tinha ido para o ar há menos de meia hora, no noticiário das nove. Durava pouco mais de um minuto e servia apenas para o repórter

resumir o que já se tinha dito no dia anterior.

— Ainda não fazem nenhuma referência ao Norberto.

— Deve querer dizer que ainda não se sabe da ligação dele ao caso. Ótimo. Assim podemos ir falar com o padre à vontade — disse Daniel.

— Quem é que vai falar com ele? — perguntou Mariana, ao entrar na sala.

— Eu — disse Daniel.

— Eu vou contigo — anunciou Gabriela.

— Acham que ele sabe de alguma ligação entre o Norberto e o Francisco?

— Não sei, talvez. Mas acho que, se começarmos a conversa por outro ângulo, conseguimos deixá-lo à vontade antes de atacarmos no ponto do Norberto.

— Sim, podemos começar por fingir que o procurámos para saber o que ele acha da situação no geral — sugeriu Gabriela. — Podemos pegar no facto de o corpo ter sido encontrado tão pouco tempo antes de começar o funeral do Heitor Esteves...

— E perguntam-lhe como a família dele está a lidar com a situação, como ele próprio se está a sentir... Sim, é uma boa ideia! — concordou Mariana, já sentada à mesa com uma caneca de café. — E, a partir daí, podem ir puxando devagar o tema Norberto.

— Podemos fazer isso, sim. E tendo em conta que até me dou bem com ele, acho que consigo soltar-lhe a língua — comentou Daniel.

— Depois, contem-nos o que ele disse — pediu Alexandre.

— Vocês já têm uma ideia do que vão fazer durante a manhã?

— Não, mas se calhar podíamos ir ter com a Sandra e o João Paulo? — propôs Mariana, olhando para Alexandre.

— Sim, por mim não há problema.

— Vejam se eles precisam de comprar alguma coisa para terem no hotel enquanto cá estiverem, ou se gostavam de ir a algum lado para desanuviar a cabeça...

— Não se preocupem, damos conta do recado.

— OK, então vamos a isso — determinou Mariana, esvaziando a caneca e levantando-se logo a caminho do lava-louça.

Gabriela e Daniel saíram, dirigindo-se à carrinha deste. Assim que passaram os portões, Gabriela ligou o rádio. Daniel pensou que o fazia

para ele não ter oportunidade de puxar conversa sobre o Francisco. Mas, pouco depois, Gabriela soltou um longo suspiro e voltou-se para ele, afastando algumas madeixas que se tinham soltado do rabo de cavalo e lhe caíam para a cara.

— E se for verdade? E se tiver sido o Norberto a matar o Francisco?

— Pode muito bem ter sido.

— Já me fartei de puxar pela cabeça a tentar lembrar-me se o Francisco alguma vez falou dele, mas não me lembro!

— Eu também não. Mas estás a partir do princípio de que eles tinham alguma espécie de relação, quando, na verdade, podiam não ter.

— Se não tivessem, ainda tem menos lógica ter sido o Norberto a matá-lo.

— Porquê? Nenhum de nós faz ideia do que ia na cabeça daquele maldito velho! Não te lembras do ar sinistro que ele tinha?

— Não acho que tenha sido uma coisa feita sem planeamento. Quem o matou, teve de o atrair para fora de casa e...

— Mas... e se ele já estivesse cá fora? E se tivesse saído durante a tarde, por alguma razão, e o Norberto estivesse a passar e o tivesse apanhado?

Havia mais lógica naquela hipótese. Gabriela calou-se, mas Daniel leu-lhe nos olhos que ainda não estava pronta a dar o braço a torcer.

— Vamos esperar para ouvir o que o padre tem a dizer antes de pormos as mãos no fogo em como foi ele que matou o Francisco, está bem? — pediu Daniel, no seu tom mais tranquilizador.

— Sim. Mas, para ser sincera, vim contigo porque não quis que viesses sozinho, mas não acho que nos vá valer de muito.

— Não?

— Não. Ou melhor, quero acreditar que não, porque vai custar-me a engolir que ele soubesse disto e nunca tenha dito nada à Polícia.

— Oh, mas é melhor que te prepares para engolir, e um sapo bem grande. O Norberto esteve a vida inteira na paróquia e o padre é capaz de ser a pessoa que passava mais tempo com ele, dentro e fora do cemitério. Se alguém sabia dos podres do Norberto, era ele.

— Mas achas que era capaz de esconder alguma coisa grave da Polícia?

— É bem capaz. Não te esqueças que eram ambos «homens de Deus» — disse Daniel, desenhando aspas irónicas no ar.

Pisou o acelerador mais fundo e seguiram em silêncio o resto do caminho, cientes de que podia não faltar muito para que a pouca fé que ainda tinham em Deus fosse deitada por terra.

Capítulo 17

Deixaram a carrinha numa das ruas transversais à praça da Igreja de Santa Cruz.

Assim que entraram, perceberam que a missa já tinha terminado. Reinava um silêncio reconfortante e a temperatura também era mais agradável, uma frescura que arrancou um suspiro de alívio a Gabriela. No altar, o padre Emanuel, ainda em vestes cerimoniais, folheava a Bíblia, com os olhos semicerrados de concentração. Sentadas logo no primeiro banco, quatro idosas cochichavam entre si e acendiam velas. Ao darem conta da entrada de Daniel e Gabriela, calaram-se subitamente e Emanuel levantou os olhos do livro.

— Daniel? És tu?

— Sou, padre. Podemos entrar?

— Claro que sim. A casa do Senhor está sempre de portas abertas.

As velhas voltaram-se para o altar, mas não fizeram menção de se ir embora. Gabriela e Daniel avançaram pela nave central da igreja, ao mesmo tempo que Emanuel descia para se encontrar com eles a meio caminho.

— Bons olhos vos vejam, Gabriela. Há muito que não vinhas a Santa Cruz — cumprimentou Emanuel, inclinando-se para um beijo rápido.

— Pois não. Mudei-me com os meus pais e irmãos para Albufeira.

— E como estão os teus pais?

— Vão andando. Estão melhor que eu neste momento, de certeza.

— Acredito. Lamento do fundo do coração aquilo que aconteceu ao vosso amigo Francisco. É uma verdadeira tragédia.

— Obrigada, padre. E, infelizmente, também acaba por ser terrível para a família do Heitor Esteves — disse Gabriela.

— Pois é. Aquelas pobres almas não têm tido descanso. Só hoje é que tiveram autorização da Polícia para avançar com o funeral, sabiam?

— Não, não fazíamos ideia — murmurou Gabriela.

— É muito complicado para as famílias quando o processo de luto é interrompido, em especial nos estágios iniciais. A mulher do Heitor Esteves ainda estava a começar a adaptar-se à ideia de o ter perdido quando começou toda esta situação com o corpo... perdão, com o Francisco.

— Não se preocupe com os termos, padre. A esta altura do campeonato, já quase nada nos choca — comentou Daniel.

— Por muito que gostasse de poder dizer o contrário, tenho de concordar convosco. Olhem, o que me dizem de irmos ao meu escritório beber um chá? Pode ser chá gelado, que está demasiado calor para chá quente...

— Vamos, sim, boa ideia. — Gabriela fez o seu melhor sorriso.

Emanuel guiou-os por uma porta à direita do altar, para desilusão das beatas, que achavam que iam ouvir a conversa até ao fim. Conduziu-os ao seu escritório, nas traseiras da igreja, uma sala modesta, de paredes e teto brancos e chão e mobília em madeira escura. A secretária estava coberta de papelada e tralha, uma confusão tão grande que Daniel teve a certeza de que daria uma coisinha má a Emanuel se alguém lhe pedisse para encontrar algum documento à pressa. Ainda assim, o padre passou um braço vigoroso sobre o tampo da mesa e abriu espaço para pousar pires, chávenas e colheres. Enquanto se dirigia à chaleira elétrica, pousada no móvel de parede debaixo da janela, indicou a Daniel e Gabriela que se sentassem nas duas cadeiras de um dos lados da secretária, deixando a outra para si.

— Conheciam bem o Heitor Esteves?

— Não, só de ouvirmos falar dele — disse Gabriela.

— Na verdade, acho que o meu pai ainda pintou a carrinha uma

das vezes na oficina dele. Entretanto, abriu a do Zé Antunes e ele passou a ir lá — alertou Daniel.

— Ah, sim, pois foi. Só aqui entre nós, também acho que fez uma boa escolha — confidenciou Emanuel, quase com um sorriso. — O Zé Antunes cobrava bem menos que o Heitor e trabalha melhor e mais depressa. No fundo, julgo que as pessoas só continuavam a ir à oficina do Heitor por uma questão de lealdade.

— Sim, também acho. Mas o meu pai não era assim tão próximo dele, por isso não se sentiu mal por o trocar.

— E fez muito bem. Mas, além disso, não o conheciam, pois não? Não vão logo à tarde ao funeral dele?

— Não — disse Daniel. — Não nos leve a mal, mas, além de já termos hoje à tarde a vigília do Francisco, vamos ter outro funeral dentro de pouco tempo e... bem, funerais não são o meu passatempo preferido.

Daniel reparou no olhar de censura de Gabriela e sossegou-a com um aceno. Ao ver Emanuel abafar uma gargalhada, Gabriela percebeu que o sarcasmo não o ofendeu.

— Ah, Gabriela, às vezes o nosso Daniel tem uma boca de trapos. O que vale é que o Senhor sabe que é só brincadeira. Querem açúcar no chá?

— Eu não, obrigada — disse Gabriela, pegando na chávena que ele lhe estendeu. — E a que horas é o funeral do Heitor Esteves?

— Às cinco, mas já pedi ao Sérgio e ao José que fossem para o cemitério daqui a pouco e começassem a abrir a cova, não vá dar-se o caso de...

Emanuel deixou a frase morrer no ar enquanto levava a chávena à boca, chocado com aquilo que estava a dizer. Daniel e Gabriela entreolharam-se e decidiram que tinham de aproveitar a deixa.

— Soubemos que a PJ veio cá ontem falar consigo — proferiu Daniel.

— *O quê?*

— Não se preocupe, não vamos contar a ninguém — disse Gabriela. — Quanto menos pessoas souberem, mais tarde chegará aos ouvidos dos jornalistas e começará a ser transmitido na televisão.

— Exato! Por isso, nem devíamos falar do assunto... — balbuciou o padre

— Vá lá, padre, sabe que pode confiar em nós — insistiu Daniel.
— Por favor, conte-nos do que é que a Polícia veio à procura. Estamos a dar em loucos por não sabermos como é que a investigação está a avançar!

— Está a avançar ao ritmo que pode avançar, tendo em conta as circunstâncias, e é melhor que vocês não se envolvam para não correrem o risco de a atrasar de alguma forma...

— Não vamos atrasar nada por virmos falar consigo. Só estamos aqui os três... — disse Daniel.

— E o Senhor... — exclamou o padre.

— Sim, e o Senhor, mas Ele também não vai falar à comunicação social, pois não? — irritou-se Gabriela. — Só queremos saber se já houve algum avanço e se já se descobriu alguma coisa sobre quem matou o Francisco. Por favor, padre... não consegui dormir esta noite e tenho a certeza de que também não conseguirei dormir nas próximas, pelo menos até saber o que lhe aconteceu. Fica só entre nós...

— Entre vocês e entre a Mariana e o Alexandre Monteiro, ou julgam que não sei que eles estão cá convosco? — disse o padre.

— Sim, estão, e estão tão desesperados como nós por saber o que aconteceu ao Francisco. Era o nosso melhor amigo e nenhum de nós vai conseguir ter paz enquanto a verdade não vir a luz do dia — disse Gabriela.

— O que só vai acontecer quando a Polícia apanhar o assassino. Por isso, diga-nos, por favor, que estão a chegar perto dele para podermos ter todos um pouco de paz — disse Daniel.

Emanuel fechou os olhos e cerrou os lábios com força. Por baixo da mesa, Gabriela estendeu a mão a Daniel. Ele entrelaçou os dedos nos dela e apertou-os com força, para conseguirem aguentar a espera em silêncio.

Ao fim de um longo minuto, o dilema moral de Emanuel chegou ao fim.

— Muito bem, vou dizer-vos o que contei à Polícia, mas saibam que se algum detalhe disto que vos vou confessar acabar nos telegornais, o Senhor saberá quem foi o delator.

— Não tem de se preocupar, padre. Fica entre nós — sossegou-o Daniel.

— Assim seja... Os inspetores vieram com o chefe Hêlder e dois dos homens dele perguntar-me se havia forma de saber quem tinha estado a trabalhar no cemitério no dia do desaparecimento do Francisco, que agora se sabe que foi também o dia da sua morte. Mostrei-lhes os arquivos e eles viram que o Norberto Saraiva, que o Senhor o tenha, esteve sozinho o dia e noite inteiros no cemitério.

— Isso costuma acontecer muitas vezes? Ficar só uma pessoa a cargo do cemitério? — perguntou Daniel.

— Sim, nos dias em que não há cerimónias é normal só lá estar uma pessoa — respondeu o padre.

— Então, no dia em que o Francisco foi morto não houve nenhum funeral? — perguntou, de novo, Daniel.

— Não. Aliás, essa semana inteira foi bastante pacífica.

— E o Norberto esteve sozinho no cemitério só no dia em que o Francisco morreu ou nos outros também? — continuou Daniel.

— Esteve em três dos cinco dias. Não sei se o conheciam, mas o Norberto era uma pessoa muito solitária. Um homem bom, temente a Deus e com um bom coração, mas muito solitário. Chegou a dizer-me muitas vezes que preferia a paz do silêncio à do convívio com outras pessoas. Gostava muito de tratar das campas e da área ajardinada e tinha muito talento para as flores. Sempre que havia dias em que era preciso estar apenas uma pessoa no cemitério, ele oferecia-se para ficar.

— Isso devia ser ótimo para os colegas, certo? — disse Daniel.

— Sim, a verdade é que lhe agradeciam por se oferecer para ficar quando mais ninguém queria. Os outros coveiros e funcionários da paróquia têm famílias e queriam passar o máximo de tempo com elas, como convém a bons homens.

— O Norberto não tinha mesmo ninguém? Nem pais, nem irmãos... — insistiu Daniel, inclinando-se um pouco mais para a frente.

— Não. A mãe do Norberto foi, infelizmente, uma senhora um pouco, bem, sabem que não devemos maldizer os mortos, mas não levava uma vida muito correta aos olhos de Deus. Não sei se me estou a fazer entender...

— Sim, acho que estamos a perceber... — disse Gabriela.

— Ainda bem. Seja como for, o Norberto nunca conheceu o pai. A

mãe nunca sequer lhe disse o nome dele e nunca casou nem chegou a dar-lhe um irmão. Acabou por morrer quando ele tinha vinte e poucos anos, de... bem, pobre alma, do vício das drogas. Ele ficou sozinho com a casa e os outros poucos pertences dela. Tinha o quarto ano, mas não pôde continuar os estudos. Teve de sair da escola e começou a servir às mesas num restaurante em Torres Vedras, mas assim que soube que a paróquia precisava de um coveiro, pediu ao meu antecessor para ficar com o lugar.

— Não é um pouco estranho? Se ele trabalhava num restaurante, porque é que havia de o trocar por um trabalho tão... — Gabriela não concluiu a frase.

— Mórbido? Não, Gabriela, não há nada de mórbido no cuidado daqueles que vão ao encontro do Senhor. Sem os funcionários que lá trabalham, quem manteria o cemitério pronto para os funerais se realizarem em paz e as famílias poderem visitar as últimas moradas dos seus entes queridos?

— Sim, tem razão... — admitiu Gabriela.

— Pois tenho, mas vocês também têm — admitiu Emanuel, voltando a recostar-se na cadeira. — A verdade é que, quando cheguei à paróquia e o Norberto me contou a sua história, também me questionei que motivos teria um jovem tão bem apessoado como ele era à época, e um que, ao que apurei, trabalhava com tanto afincio no restaurante, para querer vir para o cemitério, onde ficava a maior parte dos dias e das noites sozinho. Sabem a resposta que ele me deu, quando lhe fiz esta pergunta? Que preferia um trabalho onde pudesse ter alguma paz, já que no restaurante passava os dias a ouvir conversas e mexericos infames que o faziam duvidar da bondade dos homens.

— OK, então o seu antecessor aceitou que ele viesse trabalhar para o cemitério e ficou por cá até morrer. Mas o padre sabe se alguma vez houve algum... problema com ele? — inquiriu Daniel.

— O que queres dizer com isso, Daniel? Claro que não houve problema nenhum!

— Não estamos a querer dizer nada, só estamos a perguntar se, por acaso, durante o período em que ele trabalhou no cemitério, aconteceu alguma coisa estranha... Como agora a descoberta do corpo do Francisco — concluiu Gabriela.

— Não, não aconteceu nada do género. Isto foi uma coisa terrível e sem comparação. E sei muito bem onde pretendem chegar com esta conversa, por isso aviso-vos que o melhor que têm a fazer é parar. O Norberto era um homem exemplar e não merece ver o seu nome e a sua honra manchados por esta história!

— Desculpe, padre, mas é tarde de mais — reclamou Daniel. — Como é que espera que acreditemos que ele não tomou parte na morte do Francisco se estava sozinho no cemitério quando ele foi levado para lá? Se não o tiver enterrado, pelo menos sabia quem o fez!

Daniel passou dos limites. Os olhos de Emanuel flamejavam e as mãos seguravam as bordas do tampo da secretária com força suficiente para lhe deixar os nós dos dedos brancos. Daniel sabia que ele ainda só não tinha perdido as estribeiras porque, acima da raiva dos homens, falava o respeito para com Deus.

Gabriela apertou-lhe a mão debaixo da mesa e Daniel retribuiu-lhe o sinal e garantiu-lhe que não abusaria mais. Baixou o olhar para o colo e deu a Emanuel tempo de se recompor. Quando o ouviu suspirar, voltou a levantar o olhar para o dele, já mais controlado.

— Aquilo que disseste é muito grave, Daniel, mas perdoo-te, como Cristo perdoou aos homens, porque sei o desespero que tens vivido nestes dias e a dor que ainda terás de suportar nos que estão para vir. Mas peço-te, por favor, que não repitas as acusações que fizeste sobre o Norberto, porque ele não as merece.

— O Daniel pode ter-se exaltado, mas tenho de concordar com ele, padre — defendeu Gabriela. — Se o Norberto era tão bom funcionário como disse, e cumpria tão bem os seus deveres, não vai tentar convencer-nos de que não viu alguém entrar com um corpo pelo cemitério adentro e começar a abrir uma cova para o enterrar, pois não?

Emanuel fechou os olhos e mordeu o lábio. Os dedos começaram a tremer na borda da secretária. Gabriela virou os olhos arregalados para Daniel. Ele percebeu que ela também sentia que se aproximavam do momento da verdade e que também não estava preparada para ele.

E quando o corpo relaxou e os olhos voltaram a abrir-se, Emanuel era um homem derrotado.

Capítulo 18

— Quando a Polícia chegou, ontem, soube que era o fim — começou Emanuel, com a voz tomada por uma tristeza profunda. — Não queria levá-los ao arquivo dos registos das presenças, mas, se mentisse, eles acabariam por descobrir de outra forma, não é? Por isso, fui buscar o dossiê e deixei-os perceber que o Norberto tinha estado sozinho de serviço naquele dia e noite em que o Francisco foi assassinado. E claro que eles estabeleceram logo que tinha sido ele a matá-lo.

— E foi? — inquiriu Daniel, impaciente.

— Não.

— Então, o que é que aconteceu? — perguntou Daniel.

Emanuel dirigiu-se à janela. Prostrou-se lá, braços caídos ao lado do corpo e cabeça curvada para trás. Deixou-se aquecer pelo sol por um instante, enquanto reunia coragem para quebrar os seus votos.

— Até ontem à tarde, nunca acreditei, no fundo do coração, que o Norberto estivesse envolvido na morte do Francisco. Na altura, a Polícia falou connosco, como falou com quase toda a gente em Santa Cruz. Falaram comigo e com o Norberto ao mesmo tempo, e juro pelo Nosso Senhor Jesus Cristo que ele não deu qualquer sinal de ter algo a ver com o caso. Nem sequer parecia muito perturbado. Quer dizer, pelo menos não mais do que seria de esperar. Um jovem a quem

ninguém tinha nada a apontar, querido e amado pelos pais, bom aluno, sempre rodeado de amigos, a desaparecer sem deixar rasto? Claro que estávamos perturbados. O Norberto não tinha razão para saber de nada, no máximo teria sido eu a ouvir alguma coisa de alguém, mas nem eu os pude ajudar, porque não tinha realmente ouvido nada. A Polícia não voltou a querer falar connosco depois disso e eu pensei que a situação ia ficar por ali. Mas nos dias seguintes, de cada vez que falávamos do Francisco, eu dizia, e acreditem que não me orgulho do que cheguei a pensar na altura, mas era capaz de jurar que ele tinha fugido de casa. Custava-me pensar que alguém pudesse querer deixar uma casa onde era bem tratado e partir para o desconhecido, deixando a família e os amigos em sofrimento, mas... sim, foi isso que pensei.

— E continuou a pensar até ontem à tarde? — continuou Daniel.

— Sim... sim, continuei. Que outra razão podia ter havido para ele desaparecer? Isto é Santa Cruz, não é uma cidade perigosa onde haja raptos e outros crimes! Por muito que me custasse a aceitar, e ainda mais a ter de o dizer ao João Paulo e à Sandra, essas pobres almas que não mereciam o sofrimento por que passaram, tive de o fazer. Tive de lhes dizer que acreditava que o filho deles tinha decidido abandoná-los. Se pudesse voltar atrás... Se pudesse apagar tudo o que lhes disse na altura...

— É tarde de mais para isso, mas se quiser compensá-los, como nós também queremos, porque acredite que não foi o único a achar que o Francisco fugiu, conte-nos o que sabe, para chegarmos mais depressa à verdade — pediu Daniel.

Emanuel tornou a virar-se para eles, assentindo com uma seriedade que arrepiou Gabriela. Voltou a sentar-se, apoiou os braços sobre o tampo da secretária e entrelaçou as mãos ao centro.

— Quando me ouvia dizer que o Francisco tinha fugido de casa, o Norberto pedia-me sempre para não ter tanta certeza disso. Tentou chamar-me à razão várias vezes, insistindo que podia ter-lhe acontecido qualquer coisa grave, que podia não se tratar de um desvario de um adolescente e sim de algo mais grave. Mas não lhe dei ouvidos, claro. Aconselhei-o a não dizer aquilo a ninguém porque já bastava o sofrimento que o João Paulo e a Sandra estavam a viver por o filho ter decidido abandoná-los, quanto mais levá-los a pensar que

alguma coisa terrível podia ter-lhe acontecido.

— Então, foi o padre que impediu o Norberto de ir à Polícia contar que achava que o Francisco tinha sido raptado? — arquejou Gabriela.

— Eu não o impedi de nada!

— Pode não lhe ter posto fita-cola na boca, mas era o superior dele e ele não queria ir contra os seus conselhos, por isso claro que não disse nada! — acusou Daniel.

Emanuel estremeceu e baixou a cabeça, mas já não tinha escapatória.

— Sim... sim, têm razão. A culpa é minha. O Norberto sempre soube o que aconteceu ao Francisco e eu convenci-o a guardar segredo... e ele levou-o consigo para a cova.

— Ele morreu três anos depois do Francisco, não foi? — inquiriu Daniel.

— Sim.

— E, até lá, continuou a mostrar-lhe que sabia mais do que queria admitir? — continuou Daniel.

— Sim. Claro que, à medida que o tempo passou, fomos falando cada vez menos do assunto. Os primeiros meses depois do desaparecimento do Francisco foram os mais difíceis, mas, daí para a frente, foram aparecendo outros problemas e outros temas de conversa. As pessoas seguiram em frente, percebem? Como seguem sempre, aliás...

— Então, o Norberto nunca chegou a contar-lhe o que sabia? — balbuciou Gabriela.

— Não. Perdoem-me, mas a verdade é que, de cada vez que ele tentava ir buscar esse tema, eu mudava de conversa. Não queria, não, não suportava mesmo voltar a pensar na dor que o Francisco tinha causado aos pais, a vocês, aos outros amigos dele... Só queria que seguissemos todos em frente.

— O que é que o Norberto dizia antes de o padre o obrigar a calar-se? Como é que ele começava as conversas? — questionou Gabriela.

— Nunca as começava ao acaso, vinham sempre no seguimento de outro tema. A maioria das vezes acontecia quando algum jovem fazia algum disparate e eu dizia que muitos deles não tinham nada na

cabeça e acabariam por magoar as pessoas à sua volta como o Francisco tinha magoado os pais. E aí ele... ele voltava a dizer que as pessoas nem sempre são o que parecem.

Gabriela pressentiu o olhar que Daniel voltava para si, mas obrigou-se a não desviar o seu de Emanuel. Não precisava de lhe confirmar que aquela também já era a certeza mais absoluta da sua vida.

— E nunca teve vontade de ouvir o que ele queria dizer com isso? — perguntou, ainda de olhos cravados nos de Emanuel. — Nunca o deixou alongar-se mais do que isso?

— Deixei, certas vezes, mas ele ficava tão transtornado que acabava por lhe pedir que parasse. Não conseguia continuar a ouvi-lo dizer que...

— Que o quê? O que é que ele dizia, padre? — insistiu Gabriela.

— Dizia... que a culpa era toda dele.

Gabriela sentiu a garganta transformar-se em lixa. Resistiu ao impulso de a coçar, concentrando-se, ao invés disso, em moldar a voz para não denunciar o rancor que começava a nutrir por Emanuel, a pessoa que devia assegurar o livre-arbítrio dos que guiava sob a sua asa e que, afinal, impedira a única pessoa que conhecia a verdade de a divulgar.

O que não podia ir mais contra a vontade de Deus.

Todavia, e como tinha a certeza de que, desde a tarde anterior, Emanuel já teria sido capaz de chegar a essa mesma conclusão e de se sentir culpado o suficiente, decidiu que não precisava de lho recordar em voz alta.

— Como é que o Norberto morreu, padre? — acabou Daniel por perguntar.

Emanuel engoliu em seco e varreu a sala com um olhar ansioso, que tornou óbvio que se preparava para mentir.

— Ele... ele já não era novo, e por isso...

— Não, não nos venha com a treta de que morreu de velhice — questionou Daniel.

— É o que está escrito na certidão de óbito: causas naturais.

— E o que é que devia lá estar em vez disso? — insistiu Daniel.

Gabriela admirou a serenidade que Daniel continuava a exhibir. Sabia que, por detrás daquela máscara, ardia tanto de raiva quanto

ela, mas não deixava que Emanuel o visse. Foi por isso que acabou por conseguir convencê-lo a baixar a guarda e a confessar o que tinha preso na garganta.

— Eu tinha de assegurar que ele tinha direito a um enterro digno...

— Espere... ele suicidou-se? — exclamou Gabriela.

— Sim. Três anos depois de o Francisco desaparecer, e demasiado exausto de guardar segredos... chegou ao limite das suas forças.

— Como é que ele se suicidou? — perguntou Gabriela.

— Enforcou-se. Fui eu... fui eu quem o encontrou — admitiu Emanuel, num fio de voz já quase inaudível. — Uma manhã, quando cheguei cá para começar a preparar a missa do dia, encontrei-o enforcado no altar.

Gabriela afagou os braços para disfarçar o arrepio que a atravessou. Daniel estendeu a mão para lha pousar na perna, também coberta de pele de galinha. Acariciou-a, sem chegar a desviar o olhar do de Emanuel, e Gabriela deixou-o conduzir a conversa.

— Pediu à Polícia que encobrisse o suicídio para o Norberto poder ter um enterro digno aos olhos da Igreja? — continuou Gabriela.

— Sim. Não foi fácil, como devem imaginar, mas... Toda a gente tem os seus segredos, muito mais do que a maioria das pessoas pensa, e eu tenho a sorte ou o azar de ser o guardador de muitos deles.

— Ou seja, puxou os cordelinhos a uns quantos guardas e eles abafaram o caso — concluiu Gabriela..

— Sim. Podem olhar-me assim o quanto queiram. Sei que mereço. Depois de tudo o que fiz, mereço.

Merecia, mas Gabriela também merecia não ter de continuar ali.

— Obrigada por ter falado connosco, padre — disse Daniel, levantando-se. — Por agora, acho melhor ficarmos por aqui. Precisa de descansar e nós também.

— Lamento muito, acreditem, lamento muito, do fundo do coração, aquilo que fiz ao Norberto e a vocês...

— Nós sabemos. Acredite que sabemos — retorquiu Daniel, levantando-se também. — E não se preocupe, não vamos contar a ninguém o que nos disse.

— Nem à Polícia?

— Não, nós não. O padre é que tem de confessar o seu pecado —

retorquiu Daniel.

Emanuel assentiu. Ao saírem, Gabriela reparou pelo canto do olho que ele colapsava sobre a secretária, escondendo a cara nos braços cruzados. Encostou a porta em silêncio, deixando-o entregue aos seus remorsos, e acompanhou Daniel de volta à carrinha.

Só quando já aceleravam a caminho da quinta se permitiu explodir.

— O caso podia ter sido resolvido há anos se não fosse pelo Emanuel!

— Pois podia. O Norberto sabia de tudo e ele não o deixou falar.

— Achas mesmo que não devíamos contar à Polícia? Isto é demasiado grave para continuar em segredo!

— Sim, é, mas não te preocupes, o Emanuel vai falar com eles.

— Como é que podes ter a certeza disso, se se manteve calado até agora?

— Manteve-se calado porque era o único a saber disto. Agora que o levámos a falar e que ele sabe que podemos denunciá-lo assim que quisermos, não vai dar-nos tempo para isso.

— É bom que tenhas razão.

— Tenho, vais ver que tenho. Até porque ainda ninguém lhe tinha mandado à cara a culpa que ele tem no meio desta história toda. Ele agora vai querer fazer os possíveis para recuperar o lugar que acha que tem no Céu.

Capítulo 19

Estavam quase a chegar à entrada do Hotel Central quando Alexandre avistou César e Rodrigo a caminharem na sua direção.

Estacou, obrigando Mariana a travar consigo, e recebeu um olhar alarmado em resposta. Antes de ter tempo de explicar porque é que tinham parado, ela seguiu-lhe o olhar e viu os inspetores. Alexandre sentiu-lhe a mão estremecer na sua e apertou-a com mais força.

— Bom dia aos dois — cumprimentou César, parando diante deles. — Por acaso, íamos à quinta já a seguir para falar convosco.

— Há alguma novidade no caso? — perguntou Mariana.

— Nada que possamos dizer-vos por agora — retorquiu Rodrigo.

— Mas íamos à quinta falar com o Alexandre — acrescentou César.

— Comigo? O que se passa?

— Não se preocupe, é normal que agora precisemos de falar a sós com cada um de vocês, já que o primeiro testemunho que deram foi em grupo. Por acaso, não quer vir beber um café e aproveitamos para falar?

— Sim, acho que não há problema...

— Desculpe, Mariana, mas precisamos mesmo de falar apenas com o Alexandre.

— Não há problema. Vínhamos ter com o João Paulo e a Sandra,

por isso vou eu ter com eles.

— Quando estiver despachado, ligo-vos para saber onde estão — murmurou Alexandre, ao curvar-se para a beijar na testa.

Mariana esboçou um sorriso pouco convencido antes de se afastar. Alexandre esperou até a ver entrar no hotel para se virar para os inspetores.

— Podemos ir ao Café Central, se quiserem.

— Vamos onde preferir. O Alexandre é que é de cá.

Sentaram-se na esplanada do Café Central. Pediram três cafés e uma água com gelo e limão para César. Assim que a empregada de mesa se foi embora, César tirou o gravador do bolso das calças, ligou-o e pousou-o à frente de Alexandre. Tirou ainda o bloco de notas e a caneta do bolso interno do casaco e abriu-o na página onde, tal como da última vez, tinha uma série de questões apontadas.

— Depoimento de Alexandre Monteiro às 10h12 de domingo, 26 de maio de 2019, sobre o homicídio de Francisco Andrade. Alexandre, acho que está na hora de o conhecermos um pouco melhor, não acha? Temos as impressões dos nossos colegas de há nove anos, as da GNR e as de outros intervenientes na investigação, mas não há nada como ouvir da boca da própria pessoa o que ela tem a dizer sobre o caso, não é?

— Suponho que sim.

— E supõe bem. Por isso, conte-nos, por favor, quem é o Alexandre e que relação tinha com o Francisco Andrade.

— Eu e o Francisco éramos como irmãos — começou Alexandre. — As nossas mães eram as melhores amigas desde crianças, como vocês já sabem, e crescemos juntos. O Francisco foi o primeiro de nós os cinco a nascer. Mas acho que o facto de nem eu nem ele termos irmãos de sangue também ajudou a que nos aproximássemos mais.

— Os seus pais são divorciados, certo?

— Sim. Divorciaram-se quando eu tinha 13 anos.

— Sabe porquê?

— Porque a minha mãe descobriu que o meu pai andava a traí-la com uma das melhores amigas dela.

— Essa mulher era alguma das mães de...

— Não, claro que não! — ripostou Alexandre. — Era só amiga da minha mãe, do trabalho ou algo do género, já não me lembro bem.

— É sempre difícil para uma criança passar por um cenário desses — comentou Rodrigo, numa fraca imitação de empatia.

— Sim, não vou esconder que foi uma grande merda. Aliás, até o Francisco desaparecer, achava que tinha sido, bem, a pior fase da minha vida. Depois, o Francisco desapareceu e, sim, foi muito pior nessa altura.

— Já lá chegaremos — avisou César, escrevinhando algo no bloco de notas. — Voltando atrás: depois do divórcio, os seus pais dividiam a sua custódia?

— Não, isso nunca esteve em questão. O tribunal ainda tentou obrigar o meu pai a manter alguma espécie de relação comigo, naquela tanga das visitas quinzenais aos fins de semana, mas não durou muito tempo.

— Porque ele não quis ou...

— Porque *eu* não quis. Já não era nenhuma criança naquela altura e deixei claro que não queria continuar a ter uma relação com ele mais do que ele queria continuar a ter uma comigo. O tribunal acabou por desistir e não voltei a ter contacto com ele.

— Isto a partir dos 13, 14 anos?

— Ainda nos 13.

— E como é que a sua mãe lidou com tudo isso?

— Mal, claro. A minha mãe era doida pelo meu pai. Conheceram-se ainda na escola, no secundário, acho eu, quando ele e os meus avós se mudaram para Torres Vedras.

— De onde é que eles eram?

— De Bragança. A minha mãe nunca chegou a saber dizer-me muito bem por que raio vieram parar aqui, mas também nunca me interessou muito.

— Certo. Mas continue, eles conheceram-se no secundário...

— A minha mãe apaixonou-se logo por ele e, passado algum tempo, conseguiu que ele também se interessasse por ela. Tiveram uma relação normal, pelo menos pelo que me foram contando. Ninguém desconfiava de que o meu pai andava a trair a minha mãe. Até o João Paulo, que era um dos amigos mais próximos dele, me pediu desculpa por não ter sido capaz de ver o que devia ter sido óbvio.

— E depois do divórcio, o João Paulo e a Sandra ficaram do lado

da sua mãe?

— Sim, sempre. A maior parte dos amigos do grupo que eles tinham na altura apoiaram a minha mãe. Não era lá muito difícil escolher um lado naquela situação, não é?

— Claro. E, entretanto, ele deixou Santa Cruz...

— Sim, para viver com a tal amiga da minha mãe com quem a traía.

— O Alexandre teve algum contacto com ele nos anos seguintes, mesmo depois de se ter livrado da obrigação das visitas quinzenais?

— Não, nenhum. Não vejo o meu pai há 13 anos.

— E a sua mãe também refez a vida ao lado de outra pessoa ou...
— indagou Rodrigo.

— Sim, refez. Conheceu o Lourenço, cerca de três ou quatro anos depois de se divorciar do meu pai e namoram desde aí. Ele já tinha uma filha de outro casamento, a Rebeca.

— E ela aceitou bem a relação deles?

— Sim, ela adora a minha mãe. Quando os pais se divorciaram, ela ainda mal passava de um bebé, portanto, a minha mãe acabou por a acompanhar quase a vida inteira. Não tenho grande contacto com eles, mas, nas poucas vezes em que fui lá a casa, ela parecia gostar tanto da minha mãe como do próprio pai.

— Que idade é que ela tem?

— Agora tem 13... não, 14. Fez 14 há pouco tempo.

— A sua mãe está ao corrente daquilo que se está a passar aqui?
— perguntou César.

— Sim. Liguei-lhe, contei-lhe que tinham encontrado o Francisco e que eu e a Mariana íamos precisar de cá ficar durante a investigação, etc.

— Sabe se ela manteve uma boa relação com o João Paulo Andrade e a Sandra Figueiredo após o desaparecimento e morte do Francisco?

— Sim... Sim, continuaram bons amigos.

— E, no entanto, ela ainda não veio ver como eles estão — comentou Rodrigo.

Alexandre não sabia se ele pretendia tirá-lo do sério ou se estava apenas a apalpar terreno. Fosse como fosse, não podia perder a calma.

— Não, a Rebeca, a filha do Lourenço, foi operada há poucos dias,

não sei bem ao quê, mas foi uma operação complicada, e a minha mãe tem estado em casa a tomar conta dela, porque ela não consegue fazer nada sozinha. O Lourenço é porteiro num condomínio de luxo. De dia consegue dar-lhe uma mãozinha, mas à tarde e durante a noite tem de ser a minha mãe a tratar dela.

— Muito bem. Talvez precisemos de falar com ela, mas, nesse caso, ligamos-lhe. Não terá problema em dar-nos o número dela, suponho? — pediu César.

— Não, claro que não.

— Muito bem, pode dar-nos no fim da conversa. Entretanto, o afastamento do seu pai foi, digamos, a primeira de muitas perdas que sofreu antes de perder o Francisco, certo?

— Sim... Sim, perdi mais algumas pessoas. Os meus avós do lado da minha mãe morreram ainda antes do divórcio dos meus pais. Na verdade, nem me lembro da cara do meu avô. Morreu quando eu tinha 3 anos, num acidente na quinta onde trabalhava. E a minha avó morreu quando eu tinha 8 ou 9, de pneumonia.

— Dava-se bem com a sua avó?

— Sim, muito. Claro que a maioria das memórias que tenho dela já estão esbatidas, mas lembro-me de que a adorava. A minha mãe diz que ela me estragava com mimos.

— E os seus avós paternos?

— Eles só viveram em Santa Cruz durante uns anos, os primeiros da relação dos meus pais. Entretanto, voltaram para Bragança e deixei de ter grande contacto com eles. Depois do divórcio, acabou de vez. Só sei que também morreram, mas nem sei de quê.

— A única família que lhe resta é, portanto, a sua mãe, correto?

— A minha mãe e a Mariana.

— E, se não me falham as contas, quando casaram, o Alexandre tinha 22 anos, e a Mariana, 23. Um pouco precoces para a vossa geração, não acha? — comentou César.

— Talvez, mas ainda não nos arrependemos.

— Mas deviam ter acabado os cursos há pouco tempo, certo? Não foi um bocado, como é que se diz, pôr a carroça à frente dos bois? — provocou Rodrigo.

— Sim, tínhamos saído da universidade há pouco tempo, mas já estávamos a trabalhar e tínhamos a certeza de que era o passo certo a

dar. E, como disse, ainda não nos arrependemos da decisão.

— Muito bem... E casaram aqui em Santa Cruz? — atalhou César.

— Não. Tivemos um casamento pequeno, só pelo civil, em Lisboa.

— Não houve cerimónia na igreja nem copo d'água? Quem olha para a Mariana imagina o género de mulher que sonha a vida inteira com uma festa de arromba.

— Pois, mas imagina mal. Nenhum de nós queria casar pela Igreja porque não somos católicos. Foi a Mariana que sugeriu que fôssemos à conservatória só com os nossos pais e o irmão dela.

— Estou a ver... E a Gabriela e o Daniel não foram convidados para o vosso casamento? — indagou Rodrigo, sem esconder a surpresa.

— Não.

— E não é estranho estarem agora todos juntos e eles saberem que não estiveram presentes no vosso grande dia?

— Não sei. Ainda não falámos disso.

— Bem, terão tempo para isso, mas estamos a adiantar-nos no que precisamos de ver consigo — resmungou César. — Como é que começou a sua relação com a Mariana?

— Da mesma forma que começou a minha com o Francisco. Vocês lembram-se da piada que o João Paulo fez sobre as nossas mães terem todas combinado ter-nos mais ou menos ao mesmo tempo para crescermos como irmãos?

— Sim, lembramo-nos. E foi dessa forma que olhou para a Mariana durante muito tempo, como uma irmã?

— Sim, isso mesmo, tal como olhei para a Gabriela e o Daniel.

— Só que chegaram a uma idade em que isso mudou...

Alexandre conseguiu por fim perceber onde ele queria chegar com tudo aquilo. Sentiu o estômago retorcer-se e soube que César o conseguira pressentir. Viu-o recostar-se na cadeira, dando-lhe tempo para recuperar a fala enquanto bebericava da sua água com limão. Rodrigo, que desde o início mantinha os olhos fixos nos seus como um abutre à espera de que a presa morresse para lhe saltar em cima, inclinou-se para a frente, antecipando o momento em que ele começaria a ceder à pressão.

— Sim, nós... Começou a haver algumas mudanças entre nós...

— Disseram-nos que a Mariana e o Francisco namoraram entre o

décimo e quase o fim do décimo primeiro ano, correto? — confirmou César.

— Sim.

— Esta foi a única relação amorosa que houve no seio do vosso grupo?

— Não — admitiu Alexandre, engolindo em seco para tentar dissolver o nó que a ansiedade começava a formar-lhe na garganta. — Eu e a Gabriela também namorámos.

— Com que idade?

— Tínhamos 11, não, 12 anos... Não me lembro bem, foi uma coisa de miúdos e durou meia dúzia de dias, não teve importância nenhuma. Dávamos uns beijos e andávamos de mão dada na rua, mais nada.

— Gostava dela?

— Claro que gostava dela. Não ando aos beijos a pessoas de que não gosto.

— Mas como é que se deu a mudança? Porque, já que cresceram como irmãos, o Alexandre foi ensinado a olhar para ela quase como sangue do seu sangue e não como alguém com quem pudesse ter uma relação, não é?

— Sim, mas estas coisas acontecem, sei lá... Não me lembro bem, pode ter sido por o Daniel, o Francisco ou a Mariana terem feito alguma piada sobre o assunto, ou outro amigo ou colega nosso na escola, ou só porque nos apetecia dar uns beijos a alguém que quisesse alinhar connosco sem grandes chatices... A sério que não me lembro bem. Só sei que não durou muito tempo.

— E acabou bem?

— Sim, claro. Continuámos a ser os melhores amigos depois disso.

— Então, em que altura surge o seu interesse pela Mariana?

Alexandre baixou o olhar para a chávena. Já a esvaziara, mas continuava a rodar a colher no fundo. Livre da pressão dos olhares de César e Rodrigo, foi-lhe quase demasiado fácil afundar-se na memória daquele dia.

Tinha noção de que nem todas as pessoas se dão conta com aquela clareza do instante em que se apaixonam por alguém. Muitos casais de amigos que conhecera ao longo da vida não eram capazes de apontar o momento exato em que tinham percebido que gostavam um do

outro. Ele, contudo, conseguia, com uma nitidez que o passar dos anos não fora capaz de esbater.

Já passava da uma e meia da manhã de 7 de junho de 2008 e os pés doíam-lhe tanto que não fazia ideia de como conseguia continuar a saltar. Gabriela também já se queixara dos pés e das costas. Daniel e Francisco, sem quererem dar parte fraca, claro, insistiam que não lhes doía nada e que podiam continuar naquilo dias a fio. Mariana era a única do grupo em quem Alexandre acreditava quando dizia que estava demasiado feliz para sentir dores em qualquer lado. O seu cérebro era uma máquina imbatível a desfocar-lhe a atenção de qualquer detalhe que pudesse minar a alegria que estava a sentir. E, se não estivessem tão apertados entre a multidão, talvez já se tivessem dado conta do vento gelado que começava a levantar-se. Mais tarde, enquanto subissem até à saída do Parque da Bela Vista, Alexandre dar-se-ia conta de que o casaco que vestira ao cair da noite já não era suficiente. No entanto, ainda nenhum se atrevia a pensar nisso. Agora, tudo o que interessava era a música.

Estavam a saltar há horas, embalados pelo ritmo da muralha de gente que os envolvia. Tinham conseguido ficar logo nas primeiras filas a contar do palco e não tinham arredado pé dali desde que o primeiro artista o pisou. Porém, foi ao verem chegar os Linkin Park, a banda que os levara ali, que atingiram o êxtase. Assim que Chester Bennington começou a berrar para o microfone, Alexandre esqueceu-se de todas as dores. Era a sua banda preferida, o seu cantor preferido, as suas músicas preferidas. Era a sua salvação.

A dada altura, durante o primeiro refrão de *Shadow of the Day* — ainda hoje não sabia ao certo o porquê de ter sido naquele momento —, virou-se para trás e viu Mariana. De olhos fechados, com os lábios rasgados num sorriso enorme, os braços erguidos acima da cabeça e as ancas a moverem-se num embalo hipnótico, toda ela era música.

O coração de Alexandre parou ao olhar para ela. Os *All Star* encardidos, as calças de ganga de cintura demasiado descida, o top de alças preto cortado muito acima do umbigo, as grandes argolas prateadas nas orelhas, as várias pulseiras e a maquilhagem carregada, tudo a fazia parecer uma estrela rock, e ele não conseguia desviar os olhos dela. Deu por si a querer tocar-lhe, a querer puxá-la contra si e beijá-la, e o absurdo daquilo deixou-o transido de medo e incapaz de

se mexer.

Chester atacou o último refrão, o apogeu da música, e Mariana abriu os olhos. As luzes de palco iluminaram-nos como dois faróis na escuridão e Alexandre sentiu o queixo bater-lhe nos pés enquanto o coração voltava à vida.

Mariana era a miúda mais bonita do mundo.

Ela ainda não reparara que ele estava a olhar para ela. Não desviava os olhos marejados de lágrimas do palco e os lábios tinham começado a mover-se ao ritmo dos de Chester, a acompanhar a letra da música que, daí em diante, se tornaria o hino de Alexandre.

A meio do último refrão, a segundos de terminar a música, algo a fez olhar para baixo. Ainda hoje, ele não sabia porquê. Mas olhou, desviou o olhar de Chester e baixou-o para o seu. Cravou os olhos nos dele, no corpo dele, na alma dele, e nunca mais o soltou. Sorriu-lhe, por uma fração de segundos, e voltou a olhar para a banda logo de seguida. Continuou a cantar, a dançar, a saltar com o final dessa música e com todas as que se seguiram. Alexandre também acabou por voltar a virar-se para o palco e a tentar concentrar-se no resto do concerto, mas foi em vão.

Aquele momento mudou tudo.

Mas esta era a verdade, não a versão que toda a gente conhecia, e era essa que tinha de contar a César e a Rodrigo.

— Eu e a Mariana nunca tivemos nada... romântico, quer dizer, até às férias de verão do segundo ano na universidade.

— Isto em... 2011, certo? — calculou César, espreitando num instante para o que rabiscara no bloco de notas. — Já mais de um ano depois da morte do Francisco?

— Sim. Estávamos numa festa organizada por uns colegas meus, mas aberta a toda a gente. Eu estava a tirar Marketing e Publicidade na Escola Superior de Comunicação Social, em Benfica, e ela estava em Enfermagem, na Universidade de Lisboa. A festa foi numa casa que, na altura, era partilhada por quatro colegas, dois do meu curso, outro de Jornalismo e outro de Educação, que era a faculdade do Politécnico de Lisboa mais próxima da nossa. Como cada um deles conhecia muitas pessoas de fora do Politécnico, a festa acabou por ter pessoal de uma data de cursos e faculdades. O tipo da Escola de Educação conhecia por acaso outro tipo qualquer que estava na turma

da Mariana e que a convidou, por isso ela também acabou por aparecer na festa.

— Então, não foram juntos?

— Não, não, na altura já não éramos assim tão próximos. Até só nos cruzámos já muito depois de eu ter chegado. Fui à varanda com dois colegas, porque estávamos a meio de uma conversa e eu não queria esperar que eles acabassem de fumar e voltassem para a sala para continuarmos, e passado um bocado a Mariana foi lá ter com duas amigas. Fizemos uma festa quando nos vimos e ficámos a falar depois de as amigas dela e os meus colegas voltarem para dentro.

— Só a falar?

— Sim... Ao início, pelo menos. Não me lembro bem como é que uma coisa levou à outra, mas foi nessa noite que começámos a namorar.

— Não se lembra? Não estavam conscientes? — acusou César.

— Estávamos, sim, claro que estávamos. Já tínhamos bebido um bocado, mas estávamos conscientes, atenção. E não a forcei a nada, se é isso que estão a pensar. Tudo o que fizemos, foi porque ambos quisemos.

— Muito bem. E estão juntos desde essa altura, correto?

— Sim.

— Mas não acha estranho, tendo em conta que já tinham namorado com outros amigos e que tinham, como o Alexandre disse, crescido como irmãos, começado a sentir-se atraídos romanticamente um pelo outro a partir daquela noite?

— Sim, claro que houve alturas em que parámos para pensar nisso, mas... não escolhemos quem acabamos por amar, não é? Nunca escolhemos.

César anuiu e tornou a recostar-se na cadeira. Alexandre quase chegou a acreditar que estava a alcançar terreno firme, mas o sorriso que ergueu um dos cantos da boca do polícia dissipou-lhe a esperança.

— Deixe-me pôr isto de forma muito clara, Alexandre: não acredito numa palavra do que acabou de dizer. Não me consegue convencer de que só começou a gostar da Mariana a partir dessa tal festa. Cá para mim, já gostava dela muito antes disso.

— Não, não gostava, eu...

— Não vale a pena. Acha que nasci ontem? Está a suar em bica e

quase se engasgava a contar a historinha da festa. Quer que lhe diga o que acho?

Alexandre cerrou os lábios com força e César lançou-se sobre ele.

— Acho que já tinha deixado de olhar para ela apenas como amiga há muito tempo. Desde o tempo em que ela e o Francisco namoravam. Talvez até desde o tempo em que namorava com a Gabriela.

— Não. Isso não.

— Ah, isso não, mas o resto sim, certo?

Obrigando-se a respirar fundo, Alexandre invocou o seu tom mais cordial. Não precisava de olhar à volta para se dar conta de que a esplanada estava a abarrotar. Se perdesse as estribeiras, chamaria as atenções de toda a gente sobre si e daria azo a ainda mais mexericos de que nenhum deles precisava naquela altura.

Tornou a encher o peito de ar, cravou o olhar no de César e desejou poder pregar-lhe o murro que ele merecia.

— Talvez sim... talvez tenha começado a vê-la como mais do que amiga antes da festa.

— Ou seja, durante o período em que ela namorou com o seu melhor amigo. O que significa que tinha ciúmes deles — concluiu Rodrigo.

— Não vá por aí. O que é que vai sugerir? Que matei o Francisco para poder ficar com a Mariana?

— As palavras são suas. — sorriu Rodrigo.

Alexandre voltou a baixar o olhar para a chávêna. Tinha noção de que cada palavra que dizia, César e Rodrigo o enterravam mais. Fechou os olhos e concentrou-se no facto de que, por mais ridículo que fosse que eles pudessem chegar sequer a pensar naquela hipótese, não era assim tão chocante que o fizessem.

Não tinham estado lá toda a vida deles. Não tinham estado lá em todas as vezes que Francisco o ajudara, o protegera, o salvara. Não tinham estado lá e, por isso, não tinham por que acreditar que ele preferiria cortar um braço a fazer algo contra o Francisco.

Não, eles não tinham estado lá, mas ele tinha. E tinha de os fazer compreender.

— O Francisco era meu irmão. Nunca faria nada para o magoar.

— Mesmo que ele namorasse com a rapariga dos seus sonhos? —

insistiu César.

— Mesmo assim. Eles eram felizes e isso era o mais importante para mim.

— Vai mesmo tentar dar-nos baile com essa, Alexandre? Desde quando é que pensamos no bem-estar dos outros antes de pensarmos no nosso?

— Talvez vocês não o façam, e se calhar é por isso que só conseguem ver mal em tudo e em toda a gente, mas eu não. Eu nunca seria capaz de magoar um amigo para poder ficar com uma rapariga.

— OK, muito bem. Mas então, e a acreditarmos nisso, como é que justifica o facto de nos ter mentido no depoimento que nos deu ontem?

— *O quê?* Eu não menti!

— Não? Talvez seja melhor recordar que nos disse que no dia 20 de junho de 2010, domingo de manhã, deu boleia ao Daniel até à quinta...

— Sim, e dei!

— E que depois foi para sua casa e ficou lá com a sua mãe o resto da tarde.

— Sim, foi isso que eu disse.

— Pois foi, isso sabemos nós. Mas também sabemos que não é verdade. E sabe que mais? Também sabemos que voltou à casa dos Andrade durante aquela tarde.

Capítulo 20

Sandra abriu a porta do quarto pouco depois de Mariana bater.

— Olá, Mariana. O Alex não veio contigo?

— Deixe-me entrar e já explico.

Avançou pelo quarto. Era pequeno, mas confortável, com mobília clara e decorado em tons pastel, com quadros de naturezas mortas nas paredes. Sandra fechou a porta e foi sentar-se aos pés da grande cama de casal. Cruzou as pernas e os braços, e cravou os olhos preocupados nos dela.

— Então?

— Já estávamos a chegar aqui à entrada quando apareceram os inspetores e quiseram falar a sós com o Alex.

— O quê? Mas porquê?

— Dizem que vão querer falar com cada um em separado, já que falámos todos juntos da primeira vez. Devem querer confirmar se voltamos a dizer as mesmas coisas ou se algum se descaí e fala mais do que deve.

— Pois, era de esperar... Mas lamento, ainda assim, que o Alex tenha sido o primeiro.

— Primeiro ou último, iam sempre querer falar com ele.

— Sim, tens razão... Anda, senta-te aqui um bocadinho. Estás a tremer, filha.

— É da diferença de temperatura. Está um frio dos diabos neste quarto.

— É o ar condicionado. Queres que o baixe? Desculpa, é que já não aguento o calor.

Sandra foi à mesa de cabeceira buscar o comando do ar condicionado. Mariana não pôde deixar de pensar que era bem possível que ela não suportasse o calor físico por que há muito que deixara de sentir o psicológico.

Sandra não teve tempo de voltar a sentar-se ao lado de Mariana quando ouviram as batidas na porta.

— Posso? — perguntou João Paulo, a espreitar para dentro do quarto.

— Sim, entra — convidou Sandra.

— Ah, olá, Mariana. Não era suposto irmos ter contigo e com o Alex lá abaixo?

— Sim, mas os inspetores apanharam-nos quando estávamos a chegar e quiseram falar com ele a sós.

— Porquê? — inquiriu João Paulo.

— Estão a começar a ronda dos interrogatórios individuais, para verem se as histórias de toda a gente batem certo, ouvidas em separado — disse Sandra.

— Lamento, Mariana — murmurou João Paulo, pousando-lhe uma mão no ombro. — Como é que estás?

— Estou bem. A sério, estou bem. Só espero que o Alex não se passe da cabeça se eles começarem a abusar nas perguntas.

— Gostava de poder dizer-te que tenho a certeza de que isso não vai acontecer, mas... Ele não é a pessoa mais calma sob pressão, pois não?

— Não, não é mesmo — assentiu Mariana.

— Já lhe contaste da jornalista? — perguntou João Paulo, virando-se para Sandra.

— Que jornalista? — repetiu Mariana, entrando logo em alerta.

— Ainda não, ela acabou de chegar — desculpou-se Sandra. — Veio cá uma jornalista há pouco ver-nos. Queria conversar connosco sobre o Francisco...

— *O quê?* E vocês falaram com ela? — perguntou Mariana, indignada

— Não lhe demos muitas informações, calma — garantiu João Paulo. — Ela é do *Público* e vai ficar cá por Santa Cruz para acompanhar o caso. Chama-se Leonor...

— Marques — completou Sandra.

— Sim, isso mesmo, Leonor Marques. Bem, de qualquer forma, ela só queria apresentar-se e confirmar alguns números e dados para ter a certeza de que os punha bem na notícia — completou João Paulo.

— Têm de ter cuidado com a comunicação social — avisou Mariana. — Essa jornalista até pode ter parecido simpática, e se calhar até veio com a melhor das intenções, o que custa a crer pelo que temos visto estes dias, mas o mais provável é que seja só manha e que tenha vindo atrás do vosso sangue como os outros. Nesta fase, o melhor era não falarmos com nenhum meio...

— Está bem, não te preocupes, não voltamos a abrir a porta — assegurou Sandra.

— E foi só com ela que falámos — confirmou João Paulo. — O Hélder ligou-nos ontem, no caminho para cá, e disse que o jornalista do *Badaladas* que está a cobrir o caso lhe pediu os nossos números para poder ligar-nos, mas ele não deu.

— Claro que não, que raio de ideia! — exclamou Mariana.

— O jornalista deve ser novo e ainda não sabe bem com quem está a lidar. O Hélder nunca lhe daria os nossos números sem falar connosco primeiro — disse João Paulo, levantando as mãos a pedir calma quando viu Mariana prestes a começar a reclamar. — Mas está bem, está bem, já sabemos: mesmo que ele nos ligue, dizemos que não queremos falar.

O telemóvel de Mariana começou a tocar antes que ela pudesse responder. Ainda lançou a João Paulo um último olhar de censura enquanto o tirava da mala. Reparou que era Daniel e atendeu.

— Daniel?

— Olá. Onde estão?

— Estou só eu com a Sandra e o João Paulo no Hotel Central.

— E o Alex?

— Está a falar com a PJ.

— O quê? Por que raio...

— Olha, explico-te e à Gabriela quando formos ter convosco. Onde estão?

— A caminho da quinta. Venham lá ter, temos novidades sobre o Norberto.

— OK, estamos a caminho.

— Está tudo bem com o Daniel? — indagou João Paulo, assim que ela desligou.

— Está, não se preocupe. Mas temos de ir andando para a quinta.

João Paulo e Sandra trocaram um olhar carregado de preocupação, mas assentiram e dirigiram-se à porta sem fazerem mais perguntas. Mariana enviou uma mensagem a Alexandre a avisá-lo de que iam para a quinta e depois estugou o passo atrás deles.

Durante a viagem, João Paulo manteve o rádio ligado na TSF, onde acabou por passar uma peça sobre Francisco.

— A Polícia Judiciária confirmou ontem, ao final da tarde, a conclusão da autópsia ao corpo de Francisco Andrade, o jovem de 18 anos que desapareceu há nove anos da casa onde morava com os pais, no centro da vila de Santa Cruz, e que se descobriu que foi enterrado ilegalmente no cemitério de S. Miguel, o principal do concelho. A autópsia não foi conclusiva quanto à causa da morte...

Mariana viu Sandra arrepiar-se. Não sabia o que custaria mais: saberem de uma vez por todas a causa da morte, mesmo que tivesse sido ainda mais brutal do que imaginavam, ou continuarem naquela dúvida sufocante.

— Uma vigília em honra de Francisco terá lugar esta tarde no colégio que ele frequentou entre o décimo e o décimo segundo ano. A ideia partiu do diretor do estabelecimento, Jorge Barroso, que defendeu a vontade de todo o corpo docente de prestar homenagem a um bom aluno, colega e elemento da comunidade estudantil que deixou saudades...»

Com medo de que João Paulo a pudesse ver pelo espelho retrovisor, Mariana conteve-se para não revirar os olhos. Limitou-se a torcer as mãos no colo, como gostaria de poder torcer em volta do pescoço de Jorge Barroso.

Sandra, adivinhando-lhe o incómodo, mudou para outra estação. Uma animada batida pop encheu o carro. A única resposta de João Paulo foi pressionar o acelerador com mais força.

Ao chegarem à quinta, os portões estavam apenas encostados. Foram estacionar ao lado da carrinha de Daniel e encaminharam-se

para a casa. A porta também fora deixada encostada.

— Estamos na cozinha! — chamou Daniel.

Encontraram-no a pôr uma panela ao lume. Gabriela, ao seu lado, ralava cenoura sobre uma montanha de alface e rúcula que quase enchia uma saladeira de vidro.

— O Alex ainda está com a PJ? — perguntou Gabriela.

— Sim, mas avisei-o para vir cá ter quando se despachasse.

— Ótimo. Nós também só chegámos há uns minutos.

— Como correu com o padre Emanuel?

— Se calhar, é melhor esperarmos que o Alex chegue e contamos tudo de uma vez... — sugeriu Gabriela, lançando um olhar desesperado a Daniel.

— Sim, é melhor, a menos que ele demore.

— Pode ser que não. Entretanto, uma jornalista foi ao hotel falar com eles — informou Mariana, ignorando o olhar ressentido que Sandra lhe lançou. — Mas já lhes disse que o melhor é não falarem com ninguém.

— Claro que não! Eles vão pegar no que vocês disserem e exagerar tudo, já sabem como é! — concordou Daniel.

— Esta jornalista não parecia nada do género de se pôr com invenções nem exageros. Até nos pareceu muito terra-a-terra... — murmurou Sandra.

— O que é que ela queria, afinal? — perguntou Gabriela.

— É jornalista do *Público* e veio acompanhar a investigação do Francisco. Diz que é um caso que está a chocar o país e que, por isso, os meios de comunicação não podem deixar de o acompanhar. As pessoas querem saber o que lhe aconteceu.

— As pessoas querem meter os narizes nas vidas das outras para se poderem gabar de as suas serem tão melhores e mais felizes — reclamou Gabriela.

— De qualquer forma, esta jornalista só foi ter connosco para confirmar alguns nomes e números para a reportagem que está a escrever — disse João Paulo.

— Pronto, então se já confirmou o que tinha a confirmar, agora não lhe deem mais trela, está bem? — aconselhou Daniel.

— Sim, não se preocupem, vamos ter cuidado.

Era óbvio que João Paulo e Sandra não queriam continuar a

conversa, por isso deixaram-na ficar por ali. Disseram que esperariam por Alexandre na sala de estar, a ver se dava mais alguma coisa nas notícias.

Depois de eles saírem, Gabriela pediu a Mariana que lhes contasse como César e Rodrigo os tinham encontrado. No fim, o olhar alarmado que os dois trocaram lançou-lhe um nó no estômago.

— Não há problema nenhum. O Alex vai limitar-se a dizer aquilo que disse quando falámos todos juntos, por isso escusam de fazer essas caras.

— Escusamos? Não achas estranho a PJ querer falar com ele em primeiro lugar, de nós os quatro? — insistiu Daniel.

— Se não fosse ele, seria um de nós.

— Mas... e se ele se enerva? — murmurou Gabriela.

— Sim, Mariana, por muito que gostássemos que não fosse assim, todos sabemos que o Alex ferve em pouca água... E se ele se descai e diz mais do que deve? — juntou-se Daniel, baixando ainda mais a voz. — Sabes do que é que estou a falar...

— Sim, sei, mas não interessa — ciciou Mariana. — Ele não fez nada ao Francisco, por isso eles que tentem picá-lo com o que quiserem, não vai fazer diferença. Afinal, não é ele quem está a guardar segredos sobre o que se passou naquela noite.

Daniel lançou-lhe um olhar duro antes de se virar para o forno. Mariana calou-se, mas não conseguiu esquivar-se da cotovelada e do olhar acutilante de Gabriela. Ainda assim, suportou-os sem reclamar. Desejava, apesar da aspereza com que falara, tê-los convencido.

Porque se eles acreditassem nela, talvez, por milagre, a Polícia também acreditasse em Alexandre.

Capítulo 21

Um arrepio desceu pela coluna de Alexandre, enquanto uma película de suor lhe cobria a testa, ao encarar os olhares incisivos de César e Rodrigo.

Porém, deu-se conta de que o arrepio afinal era um misto de choque e alívio.

No fundo, precisava de se libertar do peso daquela mentira.

— Então, Alexandre? O gato comeu-lhe a língua? — provocou Rodrigo.

— Não.

— E não vai tentar negar que voltou à casa dos Andrade na tarde de domingo, certo? — continuou a perguntar Rodrigo.

— Eu não voltei lá...

— Temos uma testemunha ocular que nos garante que o viu ir na direção da casa dos Andrade entre as três e as quatro e meia da tarde de domingo — informou César.

— Isso é um intervalo bem grande.

— Pois é, e é por isso que não nos confirma ao certo a que horas lá foi? — insistiu César.

— Não posso confirmar.

— Não pode confirmar porque não tem bem noção das horas ou não pode confirmar que lá foi? Porque já nos parece um bocado tarde

para tentar negar que mentiu à Polícia nas duas vezes que lhe foi perguntado pelo seu paradeiro na tarde daquele domingo — continuou a questionar César.

— Sim, é verdade que menti nesta questão, mas só porque...

— Porque achava que não havia nenhuma testemunha para o denunciar? — perguntou Rodrigo.

— Não, menti porque... Olhem, a questão é que essa testemunha não ficou à janela ou à esquina da rua ou onde raio me esteve a espiar tempo suficiente para ver que não cheguei a entrar em casa do Francisco.

O olhar que César e Rodrigo trocaram deixou claro que não estavam à espera daquilo. A sensação de começar a recuperar o controlo da situação fez Alexandre endireitar-se na cadeira.

— Se me deixarem explicar, vão ver que não fazia diferença ter contado, na altura ou agora, que passei perto da casa do Francisco naquela tarde.

— Muito bem, somos todos ouvidos — disse Rodrigo..

— OK. A razão para não ter contado a ninguém que saí de casa no domingo à tarde foi por não querer que o Daniel, a Gabriela e a Mariana descobrissem como eu era fraco e... e como continuava atrás da Tatiana.

— Não estamos a perceber... O que é que a Tatiana tem que ver com a casa do Francisco? — perguntou Rodrigo.

— Esperem... Vocês não se deram ao trabalho de verificar onde é que ela morava? — indagou Alexandre, e continuou ao ver a atrapalhão em que César e Rodrigo caíam. — Pois claro que não. Típico. Ficam a saber que a Tatiana e os pais moravam três casas abaixo na rua dos Andrade.

— Então, na verdade, ia a caminho da casa da sua ex-namorada? — perguntou César.

— Sim.

— Mas a testemunha que o identificou frisou bastante bem que o viu parado à porta dos Andrade alguns minutos — insistiu Rodrigo, deitando uma olhadela de viés ao apontamento do colega, rabiscado junto à pergunta sobre a qual pendia a caneta.

— E é verdade. A história completa é esta: disse à minha mãe que ia a casa de um colega nosso, o David Alves...

— O mesmo com quem o Alexandre e o Francisco tinham jogado computador duas noites antes?

— Sim, esse mesmo. Disse-lhe que ia a casa dele jogar mais um bocado, um jogo que tinha de se jogar a pares. Fazia aquilo várias vezes porque o David jogava mesmo muito bem e, sempre que tínhamos oportunidade, fazíamos par contra outros colegas.

— Portanto a sua mãe não acharia estranho que quisesse ir jogar com ele — insistiu César.

— Exato. Por isso, deixou-me ir e continuou a ver televisão. E eu saí de casa com a intenção de ir direto à casa da Tatiana e implorar-lhe que me aceitasse de volta. Quando estivesse sozinho e sem ninguém a atirar-me à cara que ela me tinha traído e que era uma cabra e que não me merecia... Bem, vocês sabem como é. De certeza que já andaram pelo beicinho por alguém e sabem que há alturas em que deixamos de dar ouvidos aos conselhos que nos dão e só ligamos à vontade de estar com essa pessoa.

— Sim, sabemos o que isso é. Por isso, deixou de se importar com o que os seus amigos lhe tinham dito e quis retomar a relação com ela? — insistiu César.

— Sim. Fui a pé até casa dela, para ter mais tempo para pensar numa forma de a convencer a voltar para mim. Nem quis saber do que o Francisco e os outros tinham dito, só a queria de volta. Só que quando passei em frente à casa do Francisco...

— Perdeu a coragem — concluiu César. — Lembrou-se daquilo que o Francisco lhe tinha dito na noite anterior e começou a repensar a ideia de voltar para a Tatiana.

— Sim. Sim, foi isso mesmo — admitiu Alexandre, desviando o olhar para o fundo da rua. — Fui mesmo até à porta dele e estive quase, estive a um segundo de tocar à campainha e pedir-lhe para me deixar entrar. Estava disposto a contar-lhe que estava a fraquejar e acho que... No fundo, acho que queria que ele me abrisse os olhos, nem que fosse à bruta, e me mostrasse o idiota que estava a ser.

— Então, porque não o fez? Porque não chegou a tocar à campainha? — perguntou César.

— Porque olhei na direção da casa da Tatiana e voltaram-me à cabeça todas as razões que me tinham feito querer ir falar com ela. Voltei a vacilar, sim, voltei. Não me orgulho disso, mas dei meia-volta,

afastei-me da casa do Francisco e fui tocar antes à campainha dela.

— A Tatiana vai confirmar-nos que falou consigo quando lhe perguntarmos? — perguntou César.

— Não, porque não cheguei a conseguir falar com ela. Toquei várias vezes à campainha, mas acabei por desistir e voltei para casa. Mais tarde, descobri que ela tinha estado com os pais na praia o dia inteiro.

César fez uma pausa, na qual acenou à empregada para pedir a conta. Ela acenou em resposta e voltou a entrar no café. César tornou a inclinar-se sobre a mesa e a fixar em Alexandre um par de olhos do mais cético possível.

— Alexandre, vamos ser muito honestos consigo: não contou a ninguém a verdade sobre o que o levou a sair de casa naquela tarde, por isso ninguém pode defendê-lo. Nem a sua mãe, nem esse tal colega David, que presumo que nem sequer tenha avisado para o cobrir no caso de a sua mãe ligar à dele a confirmar que o Alexandre estava lá em casa. E isto tudo à hora que já foi confirmada como aquela em que ocorreu o homicídio. Portanto, bem vistas as coisas, não temos como confirmar o seu álibi para a hora em que o Francisco foi morto.

— Eu sei que estou em maus lençóis, OK? Mas aquilo que disse é a verdade.

— É o que nos caberá provar — declarou Rodrigo, com um sorriso escarminho. — Tem mais alguma coisa para nos contar que tenha achado boa ideia esconder até agora?

— Não. Isto foi a única coisa que não contei porque achei mesmo que não faria diferença na investigação. Não cheguei a ver nem a falar com o Francisco, por isso não valia de nada contar que tinha passado perto da casa dele.

— E não quis mostrar o lado fraco ao deixar os seus amigos perceberem que tinha vacilado e ido contra aquilo que eles o tinham aconselhado a fazer na noite anterior — afirmou Rodrigo.

— Sim... Sim, por isso também.

— Muito bem. Pois, Alexandre, é como disse: está mesmo em maus lençóis. Mas se aquilo que disse é a verdade, não há de demorar para que a provemos — decretou César, com uma réplica do sorriso de Rodrigo.

A empregada voltou com a conta. Rodrigo pagou em dinheiro

vivo, a empregada agradeceu e voltou a afastar-se, enquanto César apontava o número da mãe de Alexandre no bloco de notas.

— Bem, ficamos por aqui, pode ir à sua vida — disse César, levantando-se.

Alexandre e Rodrigo imitaram-lhe o movimento.

— Percebo que neste momento têm todas as razões para me pôr no topo da lista de suspeitos, mas juro que não fiz nada ao Francisco — garantiu Alexandre. — Pronto, é verdade que já gostava da Mariana na altura em que eles namoravam, mas juro que não tinha esses ciúmes doentios que vocês acham que tinha por eles nem fiz nada ao Francisco para poder ficar com ela.

— É o que nos diz. Resta saber se vamos conseguir prová-lo. E antes que peça, não, não vamos contar nada desta conversa à Mariana. As mentiras que contam um ao outro só a vocês dizem respeito. A menos que venha a revelar-se importante para a investigação, não vamos meter-nos no assunto — garantiu César.

— Obrigado.

— Temos de ir. Mantenha-se contactável, sim? — avisou Cesar.

Alexandre concordou e deixou-os virarem costas e afastarem-se pela rua no mesmo sentido de que tinham vindo momentos antes.

Esperou que se afastassem o suficiente para não o ouvirem e tirou o telemóvel do bolso. Tinha uma mensagem de Mariana a avisar que fora com João Paulo e Sandra para a quinta. Respondeu-lhe que estava a caminho e dirigiu-se ao carro, dando-se conta de que o nó que César e Rodrigo lhe tinham provocado no estômago não se dissolvia.

Ainda que eles não revelassem a Mariana aquilo que lhes confessara, ela haveria de descobrir. Tudo o que julgavam que ficaria enterrado estava a voltar à superfície, por isso não podia convencer-se de que aquele segredo em especial continuaria a salvo.

Não apanhou trânsito até à quinta, por isso passou pela porta principal da casa sem ter ainda conseguido dominar-se o suficiente para não dar nas vistas. Assim que entrou na sala de estar, todos os pares de olhos se cravaram nos seus. Sentiu um novo arrepio enquanto os cumprimentava com um aceno breve. Mariana foi a única a levantar-se e a avançar para si.

— Como correu com a PJ?

— Correu bem, está tudo bem.

O olhar irónico dela confirmou-lhe que não a convencera. Alexandre puxou-a para um beijo e esforçou-se por soar mais credível.

— Falamos logo à noite, está bem? Mas não tens nada com que te preocupar.

Ela fingiu-se mais segura antes de lhe retribuir o beijo e tornar a ocupar o sofá.

— Como estás, filho? — perguntou João Paulo.

— Está tudo bem. A sério, não têm com que se preocupar. E agora, contem-me como correu a conversa com o padre Emanuel, vá lá.

Sentou-se ao lado de Mariana enquanto Daniel e Gabriela se lançavam no relato. Chegando à parte em que Emanuel admitia ter impedido Norberto de contar à Polícia o que sabia, João Paulo perdeu a paciência. Levantou-se e começou a vaguear entre os dois cadeirões mais distantes, os olhos a ferverem, sem, contudo, impedir Daniel e Gabriela de chegarem ao fim da explicação.

— Portanto, estamos de volta à estaca zero — concluiu Daniel.

— Não, não estamos. Aliás, já nos afastámos bastante de lá — retorquiu Mariana.

— Porque dizes isso? — perguntou Alexandre.

— Porque, pelo menos para mim, é óbvio, por aquilo que o padre disse, que não foi o Norberto a matar o Francisco.

— A sério que foi isso que deduziste? Olha que eu fiquei com a impressão contrária! — alertou Gabriela.

— Talvez, mas diz-me lá que lógica é que teria o Norberto matar o Francisco, enterrá-lo às escondidas e depois aproveitar cada oportunidade que surgia para chamar a atenção sobre si?

— OK, não estou a dizer que não possas ter razão, mas também podes olhar para a situação de outro ângulo: às vezes é o que está mesmo debaixo dos nossos narizes que não somos capazes de ver, não é? — disse Gabriela, olhando em redor para ver se alguém a apoiava. — Se tiver sido o Norberto, escondeu o corpo do Francisco no sítio onde trabalhava e passava os dias e noites inteiros, para que, caso o corpo fosse descoberto, ninguém achasse que teria sido um dos trabalhadores da paróquia a ser estúpido o suficiente para o pôr lá!

— Sim, isso seria uma verdadeira loucura — concordou João

Paulo.

— Pois seria, mas aposto que foi isto mesmo que o Norberto pensou! — concluiu Gabriela

— Continuo a achar que não — insistiu Mariana. — OK, a teoria de esconder o crime à vista de toda a gente teria lógica, sim, se a seguir ele tivesse tentado passar despercebido. Mas não foi isso que fez, pois não? Segundo o padre Emanuel, ele admitia com todas as letras que a culpa era dele!

— Pode ter começado a ficar com a consciência pesada — sugeriu Daniel, com um encolher de ombros.

— A sério que vais por aí? Remorsos? — gozou Mariana.

— Sei lá! Não faço ideia do que se passou naquele dia! Não sei se, mesmo tendo sido o Norberto a matar o Francisco, não foi um impulso, uma coisa de segundos de que depois se arrependeu quando a cabeça arrefeceu e ele viu o que tinha feito.

— Se se tivesse arrependido, teria ido à Polícia, não acham? Não é isso que uma pessoa normal faria? — perguntou Sandra.

— Uma pessoa normal, sim, mas não estamos a falar de uma pessoa normal — insistiu Gabriela.

— Não é bem assim, Gabriela — replicou Mariana. — Muitas vezes, até cometerem os crimes, os assassinos são pessoas perfeitamente normais. Aliás, qualquer um de nós era capaz de matar alguém.

— Fala por ti. Eu nunca mataria ninguém — afirmou Gabriela.

— Esperemos que nunca sejas levada a isso.

Alexandre gostava de acreditar que Mariana estava a falar de cabeça quente. Contudo, e porque a conhecia demasiado bem, apressou-se a mudar de assunto antes que o ar na sala se tornasse ainda mais pesado.

— Pronto, vamos manter estas duas hipóteses em cima da mesa, de que possa ter sido o Norberto a matar o Francisco e a de que também possa ter sido apenas cúmplice do crime. Vamos ver o que a Polícia descobre a seguir.

— Já não vamos ter de esperar muito. Acho que virá muita coisa à tona durante a vigília — murmurou Daniel.

Ninguém teve coragem de o contradizer ou tempo para isso. Começou a ouvir-se água a deitar por fora do tacho na cozinha e

Daniel e Gabriela levantaram-se de um salto e correram para lá, com Sandra e João Paulo a segui-los logo depois.

Mariana também se levantou, mas Alexandre agarrou-lhe no cotovelo, impedindo-a de sair. Abriu a boca, percebendo tarde de mais que lhe falhara a voz. Mas não chegou a precisar dela, porque Mariana lhe leu nos olhos tudo o que queria dizer-lhe.

— Sim, eu sei que não correu bem com a Polícia. Conseguiram arrancar-te a verdade sobre a tarde em que o Francisco morreu, não foi?

— Sim. Tive de lhes contar, Mariana. Já não faltava muito para eles decidirem que fui eu a matá-lo.

— Fizeste bem. E não te preocupes, vai correr tudo bem. Aconteça o que acontecer, estou aqui. Estou contigo.

Podia ser um cliché, mas não importava: de cada vez que a ouvia dizer aquilo, Alexandre sentia que uma tonelada lhe saía de cima dos ombros. As palavras não podiam ser mais simples, mas aquilo que transmitiam — a segurança, a confiança, o amor — eram tudo o que precisava, e Mariana sabia sempre quando precisava de o ouvir.

Avançou para o puxar para um beijo, demasiado breve para Alexandre, e recuou logo para tornar a cravar os olhos nos dele.

— Uma jornalista já começou a rondar o João Paulo e a Sandra.

— O quê? Quando?

— Hoje de manhã. Foi ao hotel antes de nós chegarmos. Só quis confirmar alguns nomes e números para a peça que está a escrever sobre o Francisco.

— De que meio é que ela é?

— Do *Público*.

— Bem, podia ser pior...

— Pois, mas isso não significa que ela não possa vir a escrever coisas que os magoem. Temos de estar atentos para a impedir de voltar a apanhá-los desprevenidos, está bem? E já lhes dissemos que o melhor era não falarem mesmo com nenhum jornalista que os aborde.

— Fizeram bem. Mas sim, vamos mantê-los debaixo de olho.

— O mais provável é que ela acabe por chegar a nós. Já não deve faltar muito.

— Pois, mas não vai ter grande sorte. Aliás, se apanhar o Daniel irritado, vai corrida daqui cá com uma categoria... — riu-se

Alexandre.

— Esperemos que não chegue a tanto — murmurou Mariana, pousando-lhe uma mão no peito. — Ficas ao meu lado na vigília e avisas-me se reparares nalguma coisa estranha?

— Sim, claro. Por mais que me custe, acho que vamos ter muito em que reparar.

Capítulo 22

O almoço passou demasiado depressa e não deu a Gabriela tempo de se preparar para a vigília.

A cada garfada que levava à boca, sentia o desconforto estreitar-lhe mais a garganta. Nem sentia o sabor da comida que Sandra e Daniel, ainda que sob um silêncio de morte, tinham preparado com dedicação. De certeza que estaria deliciosa, mas não conseguia sentir nada além da bília na boca. Nem a água que se fartou de beber, desejando que fosse vinho, ajudou. Não conseguia conter os olhares de soslaio que deitava ao relógio de pulso de Alexandre, a intervalos tão curtos que não devia ser possível aos ponteiros moverem-se tanto. Moviam-se, ainda assim, os minutos sucediam-se e aproximavam-na mais e mais do início do pesadelo sem que o pudesse evitar.

No fundo, sabia que podia, se tivesse forças para tal. Mas não tinha, pois não? E por isso, ao invés de se levantar e confessar que não queria ir à vigília, que não se sentia capaz de passar por uma tortura assim, ia engolindo as palavras junto com o coelho, o arroz, a salada e a ânsia demolidora que lhe subia pelas entranhas e que não sabia se seria para gritar ou para vomitar.

— Queres mais carne, Gabi?

Pestanejou, trazida de volta ao presente. Olhou para João Paulo, que aguardava de mão estendida para o seu prato, enquanto, com a

outra, deixava o garfo pender sobre o tabuleiro.

— Não, obrigada. Não tenho grande fome.

Gabriela tornou a baixar o olhar para o prato, voltando a remeter-se ao silêncio, e João Paulo tomou a ajuizada decisão de não insistir mais no assunto.

Depois de acabarem de almoçar e de arrumar a cozinha, dispersaram pelos quartos e casas de banho com o pretexto de se preparem para a cerimónia. Foi o que disseram que fariam, pelo menos, mas assim que se viu sozinha no quarto e se dirigiu à janela, Gabriela perdeu qualquer vontade de fazer mais do que admirar o jardim e o céu, de um azul quase absurdo de tão alegre.

Perdeu a noção do tempo que ao recordar as centenas de vezes que tinha corrido por aquele campo aberto com Daniel, Mariana, Alexandre e Francisco no seu encalço, perdidos numa das incontáveis brincadeiras que inventavam para ocuparem as longas tardes de verão. A intensidade com que conseguia reviver a pele quente sob o sol, as gargalhadas à sua volta e o sorriso inebriante de Francisco enquanto acelerava como uma chita, ultrapassando-os a uma velocidade que levava Gabriela a temer que não conseguisse travar quando chegasse à cerca, que continuaria a correr, atravessando-a até ao infinito, encheu-lhe os olhos de lágrimas.

No fundo, ele sempre lhe pertencera muito mais que os outros.

— Gabriela?

Pela segunda vez, pestanejou para focar a visão e enxugou os cantos dos olhos enquanto se voltava para a porta. Mariana encostou-a depois de entrar. Substituíra as calças de ganga claras e a camisa de manga curta por umas calças de pele justas, uma camisa de manga comprida e uns *stiletto*s, tudo preto. Simples e elegante.

Encaminhou-se para Gabriela com a ruga entre as sobrancelhas a aprofundar-se a cada passo.

— Estás bem?

— Sim... sim, estou, claro. Precisas de alguma coisa?

— Não, só quis vir ver se já estás pronta. Eles também já não devem demorar.

— Desculpem, acho que estou um bocado atrasada. Não... não sei muito bem...

Olhou em redor, para o quarto num desalinho, e encolheu os

ombros, sem forças para fingir que sabia sequer o que vestir.

Mariana, felizmente, assumiu as rédeas da situação.

— Anda lá. Trouxeste alguma roupa mais para o escuro?

— Acho que tenho aí um vestido preto...

Mariana içou-lhe a mala de viagem para cima da cama, abriu-a e começou a revirar o conteúdo, tão atafalhado que já mal podia considerar-se engomado, até encontrar o vestido. Tirou-o, alisou-o com dois safanões bruscos e estendeu-o a Gabriela. Ao ver que ela permanecia de braços caídos ao longo do corpo e olhar perdido no vazio, Mariana resmungou entredentes, largou o vestido sobre a mala e avançou para ela, começando a despi-la.

— Acredita que tenho tão pouca vontade de ir quanto tu, mas tem de ser...

— E o que tem de ser tem muita força?

— Sim. Não me olhes assim, sabes que é verdade.

— Mas não devia ser. Isto não devia ser uma coisa que *tivéssemos* de fazer.

— Não pagues a missa ao padre — ralhou Mariana, baixando-se para a deixar passar as pernas pelo vestido e subindo-lho depois para os ombros. — Achas que estou muito contente por ter de participar nisto? Também preferia ficar aqui a pensar nalguma coisa que nos esteja a passar ao lado ou nalguma ideia para descobrirmos mais depressa quem é que matou o Francisco, mas...

— Mas vais deixar-te arrastar para a vigília, mesmo que tenha tudo para correr mal.

— Pois vou, e tu também.

— Mas porquê? Porque é que acabamos sempre nesta situação, Mariana? A saber que as coisas vão acabar mal e a avançarmos para elas mesmo assim?

— Porque somos especialistas em assistir a catástrofes. E os velhos hábitos custam a morrer — declarou, correndo-lhe o fecho do vestido pelas costas com um puxão.

Gabriela abriu a boca, procurando algo inteligente o suficiente para marcar uma posição, mas a voz secou-lhe na garganta. Acabou por se limitar a avançar para a beira da cama, para onde Mariana apontara com a escova de cabelo, que tinha ido buscar à mesa de cabeceira. Sentou-se voltada para a janela e, quando Mariana começou

a penteá-la, tornou a perder-se nas recordações de dias mais felizes.

— Não podemos deixar a Sandra e o João Paulo passarem por isto sozinhos — declarou Mariana, ciente de que ela ainda precisava de ser convencida. — Como é que te irias sentir quando eles chegassem mais logo, de rastos, sabendo que podiam não estar assim se tivéssemos ido com eles?

— És mesmo boa na chantagem emocional, sabias?

— Não sejas assim. Só quero que percebas que, se te desse ouvidos, íamos acabar a sentir-nos ainda pior no fim.

Gabriela tornou a resignar-se ao facto de que era impossível contrariar Mariana depois de uma ideia criar raízes na sua mente. Deixou-a continuar a penteá-la, a entrançar-lhe o cabelo com uma destreza e perícia que invejara a vida inteira, e deu por si a pensar que ela, um dia, daria de facto uma ótima mãe.

Pensar que estivera tão perto de entrar nessa etapa e que o momento lhe fugira por entre os dedos era demasiado doloroso. Era-o ainda mais porque não precisava de confirmar que Mariana também estaria a pensar nisso e a esforçar-se, tanto quanto ela, por não o tornar demasiado óbvio. Desviou o olhar da expressão compenetrada que ela exibia no espelho para a janela, voltando a perder-se nas faixas de luz que o sol projetava pelo chão, nas moléculas de pó a dançarem em contraluz. Deixou-se perder na sensação de que conseguia travar o tempo e de que podiam continuar a brincar às cabeleireiras, como quando tinham 10 anos e planeavam um dia abrir um salão, Mariana a tratar dos cabelos, e ela das unhas e maquilhagem das clientes.

Apenas mais um plano que não se cumprira. A vida de ambas estava repleta deles.

— Achas que vamos conseguir perceber quem... se o assassino do Francisco lá estiver? — murmurou, sem tornar a olhar para Mariana.

— Talvez.

— Continuo convencida de que foi o Norberto.

— Bem, se tiveres razão, isto não servirá para nada.

— Como assim?

— Se se vier a provar que foi mesmo ele, não há mais nada a fazer.

— Tens de parar com isso — disse Gabriela, voltando-se para a

olhar nos olhos e prender-lhe o pulso na mão. — Tens de parar com essa ideia estapafúrdia de matar o homem quando descobrirmos quem é.

— Não a acharias tão estapafúrdia se estivesses no meu lugar.

— É bem provável que não, mas como não estou e consigo ver com mais clareza...

— Como me viste a conversar com a Sandra ontem à noite?

Um arrepio atravessou Gabriela e fê-la morder a língua com demasiada força. O sabor do sangue preencheu-lhe a boca.

— O que é q-que...

— Não precisas de te engasgar toda, Gabriela. Não fique chateada. Aliás, deixei de me chatear por me espiaries atrás das portas ainda éramos miúdas.

— Apanhavas-me assim tantas vezes?

— Sempre — sorriu Mariana, piscando-lhe o olho.

Gabriela suspirou e tornou a virar-se para a frente, deixando-a retomar a trança.

— Desculpa. Acredita, não gosto nada, nem faz nada o meu género pôr-me a escutar atrás das portas. Se o faço é porque... olha, porque no momento não sei se devo entrar ou sair da sala ou quarto ou seja lá o que for. Não sinto que deva interromper o que está a acontecer lá dentro, mas também não consigo... Sei lá, dou por mim como que pregada ao chão. Não consigo arredar pé dali, como se...

— Como se não pudesses desviar o olhar de um acidente a acontecer à tua frente.

— Sim... sim, isso mesmo. Fico tão perdida entre o choque por aquilo que estou a ver e a ouvir e a noção de que devia virar costas e ir-me embora que acabo por não conseguir mexer-me. Não é algo de que me orgulhe, e acredita que não queria ter ficado a ouvir a vossa conversa, mas não tive forças para vos interromper. Ouvi-te falar-lhe do aborto e depois ela abraçou-te quando começaste a chorar e não consegui interromper o que estava a dizer-te e... olha, não sei. Desculpa.

— Fizeste bem em não interromper.

— Não, não fiz. Devia ter entrado no momento em que a convenceste a ajudar-te quando descobrirem quem é o assassino do Francisco. Claro que ela ia ficar do teu lado, Mariana, como é que

podias ter dúvidas disso? Não há ninguém que queira mais vingar a morte dele do que ela! Mas é uma loucura, e se tivesses noção do quanto vais dar cabo da tua vida se o fizeres...

— Se fizer o quê, Gabriela? Justiça? Pelo Francisco e pelo meu filho?

Gabriela fechou os olhos, mas já era tarde.

— Não te peço que compreendas. Se estivesse no teu lugar, também não compreenderia. A única coisa que peço é que não te metas no meu caminho.

— Nem mesmo sabendo que vai correr mal?

— Nem mesmo assim. Faz o que fizeste de todas as vezes em que ficaste a ouvir atrás das portas: mantém-te no teu lugar e deixa a catástrofe acontecer.

Capítulo 23

Passou num piscar de olhos. Num segundo, Daniel estava a arrumar a cozinha com Sandra, Gabriela e Mariana e, no seguinte, sem que soubesse bem como lá tinham chegado, João Paulo estava a parar o carro num dos poucos lugares livres no parque de estacionamento em frente ao Colégio D. João III. Daniel espreitou para o relógio de pulso de João Paulo, sentado ao seu lado. Passava pouco das três e meia da tarde. Ainda faltava quase meia hora para a vigília começar, mas bastava olhar para o parque de estacionamento e para a multidão que se encaminhava para os portões do colégio para perceber que podia começar muito antes disso.

— Vamos lá. Quanto mais depressa começar, mais depressa acaba — decidiu Sandra.

Daniel, João Paulo e Gabriela saíram do carro atrás dela. Alexandre e Mariana saíram do de Alexandre, estacionado alguns lugares à direita do de João Paulo. Apesar da temperatura amena, Daniel viu Gabriela esfregar os braços para afastar a pele de galinha.

— Vamos? Já parece cá estar meio mundo — resmungou Mariana.

— Sim, vamos a isto — concordou João Paulo.

Seguiram em silêncio para os portões, ladeados por dois guardas da GN, que observavam quem chegava. Daniel não conseguiu lembrar-se se já os conhecia e perguntou-se se Hélder, Luís, Anabela e Paulo já

estariam dentro da escola.

Seguiram algumas pessoas que tinham entrado primeiro na direção do pavilhão multidesportivo. As aulas de Educação Física eram as únicas que tinham lugar à parte das outras, todas dadas nas salas que se dividiam pelos dois pisos do edifício principal. O pavilhão multidesportivo, o ginásio, a sala de arrumos dos equipamentos desportivos e os balneários ficavam num outro mais pequeno, não muito longe do principal. E, com efeito, avistaram Hélder quando ainda se encontravam a caminho. Hélder estava à conversa com dois casais, mas acenou-lhes assim que os viu. Daniel avisou os outros enquanto Hélder despachava à pressa a conversa e quase corria ao encontro deles.

— Olá a todos. Chegaram agora?

— Sim, e parece que estamos em cima da hora — reclamou Sandra.

— Não, a vigília só deve começar daqui a meia hora, mas sabes como isto é... Bem, o que interessa é que vos apanhei antes de entrarem e...

— Passou-se alguma coisa?

— Não, não, só queria... sabem, queria dizer-vos que...

O embaraço era tão óbvio que João Paulo decidiu salvá-lo.

— Sabemos que estás connosco, Hélder. Nunca duvidámos disso. E obrigado pela ajuda que tens dado estes dias.

— Não tens de quê. Não tens mesmo de quê, nem tu, Sandra, nem nenhum de vocês. Afinal de contas, a culpa também foi minha, não foi? O Francisco esteve sempre cá e eu nunca fui capaz de o ver...

— Não vale a pena chover no molhado, chefe — cortou Alexandre. — Vamos concentrar-nos em suportar as próximas horas e depois deixamos a PJ fazer o seu trabalho e descobrir o que aconteceu ao Francisco.

— Sim, é isso mesmo, é isso mesmo.

— Há alguma coisa que nos queiras dizer antes da vigília? — perguntou Sandra.

— Não, já está tudo pronto e as pessoas estão a entrar e a sentar-se à vontade. Podem escolher os lugares que quiserem, mas, como pensámos que queriam ficar na primeira bancada, deixámos papéis a marcar os vossos lugares.

— Obrigada. Assim vai ser mais fácil quando tiver de subir ao palco.

— Vais discursar?

— Não é bem um discurso, mas sim, vou dizer algumas palavras — confirmou Sandra.

— Acho que fazes bem.

— Obrigado, Hélder. Vemo-nos lá dentro, então — despediu-se João Paulo, apertando-lhe o braço antes de se afastarem na direção das portas do pavilhão.

Ainda passou pela cabeça de Daniel que a escola tivesse decidido organizar a cerimónia no polidesportivo descoberto, nas traseiras do colégio, mas o pavilhão interior era maior e mais adequado. No entanto, e pela primeira vez, teve medo de que os seis níveis de bancadas em betão não fossem suficientes para as centenas de pessoas que tinham vindo à homenagem. Já via algumas a pedirem licença para conseguirem passar ou a acotovelarem-se, entre olhares incomodados aos vizinhos do lado, para conseguirem um lugar com boa visibilidade para o púlpito.

Era ali o centro das atenções. Montado quase no centro do campo de jogos, em cima de um estrado de madeira, o púlpito tinha gravado o emblema da escola na face voltada para as bancadas. Daniel só se lembrava de ele ter sido usado nos discursos de início e fim de ano — foi só aos do décimo ano, depois deu ouvidos aos colegas e lixou-se para as cerimónias cheias de rococós do colégio — e na sua formatura.

Só que em nenhuma das ocasiões estivera envolto em ramos, coroas e rodas de flores.

Jorge Barroso já se encontrava atrás dele. Impecável num fato que Daniel se lembrava de o ter visto usar num casamento de conhecidos em comum alguns anos antes, tinha ganhado bastantes rugas e cabelos brancos. A expressão triste também lhe dava um ar mais pesado, e o nervosismo não ajudava. Não conseguia parar de compor o pequeno maço de folhas que tinha à sua frente. Dirigia um breve aceno e sorriso a cada pessoa que entrava no pavilhão, mas, ao reconhecer João Paulo e Sandra, o olhar tremeu de pena. Desceu do púlpito à pressa, alisando o casaco e engolindo em seco, e dirigiu-se a eles de mão estendida.

— Olá aos dois. Ainda bem que já chegaram. Peço desculpa por

não ter ido lá fora recebê-los, mas...

— Não há problema, Dr. Barroso — murmurou Sandra.

— Obrigado. E os meus sentimentos, mais uma vez, pelo vosso filho. Sei que esta pequena cerimónia não chega, nem de perto, para mostrar o que todos sentíamos pelo Francisco e a falta que ele nos faz, mas espero que vos traga, pelo menos, algum consolo saber que demos o nosso melhor para nos podermos reunir aqui hoje e lembrá-lo.

— Foi um gesto muito bonito da vossa parte. Muito obrigada.

— Não agradeçam. E não vos tomo mais tempo. Estes lugares aqui à frente são para vocês — indicou, apontando para a primeira bancada, antes de se virar para Daniel e os outros. — E olá, meninos. Como estão?

— Bem, Dr. Barroso. Obrigada — murmurou Gabriela.

— Gostava que nos tivessem vindo visitar por um motivo mais feliz. É sempre bom ter visitas de alunos de quem gostámos.

Daniel sabia que, atrás de si, Mariana e Alexandre também estavam a ter dificuldade em esconder que não partilhavam o sentimento.

— Obrigada por ter organizado esta cerimónia para o Francisco. De certeza que, onde quer que ele esteja, está muito agradecido por ela — mentiu Mariana, estendendo a mão para o cumprimentar.

Os olhos de Jorge Barroso iluminaram-se de uma felicidade tão intensa que Daniel quase acreditou que fosse real. Devolveu o aperto de mão de Mariana, indicou-lhes que podiam sentar-se com João Paulo e Sandra e deu a desculpa de que tinha de voltar para o púlpito para estar a postos para o início da cerimónia.

Assim que ele virou costas, Mariana pousou a mão sobre a de Gabriela, sentada entre ela e Daniel, e inclinou-se para lhe falar ao ouvido.

— É impressão minha ou ele ficou com um ar mais estúpido com o passar dos anos?

— Não, não é impressão tua. É de tanta hipocrisia acumulada.

— Meninas, falem mais baixo. Se alguém ouve, ainda lhe vai contar — avisou Sandra.

— Desculpe, mas é tão difícil não lhe mandar à cara que...

— Para mim também é, mas não vamos fazer uma cena à frente desta gente toda, pois não? Já chega termos a comunicação social à

perna sem chamarmos ainda mais as atenções.

Gabriela rendeu-se com um aceno e recostou-se contra a bancada. Mariana voltou a endireitar-se, mas o olhar que lhe lançou deixou claro que só se calava por respeito a Sandra. Alexandre passou-lhe o braço em volta da cintura e apertou-a contra si, segredando-lhe qualquer coisa ao ouvido que Daniel já não conseguiu ouvir, mas que a acalmou de imediato.

Sem querer continuar a olhar para eles, passeou o olhar pelo pavilhão. Acabou por descobrir César e Rodrigo, sentados na última bancada. Com o mesmo ar discreto de antes e a examinarem o pavilhão com dois pares de autênticos binóculos no lugar dos olhos, nunca lhe tinham parecido tanto um par de abutres.

César apanhou-o a olhar para si e fez-lhe um aceno leve. Daniel devolveu-o e afastou logo o olhar, sem querer chamar a atenção de ninguém para a presença deles.

Há quanto tempo estariam ali? Podiam estar por detrás da organização da vigília, a par de todos os momentos para poderem prestar a máxima atenção às reações das pessoas presentes. Ou podiam ter chegado de mansinho, escolhendo aqueles lugares de onde tinham uma vista privilegiada para o pavilhão, e estavam só à espera de que o espetáculo comesçasse. Não pareciam nervosos, mas Daniel tinha a certeza de que também estavam atentos ao mínimo sinal de que algo fora do normal pudesse acontecer.

Desceu os olhos para as portas do pavilhão e ficou a ver quem entrava. Reconheceu muitas caras, mas deu-se conta de que tinham vindo muitas mais que não conhecia. De cada vez que entrava um dos professores que os cinco tinham tido, acabava por reparar nele e acenava e sorria. Alguns ainda faziam menção de ir ter consigo, mas acabavam por ser puxados ou chamados por outras pessoas e faziam sinal de que iam cumprimentá-lo mais tarde. Daniel incentivava-os a irem sentar-se e voltava a concentrar-se nas portas.

Estava cada vez mais abafado dentro do pavilhão. Muitas das mulheres mais velhas tinham vindo prevenidas com leques e abanavam-se com vigor. Os homens começavam a ganhar manchas de suor nos sovacos e nos colarinhos das camisas e polos, mas nem por isso se deixavam abater na tagarelice pegada que mantinham com os vizinhos. Daniel teve vontade de os lembrar de que não estavam à

espera de que começasse mais um jogo de futebol da equipa da escola aos sábados de manhã, mas uma homenagem a um morto.

Que, com aquele calor infernal, bem podia voltar à vida só para mandar alguém ligar a porcaria do ar condicionado.

Quando as portas finalmente se fecharam, Jorge Barroso ligou o microfone do púlpito, tossicou e aproximou-se dele.

— Bem, meus caros, se calhar é melhor começarmos. Recebi agora a indicação de que já não está ninguém à espera para entrar, por isso acho que podemos começar. Em primeiro lugar, quero dar as boas-vindas a todos a esta vigília, esta *homenagem*, que o colégio organizou em memória do Francisco Andrade. Julgo que o nome não é estranho a nenhum de vós, mas, para quem por acaso não saiba, o Francisco estudou nesta casa entre 2007 e 2010, entre o seu décimo e décimo segundo ano. Foi sempre bom aluno, respeitador das normas, amigo do seu amigo... enfim, um aluno como gostávamos que todos fossem.

Daniel deixou de conseguir prestar atenção à diarreia verbal de Jorge Barroso. Tinha a certeza de que ele tinha escrito e rescrito vezes sem conta aquele discurso, mas isso não lhe dava maior sentimento.

Quando terminou, chamando João Paulo e Sandra ao palco, Daniel obrigou-se a aplaudi-lo, com o resto da multidão, mas as suas atenções eram dirigidas a quem as merecia.

— Vai correr tudo bem. Mantenham a calma que vai correr tudo bem — murmurou a João Paulo, sorrindo-lhe, enquanto ele se levantava.

Caiu sobre o pavilhão um silêncio profundo enquanto ele e Sandra subiam ao púlpito. Tal como a maioria dos presentes, e embora não tivessem combinado, estavam de preto da cabeça aos pés. Foi Sandra quem tirou uma folha do bolso das calças retas, a desdobrou e se aproximou do microfone, enxugando os cantos dos olhos antes de começar.

— Muito obrigada a todos por terem vindo. Agradecemos muito ao Dr. Barroso e ao corpo docente do colégio por ter organizado esta vigília para o Francisco. Muitos podem pensar que, como já passaram tantos anos, não faz grande diferença, mas acreditem que, para nós, faz. Porque, para nós, é como se tivesse sido ontem.

Daniel passou o olhar pelas bancadas e reparou que várias pessoas começavam a ficar à beira das lágrimas. Outras começavam já a secá-

las, enquanto tentavam conter os soluços. Preparou-se para a onda de choro que se ia abater sobre todos quando Sandra chegasse ao fim do discurso.

— O que o Dr. Barroso disse sobre o Francisco é a mais pura verdade. Ele gostava muito desta escola. Disse-nos várias vezes que era aqui que estava a viver os anos mais felizes da sua vida. E como podia não estar? Gostava dos professores, gostava do que aprendia aqui, gostava dos colegas e tinha os melhores amigos todos os dias com ele. O Dr. Barroso também estava certo neste ponto. O Francisco era, sem dúvida, o melhor amigo que alguém podia querer. E é por isso que, mesmo passados tantos anos, os melhores amigos dele continuam connosco, e continuam, tanto como nós, a querer saber o que lhe aconteceu. A precisar de respostas para conseguirem seguir em frente e encontrar paz. Porque acreditem que nenhum de nós a teve até hoje.

A emoção que as primeiras palavras de Sandra despertaram começou a dar lugar à tensão. Daniel viu que várias pessoas trocavam olhares alarmados e que outras os baixavam para os pés. Havia mesmo quem comesse a olhar para as portas do pavilhão.

Mas o desconforto era necessário. Sem ele, ninguém compreendia a ansiedade em que Sandra, João Paulo e eles tinham vivido os últimos dias.

E, sem ele, ninguém podia compreender o que acabariam por fazer quando se descobrisse o assassino de Francisco.

— Sei que muitos de vocês acharam, durante estes anos, que o Francisco tinha sido só mais um adolescente que tinha fugido de casa por não querer saber dos pais nem dos amigos. Nós também pensámos. Como é que não havíamos de pensar? Tudo apontava para isso, não é? Mas, por vezes, as coisas não são o que parecem. E agora estamos a começar a descobrir o que aconteceu. Estamos a aproximar-nos da verdade e nada me vai impedir de chegar a ela.

Jorge Barroso começou a lançar olhares aflitos à bancada onde o resto do corpo docente estava sentado. De pé, ao lado do púlpito, retorcia as mãos ao lado do corpo e tremia da cabeça aos pés, ansioso por encontrar forma de calar Sandra. E não era o único a pensar assim. Daniel viu vários professores cochicharem entre si enquanto partilhavam olhares de alarme com o diretor, cientes de que nada

podiam fazer para impedir Sandra de continuar.

Lá atrás, ainda sem chamarem as atenções, César e Rodrigo observavam a cena em silêncio. Ciente disto, Sandra aproveitava cada segundo.

— Não há maior dor que a de uma mãe e de um pai que perdem um filho. Quem diz que é um clichê, é porque nunca esteve no nosso lugar. Acreditem, não desejo que estivessem. Não desejo a ninguém aquilo por que passámos estes anos. Foi um inferno, o pior inferno que eu podia ter imaginado. Mas agora pode chegar ao fim. Estamos mais perto de saber quem matou o nosso filho — parou por um instante e observou a assistência, que pareceu parar de respirar.

— O que é que ela está a fazer? — Alexandre inclinou-se para a frente para conseguir ver Daniel.

— Não faço a mínima ideia... — admitiu Daniel.

— Estão a ver bem a cara do Barroso? Se ela não para, ele vai calá-la à força! — insistiu Alexandre.

— Não, ele não vai atrever-se a fazer isso — sussurrou Mariana.
— Ninguém vai cortar a palavra à Sandra.

Mariana tinha razão. Paralisada de choque e compaixão, a multidão bebia cada palavra de Sandra e chorava e soluçava com ela. Até Jorge Barroso acabou por perceber que nada podia fazer para a travar e, decidindo-se por fim a prestar atenção à mensagem que ela passava, deixou-se comover como os outros.

— Agora que a Polícia reabriu o caso, não podemos deixar que volte a fechá-lo. E, para isso, precisamos de vocês, de cada um de vocês. Precisamos que os ajudem com tudo o que estiver ao vosso alcance. Precisamos que lhes contem tudo aquilo de que se lembrarem, tudo aquilo que há nove anos vos possa ter chamado a atenção, mas que nunca tenham chegado a dizer a ninguém. Por mais que pensem que não significa nada, pode significar tudo!

Quando Sandra desceu do púlpito, Daniel viu João Paulo puxá-la para um abraço. Ela não resistiu nem tentou soltar-se quando ele a apertou contra o peito e a beijou na testa. Tinha os olhos fechados com força, mas as lágrimas começaram a correr quando voltou a abri-los. Sandra olhou-o nos olhos e aquilo que disseram em silêncio um ao outro, e ao resto do pavilhão, foi suficiente para partir os corações a toda a gente.

Enquanto olhava à volta e via as expressões de tristeza e pena darem lugar à mais profunda solidariedade, Daniel soube que Sandra tinha conseguido o seu exército, tão sedento de vingança como ela.

Capítulo 24

Gabriela conseguira conter as lágrimas durante o discurso de Sandra, mas já estava para lá do seu limite manter-se impávida e serena nos que se seguiram.

Contagiados pela emoção que Sandra conseguira despertar, vários colegas e professores de Francisco quiseram discursar sobre ele. Um após outro, tiravam folhas de papel de bolsos e malas, desdobravam-nas e começavam por tentar manter-se fiéis ao que tinham planeado dizer. Acabavam, no entanto, por desabar num mar de lágrimas e soluços exagerados que aproximava Gabriela cada vez mais do limiar da paciência.

O único que lhe pareceu sincero, e que lhe cativou a atenção do princípio ao fim, foi Rogério Carrilho.

Gabriela reparou nele assim que o viu levantar-se do lugar onde passara despercebido até então. Tinha-o procurado antes, desejosa de ir cumprimentá-lo, mas não o encontrara. Viu-o nesse instante descer pela lateral das bancadas e dirigir-se ao púlpito depois de André Vilanova, o professor de Físico-Química, se afastar a tentar dominar a voz embargada de emoção. Assim que se aproximou do microfone, Rogério conquistou todas as atenções. Já na época de Gabriela era um dos principais membros do corpo docente, professor de Português de todas as turmas do décimo ao décimo segundo ano. Consequira até, ao

contrário dos colegas, ser admirado de igual forma por todos os alunos.

E ainda que tivessem passado nove anos desde a última vez que a vira, Rogério reconheceu-a no meio da multidão e dedicou-lhe um sorriso que a levou às lágrimas.

— Boa tarde a todos. Peço desculpa desde já por vos ir tomar tempo com as minhas palavras, mas, tal como os meus colegas e os vários amigos do Francisco que falaram antes de mim, também não podia deixar de vir prestar-lhe homenagem. Para os que não sabem, o Francisco foi um dos piores alunos que tive até hoje. Não leu *Os Maias* nem *O Memorial do Convento*, mas, de alguma forma, arranjava sempre resumos para ele e para a turma inteira!

O pavilhão partilhou uma longa gargalhada. Gabriela viu Sandra e João Paulo sorrirem pela primeira vez. Rogério esperou que a gargalhada esmorecesse e aclarou a voz para continuar.

— Às vezes, mentia-me da forma mais descarada para encobrir um colega quando ele estava em apuros. E que podia eu fazer nessas ocasiões senão perdô-lo? Afinal, há vezes em que é mais importante cultivar nos nossos alunos valores como os da irmandade e da lealdade do que enfiar-lhes à força a matéria nas cabeças, não acham?

Uma nova gargalhada atravessou as bancadas. Gabriela viu que, sob o riso, muitas pessoas que até então não estavam a chorar começavam a fazê-lo, dando-se conta de que, apesar do tom brincalhão, o apreço de Rogério por Francisco era genuíno. Ao contrário dos muitos que tinham falado antes dele, com discursos demasiado polidos e que nada transmitiam da verdadeira marca que Francisco deixara nas suas vidas, as palavras de Rogério transbordavam de saudades.

— A vocês, Sandra e João Paulo, os meus mais profundos sentimentos. Até hoje, nunca me passou pela cabeça que este pudesse ser o desfecho da história do Francisco. Lamento do fundo do coração aquilo que lhe aconteceu e que vos aconteceu também. Quero que saibam que, no que estiver ao meu alcance, podem contar com a minha inteira colaboração para ajudar a encontrar a pessoa que fez aquilo ao Francisco.

Gabriela receara ser a única a levantar-se, mas viu as bancadas erguerem-se em peso numa longa ovação enquanto Rogério descia do

púlpito.

— Vou à casa de banho — sussurrou a Mariana, antes de se levantar.

Saiu do pavilhão sem chamar as atenções e, apesar de ter considerado ir ao balneário feminino, decidiu ir antes às casas de banho do piso térreo do edifício principal, o que lhe daria tempo de se livrar de três ou quatro discursos de pôr os cabelos em pé.

Porém, ao começar o caminho de regresso, percebeu que ainda não passara tempo suficiente. Sem vontade de voltar aos discursos dos pretensos melhores amigos de Francisco, inverteu a marcha. Chegou ao fim do corredor e virou à esquerda. Avistou, ao fundo, os armários dos cacifos e sorriu enquanto se dirigia ao seu. Era o 105, na fila de cima, à esquerda do de Mariana e à direita do de Patrícia. Já mal se lembrava dela, mas a memória avivara-se quando ela subiu ao púlpito para choramingar sobre o quanto adorava Francisco, quando não lhe dirigira o olhar mais que duas vezes durante o secundário inteiro.

Ergueu a mão e pousou-a na porta do seu cacifo. O colégio não permitia que os alunos os decorassem por fora, pelo que não conseguia adivinhar a identidade do atual dono. Estaria preenchido por dentro com fotografias e autocolantes coloridos? Mantê-lo-ia tão atafalhado de livros, cadernos e outros materiais que, de cada vez que precisasse de tirar algum, fosse preciso um enorme esforço para o resto não cair? Ou mal o chegaria a usar, mantendo-o tão vazio como o de alguns colegas de Gabriela, que tinham sempre espaço para guardar algo que ela lhes pedisse?

— Estás com saudades de casa?

Gabriela sentiu o coração subir-lhe à garganta com o susto. Olhou para a direita no corredor e viu Rogério caminhar na sua direção. Baixou a mão para o peito e tentou abrandar o coração.

— Desculpa, não queria assustar-te — sorriu Rogério, parando ao seu lado.

— Não, eu é que peço desculpa, professor, não devia estar aqui...

— Ora, não digas isso. Acredita que entendo. Também já estava farto de tanta hipocrisia de quem nem merecia subir àquele púlpito.

— Aquilo está a ser um autêntico festival de mentiras. Metade das pessoas que foram falar sobre o Francisco nem sequer era amiga dele!

— Eu sei, mas às vezes temos de deixar falar os loucos para que os

sãos se façam ouvir.

Gabriela aquiesceu enquanto tornava a virar-se para o cacifo. Rogério seguiu-lhe o olhar e esboçou um pequeno sorriso.

— Continuas a escrever?

— Não.

— Quando é que paraste?

— Quando o Francisco desapareceu.

Rogério anuiu, como se já esperasse aquela resposta.

— Lamento muito. Tens um talento enorme e não devias deixá-lo morrer.

— Não consegui voltar a escrever depois de...

— De o perdeses. Sim, compreendo. Já é difícil voltar a dedicarnos a algo quando perdemos um amigo que nos é muito próximo, quanto mais se esse amigo fosse a pessoa para quem escrevíamos.

Gabriela tentou dissipar as lágrimas, mas só o conseguiu quando Rogério lhe pousou aquela mão, firme e meiga, no ombro.

— Sei que tens medo de já não conseguires escrever tão bem porque já passou muito tempo desde a última vez, mas tenta, pelo menos. Não te admires se estiveres um pouco ferrugenta ao princípio, porque é normal. Mas se continuares, se deixares sair de dentro de ti tudo o que precisa de sair, acredita que te sentirás muito melhor.

— Acredita mesmo nisso? Que voltar a escrever pode livrar-me desta... *dor* toda?

— Não vai livrar-te dela, mas talvez te ajude a *viver* com ela.

— Não sei... Às vezes, acho que nada me pode ajudar a viver com isto.

— Não vais saber se nunca tentares. Dá-me ouvidos só mais esta vez, pode ser?

Rogério deixou cair a mão do ombro de Gabriela quando a viu aquiescer. Dedicou-lhe o sorriso de incentivo que lhe mostrara de cada vez que uma composição não estava boa o suficiente e lhe pedia que a aperfeiçoasse, e Gabriela decidiu que, se antes resultara, talvez agora também bastasse dar-lhe ouvidos.

— O que me dizes de voltarmos ao pavilhão e ouvirmos mais uns quantos tagarelas antes que deem pela nossa falta? — sugeriu Rogério.

— Sim, vamos voltar. Pode ser que já não demore muito.

— Também espero que não. Merecemos todos um pouco de paz.

Capítulo 25

Alexandre só se deu conta de que Gabriela saíra quando a viu regressar.

— Onde é que foste? — inquiriu, desviando-se para a deixar voltar ao lugar.

— À casa de banho.

— Perdeste os discursos inteiros do professor Gonçalves e daquela estúpida da Vânia, de Ciências.

— Lembras-te dela? A que mastigava aquelas pastilhas que deixavam os lábios quase pretos? — esclareceu Mariana.

— Ah, sim, já me estou a lembrar. Porque é que ela havia de ir falar sobre o Francisco?

— Disse que tinha passado muito tempo em choque depois do desaparecimento dele, que lhe tinha custado muito seguir em frente e que, agora que descobriu que ele foi assassinado, nem sabe o que fazer — relatou Alexandre, sem poupar no sarcasmo.

— Coitadinha. Uns comprimidos não fariam mal nenhum — bichanou Gabriela.

— Meninos, cuidado com o que dizem — alertou Sandra, dando um toque no ombro de Gabriela.

Ela, Mariana, Daniel e Alexandre voltaram-se para trás e viram, na bancada de cima, um casal de velhos lançar-lhes um olhar

recriminador. Alexandre revirou os olhos enquanto se virava de novo para o palco.

— Cambada de idiotas. Será que acham mesmo que as pessoas que vão ali dizer aquele monte de tretas sobre o Francisco o conheciam minimamente?

— Não sei, mas, se eles próprios o conhecessem, saberiam que ele está a mandar manguitos a cada pessoa que sai daquele pódio a chorar — resmungou Daniel.

Alexandre não conseguiu conter o sorriso. Daniel reparou e retribuiu-lho. Nenhum se esquecera de como Francisco gostava de reagir a situações daquele género.

Jorge Barroso regressou ao púlpito. Alexandre e Daniel, adivinhando que ele se preparava para encerrar a cerimónia, endireitaram-se e prestaram atenção.

— Muito obrigado a todos os professores, auxiliares, amigos e colegas do Francisco que partilharam connosco as suas memórias e os seus sentimentos por ele. Muito obrigado também aos pais do Francisco, o João Paulo e a Sandra, pelo testemunho que nos deixaram. Acreditem que não falo apenas por mim quando prometo que vamos cumprir o que nos pediram e vamos ajudar a Polícia, de todas as formas que pudermos, a descobrir o que aconteceu ao Francisco. Muito obrigado a todos por terem estado presentes. O meu último desejo é que, onde quer que esteja, o Francisco nos tenha ouvido e saiba que nunca será esquecido por nenhum de nós. Agora, quem quiser juntar-se a mim e acender uma vela por ele, venha por favor para dentro do campo.

— Ah não, não tenho pachorra para isto — reclamou Alexandre.

Levantou-se, com Daniel e Gabriela a seguirem-no. Mariana demorou uma fração de segundos a acompanhá-los, surpreendendo Alexandre. Não fazia o género dela participar em rituais religiosos, mas talvez daquela vez gostasse de o ter feito.

Preparou-se para lho sugerir, mas ela passou uma mão pelo cabelo, afastando-o da testa com um safanão, antes de começar a descer pela lateral das bancadas, acompanhada por João Paulo e Sandra.

— Vamos indo para a quinta? — disse Daniel, quando passaram pelas portas do pavilhão.

— Vamos tentar, pelo menos. Mas acho que ainda vai demorar um bocado até nos deixarem sair — avisou João Paulo.

Com efeito, um pequeno grupo começou a reunir-se em volta deles. Alexandre percebeu que Mariana estava cada vez mais irritada. Passou-lhe o braço pelos ombros e puxou-a para longe da multidão. Ela dedicou-lhe um sorriso exausto, mas agradecido, e encostou a cabeça ao ombro dele.

Daniel e Gabriela juntaram-se-lhes pouco depois.

— Vai toda a gente querer dar os pêsames ao João Paulo e à Sandra. Estou mesmo a ver que só saímos daqui lá para as tantas — reclamou Daniel.

— Olhem, vêm ali o professor Gonçalves e a professora Helena!

Mariana não precisou de apontar para que os três olhassem. Hugo Gonçalves, professor de História de Francisco, Gabriela, Alexandre e Daniel, e Helena Martins, diretora de turma dos quatro e da turma de Ciências e Tecnologias de Mariana, dirigiam-se a Sandra e João Paulo. Embora não pudessem afirmar que tinham odiado as suas aulas, também não nutriam um especial carinho por eles. Hugo Gonçalves até desenvolvera uma implicância especial por Daniel, que falhava mais vezes do que fazia os trabalhos de casa, e com Francisco, de quem parecia ter uma inveja congénita por ele ainda estar na flor da juventude e ser a estrela da turma — e do colégio inteiro, se quisessem ser sinceros —, enquanto Hugo começava a ganhar barriga e rugas. Helena Martins, por sua vez, infernizava a cabeça a Alexandre por a mãe nunca poder ir às reuniões de encarregados de educação.

Nenhum tinha sequer pensado que Daniel passava quase todo o tempo fora das aulas a ajudar os pais na quinta, que Francisco não tinha culpa de ter nascido com um carisma natural e que a mãe de Alexandre era mãe solteira e tinha dois empregos para conseguir pagar as contas ao fim do mês e mal tinha tempo para dormir, quanto mais para ir às reuniões.

Helena envolveu Sandra num abraço apertado e ela foi assentindo ao que a professora lhe sussurrava ao ouvido. Ao seu lado, Hugo parecia profundamente desconfortável. Alexandre não conseguia decidir se seria a sua falta de jeito crónica para fazer conversa de circunstância e participar em eventos em que estivessem muitas pessoas, ou se se passaria ali algo mais.

Parecia estar à procura de alguém, mas, como não o encontrou, baixou o olhar para os pés e manteve-o lá o resto da conversa.

Entretanto, aproximou-se Rogério Carrilho. Apertou a mão a João Paulo e envolveu Sandra num abraço que, desta vez, não podia ser mais sincero.

— Vamos lá falar ao professor Rogério? Ainda não o tinha visto — pediu Mariana, começando a puxar Alexandre.

Os quatro aproximaram-se para cumprimentarem Rogério.

— Olhem só para vocês! — sorriu ele, a devolver o abraço apertado de Daniel. — Meu Deus, fazem-me sentir mesmo velho!

— Não se preocupe, professor, não está nada mal conservado. E não se lembra de nos dizer que velhos são os trapos? — brincou Daniel.

Afastaram a nostalgia com conversa de circunstância da qual depressa Alexandre se cansou, mas não teve coragem de dizer nada para os apressar porque via o quanto Gabriela e Mariana precisavam de matar saudades do seu professor preferido. Acabou por ser Rogério a dizer que ia dar espaço a outras pessoas para virem despedir-se deles e de João Paulo e Sandra e a afastar-se, com Helena Martins e Hugo Gonçalves atrás dele, a cochicharem baixinho entre si.

Continuou o rol de palavras vãs, abraços apertados e despedidas lamuriosas. Ao fim de mais meia hora, quando Alexandre, Mariana, Gabriela e Daniel começavam a desesperar, César e Rodrigo atravessaram a multidão e dirigiram-se a eles.

— Boa tarde. Estão à espera do João Paulo e da Sandra para irem para casa? — perguntou César.

— Sim, mas não parece que isso vá acontecer tão cedo — resmungou Daniel.

— É normal as pessoas quererem dar-lhes os pêsames.

— Sim, é verdade, mas acreditem que são poucas as pessoas que merecem sequer dirigir-lhes a palavra.

— O que quer dizer com isso, Gabriela?

— Apenas que isto foi mais uma peça de teatro que outra coisa.

— Não estavam à espera das reações que algumas pessoas tiveram?

— Não, não é bem isso...

— Claro que estávamos à espera de que toda a gente se

emocionasse com os discursos, mesmo com os mais exagerados — interveio Mariana. — Mas muitas pessoas que foram discursar nem sequer podiam considerar-se amigas do Francisco.

— Só que fica muito bem subir ao púlpito, debitar umas quantas tretas sobre como ele era um excelente colega e como sentem muito a falta dele. Aqui, as aparências são o que mais importa — reclamou Alexandre.

— Mas as aparências iludem, nunca ouviram dizer? — sorriu Rodrigo.

— Sim, mas acho que nunca foi tão verdade como neste caso.

Alexandre arrependeu-se ao ver o olhar que César e Rodrigo lhe lançaram. Mariana recuou mais para os seus braços, passando-lhe um em redor da cintura e tornando a apoiar a cabeça no ombro dele. Os inspetores escolheram poupar Alexandre a uma cena à frente dela e começaram a recuar.

— Não vamos tomar-vos mais tempo, pelo menos por agora, mas queremos que saibam que vamos precisar de falar com cada um a sós — informou César.

— Porquê? Já vos dissemos tudo o que sabemos! — protestou Daniel.

— Talvez. É o que nos cabe provar — contrapôs César.

— Se calhar, tinha sido boa ideia terem prestado atenção a quem veio à vigília e tentarem reparar nalguma reação estranha. O assassino do Francisco pode muito bem ter estado sentado naquele pavilhão connosco.

— Oh sim, Mariana, acredite que temos noção disso. E a verdade é que vocês também lá estiveram, não é? — provocou Rodrigo.

— Nenhum de nós matou o Francisco — ciciou Gabriela.

— Mais uma vez, é o que nos cabe provar — insistiu Rodrigo.

— E também gostávamos de conseguir provar onde é que a Gabriela esteve durante o tempo que se ausentou do pavilhão — comentou César.

Alexandre sentiu-a estremecer sem precisar de lhe tocar. Apesar de ter erguido mais o queixo e ter tentado soar calma, parecia apenas a mesma criança assustada de todas as vezes em que fazia aquilo.

— Fui à casa de banho.

— Sabe que estive ausente quase meia hora? — acusou César.

— Sei. Os senhores nunca tiveram uma diarreia infernal?

Alexandre sentiu o queixo cair-lhe aos pés. Daniel, ao seu lado, esbugalhou tanto os olhos que Alexandre temeu que explodissem. César e Rodrigo, demasiado encavacados para conseguirem fazer mais do que resmonear entredentes, acabaram por desistir.

— Bem, de qualquer forma, por agora não precisamos de mais nada. Tenham um resto de boa tarde.

Viraram-lhes costas e perderam-se por entre o mar de gente que envolvia João Paulo e Sandra.

— Gabriela, de onde raio é que te saiu aquilo?! — riu-se Alexandre.

— Ai, sei lá, nem me digas nada...

— Foi de génio — sorriu Daniel, beijando-a na testa.

— Fui só eu que fiquei com a impressão de que eles estiveram com mais atenção a nós do que ao resto das pessoas? — comentou Mariana.

— Não, não foste — concordou Gabriela.

— Temos de lhes dizer o que o padre Emanuel nos contou, senão eles não nos largam — alertou Daniel.

— Sim, claro, vamos ter de falar com eles, mas não ia ser aqui no meio desta gente toda. Ainda por cima, viram que o Emanuel estava lá dentro? — alertou Mariana.

— Eu não o vi! Onde é que ele estava sentado? — perguntou Alexandre.

— Na quarta fila, com os dois coveiros que encontraram o corpo do Francisco.

— Nem reparei neles... e o mais provável é que o César e o Rodrigo também não tenham olhado para eles mais que uma vez — reclamou Gabriela.

— Por isso é que temos de os fazer olhar. Falamos com eles amanhã de manhã, OK? — decidiu Mariana.

Os três concordaram com um aceno. Iam finalmente sair quando repararam numa mulher a avançar na sua direção.

Não devia ser muito mais velha que eles, talvez meia dúzia de anos. Era alta, pelo menos uma cabeça mais alta que Alexandre, e nem sequer estava a usar saltos altos. Aliás, tinha um estilo bastante prático, sabrinhas de camurça, calças de ganga justas, camisa branca

enfia para dentro do cós das calças, o cabelo curto apanhado num carrapito na nuca, com várias madeixas soltas, e óculos quadrados pretos à frente de um par de olhos tão escuros e duros quanto eles. Trazia uma mala, também de camurça, a tiracolo.

— Boa tarde. São o Alexandre, o Daniel, a Mariana e a Gabriela, correto? Os melhores amigos do Francisco Andrade?

— Somos. E a senhora é? — perguntou Gabriela.

— Podem tratar-me por tu. — sorriu, enquanto apertava a mão que Daniel lhe estendera. — Chamo-me Leonor Marques.

Alexandre sentiu Mariana retesar-se nos seus braços e viu-lhe o olhar cobrir-se de uma camada de gelo que teria desencorajado o soldado mais motivado, mas que, aparentemente, não tinha efeito em Leonor.

— A jornalista do *Público* — constatou Daniel.

— Vejo que já vos falaram de mim.

— Sim, os pais do Francisco, que já foi importunar ao hotel onde estão hospedados. — sibilou Mariana.

— Não diria bem «importunar». Fui apresentar-me e informá-los de que sim, sou a repórter do *Público* responsável por cobrir a investigação ao homicídio do filho deles.

— Eles disseram-nos que tinha querido confirmar alguns dados para uma reportagem — acrescentou Gabriela.

— Exato. E também é por isso que vim falar convosco. Seria muito importante poder contar com os vossos testemunhos na peça.

— Obrigado, mas não estamos interessados — declarou Alexandre.

— Têm a certeza? Nem todos os meus colegas vão apresentar-se e ser tão diretos no que querem como eu.

— Sim, temos noção disso, mas não vamos mesmo falar com ninguém — insistiu Daniel, com um sorriso que já raiava a ameaça.

— Bem, se mudarem de ideias, ficam com os meus contactos — disse Leonor, tirando um cartão do bolso das calças e estendendo-o a Gabriela. — Terei todo o gosto em ouvir a vossa versão dos factos e não vou embora de Santa Cruz tão cedo, por isso, liguem-me quando quiserem. O artigo vai sair de qualquer forma, com ou sem os vossos testemunhos. Pensei que gostariam de controlar a narrativa.

— Não vá contando muito com isso — reclamou Alexandre.

Leonor ainda lhes dedicou um sorriso do mais profissional possível antes de desejar as boas-tardes, lhes virar costas e se afastar para a saída.

— A lata desta gaja! — riu-se Daniel, revirando os olhos.

— Mas tem razão num ponto: nem todos vão mostrar-se tão abertos e disponíveis para ouvir a nossa versão. A maioria vai limitar-se a fazer de megafone a todos os boatos que ouvir por aí — alertou Gabriela, ainda a observar o cartão.

— Seja como for, nem vamos falar com esta nem com nenhum dos outros — decidiu Daniel, antes de se virar para Alex. — Vens lá fora comigo? Preciso de um cigarro.

— Voltaste a fumar? — perguntou Gabriela, tão surpreendida quanto ele.

— É só de vez em quando...

— Não interessa, vamos todos. Também preciso de apanhar ar — pediu Mariana.

Encaminharam-se para o pátio. Fizeram companhia a Daniel enquanto ele fumava e mantiveram-se por ali mais algum tempo, sem grande vontade de regressarem ao ar abafado e à cacofonia de conversas cruzadas no pavilhão.

Só conseguiram pegar em Sandra e João Paulo e dirigirem-se aos portões ao fim do que pareceu uma eternidade. A temperatura descera vários graus e o cinzento profundo do céu não permitia adivinhar as horas. Alexandre ouviu o estômago roncar alto e deu-se conta de que estava faminto.

Mariana, a caminhar ao seu lado de mãos enfiadas nos bolsos e queixo afundado no lenço que trazia ao pescoço, deu-lhe um encontrão com o cotovelo.

— Ei, estás bem?

— Não. Dói-me imenso a cabeça.

— Acredito. Também já não estava a aguentar tanta falsidade.

— Só mesmo o Barroso para se sair com uma ideia destas. Ao menos, já acabou. A ver se chegamos à quinta para tomar qualquer coisa para a cabeça.

Mariana anuiu enquanto olhava por cima do ombro para a entrada do colégio.

— Tinhas saudades? — perguntou Alexandre, envolvendo-lhe a

cintura com o braço e puxando-a para si.

— Não — confessou Mariana, ao fim de um instante. — Gostava de ter, mas não tenho. Passou-se aqui muita coisa que gostava de poder esquecer, mas não posso.

— Nem eu. E isto também já nem me parece uma escola. Parece uma prisão...

Mariana aquiesceu e também acelerou o passo, tão ansiosa quanto ele por chegarem ao carro e poderem escapar às garras dos fantasmas que os queriam puxar para trás e encarcerar naquelas salas e corredores sombrios.

Capítulo 26

— Mariana... precisamos de falar — disse Alexandre, sentando-se na cama.

Durante um segundo, ela continuou virada para a parede com uma sandália ainda a pender-lhe da mão. Alexandre percebeu que, dessa vez, a frase a alarmou. Recordou-se de que fora exatamente assim que começara a conversa em que lhe contou que recebera a mensagem de Daniel a pedir-lhes que voltassem a Santa Cruz. Dessa vez, Mariana não percebera de imediato a gravidade da situação, mas, agora, era impossível não perceber. Porém, estava tão cansada como ele, depois do dia que tinham tido e da tensão que vibrara à mesa durante o jantar, em que ninguém conseguiu dizer nada enquanto brincavam com a comida de um lado para o outro nos pratos. Compreendia, por isso, que tivesse tão pouca energia como ele para terem aquela conversa, mas, infelizmente, não podia poupá-la. Já adiara demasiado aquele momento. Deu-lhe um minuto para reunir ânimo para pousar as sandálias junto à porta e voltar a virar-se para ele.

— É sobre a conversa que tiveste com o César e o Rodrigo de manhã?

— Sim.

— O que é que eles descobriram? — perguntou Mariana,

sentando-se ao seu lado e entrelaçando os dedos nos dele.

Alexandre fechou os olhos, ganhou balanço e lançou-se de cabeça.

E contou-lhe tudo, do Rock in Rio de 2008 à festa de faculdade. Incluiu cada pormenor, os que contara à Polícia e os que guardara para si. Viu passar-lhe pelo olhar um espectro de emoções contraditórias, do choque à negação, ao amor e à alegria, à dúvida e à frustração. No fim, puxou-lhe o rosto para o seu e beijou-o. Manteve a boca sobre a dele por um longo momento, em que Alexandre lutou contra a vontade de a envolver com os braços e a puxar para cima de si, antes de tornar a afastar-se.

— Percebo porque é que nunca me contaste o que sentias por mim, mas... gostava mesmo que o tivesses feito.

— Eu também. Gostava de ter tido forças para te dizer isto tudo antes.

— Eu sei, tal como sei que não o fizeste porque não quiseste magoar o Francisco.

— Mas devia ter-me posto em primeiro lugar, não devia? — insistiu Alexandre. — Devia ter-me preocupado mais com o que eu sentia e não com o que ele sentia.

— A maioria das pessoas faria isso, mas se há coisa que não és, é egoísta — murmurou Mariana, pousando-lhe a mão no braço para o tranquilizar.

— Tu também não. Ou muito me engano, ou também fizeste muita coisa que preferias não ter feito para não magoar o Francisco.

Mariana baixou o olhar e o arrepio que a percorreu confirmou a Alexandre que acertara em cheio.

— Sim, tens razão... muita coisa podia ter sido evitada se não me tivesse preocupado tanto com os sentimentos do Francisco.

— Como assim?

— Nada, não te preocupes. É tarde de mais.

Alexandre quis insistir, mas Mariana calou-o com um novo beijo. Quando se afastou, pousou-lhe uma mão no peito e falou num tom mais grave.

— Percebo que isto possa não ter parecido muito promissor à Polícia, mas não fizeste nada de mal, por isso não tens nada a temer. Pois não?

— Eu não. Tu tens?

Mariana cerrou os maxilares com força e Alexandre sentiu o estômago cair-lhe aos pés ao perceber que, afinal, não era pela sua pele que devia temer.

— Há alguma coisa que me queiras contar sobre o Francisco?

— Não, não te preocupes.

— Não me peças que não me preocupe! É óbvio que estás a esconder qualquer coisa!

— Mas não vale a pena falar disso! Ele está morto e não vai passar disso, pois não?

Mariana levantou-se e, por um segundo, Alexandre pensou que fosse sair disparada ou que começasse a gritar. Ao invés disso, estacou no meio do quarto, respirou fundo várias vezes e dominou-se para voltar a olhá-lo nos olhos.

— Está tudo bem.

— Está mesmo?

— Não está, mas vai ficar. Quem não deve, não teme. E se acredito que não fizeste nada ao Francisco, tens de acreditar que também não fiz.

Alexandre desejou que ela acreditasse que estava tão seguro como se quis mostrar.

— Vamos dormir, OK? É tarde e amanhã não vamos ter um dia fácil — disse Mariana.

Depois de se deitarem, Mariana desligou o candeeiro da mesa de cabeceira e, na escuridão, enlaçou Alexandre com as pernas e os braços, formando em redor dele o casulo em que ele se sentia sempre em paz.

Alexandre apertou-a com força contra o peito. Queria poder escondê-la dentro de si e protegê-la daquilo que os esperava na manhã seguinte. A impotência crescente em relação a tudo o que se passava dava-lhe vontade de bater em si mesmo.

Talvez só um deles tivesse partilhado os seus segredos, mas fosse o que fosse que ela continuasse a esconder-lhe, não deixaria que minasse o amor que tinha por ela.

Ainda que viesse a descobrir que ela sabia mais do que admitia sobre o que acontecera a Francisco, não mudaria o que sentia por ela. Amava-a há demasiado tempo para aprender agora a vê-la de outra forma.

Capítulo 27

Gabriela nem sabia há quanto tempo estava estirada na cama, com o olhar fixo no teto, as mãos cruzadas sobre a barriga e um novelo de ansiedade a revolver-se lá dentro, mas decidiu que já fora o suficiente.

Num salto, foi buscar o caderno e a caneta e voltou a correr para a cama. Abriu o caderno numa página ao acaso e apenas teve tempo de arrancar a tampa da caneta com os dentes antes de a página atrair o bico e a tinta começar a correr.

Foi assim que ele a encontrou, horas depois, quando abriu a porta sem bater, como de costume.

O susto fez Gabriela dar um salto na cama. A caneta escapou-lhe da mão, indo a rolar pela colcha cor-de-rosa. O coração só conseguiu descer da garganta ao fim de um segundo, quando Francisco já se sentara ao seu lado.

— Que é isso? — perguntou, já a estender a mão para o caderno.

Gabriela ainda tentou impedi-lo, mas ele arrancou-lho com um safanão. Limitou-se a soltar um suspiro de rendição e a gatinhar pela cama para recuperar a caneta enquanto Francisco se recostava contra as almofadas felpudas às flores e começava a ler.

Manteve-se em silêncio até ao fim. Quando lá chegou, levantou os olhos arregalados para os dela e Gabriela sentiu o coração tremer.

— Estavas mesmo a escrever isto quando entrei?

— Estava...

— Tens noção de que está brutal?

O choque deixou Gabriela sem palavras.

— Há que tempos que não lia nada tão fixe! Onde é que foste buscar a ideia?

— Não sei...

— Hã? Como assim?

— Não... não sei bem... estava aqui deitada e lembrei-me disso.

— Sem mais nem menos?

— Sim, acho que sim.

Francisco deitou um olhar de esguelha às páginas antes de os olhos voltarem aos dela. Pela primeira vez, Gabriela deu-se conta de que ele tinha uns olhos magníficos.

A consciência de que reparar naquilo tinha provocado uma estranha faísca na boca do seu estômago, uma faísca que não podia ser outra coisa além de excitação — pelo seu melhor amigo, o seu irmão, a última pessoa por quem devia sentir aquilo — atingiu-a como um raio fulminante. Soltou a mão de Francisco e recuou tanto quanto podia sem chegar a sair da cama. Viu passar uma sombra de mágoa pelos olhos dele e apressou-se a esclarecer:

— Isto não é nenhum segredo! Só nunca calhou contar-vos...

— Porquê? Tens medo de não gostarmos?

O nó que Gabriela começara por sentir no estômago subiu para lhe torcer as cordas vocais. Tentou desviar o olhar do dele, mas o silêncio disse tudo.

— Não, não faças isso. Olha para mim.

Quando ela não obedeceu, Francisco envolveu-lhe o queixo com a mão e virou-lhe o rosto para o seu.

— Tens vergonha? Hã? Tens medo do que eu possa achar do que escreves?

— S-sim...

— Porquê?

— Porque não quero que me aches estúpida.

Francisco olhou-a como se aquilo fosse a coisa mais mirabolante que já ouvira.

— Gabriela, és muita coisa, muita mesmo, mas estúpida não é

uma delas.

— Não?

— Não. E depois de ler isto, ainda tenho mais certeza disso. Até podes não achar, mas a história está brutal. Acho mesmo que a devias mostrar ao Alex, ao Dan e à Mariana para eles também te poderem dizer isto. Se calhar, assim deixas de achar que tens de ter vergonha.

— Não, não lhes mostres!

— Porquê?

— Porque... olha, pelo menos para já não, OK? Mostro mais tarde, quando acabar a história e eles a poderem ler toda de seguida.

— Prometes?

Francisco exibiu um sorriso malicioso enquanto erguia o mindinho. Gabriela não conseguiu conter o riso. Francisco, Daniel e Alexandre fartavam-se de gozar consigo e com Mariana por gostarem de selar as promessas com um aperto de mindinhos.

Ainda assim, e ao ver que ele não recuava, acabou por lhe enlaçar o dedo com o seu, alimentando-lhe aquele sorriso bonito demais.

Com um arrepio, Gabriela perguntou-se quando é que ele teria ficado tão giro. E, acima de tudo, como é que podia sequer pensar assim nele.

— Prometes-me outra coisa? — pediu Francisco.

— Mau, o que foi agora?

— Prometes que me deixas ver sempre que queira o que estás a escrever?

— Não, isso não!

— Porquê? Prometo que não digo nada ao Alex e aos outros!

— Pronto... está bem.

A rapidez com que Francisco tornou a apertar-lhe o dedo, abanando-o com vigor, voltou a deixá-la sem palavras. Ele riu-se à gargalhada, uma gargalhada revigorante que cobriu Gabriela de pele de galinha.

Enquanto o riso cedia lugar a um sorriso ainda mais desconcertante, ele deixou de lhe apertar o dedo para lhe segurar a mão inteira num aperto formal.

— Sabes que mais? Quero ir ainda mais longe. Quero ajudar-te a escrever.

— Não sei se é boa ideia...

— Oh, vá lá, tem um bocadinho de fé em mim! Fazemos assim: vais-me mostrando o que fores escrevendo e vou-te ajudando a decidir o que está fixe e o que tens de tirar. O que é que pode correr mal?

Podia correr muita coisa mal. Principalmente porque, mais do que prestar atenção à promessa que já dava por si a fazer, estava a prestar atenção à forma como a boca dele se movia e ao quanto gostava de o beijar.

E acabou por acontecer o que acontecia a maior parte das vezes: conheciam-se demasiado bem, por isso Francisco entrou-lhe na mente e soube o que dizer a seguir.

— Queres, não queres?

— Quero...

O sorriso cresceu antes de ele se inclinar sobre ela. Gabriela só teve tempo de fechar os olhos antes de a boca dele tocar a sua.

Sentiu um arrepio, mais próximo de um choque elétrico, descer-lhe pela coluna e expandir-se pelo resto do corpo. A boca ganhou vida debaixo da de Francisco, rebelando-se contra o que o cérebro lhe gritava para fazer. As mãos subiram para o rosto e cabelo dele, enquanto as de Francisco lhe envolviam a cintura e a puxavam para o seu colo, deixando-a adaptar as pernas à sua cintura.

Quando voltou à superfície, ainda sentia a língua dele a roçar a sua.

Arquejou, atirada à realidade, e sentou-se no meio da cama.

Tinha a garganta seca. Tateou a parede e a mesa de cabeceira à sua esquerda, à procura do interruptor do candeeiro. Levantou-se, envolveu-se no casaco de malha que fazia as vezes de robe de quarto e saiu de mansinho para o corredor. Ouviu Alexandre e Mariana a rressonarem no quarto ao lado. Ele sempre rressonara mais alto que ela, mas agora coordenavam-se numa cadência que, ao invés de sobressaltar algum deles, parecia antes tranquilizá-los.

Desceu à cozinha e foi ao armário buscar um copo. Encheu-o à torneira e estava a acabar de o esvaziar quando ouviu o ruído.

Paralisou. Sentiu cada músculo do corpo travar, como uma ficha arrancada à pressa da tomada. O ruído repetiu-se, permitindo-lhe perceber que vinha lá de fora.

O coração começou a bombear o sangue mais depressa. Passaram-lhe pela cabeça as piores teorias para quem poderia estar do lado de lá

daquela parede. Pensou em gritar, mas o medo travou-lhe a voz.

O ruído regressou. Eram passos, a dirigirem-se à porta das traseiras.

Gabriela baixou o olhar para a terceira gaveta do móvel à sua frente. Era a das maiores facas, cutelos e outros instrumentos de corte. Inspirou fundo para reunir coragem e, num único movimento, abriu a gaveta, sacou do cutelo de cabo de madeira, voltou a fechar a gaveta e virou-se para a porta da cozinha.

O ruído parara. Ficou à escuta um instante, com o coração a bater depressa. Ouviu algo diferente — madeira a ranger? — antes de o silêncio regressar. Apertou o cabo do cutelo com mais força, lançou o medo para trás das costas e avançou para a porta, o corredor e, ao lado, a porta das traseiras.

Encheu o peito de ar, girou o manípulo e saltou para o exterior.

Daniel, recostado na espreguiçadeira, com um cigarro a caminho da boca e uma cerveja na outra mão, ficou branco como cal.

O alívio atingiu Gabriela como uma bofetada e desequilibrou-a.

— Oh, meu Deus, Daniel! Oh meu... o que é que estás a fazer aqui?

— *Desculpa?* Achas mesmo que és tu que deves fazer essa pergunta?

Gabriela vergou-se, apoiou as mãos nos joelhos e tentou recuperar o fôlego. Conseguiu-o ao fim de uns segundos e foi sentar-se na espreguiçadeira ao lado da dele. Daniel estendeu-lhe a cerveja enquanto lhe tirava devagar o cutelo da mão e o pousava na mesa de apoio ao seu lado. Gabriela bebeu três longos goles e devolveu-lhe a cerveja.

— O que fazes aqui a esta hora?

— Tive um pesadelo — confessou Gabriela, passando as mãos pelo cabelo. — Esqueci-me de levar água para o quarto, vim cá abaixo beber e acabei por ouvir barulho e... enfim, foi uma parvoíce, desculpa.

— Bem, pela maneira como saíste por aquela porta, parecias uma profissional.

Gabriela deu uma gargalhada.

— E tu, o que é que fazes aqui em baixo?

— Insónias — Daniel encolheu os ombros.

— É bem capaz de ser a tensão de tudo o que passámos hoje a não te deixar descansar.

— A verdade é que isto já é um hábito. Há anos que passo a maior parte das noites aqui fora.

— A sério?

— Sim. Mas só agora que descobri que o Francisco esteve este tempo todo enterrado ali à frente é que percebi que talvez seja por isso que não consigo parar de ter pesadelos com ele a entrar-me pela porta a meio da noite.

Gabriela olhou para o horizonte. Não conseguia discernir os contornos dos portões do cemitério no meio das sombras, mas sentia-os. Afagou os braços.

— Achas que a pessoa que o matou pode estar escondida cá na quinta? A espiar-nos, à espera do momento certo para atacar? — murmurou, ainda a sondar a escuridão.

— É possível. Mas, se nos focarmos nisso, não dormimos hoje nem nunca mais.

O silêncio juntou-se-lhes. Daniel esvaziou a garrafa e tirou outra, que Gabriela nem vira, de debaixo da espreguiçadeira. Abriu-a, bebeu dois goles e estendeu-lha. Enquanto lhe pegava, Gabriela decidiu que chegara o momento de libertar o que tinha entalado no peito.

— Tens de contar a verdade à Polícia.

Daniel manteve o olhar perdido na escuridão enquanto engolia em seco.

— Sabes o que eles vão pensar de ti, não sabes?

— Sei. Eles, a Mariana, o Alex e toda a gente. Mas não podemos continuar a guardar segredo. Sei que o fizeste por mim, mas já chega.

Daniel concordou com um aceno solene e desviou o olhar. Gabriela reuniu coragem e fez a pergunta que lhe martelava a consciência desde a primeira conversa com a Polícia.

— Como é que descobriste que eu e o Francisco...

— Foi na noite da reunião em casa dele.

— A sério? Mas...

— Ele tinha saído para ir fumar quando eu e o Alex estávamos no fim de uma das partidas, lembras-te? O Alex estava concentrado no póquer e a Mariana estava ao telemóvel, a mandar mensagens já não sei a quem. Foi quando tu disseste que ias à cozinha buscar mais

bebidas. Achaste que eu também estava tão concentrado no jogo que não ia prestar atenção, mas vi-te desviar caminho para as traseiras em vez de ires à cozinha.

— Oh... estou a ver. Achei mesmo que ninguém nos tinha apanhado — admitiu Gabriela, a corar profundamente.

— Eu sei. Quase davas nas vistas quando percebeste que eu não queria dizer à Polícia porque é que tinha discutido com o Francisco.

— Não percebi logo que era por minha causa, sabes? Pelo menos até a Mariana te ter confrontado na cozinha e teres olhado para mim enquanto dizias que as pessoas têm direito aos seus segredos. Foi só aí que percebi que, de alguma forma, estavas a par do que se passou entre mim e o Francisco.

— Então, não ouviste nada da nossa discussão, depois de vocês supostamente terem subido para os quartos?

— Não foi supostamente, nós subimos mesmo. Por isso, não, não ouvi nada.

Daniel voltou a afastar o olhar enquanto digeria aquilo. Gabriela bebeu um pouco mais antes de lhe passar a garrafa e o deixar afogar o constrangimento.

— O pesadelo que tiveste hoje... foi com o Francisco?

— Sim. Quer dizer, foi mais uma memória que outra coisa. Lembrei-me do dia em que descobrimos que ambos escrevíamos.

— *Hã?!*

Ah, claro, pensou Gabriela Não podia começar a meio da história se ele não sabia o início. Fechou os olhos, enchendo o peito de ar, e preparou-se para se deixar enterrar ainda mais nas recordações de Francisco.

Capítulo 28

Daniel queria dar tempo a Gabriela de reunir ânimo para as revelações que tinha de fazer, mas não conseguiu lutar muito tempo contra a ansiedade.

Quando começava a pensar que os segredos entre eles estavam a acabar, eis que aparecia um novo, maior, mais mirabolante ou mais macabro, e o choque voltava a derrotá-lo.

— Não precisas de ter vergonha — disse, enquanto lhe pegava na mão. — Já estamos muito para lá disso, não achas?

Os olhos brilhavam de emoção quando Gabriela concordou, com uma gravidade que o arrepiou.

— Sim, estamos. Então... lembras-te de eu, de vez em quando, dizer que inventava umas histórias?

— Epá, sim, chegaste a falar-me disso uma ou duas vezes. Nunca me mostraste nada, mas lembro-me de teres dito que tinhas estado a escrever qualquer coisa.

— Eu escrevia muito mais que *qualquer coisa*. Na verdade, metade das vezes que vos dizia que tinha passado a noite a ver filmes ou séries ou a ler outros livros, tinha estado a escrever. E não era a única.

— O Francisco também escrevia?

— Não... mas era meu editor.

Perante o ar desnorteado de Daniel, Gabriela ergueu o olhar para

o céu, inspirou fundo e esclareceu:

— Quando o Francisco descobriu, eu ainda estava na fase de achar que aquilo que escrevia era uma bela merda e que não valia a pena mostrá-la a ninguém... mas, como ele descobriu, e óbvio que depois disso nunca mais me deixou esconder-lhe nada, passei a partilhar as minhas histórias com ele e... e isso acabou por nos aproximar de uma forma diferente...

— Deixa-me adivinhar: isto aconteceu enquanto ele namorava com a Mariana?

— Sim, por isso percebes porque é que ele tinha medo de que ela tivesse ciúmes.

— Até imagino que pudesse ter, mas, e se ela nunca chegou a saber o que eu soube por vos ouvir discutir na noite antes de ele desaparecer, acabavam-se os ciúmes assim que o Francisco lhe dissesse que não havia nada entre vocês, certo?

— Não... porque a verdade é que ela tinha razão para ter ciúmes.

O choque emudeceu-o. Gabriela corou e afastou o olhar, enquanto lhe tirava a cerveja. Bebeu vários goles para ganhar coragem para o resto.

— Acredita que, antes dessa tarde, nunca olhei para ele dessa forma. Não sentia a mínima atração por ele, juro. Só que nessa tarde, a maneira como ele olhou para mim... não consigo explicar. Foi mais forte que eu. Mas ele namorava com a Mariana e a última coisa que eu queria era estragar as coisas entre eles, por isso tentei portar-me bem...

— Como é que não perdeste a cabeça?

— Porque, quando gostas o suficiente de alguém para dares mais valor à sua felicidade que à tua, fazes o que for preciso para não dar cabo dela.

Daniel não tinha como rebater aquele argumento. Deixou o silêncio pairar entre eles durante algum tempo, e acabou por ser Gabriela a continuar.

— O pesadelo que tive hoje foi bastante fiel à memória daquela primeira tarde... até que começou a descambar. Foi aí que acordei.

— Como é que descambou?

— Sonhei que tinha sido logo nessa tarde que tínhamos ido para a cama.

— E não foi isso que...

— Não. Não aconteceu nada entre nós nessa tarde.

— Então, quando é que?

— Na... na festa de anos do Alex.

— Puta que pariu... — arquejou Daniel.

— Eu sei. Tens todo o direito a chamar-me isso e tudo o mais que te passe pela cabeça. Tenho noção de que não foi bonito.

— Não, desculpa, saiu-me da boca para fora. Mas óbvio que não vou chamar-te nada. A sério, não vou.

Não podia. Quem tem telhados de vidro não atira pedras aos dos outros, não era isso que a mãe dizia?

— Obrigada. Acredita que não me orgulho do que fiz. Sim, continuava apaixonadíssima por ele, mas devia ter-me lembrado de que ele continuava com a Mariana, de que eram os dois família para mim e de que devia ter mantido a felicidade deles acima de tudo.

— Isso é tudo muito bonito em teoria, mas na prática não é assim que funciona. Somos humanos, erramos e vamos atrás do que queremos. Estavas consciente daquilo que estavam a fazer, ao menos?

— Não muito. Já tinha bebido bem mais que a minha dose. Quer dizer, não estava em coma alcoólico, mas também não estava a pensar com todos os neurónios, isso não.

— E o Francisco?

— Também se tinha fartado de beber, mas... acho que estava um pouco mais ciente do que eu daquilo que estávamos a fazer.

— Meu Deus... A Mariana não sabe disto, pois não? Nem o Alex?

— Não. Ninguém, até hoje, soube disto. Mas está na hora de saberem.

Daniel tinha começado a sentir um nó a formar-se na garganta, o qual apertava mais e mais à medida que ouvia a história de Gabriela. Agora que se aproximavam da certeza de que iam ter de contar tudo aquilo não só a Mariana e Alexandre como a César e Rodrigo, o nó quase o estrangulou.

Mas não podia impedi-la de trazer a verdade à tona. Por muito que gostasse de poder continuar a protegê-la, não podia tirar-lhe o direito aos seus segredos, nem a acabar com eles quando bem entendesse.

— Obrigada por teres guardado este segredo comigo — murmurou

Gabriela, pousando a mão na dele. — Por nunca me teres feito sentir uma cabra, que é o que sou depois daquilo que fiz à Mariana. Mas chegou a hora. Tens de contar à Polícia a razão para teres discutido com o Francisco naquela noite. Tens de parar de me proteger.

— Tens noção de que isto vai dar cabo da Mariana, não tens?

— Sim, tenho. Mas já nos deixámos, eu e tu, enterrar demasiado por este segredo. Quase fez a PJ considerar-te suspeito de matares o Francisco e...

— E agora vai fazer-te a ti!

— Pois vai, mas tem de ser, Dan... temos de deixar que se saiba a verdade.

Procurou-lhe no olhar algum sinal de que ela se fosse arrepender daquilo no dia seguinte. De que, no instante em que se preparasse para contar a César e Rodrigo o motivo para ter discutido com Francisco, ela se acobardasse e desse cabo de tudo, levando-o a ficar ainda mais na lama.

Mas não encontrou sinal nenhum. Os olhos dela podiam brilhar com as lágrimas mal contidas, mas teve a certeza de que não se ia arrepender. Acabou por concordar com um aceno, garantindo-lhe que podia contar consigo.

Gabriela soltou um longo suspiro e apoiou a testa no peito dele. Daniel fechou os olhos, enquanto a envolvia com os braços e lhe beijava o topo da cabeça.

— O João Paulo lembra-se de ouvir o Francisco comparar-nos a uma corrente, por causa da *The Chain* dos Fleetwood Mac, sabias?

— Sim, sabia que ele achava que essa música nos representava, mas não sabia que tinha falado disso ao João Paulo.

— Mas falou, e ele acha que continuamos a ser o que éramos quando o Francisco era vivo. Que continuamos ligados por essa corrente.

— Se calhar, tem razão — sussurrou Gabriela, entrelaçando os dedos da mão nos dele. — Mas, se houver realmente alguma corrente, de certeza que está amaldiçoada.

Capítulo 29

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, e tal como combinaram de madrugada, Daniel ligou a César e Rodrigo e pediu-lhes que fossem ter à quinta. Gabriela tentou disfarçar o nervosismo no compasso de espera que se seguiu, mas como eles nunca mais chegavam, ofereceu-se para ir tirar cafés, para ter uma desculpa para ter as mãos ocupadas. Daniel ficou com Alexandre e Mariana a ver o noticiário na televisão e deixou-a ir sossegada para a cozinha. Era lá que estava quando a campainha ecoou pela casa. Adivinhando que eram César e Rodrigo, tirou mais dois cafés, dispondo as várias chávenas, as colheres e o açucareiro num tabuleiro de metal, o qual depois levou a custo para a sala.

E que quase lhe escapou das mãos quando viu que João Paulo e Sandra também tinham vindo.

— Bom dia. São servidos? — ofereceu Gabriela, esforçando-se por manter a calma.

— Sim, por acaso ia mesmo bem agora um café. Obrigado — sorriu César.

Sentou-se num dos cadeirões e pegou na chávena que Gabriela lhe estendeu. Ela distribuiu as restantes por Rodrigo, Sandra e João Paulo e, no fim, percebendo que Alexandre e Mariana nem se importavam de não beber café, sentou-se no braço da poltrona de Daniel. Ele

tentou apanhar-lhe o olhar, certamente para lhe dizer que deviam voltar atrás com o plano, mas Gabriela evitou-o de propósito.

Já tinha tomado a sua decisão. Agora teria de viver com ela.

— Ora diga lá, Daniel, o que é que é tão importante para nos ter cá chamado a esta hora — começou Rodrigo.

Daniel pareceu mirar sob todos os olhos que se cravaram nele. Gabriela apertou-lhe o ombro com carinho, incentivando-o a começar.

— Há uma coisa que precisam de saber sobre a noite antes de o Francisco desaparecer... e que ainda não vos contei.

— Oh, de certeza que ainda há muito que não nos contaram sobre essa noite — provocou Rodrigo.

— Mas ainda bem que tomou a iniciativa de o fazer agora, Daniel — contrapôs César, num tom mais brando. — E se preferir que falemos a sós noutra sala...

— Não, podemos falar aqui. Já chega de segredos entre nós.

— Muito bem. Mas aviso desde já que se algum de vocês tentar interromper ou juntar-se ao testemunho do Daniel, vamos ter de vos pedir que saiam, entendido? — avisou César, enquanto ligava o gravador e o pousava sobre a mesinha de centro.

— Sim — confirmou João Paulo.

— Muito bem. Vamos a isto. Testemunho de Daniel Aleixo às 9h15 de segunda-feira, 27 de maio de 2019. Daniel, pode começar.

— Bem... eu e o Francisco não falámos apenas do Alex e da Tatiana quando fomos ao jardim fumar aquele último cigarro antes de nos irmos deitar. Também falámos... da discussão que eu tinha ouvido entre ele e a Gabriela.

— Quando é que isso foi?

— No final de uma das rondas de póquer. O Francisco foi ao jardim fumar porque já tinha ficado de fora, e a Gabriela deu a desculpa de que queria ir à cozinha beber um copo de água, mas foi ter com ele...

— E de que é que os ouviu falar? — perguntou César.

— Ouvi... ouvi a Gabriela perguntar-lhe quando é que ele tencionava contar à Mariana que se tinham envolvido.

As palavras atravessaram-na como disparos. Primeiro veio o choque, tão intenso que nem lhe permitiu sentir dor. Esta veio depois, quando os olhos de Mariana, arregalados de surpresa, trespassaram os

seus.

E, então, teve a certeza de a ter perdido para sempre.

— Portanto, o Francisco traiu a Mariana com a Gabriela? — resumiu Rodrigo, impávido.

— Sim.

— E o Daniel sabia disso?

— Não, só descobri nessa noite.

O olhar de Mariana passou de lava a aço.

— Preferimos que seja a Gabriela a esclarecer-nos essa parte a seguir, por isso vamos focar-nos na discussão que o Daniel e o Francisco tiveram quando ficaram a sós, ao final da noite. O que é que lhe disse, Daniel? — perguntou César.

— Encostei-o à parede. Disse-lhe que os tinha ouvido e não podia acreditar no que ele tinha feito. Ele ficou de rastos. Começou a chorar, disse que não queria ter magoado nenhuma delas... e que tinha sido um erro envolver-se com a Gabriela.

O coração de Gabriela mirrou um pouco mais. Sentiu as lágrimas marejarem-lhe os olhos, mas escondeu-as. Não queria que ninguém visse que, mesmo após tantos anos, continuava a magoá-la saber que era assim que Francisco olhava para si.

— O Francisco mostrou-se arrependido? — indagou César.

— Sim. Sim, gostava mesmo de poder voltar atrás e evitar a dor que provocou à Gabriela e a que sabia que ia provocar à Mariana se ela descobrisse a verdade.

— Não lhe pareceu que ele planeasse contar à Mariana, num futuro próximo, que a tinha traído?

— Não... Quer dizer, pelo menos naquela noite não. Disse que precisava de mais tempo, que precisava de pôr a cabeça em ordem e...

— Quando é que se deu essa traição?

— Durante o nosso décimo primeiro ano...

— Tinha-se passado, se estamos a acompanhar o vosso raciocínio, quase um ano. Não era tempo suficiente para ele pôr a cabeça em ordem?

— Sim, era, mas ele achava que não, porque ainda não tinha encontrado uma maneira de lhe explicar a situação sem a perder, entendem?

— Ele achava mesmo que isso ainda era possível?— inquiriu

Rodrigo, com a dose adequada de cinismo.

— Ele sabia que ela se ia passar da cabeça, mas queria contar-lhe as coisas de forma a que ela conseguisse perdoá-lo — esclareceu Daniel. — O que não queria mesmo era perder a amizade dela. E, no fim de contas, acabou por conseguir. Depois de acabarem, mantiveram-se tão amigos como antes, e era assim que queria que continuassem. Disse-me que... o que menos queria na vida era perder a Mariana.

Mariana levantou-se abruptamente.

— Se me derem licença, preciso de apanhar ar.

— Com certeza. Mas não saia da quinta, por favor. Podemos precisar de a chamar para confirmar algum pormenor — pediu César.

Mariana saiu sem mais uma palavra. Alexandre começou a levantar-se, mas Rodrigo desencorajou-o com um olhar de aviso, antes de devolver a palavra a César. Este inclinou-se para diante, unindo as mãos ao nível dos joelhos, e tornou a concentrar-se em Daniel.

— Então, para pormos os pontos nos is: o Daniel, que gostava tanto do Francisco, da Mariana e da Gabriela, que diz que os via a todos como família, descobre que o Francisco tinha traído a confiança e o amor de ambas.... Deve tê-lo deixado fora de si, não?

— Sim. Não vou esconder que fiquei fodido com ele.

— Acredito... mas quão fodido?

Daniel lançou-lhe um olhar dilacerante, que em nada diminuiu a frieza com que César o fitava. Gabriela, compreendendo por fim o caminho que ele queria seguir, sentiu o coração cair-lhe aos pés. Abriu a boca, preparando-se para defender Daniel, mas ele explodiu antes disso.

— Está a gozar com a minha cara?! Agora acham que matei o Francisco?

— Não nos ouviu dizer isso, pois não?

— Para bom entendedor, meia palavra basta!

— Pois se é tão bom entendedor, entenda isto — declarou Rodrigo, como um maldito gato prestes a lançar-se sobre o rato. — Acabou de admitir que ficou furioso com algo que descobriu sobre o seu melhor amigo e que tiveram uma discussão acalorada na véspera do desaparecimento dele. Desaparecimento esse que agora se sabe que se deveu a um homicídio. E, veja só a cereja no topo do bolo, o corpo

foi enterrado no cemitério que se consegue ver aqui da quinta, tão perto que podia mantê-lo debaixo de olho estes anos todos e controlar quando a Polícia lá ia ou não.

— Que merda vem a ser essa? Estão loucos? Eu não matei o Francisco!

— Admite ao menos que teria motivos para isso? — insistiu César.

— Não, não admito, porque não tinha motivos nenhuns! Desde quando é que discutir com uma pessoa é o mesmo que matá-la?

— Não é, mas uma coisa pode levar à outra. E acredite que já nos passaram pelas mãos casos em que as vítimas foram mortas por muito menos.

— Estou-me a cagar para os casos que vos passaram pelas mãos! Eu não fiz nada ao Francisco!

— Acalme-se, Daniel. Estamos apenas a conversar — pediu César.

— A *conversar*?! Estão a distorcer o que digo para me fazerem parecer culpado!

— Não, não estamos. Estamos apenas a tentar eliminar esta hipótese, da mesma forma que eliminámos a de que tivesse sido o Alexandre a matar o Francisco por ciúmes.

No silêncio que se seguiu, todos os olhos se cravaram em Alexandre. O rosto ensombrou-se-lhe ainda mais e as mãos cerraram-se em punhos, com as veias e os ossos a sobressaírem sob a pele. João Paulo começou a abanar a cabeça, perplexo com a enxurrada de revelações que lhe eram atiradas para o colo. Já os olhos de Sandra saltavam entre Alexandre e Daniel como se de perfeitos estranhos se tratassem.

— Tinhas ciúmes da Mariana e do Francisco? — balbuciou Gabriela.

— Tinha.

— E nunca nos disseste? — juntou-se Daniel.

— Para quê? Eles gostavam um do outro e eu não me ia meter no meio! Nenhum de nós ia. Ou, pelo menos, achei que não.

— Eu não me quis meter no meio deles! — bradou Gabriela.

— Calem-se, se fazem favor! — bradou César, perdendo a paciência. — É por estas e por outras que preferimos ter estas conversas em separado. Já se arrependeu da sua bela ideia, Daniel?

— Pode crer que já.

— Pois, mas agora que já começámos, vamos acabar. Gabriela e Alexandre, vão ter a vossa oportunidade de falar e, depois de nós sairmos, de resolverem o que tiverem de resolver entre vocês, estamos entendidos?

— Sim, inspetor — murmurou Gabriela.

— Ótimo. Voltando a si, Daniel, a discussão com o Francisco, na véspera da morte dele, manteve-se no plano verbal ou escalou para o físico? — inquiriu César.

— Claro que... Olhem, alguma vez viram dois gajos discutir sem se passarem um bocado da cabeça?

— Algumas vezes, mas essas discussões não interessam. Só interessa a que o Daniel e o Francisco tiveram naquela noite.

— Pronto, está bem, sim, passei-me. Passei-me um bocado da cabeça com ele.

— Bateu-lhe?

— Não foi bem... Pronto, agarrei-o pelo colarinho e espetei-o contra a parede. Dei-lhe um murro ou dois. Chamei-lhe tudo o que me veio à cabeça.

— E ele não ofereceu resistência?

— Não. Nenhuma mesmo. Ele...

— Sim?

— Ele sabia que merecia.

Sandra soltou um gemido e escondeu o rosto nas mãos. Gabriela olhou para Daniel e viu-o contrair-se de dor. Sabia que queria levantar-se, ir abraçar Sandra e dizer-lhe o quanto se arrependia daquilo que dissera e fizera a Francisco, e que só não o fazia porque César e Rodrigo o mantinham preso sob os seus olhares de chumbo

— O Francisco mostrou-se arrependido daquilo que fez? — perguntou César.

— Sim, muito. Muito mesmo — disse Daniel. — Começou a chorar quando lhe dei o primeiro murro. Disse que podia bater-lhe as vezes que quisesse porque merecia. Tive vontade de lhe bater até o deixar roxo, acreditem, mas vê-lo assim, tão na merda, tão... olhem, não consegui. Disse-lhe só que era bom que ele ganhasse tomates para assumir o que tinha feito, que tinha de resolver as coisas com a Mariana e a Gabriela porque não ia dar cabo do grupo por não saber manter a braguilha fechada.

— E foi aí que terminou a discussão?

— Sim. Depois subi para o quarto, ele esperou uns minutos e também subiu, deitámo-nos e dormimos.

— Mas, na manhã seguinte, ninguém notou a tensão entre vocês.

— Pois não, porque não queríamos que soubessem o que se tinha passado. O Francisco já estava a sentir-se mal o suficiente e eu sabia que o melhor era dar-lhe tempo para se preparar para puxar a Mariana ou a Gabriela à parte e falar com elas.

— Só que isso não chegou a acontecer. Arrumaram a casa e depois foram-se embora para irem almoçar às vossas casas. O Francisco nunca chegou a falar a sós com a Gabriela nem com a Mariana.

— Pois não. E de certeza que, antes de morrer, se deve ter arrependido disso.

César e Rodrigo permitiram-lhe uma breve pausa, na qual Daniel deitou um olhar hesitante a João Paulo e a Sandra. Ela continuava com o rosto escondido nas mãos e ele afagava-lhe os ombros enquanto pressionava a cana do nariz com a outra mão, a tentar conter as próprias lágrimas.

— Daniel, há mais alguma coisa que nos tenha escondido na primeira vez que falámos e que seja importante acrescentar agora? — inquiriu César.

— Não. Isto foi tudo o que se passou entre mim e o Francisco naquela noite. Depois de nos despedirmos no dia seguinte e de eu ter ido para casa com o Alex, não o voltei a ver nem a falar com ele. Só soube que ele tinha desaparecido quando a Mariana me ligou.

— Muito bem. Parece-nos que ficamos por aqui. Fim do testemunho de Daniel Aleixo — declarou César, enquanto desligava o gravador e se virava para Gabriela. — Podemos avançar consigo a seguir?

Gabriela aquiesceu, sem tirar os olhos do chão. Não sabia o que seria pior: ter Mariana ali, a julgá-la com a sua frieza massacrante, ou ter de reviver as suas piores memórias uma segunda vez, quando lhas contasse.

Todavia, como nem César nem Rodrigo pareciam fazer tenção de a ir chamar, reuniu coragem para erguer o olhar para ambos e deixou que a tortura começasse.

Capítulo 30

— Testemunho de Gabriela Lopes às 10h08 de segunda-feira, 27 de maio de 2019 — declarou César, antes de fixar o olhar nela. — Gabriela, o Daniel Aleixo acabou de reconhecer que a Gabriela foi o tema da discussão que teve com o Francisco Andrade na noite da véspera do desaparecimento e morte dele. Discussão essa que terá vindo na sequência de outra que vocês os dois tiveram antes. Confirma esta informação?

— Sim.

— Conte-nos como é que foi a vossa discussão.

— Como o Daniel disse, o Francisco já tinha ficado de fora da ronda de póquer que estávamos a jogar e disse que ia ao jardim fumar para fazer tempo até poder jogar outra vez. Foi aí que eu quis... Eu tinha passado a véspera e esse dia inteiro à procura de uma forma de o puxar à parte e perguntar-lhe o que é que ele tencionava fazer em relação a nós. Nesta altura, ele e a Mariana já tinham acabado há mais de um ano e eu achava que já tinha esperado o suficiente...

— Queria, portanto, tentar ver se tinha sorte com ele?

— Não! Vocês colocam as coisas nesses termos e parece que somos todos uma cambada de anormais!

— Perdão. Talvez se nos contar as coisas nos *seus* termos, seja mais fácil percebermos aquilo que a levou a ir ter com o Francisco

naquele momento.

Gabriela desviou o olhar para a janela. Lá fora, o céu começava a cobrir-se de nuvens. Ameaçava abrir-se numa tempestade a qualquer momento, numa fúria que, ainda assim, não igualaria a que Gabriela sabia que a aguardava quando tudo viesse à tona.

— O Francisco não me via da mesma forma que o Daniel, a Mariana e o Alexandre. Aos olhos dele, eu não era uma anormal com uma imaginação demasiado fértil. Era perspicaz, criativa, sensível... *especial*. E tudo o que queremos é que alguém olhe para nós como o Francisco olhava para mim e nos faça sentir especiais. E, de tanto me ajudar com as minhas histórias, a criatividade dele também começou a vir ao de cima e ele também começou a tentar escrever, o que nos aproximou ainda mais. Como se partilhássemos um dom, um superpoder que nos separava dos comuns mortais. Cada pequeno detalhe do dia a dia enchia-nos as cabeças de ideias mirabolantes. A Mariana, o Alex e o Daniel viam um cão sozinho a atravessar a rua e, se olhassem duas vezes para ele, era muito. Mas eu e o Francisco? Nós começávamos logo a tecer mil teorias para o que ele estaria a fazer ali, de quem era, o que é que lhe tinha acontecido, se teria sido abandonado e porquê... As nossas cabeças nunca tinham descanso. Só que não deixávamos ninguém ver. Só nos tínhamos um ao outro... E claro que, a partir daí, as coisas começaram a mudar, quer quiséssemos ou não. E não queríamos, atenção, mas não havia nada que pudéssemos fazer. Não tive a mínima hipótese de não me apaixonar por ele.

— E foi recíproco? — perguntou César, num tom mais baixo e compassivo.

— Não. Na altura, ele namorava com a Mariana. Eram o casal-sensação do colégio. Toda a gente os idolatrava, todos queriam ser como eles. Eu ia-me apaixonando mais por ele a cada dia e a cada dia me convencia mais de que nunca ia acabar na posição em que a Mariana estava. Até... até à festa dos 17 anos do Alexandre.

Nem foi capaz de olhar para ele. Sentia-se a ferver e não aguentaria olhá-lo de frente e enfrentar o choque que sabia que aquela revelação provocara.

Felizmente, César parecia não querer perder tempo e apressou-se a passar à frente.

— Foi aí que finalmente se envolveram?

— Sim. A festa dele acabava sempre por ser uma festa de Natal porque ele faz anos a 12 de dezembro. Os nossos amigos e colegas arranjavam sempre maneira de ir porque depois muitos iam para fora com a família. As festas do Alex eram, no fundo, a última vez que nos reuníamos antes do Ano Novo. Nos primeiros anos, eram menos extravagantes e ainda eram em casa da mãe do Alex, mas, a partir do décimo ano, quando entrámos para o D. João III e nos tornámos a elite, o Francisco passou a oferecer a casa para as festas porque era maior e tinha mil vezes mais decorações de Natal que a do Alex. Por isso, sim, a festa dos 17 anos foi em casa do Francisco e, no geral, correu bem. Toda a gente se divertiu bastante, estava tudo ótimo. Eu... eu comecei a beber assim que passei da porta e fui continuando. Não é algo de que me orgulhe, mas estava a sentir-me miserável e precisava de calar a consciência.

— Miserável porquê?

— O Natal sempre foi a minha festa preferida e a altura em que andava mais feliz, mas naquele ano não conseguia esconder que andava de rastos. A minha mãe perguntou-me algumas vezes o que é que se passava. Dei sempre a desculpa de que andava preocupada com os últimos testes desse período e que tinha medo de as notas não serem tão boas como de costume. Ela foi engolindo, claro...

— Claro? Não lhe pareceu que lhe tivesse passado pela cabeça, a certa altura, que pudesse ser apenas uma desculpa esfarrapada?

Gabriela desviou o olhar, ponderando se precisava de lhes revelar assim tanto e percebendo, quase de imediato, que a hesitação fora um tiro no pé.

— Gabriela, precisa que repita...

— Não, inspetor, não preciso. É só que... a minha mãe não é propriamente o melhor exemplo de maternidade deste mundo. Por isso, sim, ia engolindo, sem pensar duas vezes ou se preocupar em questionar fosse o que fosse, o que eu lhe dizia.

— Adiante... A Gabriela andava bastante em baixo, por isso quis afogar as mágoas na festa do Alexandre — deduziu César.

— Sim. Ali tinha uma boa forma de garantir que me ia divertir, por isso bebi tudo o que me passava pelas mãos.

— O Francisco também bebeu de mais? — indagou César.

— Sim, mas ele...

Gabriela olhou para Daniel, desejando que ele percebesse que precisava do seu apoio, mas ele continuava de olhos no tapete, perdido nos seus pensamentos, e deixou-a sozinha.

— Ele o quê? — insistiu César.

— O Francisco... bebia um bocado de mais naquela altura.

Sandra deixou as mãos descerem-lhe do rosto e Gabriela sentiu-se cobrir de gelo. Desejou, mais que nunca, que César e Rodrigo lhe tivessem oferecido a possibilidade de falarem a sós. A última coisa que queria era que João Paulo e Sandra tivessem de ouvir aquilo sobre Francisco, mas estava tudo a acontecer demasiado depressa para o seu controlo.

— Gabriela, está a querer dizer que o Francisco tinha um problema com o álcool?

— Não, não é isso! Ele não era alcoólico, a sério que não! Só que... s-sim, abusava um bocado nas festas e nas saídas...

— Algum de vocês o chamou à atenção por isto?

— Algumas vezes, sim... só que ele saía-se com a desculpa de que estava só a divertir-se e de que podíamos parar de nos armarmos em pais e mães dele porque...

— Porque se quisesse aturar o pai e a mãe, tinha ficado em casa — concluiu Rodrigo.

— Sim. E como não queríamos aborrecê-lo, porque, afinal de contas, saíamos à noite e íamos a festas para nos divertirmos, deixávamos andar.

Suportou os olhares desdenhosos de ambos, ciente de que, no fundo, os merecia. De que serviria dizer-lhes que já perdera a conta às vezes que olhara para trás e tivera vontade de lhe arrancar as garrafas das mãos, para o impedir de continuar a beber? Para o impedir de continuar a cair?

— Voltando à festa... — disse César, consultando o bloco de notas. — A Gabriela e o Francisco estavam bêbedos, ele puxou-a para o quarto e...

— Não foi assim! Acham que eu e o Francisco íamos para a cama sem mais nem menos?

— Então, como é que aconteceu? — inquiriu César.

Gabriela fechou os olhos. A memória queimava-lhe as pálpebras.

Dera pela falta de Francisco já depois da meia-noite, quando a *Use Somebody* dos Kings of Leon começou a tocar. Era uma das bandas preferidas dele e, ao ouvir a música e querer olhar para ele e perceber se também se teria apercebido dela, e se teriam mais um dos milhares de momentos de conexão telepática em que a música os unia e transportava para outro mundo, reparou que ele não estava na sala.

Deu-se conta de que já não o via há algum tempo. Começou a perguntar por ele a quem estava mais próximo. Procurou-o pela casa inteira, até acabar por espreitar para o interior do quarto dos pais dele e encontrá-lo lá dentro, no escuro. Lembrava-se de que os cortinados estavam corridos, mas uma estreita brecha de luar conseguia entrar e pintava-lhe o rosto em duas metades, uma de paz e outra de dor.

Sentou-se ao lado dele. Mesmo bêbada, não queria deixá-lo sozinho. O silêncio enlaçou-os por um longo momento, ela com a cabeça no ombro dele. Ainda hoje, e por mais que tentasse calcular, não sabia dizer se passara um minuto ou uma hora.

— O Francisco estava... triste. Mas nunca cheguei a saber porquê.

— E uma coisa levou à outra e acabaram por se envolver — concluiu Rodrigo.

Gabriela apenas conseguiu anuir.

Porque eles não precisavam de saber o resto. Não precisavam de ouvir como a música parecera subir de tom, até apagar qualquer réstia de noção de onde se encontravam e de que não se encontravam sozinhos. Não precisavam de ouvir como a única coisa que conseguira sobrepor-se à cadência da bateria e do baixo nas paredes da casa fora a dos corações de ambos contra as paredes dos próprios corpos. Não precisavam de ouvir a descrição de como a mão de Francisco subira pelo braço e ombro de Gabriela, despertando um rasto de fogo à passagem. Não precisavam de saber a excitação que os dedos de Francisco tinham despertado quando lhe alcançaram o colarinho, quando lhe percorreram os ossos das clavículas com uma suavidade que sentiu nos ossos, dos confins mais ínfimos do seu corpo. Nem precisavam de saber a ânsia com que ela o beijou, com que se perdeu nele enquanto o último refrão da *Use Somebody* ressoava em torno deles e ela reconhecia que sim, precisavam um do outro, mais do que algum dia tinham precisado de alguém.

— E quando saíram do quarto? Alguém vos viu? — indagou César.

— Não. Eu sei, é um milagre, não é? A casa à pinha e nem uma única pessoa notou que tínhamos estado fechados no quarto aquele tempo todo. Mas não, ninguém viu nada. Até hoje, a única pessoa que sabia era o Daniel, porque nos ouviu discutir na noite da nossa... da véspera de ele desaparecer.

— Voltemos a essa noite. Decidiu ir ter com ele, pôr os pontos nos is e resolver de uma vez por todas a situação, certo?

— Sim. Mas não queria forçá-lo a ter nada comigo, a sério. Só queria que ele viesse comigo contar à Mariana o que tinha acontecido. Precisava de me libertar do peso que tinha aos ombros. Precisava de lhe pedir desculpa e de começar a seguir em frente.

— Mas ele não concordou.

— Não. Disse que saber aquilo ia dar cabo da Mariana. Que se tinha esfalfado até aí para não dar nas vistas, para que ela nunca desconfiasse que éramos mais do que amigos, e que não ia deitar tudo a perder porque eu tinha a consciência pesada.

— Tentou convencê-lo a mudar de ideias?

— Sim. Mas não, escusam de olhar assim para mim, porque não o matei no dia seguinte por me cansar de esperar que ele tomasse uma atitude.

— Está a pôr palavras nas nossas bocas, Gabriela. Não nos ouviu acusá-la de nada, pois não? — sorriu Rodrigo.

— Não, mas se estão a fazer isto por rondas e já passaram pelo Alex e pelo Daniel, é óbvio que agora estão na minha.

— Só estaremos se tivermos razões para estar.

— Mas não têm. Nenhuma.

— Como é que acabou a vossa discussão? — atalhou César, impaciente.

— O Francisco deu a conversa por encerrada. Disse que não queria voltar a pensar naquilo e que era melhor deixarmos o passado no passado. Eu tentei continuar a falar, mas ele apagou o cigarro, virou-me costas e voltou a entrar em casa.

— E foi essa a última vez que falou com ele a sós, tirando a despedida no dia seguinte?

— Sim.

César assentiu e estendeu a mão para o gravador. Concluiu o testemunho de Gabriela e ia pressionar o botão para o desligar, mas

Daniel travou-o.

— Na verdade, há mais uma coisa que precisamos de vos contar...

Partilhou, com o máximo de detalhes e de calma que, sabe-se lá como, conseguia reunir naquele momento, tudo o que o padre Emanuel lhes revelara no dia anterior. César foi tirando notas, mas Rodrigo não desviou os olhos de falcão dos de Daniel por um segundo que fosse. Quando ele chegou ao fim, Gabriela quase soltou um suspiro de alívio, o qual conseguiu conter no último instante ao reconhecer que alívio era tudo o que não merecia mostrar.

— Há mais alguma coisa que ainda precisemos de saber? — perguntou César, já a guardar o gravador no bolso e a levantar-se, com Rodrigo atrás dele.

— Não, é tudo.

— Então, vamos andando. Quando tivermos novidades, voltamos ao contacto.

Gabriela permaneceu imóvel enquanto Daniel levava os inspetores à saída. Ao ouvirem a porta principal bater com força, Alexandre, Sandra e João Paulo despertaram da letargia e Sandra ferrou os olhos nos dela.

— Era mesmo preciso esperarmos tanto tempo para ouvir isto tudo, Gabriela?

— Eu...

— Não, não era — declarou Daniel, de regresso —, mas se vão culpar a Gabriela, então também têm de me culpar. Ela não guardou o segredo sozinha.

Gabriela avançou para Daniel e pousou-lhe a mão no braço, abanando a cabeça para o silenciar, antes de voltar a virar-se para Sandra.

— Nunca quisemos magoar-vos. Só não sabíamos como vos contar. Acham que foi fácil guardar segredo? Que andámos felizes da vida este tempo todo a saber aquilo por que passámos e aquilo que vos faríamos sentir se descobrissem?

— E quanto a mim? Também não seria bom para mim saber que a minha suposta melhor amiga andava atrás do meu namorado, pois não?

Viraram-se todos quando Mariana avançou pela sala.

Em câmara lenta, Gabriela viu aproximar-se o furacão de rancor,

os olhos a chisparem e a boca a retorcer-se, e não foi a tempo de se desviar da mão que ela ergueu na sua direção.

Capítulo 31

— MARIANA! — berrou Sandra.

O impacto da bofetada sacudiu o braço a Mariana e repercutiu-se pelo resto do corpo. Sentiu-o chegar a cada dedo de cada mão e pé. Quase podia ter arrancado a cabeça de Gabriela ao pescoço. Virara-lhe o rosto para o chão e viu-a demorar uma fração de segundos a ser capaz de tapar a face e a reerguer o olhar para o seu.

Antes que pudesse pensar no que se preparava para fazer, voltou a erguer a mão.

— NÃO! — gritou Alexandre.

Prendeu-a num abraço mais rápido do que Mariana julgara possível e apertou-a contra si.

— Larga-me!

— Parem com este disparate! Parem já com isto! — clamou João Paulo.

Mariana conseguiu soltar um dos braços à prisão dos de Alexandre e lançou-o para Gabriela. Não a atingiu por pouco, nem teve nova oportunidade de tentar. Daniel saltou para o meio delas e ergueu os braços em escudo, fulminando-a com o olhar.

— Para com isso! O que raio é que estás a fazer?

— É A MIM QUE PERGUNTAS ISSO? ESSA CABRA DE MERDA FOI PARA A CAMA COM O MEU NAMORADO!

— Mas vamos resolver isto a falar, não à bofetada!

O grito que subiu pelas entranhas de Mariana varreu a sala inteira. Foi tão violento que assustou Alexandre o suficiente para o distrair e dar a Mariana margem para se soltar dele e lançar-se sobre Daniel. Tentou chegar a Gabriela, desejosa de lhe puxar o cabelo e arrancar-lho da cabeça, como ela lhe arrancara o coração do peito, mas Daniel continuou a bloqueá-la, acompanhando-lhe cada movimento, e deu tempo a Alexandre de recuperar e de tornar a puxá-la para trás.

— PARA, MARIANA! Vamos resolver isto com calma!

Mariana tornou a gritar, e o som encheu-lhe os olhos de lágrimas. Alexandre apertou-a com mais ternura que violência. Enterrou-lhe o rosto no peito e manteve-o lá escondido, aguardando que os tremores que lhe assolavam o corpo abrandassem.

Só então começou a soltá-la, permitindo-lhe voltar a olhar para Gabriela. Ela não gemia, não soluçava, só deixava as lágrimas correrem como um rio.

Mariana teve vontade de lhe cuspir na cara.

— OK, se já estão as duas mais calmas, vamos sentar-nos e resolver isto...

— Não, Daniel. Não há nada para resolver entre mim e essa puta.

— Mariana, por favor... — começou Gabriela.

— NÃO! NÃO TE ATREVAS A ABRIR A BOCA!

— Mas...

— Não tens sequer direito a olhar para mim!

— Deixa-me explicar, por favor! — insistiu Gabriela, dando um passo em frente. — Deixa-me contar-te o que se passou...

— Eu ouvi tudo o que se passou! Ouvi bem como manipulaste o Francisco, podre de bêbedo, para ir para a cama contigo!

— Não! Não fiz nada disso! Não fui só eu que...

— PAREM! — berrou João Paulo, erguendo os braços ao ar. — Parem com isto, por amor de Deus! Onde é que vocês têm a cabeça? Acham que isto vos faz algum bem?

— Nada que tenha a ver com a Gabriela vai voltar a fazer-me bem.

— Não digas isso, Mariana. Precisam de ouvir a outra explicar, com calma, o que...

— Não quero ouvir mais desculpas esfarrapadas!

— MAS EU QUERO FALAR! — gritou Gabriela. — Podem deixar-nos a sós?

— Se a largo, ela bate-te outra vez... — avisou Alexandre.

— Deixa-a vir. Posso bem com ela.

Mariana contava que o olhar que lhe atirou a fizesse arrepender daquilo, mas Gabriela devolveu-lho com a mesma firmeza.

— Muito bem. É falar que queres? Então, vamos falar.

— Só falar, certo? — confirmou Sandra.

— Sim, só falar. Podem sair por um bocado, por favor?

Sandra, João Paulo, Alexandre e Daniel trocaram um longo olhar, carregado de dúvida, mas acabaram por se dirigir à saída.

Antes de a soltar, Alexandre voltou Mariana para si e beijou-a na testa.

— Tem calma, está bem? Ouve o que ela tem a dizer e diz o que tens a dizer, mas não percas a cabeça.

— Não vou perder. Não te preocupes.

Alexandre anuiu, beijou-a e seguiu Daniel, Sandra e João Paulo para a porta.

Assim que ficaram sozinhas, Gabriela avançou um passo para Mariana, que levantou a mão para a travar.

— Fica onde estás. Não te atrevas a dar mais um passo.

— Deixa-me explicar, por favor...

— Explicar o quê? *Explicar o quê*, Gabriela? O que é que ainda podes ter para explicar no meio disto tudo?

— Tenho muito! Tenho de explicar que nunca te quis magoar e...

— ESTÁS A GOZAR COMIGO?!

— Não! Não, não estou! Por favor, cala-te um segundo e deixa-me falar!

Mariana fechou os olhos. Dominou a vontade de tornar a bater-lhe e prometeu a si mesma que lhe daria, pelo menos, a oportunidade de se confessar.

— Não queria ter ido para a cama com o Francisco... acredita que não. Nunca te quis magoar. És como uma irmã para mim e...

— E por isso achaste que podíamos partilhar tudo? Até o namorado?

— Não! Claro que não!

— Se eu era assim tão importante para ti, como é que pudeste trair-me? COMO?

— Não estava em mim quando fui para a cama com o Francisco! Mal estava consciente, quanto mais a pensar no que era certo e errado! Deixei-me levar e... e não há um único dia em que não me arrependa do que fiz.

— E, nesses dias todos, não houve um único em que te tenha passado pela cabeça que era melhor vires falar comigo? Que era melhor contares-me o que tinha acontecido e pedires-me desculpa, do que deixares passar estes anos todos para eu descobrir da maneira que descobri hoje?

— Claro que passou! E perdi a conta às vezes em que comecei a ir ter contigo, ou em que me preparei para puxar o assunto... mas não consegui. Tentei várias vezes, mas... mas...

— Mas o quê? O que é que te fez continuar calada?

— A VERGONHA!

O grito foi tão doloroso, tão cru, que Mariana sentiu que lhe arrancava o ar do peito. Afastou o olhar do dela, mas Gabriela não lhe deu tréguas.

— Queres saber porque é que não consegui contar-te o que se passou? Porque morria de vergonha! Vergonha de te ter traído, vergonha de ter mandado tudo o que sei que é certo e errado para trás das costas e ter quebrado a tua confiança e a do Francisco! Vergonha de ter dado cabo da relação que tinha com ele daquela maneira! E, acima de tudo, vergonha por, só por um segundo, não ter tido inveja de ti.

— De mim?

— *Sim!* É assim tão difícil de perceber? Eu morria de inveja de ti!

Mariana sentiu a garganta torcer-se num nó.

— Tu tinhas tudo o que eu queria! — bradou Gabriela, apontando-lhe o dedo à cara. — Sempre foste mais bonita, sempre tiveste melhores notas, toda a gente queria ser tua amiga e não minha, sempre conseguiste que os rapazes de quem gostavas gostassem de ti... foda-se, até a tua mãe eu queria ter, porque a minha era uma merda!

— Para... para com isso...

— Não, não vou parar! Não querias saber a verdade? Então agora

engole-a! EU SEMPRE TIVE INVEJA DE TI!

Mariana cerrou as mãos em punhos e fechou os olhos, a tentar ser mais forte que a dor, mas era o esforço mais inútil que já fizera na vida.

— Eu nunca percebi... nunca fui capaz de ver que tinhas inveja de mim...

— Claro que não, porque nunca deixei! — gemeu Gabriela, batendo com a mão aberta no peito. — O que mais queria era deixar de sentir o que sentia por ti! Sei que me odeias, mas podes ter a certeza de que não chegas a odiar um décimo do que eu me odiava naquela altura. Todas as noites adormecia a pensar que era uma cabra de merda por querer tudo o que a minha melhor amiga tinha. E todos os dias acordava a prometer que seria tudo diferente, que tentaria ser melhor, que não teria vontade de te bater de cada vez que conseguias mais alguma coisa que eu me esforçava tanto por ter e que tu, num piscar de olhos, conseguias sem esforço nenhum, e...

— PARA! Não fazes a menor ideia do que estás a dizer!

— Ai, não?

— *Não!* Porque terias de ser mesmo a pessoa mais burra do mundo para queres estar na minha pele!

— O quê, agora vais dizer-me que era horrível ser a melhor aluna da turma? — riu-se Gabriela, revirando os olhos. — Oh sim, acredito mesmo, devia ser verdadeiramente horrível ser a menina querida de todos os professores, ter os gajos todos a babarem-se por ti, namorar com o Francisco...

— Se fizesses a mais pequena ideia do que era namorar com o Francisco, enterravas-te num buraco por toda a inveja que tiveste de mim!

Gabriela recuou, atordoada, mas Mariana já não era capaz de parar. A necessidade de a fazer compreender a dimensão da sua cegueira superava tudo.

— Achas que a minha vida era um mar de rosas? Eu mal dormia e comia, Gabriela! Perdi a conta às vezes em que me senti a ponto de desmaiar! Não tinha um único minuto de descanso! Fazes ideia de quanto é que eu pesava, aos 16 anos? Fazes? Pesava 40 quilos, Gabriela! Toda a gente esperava que eu fosse um maldito modelo de perfeição, que não cometesse um único erro, que fosse melhor que

tudo e todos! Se me atrevesse a faltar a alguma aula, a não ter nota máxima num teste, a sair de casa com um ar deslavado em vez de parecer que ia fazer a merda de uma sessão fotográfica, sentia-me o maior monte de merda à face da terra!

— Porquê? Porque é que pensavas isso?

— Porque foi isso que me ensinaram a pensar! Porque nunca tive hipótese de falhar! A minha família, vocês, toda a gente achava que eu era infalível e, por isso, tinha de ser, senão saíam-vos as expectativas furadas e, oh, meu Deus, o que seria de mim, então?

Gabriela massajou a garganta e começou a abanar a cabeça.

— Eu não... não fazia ideia de que era assim tão mau... Parecia-me sempre que não tinhas de fazer esforço nenhum, que era tudo tão natural...

— Ninguém é perfeito, Gabriela! *Ninguém!* Como é que podias achar que eu era? Como é que não desconfiavas que havia qualquer coisa errada comigo?

— Não me mandes agora as culpas para cima! Não era só eu que achava que estava tudo bem! Se contares isto ao Daniel ou ao Alex, eles vão ficar tão chocados como eu!

— Pois vão, acredito que vão. Afinal de contas, vocês foram sempre as pessoas a quem mais me esforcei por enganar.

— Porquê? Se nos tivesses contado isto tudo...

— Eu não queria que tivessem pena de mim! — rugiu Mariana. — Não queria que percebessem o quanto me custava manter a imagem que vocês tinham de mim! Porque se percebessem, deixavam de vir ter comigo para vos ajudar como sempre ajudei! Nunca devia ter achado que podia ser perfeita, mas, depois de ter começado a subir o raio da montanha, não podes olhar para trás, senão caís!

— Tu não caíste.

— Oh, caí. Podes crer que caí. Mas só o Francisco é que viu.

Sentiu-se ir abaixo. Conseguira conter as lágrimas até aí, mas elas rebentaram e começaram a rolar-lhe pela cara. Tapou-a com as mãos, lutando para reassumir o controlo, mas a imagem de Francisco enchia-lhe a mente, expandia-se-lhe a cada célula e arrasava-a.

Voltou à casa de banho do piso superior da casa dos Lopes. O seu irmão, Gabriela, os gémeos, Alexandre, Daniel e Francisco estavam lá em baixo, na sala de estar, a jogar *Monopólio*. Mariana já ficara de

fora. A verdade é que nem se tinha esforçado para jogar a sério. A dor de cabeça que sentia desde que acordara impedia-a de se concentrar fosse no que fosse. Quase suspirara de alívio ao ficar sem dinheiro e sem cartas. Aproveitara para dar a desculpa de que ia à casa de banho. Agora, com o frasco dos comprimidos numa mão e a tampa na outra, calculava quantos seriam necessários para acabar com a pressão que sentia à volta da cabeça, como um cinto invisível que apertava mais a cada segundo.

Três deviam chegar. Inclinou o frasco para os comprimidos caírem na palma da outra mão. Preparava-se para os levar à boca quando a porta atrás de si se abriu de rompante.

— O que é que estás a fazer?

Levantou os olhos para o espelho, à sua frente, e este refletiu o brilho furioso dos olhos de Francisco.

— Nada, só...

— *Nada*? O que é que estás a tomar?

Tentou voltar a pôr os comprimidos no frasco, mas Francisco não lhe deu tempo. Num mesmo movimento demasiado rápido para os seus olhos acompanharem, entrou na casa de banho, fechou a porta, arrancou-lhe a embalagem da mão e leu o rótulo. Os olhos arregalaram-se.

— Que merda é esta?!

— Fala baixo. Não quero que eles ouçam.

— Responde-me! O que é isto? Porque é que estás a tomar esta porcaria?

— Porque me dói a cabeça! Dói-me tanto que acho que vai rebentar!

A fúria de Francisco abrandou o suficiente para o choque dar lugar à compreensão. Anuiu, com uma gravidade que arrepiou Mariana, enquanto fechava o frasco e lho devolvia.

— De quem são estes comprimidos?

— Do meu pai. Ouvi-o dizer à minha mãe que é a única coisa que o consegue ajudar com as dores de cabeça, e se o ajuda a ele...

— Então, achas que também podes tomar à vontade? A sério?

— Não precisas de falar nesse tom. Não sou burra.

— Pois não, não és nada burra, por isso é que não percebo porque é que estás a tomar coisas que não são tuas em vez de falares com os

teus pais e ires com eles ao hospital para te darem qualquer coisa certa para ti.

— Porque não quero que eles saibam!

Tinha falado alto de mais. Olhou para a porta e Francisco percebeu o quanto a assustava que o irmão ou algum dos amigos pudesse tê-la ouvido e também viesse a descobrir o que andava a fazer.

Francisco aproximou-se para lhe envolver o rosto nas mãos. Mariana desejou que se limitasse a beijá-la e a esquecer-se daquilo que tinha visto, mas sabia que nunca seria assim tão fácil com ele.

— Não andas a dormir nada, pois não?

— Não, não tenho dormido grande coisa...

— Porquê?

— Não sei. Não consigo. Até me deito cedo, mas fico horas às voltas na cama a pensar naquilo que estive a estudar durante o dia e...

— Não achas que andas a abusar? Tens de descansar de vez em quando! De cada vez que te ligo ou te mando mensagem, estás agarrada aos livros!

— Tens noção de que vou ter quatro testes para a semana, incluindo Matemática e Físico-Química? Não é fácil!

— Eu sei que não é fácil, mas vais explodir se continuares assim — alertou, e ela soube que tentava soar doce e tranquilizador, embora só conseguisse parecer-se cada vez mais com o seu próprio pai. — OK, os testes que vais ter para a semana são importantes, e os que já tiveste esta semana e a semana passada também foram, mas precisas de descansar, senão às tantas dás em doida.

— Vou dar em doida é se não tiver as notas que preciso de ter. Sabes bem que no fim a média vai ser a coisa mais importante para entrarmos para a universidade e...

— Mariana, por amor de Deus, tens a melhor média da turma! E a diferença para a média do Miguel é tão grande que nem que tirasses negativa nestes testes todos ele conseguia passar-te à frente!

— Não te atrevas a dizer isso! Se tirasse negativa nestes testes todos eu... eu...

— Tu o quê? O que é que acontecia de tão mau? Acabava o mundo?

Mariana revirou os olhos. Claro que ele não entendia. Ninguém

entendia.

Mas Francisco não a deixou afastar-se. Puxou-a para mais perto, para lhe dar um beijo leve e tão carregado de amor que ela não teve como o rejeitar, antes de tornar a olhá-la nos olhos.

— Toda a gente quer ter boas notas e toda a gente quer ir para o curso e para a universidade que escolher daqui a dois anos, mas isso não pode ser razão para andarmos a encher-nos de porcarias, a não dormir nada de jeito, a não comer e a bater com a cabeça nas paredes! E tu andas a fazer isso, eu sei que andas.

— Não digas nada a ninguém, por favor.

— Não digo se me prometeres que vais parar. Vais voltar a pôr estes comprimidos na gaveta do teu pai ou onde raio os encontraste, vais passar a tentar dormir e a tentar comer como deve ser, e vais estudar em condições normais, como nós. Vais ser uma pessoa normal por uma vez na vida, pode ser?

— Eu sou uma pessoa normal.

— Não, não és. Quer dizer, és tão humana como nós todos, mas achas que tens de ser uma máquina. Mas não és, Mariana.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Tentou disfarçá-las, mas não tinha como fugir de Francisco.

— Ninguém é perfeito. Tu andas lá perto, mais perto que nós todos juntos, mas não és uma máquina. E eu não quero que sejas. Por isso, para de dar cabo da cabeça porque quero que ela continue a funcionar como deve ser para o resto da tua vida, está bem?

— Está. Sim, está.

— Promete que vais devolver os comprimidos ao teu pai.

— Prometo.

Francisco sorriu, voltou a beijá-la e virou-se para a porta. Antes de sair, ainda a olhou uma última vez.

— Se fosses uma máquina, nós não gostávamos tanto de ti. Lembra-te disso.

Ela lembrava-se. Lembrava-se a cada dia. Cada detalhe do seu trabalho, da sua rotina em casa ou dos desafios com que se deparava e que a punham à prova lhe recordavam aquelas palavras. O tempo podia passar o quanto quisesse, que não as apagaria. Quanto mais queria esquecê-lo, mais o sentia dentro de si.

E agora ainda mais. Era agora que precisava de ter a resistência e

frieza de uma máquina, mas que se sentia mais humana e próxima dele.

Não conseguiu recuperar a tempo de o evitar. Quando abriu os olhos, era tarde de mais e Gabriela já lhe pousara a mão no braço.

— Desculpa. Desculpa, do fundo do coração.

— Não podes estar à espera que te perdoe! — soltou, afastando-lhe a mão.

— Não estou, mas precisava de pedir desculpa. Precisava que soubesses que me arrependo todos os dias daquilo que te fiz e daria tudo para poder voltar atrás...

— Mas não podes. Ninguém pode. E, se pudéssemos, também voltaria e nunca te teria dado hipótese de ganhares a importância que ganhaste na minha vida.

— Não digas isso...

— Digo, Gabriela. Digo e sabes que é verdade. Podia aguentar muita coisa, vinda de muita gente, mas isto? De ti? Isto não.

Uma onda de soluços irrompeu de Gabriela quando ela fechou os olhos e curvou a cabeça. Mariana soube que estava a magoá-la muito para lá do que se imaginara capaz, mas continuava a magoá-la bem menos do que ela a si.

— Foste a maior desilusão da minha vida, Gabriela. Depois de tudo o que já passámos, depois de tudo o que já perdi, tiraste-me a última coisa que me restava: o amor do Francisco.

— Não! Não tirei nada, ele amava-te! E continuou a amar-te até ao fim!

— Se me amasse, não me teria traído contigo.

— Ele também estava bêbedo! Não pensou no que estava a fazer!

— Não interessa. Sabes que mais? Acho que, afinal, era melhor nunca ter sabido nada disto. Ao menos, não teria dado cabo daquilo que eu pensava dele.

— Não... não, não digas isso...

— É a verdade. Tiraste-me a última coisa que me restava. Tiraste-me o Francisco. E nunca te vou perdoar por isso.

A culpa levou a melhor sobre Gabriela. O brilho apagou-se-lhe dos olhos, ela caiu de joelhos à sua frente, e Mariana virou-lhe costas e saiu da sala.

Capítulo 32

Não tinha percebido para onde Alexandre, Daniel, Sandra e João Paulo teriam ido depois de Gabriela lhes pedir que as deixassem sozinhas. Porém, ao passar da porta principal e começar a descer do alpendre, Alexandre veio a correr das traseiras.

— Mariana, onde é que...

Não lhe respondeu. O peito era um bloco de chumbo. Entrou no carro, bateu a porta e girou a chave na ignição. Viu, pelo canto do olho, a porta principal da casa tornar a abrir-se e Gabriela surgir na soleira. Tinha os olhos arregalados e parecia pronta a lançar-se para a frente do carro. Mariana acelerou até aos portões, e depois estrada fora, aliviada por conseguir escapar.

Ligou o leitor de CD e subiu o volume até este quase lhe rasgar os tímpanos. Acelerou, serpenteando por entre as ruas e amaldiçoando os veículos que se atravessavam no seu caminho. Dirigiu-se para oeste, para a costa, ansiosa por chegar à Estrada Nacional e poder acelerar mais. Nem se importaria se alguma patrulha a mandasse encostar. Assim que chegasse aos ouvidos de Hélder aquilo que ela descobrira, ele não deixaria que ninguém se atrevesse a multá-la.

Quando se viu finalmente na N247, a *In Our Prime* dos The Black Keys começou a tocar e o coração afundou-se no peito. Eram ironias destas que a levavam a questionar a sua fé na inexistência de Deus.

Ser esta, de entre tantas músicas que o CD continha, a que começava a tocar naquele momento, não podia ser nada além de castigo divino.

A primeira vez que ouviu a música estava no metro, a caminho de casa. Surgiu a meio de uma *playlist* de rock no *Spotify*. E, mesmo apertada entre dezenas de pessoas como sardinhas em lata, a letra invocou-lhe Francisco com tal força que a deixou num pranto. Saiu na paragem seguinte, mesmo ainda estando longe do destino, correu para um canto escuro e chorou até lhe doer tanto a cabeça que o cérebro não conseguisse produzir mais lágrimas.

Elas embaciavam-lhe a visão agora, mas não parou para as enxugar. Não queria parar e permitir à realidade alcançá-la e estrangulá-la ainda mais.

Se ao menos Gabriela soubesse o que teria passado ao namorar com Francisco...

Abanou a cabeça. Não podia deixar a raiva toldar-lhe o pensamento. Por muito que a tivesse magoado, e por muito que, no início, lhe quisesse ter pagado na mesma moeda, no fundo não queria que Gabriela sofresse o que ela sofrera com Francisco.

O céu escureceu à medida que se afastava de Santa Cruz, com os últimos acordes do refrão final a esmorecerem no horizonte. O mar, à sua esquerda, rebentava contra a areia com uma revolta que igualava a sua. As primeiras gotas, pesadas como balas, começaram a cair quando passou os limites do concelho. Deixou que a chuva chegasse e que os quilómetros subissem no contador. Vagueou uma eternidade, sem rumo nem destino, sem conseguir que as lágrimas e os soluços abrandassem. Não conseguia apagar a visão de Francisco e Gabriela na cama dele, ele a fodê-la com a mesma brutalidade com que a foderia tantas vezes. Tentava pensar em qualquer coisa, qualquer que fosse, mas a mente voltava sempre àquela imagem e focava-se na expressão de Francisco, sempre a mesma desilusão profunda, como se quisesse rasgá-la e não se visse capaz de o fazer...

A única coisa que acabou por a resgatar foi a visão do carro atrás de si.

Reparou nele quando o que viera à sua frente, um *BMW* preto antigo, curvou para uma rua residencial à direita. Ergueu os olhos para o espelho retrovisor aquando da saída de cena dele, para verificar se havia muito trânsito, e reparou no *Renault Clio* cinzento.

Ainda se encontrava longe, quase no limite do seu campo de visão. Não era como se o modelo saltasse à vista. Devia cruzar-se com centenas deles todos os dias. Aquele, porém, tinha uma parte do lado direito do capô queimado. Agora que se dava conta, já lhe tinha chamado a atenção algumas vezes.

Bufou e revirou os olhos. Estava a ser parva. Só podia ser impressão sua.

Repetiu aquilo para si mesma várias vezes, mas assim que o instinto a fez virar para a primeira rua à direita, obedeceu. Continuou a avançar, sem abrandar nem despegar os olhos do espelho retrovisor. Acabou por ver o *Renault* passar na estrada e seguir em frente. Suspirou de alívio e recompôs-se. Percorreu o resto dessa rua, curvou algumas vezes e conseguiu reencontrar a N247. Baixou um pouco o volume da música, já provada a sua inutilidade para lhe abafar os pensamentos. Tentou orientar-se e, ao ver que se encontrava de novo a caminho de Santa Cruz, acelerou um pouco mais. Já se afastara o suficiente para descomprimir e já se sentia capaz de voltar a casa.

O *Renault* apareceu na curva seguinte. Mariana continuara a espreitar pelo espelho e reconheceu-o logo. A pulsação disparou e sentiu um fio de suor começar a descer pela testa.

Vinha a ser seguida desde ainda antes de ter chegado ao centro de Santa Cruz. Agora que a consciência de que não era parvoíce sua se instalara, percebeu que o já tinha visto várias vezes. Em certos pontos, quando a estrada curvava, surgiam demasiadas árvores junto à berma ou outro automóvel se metia pelo meio, deixava de o ver por uns instantes, mas acabava sempre por reaparecer.

Tentou discernir o rosto do condutor, mas não conseguiu. Ponderou tentar despistá-lo mais uma vez, mas ele parecia conhecer a região ainda melhor que ela. Aguentara bastante tempo sem a deixar perceber que vinha no seu encalço. Tinha a certeza de que tornaria a deixá-la acreditar que escapara por alguns momentos, mas que reapareceria quando ela menos esperasse.

No segundo em que percebeu que não tinha escapatória, pressionou o travão com força. O carro chiou, estridente, e imobilizou-se na berma da estrada.

O *Renault* abrandou de forma gradual até parar atrás dela. Mariana tentou desfazer o aperto na garganta enquanto procurava a

manivela do porta-luvas. Não se atrevia a desviar os olhos do espelho. A mão, a tremer quase a um ponto incapacitante, demorou demasiado a encontrar a manivela. Assim que os dedos roçaram nela, abriu-a com toda a força e procurou a lata de gás pimenta.

Ainda não a encontrara quando o condutor do *Renault* saiu para a estrada e começou a dirigir-se a si.

— Não... por favor, não...

Não queria desviar o olhar enquanto ele se aproximasse, mas tinha de olhar para dentro do porta-luvas para conseguir encontrar a lata. Espreitou de relance, só por um segundo, viu a lata, pegou nela e abriu a porta, saindo com ela em riste.

— PARE!

O homem estacou a alguns metros. Devia ter uns 30 anos, talvez trinta e muitos anos. Era difícil avaliar, porque estava bastante maltratado. Já devia ter usado várias vezes a camisola e as calças que trazia no corpo. A barba não via lâmina há pelo menos uma semana. Se ignorasse o brilho demente no olhar, a visão geral era a de um homem exausto e esfarrapado, a precisar de descansar uns bons dias a fio. Mas as chamas que lhe reluziam no olhar eclipsavam o resto e provocavam em Mariana muito mais medo que compaixão.

— Estava a seguir-me?

Ele deu um passo em frente, começando a levantar a mão.

— PARE! — berrou Mariana, agitando a lata no ar. — Olhe que lhe mando isto para os olhos se se atreve a dar mais um passo!

— Será que mandas mesmo, Mariana? Ou é só garganta, como sempre?

Mariana sentiu os olhos arregalarem-se quando a verdade a atingiu.

— R-Rúben...

Um esgar mesquinho ergueu-lhe o canto da boca.

— És mesmo tu?

— Sou. Demoraste a chegar lá, hã?

— O que raio é que pensas que vinhas a fazer, a seguir-me?

— Tu é que te meteste à minha frente. Eu vinha descansadinho na minha vida.

— Então, devias ter continuado! Porque é que vieste atrás de mim?

O sorriso cresceu até o transformar numa gárgula. O braço que Mariana mantinha estendido no ar, a empunhar o gás pimenta, começou a tremer tanto que ela temeu deixá-lo cair. O suor acumulava-se-lhe como um véu sobre a testa. Não demoraria a começar a escorrer-lhe para os olhos.

— Só quis aproveitar para te dizer que vais ter o que mereces — sorriu Rúben.

— Do que é que estás a falar?

— De tudo o que está a acontecer. Mereces tu e merecem o Daniel, o Alexandre e a Gabriela. E eu vou estar aqui para me rir nas vossas caras no fim.

Os joelhos de Mariana começaram a tremer. Sentiu que o ar não conseguia descer aos pulmões. O sorriso de Rúben engoliu-lhe o rosto inteiro antes de soltar uma gargalhada gutural, enquanto se afastava e voltava a entrar no carro.

Quando passou por Mariana, demasiado próximo, ela quase sentiu o espelho lateral roçar-lhe a barriga. A tontura que a passagem do automóvel lhe provocou fê-la cambalear e cair contra o seu. Amparou-se nele, inspirando longas golfadas de ar, e ficou a ver o *Renault* afastar-se na neblina.

Assim que o perdeu de vista, virou-se e apoiou a testa no tejadilho. A frieza do metal ajudou-a a acalmar-se. Respirou fundo várias vezes, esforçando-se para abrandar o tremor das mãos a um ponto que lhe permitisse conduzir.

Ainda não o conseguira quando se apercebeu de um outro carro a abrandar até parar ao seu lado.

— Mariana? Está bem?

Não chegara a virar-se para ver de quem se tratava, mas reconheceu-a pela voz.

— Outra vez você?

— Espere, só quero ajudar! — avisou Leonor, as mãos erguidas a pedir calma, enquanto contornava a frente do seu carro e se aproximava dela.

— Também vinha a seguir-me?

— Gostava de poder dizer que não, mas...

— Desde quando?

— Desde a quinta. Tinha lá ido tentar falar convosco e...

— Nós já dissemos que não vamos falar à comunicação social!

— Sim, mas se desistisse à primeira, não conseguia fazer metade do meu trabalho.

Mariana revirou os olhos e tornou a amparar-se no carro. Não tinha forças para lidar com aquilo.

Leonor deixou a cautela de lado e aproximou-se para lhe pousar uma mão nas costas.

— Aquele homem tentou fazer-lhe alguma coisa? Estava demasiado longe para ouvir o que ele lhe disse, mas é óbvio que a transtornou.

— Ele... Ouça, não tenho tempo a perder com isto, está bem? Não se meta no assunto, por favor, deixe-me só...

— O quê, conduzir? Acha que está em estado de o fazer?

— Não tem nada que ver com isso!

— Pois não, mas também não me vale de nada deixar morrer uma das minhas fontes num acidente de viação estúpido que posso muito bem evitar se simplesmente ignorar a má educação dela.

Era mesmo o género de pessoa que fala depressa de mais para impedir os outros de a poderem interromper. Mariana lançou-lhe um olhar fulminante, mas Leonor limitou-se a encolher os ombros, sem perder o sorriso profundamente snob, que Mariana tinha dava vontade de arrancar à estalada.

Ainda assim, não deu luta quando Leonor lhe passou o braço em redor das costas, a amparou em si e a arrastou para o seu carro.

— Para onde é que quer ir? — perguntou, enquanto a ajudava a sentar-se no lugar do pendura. — Deixe-se lá de tretas e deixe-me dar-lhe boleia. Prometo que não a bombardeio com perguntas no caminho.

— É bom que não o faça, senão pode ter a certeza de que me mando porta fora.

— Estranhamente, não me surpreendia.

— Vamos para o posto da GNR, por favor.

Leonor ajudou-a a pôr o cinto. Mariana sentia-se ridícula, quase uma criança paralisada pelo choque. Leonor contornou a frente da viatura para entrar para o lugar de condutor, ligou o motor e acelerou sem mais demoras. Quando o carro já ganhava velocidade debaixo de si, Mariana fechou os olhos e encostou a cabeça ao banco.

E rezou para Hélder estar no posto e poder ouvir da sua boca que não eram eles os únicos fantasmas que tinham regressado a Santa Cruz.

Capítulo 33

Depois de Mariana se ir embora, Alexandre arrastou-se até ao sofá, deixou-se lá cair e sucumbiu a tudo o que viera a apoderar-se dele desde que César e Rodrigo tinham chegado.

Mariana não era assim. Nunca lhe fizera aquilo. Quem era adepto de saídas dramáticas, quem se punha em risco e deixava o outro com o coração nas mãos, a roer-se de preocupação de que algo lhe acontecesse e não pudesse estar lá para o amparar, era ele.

Agora que os papéis se invertiam, compreendeu que Mariana não merecera nem um décimo de tudo o que a fizera passar ao longo dos anos.

Daniel, Gabriela, João Paulo e Sandra deambularam algum tempo à sua volta. Tinham tentado falar consigo, chamar-lhe, pelo menos, a atenção, mas as vozes tinham-se misturado em ruído branco no fundo da sua mente. Só tinha olhos e ouvidos para o telemóvel, que pousara na mesa à sua frente, à espera de que tocasse.

Fosse Mariana a ligar ou alguém no lugar dela, não interessava. Só queria que *alguém* lhe dissesse que ela estava bem.

Uma hora, duas, três, e o telemóvel em silêncio. Tinha os olhos vermelhos e cansados, a garganta áspera como lixa, a bexiga cheia e o estômago às voltas. Ainda não conseguira sair da posição em que ficara depois de ela sair. Já rezara todas as preces ridículas que

conhecia, já quase fizera as pazes com Deus, e nada.

Quando o telemóvel ganhou vida, demorou um segundo a convencer-se de que estava mesmo a ouvi-lo. Assim que a compreensão o sacudiu, lançou-se para a mesa, caindo por cima dela, enquanto atendia o mais depressa que conseguia.

— MARIANA?

— Não, Alexandre, daqui é o Hélder Montalvor.

— Chefe? Porque é que...

— A Mariana está aqui connosco. Podes vir cá ter? Ela diz que tem qualquer coisa para nos contar, mas que prefere esperar por ti.

Alexandre despediu-se à pressa e lançou-se para a porta.

— Onde é que vais? — perguntou Gabriela, ao surgir no corredor.

— Vou buscar a Mariana!

Tirou as chaves da carrinha de Daniel do pratinho no móvel da entrada e saiu, sem se preocupar em fechar a porta. Sentiu que Gabriela ficava a vê-lo ir embora, num *déjà-vu* de si mesmo horas antes, mas não permitiu que a compaixão o atrasasse.

Teve a certeza de que, caso algum guarda se tivesse cruzado consigo, teria apanhado a pior multa da sua vida. Ignorou, ainda assim, a consciência, que lhe berrava por estar a quebrar todas as malditas regras do código da estrada, e continuou a galgar os quilómetros que o separavam de Mariana.

Havia vários lugares livres na área de estacionamento do lado de fora dos portões do posto da GNR. Deixou a carrinha no mais próximo deles e quase tropeçou e caiu com a pressa de sair e correr para o posto, mas ainda teve um instante para se aperceber de que o carro de Mariana não estava ali. Como raio é que ela teria chegado?

José Pontes, atrás do balcão da receção, olhou-o como se fosse uma assombração quando o viu irromper porta dentro. Alexandre teve a certeza de que, por um instante, o guarda julgara que se tratasse de um assalto. Contudo, ao reconhecê-lo, apontou para a porta que levava ao corredor das salas de interrogatório. Alexandre dirigiu-lhe um aceno de agradecimento e correu para lá.

A sua entrada devia ter sido tão barulhenta que Anabela saiu de uma das salas no instante em que ele começava a avançar pelo corredor.

— Por aqui, Alexandre. Acalme-se, está tudo bem.

— A Mariana?

— Está lá dentro.

Mariana levantou-se assim que Alexandre entrou e deixou-o envolvê-la nos braços e apertá-la contra o peito com força suficiente para lhe fazer os ossos em pó.

— Estás bem?

— Estou. Desculpa ter saído daquela maneira.

— Estava tão preocupado contigo! Tens noção de que...

— Tenho — interrompeu, recuando para voltar a olhá-lo nos olhos. — Tenho. Desculpa. Não torna a acontecer.

Alexandre engoliu a saliva que lhe enchera a boca, sentindo finalmente que os pulmões já não lhe doíam ao respirar.

— Obrigado por vires tão depressa, Alex. Podes sentar-te e deixar a Mariana sentar-se também? Já esperámos o suficiente para ouvir o que ela tem para contar — pediu Hélder.

Alexandre virou-se e reparou por fim nele. Estava sentado à direita de César. Rodrigo estava de pé, atrás do parceiro, de braços cruzados e músculos fletidos, lançando-lhes um olhar tão duro quanto o de César. Alexandre anuiu e apressou-se a sentar-se numa das cadeiras livres do outro lado da mesa, puxando Mariana para o seu lado.

— Muito bem. Mariana, agora que o Alexandre já cá está, pode contar-nos de uma vez por todas o que é que era tão urgente que teve de nos convocar a todos como se fosse o fim do mundo? — reclamou César, cravando os olhos nos dela.

— Posso. Só queria acalmá-lo. Ele ficou preocupado porque saí sem dizer onde ia, e sabia que saí de cabeça quente, por isso queria que soubesse que estou bem.

— Pronto, agora já sabe, por isso vamos avançar. Pode começar por nos explicar como é que a Leonor Marques do *Público* se tornou a sua melhor amiga?

— *Hã?* — arfou Alexandre.

— Já te explico melhor, mas foi a Leonor quem me deu boleia — disse Mariana.

— Mariana, disse-nos ao telefone que descobriu quem matou o Francisco, certo? — apressou-a César.

— *O quê?!*

— Alexandre, agora é a sério, se continuar a interromper, vamos ter de lhe pedir que saia.

— Não, não vai ser preciso.

Mariana estendeu-lhe a mão, sob a mesa. Entrelaçando os dedos nos seus, começou a passar-lhe uma corrente sedativa.

— Sim, é verdade. Descobri quem matou o Francisco. Foi o... o Rúben Santos.

— *O Rúben?* — arquejou Alexandre. — Tens a certeza?

— Tenho. Depois de sair da quinta, andei um bocado à deriva, pela costa acima. Acho que cheguei quase à Figueira da Foz antes de voltar para trás. Mas não interessa: o que interessa é que, quando já estava a chegar perto de Santa Cruz, percebi que estava a ser seguida.

— Quando é que percebeu, ao certo? — inquiriu César.

— Quando reparei que já tinha visto aquele mesmo carro, um *Renault Clio* cinzento de 2006, várias vezes atrás de mim. Ainda tentei despistá-lo, mas não consegui. Acabei por parar, peguei na lata de gás pimenta que tenho no porta-luvas e saí para o enfrentar.

— Anda com uma lata de gás pimenta no carro por alguma razão em especial?

— Bem, porque vivo no centro de Lisboa e chego a casa muito tarde.

— OK, adiante: depois de perceber que estava a ser seguida, o que fez?

— Saí do carro ao mesmo tempo que ele e ameacei lançar-lhe o gás para os olhos se ele não me dissesse quem era e porque é que vinha atrás de mim. Foi aí que ele... ele sorriu e disse...

Fechou os olhos e começou a abanar a cabeça. Alexandre sentiu-se invadido por uma fúria tão intensa que desejou poder sair naquele instante, descobrir onde Rúben estava e dar-lhe o maior enxerto de porrada da sua vida.

— Porque não nos conta quem é esse Rúben Santos e porque é que tem razões para andar a persegui-la? — pediu Rodrigo.

Alexandre viu a garganta de Mariana oscilar enquanto ela obrigava a saliva a descer a custo.

— O Rúben foi nosso colega de escola.

— No Colégio D. João III? — confirmou César.

— Sim. Estava na turma do Alex, da Gabriela, do Daniel e do

Francisco.

— Em Línguas e Humanidades, portanto.

— Sim.

— Davam-se bem com ele?

— Não.

— Ninguém dava, na verdade — acrescentou Alexandre.

— Ele era... tímido — gaguejou Mariana. — A pessoa mais tímida que podem imaginar. Mal levantava a cabeça quando passava nos corredores, mal abria a boca nas aulas, mal olhava duas vezes para as pessoas quando elas tentavam meter conversa com ele...

— Era um triste, um desgraçado que por ali andava — concluiu Alexandre.

— E, ou muito me engano, ou vocês também não faziam o menor esforço para ajudá-lo a integrar-se — comentou César.

— Pois não. E é por isso que merecemos o que ele nos fez.

— Que raio é que estás para aí a dizer? — protestou Alexandre, furioso.

— É verdade! Mais cedo ou mais tarde, íamos ter de pagar pelo que lhe fizemos...

— Não, não íamos! Não tentes desculpar o que ele te fez! Não importa o que aconteceu na escola, ele não tinha o direito de...

— Alto aí! — cortou César. — Mais devagar, OK? O que é que vocês lhe fizeram, afinal?

Mariana baixou o olhar. As mãos, pousadas nas coxas, tremiam tanto como o queixo, à medida que os olhos se enchiam de lágrimas.

— Nós gozávamos com ele — acabou Mariana por admitir, num fio de voz. — Éramos uns estúpidos. Uns putos estúpidos armados em bons. Éramos demasiado populares, toda a gente queria ser como nós. Ou, pelo menos, ser vista connosco. E achávamos, vá-se lá saber porquê, que a melhor maneira de mantermos a nossa popularidade era se fizéssemos a vida negra aos que estavam abaixo de nós.

— Fizeram *bullying* ao Rúben Santos, portanto?

— Sim.

— Só vocês os dois?

— Não. O Daniel e a Gabriela também.

— E o Francisco — completou César.

Mariana aquiesceu, com a primeira lágrima a descer-lhe pela cara.

— Deixem-me adivinhar: o Francisco era o pior.

— Sim, ele... ele tratava o Rúben abaixo de cão — confessou Mariana.

— O que é que lhe fazia? Batia-lhe?

— Sim, mas não começou logo por aí... Não foi sempre tão mau como no fim.

— Como é que começou?

— No início, nós só falávamos mal dele nas costas dele, como falávamos de outros miúdos. Ele passava por nós nos corredores e não conseguíamos evitar dizer alguma coisa do género «aquele nem tem tomates para tirar a cabeça da areia». Coisas desse género. Mas só falávamos entre nós, quando ele não podia ouvir.

— Quando é que começou a ser mais... público?

— Quando outras pessoas começaram a concordar connosco e a repetir o que dizíamos — admitiu Alexandre. — Depois foi subindo de tom e... quando demos por isso, já era tarde de mais. Já lhe chamávamos tudo e mais alguma coisa, já inventávamos todo o género de merdas sobre ele.

— Já toda a gente o olhava de lado nos corredores, até outros tipos com quem costumávamos gozar. Perceberam que já não eram os nossos...

— Os vossos principais alvos, e preferiram ficar do vosso lado para tentarem subir na vida — concluiu Rodrigo.

— Sim, foi isso. O Rúben passou a almoçar sozinho porque ninguém queria sentar-se ao lado dele. O Francisco... A certa altura, o Francisco começou a picá-lo durante as horas de almoço. Mandava bocas para o ar...

— Coisas como: «Não tomaste banho hoje, Rúben? É por isso que ninguém se senta ao pé de ti?» — completou Alexandre.

— E toda a gente se ria — murmurou Mariana. — Vocês não o conheceram, mas o Francisco era... ele movia multidões. Tinha uma personalidade, um carisma...

— Um carisma de filho da mãe, ao que parece — acusou Rodrigo.

— Era um miúdo estúpido. Éramos todos — defendeu Mariana, a tentar secar as lágrimas. — Na altura, não éramos capazes de ver isto... só éramos capazes de nos sentir bem por pisarmos alguém que não oferecia resistência e ainda sermos aplaudidos por toda a gente —

confessou Alexandre.

— Quanto mais gozávamos com o Rúben, mais as pessoas pareciam adorar-nos. Quanto mais descíamos, mais a nossa popularidade subia. Quando parámos para pensar no que estávamos a fazer, já o empurrávamos contra os cacifos, pregávamos-lhe rasteiras...

— E nenhum professor ou contínuo sabia disto? Ninguém via que vocês o atormentavam? — bradou Hélder.

— Não. Sabíamos bem quando o podíamos atacar.

Alexandre apertou melhor os dedos de Mariana quando o choro e os soluços se tornaram mais fortes. Ela tapara a boca com a mão livre e abanava a cabeça, como se tivesse chegado finalmente ao limite da culpa.

O olhar de Hélder, sentado à sua frente, era o de um carrasco. Havia uma desilusão tão profunda nos olhos daquele homem que julgara conhecê-los, que gostara deles como se fossem da sua família, que Alexandre sentiu o pequeno-almoço voltar-lhe à boca.

— Quanto tempo durou? — perguntou César.

— Acho que começou no início do décimo primeiro ano e foi piorando até ao final do décimo segundo — revelou Alexandre.

— Portanto, infernizaram a vida ao rapaz durante dois anos. É de esperar que ele tenha tido vontade de se vingar, certo?

— Sim.

— E por isso vocês acham que ele matou o Francisco? — deduziu César.

— Foi ele! Ele disse, com todas as letras, que íamos pagar pelo que lhe tínhamos feito, e que no fim ia estar cá para se rir da nossa cara! — disse Mariana.

— Estamos a falar de uma pessoa que, na altura da morte do Francisco, tinha 17, 18 anos?

— Acho que tinha 18 — murmurou Alexandre.

— Muito bem, então acham que um rapaz de 18 anos matou um colega e...

— Não é assim tão absurdo! De certeza que não é a primeira vez que acontece! — protestou Mariana.

— Não, não é, mas não podem esquecer-se de que não se trata de um mero homicídio. Trata-se de um homicídio qualificado, com

ocultação de cadáver num local onde um jovem como o Rúben não teria livre acesso — insistiu César.

Norberto! Alexandre quase arquejou quando a compreensão o atingiu como um soco no estômago. Só podia ter sido ele! Tinha de haver alguma razão para Rúben lhe ter pedido ajuda para enterrar Francisco sem que ninguém soubesse...

No entanto, e quando se preparava para abrir a boca, Mariana quase lhe esmagou os dedos entre os seus, levando-o a lembrar-se de repente de que tinham prometido a Luís Vasques não o comprometer. Era óbvio que a primeira coisa que César e Rodrigo perguntariam, se lançassem a teoria de que Rúben e Norberto estavam ligados, era como raio se teriam lembrado de estabelecer aquela relação.

Felizmente, nenhum dos polícias pareceu dar por aquele aparte entre eles e Hélder adiantou-se antes que algum dos outros pudesse continuar.

— Esperem lá, então e vocês? Vocês também torturavam o Rúben. Se tiver sido ele, porquê matar só o Francisco?

— Porque ele era o pior — confessou Alexandre. — Era quem o tratava pior.

— Chegaram a falar com ele, na altura? — inquiriu César, olhando para Hélder.

— Claro que não! Nem fazíamos ideia disto! Não havia qualquer ligação, pelo menos que soubéssemos, entre eles, por isso não fazia sentido perguntarmos ao Rúben se sabia o que lhe tinha acontecido.

— Ele escapou mesmo por debaixo dos nossos narizes... — balbuciou Mariana. — Foi ele este tempo todo e nós não fomos capazes de ver...

— Na altura, nem sequer sabíamos que o Francisco estava morto! Tínhamos todas as razões para achar que ele tinha fugido de casa! — defendeu Hélder.

— Mas não fugiu! O Rúben matou-o!

— Já disse que fazer suposições não nos leva a lado nenhum — protestou César, apoiando as mãos na mesa para se levantar. — Há muita coisa que continua a não ter lógica na vossa teoria. Por exemplo, que sentido faz o Rúben vir gabar-se do que fez, deitando todo o mistério abaixo?

— Pode não ter muita lógica, mas... mas eu *sei* que foi ele!

— Mas o nosso trabalho não se faz com base em *sensações*, Mariana. Por isso, vamos fazer o seguinte: vamos trazer o Rúben para interrogatório com base na acusação da Mariana de que ele a perseguiu e vamos ouvir o que ele tem a dizer — disse César, desligando o gravador.

Mariana e Alexandre levantaram-se ao mesmo tempo e saíram da sala. Quando teve a certeza de que ninguém os seguira, Alexandre virou-a para si.

— Ele magoou-te? Aquele cabrão de merda fez-te alguma coisa?

— Não, não te preocupes.

— Como é que queres que não me preocupe? É bom que ele não se atrevesse à minha frente, senão...

— Senão o quê, Alex? Dás-lhe um enxerto de porrada?

— Podes crer que dou!

— E em que é que isso nos ajuda? Em que é que isso nos vai fazer parecer menos uma cambada de anormais aos olhos do César e do Rodrigo?

— Quero lá saber do que esses dois pensam! Ninguém te faz o que ele fez e sai impune!

— Ele não vai sair impune. Vai ser trazido aqui, vai ser interrogado e vai acabar por dar com a língua nos dentes, confessar que matou o Francisco e acabar preso.

— Isto não é um conto de fadas, Mariana.

— Pois não, não é. Nunca foi. Mas dares cabo dele só vai tornar tudo ainda pior.

Alexandre cerrou os maxilares com força.

Ainda estava a ferver quando ouviram passos no corredor, se viraram e viram Hélder.

— O que é que vocês ainda aqui estão a fazer? Não vos mandaram embora?

— Já estávamos a ir — murmurou Mariana, começando a virar-se.

— Então, é bom que vão. Não quero olhar para as vossas caras nem mais um segundo.

— Chefe, nós não...

— Não, não comecem com isso do «chefe»! Açam que muda alguma coisa?

— Não, claro que não muda, mas sabe que nos arrependemos e...

— Não, não sei, Mariana. Já não sei nada! Achava que vos conhecia, que tinham sido uns miúdos exemplares a vida inteira, e agora vejo que não passam de uns cobardes! Têm noção do quanto me envergonharam ali dentro? Passei por um perfeito idiota que nunca foi capaz de perceber aquilo que se passava no colégio que devia manter sob controlo! Eu e todos os vossos professores.

— Não quisemos deixá-lo mal. Nunca foi essa a intenção.

— Pois não, Alexandre, a intenção foi pisarem e repisarem um miúdo que teve o azar de não vos dirigir a palavra no primeiro dia em que passou por vocês no corredor! A intenção foi ganharem popularidade à custa dos maus-tratos que infligiram a um pobre coitado que não tinha onde cair morto! Deviam ter vergonha!

Mariana retraiu-se como se ele lhe tivesse batido.

— O melhor que têm a fazer é irem para casa e contarem ao Daniel e à Gabriela o que se passou aqui para eles se preparem para serem chamados a depor sobre isto, e olhem que vai acontecer bem mais cedo do que julgam.

— Nós já vos contámos tudo o que fazíamos, porque é que vão querer...

— Claro que vamos querer falar com eles! O que se passou entre vocês os cinco e o Rúben Santos é demasiado grave para continuar em segredo! Está na hora de acabarmos com todas estas malditas mentiras!

Hélder virou-lhes costas e afastou-se pelo corredor a praguejar e esbracejar. Alexandre avançou um passo na direção dele, mas Mariana agarrou-lhe na mão e travou-o.

— O que é que vais fazer? Vais atrás dele para o obrigar a retirar aquilo que disse?

— Não, vou fazê-lo perceber que não somos...

— Não somos os cabrões que ele acha que somos? E porque é que vais fazer isso, se sabes que é mentira?

— Mariana, não digas...

— É a verdade. Fomos uns imbecis com o Rúben e estamos a pagar por isso. Não éramos assim tão novos que não soubéssemos o que estávamos a fazer. Portanto, vamos para a quinta contar isto à Gabriela e ao Daniel.

Alexandre ainda não estava pronto a içar a bandeira, mas Mariana

não lhe deu alternativa. Enlaçando o braço no dele, arrastou-o para a saída do posto, onde foram interpelados pela última pessoa que tinham vontade de ver naquela altura.

— O que é que ainda está aqui a fazer? — praguejou Alexandre, ao ver Leonor Marques subir as escadas ao seu encontro.

— O que já estou a tentar fazer desde meio da tarde. Fui à quinta tentar convencer-vos a falar comigo, mas vi a Mariana sair disparada e decidi que talvez fosse mais fácil falar com um de vocês sozinho — disse Leonor, com o sorriso a esbanjar sarcasmo. — E assisti a toda a cena entre ela e o Rúben Santos.

— Bem, é mesmo rápida, até já o nome dele descobriu — resmungou Mariana.

— Mais uma vez, só estou a fazer o meu trabalho — defendeu Leonor. — Quando o Rúben se foi embora, a Mariana estava bastante perturbada, não estava de todo em condições de conduzir, por isso ofereci-me para lhe dar boleia até cá.

— Suponho que tenha de lhe agradecer, então — sibilou Alexandre. — Mas não julgue que vai fazer-nos mudar de ideias. Não vamos falar consigo para artigo nenhum.

— Já não é só um artigo, esse já escrevi. Não leram?

— Se fôssemos ler tudo o que tem saído nos jornais sobre o Francisco, não fazíamos mais nada.

— Seja como for, ficam a saber que já não estou apenas a escrever artigos diários sobre as novidades que vão surgindo no caso. Decidi escrever uma reportagem de fundo, um perfil, digamos assim, do Francisco, e é para isso que quero contar convosco.

— Muito obrigado, mas continuamos a não estar interessados.

— É mesmo assim que vai recompensar a minha simpatia?

— Ouça, se quer assim tanto o nosso testemunho para o perfil, tudo bem, conte com ele — declarou Mariana. — Mas não vai tê-lo nem aqui nem agora. Quando estivermos prontos, prometo que lhe ligamos e a chamamos.

Alexandre nem sabia o que dizer. Era evidente que tinha sido daquilo mesmo que Leonor estava à espera, e não o escondia. Se lhe fosse possível brilhar mais de orgulho, tornava-se uma maldita árvore de Natal.

— Muito bem, fico então a aguardar o telefonema.

— Obrigado — resmungou Alexandre, começando a puxar Mariana consigo.

Quando já estavam longe dos ouvidos de Leonor, lançou-lhe um olhar de viés.

— Tens noção de que acabaste de fazer um acordo com o diabo, não tens?

— Talvez — admitiu Mariana. — Mas tendo em conta que nenhum de nós é propriamente santo, pode ser que nos safemos.

Capítulo 34

Gabriela não sabia dizer o que estava mais pesado, o céu ou o seu peito.

Ergueu o olhar para a camada de nuvens que o cobria quando uma rajada de vento a atravessou até aos ossos. Afagou os braços, mas descartou a ideia de voltar para casa. Ouviu passos atrás de si nesse instante, mas não se virou. João Paulo prostrou-se ao seu lado, debruçado sobre a cerca de madeira branca que delimitava o jardim, e estendeu-lhe um dos copos que trazia na mão.

Gabriela sorveu o *whisky* de um trago e devolveu-lhe o copo. João Paulo sorriu, sacou da garrafa de debaixo do outro braço e acenou-lhe com ela.

— Obrigada — sorriu Gabriela, servindo-se de uma segunda dose.

— O Eduardo não ia levar a mal. Dizia que estas de coleção eram para os momentos importantes.

— E este é?

— Parece-me que sim.

Gabriela anuiu, tornou a levar o copo à boca e bebeu três goles de coragem.

— Lamento mesmo muito que tenham tido de descobrir aquilo.

— Diz-me uma coisa, filha... Amavas o Francisco?

— Amava. Do fundo do coração.

— Então também lamento muito por ele não ter sentido o mesmo por ti.

— Não tinha de sentir. Era feliz com a Mariana, que pode ter a certeza de que também o amava muito. Eu é que me meti no meio e dei cabo de tudo... e agora perdi os dois.

— Não digas isso.

— É verdade! Acha que tenho a mínima hipótese de que a Mariana me perdoe? Não estava lá para ouvir as coisas que ela me disse. Perdi-a para sempre.

— A Mariana não é nenhuma santa. De certeza que também já cometeu erros, já pediu desculpa e já se sentiu aliviada por lhos perdoarem. Dá-lhe tempo para digerir isto, está bem? Vais ver que ela acaba por te perdoar.

— Porque é que havia de o fazer?

— O tempo cura tudo. Estás a querer que ela passe por cima de todas as fases que tem de atravessar, negação, choque, mágoa, raiva, aceitação, antes de chegar ao perdão, e não pode ser. Tens de lhe dar tempo de as atravessar a todas.

— Talvez seja assim com a maior parte das pessoas, mas não connosco. Já estamos para lá disso. Fizemos tanto mal uns aos outros e a outras pessoas que não mereciam que não sei se algum dia vamos conseguir voltar ao que éramos. Quando olhamos para trás, só temos cicatrizes onde devíamos ter memórias.

— Nenhuma amizade é perfeita, Gabriela. Nenhuma amizade é feita só de momentos felizes e memórias bonitas.

— Eu sei, mas ninguém devia ser obrigado a manter uma amizade que só lhe traz más recordações. As amizades deviam trazer ao de cima o melhor e não o pior de nós.. Ninguém devia ter de se conter para não chorar quando olha para um amigo e se lembra de toda a dor que atravessou ao lado dele e *por causa* dele. E olhe que já me perguntei demasiadas vezes porque é que continuo a gostar tanto da Mariana, do Daniel e do Alex.

Gabriela levantou o olhar para o céu e teve a certeza de que, nessa altura, o peito já estava muito mais pesado que ele.

— João Paulo... Tem saudades dos nossos pais?

— Tenho. Muitas mesmo. E, de cada vez que cá volto, tenho principalmente do Eduardo e da Emília. Vejo-os sentados na sala, ele

naquela poltrona em que o Daniel se senta sempre e ela no sofá maior. Vejo-a em frente ao fogão quando tu e a Mariana lá estão, e o Eduardo a refilar enquanto ela o obriga a pôr a mesa. E vejo-os aqui mesmo onde nós estamos, a olharem para o jardim e a horta, a conversarem sobre o que é preciso fazer. Sim, filha, tenho muitas saudades deles.

— Eu sei que os meus pais também se sentem assim. Pode não acreditar, porque eles ainda não puseram cá os pés desde que fomos para Albufeira, mas...

— Não, acredita que sei que eles também têm saudades deles, e até de mim e da Sandra, e a Camila, a Leonor e o Fernando também.

— Então, porque é que se afastaram tanto? — perguntou Gabriela.

— Sei lá... A vida? Passamos tantas horas a trabalhar que, quando chegamos a casa, só queremos desligar e, quando damos por nós, não nos vemos há semanas, meses, anos...

— Até podia ser assim para a maioria das pessoas, mas acho que o vosso caso foi diferente. Acho que, infelizmente, nem os meus pais nem os da Mariana e a mãe do Alex souberam lidar convosco quando estavam no fundo do poço.

João Paulo encolheu-se um pouco. Gabriela tirou-lhe o copo da mão, voltou a servi-lo e devolveu-lho. Esperou que ele o esvaziasse e só então lhe pousou a mão no ombro.

— Vocês estavam de rastos por terem perdido o Francisco, a atravessar a pior fase das vossas vidas, e eles não conseguiram lidar com isso. Quiseram apoiar-vos, mas a vossa dor era tão sufocante, dominava-vos tanto e a quem estivesse à vossa volta, que eles acabaram por se ir afastando para não serem arrastados para o fundo do poço.

— Tens mesmo jeito para ler as pessoas, não tens? — murmurou João Paulo, com um pequeno sorriso. — A Emília também era assim. Olhava-nos nos olhos e sabia sempre o que estávamos a pensar. É estranho, mas às vezes tenho a sensação de que saíste mais a ela do que à tua mãe.

— No fundo, ela sempre foi mais minha mãe do que a minha.

João Paulo não precisou de dizer nada. Era uma daquelas verdades que nunca chegam a vir bem ao de cima, mas em que todos reparam. E agora, fosse como fosse, era demasiado tarde para o mudar.

— Lamento muito que os meus pais não tenham sido fortes o suficiente para estarem ao vosso lado quando mais precisaram deles
— acabou Gabriela por dizer.

— Não lamentos. Eles tentaram, acredita que tentaram.

Gabriela fechou os olhos e encostou-se a João Paulo. Deixaram-se ficar assim muito tempo, mas Gabriela ainda não sentia que fosse o suficiente quando a porta das traseiras da casa se abriu e Daniel espreitou para o jardim.

— A Mariana e o Alex chegaram e precisam de falar connosco!

Gabriela afastou a cara do ombro de João Paulo, limpou as lágrimas e pegou-lhe na mão, puxando-o para a casa para onde ainda não se sentiam preparados para regressar.

Capítulo 35

Mariana e Alexandre tinham acabado de se sentar quando Gabriela e João Paulo entraram na sala.

— Nenhum de nós quer estar aqui neste momento, mas vamos pôr as nossas merdas de lado só por um minuto, está bem? Temos de vos contar uma coisa importante — pediu Alexandre.

Todos anuíram, sem levantarem os olhos do tapete.

— Antes disso, acho que alguém aqui merece um pedido de desculpas — disse Sandra.

Mariana lançou-lhe um olhar gelado, mas ela não cedeu.

— Já são crescidinhas de mais para andarem a resolver os vossos problemas à pancada. É a falar que as coisas se resolvem. Violência só gera mais violência.

Contrariada, Mariana olhou para Gabriela, que continuava de olhos postos no tapete, e acenou em concordância.

— Tem razão. Desculpa, Gabriela.

Gabriela levantou o olhar para o dela como um chicote, sem esconder o espanto. Mariana tornou a acenar e afastou o olhar, não querendo que aquilo se arrastasse muito mais.

— Há pouco, quando saí daqui, fui dar uma volta para tentar arejar a cabeça. Quando comecei a voltar para trás, percebi que estava a ser seguida — contou Mariana. — Tentei despistá-lo, mas não

consegui. Acabei por parar, tirei a lata de gás pimenta do porta-luvas e enfrentei-o.

— O tipo fez-te alguma coisa?! Estás bem? — perguntou João Paulo.

— Estou, não se preocupe. A pessoa em questão não me queria atacar, só queria gozar comigo. Era o Rúben Santos.

— Quem é o Rúben Santos? — perguntou Sandra, desorientada.

— Foi nosso colega de escola — começou Alexandre. — Estava na minha turma, do Daniel, da Gabriela e do Francisco. Era um miúdo muito... Ouçam, não vão gostar mais de ouvir aquilo que temos para vos contar do que gostaram de saber tudo o que souberam quando a PJ aqui estava, por isso, se não se sentirem capazes de ouvir mais nada hoje, podemos...

— Não. Se já começaram, vão ter de ir até ao fim — decidiu João Paulo. — Já guardaram o vosso rol de segredos demasiado tempo.

— Bem, então, o Rúben era um miúdo magricelas, sempre cabisbaixo e calado que nem um rato. Era o melhor alvo que se pode imaginar. E nós... nós fizemos-lhe a vida num inferno.

— Porquê? Porque é que haviam de fazer isso? — bradou Sandra.

— Porque éramos uma cambada de putos imbecis. Porque gostávamos demasiado de ser populares e de que toda a gente quisesse ser vista connosco porque éramos «os mais fixes da escola» — disse Alexandre.

— E o Francisco também? — murmurou João Paulo.

— O Francisco era o pior. — Daniel baixou os olhos.

O peito de Sandra abateu quando o ar lhe saiu dos pulmões. Fechou os olhos e começou a abanar a cabeça. João Paulo olhou para ela e começou a levantar a mão para lha pousar nas costas, mas acabou por a deixar cair e soltou apenas um longo suspiro.

Daniel teve vontade de bater em si mesmo.

— Como é que é possível... Como é que pudemos ser tão cegos... — disse João Paulo, incrédulo.

— A culpa não é vossa — defendeu Alexandre. — Não podem achar que foram maus pais para o Francisco por não terem...

— Não termos visto que ele era um estupor? — explodiu Sandra, levantando-se num repente. — Até esta manhã, pensava que o conhecíamos! Pensava que ele tinha sido o rapaz responsável,

bondoso, que nunca tinha feito mal a ninguém, que passámos a vida inteira a pensar que foi! Mas, só hoje, já descobrimos que era um cobarde, um traidor e, agora veja-se só, um *bully* para um miúdo que nunca fez nada para merecer que o tratassem daquela forma! — Virou-se para Mariana e Gabriela e apontou-lhes o dedo à cara. — Olhem, sabem que mais? Bem podem mandar à merda os vossos pedidos de desculpa! Violência gera mesmo mais violência, e vocês não sabem gerar mais nada!

— Sandra...

— Por mim, chega. Estou farta disto tudo. — Sandra virou costas e fez tenção de sair.

— Foi o Rúben que matou o Francisco — disparou Mariana.

Sandra estacou, sem se virar.

— *O Rúben?* — repetiu Daniel, atónito. — O Rúben era um meia-leca! Até a Gabriela pesa mais que ele! Como é que ele podia ter deitado o Francisco abaixo e depois tê-lo levado para o cemitério, ter aberto a cova e tê-lo enterrado?

— Podia, se não tivesse agido sozinho — disse Mariana.

— E quem é que o ajudou? O Norberto?

— Não sei, Gabriela! O que sei é que aquele anormal me perseguiu estrada fora quase até à Figueira da Foz e depois ainda gozou com a minha cara e disse que vamos receber todos o que merecemos, como o Francisco já recebeu!

— Contaste à Polícia que ele também vos ameaçou? — perguntou João Paulo.

— Contámos, mas eles não acreditaram! — reclamou Alexandre. — Vão levá-lo para interrogatório, mas mais depressa acreditam que tenha sido um de nós do que ele!

— Onde é que ele está agora? — perguntou Gabriela.

— Não faço ideia. Não consegui impedi-lo de se ir embora. Estava tão fora de mim, tão... tão em pânico, que não consegui fazer nada — confessou Mariana.

— Não interessa, eu sei onde ele vive — avisou Daniel. — Vamos lá ter uma conversinha com ele e...

— Não, nem pensar! Não vão a lado nenhum! — bradou Sandra. — Não acham que já se enterraram o suficiente? O que é que a Polícia vai pensar se o Rúben fizer queixa depois daquilo que acabaram de

descobrir sobre vocês?

— Não lhe vamos bater, só vamos conversar sobre...

— Para, Daniel. Não nos tentem fazer passar por parvos. Conseguiram, durante demasiado tempo, mas já não.

— Em que planeta é que acham que acreditamos que só querem ir falar com ele? — acrescentou João Paulo.

— Precisamos de saber se foi ele quem matou o Francisco! — insistiu Daniel.

— E temos de lhe pedir desculpa.

Todos os olhos se viraram para Mariana.

— O que é que disseste? Ouvi bem?

— Sim, Daniel, ouviste muito bem e sabes que tenho razão — decretou Mariana. — Já devíamos ter pedido desculpa há muito tempo por aquilo que fizemos, mas agora...

— Agora, se viermos a descobrir que foi mesmo ele que matou o Francisco, é que não vamos pedir desculpa! Estás louca?

— Não, loucos estávamos nós quando lhe fizemos o que fizemos o secundário inteiro! Não admira que ele tenha perdido a cabeça e tenha acabado por matar o Francisco!

— Não digas isso, Mariana, por favor... — balbuciou Gabriela.

— É a verdade! E se acham que não merecemos pagar pelo que fizemos...

— É melhor parares por aí, porque se vais dizer que o Francisco mereceu morrer por aquilo que fez ao Rúben, juro que não respondo por mim — ciciou Daniel.

— Parem, por favor! — bradou Gabriela. — Já não aguento mais!

Mariana fechou a boca com força, ao mesmo tempo em que aquela faísca de emoção se apagava do olhar.

— A Gabriela tem razão. É tarde, estamos todos exaustos e precisamos de pôr as cabeças em ordem — murmurou João Paulo.

— Sim, é melhor irmos embora. Amanhã é outro dia e precisamos de dormir sobre tudo isto — declarou Sandra.

Daniel reparou de viés no olhar que Gabriela e Mariana trocavam e deu-se conta de que, no meio da raiva de uma e da culpa da outra, havia mais qualquer coisa. Não conseguiu descobrir o que seria antes de Mariana virar costas, pegando na mão de Alexandre, e começar a dirigir-se à saída.

— Falamos melhor amanhã — despediu-se Alexandre, à pressa.

João Paulo e Sandra esperaram até os passos de ambos alcançarem as escadas e começaram a subi-la para se despedirem de Daniel e Gabriela.

— Mantenham a calma uns com os outros. Não deixem que isto vos destrua — sussurrou João Paulo ao ouvido de Daniel.

Ele concordou com um aceno, desejoso de ser capaz de lhe dar ouvidos. Devolveu-lhe o abraço com força, rezando para que também ele e Sandra conseguissem ter ao menos algumas horas de sono reparador, e acompanhou-os à porta.

Quando voltou à sala, Gabriela estava parada junto à maior das janelas, a ver a chuva que tinha começado a cair, um autêntico vendaval. Os braços, a abraçar o tronco, ainda tremiam, e embora as lágrimas tivessem parado de correr, os olhos continuavam a brilhar. Daniel aproximou-se até lhe pousar a mão no ombro, mas nem assim lhe conseguiu arrancar o olhar vidrado da escuridão.

— O que é que não deste tempo à Mariana de dizer?

— Acredita em mim, não queres saber.

— Achas que, a esta altura do campeonato, vale a pena guardares os segredos dela?

— Até pode não valer, mas aquele não era o momento certo para ela deixar escapar o que tem andado a esconder.

— Não achas que é ela que tem de decidir isso?

— Acho, mas ela não estava consciente das consequências do que ia dizer, e só quis...

— Quiseste protegê-la. Mesmo depois de tudo, continuas a protegê-la.

— Vais censurar-me? — acusou Gabriela, virando-se para ele. — Tu, que também continuas a proteger-nos a todos?

Daniel rendeu-se e deixou-se ficar ao seu lado a ver o temporal piorar lá fora e equiparar-se cada vez mais ao que reinava debaixo do teto que os abrigava a todos.

Capítulo 36

A tempestade durou a noite inteira. De manhã, ainda morrinhava. Mariana acompanhara cada segundo. Mesmo agora, deitada na cama, a acariciar a barriga, continuava atenta a cada gota que batia contra a janela.

Alexandre costumava cair num sono de pedra de que, por vezes, ela tinha uma dificuldade alarmante em arrancá-lo. Nessa noite, porém, despertara várias vezes. Ofegante, virara-se para ela, envolvendo-a em abraços apertados e ansiosos e embalando-a, como se fosse ela a precisar de conforto. O cansaço acabara por voltar a levá-lo de cada vez e Mariana dera graças por ele não adivinhar o esforço que fazia para conter o choro.

Quando o despertador do telemóvel dele tocou, às nove e meia da manhã, ela fingiu estar a dormir. Sentiu-o virar-se sobre si para lhe verificar a respiração e esforçou-se por soar convincente. Alexandre acabou por se render, levantou-se, vestiu-se e saiu do quarto.

Mariana esperou até deixar de o ouvir no corredor para se voltar de barriga para cima. Pousou lá as mãos e fixou o olhar no teto. Deu finalmente rédea solta às lágrimas e deixou o tempo passar, enquanto aguardava por ânimo para se levantar e enfrentar mais um dia.

Mas as horas passaram sem que o ânimo chegasse nem nenhum deles viesse ao quarto chamá-la. Ouvia, de tempos a tempos, um

bando de pombos atravessar o céu; uma rajada de vento mais forte agitar as copas das árvores; o fim da primavera a dar lentamente lugar ao verão. Sons de um começo de dia tranquilo na quinta, igual a tantos outros, naquela eterna pasmaceira que não podia ser mais diferente das manhãs em casa de Mariana, e que ela invejava tão profundamente.

Sentiu um sorriso aflorar-lhe aos lábios, ao mesmo tempo em que uma lágrima lhe deslizava pela bochecha. Lembrava-se de tantas manhãs como aquela, em que ficava deitada até mais tarde, quando ela, Gabriela, Francisco e Alexandre eram convidados a dormir ali na quinta. Era a última a levantar-se e a descer para o pequeno-almoço, para poder ficar assim mesmo, estendida na cama, olhos fechados e audição aguçada, a acompanhar o desenrolar da rotina lá em baixo e a sonhar que, um dia, talvez pudesse ter uma rotina matinal que não incluísse gritaria para que ela e André se despachassem com os banhos, a roupa, o pequeno-almoço e a preparação das mochilas, tudo para não perderem o autocarro e não chegarem atrasados às primeiras aulas. Não havia nada que Fernando e Leonor mais abominassem do que atrasos.

O presente puxou-a de volta, com a campainha a ecoar pela casa. Alexandre correu escadas acima, abriu a porta do quarto e espreitou:

— Já estavas acordada?

— Acordei agora mesmo.

— Veste-te, rápido. O Luís Vasques está lá em baixo e quer falar contigo.

Mariana levantou-se num pulo. Enfiou-se nas calças de ganga e *T-shirt* preta da véspera, calçou as sandálias e correu escadas abaixo enquanto apanhava o cabelo num coque no cimo da cabeça.

Luís estava a pegar na caneca de café que Gabriela lhe passava quando Mariana entrou pela cozinha, com Alexandre atrás de si.

— Bom dia, Mariana.

— Bom dia.

— Queres café ou chá? — ofereceu Daniel, mantendo-se virado para a torradeira, onde acabara de colocar duas fatias de pão de forma.

— Pode ser café — aceitou Mariana, sentando-se em frente a Luís.

— O Alex disse que queria falar comigo.

— Sim. Bem, na verdade, acho que vou acabar por falar com os quatro, não é?

— Sim, é melhor despachar o assunto — confirmou Daniel, vindo pousar uma caneca em frente a Mariana.

Ela serviu-se de café enquanto Luís bebia alguns goles do seu e se recostava na cadeira. Daniel pousou o prato com as duas torradas já prontas ao centro da mesa e voltou para a torradeira, para pôr outras duas a fazer.

— Descobriram mais alguma coisa sobre o Francisco? — atalhou Gabriela, enquanto pegava numa das torradas.

— Sim. Mas não se esqueçam de que isto não sai daqui.

— Claro, não tem de se preocupar, fica entre nós.

— Espero mesmo que sim, Gabriela. Então, em primeiro lugar, é importante que saibam que isto é sobre o Rúben Santos.

Mariana começara a levar a caneca à boca, mas tornou a pousá-la na mesa. Alexandre e Daniel entreolharam-se. Gabriela estremeceu e corou até as bochechas queimarem. Acabou, ainda assim, por ser a única a conseguir responder.

— O Luís não estava ontem no posto quando eu e a Mariana lá fomos, pois não? — confirmou Alexandre.

— Não, estava fora com o Paulo a tratar de outras coisas, incluindo disto que vos vim contar, mas quando chegámos ao posto, ao fim da tarde, o Hélder pôs-nos a par do que vocês lá tinham ido contar.

— E também acha que foi ele quem matou o Francisco, não acha? — concluiu Daniel, perante a seriedade no olhar do polícia.

— Ainda não temos a certeza, mas aquilo que eu e o Paulo descobrimos ontem sem dúvida que dá força a essa ideia.

— O que é que descobriram?

— Só para vos contextualizar: ao início da tarde de ontem, eu e o Paulo passámos pelo colégio para falar com a vossa antiga diretora de turma. O César e o Rodrigo pediram-nos que fôssemos buscar o dossiê do processo escolar do Francisco, porque precisavam de confirmar uns pormenores. Quando estávamos a sair do carro, no parque de estacionamento, vimos o Rúben a passar pelos portões e a entrar no carro. O que não seria assim tão estranho, não fosse o facto de toda a gente saber que, no vosso último dia de aulas do décimo segundo ano,

ele saiu do colégio aos berros, a jurar que não voltava a pôr lá os pés, nem que lhe pagassem.

— Sim, lembro-me bem disso — comentou Gabriela.

— Por isso, e porque achei estranho vê-lo ali, comentei com a professora Helena. E sabem o que é que ela disse? Que ele tinha acabado de sair dali e que a tinha tentado convencer a deixá-lo levar o dossiê dele.

— Espere, ele queria levar o processo dele ou do Francisco? — perguntou Daniel.

— O dele. Só que nem os alunos nem os encarregados de educação, mesmo depois de os alunos saírem da escola, podem ficar com os processos. Ele ficou furioso com a professora Helena quando ela lhe explicou isso, e ela não conseguiu arrancar-lhe porque é que ele queria tanto ficar com o dossiê.

— E ele saiu, furioso, meteu-se no carro e entretanto cruzou-se comigo na estrada, e o resto já o Luís sabe — esclareceu Mariana.

— Exato. Só que, e é isto que vos vim contar, entretanto descobrimos porque é que ele queria tanto ficar com o dossiê. É que, se o levasse da escola, nós não teríamos hipótese de o requisitar quando soubéssemos do vosso historial de *bullying*.

— Mas não está nada explícito no dossiê — avisou Gabriela. — O Rúben nunca chegou a fazer queixa de nenhum de nós. Se tivesse feito, de certeza que teríamos sido chamados ao gabinete do diretor Barroso.

— Sim, acredito que ninguém até ontem soubesse de toda essa história. Acreditem que o Hélder não fingiu o choque em que ficou ao ouvir a vossa história. Nem ele nem nenhum de nós desconfiava, e mais tarde, quando fomos novamente ao colégio, a professora Helena também disse que ninguém do corpo docente sabia dos maus-tratos. Mas para o Rúben ter feito tanta questão de deitar as mãos ao dossiê, é porque sabia que há lá qualquer coisa que o relaciona com o caso do Francisco.

— Então, ele planeou tudo? — perguntou Mariana. — Tentou ir buscar o dossiê porque sabia que a seguir vinha atrás de mim e queria atrasar-vos a chegar até ele?

— Sim, também é isso que achamos — confirmou Luís, com um aceno grave. — Só não contava que eu e o Paulo fôssemos ao colégio

quase ao mesmo tempo que ele. Foi o ar dele à saída que nos levou a ficar com a pulga atrás da orelha. E com razão.

— Então, sempre leram o dossiê dele?

— Sim. E descobrimos que, das várias reuniões de encarregados de educação que vocês tiveram ao longo dos três anos, as linhas nas atas para serem preenchidas pelo encarregado de educação do Rúben só estão assinadas cinco vezes.

— OK... e isso significa que os pais não queriam saber dele?

— Podia ser só isso, Gabriela, mas não. É que, na verdade, não foi a mesma pessoa que assinou todas as atas. A primeira foi assinada pela Dalila Santos, a mãe dele... mas as restantes quatro foram assinadas pelo Norberto Saraiva.

Capítulo 37

Mariana não devia ter ficado tão surpreendida com aquilo. Não tinham apresentado aquela mesma teoria a César, Rodrigo e Hélder? Então, porque é que sentiu que o coração falhava um batimento?

Levantou o olhar para Luís, que lutava por lhes dar tempo de digerirem aquilo, mas que não conseguia disfarçar a ansiedade.

— O que é que o Rúben era ao Norberto? — acabou Mariana por perguntar.

— Aí é que está, não era nada — disse o Luís. — Vamos precisar de analisar as duas árvores genealógicas com mais tempo, é certo, mas, à partida, não são parentes.

— Então, como é que o Norberto podia assinar as atas das reuniões no lugar da mãe do Rúben? Ou melhor, como é que podia fazer-se sequer passar por ela? — insistiu Alexandre.

— Foi isso que perguntámos à professora Helena. Não podemos perguntar ao Norberto nem à Dalila, porque já morreram...

— Espere, quando é que a mãe do Rúben morreu? — exclamou Gabriela.

— Quando vocês estavam no décimo primeiro ano.

Se os remorsos que sentiam até ao dia anterior já chegavam para lhes provocar uma dor de cabeça aguda, pressentiram que agora atingiria todo um novo nível. Nunca lhes passara pela ideia que Rúben

fosse órfão. Só sabiam, como todo o colégio, que não tinha pai. Nunca tinham chegado a descobrir porquê, mas a mãe criara-o sozinha.

Agora, olhando para trás, era absurdo que se gozasse com ele e não com Alexandre, sendo o contexto o mesmo.

Talvez tivesse pesado o facto de os Santos serem pobres, de Rúben andar sempre mal vestido e de só poder frequentar o colégio ao abrigo das bolsas do programa de Apoio Social, que só abrangia um pequeno grupo de alunos provenientes de famílias carenciadas. Mas nenhum deles supusera, por um segundo que fosse, que a partir de certa altura ele também tivesse perdido a mãe.

— Quem é que ficou com a custódia dele? — indagou Gabriela.

— Os avós maternos. Agora já só tem o avô, a avó morreu há coisa de quatro anos — explicou Luís.

— Então, o lógico teria sido que passasse a ser um dos avós o encarregado de educação, não? — sugeriu Daniel.

— Sim, mas a questão é que as primeiras atas que o Norberto assinou correspondem ao período em que a Dalila ainda era viva. A professora Helena contou-nos que ela já estava bastante debilitada nessa altura, mas... Esperem, pois é, vocês também não sabem de que é que ela morreu.

— Deixe-me adivinhar: de overdose? — disse Mariana.

Daniel e Gabriela voltaram os olhos esbugalhados para ela. Mariana não desviou os seus dos de Luís, que se limitou a assentir.

— Exatamente. As parecenças entre os dois são muitas. Ambos foram criados pelas mães, que levavam a mesma vida de prostituição, que acabaram por apanhar VIH, por serem toxicodependentes e por morrerem de overdose. Ambos foram criados no limiar da pobreza. Ambos a perguntarem-se a vida inteira quem seriam os pais. E ambos, vendo-se de repente órfãos, a encontrar consolo na igreja.

— Não... não fazia ideia de que o Rúben era religioso... — admitiu Daniel.

— Nem tu nem nenhum de nós. Afinal, não estávamos muito interessados em conhecê-lo — provocou Alexandre, quase num aparte.

— Então, o Rúben conheceu o Norberto na igreja? — atalhou Mariana.

— Sim. Conheceram-se ainda a Dalila era viva. O Rúben frequentou a catequese, fez a primeira e a segunda comunhão, o

crisma e, segundo o padre Emanuel, foi um dos jovens que na altura mais se oferecia para ajudar nos eventos da paróquia. E foi através dela que conheceu o Norberto e começaram a perceber quão parecidos eram.

— Continua a fazer-me confusão como é que o Norberto se torna encarregado do Rúben de um dia para o outro, com os avós maternos ainda vivos — insistiu Gabriela.

— Foi isso que perguntámos à professora Helena, e ela explicou que foi a pedido da Dalila, porque os pais dela moravam em Leiria e não tinham disponibilidade para ir e vir às reuniões dos encarregados de educação ao fim do dia. Isto foi a desculpa que ela deu, mas a professora Helena contou-nos que achava que a Dalila não tinha muito boa relação com eles e não queria pedir-lhes que assumissem uma responsabilidade que, de certeza, lhe iriam atirar à cara ser dela e não deles. Por isso, e porque o Norberto se foi tornando próximo dela e do Rúben, achou melhor pedir-lhe que passasse a representá-la em tudo o que dissesse respeito à escola.

— Então, está explicado — murmurou Alexandre, num tom que arrepiou Mariana. — O Rúben matou o Francisco e pediu ajuda ao Norberto para enterrar o corpo no cemitério.

— Mais devagar. Pode não ter sido...

— É muito fácil de ver, Luís, agora que nos contou isto tudo! — concordou Daniel. — O Rúben é a pessoa com mais razões para querer o Francisco morto e...

— Espera — cortou Alexandre, erguendo uma mão para o silenciar. — Já percebi porque é que o Luís diz que não é assim tão fácil. É porque pode ter sido ao contrário, não é?

Luís limitou-se a anuir e os olhos de Daniel arregalaram-se.

— Ou seja, o Norberto ter matado o Francisco para vingar o Rúben?

— É bem possível — sussurrou Mariana.

— Nesta fase, há muita coisa que ainda é possível. Ainda temos muito trabalho pela frente até percebermos, sem sombra de dúvida, quem é que matou o Francisco. E, seja como for, está na minha hora. Façam, por favor, aquilo que prometeram e não se metam no meio da investigação. Tenham fé de que, mais dia, menos dia, a verdade vem à tona e vamos conseguir fazer justiça. Mas vai ser mais difícil para toda

a gente se não cooperarem connosco.

— Vamos cooperar, não se preocupem. Não vamos contar nada disto a ninguém — confirmou Alexandre.

— Ótimo. Então, até uma próxima. Se souber de mais alguma coisa, tento dizer-vos.

— Obrigada, Luís. Eu levo-o à porta — indicou Mariana, levantando-se.

Depois de se despedir e de o ver entrar no carro, fechou devagar a porta. Deixou-se ficar quieta, a olhar para ela, a absorver o peso de tudo o que ele lhes contara. Acabou por ser interrompida por Alexandre, que surgiu de mansinho no corredor.

— Estás bem?

— Algum de nós está? — provocou, revirando os olhos ao voltar-se para ele. — Algum de nós vai ficar bem, algum dia?

— Vamos. Só precisamos de que este pesadelo acabe e aí vamos ficar bem.

— Não, não vamos. Vamos *fingir* que vamos ficar bem, como temos fingido até agora. Porque, no fundo, também sabes que não passou tudo de uma ilusão. Somos parte desta maldita terra e devíamos ter noção de que não conseguiríamos fugir para sempre do que fizemos aqui. E o Luís pode dizer o que bem entender, e o Daniel pode defender que aquilo que nós e o Francisco fazíamos é desculpável porque no resto do tempo nos esforçámos por o compensar, mas não passam de tangas! Quem fez tudo o que fizemos, por mais que se esforce por se redimir, nunca o vai conseguir.

— Mas nós conseguimos, Mariana. Eu e tu conseguimos — defendeu Alexandre, surpreendendo-a com a gravidade que lhe turvou a voz quando se aproximou e lhe tomou o rosto nas mãos. — Tu és a minha salvação. Desde que voltei a encontrar-te, naquela festa, não há um dia em que não tenha feito das tripas coração para te merecer e ao teu perdão.

Mariana fechou os olhos. Não queria chorar, mas tornava-se difícil não o fazer perante o brilho que cintilava no olhar de Alexandre. Perante aquela urgência, aquele desespero, de a resgatar dos remorsos que a devoravam. De a salvar de si mesma.

Quando encontrou forças para o fazer, tornou a abrir os olhos e perdeu-se no denso mar castanho-escuro, quente e pleno de amor e

confiança, que eram os olhos dele. Do homem que amava e que, passasse o tempo que passasse, nunca deixaria de querer proteger. Da sua dor e de tudo o resto.

— Não te preocupes. Não vou a lado nenhum.

E, quando ele a beijou, deixou-se levar, desejando um dia vir a acreditar tanto na capacidade de expiarem os seus pecados quanto ele.

E que, chegada a hora de voltarem para junto de Francisco, pudessem fazê-lo com a consciência menos pesada que o coração.

Capítulo 38

Ninguém tinha fome, embora já passasse da hora de almoço, mas tinham de tentar cumprir uma rotina que se aparentasse o mais possível à normalidade. Era a única forma de impedirem que a loucura que pairava sobre eles como o raio de uma nuvem se lhes abrisse em cima numa tempestade.

Por isso, e embora cada um tivesse um nó no estômago e outro na garganta, ainda se reuniram na cozinha para tratarem do almoço. Comeram em silêncio, sem sequer ligarem a televisão na sala de estar para ruído de fundo. Já sabiam que só ouviriam informações que já conheciam sobre o caso de Francisco.

A comunicação social começava a ter dificuldade em apresentar novidades à população que acompanhava a par e passo o desenrolar daquela novela sórdida. As equipas dos principais canais de televisão tinham aparecido ao portão ao longo da manhã, embora não tivessem feito alarido suficiente para perturbar Mariana, que continuava deitada. À tarde, o cenário repetiu-se, por isso Gabriela e Daniel continuaram à coca na janela da sala de estar, a espiar por entre os cortinados os jornalistas que espreitavam para dentro da propriedade. Alguns chegavam mesmo a tocar no intercomunicador do portão, mas, não recebendo resposta, acabavam por desistir e ir embora. À exceção de Leonor Marques, a quem Mariana e Alexandre tinham prometido

que dariam a sua versão dos factos quando os ânimos acalmassem, tinham de se manter o mais longe possível de câmaras, tripés e microfones.

Com Daniel e Gabriela atentos aos jornalistas que surgiam em carne e osso, Mariana ocupou-se dos restantes. Sentada numa ponta do maior sofá da sala, de computador no colo e auriculares nos ouvidos, lia notícia após notícia em todos os sites a que conseguia aceder para verificar o que se dizia sobre Francisco. Alexandre espreitava-lhe para o ecrã de tempos a tempos e não sabia como é que ela não se fartava de ler sempre as mesmas informações, às vezes parágrafos inteiros repetidos à exaustão. Mas nem chegava a abrir a boca, porque há muito aprendera que o melhor era deixá-la sossegada quando estava ao computador.

Alexandre, por seu lado, tentou concentrar-se, pela primeira vez desde que chegara, em saber como estavam a correr as coisas no trabalho. Ainda era terça-feira e só tinham vindo para Santa Cruz na sexta de manhã, mas a verdade é que não podia ter-se afastado da agência em pior altura. Estavam numa fase de muito trabalho, com novos clientes a entrar e uma série de projetos em mãos. Quando ligou ao diretor, a meio da viagem para Santa Cruz, e lhe explicou que ia precisar de se ausentar por tempo indefinido, ele não ficou satisfeito, mas Alexandre era demasiado valioso para o poder despedir, por isso que remédio, teve de aceitar.

Agora que tinha finalmente algum tempo livre, sentou-se na outra ponta do sofá, também com o computador ao colo, e tentou compensar a sua equipa por abandonar o barco na pior altura. Respondeu a e-mails, inteirou-se das novidades de algumas reuniões internas e outras com clientes, e tranquilizou os colegas em como não demoraria a voltar ao trabalho, desejando realmente estar a dizer a verdade.

Tentou, a certa altura, falar com João Paulo ou Sandra, mas nenhum atendeu. Já tinha estranhado que não tivessem aparecido no dia anterior, e, à medida que a tarde avançava, foi-lhe crescendo um formigueiro sob a pele.

— Acham que a jornalista do *Público* se cansou de esperar e voltou a ir ao hotel falar com eles? — sugeriu Daniel.

— Não me parece. Teria de ser muito parva para o fazer e ainda

achar que depois disso íamos querer falar com ela — resmungou Alexandre.

— Podem estar no posto a falar com o César e os outros, e por isso é que não atendem — comentou Gabriela.

— E estão lá este tempo todo? A primeira vez que tentei ligar-lhes foi logo depois de o Vasques sair daqui.

— Sim, é demasiado tempo para estarem no posto. Mas continua a tentar. Vão ter de acabar por atender — disse Daniel.

Ainda não o tinham feito quando, hora e meia depois, já o crepúsculo começava a tingir o céu de vermelho, ouviram a campainha ecoar pela quinta. Daniel foi abrir e voltou com os inspetores atrás de si.

— Boas tardes a todos — cumprimentou César. — Esperamos não vir em má hora.

— Não, inspetor, têm sempre a porta desta casa aberta — resmungou Daniel.

— E, se precisarem, também há quartos livres — provocou Alexandre.

— Obrigado pela simpatia, mas não nos parece que vá ser preciso — sorriu César. — Já agora, aproveitamos para vos apresentar os nossos colegas, Fernanda Henrique e Marco Dantas, que vieram hoje juntar-se ao caso.

Fernanda dedicou-lhes um aceno amistoso, a contrariar a cara de poucos amigos de Marco. Baixo, entroncado e carrancudo, teria mais de 50 anos, perto dos 60. Os olhos, cabelo e barba escuros e densos davam-lhe um ar quase selvagem, atenuado pelo polo cinzento-claro, as calças caqui e os sapatos clássicos com que tentava passar uma imagem mais civilizada. Fernanda devia ser apenas uma década mais nova que ele, mas com o cabelo daquele tom de cenoura natural e o rosto arredondado, coberto de sardas e quase demasiado simpático para a função, ainda parecia uma miúda. Embora tentasse passar uma imagem tão séria como a dos colegas, era evidente que, nos bastidores, devia ser muito mais descontraída que eles. A sua simples presença ajudou a relaxar Mariana e Gabriela.

— Estejam à vontade. Querem beber ou comer alguma coisa? — ofereceu Daniel.

— Não, obrigado — respondeu Marco, sem sorrir.

— OK, então sentem-se onde quiserem e podemos começar.

— Obrigado, Daniel — agradeceu César, sentando-se enquanto tirava o gravador do bolso e o pousava sobre a mesa. — Viemos, acima de tudo, esclarecer alguns pormenores com a Mariana.

— Mas como demos hipótese ao Daniel e à Gabriela de escolherem falar connosco a sós ou com vocês a ouvir e eles preferiram a segunda, a bem da igualdade, fazemos-lhe a mesma pergunta a si, Mariana — esclareceu Rodrigo.

O estremecimento que sacudiu Mariana surpreendeu Alexandre. Não contava que ela se mostrasse tão nervosa, não quando era óbvio, àquela altura, que, mais cedo ou mais tarde, César e os outros também a quereriam interrogar. Tentou disfarçar a suspeita, para não lhe chamar a atenção, mas Mariana estava tão focada nos polícias que nem pareceu dar por ele, limitando-se a anuir com toda a seriedade.

— Posso falar à frente deles. Já chega de segredos entre nós.

— Muito bem, vamos então a isto — decretou César, ligando o gravador e dando a entrada do testemunho. — Antes de mais, queremos que saibam que já interrogámos o Rúben Santos acerca da queixa que a Mariana apresentou por perseguição. O Rúben confirmou que se cruzou consigo na estrada e que, a dada altura, ambos saíram das viaturas e falaram.

— Falar? Não chamaria àquilo falar — decretou Mariana.

— Pois, mas, na versão dele, ele cruzou-se simplesmente consigo na estrada e, movido pela curiosidade, por a conhecer dos tempos de escola, conseguiu chamar-lhe a atenção, conseguindo que a Mariana parasse o carro e saísse para falar com ele. Não houve, segundo ele, em momento algum, intenção de a assustar.

— Portanto, a queixa não vai dar em nada — concluiu Alexandre.

— Não é bem assim, mas não é para tratar desse assunto que aqui estamos hoje.. É porque, no âmbito da investigação ao homicídio do Francisco Andrade, interrogámos o Rúben Santos e vieram a lume várias informações que acreditamos que podem ajudar-nos a chegar à verdade. A Mariana e o Alexandre já nos tinham ontem posto ao corrente do vosso passado com o Rúben e outros colegas do Colégio D. João III, que o Rúben confirmou. No entanto, afirmou não estar à procura de vingança e que quer deixar o assunto no passado.

— Inspetor, desculpe, mas isso é a maior tanga desta vida —

protestou Daniel. — Se não quisesse vingar-se do que lhe fizemos, não tinha matado o Francisco nem tinha perseguido a Mariana e depois dito o que disse quando saíram do carro!

— O Rúben jura que não matou o Francisco. E, quando souberem aquilo que viemos contar-vos, talvez compreendam melhor o que nos leva a acreditar nele.

Alexandre recostou-se no sofá, deixando que Mariana lhe pegasse na mão e o ajudasse a recuperar a calma. Percebeu que os inspetores se preparavam para os pôr a par da relação entre Rúben e Norberto e esforçou-se por diluir a raiva que começava a sentir por Marco Dantas. O estupor ainda agora chegara e já estava a deixá-lo de nervos em franja.

César reproduziu o que Luís lhes contara ao fim da manhã e os quatro deram o melhor de si para parecerem genuinamente surpreendidos. Os inspetores acrescentaram que tinham ido à igreja falar com o padre Emanuel antes de irem ali. Diante da confissão de Rúben em como mantivera uma relação próxima com Norberto até à sua morte, Emanuel não teve alternativa senão confirmá-la e acrescentar que não tinha conhecimento de qualquer grau de parentesco entre eles.

— Ele acredita que o Norberto e o Rúben eram apenas, e passo a citar, «duas almas em sofrimento que encontraram consolo uma na outra».

— Que bonito. Graças a Deus — ciciou Alexandre.

— Ou seja, as vossas opções estão a começar a afunilar, certo? — comentou Gabriela. — Ou o Rúben matou o Francisco por vingança e pediu ajuda ao Norberto para esconder o corpo no cemitério, ou o Norberto matou o Francisco, para vingar o Rúben. Ou, e não comecem já a revirar os olhos porque não seria assim tão descabido, o padre Emanuel matou o Francisco, para ajudar o Norberto a vingar o Rúben, e ajudou-o a esconder o corpo num local onde o poderiam manter debaixo de olho.

— Fantástico, Gabriela. Há toda uma escritora de policiais desperdiçada em si, já viu? — riu-se Rodrigo.

— Preferem continuar a insistir que foi um de nós em vez de abrirem os olhos e verem que estas três pessoas tinham muito mais razões para quererem ver o Francisco morto que nós?

— Pois, Alexandre, realmente tanto o Norberto como o Rúben e o Emanuel teriam boas razões para se deixarem levar pela fúria num momento mais acalorado e terem feito justiça pelas próprias mãos em vez de esperarem que Deus a quisesse fazer — concordou César, mas o tom satírico não os apaziguou.

— Só que também cada um de vocês o podia ter feito, não é? — concordou Marco.

— Já chegámos todos à conclusão de que o Alexandre tinha ciúmes do Francisco por namorar com a Mariana, que a Gabriela morria de frustração por o Francisco não se decidir a revelar o caso que tinham tido à Mariana, e que o Daniel podia cegar com a raiva de descobrir que o amigo que admirava tanto tinha traído a namorada com a melhor amiga, duas pessoas de quem também gostava profundamente, e tê-lo matado.

— Então, sobre eu? Não tinha motivos para matar o Francisco? — incitou Mariana.

— Oh, não, de certeza que tinha — sorriu Rodrigo, inclinando-se para ela. — Só ainda não tínhamos conseguido deslindá-los. O engraçado é que, depois de ouvirmos o Rúben, conseguimos.

Capítulo 39

O sorriso de Rodrigo era indecente de tão satisfeito.

— O que é que o Rúben vos disse? — silvou Mariana, olhos fixos nos de Rodrigo.

— Não disse nada *diretamente*. Nós é que deduzimos da recordação que ele partilhou connosco — esclareceu César.

Fernanda tirou um pequeno bloco de notas do bolso das calças. Passou-o a César e ele abriu-o na última página. Tossiu para aclarar a voz e voltou a olhar para Mariana.

— Segundo o Rúben, só uma vez, nos três anos que duraram as vossas agressões, um de vocês tentou impedir o Francisco de continuar a bater-lhe. Aconteceu já quase no final do vosso décimo primeiro ano. Esperaram que ele saísse da escola, depois da última aula, foram atrás dele até uma rua transversal, sem grande movimento, e arrancaram-lhe a mochila. Passo a citar, do depoimento do Rúben: «O Daniel e o Francisco prenderam-me os braços atrás das costas e o Alexandre rebentou-me o fecho da mochila e despejou tudo o que estava lá dentro num daqueles caixotes do lixo muito fundos. E fazia isto a dizer que a seguir me ia mandar lá para dentro porque no dia a seguir eu ia ter de levar as coisas outra vez para as aulas, por isso tinha de as ir buscar. Pedi-lhes para pararem, porque achava mesmo que iam levar a ameaça em frente e me iam mandar pelo caixote

adentro. Já estava a chorar, estava quase a mijar-me pelas pernas abaixo, quando a Gabriela, que estava ao lado com a Mariana, a assistir, no passeio, deu um passo em frente e começou a implorar ao Francisco para pararem.» Gabriela, isto é verdade?

Gabriela anuiu, de olhos no chão. Mariana sabia que ela também estava perdida na memória daquela tarde e que lhe custava tanto respirar quanto a si. Todavia, e ainda que não quisesse chamar-lhe a atenção, conseguiu que ela a olhasse.

E o que lhe viu nos olhos confirmou-lhe que ela não a ajudaria a livrar-se da acusação que César se preparava para fazer.

— Continuando a leitura do depoimento de Rúben Santos: «Foi a primeira vez que vi a Gabriela naquele estado. Ela alinhava sempre nas merdas que os outros queriam fazer, por piores que fossem, mas, dessa vez, pediu ao Francisco para parar. E ele até podia ter-lhe dado ouvidos, se a Mariana não se tivesse posto à frente dela, a abaná-la pelos ombros e a dizer “não te metas, o Francisco sabe o que faz”. A Gabriela ainda tentou insistir, mas, do ângulo em que eu estava, conseguia ver a forma como a Mariana estava a olhar para ela. Por isso, a Gabriela meteu o rabo entre as pernas e calou-se. Só que, nesse momento, a Mariana virou-se para olhar para o Francisco e também vi medo nos olhos dela. Antes parecia só furiosa com a Gabriela, por ela ter tentado ir contra ele, mas quando se virou, vi que tinha tanto medo dele como eu.»

Mariana fechou os olhos. Sabia o que aí vinha. Era tão certo como se já tivesse acontecido, tão certo como a inutilidade de tentar negá-lo. Ainda que o fizesse, bastaria a César e aos outros olharem para Gabriela para perceberem que estava a mentir.

— Mariana, podemos concluir que o que a levou a impedir a Gabriela de travar o Francisco, o Alexandre e o Daniel não foi o facto de ter reconhecido que estavam a maltratar uma pessoa inocente, mas o medo de ir contra a vontade do seu namorado?

— Que merda vem a ser essa? *Medo*? Nenhum de nós tinha medo do Francisco!

— Daniel, é a Mariana quem está a ser interrogada — ralhou César. — Se não conseguirem manter-se em silêncio, vamos ter de vos pedir que saiam da sala.

— Não vai ser preciso — declarou Mariana, tornando a abrir os

olhos. — Eles podem ficar. Os segredos entre nós já duraram demasiado.

Reparou, pelo canto do olho, nas expressões aturdidadas de Daniel e Alexandre. Esforçou-se por não abandonar o olhar incisivo de César.

— Obrigado. Confirma, portanto, que fizemos uma análise correta deste excerto?

— Não, não fizeram. Eu não tinha medo do Francisco.

— Então, porque é que impediu a Gabriela de o chamar à razão?

— Porque, na altura, concordava com ele.

— É essa a sua resposta final? Vai declarar, oficialmente, que concordava com as agressões físicas que estavam a infligir ao Rúben Santos?

— Já vos dissemos que, na altura, não éramos capazes de ver que o que estávamos a fazer era errado. Por isso, sim. Foi por isso que impedi a Gabriela de continuar.

— Não há qualquer hipótese de que tenha sido por receio daquilo que o Francisco lhe diria ou faria quando estivessem a sós?

— Não.

— Ele nunca foi violento consigo?

— Oh, por amor de Deus! — vociferou Alexandre, erguendo os braços ao ar.

— Silêncio — admoestou César. — Mariana, vou repetir: o Francisco Andrade alguma vez foi violento consigo?

Não tinha como saber quanto eles teriam descoberto. Tinha os quatro pares de olhos fixos nos seus, a abrandar-lhe o sangue nas veias. Alexandre e Daniel, de um lado, a ferverem de revolta. Gabriela, do outro, num silêncio de morte. Não conseguia fazer mais do que torcer as mãos no colo enquanto tentava recordar-se se haveria algum registo, por mais ínfimo que fosse, a que a Polícia pudesse ter tido acesso e que se preparassem para revelar.

Porém, se não houvesse prova alguma e lhes desse a confissão de mão-beijada, destruí-los-ia a todos por simples medo.

E o pai sempre lhe dissera que o medo é inimigo da perfeição.

— Mariana, podemos pedir ao Alexandre, ao Daniel e à Gabriela que saiam da sala, se a deixar mais à vontade — disse Fernanda.

— Mas sair porquê? — protestou Alexandre. — Ela não tem nada a esconder! E se não estivessem a olhar para ela dessa forma, não

estaria tão aterrorizada e já vos teria dito que o Francisco nunca lhe fez nada!

— É esta a verdade, Mariana? — inquiriu César. — Percebemos mal aquilo que o Rúben tentou transmitir-nos?

— Sim... sim.

— Tem a certeza?

— Tenho.

— Muito bem. Preferíamos não ter de chegar a isto, mas não nos deixa alternativa. Como sabem, e como é comum neste tipo de situação, tivemos de vos investigar. De procurar pistas no vosso historial académico, laboral e médico, de que algum de vocês pudesse ter matado o Francisco Andrade...

Historial médico.

Foi com aquilo que lhe tiraram o tapete de debaixo dos pés.

Mariana não conseguiu impedir os olhos de se esbugalharem. César deitou uma olhadela ao bloco de notas antes de tornar a falar.

— E algo nos chamou a atenção no seu historial médico, pelo que fomos ao Hospital de Torres Vedras para nos esclarecerem sobre o que encontrámos lá...

— Não...

— E, por sorte, a enfermeira que a acolheu no dia 3 de junho de 2008 ainda lá está...

— Por favor, parem!

— E lembrou-se, ao ver o relatório que lhe mostrámos, do que lhe tinha acontecido.

— Não, não, não, *por favor*...

— Quer que o Alexandre, o Daniel e a Gabriela saiam da sala? — insistiu Fernanda, a testa a franzir-se de pena.

— Não vamos a lado nenhum! — revoltou-se Alexandre, virando-se para ela. — O que raio é que eles querem insinuar com isto, Mariana?

— Alexandre, se mantiver essa postura, quer a Mariana queira, quer não, terá de sair da sala — alertou Rodrigo.

— Só quero que ela me diga o que se passa! Nenhum de nós está a perceber onde raio vocês querem chegar com isto e...

— Querem chegar ao motivo para eu ter ido ao hospital com uma infeção e lacerações no canal vaginal e no colo do útero.

O caos desceu sobre eles, como previra.

Ao início, Alexandre e Daniel ficaram tão desorientados que não foram capazes de fazer mais do que olhá-la como se um extraterrestre lhe tivesse tomado de repente o lugar. Quando recuperaram, ainda ela própria não o conseguira fazer, lançaram-se num rol de acusações aos inspetores que se misturaram numa ladainha incompreensível. Mariana engoliu, a sentir a garganta transformada numa parede de lixa, e fixou o olhar no gravador.

Desculpa, pai. Lá se vai a merda da perfeição.

— No dia 3 de junho de 2008, fui ao Hospital de Torres Vedras pedir ajuda porque não estava a conseguir tratar a infeção e lacerações que tinha no canal vaginal. Tentei controlar a situação com medicação que a minha mãe tinha em casa, mas não surtiu efeito no meu caso.

— E foi atendida pela enfermeira Clotilde Mendes, que a encaminhou para a Dra. Filomena Alves.

— Sim. Elas tentaram perceber como é que eu tinha ficado naquele estado. Tentei dizer que tinha sido por mau uso do vibrador, mas não consegui convencê-las.

— A Mariana tinha 17 anos na altura, correto?

— Sim..

— Não consegui convencê-las de que tinha sido isso a causar as feridas?

— Não, estava a gaguejar tanto que acabei por entregar o jogo todo e elas obrigaram-me a dizer a verdade.

— E qual é a verdade?

Fechou os olhos. Não queria dar parte fraca, mas também não conseguia continuar a encarar todos aqueles pares de olhos brilhantes de curiosidade mórbida, sedentos de a despirem dos segredos a que se agarrara com tanto afincio.

Acreditara, durante os últimos nove anos, que aquele incidente não voltaria à luz do dia. Dera o seu melhor por o enterrar o mais fundo possível. Toda a dor e comichão e *humilhação*, o ardor insuportável, a confusão e o medo que vivera sozinha. As mil e uma estratégias que inventara para os pais, o irmão e os amigos não repararem na dificuldade tremenda que tinha em andar, com cada passo a lançar-lhe uma onda de dor pelas entranhas acima. Todas as

desculpas que invocara para ser dispensada das aulas de Educação Física e dos treinos da equipa de voleibol durante as três primeiras semanas. Agora seria tudo em vão. A obsessão de César e dos colegas em encontrar algo, por mais ridículo que fosse, que justificasse que ela tivesse assassinado Francisco deitaria por terra todo o esforço de lidar sozinha com aquele episódio, pô-lo para trás das costas e seguir em frente.

— Mariana, compreendemos que não lhe seja fácil falar sobre isto, tendo em conta o que aconteceu este fim de semana, mas...

Mariana abriu os olhos e fulminou-os com eles, mas era tarde de mais.

— O que é que aconteceu no fim de semana? — Alexandre fitou-a.

— Do que é que eles estão a falar? — juntou-se Daniel.

— Parem, por favor! Não a façam falar disso! — pediu Gabriela.

— *Tu* sabes de que é que eles estão a falar?

— Sei, e por isso é que têm de parar! Ela ainda não lhe contou!

A expressão desvairada de Alexandre trespassou Mariana, confirmando-lhe que Gabriela tinha razão desde o início.

Esconder-lhe aquilo fora um erro terrível.

— Não se preocupe, Mariana, não vamos falar sobre o incidente do fim de semana — tranquilizou-a César, numa compaixão tardia que lhe deu ainda mais vontade de lhe bater.

— E como raio é que vocês ficaram ao corrente dele, se é que posso saber? — rosnou Mariana.

— Há certas ocasiões em que o sigilo médico tem de ser quebrado, e uma dessas ocasiões é sob mandado policial — esclareceu César.

Mariana afundou-se no sofá. Devia ter previsto aquilo. Mais cedo ou mais tarde, aquelas cabecinhas brilhantes iam perguntar-se onde ela teria estado na manhã de sábado e iriam falar com as suas colegas e com o Vasco Rodrigues. E claro que, sob ameaça de obstrução a uma investigação policial, eles tinham de falar.

— Mas não nos parece que esse episódio tenha que ver com a investigação ao homicídio do Francisco — prosseguiu César, numa ingenuidade que provocou um acesso de náuseas a Mariana. — O que quisemos dizer foi que, por termos noção daquilo por que passou, percebemos que não seja fácil falar sobre a ocasião que a levou ao hospital em 2008. E lamentamos ter de insistir, mas essa, sim, parece-

nos estar diretamente relacionada com a morte do Francisco, por isso vamos precisar que nos esclareça o que se passou nesse dia.

— Sim, claro — aceitou, resignando-se. — A enfermeira Clotilde Mendes e a Dra. Filomena Antunes conseguiram que eu contasse a verdade sobre como tinha feito as feridas. E a verdade é que... foi o Francisco que as causou.

O som que escapou da garganta de Alexandre fê-la estremecer. Foi demasiado animalesco, demasiado pungente. Mariana quis mandar os polícias à merda, virar-se para ele e envolvê-lo nos braços, protegendo-o de ter de ouvir o resto, mas o olhar de César manteve-a presa ao lugar.

— De que forma é que o Francisco lhe causou essas feridas, Mariana?

— Foi durante... foi com... — fechou os olhos, inspirou fundo e continuou com eles fechados. — Preciso de começar do princípio, senão não vão perceber.

— Com certeza, comece por onde preferir.

— Aquilo que precisam de perceber é que eu e o Francisco começámos a namorar no décimo ano e que gostávamos *verdadeiramente* um do outro...

E aquela primeira memória invadiu-lhe o espírito. Ainda tão nítida, tudo tão real, que temeu ter sido transportada no tempo.

Tarde de 10 de novembro de 2007. Tinha participado, com a equipa de voleibol do colégio, num torneio com outras escolas de vários pontos do país. O torneio tinha acontecido numa escola em Maфра. Francisco, Alexandre, Daniel, Gabriela e até o seu irmão, André, tinham ido apoiá-la. No fim do seu último jogo, foi ao balneário trocar de roupa. Ao sair, deparou-se com Francisco no corredor, à sua espera. Ainda se ouvia a última partida do dia a decorrer em campo, para lá da parede que o dividia do corredor dos balneários. Ouvia as bancadas a aplaudir e a uivar de entusiasmo, mas o clamor pareceu reduzir-se a um leve ruído de fundo quando Francisco se aproximou. Perguntou-lhe pelos outros e ele disse que tinham ficado nas bancadas. Estavam lá mais alguns colegas do colégio e tinham ficado à conversa. Não percebeu, ao início, porque é que ele fora buscá-la sozinho. Só quando ele se aproximou, se inclinou para si e admitiu que não queria dizer o que tinha para lhe dizer em

frente aos outros, é que percebeu do que se tratava. E Francisco, de lábios já demasiado próximos dos seus, confessou que andava a engasgar-se com aquilo há muito tempo e já não conseguia aguentar mais. Pediu-a em namoro e ela não conseguiria encontrar em si uma única célula que não quisesse aceitar.

— Já gostava dele nessa altura? — perguntou César.

— Sim, gostava. Não me perguntem quando ou porque é que comecei a olhar para ele dessa forma. Não faço ideia. Aconteceu, simplesmente.

— Já tinha tido alguma relação amorosa antes dessa?

— Nada a sério. O Francisco foi o primeiro.

O primeiro em tanto. Em tantos aspetos, em tantos pormenores marcantes da sua vida. Em tanto que não cabia naquela conversa e a que a Polícia nunca daria valor.

— E namoraram até quase ao verão de 2009.

— Sim.

— Pode descrever-nos a vossa relação?

— Têm mesmo de fazer isto? — interveio Daniel. — Acham bem obrigá-la a lembrar-se disto tudo, ainda por cima com o Alexandre e a Gabriela aqui a ouvirem?

— Perguntámos, no início da conversa, se ela preferia falar a sós connosco...

— Têm razão, e eu é que escolhi não o fazer. Não te preocupes, Daniel. Já guardei isto tudo para mim demasiado tempo.

Daniel rendeu-se com um aceno e tornou a recostar-se no sofá. Mariana voltou a fechar os olhos.

— Sei que só querem saber da parte sexual, por isso vamos a ela. Não, o Francisco não foi sempre violento comigo. No início, era... bem, não é que eu tivesse termo de comparação, mas, agora que tenho, reconheço que tínhamos uma boa relação. Ele era meigo, preocupava-se se eu estava bem antes, durante e depois do sexo, e nunca me magoava.

— Mas, a partir de certa altura, começou a fazê-lo. Chegou a perceber o que motivou essa mudança nele? — indagou César.

— Não. Foi alguma coisa que aconteceu... Não consigo dizer ao certo quando, mas acho que foi algures a meio do décimo primeiro ano. Aconteceu-lhe qualquer coisa, mas nunca soube o quê. Não foi

óbvio, percebem? Não foi algo fácil de apontar como tendo espoletado tudo. Só que, de um dia para o outro, ele parecia...

— Daniel, pode ir buscar um copo de água para a Mariana, por favor? — pediu Fernanda, vendo-a incapaz de continuar.

Mariana aproveitou o intervalo entre a ida e vinda de Daniel para se acalmar. Não ousou abrir os olhos. Sabia que perderia as estribeiras se olhasse para Alexandre e percebesse a dor que estava a causar-lhe. Daniel deu-lhe o copo para a mão e ela murmurou um agradecimento. Levou-o à boca, bebendo vários goles para desembaraçar o nó da garganta.

— Nunca cheguei a perceber o que se passou com o Francisco, de repente, para não me querer tocar. Não nos chateámos, não aconteceu nada para o levar a deixar de querer estar comigo. Pelo menos, que eu soubesse. Mas, durante um tempo, ainda pensei que fosse culpa minha. Dei voltas e voltas à cabeça, tentei perceber de todas as formas que pude se tinha dito ou feito alguma coisa que o tivesse ofendido, algo para levar àquela mudança dele. Até que acabei por me convencer de que o mal não estava em mim. Que tinha sido algo externo a nós a dar cabo da relação. Acho que o momento, se tiver de apontar um, em que percebi que havia algo verdadeiramente errado, foi num dia em que lhe mandei várias mensagens a convidá-lo para ir comigo às compras. Tentei ligar, uma ou duas vezes, e ele também não atendeu. Só me ligou dois dias depois. Inventou uma série de desculpas esfarrapadas, que tinha perdido o carregador e o telemóvel tinha ficado sem bateria, que estava de castigo por os pais o terem apanhado a jogar ao computador às tantas da manhã, coisas desse género. Não acreditei. Acabámos por passar o resto dessa semana chateados e, quando finalmente fizemos as pazes foi... *estranho*. Tentei ser eu a... a iniciar o sexo... e ele não quis. Não me disse porquê. Deu outra desculpa qualquer, já nem me lembro. Só sei que demorámos imensos dias até voltarmos a ir para a cama... e não correu bem.

— Foi a primeira vez que ele foi violento consigo?

— Não lhe chamaria violento, mas... sim, foi a primeira vez que não correu bem. O Francisco estava, não sei, parecia furioso...

— Consigo?

— Na altura, achei que sim. Fez... com mais força do que era preciso, como se...

Como se quisesse rasgá-la. Se fechasse os olhos, ainda era capaz de o sentir. O corpo dele a agigantar-se sobre o seu. Os olhos animalescos, vítreos de cólera. As mãos a agarrarem-lhe o rabo e as coxas. As unhas ferradas na carne com força suficiente para a ferir. Os quadris a chocarem contra os dela. A fricção, o ardor, o sangue. O desespero dele em penetrá-la mais fundo, mais depressa, com mais força. Como uma broca a perfurar até ao centro da Terra, sem nunca lá chegar.

César e os outros conseguiram ler-lho no rosto e pouparam-na a ter de o admitir.

— Mariana, precisamos que nos diga se considera esse episódio uma violação.

— Não! Meu Deus, claro que não!

— Mas confirma que o Francisco a molestou? Deixou-a com marcas?

— Deixou, mas... Ouçam, fui para a cama com ele porque quis! Era o meu namorado, amava-o e... e não sei o que lhe passou pela cabeça, não sei porque é que estava tão nervoso e agressivo, mas não foi uma violação!

— E foi, nalguma outra vez?

— *Não!* Ele nunca me forçava a nada. De cada vez que nos envolvíamos, era sempre consensual. Só que depois dessa vez era sempre como se... como se eu não lhe conseguisse dar aquilo de que ele precisava.

A voz falhou-lhe. Aquela impotência nunca a abandonara. Até agora. Até saber que, mais do que a sua incompetência, fora o desejo por Gabriela a afastá-lo de si.

Mas aquele era outro detalhe que não precisava de ser referido em voz alta para ser claro como água para todos.

— E foi assim até ao fim? Se estamos a acompanhar-lhe o raciocínio, isto aconteceu alguns meses antes de terminarem, certo? — questionou Marco.

— Sim, mas não foi sempre tão mau como dessa primeira vez. Até houve alturas em que voltou a ser bom para ambos. Em que achei que... que o que quer que se passasse com ele estava a passar. Que ele estava melhor.

— Mas não duravam muito tempo, esses *intervalos* na violência

dele, pois não?

— Não. E percebo que não consigam entender como é que continuámos juntos. Também parei muitas vezes para pensar no que estava a fazer, no futuro que poderia ter ao lado dele se continuássemos assim, com ele tão revoltado com algo que nunca me revelou, a descarregar... a descarregar em mim toda a raiva e frustração que tinha dentro dele e eu... eu... Ouçam, eu amava-o! Não queria desistir dele e deixá-lo lidar sozinho com o que quer que se passasse!

— Mas acabou por o fazer. Porque foi a Mariana a acabar a relação, não foi?

— Não, foi o Francisco. Tivemos uma longa conversa, ele pediu-me desculpa por ter mudado, por me ter vindo a magoar e por ter deixado de conseguir tratar-me como no princípio. Continuou a não me contar o que tinha motivado tudo aquilo, mas perdoei-o. Claro que o perdoei. Continuava a amá-lo... Continuei a amá-lo até ao dia em que ele desapareceu. Talvez... talvez mesmo depois disso.

— Só decidiram continuar amigos, portanto?

— Sim. Concluímos que era o melhor a fazer. Que já que tínhamos deixado de ser *compatíveis* ou o que preferiam chamar-lhe, mas continuávamos a gostar genuinamente um do outro. O melhor que tínhamos a fazer era voltar a ser apenas amigos.

— A Mariana aceitou bem o término?

— Sim. Não foi nenhum mar de rosas, mas, antes que se atrevam a insinuá-lo, não, ele não me magoou a ponto de me fazer perder a cabeça e esperar meses para o matar.

— Também não nos parece do seu género esperar tanto tempo para se vingar, se tivesse intenção de o fazer — provocou Marco.

— No entanto, se tivesse descoberto que o Francisco a tinha traído com a Gabriela ao ouvi-los discutir na noite da vossa reunião... — sugeriu Rodrigo.

— Não! Só descobri ontem, quando vocês obrigaram a Gabriela a admiti-lo.

— Antes disso, nunca tinha desconfiado que...

— Ela não sabia de nada! — clamou Gabriela. — Por amor de Deus, teria de ser a melhor atriz de Hollywood para fingir aquela reação, se já soubesse!

— Não, na verdade não precisaria de estar ao nível de Hollywood, Gabriela. Precisaria apenas de ter um bom instinto de sobrevivência e ter sabido tirar as suspeitas de cima de si — acusou César.

— Não fazia ideia da traição e não matei o Francisco por ciúmes, por revolta ou por outra razão qualquer — decretou Mariana.

César e Fernando trocaram um olhar que lhe provocou náuseas, antes de o voltarem para Alexandre. Mariana adivinhou a ideia que se preparavam para apresentar e quase saltou para a frente deles, mas não teve tempo.

— Adição do testemunho de Alexandre Monteiro ao de Mariana Monteiro. Alexandre, já alguma parte disto que a Mariana acaba de nos contar era do seu conhecimento?

O olhar dele era resposta mais que suficiente. César e os outros continuavam, ainda assim, à espera de lhe ouvir a voz carregada de desilusão. Mariana sentia uma fúria cada vez mais irracional fervilhar sob a pele. Só se manteve calada perante a certeza de que pioraria ainda mais a situação se se atrevesse a falar.

— Não — murmurou Alexandre.

— Tendo em conta que já estabelecemos que começou a sentir-se atraído pela Mariana quando estavam no décimo primeiro ano, ou seja, durante o namoro dela e do Francisco, queremos acreditar que prestava atenção a tudo o que lhes dissesse respeito, certo?

— Sim, mas não sabia que o Francisco lhe fazia aquilo.

— Não notou nenhuma mudança na dinâmica deles, nenhuma boca lançada ao ar nem nenhum olhar trocado entre os dois que o tivesse levado a pensar que a Mariana podia já não se sentir feliz na relação?

— Não. Para mim eram os dois perfeitamente felizes.

— Sabem que mais? Isto cheira a esturro — comentou Rodrigo, com um esgar cínico. — Vejamos: ou a Mariana tem mesmo o dom da representação e conseguiu convencer-vos de que era a miúda mais feliz do mundo ao lado do Francisco...

— O que significa que mente muito melhor do que quer dar a entender, ou, então, que vocês são todos cegos e parvos — concluiu Marco.

— Ou, a concordar com a Gabriela quanto à inocência da Mariana, o Alexandre, que não devia ter olhos para mais nada nem

ninguém senão para a sua amada, percebeu que algo terrível andava a passar-se entre ela e o Francisco, obrigou-a a revelar-lhe a verdade durante a reunião na véspera do homicídio do Francisco e foi ele quem o cometeu, como vingança pelo que ele fez a Mariana passar.

— O que é que está a querer insinuar? — Daniel levantou-se.

— Que tanto a Mariana como o Alexandre tinham motivos mais que suficientes para matar o Francisco.

— Isso é o que vos caberá provar, se quiserem levar a ideia em frente — disse Mariana, levantando-se também. — Eu e o Alexandre não temos mais nada a declarar. Já jurámos que não temos rigorosamente nada que ver com o homicídio do Francisco e não vamos passar a dizer outra coisa, por mais que insistam.

César aquiesceu, lutando para dominar um sorriso que Mariana não soube distinguir entre divertimento ou admiração por ver que ela não se vergava à pressão.

— Muito bem, ficamos por aqui — decidiu, estendendo a mão para o gravador.

Daniel acompanhou-os à saída. Assim que deixaram a sala, Mariana começou a avançar para Alexandre. Ele levantou-se num ápice e virou-lhe costas.

— Alex, por favor...

— Não.

Mariana estacou. Ficou a vê-lo passar da porta e a ouvi-lo sair pelas traseiras. A cada passo que dava para mais longe de si, ela sentia o coração definhar um pouco mais.

Deixou de o sentir bater quando deixou de ouvir os passos de Alexandre. A última pessoa que julgara que lhe viraria costas e a que agora mais razão tinha para o fazer.

Capítulo 40

Separavam-nas uns meros centímetros, mas sentia-a a anos luz de si.

— Mariana... Por favor, deixa-me...

— Não. Não te atrevas a abrir a boca.

Gabriela mordeu o lábio e baixou os olhos para o chão. Quis alcançar-lhe o braço e a mão, entrelaçar os dedos nos dela e deixá-la entender a dor que partilhavam, mas conteve-se. Tinha de lhe conceder um momento para se recompor, assim como tinha de respeitar o seu direito a odiá-la e a explodir consigo a seguir, se precisasse.

No entanto, quando ao primeiro minuto se seguiu outro maior e Mariana permaneceu em silêncio, de olhos perdidos para lá da porta e punhos cerrados ao lado do corpo, o peito a oscilar com a respiração presa pelas lágrimas, a ânsia de a ajudar falou mais alto que o bom senso.

— Tens de ir atrás dele — ordenou, avançando para lhe envolver o rosto nas mãos. — Vai atrás dele. Agora.

— Ele odeia-me, Gabriela.

— Ele está em choque. De que é que estavas à espera? Qualquer um ficaria transtornado ao ouvir aquilo que ele ouviu. Mas não o podes deixar passar por isso sozinho.

— Ele foi-se embora. Quis ficar sozinho e...

— E desde quando é que o Alex fica bem sozinho? Ele precisa de ti, mesmo que diga que não, por isso, deixa-te de desculpas e vai atrás dele!

As palavras esbofetearam-na e Mariana pestanejou, de volta à realidade. Gabriela desceu-lhe as mãos do rosto enquanto assistia ao regresso do seu lendário sangue-frio. Mariana aquiesceu e lançou-se porta fora.

A sentir que os ombros se libertavam da carga de chumbo que carregavam desde que a encontrara na casa de banho, Gabriela permitiu-se fechar os olhos e soltar um longo suspiro.

— Onde é que eles estão? — perguntou Daniel, entrando a correr na sala.

— Acho que foram para o jardim... Espera, Daniel!

Ele já dera meia-volta e Gabriela teve de correr para o alcançar, já à porta das traseiras.

— Para! Eles têm de resolver isto sozinhos!

— Estás maluca? O Alexandre está passado da cabeça!

— Pois está, e vai ficar ainda pior se nos formos meter no meio!

Daniel desistiu de tentar soltar o braço das mãos de Gabriela, feitas tenazes em redor dele. Percebendo que conseguira acalmá-lo, soltou-o e limitou-se a acompanhá-lo até à janela da cozinha.

Lá fora, Alexandre e Mariana berravam aos sete ventos.

— Não podias ter escondido aquilo de mim!

— Eu sei, mas não te consegui contar!

— NÃO ME CONSEGUISTE CONTAR? NÃO CONSEGUISTE?! ÉS MINHA MULHER, MARIANA! É SUPOSTO PARTILHARES TUDO COMIGO!

— AI É? COMO TU PARTILHASTE QUE JÁ GOSTAVAS DE MIM QUANDO EU NAMORAVA COM O FRANCISCO?

— NÃO É A MESMA COISA!

— Eles vão arrancar a cabeça um ao outro — avisou Daniel, a roer as unhas.

Gabriela teve de fincar as suas nas palmas das mãos para não o imitar. Levava demasiado a vencer aquele vício para agora voltar a ceder-lhe.

— Alguma vez desconfiaste que o Francisco a magoava? —

perguntou Daniel.

— Não. Ela nunca deu nas vistas. Fez tudo para o proteger.

— E tu fizeste o mesmo!

— Não! Eu não sabia!

— Estou a falar de a teres protegido quanto ao que se passou no fim de semana! Tentaste que o César não tocasse no assunto, por isso sabes o que é que se passou!

— Pois sei, mas não podia contar-te, nem ao Alex.

— Há vezes em que temos de dar mais ouvidos à razão do que ao coração, Gabriela.

Engoliu em seco, aturdida pelas palavras dele, e seguiu-lhe o olhar para lá da janela, para o combate de gladiadores que continuava a travar-se no jardim.

— Se me tivesses contado que gostavas de mim, tinha sido tudo diferente! — acusou Mariana, de dedo espetado no peito de Alexandre.

— Estás a gozar com a minha cara? É que só podes estar a gozar, Mariana!

— Não, não estou!

— Agora, vais dizer que a culpa é minha?

— Não é toda, mas, em parte, podes crer que é! Teria acabado com o Francisco e ficado contigo muito mais cedo e nunca teria passado pelo que passei com ele...

— Oh, espera, só falta dizeres que também não tinhas passado pelo que raio aconteceu no fim de semana!

Mariana recuou um passo. Mesmo à distância, Gabriela viu-lhe os olhos encherem-se de lágrimas e deu pelos seus a espelhá-los.

Cá vamos nós.

— O que é que aconteceu, afinal? — ofegou Alexandre, a voz já a esvair-se do cansaço. — O que é que é assim tão grave que não me pudeste contar e contaste à Gabriela?

— Não quis contar-lhe. Ela apanhou-me e... e não consegui esconder...

— Esconder o quê? O QUE É QUE ACONTECEU?

Gabriela não ouviu o que Mariana disse, de cabeça baixa e olhos fechados, mas um arrepio de gelo desceu-lhe pela coluna quando Alexandre virou os olhos incandescentes para a janela da cozinha e a

adivinhou do outro lado.

Em menos de um segundo, correu para a porta das traseiras e avançou cozinha dentro. Daniel só teve tempo de se colocar à frente de Gabriela e levantar os braços.

— Para, Alex! Para, não faças isso!

— DEIXA-ME FALAR COM A GABRIELA!

— Podes falar, mas aí onde estás!

— Para, Alex! — gemeu Mariana, surgindo na soleira da porta.

— Parar? PARAR? Achas que tens direito de me pedir isso?

— É melhor que te acalmes, senão há mesmo merda entre nós todos! — berrou Daniel.

As lágrimas irromperam dos olhos de Alexandre e Gabriela sentiu o coração parar.

— Como é que pudeste esconder isto de mim, Gabriela? *Como?*

— Desculpa... desculpa, por favor...

— Depois de tudo o que passámos...

— Eu sei! Sei que devia ter-te contado, mas não podia! Por favor, Alex, desculpa...

— O segredo era meu, Alex! Fui eu que lhe pedi que não contasse!

Alexandre virou-se para Mariana e ela enfrentou-o olhos nos olhos.

— Isto não era coisa que pudesses esconder de mim! Não tinhas esse direito!

— Desculpa... Não queria que sofresses ainda mais...

— Oh, que maravilha, obrigado! Sem dúvida que me fez muito bem ficar na ignorância!

Mariana baixou o olhar e Alexandre pôde voltar a virar-se para Gabriela.

— Achava que éramos amigos.

— E somos!

— ISTO NÃO É AMIZADE EM LADO NENHUM! A minha mulher, a pessoa que amo e com quem partilho a vida, perdeu o nosso bebé e tu escondeste-o de mim!

Daniel virou os olhos esbugalhados para Gabriela, mas, por mais que ela quisesse tranquilizá-lo, não podia.

A verdade é que sabia que aquele momento custaria a todos e nada fizera para impedir que lá chegassem.

— Estavas grávida? — gemeu Daniel, olhando de Mariana para Gabriela, numa tentativa vã de dar sentido a tudo aquilo.

— Estava.

— Porque é que não me contaste? — bradou Alexandre. — *Porquê*, Mariana?

— Porque tinha medo de perder o bebé!

— Acabaste por o perder na mesma, por isso mais valia teres-me contado!

— O que diabos se passa aqui?

Os quatro voltaram-se em uníssono para a porta da cozinha e viram Sandra e João Paulo chegar a correr.

— O que vem a ser isto? — ralhou João Paulo.

— Nada, estávamos só...

— A berrar uns com os outros? Sim, ouvia-se bem lá fora — disse Sandra.

Parou ao lado de Mariana e pousou-lhe uma mão no ombro. O olhar que trocaram foi a gota de água para Alexandre.

— **TAMBÉM SABIA?**

Gabriela não precisou de tocar em Sandra para sentir o arrepio que a fulminou. Alexandre nunca lhe falara naquele tom e foi evidente para todos o esforço a que teve de recorrer para não deixar a indignação levar a melhor sobre si.

— Alexandre, não tornas a falar com a Sandra nesse tom, estamos entendidos? — sibilou João Paulo, cerrando as mãos em punhos ao dar um passo em frente.

— S-sim... Desculpe...

— Não é a mim que deves um pedido de desculpas — acusou Sandra, os olhos transformados em lâminas. — É à tua mulher. Eu passo bem por cima da tua estupidez, mas ela não devia ter de o fazer.

Alexandre limpou as lágrimas, mas não conseguiu erguer o olhar do chão. Gabriela sabia que já se acalmara o suficiente para reconhecer que passara das marcas, mas Sandra não o viu com tanta clareza.

— Não sei há quanto tempo estavam neste disparate, mas mesmo que tenham começado agora, aquilo que ouvi foi mais que suficiente para me fazer dar graças por a tua mãe não estar aqui e não ter ouvido isto, Alexandre. Tens noção do quão desiludida ela teria ficado

ao ver que és capaz de tratar a Mariana desta forma?

— Tenho...

— E mesmo assim foste capaz de o fazer?

— Ela mentiu-me! Disse-me que estava tudo bem, mesmo quando já tinha perdido o nosso filho!

— Mas qual filho? Que história vem a ser esta, Sandra? — perguntou João Paulo.

Sandra ainda abriu a boca, mas Mariana apertou-lhe a mão e calou-a.

— Eu estava grávida quando o Daniel nos pediu para voltar. Ainda não tinha contado ao Alex, por isso ele não tinha como adivinhar o mal que me faria chegar aqui e descobrir o que descobrimos sobre o Francisco.

Todos viram, todos compreenderam demasiado bem, o quanto o mundo de João Paulo tremeu com aquela notícia. Alexandre começou a chorar, incapaz de parar de abanar a cabeça, como se assim conseguisse que tudo aquilo fosse apenas mais uma parte do pesadelo em que estavam envolvidos.

— S-sofreste um...

— Sim, um aborto — completou Mariana, quando a voz falhou a João Paulo. — Percebi o que estava a acontecer logo no momento, quando estávamos com o Daniel no Farol.

— Podias ter-nos dito! Podias ter avisado e tínhamos ido contigo ao hospital! — balbuciou Daniel.

— Podia, sim, mas não teria servido de nada. Era tarde de mais.

— Não devíamos ter vindo... Nunca devíamos ter voltado a pôr os pés nesta maldita terra... — soluçou Alexandre.

— Pois não, mas não tínhamos como adivinhar aquilo que o Daniel nos ia contar.

Alexandre fechou os olhos. As lágrimas continuaram a descer-lhe pela cara enquanto o corpo era chocalhado pelos soluços. Nunca na vida parecera tanto um cão ferido, exausto, à beira do limite.

Mariana surpreendeu todos ao esquivar-se à muralha que Sandra e Gabriela tinham criado entre si e Alexandre e avançar ao encontro dele. Envolveu-lhe o rosto nas mãos e puxou-o para o seu, beijando-o com uma ternura que o fez estremecer ainda com mais violência e que apertou o nó na garganta de Gabriela muito para lá do que ela julgara

possível.

Quando Alexandre abriu os olhos, Mariana sorriu por entre as lágrimas e perdoou-o.

— Desculpa não te ter contado a verdade. A Gabriela tentou mostrar-me como era má ideia mentir-te, mas não lhe dei ouvidos.

— Não. Quem tem de pedir desculpa sou eu. Fui um anormal de merda há bocado.

— Se calhar também teria sido, se estivesse no teu lugar.

— Não, não terias. Não serias capaz de descer tão baixo.

— Ainda bem que percebes que erraste. É o primeiro passo e ainda bem que já o deste — concluiu João Paulo. — E quanto ao resto de nós, Mariana, sabes que estamos aqui para o que for preciso.

— Eu sei. Obrigada.

— Chegaste a ir ao médico?

— Sim, fui no dia seguinte, quando fomos a Lisboa. E está tudo... *bem*, dentro do que seria de esperar. Não têm de se preocupar, nem quero falar mais neste assunto, por favor. O nosso foco tem de ser descobrir o que aconteceu ao Francisco, para depois podermos seguir todos com as nossas vidas.

Gabriela viu que João Paulo e Daniel hesitavam, mas o olhar de Sandra deitou-lhes a indecisão por terra, e ambos acabaram por assentir e conformar-se.

— A Mariana tem razão. O que ela e o Alexandre tiverem a falar e a resolver, quanto ao aborto e a tudo o resto, já só a eles diz respeito.

— Obrigada.

— E agora, espero que possamos passar ao que nos trouxe cá. Podem vir à entrada dar-nos uma ajuda com o que trouxemos connosco? É demasiado pesado para o trazermos sozinhos.

Alexandre e Mariana apressaram-se a segui-la e a João Paulo para a entrada. Daniel, contudo, esperou que Gabriela enxugasse as últimas lágrimas, respirasse fundo e lhe desse a mão, deixando-o puxá-la ao encontro dos outros.

Perceberam que João Paulo e Sandra tinham ido a Lisboa ao reconhecerem o *Citröen* de Sandra estacionado ao lado do *BMW* de João Paulo. Os dois abriram as portas dos bancos de trás e dos porta-bagagens dos automóveis e afastaram-se a seguir, dando aos quatro espaço para verem os caixotes de cartão que enchiam as duas viaturas.

— O que é isto? — perguntou Gabriela.

— São as coisas do Francisco — disse João Paulo.

— Uma parte estava em minha casa e a outra na do João Paulo.

Ontem estávamos a conversar e lembrámo-nos de que se calhar é boa ideia dar-lhes uma vista de olhos, todos juntos, e ver se encontramos alguma pista — concluiu Sandra, pegando no primeiro caixote. — O que me dizem? Dão-nos uma mãozinha a levar isto para dentro?

Capítulo 41

Ao todo, eram dez caixotes. Depois de os pousarem em cima e à volta da mesa de café da sala de estar, o fantasma de Francisco encheu a divisão. Pela primeira vez, Daniel sentiu-se claustrofóbico na sua própria casa.

— Nunca chegámos a desempacotar os caixotes depois de os levarmos para Lisboa — contou João Paulo, passando a mão sobre a grossa tira de fita-cola castanha que selava o topo de um deles. — Nem sequer discutimos quais é que ficavam em minha casa e quais é que iam para a da Sandra. Limitámo-nos a levá-los para onde tivéssemos um canto onde os guardar e nunca mais olhámos para eles.

— E está aqui tudo o que estava no quarto do Francisco? — perguntou Daniel.

— Sim.

Gabriela adiantou-se e ajoelhou-se junto a um dos caixotes, mas hesitou em tocar-lhe, como se tivesse medo de que saltasse alguma coisa lá de dentro de repente.

— Têm a certeza de que querem fazer isto? — sussurrou, erguendo os olhos brilhantes de nervosismo para os de Sandra.

— Sim, temos. Não nos valem de nada fechados, mas pode ser que abertos nos deem algumas respostas.

No interior do primeiro, esperava-os uma confusão de fios, uma

extensão branca com seis entradas, várias partes de um computador e a velha e amada consola com que Daniel, Francisco e Alexandre tinham passado tardes a fio entretidos.

— Acho que este caixote só tem roupa — avisou Mariana, a remexer no meio de várias camisolas e *T-shirts*.

— Não tem nada por baixo? — perguntou João Paulo.

— Não, é só mesmo roupa. Passem-nos esse aí para vermos o que tem lá dentro.

— Gabriela, só tu sabes do que é que estamos à procura. Onde é que vocês costumavam escrever? Nos cadernos da escola, noutros... — perguntou Sandra.

— Eu escrevia em folhas pautadas, que tirava do dossiê da escola, e depois guardava-as numa pasta de plástico cor-de-rosa. Mas o Francisco escrevia onde calhava. Em folhas soltas, em páginas dos cadernos das várias disciplinas, naquelas sebatas pretas simples... não vai ser fácil encontrar tudo.

O silêncio instalou-se enquanto os seis uniam esforços na demanda de separar os cadernos, maços de folhas e blocos de notas onde Francisco podia ter escrito qualquer coisa dos livros e manuais de atividades das várias disciplinas, onde era menos provável que encontrassem alguma coisa.

Daniel reparou que Alexandre e Mariana mal se olhavam. João Paulo e Sandra, pelo contrário, pareciam aproximar-se mais a cada objeto de Francisco que traziam à luz do dia. Pegavam-lhe às vezes a meias, partilhando olhares carregados de saudades, antes de o pousarem numa das pilhas e colunas que começavam a crescer à sua volta.

Daniel estava tão distraído com eles que só percebeu que Gabriela tinha descoberto algo importante quando a ouviu suspirar, atraindo as atenções de todos.

— O que foi? O que é que encontraste? — perguntou Mariana, começando a levantar-se para espreitar.

— É... é uma caixa cheia de presentes nossos.

Gabriela tinha-a visto debaixo dos dois primeiros volumes, muito usados, da série *Harry Potter*. Daniel deu por si a sorrir enquanto lhes pegava. Os cinco adoravam os livros de J. K. Rowling. Tinham crescido com eles, a lê-los juntos, a representar os papéis das várias

personagens nas brincadeiras em que conseguiam incluí-los e a passar dias inteiros a comentar todos os pormenores, dos mais importantes àqueles que só a atenção microscópica de Gabriela conseguia apanhar.

Abriu *A Pedra Filosofal* com a mesma reverência com que o padre Emanuel abria a Bíblia e aproximou-a do nariz para inspirar o cheiro que emanava das páginas. Passou-as com cuidado, enquanto se dava conta de que tinha aberto o livro na passagem em que Harry, Hermione, Draco Malfoy e Hagrid vão à Floresta Negra e lembrando-se da estranha compaixão que Francisco sentia por Draco e, para cúmulo, até de Voldemort.

Na verdade, não era raro Francisco defender os vilões das histórias — ou, como preferia dizer, os «anti-heróis», que, a seu ver, eram apenas «personagens mal compreendidas». Gabriela e Mariana arrelivavam-se com a pena que ele conseguia mostrar por personagens que faziam as piores coisas, mas ele arranjava sempre forma de lhes mostrar que nem tudo era tão preto no branco como elas gostavam que fosse.

E aos poucos, à medida que Daniel percebia que Francisco também era muito mais complicado do que eles pensavam, começava a perceber a sua ligação aos anti-heróis.

Pousou *A Pedra Filosofal* em cima d'*A Câmara dos Segredos*, ao seu lado no chão, e voltou a olhar para Gabriela. Ela tinha a caixa de madeira aberta no colo e tirava os objetos com todo o cuidado. Daniel lembrou-se de repente de que Mariana tinha oferecido aquela caixa a Sandra como presente de Natal. Enquanto ela e Alexandre se aproximavam para verem o que Francisco tinha guardado no interior, um sorriso nostálgico passou-lhe pelo olhar, que virou para o de Sandra.

— Não sabia que o Francisco tinha ficado com a caixa.

— Nem eu! Achei que a tinha perdido, mas afinal ele roubou-a!

Era uma caixa retangular, de madeira branca, com pequenas flores amarelas e azuis, a imitarem margaridas, desenhadas ao longo do rebordo e da tampa. Mariana devia tê-la dado a Sandra para guardar saquetas de chá, mas agora que a viam atafalhada com as coisas de Francisco, não conseguiam imaginá-la a servir outro fim.

Estavam ali dezenas de presentes e lembranças que os quatro lhe tinham oferecido ao longo da vida. Dezenas de folhas de papel

dobradas, nas quais tinham escrito desabafos absurdamente íntimos e declarações de amizade eterna, *post-its*, postais de aniversário e de Natal, pequenos bilhetes que tinham trocado com ele e, acima de tudo, fotografias.

Perderam a noção do tempo enquanto as admiravam. João Paulo, o fotógrafo oficial de todos os eventos das famílias do grupo, tinha uma máquina profissional, uma *Leica*, que Francisco às vezes surripiava para os passeios com os amigos. Os encontros terminavam sempre em sessões fotográficas mais ou menos ridículas, mas em que todos se divertiam a valer. João Paulo e Sandra nunca tinham chegado a ver aquelas fotografias, porque Francisco ia revelar o rolo o mais cedo possível e devolvia a máquina à mala onde o pai a guardava sem que ele chegasse a dar pela falta dela. Agora, ele e a Sandra também se inclinavam sobre os ombros de Gabriela para as verem.

Algumas fotografias, mais ou menos focadas, mostravam-nos em poses cômicas, a meio de brincadeiras ou de grandes bebedeiras, nas situações mais estranhas e mais engraçadas. Mas em vez de lhes ralharem, Sandra e João também se deixaram afundar na nostalgia e nem reclamaram das últimas duas que Gabriela tirou da caixa.

— Oh, lembro-me bem dessas! — comentou Alexandre, abafando o riso.

Daniel também não conseguiu conter o seu. Tinha tirado as fotografias ao fim de uma tarde do verão de 2008, quando estavam os cinco sozinhos no extremo da Praia do Navio. A *Superstar* de Lupe Fiasco começou a tocar no rádio portátil de Alexandre e ele olhou para Mariana e Gabriela e disse que, se havia superestrelas no mundo, eram elas. Tinham-se todos rido daquilo, mas Francisco insistiu em registar o momento em fotografia. Mariana e Gabriela correram para a frente deles, com o mar revolto e o pôr do sol em pano de fundo, e tiraram as partes de cima dos biquínis. Daniel lembrava-se de se terem desatado a rir enquanto cobriam o peito com os braços. Francisco conseguiu apanhar o instante exato em que Mariana piscava o olho à lente e Gabriela mordida o lábio de modo sedutor, enquadradas num halo de luz que lhes iluminava a pele molhada e as fazia brilhar como sereias.

A fotografia seguinte mostrava os cinco juntos. Mariana e Gabriela voltaram aos sorrisos sedutores, Daniel, no extremo esquerdo, fletia os

músculos dos braços, Alexandre, à direita do grupo, surgia de perfil, com as mãos na cintura e o peito enfunado como um pavão, e Francisco, ao centro, com os braços em redor dos ombros de Mariana e Gabriela, inclinava a cabeça para trás e ria à gargalhada, de olhos fechados, no auge da alegria.

Ver como tinham sido todos tão novos, inocentes e estupidamente felizes, verdadeiras superestrelas no seu pequeno universo, deu a Daniel um aperto no coração que lhe voltou a encher os olhos de lágrimas.

— Quem me dera que pudéssemos voltar aqui... — murmurou Mariana.

— A mim também. Mas não nos vale de nada perder tempo no passado. É com o que ainda temos pela frente que temos de nos preocupar — disse Gabriela, antes de recomeçar a enterrar as memórias no fundo da caixa.

Capítulo 42

Perderam a noção do tempo enquanto vasculhavam as caixas, até Sandra quebrar o feitiço e propor que fossem preparar algo para comer. Os restantes acenaram em concordância e seguiram-na para a cozinha. Alexandre contava que Mariana quisesse ir com eles, mas ela surpreendeu-o ao erguer o olhar para o seu.

— Podemos falar lá fora?

Alexandre anuiu. Seguiu-a até ao alpendre na entrada da casa e deixou-a deambular à sua frente alguns minutos, enquanto reunia coragem para começar. Certificou-se de que a porta ficava encostada, para Daniel e os outros não ouvirem, e esperou que Mariana se voltasse para si.

— Sei que continuas magoado, e tens todo o direito a continuar...

— Pois tenho. Esperavas que não continuasse?

— Não. Se estivesse no teu lugar, teria ficado tão ou mais zangada que tu. Mas preciso que acredites em mim quando digo que não queria, de todo mesmo, que tivesses sabido do aborto daquela forma...

— O problema é que não foi só o aborto, Mariana! Claro que essa parte é grave, *muito* grave, e devias ter-me contado antes, mas...

— Mas e quando é que o devia ter feito? No Farol, quando senti que estava a abortar? Com a Gabriela e o Daniel à nossa frente?

— Isso é a desculpa mais parva do mundo! Podias ter-me chamado

à parte e ter-me pedido para ir contigo ao hospital e talvez...

— Talvez o bebé tivesse sobrevivido? — Mariana abanou a cabeça.

Alexandre não respondeu. Não se avistava a lua e as poucas estrelas que conseguia discernir mal chegavam para furar a escuridão. Todavia, sabia que, ao longe, na direção para onde olhava, ficava o cemitério e a campa para onde tinham lançado Francisco, que um dia vira como o seu melhor amigo, alguém a admirar e a defender com unhas e dentes, e que se revelara a maior desilusão da sua vida.

— O problema, Mariana, é que o César e os outros não souberam antes de mim só do aborto. Souberam de tudo o que o Francisco te fez e que nunca me contaste.

— Eu não podia... não *conseguia* contar, Alex!

— Porque não? Tens noção de que o que ele te fazia cai na categoria de violência no namoro, não tens?

— Não, não tenho! Não digas isso!

— Sei que custa ouvir, mas...

— Na altura, nem me passava pela cabeça ver a situação dessa forma — insistiu Mariana, levantando as palmas das mãos abertas para si, como se implorasse que a deixasse terminar. — E, se queres mesmo que seja sincera, nem agora acho que fosse...

— Estás a falar a sério? Como é que és capaz de o defender?

— Não estou a defendê-lo! Sim, aquilo que ele me fez não foi correto, e sim, magoou-me e deixou-me marcas, mas ele não fazia por mal!

— Não podes estar a falar a sério!

— Mas estou. O Francisco podia ter os seus demónios, podia deixar-se levar pela raiva que tinha a qualquer coisa que nunca cheguei a descobrir, e podia ser isso que o fazia descarregar tudo em cima de mim quando íamos para a cama. Mas, no fundo, tenho a certeza de que ele me amava.

— Até podia amar, mas não podia fazer-te o que fazia e tu não podias ter aguentado tudo calada que nem um rato! Foi por isso que durou tanto tempo! Se tivesses contado a alguém, se tivesses pedido ajuda...

— Eu não *queria* pedir ajuda! — vociferou Mariana, desistindo de conter as lágrimas. — Não percebes mesmo, pois não? Não queria

pedir ajuda porque... porque... até ao fim, achei sempre que o problema era meu!

Mariana passou as mãos pelos olhos, secando-os com uma violência desnecessária, mas continuou a não conseguir encará-lo. Alexandre esperava que o fizesse, que fosse capaz de perceber a absurdez que acabava de dizer, mas ela não o fez.

Não, claro que não. A merda do complexo de inferioridade escolhia sempre os momentos menos oportunos para vir ao de cima.

Era uma das poucas partes dela que, por mais que tentasse, não conseguia compreender. Amava-a, sim, de corpo e alma inteiros, nos bons e nos maus momentos, na saúde e na doença e — como tinham escolhido dizer, junto com os votos tradicionais — até nos dias em que nem eles próprios gostavam muito de si mesmos. Mas aquela maldita crença de que a culpa do mal que lhe acontecia era sua, era por algo que ela fizera ou provocara, tinha sempre de lá estar.

Ao ponto de a ter convencido de que merecia que Francisco a maltratasse.

Alexandre não sabia se lhe apetecia mais bater em si mesmo ou nela.

— O Francisco nunca foi agressivo comigo, nem uma única vez, fora da cama — disse Mariana, ainda de olhos no vazio. — Nunca me bateu, nunca me gritou, nunca me disse nada, absolutamente nada, ofensivo. *Nunca*. Era o namorado ideal. Era só durante o sexo que parecia possuído por uma raiva, uma fúria... E eu achava que *eu* é que não era boa o suficiente, por isso ele tinha de usar aquela força toda e aquele desespero todo porque... no fundo, eu não conseguia dar-lhe prazer.

As mãos de Alexandre começaram a tremer. Passou-as pelo cabelo, tentando disfarçar, enquanto olhava em redor, à procura de uma forma de lhe mostrar que aquilo era a coisa mais disparatada que podia dizer.

Porém, quando tornou a olhá-la, ainda com a voz presa no nó de mágoa que se lhe apoderara da garganta, tudo o que lhe apetecia atirar-lhe à cara desvaneceu-se do pensamento e apenas conseguiu aproximar-se, envolver-lhe o rosto nas mãos e cravar os olhos nos dela.

— Mariana, sabes que tudo o que acabaste de dizer não faz

sentido nenhum e, se tivesse acontecido a outra pessoa, conseguirias ver o disparate que é. Até entendo que pensasses assim quando namoravas com ele, porque eras nova e não tinhas visto nada da vida. Mas acreditares nisso hoje é... nem sei.

— Eu já *não* acredito nisso hoje. Na parte de a culpa ser minha. Sei que tem de ter havido outro motivo. Alguma justificação para a frustração dele — murmurou, antes de um súbito rancor lhe ensombrar a voz. — E o que mais me magoa é que é bem provável que ele tenha contado à Gabriela.

— Porque é que dizes isso?

— Porque eles eram muito mais próximos do que eu alguma vez desconfiei! Até escreviam juntos! Vá-se lá saber o que diabos vamos encontrar quando finalmente chegarmos aos textos dele!

Não tinha resposta para aquilo. Deixou-a ver que se sentia tão impotente quanto ela e Mariana acabou por anuir, enxugar uma última vez os olhos e pegar-lhe na mão, começando a puxá-lo para a porta.

— Vamos ajudá-los com o jantar. Quanto mais depressa estiver pronto, mais depressa comemos e vamos para o quarto. Não os posso ver à frente muito mais tempo.

Alexandre concordou e acompanhou-a até à cozinha.

Capítulo 43

Tudo o que Gabriela queria, quando acabou de lavar a louça, era subir para o quarto e isolar-se do mundo. O ambiente continuava demasiado pesado para lhe passar a dor de cabeça e o aperto no coração. Quando ficou sozinha na cozinha, oferecendo-se para tratar da louça para ter uns minutos em paz e sossego, a dor começou a diminuir, mas sabia que regressaria assim que se juntasse aos outros na sala e se visse de novo sob a mira de olhares feridos e egos maltratados.

Preparava-se para abrir a boca e anunciar que ia deitar-se quando João Paulo entrou pela cozinha.

— Gabi, vamos voltar aos caixotes, a ver se encontramos alguma coisa importante. Dás-nos uma ajuda?

Mordeu a língua para conter a asneira que lhe apeteceu dizer e assentiu. João Paulo dedicou-lhe um sorriso de profunda gratidão e voltou a sair para a sala.

Gabriela virou-se para a bancada da cozinha enquanto se permitia um suspiro. Pendurou o pano a que enxugara as mãos na porta do forno e seguiu para a sala. João Paulo regressara para o lado de Sandra num dos sofás. Mariana e Alexandre estavam sentados lado a lado noutro e Daniel ocupava a poltrona de eleição do pai. Sem grande alternativa, ajoelhou-se diante da mesa, para ficar mais

próxima do caixote que tinham pousado sobre o tampo, ainda por abrir. Pegou na faca, passou-a pela fita cola e revelou no interior mais uma série de camisolas de Francisco.

Ninguém falou durante muito tempo. Vasculharam caixotes, separaram materiais escolares de outros pertences e dividiram o que precisava de ser visto com mais atenção do que já podia ser posto de lado. Passavam os caixotes, a tesoura e a faca entre si sem levantarem os olhos daquilo que estavam a analisar. Gabriela até preferia assim. Tinham todos demasiada vontade de se mandarem mutuamente à merda, pelo que o silêncio era a melhor garantia de civilidade.

A certa altura, dentro de uma pasta de plástico verde-clara que continha dezenas de testes e exercícios, Gabriela deparou-se com uma folha sem cabeçalho, preenchida de alto a baixo com a letra miudinha e apressada de Francisco. Mordeu a língua para conter o sorriso que começara a formar-se-lhe nos lábios ao beber a caligrafia dele com o olhar. Francisco escrevia sempre assim, como se a mão não conseguisse acompanhar a velocidade do pensamento, como se o mundo estivesse a acabar e ele não tivesse tempo de terminar a ideia que lhe passava pela mente antes de a perder.

Começou a ler o texto que ocupava aquela folha sem chamar as atenções dos restantes, mas depressa compreendeu que aquilo que encontrara a requeria.

— Acho que encontrei uma das histórias...

Todos os olhares se voltaram de imediato para si.

— Lê para nós! — pediu João Paulo, obrigando Mariana a recolher a mão que estendia na direção da pasta.

Gabriela tossiu para aclarar a garganta e leu. Ao despertar algumas gargalhadas dos outros pelo meio, deu-se conta de que o texto era muito mais fraco do que lhe parecera. À época, achava tudo o que Francisco escrevia brilhante, um jovem Hemingway. Agora só lhe dava vergonha alheia.

Continuou a analisar o conteúdo, passando alguns testes e exercícios de várias disciplinas, até lhe cair de repente no colo uma folha dobrada ao meio.

— O que é isso? — perguntou Alexandre.

— Deixa ver...

Desdobrou-a para encontrar de novo a caligrafia impaciente de

Francisco, mas desta vez em algo que não era de todo da sua autoria.

*'Cause all of the stars
Are fading away
Just try not to worry
You'll see them some day
Take what you need
And be on your way
And stop crying your heart out*

*Get up (get up)
Come on (come on)
Why you scared? (I'm not scared)*

*You'll never change
What's been and gone.*

— É a *Stop Crying Your Heart Out* dos Oasis — disse logo João Paulo.

— Foste tu que o ensinaste a tocar na guitarra, lembra-te? — sorriu Sandra, pousando a mão na dele.

— Claro que me lembro. Ele devia ter uns 12 ou 13 anos.

— Acham que significa alguma coisa? — sugeriu Mariana, deitando um olhar de quase reverência ao papel. — Quer dizer, ele sabia a letra de dezenas de músicas de cor, porque é que havia de ter guardado esta em especial?

— Não faço ideia. Mas talvez devêssemos todos seguir o conselho do refrão.

Gabriela pousou os dedos sobre as palavras, algumas desfocadas pelas lágrimas que Francisco deixara cair enquanto escrevia, e deu por si a perguntar-se se ele teria chegado a conseguir segui-lo, ou se era demasiado humano para tal.

Capítulo 44

De regresso da cozinha, onde fora buscar mais café, Mariana tornou a afundar-se no sofá.

Já passava das duas da manhã e estava exausta. Doía-lhe a cabeça e sentia um tremor persistente nos olhos. Tinham sido um dia e noite demasiado longos. Contudo, o grupo estava determinado em testar a sua resistência. Continuavam a desbravar caminho por entre livros, cadernos, capas e micas recheados do quotidiano escolar de Francisco. A maior parte do tempo só encontravam passagens banais, que nem sequer estavam por ordem cronológica. João Paulo acabou por sugerir que se fizesse mais café, porque já todos tinham os olhos pesados. Mariana aproveitou para se escapar para a cozinha e esticar um pouco as pernas antes de ter de regressar, debruçar-se sobre outro dos caixotes abertos e pegar numa nova pasta.

Dessa vez, porém, encontrou a pólvora. A folha, tal como as dos restantes textos que já tinham encontrado, não tinha cabeçalho ou rodapé. Francisco limitava-se a pegar na caneta e a libertar a prosa ininterrupta até se lhe acabar o papel. Ao fim das primeiras três frases, reconheceu que estava a ler uma memória, e, ainda por cima, uma de que ela própria se recordava. Teve de pousar à pressa a chávena no pires e na mesa para se impedir de derramar o café sobre a camisola.

Aquela não era de todo uma boa passagem para ler em voz alta.

Nem agora, nem nunca. Devia continuar longe da vista e do coração. Em especial do de Alexandre.

Mas foi logo ele o primeiro a aperceber-se da mudança no seu semblante.

— Encontraste alguma coisa?

— N-não sei...

— É outro texto do Francisco, não é?

— Lê, Mariana. Já que lemos os outros todos, que mal pode fazer ler este também? — incitou Daniel.

— Não é bem a mesma coisa... Este é sobre ti, Alex.

Uma sombra escureceu-lhe o olhar, enquanto o cenho se franzia de apreensão. Mariana abriu a boca, para dizer que podiam deixar aquele de lado, mas ele abanou a cabeça e fez-lhe sinal para avançar.

— O que se passa? — perguntou João Paulo.

— Encontrámos outro texto do Francisco. Vou ler... — balbuciou Mariana, antes de voltar a baixar o olhar para a página.

O episódio que Francisco narrava naquele texto era o do dia em que descobriu que o pai de Alexandre o tinha deixado e à mãe para ir viver com a amante. Assim que soube, Francisco correu para casa do amigo, para tentar apoiá-lo. Encontrou-o estendido ao longo da cama do quarto como um corpo morto, aterrorizado ante a perspectiva de que alguém o visse a chorar como um bebé, mas a presença e o apoio de Francisco ajudaram-no a aceitar a emoção, que jorrou dele como um maremoto. O texto estava escrito com uma crueza e realismo que encheram os olhos de Mariana de lágrimas enquanto lia, e que se adensaram ao chegar às últimas linhas:

Se calhar o Alex tem mesmo razão: se o pai gostasse dele, não se tinha ido embora. Podia até não gostar mais da mãe dele, eu sei que isso às vezes acontece, mas não ia deixar de gostar dele. Os pais não abandonam os filhos, aconteça o que acontecer. Eu sei que os meus pais nunca me vão abandonar. Vamos ficar juntos a vida inteira até eles serem velhinhos e morrerem. Eu nunca os vou deixar. E também nunca vou deixar o Alex, o Dan, a Gabi e a Mariana. Nunca, nunca, nunca.

Mariana chegou ao fim da página e o silêncio voltou a emudecê-los.

— Ele nunca nos quis deixar. Como é que pudemos algum dia

achar que o teria feito de livre vontade? — murmurou Daniel, abanando a cabeça.

— Não vale a pena massacrarmo-nos agora. Vamos concentrar-nos em chegar à verdade e pronto — declarou Alexandre, começando a levantar-se. — Mas precisamos de descansar e de pôr a cabeça em ordem.

— O Alex tem razão. É muito tarde e precisamos de descansar. Amanhã, com mais calma, voltamos a pegar nisto tudo — disse Sandra, levantando-se também.

— Na verdade, e acreditem que preferia não ter de o fazer, mas tenho de voltar ao trabalho amanhã — alertou João Paulo. — As coisas estão a descambar um bocado comigo longe e sem estar de olho em tudo.

— E eu também devia voltar — disse Sandra, a contragosto.

— Então, podem ir e voltar juntos de Lisboa, assim só precisa de ir um carro, e não colocam os vossos trabalhos em risco — propôs Daniel.

— Sim, talvez seja boa ideia...

— OK, então vamos deitar-nos, que amanhã vai ser um dia longo para todos — concluiu Mariana, fechando a capa que tinha no colo.

Pousou-a junto dos restantes materiais que ainda não tinham revisto, levantou-se e pegou na mão de Alexandre.

— Vamos deitar-nos. Até amanhã. Descansem e amanhã continuamos.

— Sim, façam isso, meninos. Até amanhã.

Mariana conduziu Alexandre ao quarto em silêncio. Fechou a porta depois de terem passado e apagou o candeeiro de teto que Alexandre acendera à entrada. As cortinas estavam mal corridas na janela e deixavam entrar luar suficiente para iluminar o quarto. Descalçou-se junto à porta e aproximou-se devagar de Alexandre, parado no meio do quarto, enquanto despiu o casaco e o deixava cair no chão. Alexandre, cabisbaixo, parecia nem ter energia para se despir. Engoliu em seco, calando a parte de si que continuava magoada com o que ele tinha dito, gritado e sentido por si mais cedo nesse dia. Pousou-lhe as mãos no peito. Sentiu-o estremecer, mas, mais uma vez, permitiu-lhe continuar. Despiu-lhe o pulôver e a camisa que tinha por baixo. Desapertou-lhe o cinto e desceu-lhe as calças até

aos pés. Ele descalçou os tênis e atirou-os para um canto enquanto ela despiu as próprias calças e as meias. Estendeu-lhe a mão de novo e ele tornou a deixar-se conduzir. Levou-o para a cama, enfiou-se com ele debaixo dos cobertores e cedeu por fim à ânsia de o abraçar que lhe borbulhava há demasiado sob a pele.

— Lamento muito teres tido de rever aquele dia.

— Eu também. E também lamento tudo o que se passou hoje.

Mariana fechou os olhos, afundando a cabeça no ombro dele e na almofada. Alexandre envolveu-a num abraço apertado. Enterrou-lhe os dedos no cabelo, enquanto enredava as pernas nas suas, e apertou-a com força. Ao fim de algum tempo, ela começou a sentir o cabelo e a testa molhados com as lágrimas dele.

Voltou o rosto para cima, para lhe chegar ao nível do olhar. Pousou-lhe a mão na face, acariciando-lhe a pele, onde podia jurar que só nessa meia dúzia de dias já tinham nascido rugas e vincos que antes não existiam.

— Desculpa tudo o que te escondi.

— Também tenho de pedir desculpa. Também te escondi muitas coisas.

— Podemos prometer que não escondemos mais nada um do outro?

— Podemos.

Esticou-se para o beijar. Sentiu, por fim, que alguma paz regressava a ambos. No fim, tornou a aninhar-se nos braços dele e Alexandre deitou o rosto sobre a sua cabeça.

— Sabes que continuo sem compreender como é que o Francisco podia ser duas pessoas tão diferentes? Por um lado, o melhor amigo que podias ter, e, por outro, um namorado abusivo e que te maltratava.

— Ele não era assim, antes. Aconteceu alguma coisa, Alex. Algo o transformou naquela pessoa revoltada que tinha de descarregar o que sentia em mim. E enquanto não descobirmos o que foi, não conseguiremos compreendê-lo.

— Não sei se vou chegar a compreender. Perdoar, pelo menos, sei que não vou.

— Não digas isso. Se calhar, aquilo que viermos a descobrir é tão grave e tão para lá do que estamos à espera, que nos fará mudar de

ideias.

— Mas, se assim for, estás preparada para descobrir?

Não tinha resposta. Ele aceitou o seu silêncio e abraçou-a com mais força. E Mariana fechou os olhos e cedeu ao cansaço enquanto se dava conta de que não, não estava preparada para mais nada, mas também não podia escapar.

Capítulo 45

Na manhã seguinte, Gabriela sentia-se pesada, quase cosida ao colchão, quando o despertador do telemóvel tocou. Esfregou os olhos, espreguiçou-se e sentou-se no meio da cama, mas a sensação de que devia permanecer ali, escondida sob os cobertores e a deixar o tempo passar até todo aquele pesadelo ficar para trás de si, não a abandonou. Quando finalmente reuniu forças para se levantar e avançar até à janela, para afastar os cortinados e observar o dia lá fora, a chuva miudinha que caía não lhe deu maior ânimo.

Foi a primeira a descer à cozinha. Pôs bastante café a fazer na cafeteira, já a prever que Daniel e os outros também quereriam algum quando descessem. Quando ficou pronto, encheu uma chávena e levou-a consigo, indo encostar-se à janela ao fundo da divisão para ficar a ver a chuva, agora mais forte, enquanto o bebia. E perguntou-se se não deveria seguir o que o sonho dessa madrugada lhe exigira.

Regressar ao colégio.

O sonho foi tão vívido, tão intenso, que, ao acordar dele a primeira vez, tremendo como varas verdes, demorou um instante a acreditar que já não se encontrava no corredor do piso térreo da escola, a caminhar por entre as paredes preenchidas pelas filas de cacifos, percorrendo-os com a mão. Tentou acalmar a pulsação desenfreada e focar-se na realidade, em estar apenas sentada no meio

dos lençóis e cobertores revoltos no quarto de hóspedes. Quando por fim se situou, voltou a deitar-se e a deixar-se cair no sono, apenas para o sonho recomeçar.

Tinha a certeza de que devia significar alguma coisa. Não podia ignorar que, nas duas vezes, o sonho a levava a percorrer o mesmo corredor, a tocar nos mesmos cacifos até parar diante daquele que pertencera a Francisco e começar a abrir o cadeado para revelar o que ainda estava no interior.

Tinha de lá ir. Tinha de ver com os próprios olhos, acordada, o que a esperava.

— Bom dia, Gabi.

Quase saltou com o susto. Virou-se para a porta e viu Daniel atravessá-la e aproximar-se para a beijar na testa.

— Há café para mim?

— Sim, fiz a contar com todos.

— Já estás acordada há muito tempo? Ainda é cedo.

— Não dormi muito bem. Sonhei com o colégio.

Contou-lhe o sonho enquanto ele punha algumas fatias de pão a torrar. À medida que ficavam prontas, barrava-as com manteiga e distribuía-as pelos pratos de ambos. Enquanto as devorava, o pão ainda tão quente que quase lhe queimava as pontas dos dedos e a manteiga a escorrer por eles, Gabriela apercebeu-se da fome que nem se dera conta de que tinha.

Quando acabou de lhe relatar o sonho, e ao contrário do que temia, Daniel não tentou desvalorizar a situação. Fitou-a apenas com uma seriedade premente.

— Queres ir ver o que está dentro do cacifo?

— Quero, mas já passou tanto tempo e o cacifo já passou por tantos miúdos, que de certeza que já não vamos encontrar lá nada.

— Bem, não perdes nada em tentar. Assim como assim, se não o fizeres, vais continuar a sonhar com isso até dar em doida.

Ele tinha razão, claro. Esboçou um sorriso e tornou a levar à boca a chávena, que entretanto reabastecera, para um novo gole de café a escaldar.

Depois do pequeno-almoço, que tomaram com uma Mariana e um Alexandre tão exaustos e maldispostos como na noite anterior, saíram juntos e correram para a carrinha de Daniel. A chuva caía agora a

cântaros e transformava a terra no caminho até ao anexo num carreiro de lama que fez Gabriela arrepender-se de ter calçado umas sabrinas ao invés das galochas que Daniel lhe oferecera mais cedo.

— Queres que te deixe no colégio? E vou buscar-te depois das compras? — propôs Daniel.

— Sim, pode ser. Mas não tenhas pressa, preciso de um bom bocado lá.

Daniel pressionou o acelerador. Gabriela ligou o rádio para afastar o silêncio e afundou-se no banco, deixando o olhar perder-se para lá da janela fustigada pelo vendaval.

— Não achas que devíamos ter contado à Mariana e ao Alex o que vais fazer? — acabou Daniel por perguntar, já a meio caminho.

— Não. É bem provável que eles achassem má ideia.

— Mas assim é mais um segredo que estamos a esconder deles.

— É só mais um a juntar à pilha.

À chegada ao colégio, Gabriela correu na direção do guarda dos portões, que a reconheceu de imediato e a deixou entrar, e correu depois para debaixo do beiral da entrada, mas ainda entrou com os pés ensopados. Sacudiu as gotas que se tinham acumulado no casaco, encheu-se de coragem e avançou para o corredor dos cacifos.

Passava pouco das nove da manhã. As aulas já estavam a decorrer e os corredores estavam vazios. Pôde dirigir-se ao corredor dos cacifos sem percalços, mas com o coração a acelerar-lhe sob a pele fria de tensão. Também o encontrou vazio e, sem ninguém para a impedir de o fazer, tentou reproduzir o cenário do sonho. Fechou os olhos, concentrou-se em moderar a respiração, contou até cinco e começou a avançar com a mão a tocar nas portas dos cacifos à sua esquerda.

Ao chegar ao de Francisco, parou. O cadeado tosco estava trancado e, ao contrário do que surgira no sonho, exigia um código para desbloquear. Praguejou baixinho e passou a mão pelo cabelo. Não podia pôr-se a testar todas as combinações que lhe viessem à cabeça...

— Gabriela?

Virou-se para ver a professora Helena Martins avançar pelo corredor com um pesado dossiê nos braços e os olhos esbugalhados de surpresa.

— Olá, professora.

— Não fazia ideia de que cá estavas, querida! Vieste matar saudades?

Era uma forma de ver a situação, sem dúvida.

— Vim. Há poucos sítios onde gostemos mais de voltar que à nossa antiga escola.

— Ora aí está uma grande verdade — sorriu Helena, com um novo brilho a acender-se no olhar. — Olha, já que cá estás, posso convidar-te para um chazinho?

Gabriela pestanejou, sem conseguir disfarçar o espanto, mas apressou-se a responder antes que Helena pudesse tomar como ofensa.

— Sim, sim, claro. Obrigada.

O sorriso de Helena cresceu enquanto a conduzia à sala dos professores, a papaguear sobre como aquela hora do dia era sempre tão pacífica no colégio, com todos os miúdos nas aulas. Gabriela não fazia ideia de onde surgira aquela pessoa simpática e tagarela e o que fizera à sua antiga diretora de turma, sempre pronta a ralhar-lhes por tudo e por nada. Não fora, de longe, a sua favorita de entre o corpo docente do colégio, mas, pelos vistos, o tempo devia ter transformado Gabriela numa das suas alunas preferidas. Mais que não fosse para ver onde Helena queria chegar com aquele teatrinho, decidiu alinhar na jogada. Até se ofereceu para lhe levar o dossiê, mas Helena recusou com a desculpa de que, na sua idade, fazia falta algum exercício, nem que fosse apenas de braços ou a subir e descer escadas. Com efeito, ao subirem os quatro lances que levavam ao segundo piso do colégio, já estava a arfar. Gabriela repetiu a oferta de carregar o dossiê, mas Helena tornou a esquivar-se ao dizer que já estavam quase a chegar.

A sala dos professores, para a qual dava a última porta do longo corredor, parecia, à semelhança do gabinete do diretor Barroso e da biblioteca, ter parado no tempo desde o início do século, quando o colégio fora fundado. O teto alto era de um branco simples, mas as paredes estavam forradas com um papel de parede de arabescos em tons de verde-escuro e verde-musgo, e o chão era de madeira quase tão escura quanto a das estantes, armários e secretárias. Assim que entraram, um intenso aroma a canela envolveu Gabriela, tão intenso que quase a fez tossir. Avistou um prato com seis pastéis de nata, com as superfícies cobertas de canela, na mesa branca ao centro da sala. Julgou que era daí que provinha o cheiro, até se dar conta de um pau

de incenso que ardia numa cómoda, encostada à parede do fundo. Conteve o pequeno ataque de tosse que lhe subiu pela garganta e limitou-se a acompanhar Helena até ao outro extremo da divisão, onde ficava a sua secretária, tão atafalhada de folhas, pastas e dossiês que não parecia haver um mísero centímetro livre onde pousar um copo de água. Helena soltou um suspiro de derrota ao ver que Gabriela reparara na desorganização.

— Desculpa, tem sido uma semana dos diabos...

— Precisa de ajuda com alguma coisa?

— Ai, não, querida, não é preciso, obrigada...

— Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer, não é?

Helena lançou-lhe um olhar dividido entre o óbvio desespero por ajuda e a vergonha de o admitir. Apressando-se a salvá-la da hesitação, Gabriela sentou-se na cadeira em frente à secretária, deixando-a contorná-la para ir ocupar o cadeirão principal, e lançou-se com ela na demanda de limpar o tampo da mesa.

Durante alguns minutos, trabalharam com afinco, com o silêncio interrompido apenas pelas indicações de Helena a Gabriela sobre como arrumar os documentos em determinadas pastas. Todavia, quando Gabriela começou a apanhar-lhe o ritmo e a não precisar de tanta orientação, Helena teve de encontrar outra forma de impedir um silêncio incómodo de se instalar entre ambas.

— Que jeito é que isto tem, prender-te aqui quando de certeza tens coisas bem melhores para fazer...

— Não se preocupe. Não me custa nada dar-lhe uma mãozinha.

— Mas não preferias ter uma folga do ambiente escolar de vez em quando? Digo isto porque sei que também te tornaste professora.

— Sim, dou aulas de Português num colégio em Albufeira.

— Parecido com o nosso?

— Nem por isso... Este vai ser sempre o meu preferido.

— Boa resposta — riu-se Helena, com um piscar de olho conspiratório. — Mas estás a gostar de dar aulas?

— Estou, bastante.

— Há quanto tempo estás lá?

— Há três anos. Depois de me formar, fui logo para o Algarve, porque os meus pais e os gémeos já se tinham mudado para lá. No primeiro ano, dei aulas numa escola pública, mas, entretanto, conheci

o diretor deste colégio num evento a que fui com outros professores e ele deve ter engraçado comigo e mexido alguns cordelinhos, porque no ano seguinte já estava a trabalhar para ele.

— Ora essa, não é preciso mexer cordelinhos nenhuns. De certeza que gostou das tuas referências e percebeu que ias ser uma mais-valia para o colégio.

Gabriela deu por si a sorrir quando a lógica por fim a atingiu.

Não, Helena não se transformara de repente noutra pessoa; eram a compaixão e solidariedade profissionais que a faziam tratá-la com aquela gentileza, a qual certamente não se estenderia a Alexandre, Daniel ou Mariana, caso tivessem sido eles a vir ter com ela. Ver que Gabriela seguira o seu caminho, que agora lutavam lado a lado nas trincheiras, tornava-a subitamente digna aos seus olhos.

— A professora tem-me em demasiada conta. Não sou nenhuma superestrela.

— Pois não, mas lembro-me de que sempre foste das melhores alunas das turmas, principalmente a Português. Ninguém gostava tanto d'*Os Maias* como tu.

— Lá isso é verdade.

— E perdi a conta às vezes que ouvi o Rogério elogiar as tuas composições. Às vezes, até tinha de o repreender, sabias?

— A sério?

— Sim, porque eras claramente uma das preferidas dele e nunca é bom para as turmas quando os professores têm alunos de que gostam mais — admitiu Helena. — Mas o Rogério adorava-te, lá isso adorava. Disse muitas vezes que eras das alunas que lhe davam maior prazer ensinar.

— Quem eram os outros?

— Oh, não havia muitos mais. Talvez...

A voz de Helena esmoreceu e a tristeza tomou-lhe o olhar. Gabriela baixou o seu para o dossiê que tinha no colo e continuou a arquivar as micas que tinha numa pequena pilha diante de si. Esperava que Helena interpretasse aquilo como um sinal de que deviam mudar o rumo da conversa, mas as esperanças saíram-lhe goradas.

— É muito, muito triste mesmo, o que aconteceu ao Francisco. Tenho uma pena que nem... olha, nem sei o que diga. Ele era um

miúdo tão cheio de vida, com tanto pela frente... Eram todos, vocês os cinco, mas ele era...

— Especial. Eu sei.

— Gostavas muito dele, não gostavas, querida?

— Gostava. Mesmo muito.

— Lamento que o tenhas perdido — murmurou Helena, surpreendendo-a ao estender a mão para a sua. — Se calhar, preferias que ele não me tivesse contado isto, mas... o Rogério chegou a dizer-me que tu e o Francisco tinham muito jeito para a escrita, e que se notava a enorme influência que tinham um no outro.

— Sim, nós... nós escrevíamos juntos.

— Oh, que giro!

— A maioria das vezes, escrevíamos ficção. Comecei a escrever quando tinha 12 ou 13 anos, e escrevia a maior parte das vezes para adaptar histórias de livros e séries de televisão. Queria que ficassem mais de acordo com as minhas expectativas ou para os finais serem mais ao meu gosto. Acho que comecei a sentir necessidade de o fazer porque, muitas vezes, quando discutia esses finais ou alguma reviravolta mais chocante com os meus amigos e a minha família, eles não concordavam comigo. Sentia-me muitas vezes... sozinha, sabe? Parecia que as minhas ideias eram demasiado parvas para toda a gente. Ou, então, era eu que não me sabia explicar. Mas o Francisco... Ele achava tudo o que eu escrevia tão fixe como eu, por isso acabámos a escrever juntos.

— Isso é tão bonito. Continuaste a escrever, mesmo depois de...

— Não. Era algo que partilhava de forma tão íntima com ele que... não consegui continuar.

Helena aquiesceu, pesarosa, e foi buscar o pratinho dos pastéis de nata para lhe oferecer um.

— Espero que um dia consigas recomeçar, porque o resto do mundo também tem direito a descobrir esse teu talento, não é?

Gabriela tentou sorrir enquanto aceitava o pastel e continuou a ajudá-la a organizar os testes nas pastas, reconhecendo que, às vezes, o melhor que podemos fazer pelos outros é preservar-lhes a inocência.

Capítulo 46

As compras demoraram mais do que Daniel contava e já era quase hora de almoço quando chegou ao colégio. Gabriela estava à espera, encostada ao portão, de braços cruzados e apertados contra o corpo para tentar manter-se quente diante do vento gelado que tinha vindo tomar o lugar da chuva.

Correu para o lugar do pendura e fez-lhe sinal para arrancar, como se não pudesse esperar para se afastar o mais possível dali.

— Como correu? Encontraste alguma coisa no cacifo do Francisco?

— Não. Aliás, nem cheguei a abri-lo. A professora Helena apanhou-me e meteu conversa comigo.

— O que é que a velha queria desta vez?

— Olha, ias ficar surpreso se visses a forma como ela me tratou. Até eu fui apanhada de surpresa, mas depois percebi que ela ficou toda orgulhosa por descobrir que também me tornei professora e passou a tratar-me nas palminhas das mãos. Nem parecia a mesma pessoa.

— A sério? Quem diria...

— Por isso, acabei por passar o resto da manhã a ajudá-la a limpar a secretária.

— A sério que ela não podia ter arranjado outra pessoa para a

ajudar com isso?

— Não, a sério, não custou nada e... até acabei por rever algumas memórias bonitas com ela. Ela está mesmo triste com tudo o que se descobriu sobre o Francisco.

— Não admira. Mas acabou por ser um bocado um desperdício de tempo, não é? Não chegaste a confirmar se havia alguma coisa importante no cacifo dele.

— Não te preocupes, posso voltar noutra altura e ver. Assim como assim, nem sequer sei o código do cadeado. No sonho, não era preciso, mas hoje, quando lá cheguei, vi que o cadeado precisa mesmo de ser aberto com um código.

— E como raio vamos descobrir qual é?

— Não vamos. Só se conseguirmos descobrir quem é o aluno que agora está com ele e lhe pedirmos que nos deixe dar uma vista de olhos.

— Oh sim, isso vai mesmo acontecer — resmungou Daniel, revirando os olhos.

— Também me parece pouco provável — suspirou Gabriela, afundando-se no banco. — Mas talvez o intuito do sonho fosse precisamente trazer-me à escola para poder ter esta conversa com a professora Helena, sabes? Às vezes, os sonhos têm formas pouco claras de nos encaminhar na direção que devemos seguir.

— Bem, já vi que não posso contar contigo para interpretar o próximo sonho que tiver, obrigadinho.

Gabriela riu-se e deu-lhe um soco no ombro. Daniel também deu por si a sorrir. Caramba, tinha saudades daquilo. O riso de Gabriela diminuiu para um sorriso tão carregado de nostalgia como o dele e ela acabou por desviar o olhar para lá da janela.

De regresso à quinta, encontraram Mariana e Alexandre na sala de estar. Ele tinha o computador portátil ao colo e os auriculares nos ouvidos, e parecia estar a meio de uma reunião por *Skype* com os colegas de trabalho. Mariana fez-lhes sinal para não fazerem barulho quando entraram. Daniel murmurou a Gabriela que ia deixar o casaco e as botas enlameadas na cozinha e ela acompanhou-o.

Sentaram-se à mesa a beber café, debaixo da tempestade quase ensurdecadora. Daniel preparava-se para reclamar do tempo, mas viu que Gabriela tinha um sorriso quase deliciado enquanto, aninhada na

cadeira e no casaco de malha que fora buscar, bebia o café a olhar para a chuva e o vendaval para lá das janelas.

— Tinhas saudades disto, não tinhas?

Ela concordou, sem chegar a olhar para ele, e estendeu a mão sobre a mesa, até pousar as pontas dos dedos no coelho desajeitado que Alexandre tinha desenhado na madeira.

— Lá em baixo nunca temos tempestades destas. Nunca temos muitas das coisas que tínhamos aqui. Talvez seja por isso que... que nunca me senti em casa, lá.

— Podes sentir aqui. Esta sempre foi a tua casa.

Pousou a mão na dela. Gabriela olhou-o então e aquele sorriso, aquele especial que conseguia pôr-lhe o coração a palpar, desenhou-se nos lábios dela. Pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios, para lhe beijar os nós dos dedos.

Mariana entrou pela cozinha nesse instante, sobressaltando-os, mas vinha com tanta pressa de chegar ao frigorífico que nem pareceu reparar neles.

— Bem, a reunião do Alex não parece ir terminar tão cedo, e já perdemos a manhã inteira.

— Por mim, podemos voltar às caixas, vou só comer qualquer coisa — disse Daniel.

— OK, mas, por mim, nós duas podíamos ir começando, Gabriela.

— Sim, vamos a isso. Vem lá ter connosco quando terminares, Dan.

Daniel fez uma sandes, engoliu-a num piscar de olhos e foi juntar-se aos outros na sala. Alexandre já tinha despachado os colegas do trabalho e estava de roda de um dos caixotes, com Mariana ao seu lado no sofá e Gabriela no outro, à sua esquerda. Passou duas pastas e várias micas a Daniel e ele lançou-se à leitura.

Ainda nem estava perto do fim da primeira pasta quando o tossicar de Mariana o fez levantar o olhar das folhas.

— Acho que... acho que encontrei qualquer coisa.

Alexandre esticou-se para também ler o que ela tinha descoberto.

— Sim, é definitivamente mais um texto dele.

— Lê em voz alta, por favor — pediu Gabriela.

— É que... acho que este é sobre ti — revelou Mariana, receosa.

Gabriela empalideceu até ao tom da parede atrás de si. Pudera,

pensou Daniel. O mais provável era vir aí outra bomba, e ainda mal tinham sido capazes de recuperar das últimas, quanto mais terem de levar com uma nova. Ainda assim, e porque sabia que não tinha forma de travar Mariana, fez-lhe sinal para avançar, e ela tornou a aclarar a voz e começou.

Há pessoas que não merecem viver neste mundo.

E depois há aquelas que merecem, mas que só recebem chapadas da vida, umas atrás das outras. A Gabriela é uma dessas pessoas.

Só que, desta vez, podia ter evitado. Podia não se ter colocado naquela situação. Mas agora é tarde. Agora já não há nada a fazer, merda.

— Sabes de que é que ele está a falar? — interrompeu Alexandre.

— Não... não faço ideia... — balbuciou Gabriela.

— Continua, Mariana, já lá vamos chegar — pediu Daniel.

— Têm a certeza? Não preferes ler sozinha primeiro, Gabriela?

— Não. Não, continua.

Mariana acenou, rendendo-se, mas era óbvio que tinha medo do que aí vinha.

Achei logo má ideia irmos à festa, mas a Mariana e a Gabi queriam ir, e o Alex e o Dan alinharam porque não tinham coragem para as contrariarem.

Por isso, lá tive de ir também. A festa foi no sábado porque os pais do N. foram para fora o fim de semana todo e deixaram a casa livre. Quando chegámos já estava imensa gente lá dentro.

A festa estava a correr bem, toda a gente a divertir-se, e eu quase relaxei.

Até que me dei conta de que não o via o N. nem a Gabriela há montes de tempo.

Quando percebi que a tinha perdido de vista, disse à Mariana que precisava de ir à casa de banho. Fui à cozinha, à sala de jantar, ao pátio das traseiras, caramba, até à casa de banho fui espreitar, e nada. Havia muita gente a ocupar as escadas que levavam ao piso de cima, mas lá fui pedindo licença e deixaram-me chegar ao corredor dos quartos. Quase todas as portas estavam fechadas, mas fui espreitando na mesma.

Comecei a ficar ansioso e com medo de não chegar suficientemente depressa para salvar a Gabriela — porque eu sabia que ela só podia estar com ele. Eu sentia.

Até que fui dar com um quarto onde ainda não tinha entrado e abri a porta de rompante. Vi-os na cama, ele em cima dela e a Gabriela de olhos

fechados, bêbeda, já só em soutien e a revirar a cabeça na almofada, como se estivesse à procura da melhor posição para dormir.

Corri para a cama a berrar o mais alto que podia, agarrei o N. pelo pescoço e puxei-o para trás com tanta força, uma força que nem sabia que tinha, que o fiz tropeçar nas próprias pernas e pés ao tentar levantar-se, e acabou por cair de rabo no chão e ir embater no roupeiro ao fundo do quarto. A Gabriela tentou levantar-se, mas caiu na cama, sentada, e começou a pedir que eu parasse, mas o N. já se estava a levantar outra vez e a berrar que ia dar cabo de mim Sem saber bem como, consegui ir buscar ainda mais força e dei-lhe o maior murro que alguma vez dei a alguém. Ele berrou de dor e tropeçou para trás, acabando por cair outra vez em cima do próprio rabo, enquanto o sangue começava a escorrer-lhe do nariz. A Gabriela perdeu a cabeça e gritou mais alto, com uma raiva que me deixou de rastos:

— O que é que estás a fazer?!

— Estou a salvar-te deste cabrão de merda!

— Mas a salvar-me porquê? Eu estava bem...

— Não, não estavas! Nem tens noção do que estava a acontecer!

— Ela é crescidinha e sabe o que faz, meu, porque é que vieste meter o bedelho? — rosnou o N., ainda no chão.

— Ela não é crescidinha nem sabe o que faz quando tem mais álcool do que sangue no corpo e quando se estão a aproveitar dela, que é o que tu estavas a fazer!

— Mas quem é que tu pensas que és? Não devias ter feito isto — gritou ela, a abanar a cabeça enquanto vestia a camisola. O N. já se tinha posto a andar.

— Ai não devia? Preferias ter tido sexo com aquele filho da mãe?

— Não me ouviste reclamar, pois não?!

Peguei-lhe outra vez no braço e obriguei-a a olhar para mim.

— O que é que queres agora? Não me estragaste já a noite que chegue? — ralhou a Gabriela, a lutar para se libertar do meu braço.

— Estragar? Eu salvei-te!

— Não, não salvaste! Deste cabo de tudo! Aliás, não sabes fazer mais nada senão dar cabo das coisas!

Foi como se me tivesse batido, e o choque fez-me soltar-lhe o braço.

— É verdade e tu sabes que sim. Dás cabo de todas as hipóteses que eu tenho com outras pessoas. És tão egoísta que nem consegues ver isso? Não me queres, mas Deus me livre se mais alguém quiser!

— Não digas isso!

— É a verdade! O que tu querias era que eu ficasse sentadinha e quietinha à espera de que fartes da Mariana para vires dar em cima de

mim!

— Cala-te! Isso não é verdade!

— Não? Então porque é que não me deixas andar com outras pessoas? Porque é que, assim que percebes que alguém está interessado em mim, tens de te meter ao barulho e dar cabo de tudo?

— Aquele idiota não está interessado em ti! Só quer saltar-te para cima!

— E o mundo acabava se tivesse saltado? Hã? Ou só tu é que podes divertir-te?

Não sei o que me passou pela cabeça naquele momento, mas beijei-a. Ela estava tão furiosa comigo, e ainda a acabar o que estava a dizer, que não percebeu que eu o ia fazer até ser tarde de mais. E, depois, foi exatamente como antes: derreteu-se nos meus braços como manteiga. A boca dela era tão macia como antes, como beijar uma nuvem. Segurei-a, para a impedir de cair de joelhos, sem conseguir obrigar-me a afastar-me e a parar de a beijar. Foi mais forte do que eu. Mais forte do que eu, do que o bom senso, do que a minha consciência de que era errado, do que a minha vontade de fazer o que sabia que era certo. Foi mais forte do que tudo, porque não havia nada de que eu precisasse mais do que beijá-la como a beijei naquele momento, quando nada nos podia impedir.

Quando a razão finalmente acordou e me fez recuar, a Gabriela pestanejou, com aquela delicadeza de Bambi a regressar à realidade, e pareceu mais triste do que nunca.

— Estás a ver? És tão egoísta! Beijas-me quando queres, mas eu não posso fazer a mesma coisa nem posso beijar outras pessoas!

— Não, não podes, não podes beijar o primeiro gajo que te fizer olhinhos, porque eles...

— Eles o quê? Não gostam de mim? Até parece que tu gostas.

E gosto. Gosto mesmo. Gosto mesmo muito, porra, gosto mesmo.

Não precisei de o dizer. Ela sabia. Foi por isso que sorriu, com tanta mágoa que me apertou o coração e me deu uma estúpida vontade de chorar.

— Não podes ser egoísta com as pessoas que amas. Se me amas, deixa-me ser livre para estar com quem quiser.

— Mas eles vão magoar-te!

— Tu também me magoas.

E eu não tinha como dizer que ela não tinha razão. Não tinha como lhe dizer que não acreditava, quando, no fundo, acreditava e sabia que era assim há muito tempo. E quando também não podia fazer nada para mudar a situação, porque o meu coração de merda não conseguia escolher.

Nunca ninguém nos diz que é possível amar duas pessoas ao mesmo

tempo, mas é. E é fodido sermos encostados à parede e obrigados a escolher sem sentirmos que vamos perder uma parte de nós quando o fizermos. É fodido, e eu estou nessa situação e não sei sair dela sem magoar ainda mais a Mariana e a Gabriela.

Por isso fiquei a ver a Gabriela sair do quarto e ir embora, sem conseguir dizer nada para a travar. Só consegui dar um murro na parede, como gostava que alguém me desse a mim.

Perceberam que Mariana não se tinha calado por precisar de recuperar o fôlego, mas porque o texto acabava ali. Fechou os olhos para conter o que quer que, no último segundo, pudessem ter visto no olhar dela, como um buraco a abrir-se para o coração, fundo e escuro. Alexandre e Gabriela, no cúmulo do embaraço, também não conseguiram fazer mais do que trocar um olhar carregado de pena, até Daniel decidir finalmente intervir para salvaguardar o que ainda desse para salvaguardar da situação.

— O N. é o Nelson Machado, não é?

— Sim. Lembro-me desta festa. Só não sabia desta parte — disse Mariana, fulminando Gabriela com o olhar.

Gabriela baixou os olhos para o chão e corou profundamente. Daniel deu-se conta de que ela até podia não o querer admitir em voz alta, mas a verdade é que também não se lembrava daquilo. Nenhum deles acreditava que Francisco tivesse inventado uma coisa daquelas, por isso tinham de confiar que tinha sido tal como ele escrevera, mas ficava no ar a dúvida, já que Gabriela não conseguia confirmar, se teriam dito realmente tudo aquilo um ao outro.

Porque, se tivessem, era muito grave. Era mais uma desilusão para Mariana e mais uma prova de quão cegos eles tinham sido em relação a Francisco e Gabriela.

— Desculpa, Mariana — acabou Gabriela por murmurar.

— O Francisco não te disse nada no dia seguinte? — perguntou Alexandre.

— Não, ele nunca me falou disto.

— Nem a nenhum de nós, pois não? — perguntou Daniel, olhando de um para o outro — Não fazia ideia de que isto se tinha passado.

Ficou claro que mais ninguém sabia e Gabriela, àquela altura, já devia ter-se arrependido mil vezes de não ter optado por ler aquilo primeiro sozinha.

Mas antes que pudesse voltar a pedir desculpa, Daniel estendeu de repente a mão para a folha que Mariana ainda segurava.

— Deixas-me só ver uma coisa, por favor?

Mariana passou-lhe a folha e, tal como Daniel contava, não demorou a encontrar aquilo que antes lhe tinha chamado a atenção.

— Bem me parecia que não tinha ouvido mal. Não acham isto estranho? «Mas não podia render-me à teimosia dela nem podia deixar que o N. também saísse impune.»

— Sim, também me pareceu estranho — concordou Alexandre. — O que é que o Francisco quereria dizer com o Nelson «também» sair impune?

Todos os pares de olhos se viraram para Gabriela, que levantou as mãos, com as palmas viradas para eles, a pedir clemência.

— Não, não foi nada comigo! A sério! Ou o Francisco estava a referir-se a já ter apanhado o Nelson numa situação destas antes ou...

— Tu, melhor que ninguém, sabes que o sujeito na frase a que se refere o «também» não é o Nelson. É outra pessoa que saiu impune de uma situação como esta — retorquiu Mariana.

— Acham que o Francisco sabia de algum caso assim e não disse nada a ninguém? — perguntou Daniel. — Deixou que a rapariga fosse...

— Não sei — murmurou Alexandre, abanando a cabeça —, mas concordo com a Mariana. Não me parece mesmo, pela forma como ele escreveu, que tenha sido o Nelson a tentar aproveitar-se de outra miúda. Deve ter sido outro gajo.

— E o Francisco deixaria que saísse impune? Não teria tentado defender a rapariga, como me defendeu a mim? — questionou Gabriela.

— Sim, não fazia nada o género dele — concordou Daniel.

— Bem, seja como for, nenhum de nós sabe a que é que ele se está a referir com esta passagem. Ou sabemos? — perguntou Mariana.

— Não — disse Alexandre, e Daniel e Gabriela acenaram em concordância.

— Então, vamos continuar — decidiu Mariana. — Talvez surja alguma referência a este caso lá mais para a frente.

No entanto, pelo olhar que Daniel e Alexandre lhe lançaram, Gabriela percebeu que não seria tão fácil quanto isso.

— Eu estou bem — disse, no tom mais confiante que encontrou.
— Não chegou a acontecer nada entre mim e o Nelson, e mesmo que tivesse acontecido, já passou demasiado tempo. Já está para trás das costas. E não quero falar mais disto. Podemos passar à frente, por favor?

Para surpresa de todos, foi Mariana quem saiu em sua defesa.

— A Gabriela tem razão. Não vale nada pena obrigá-la a continuar a pensar nisto, se o quer deixar no passado. Vamos continuar ou não?

Daniel e Alexandre acabaram por se render, ainda que contrariados. Quando retomaram as leituras, Daniel viu, pelo canto do olho, Mariana a deitar um olhar a Gabriela que lhe transmitia que não, aquele não era caso para sentir gratidão. Aquilo não era ela a lançar-lhe uma boia de salvação; era apenas um escape para não ter de continuar a pensar no ex-namorado a traí-la com a melhor amiga. Gabriela baixou os olhos para o colo e engoliu em seco, e Daniel deu por si a pensar que, por mais incrível que fosse, ela continuava a ser demasiado inocente para a sua própria saúde.

Ainda abriu a boca para lhe perguntar se precisava de ir lá fora apanhar ar, mas não chegou a dizer nada, porque o que viu atrás dela deixou-o branco como cal.

— O que foi? — perguntou logo Alexandre, e ele e Mariana viraram-se bruscamente para também verem o que se passara.

Gabriela foi a última a virar-se no sofá, mas ainda foi a tempo de ver as costas daquele vulto a desaparecerem no limite do caixilho da janela.

Capítulo 47

Alexandre foi o primeiro a levantar-se num pulo e a sair disparado.

Correu o mais que as pernas lhe permitiam, quase escorregando na lama e nas poças que se tinha formado na relva à entrada da quinta, e conseguiu agarrar o intruso, impedindo-o de chegar à estrada.

O tipo lutou para se soltar, e Alexandre, chocado por reconhecê-lo, acabou por largá-lo. Ainda assim, ele não desatou a correr, como temia, virando-se antes com um olhar que transbordava censura e que o fez sentir-se de volta à secretária torta e já muito maltratada da sala de aulas de História.

— Professor Hugo?

Mariana e Gabriela derraparam nos últimos segundos de corrida, tão estupefactas como Alexandre ao reconhecerem Hugo Gonçalves. Ele pestanejou para libertar as gotas de chuva que lhe entravam para os olhos — já estavam todos mais que ensopados àquela altura —, esforçou-se por devolver alguma dignidade ao velho casaco de malha que Alexandre amarrotara, penteou o cabelo molhado para trás e lançou-lhes um olhar corrosivo.

— O que é que estava a fazer? — bradou Daniel, cerrando as mãos.

— Estava a espiar-nos? — juntou-se Gabriela.

— E se estivesse?

— O que raio é que quer dizer com isso? — guinchou Alexandre, a voz a sair-lhe mais aguda do que pretendia.

— É, é isso mesmo! — ciciou Hugo. — Era eu ali à janela! E agora, hã?

— Agora vamos chamar a polícia, obviamente! — ripostou Mariana.

— Têm a certeza? É que não me parece que, a esta altura, eles sejam os vossos melhores amigos!

— O professor invadiu propriedade privada. É crime! — ripostou Gabriela.

— Ah é? E o que vocês fizeram, não é?

Alexandre recuou um passo, afundando o pé numa poça. Mariana lançou-lhe um olhar desamparado, mas ele ainda nem a própria postura recuperara. Diante deles, Hugo continuava inclinado para a frente, como se se preparasse para se lançar para cima do primeiro que se atrevesse a dizer alguma coisa. Com os ombros crispados, as mãos a formarem punhos enraivecidos e encharcado até aos ossos, não poderia parecer-se menos com o professor aborrecido e implicativo, mas sempre impecavelmente vestido, que fora anos antes.

— De que é que está a falar? — perguntou Gabriela.

— Sabem muito bem do que é que eu estou a falar. Não se façam de parvos! Já o fizeram há demasiado tempo!

Gabriela recuou, abanando a cabeça, e Hugo soltou uma gargalhada escarninha.

— Oh, sim, lá que se fizeram de parvos, fizeram, mas já não fazem mais. Já toda a gente sabe quem vocês são.

— Está a falar do Francisco? — murmurou Daniel.

— Não, idiota! Estou a falar do Rúben Santos e de todos os miúdos que vocês maltrataram anos a fio!

— Como é que descobriu que nós...

— Não era assim tão difícil juntar dois mais dois, Gabriela — acusou Hugo, destilando sarcasmo. — Vocês eram o grupinho mais popular da escola, armados em deuses entre os mortais, e ele era o alvo mais fácil a abater, o miúdo que andava sempre sozinho, sem ninguém para o defender.

— Não é assim tão óbvio. Qualquer pessoa podia maltratá-lo — disse Alexandre.

— Não, não podia. E, quando o confrontei, ele contou-me tudo.

— Mas se sabia o que se passava, porque é que não fez nada? — inquiriu Daniel.

O jogo virou com aquele argumento e, de repente, Hugo perdeu toda a presunção. Recuou, com um desconforto notório, e começou a tremer da cabeça aos pés.

— O Daniel tem razão — interveio Mariana. — Se sabia aquilo que o Rúben e os outros miúdos passavam connosco e não fez nada para os defender, foi nosso cúmplice.

— Não digas disparates! — silvou Hugo, apontando-lhe o dedo. — É mentira!

— Ai é? Porque não me parece que tenha feito nada para os ajudar!

— Eu queria fazer, mas ele não deixava!

— Ele quem? O Rúben? — perguntou Gabriela.

— Sim! Sim, ele não me deixava fazer nada!

Alexandre não sabia o que era mais absurdo: um antigo professor de secundário que não aparentava fazer mal a uma mosca andar a espiá-los ou ter-se deixado subjugar por um aluno com metade da sua idade e nem um décimo da sua autoridade.

— Isso é a maior tanga que já ouvi — acusou Daniel.

— É a verdade!

— Vai tentar convencer-nos de que um miúdo escanzelado de 17 anos tinha poder suficiente sobre si para o manter calado, se quisesse ter dito alguma coisa? — barafustou Mariana, a ganhar terreno sobre ele.

— É a verdade... é a verdade, não importa o que digam...

— Mesmo que o Rúben o tivesse proibido, porque é que a sua consciência não falou mais alto e não o obrigou a ir ao diretor Barroso contar o que nós lhe fazíamos? — insistiu Alexandre.

— Porque não tinha provas! — bradou Hugo, levantando os braços ao ar. — Não tinha como provar aquilo que ia dizer!

— As nódoas negras do Rúben não chegavam? — provocou Mariana.

— Não! Ele disse que negava tudo se me atrevesse a contar a

alguém! E sem ele confirmar que tinham sido vocês a fazer-lhe aquilo, ia ser a minha palavra contra a vossa! De que é que valia?

— Valia sempre alguma coisa. O diretor Barroso mais depressa acreditaria em si do que em nós — acusou Gabriela.

— Não, não acreditaria. Principalmente sendo eu contra o Francisco, o maldito menino de ouro!

Havia tanto ódio na voz dele que Alexandre se arrepiou.

Aquilo não era a simples animosidade que qualquer pessoa sentiria por um *bully*. Havia ali algo mais, e assim que Hugo se apercebeu de que ele estava a chegar lá, apressou-se a erguer o escudo.

— Não fazem ideia da quantidade de vezes que quis ir ao gabinete do Jorge contar-lhe o que sabia, mas não valia de nada se não tivesse o aval do Rúben. E aquele idiota preferiu continuar de boca fechada, a levar pancada dia após dia, em vez de se revoltar!

— Ele era só um miúdo — defendeu Gabriela. — Sentia-se sozinho e achava que ninguém o defenderia. Por isso é que nos deixava continuar a fazer-lhe aquilo.

— E vocês eram uns imbecis! — rugiu Hugo. — Como é que podiam fazer-lhe aquilo?

— Não acha que já tivemos tempo suficiente para olhar para trás e perceber os idiotas chapados que éramos? — ripostou Daniel. — Mas agora é tarde para voltar atrás.

— Pois é. Principalmente para o Francisco.

Alexandre cravou as unhas nas palmas das mãos para conter a vontade de o esmurrar.

— Não se atreva a falar dele — ciciou, e Mariana pousou-lhe uma mão no braço para o impedir de avançar mais.

— Oh, agora já tanto faz que fale dele ou não! — riu-se Hugo. — Não é como se ele me fosse fazer alguma coisa, pois não?

— Não, mas fazemos nós, se for preciso.

— Isso é uma ameaça, Daniel? Olha que os papéis ainda acabam a inverter-se e posso eu ir à polícia acusar-vos de ofensa à integridade física.

— Vamos ver se tem tomates para o fazer.

— Duvidas?

— Duvido. Até porque vai ser giro ver em quem é que a polícia

acredita quando lhes mostrarmos as gravações das câmaras de segurança e eles virem que tivemos de nos defender quando invadiu propriedade privada.

Alexandre sabia que era *bluff*. Eduardo falara durante imenso tempo em instalar um sistema de videovigilância na quinta, mas nunca chegou a fazê-lo. Porém, Hugo não sabia, e o pânico que lhe toldou o olhar quase lhe deu vontade de rir.

Nunca deixava de o surpreender como algumas pessoas conseguem ter mais garganta do que tudo o resto.

— Quer um conselho, professor? — provocou Mariana, com aquele sorriso de víbora que cobria sempre Alexandre de pele de galinha. — Dê meia-volta, volte a meter o rabinho entre as pernas como fez até agora e pare de se meter na nossa vida.

Uma faísca atravessou o olhar de Hugo, mas até ele já chegara à conclusão de que estava em desvantagem. De nada valia continuar ali a embaraçar-se, por isso começou a recuar pela estrada, não sem antes lhes apontar o dedo aos rostos uma última vez.

— Gozem agora à vontade, mas quem ri por último, ri melhor.

— E vai ser o professor a rir, é? — provocou Alexandre.

— Podem crer que vou! Porque, no fim, vocês vão ter todos o que merecem. O Francisco já teve e vocês são a seguir!

Daniel tinha começado a avançar direito a ele, mas Gabriela travou-o.

— Não, deixa-o ir. Não te dês ao trabalho.

— Vamos mesmo deixá-lo ir-se embora? — insistiu Alexandre.

— Vamos. Temos coisas mais importantes a fazer do que defender-nos de parvoíces destas — declarou Gabriela.

— Exatamente. Aliás, se começarmos a responder a todos os que nos acusam daquilo que fizemos ao Rúben, não faremos mais nada o resto da vida — acrescentou Mariana.

Alexandre não podia negar o alívio que sentia por as ver de novo em concordância, mas preferia que fosse outro o motivo do alinhamento dos planetas.

Ainda assim, e porque Hugo já entrara para o carro, estacionado a poucos metros dali, afastando-se a toda a velocidade em direção à curva ao fundo da estrada, deixou que elas os arrastassem de novo para dentro de casa.

Estavam todos encharcados, por isso concordaram em ir secar-se e trocar de roupa. Quando voltaram a reunir-se no vestíbulo, supostamente para retomarem a análise dos conteúdos dos caixotes de Francisco, Gabriela surpreendeu-os ao pegar no casaco que tinha pendurado no bengaleiro de parede e começar a vesti-lo.

— Vais a algum lado? — perguntou Alexandre.

— Vou. E gostava que viessem comigo.

— Onde?

— A casa do Nelson Machado. Preciso de esclarecer esta maldita história com ele.

Capítulo 48

Talvez viesse a revelar-se um erro, mais um entre tantos, mas Gabriela ainda não o via assim. Tentara negá-lo, e de seguida ignorá-lo, como era sempre do seu instinto fazer, mas tornou-se óbvio que era um passo imprescindível a tomar antes de poder voltar a focar-se no presente. Um fio do novelo do passado que nem sabia que estava solto há tanto tempo, mas o qual precisava de atar para não vir a tropeçar nele mais tarde.

Não mentira ao dizer que queria passar à frente daquilo que descobrira sobre Nelson Machado e sobre a festa em casa dele. Na altura, acreditava que era a melhor decisão a tomar. Deixar o passado lá atrás, especialmente um passado que não a perturbara até aí por nem saber da sua existência.

Só que, após o confronto com Hugo Gonçalves e o instante em que ficara sozinha no quarto para trocar de roupa, dera por si a pensar em Nelson. Não se lembrara dele uma única vez ao longo daqueles anos, porque fora apenas mais um entre tantos colegas de escola, numa época já demasiado longínqua para se lembrar com exatidão do seu tom de voz ou do seu rosto. Agora, todavia, este enchia-lhe a mente, tão nítido que se tornava quase palpável, e Gabriela tinha a certeza de que enquanto não o confrontasse com aquilo que ele lhe fizera, apenas conseguiria acrescentar mais um tema ao leque que já lhe povoava os

pesadelos.

Deixar assuntos por resolver não os ajudara em nada, por isso, não, desta vez não se limitaria a enterrar a cabeça na areia. Enfrentaria Nelson como Rúben devia tê-los enfrentado, e como Hugo devia ter enfrentado Rúben, e reassumiria o controlo da sua vida antes que esta descarrilasse ainda mais.

Ao descer as escadas e começar a vestir o casaco, não se deixou demover pelo espanto que Alexandre e os outros mostraram pela sua decisão.

— Tens a certeza de que é boa ideia? — perguntou Daniel, segurando-a pelo braço para a impedir de alcançar a porta.

— Não preferes parar um pouco e pensar no assunto? — juntou-se Alexandre.

— Já pensei o suficiente. Preciso de resolver o que se passou com ele, senão não vou ter descanso.

Para sua surpresa, foi Mariana quem avançou para se colocar diante dela e lhe lançar o olhar mais compassivo dos três.

— Não vai ser um encontro fácil. Tens noção disso, não tens?

— Tenho.

— E sentes-te preparada para lidar com todas as reações que o Nelson pode ter, certo? Mesmo que ele desdenhe da situação e se ria na tua cara?

Anuiu, desejando acreditar tanto naquilo quanto queria dar a entender. No fundo, nem sabia quem estaria a tentar enganar mais, a Mariana ou a si própria. Mas Mariana, claro, não se deixou enganar. Gabriela temeu que ela a denunciasses e obrigasse a desistir da ideia, mas, fosse por genuína solidariedade ou mera vontade de a fazer sofrer mais um pouco, como paga pelo que acontecera naquela noite entre ela e Francisco, acabou por aquiescer e pegar também no seu casaco.

— Esperem, vá lá, têm mesmo a certeza de que querem fazer isto? — insistiu Daniel, com os olhos inundados de receio.

— Sim, temos.

— Ela não vai sozinha. Vai ter-nos com ela — defendeu Mariana, tornando a virar-se para Gabriela. — Mas se mudares de ideias e não te sentires capaz de fazer isto, em qualquer momento, dizes-nos e vimos embora, combinado?

Gabriela aquiesceu.

Foram no carro de Alexandre, com Daniel sentado à pendura, a dar-lhe as indicações do trajeto, e Gabriela e Mariana no banco de trás. A casa de Nelson Machado ficava em Ponte do Rol. Teriam levado menos de um quarto de hora a percorrer o trajeto da quinta até lá, mas o temporal que se abatia sobre a região obrigava Alexandre a seguir a uma velocidade mais prudente. Os limpa-para-brisas mal faziam frente à carga d'água que se abatia sobre o vidro, impedindo-os de ver mais do que meia dúzia de metros adiante na estrada. Sempre que Alexandre acelerava um pouco mais que o necessário, Mariana dava-lhe uma palmada leve no ombro, obrigando-o a abrandar. Daniel tentava disfarçar o nervosismo com o fumo dos três cigarros que devorou de seguida, ignorando o olhar de censura de Mariana. Gabriela nem se dava ao trabalho de reclamar. Se ele precisava daquilo para manter a cabeça no lugar, por uma vez que fosse, não o recriminaria.

A moradia de dois pisos de Nelson ficava numa esquina e era evidente que necessitava de alguma manutenção. Pouco guardava da imponência que Gabriela recordava da época da festa que Nelson ali dera. Um carro, quase tão degradado quanto a casa, estava estacionado frente ao portão. A cor original devia ter sido vermelho, mas que estava agora tão coberto ferrugem e pó que era difícil determinar.

— É aqui. Acham que ele está em casa? — perguntou Mariana.

— Este deve ser o carro dele, a menos que ainda viva com os pais — disse Gabriela.

— Só vive com a mãe. O pai morreu de cirrose há uns anos, disse-me o amigo que me deu a morada — partilhou Daniel.

— Então, é capaz de ser o carro dele — concordou Alexandre, e virou-se para trás no banco. — Tens a certeza de que queres fazer isto? Ainda vamos a tempo de...

— Não — confirmou Gabriela. — Já tomei a minha decisão.

Como se até o Universo estivesse do seu lado, a chuva começou a abrandar nesse instante. Rendendo-se à perseverança de Gabriela, os restantes também colocaram os capuzes nas cabeças e saíram para a rua.

O portão da casa dos Machado estava apenas encostado ao trinco.

Ainda tocaram à campainha antes de entrarem, mas não tiveram resposta. Encaminharam-se para as escadas e para a porta, abrigando-se sob o beiral do telhado. O temporal estava a transformar-se numa chuvinha miúda, ainda incomodativa o suficiente para os apressar. E sem querer que ninguém assumisse a responsabilidade pela sua ideia, Gabriela ergueu a cabeça, reuniu coragem e tocou à campainha.

Ninguém veio à porta. Gabriela lançou um olhar ansioso a Mariana, a única que não tentaria persuadi-la já a desistir e a voltar para o carro. Ela acenou-lhe, encorajando-a a tentar de novo. Foi o que fez, apenas para voltarem a ficar à espera num silêncio que se tornava mais suspeito a cada segundo.

À terceira, foi de vez. Gabriela ainda mal descera a mão do botão quando ouviram uma chave a rodar no trinco e a porta a ser aberta, para revelar uma figura que nenhum deles esperava do outro lado.

Porque a imagem que os quatro mantinham de Nelson Machado era a do tipo altivo e confiante, um autêntico modelo com um sorriso impecável e o olhar de quem não tem medo de nada.

Agora era um enorme oposto que se afigurava diante deles.

Curvado para a frente, como se mal se aguentasse nas pernas bambas, com uma *T-shirt* imunda, manchada com três nódoas e a feder a cerveja, e o olhar encovado e barba de pelo menos uma semana, Nelson parecia ter acabado de se levantar — se da cama ou do chão, Gabriela não conseguia dizer.

— Gabriela? — balbuciou, com os olhos ramelosos a pestanejarem de incredulidade.

— Sim, sou eu.

— Ena pá! Nunca mais soube nada de ti!

Um sorriso imbecil desenhou-se-lhe nos lábios e, de repente, as memórias daquela festa pareceram muito menos distantes.

— Olá, Nelson — disse Daniel.

— Tu também? — o sorriso desfez-se num esgar de confusão. — Não sabia que ia ter visitas, senão tinha...

— Não te tinhas enfrascado tanto? — provocou Alexandre.

O que quer que restasse de boa-disposição no olhar de Nelson desfez-se ao reparar também nele e em Mariana. Ao tornar a virar-se para Gabriela, o olhar chispava.

— O que raio é que estão todos aqui a fazer?

— Precisamos de te dar uma palavrinha — disse Daniel, piscando-lhe o olho.

— É sobre uma certa festa há uns onze anos, sabes? — completou Alexandre.

— Não, pá, sei lá de que festa estão a falar...

— Se quiseres, ajudamos-te a lembrar. Foi uma festa que deste aqui em casa e na qual quase violaste a Gabriela — declarou Mariana.

Gabriela sentiu um arrepio subir-lhe pelas costas ao ouvir a palavra. Tinha consciência de que era disso que se tratara, mas ainda lhe era inconcebível ouvir-se associada àquele termo.

Nelson, por seu lado, parecia mais confuso que nunca.

— De que raio é que estão a falar?

— Não te lembras mesmo? — perguntou Gabriela, esforçando-se por não deixar a emoção abafar a voz.

— Não, pá... ya, lembro-me de ter dado uma festa, mas foda-se, não te fiz nada, Gabi, acho eu...

— Temos provas de que o fizeste — acusou Mariana.

— Mas quais provas? A sério, não sei que diabos se está a passar, mas não me lembro de...

— Eu também não, mas encontrámos um caderno do Francisco onde ele contou o que se passou nessa festa. Escreveu que me encontrou contigo no quarto dos teus pais. Eu estava extremamente bêbeda, tu também, provavelmente, por isso é que não te deves lembrar. E ele escreveu que estavas quase a...

Não precisava de completar a frase. Aquilo bastou para Nelson quase cair de joelhos. Olhou à sua volta, atordoado, passou a mão pelo cabelo e começou a abanar a cabeça, a aumentar a velocidade e a confusão a cada segundo.

— Não... Pá, não pode ser... É mentira, de certeza que é mentira...

— O Francisco não mentiria sobre uma coisa destas — defendeu Mariana.

— Como é que sabem? E onde diabos é que foram agora desencantar esse caderno?

— Estava guardado com várias coisas dele dos tempos de escola. Temos estado a ler tudo para tentar encontrar alguma pista sobre o que lhe aconteceu.

Foi como se alguma luz se acendesse no meio do fumo que lhe enchia a mente e as peças do *puzzle* comesçassem por fim a encaixar-se.

— Ya, pois é! Vi nas notícias no outro dia que o encontraram no cemitério.

— A polícia está a tentar descobrir quem o matou e nós estamos a ver as coisas dele para ver se surge alguma pista sobre o motivo da morte. Não precisavam de reear dar-lhe demasiada informação. De certeza que daí a um par de horas Nelson cairia redondo no sofá ou no tapete e, ao acordar, nem se lembraria de que eles ali tinham estado.

— Então, mas o Francisco escreveu sobre a festa aqui em minha casa, é isso? — concluiu Nelson, a coçar os olhos e a puxar tanto pela cabeça que Gabriela quase conseguia cheirar o fumo a sair-lhe das orelhas.

— Sim. E diz que tu e a Gabriela se envolveram, que a levaste para o quarto dos teus pais e ias abusar dela — completou Mariana.

— Eu não... Gabi, a sério, não me lembro mesmo disso, mas se for verdade e tiver mesmo acontecido, desculpa... — balbuciou, avançando um passo para ela.

Daniel puxou-a para longe do seu alcance e isso, mais que qualquer acusação verbal, funcionou como uma bofetada de realidade em Nelson.

— Juro que não sabia disto, malta, a sério. E desculpa, Gabi.

— Estás mesmo a falar a sério? Não te lembras? — insistiu Alexandre.

— Não! Juro, pá! E também, quem não tiver telhados de vidro que atire a primeira pedra! Não fizemos todos parvoíces quando éramos novos?

— Nenhum de nós tentou violar outra pessoa! — bradou Mariana.

— Epá, pronto, parabéns para vocês! — ripostou Nelson, erguendo as mãos. — Devo ter bebido de mais, sei lá... mas claro que não devia ter feito nada que não quisesses, Gabi...

— Obrigada. Precisava de ouvir isso.

— Se o Francisco não tivesse entrado no quarto quando entrou, terias dado cabo da vida da Gabriela. Tens noção disso? — alertou Alexandre.

— Tenho! E já percebi que fui um imbecil! Desculpem, 'tá?

Gabriela já ouvira o suficiente e só queria ir-se embora, mas tinha

ainda uma dúvida que não lhe daria descanso se não visse resolvida.

— Sabes alguma coisa sobre o que aconteceu ao Francisco?

Nelson tornou a pestanejar, como se a clarividência de há instantes já estivesse a dissolver-se. Contrariando toda a lógica e bom senso, Gabriela agarrou-lhe o braço e puxou-o mais para si.

— Se sabes alguma coisa sobre a morte dele, tens de nos dizer!

— Não sei nada, pá! — reclamou Nelson, libertando-se com um safanão. — E porque é que havia de saber, afinal?

— O Francisco escreveu que o ameaçaste de morte depois de ele vos ter interrompido. Ameaçaste-o e ficaste lixado com ele por ter dado cabo do que planeavas fazer com ela — acusou Daniel.

— EU NÃO O MATEI, CARALHO!

— Calma, ninguém disse isso... — tentou Gabriela dizer, mas ele nem a ouviu.

— Olhem que grande moral a vossa, virem pôr-se à minha porta a inventar merdas sobre mim, quando se calhar essa merda desse caderno nem sequer existe e inventaram isto tudo para tentarem pôr-me as culpas em cima! Está tudo louco?!

— Ninguém está louco, mas o Francisco e tu não ficaram propriamente os melhores amigos depois daquela noite — insistiu Alexandre.

— MAS TAMBÉM NÃO O MATEI!

— Mas sabes quem matou! — insistiu Alexandre.

— NÃO, NÃO SEI!

— Malta, vamos embora — avisou Mariana.

O olhar dela subia e descia a rua, vendo as janelas que começavam a abrir-se, com os vizinhos mais coscuvilheiros, atraídos pela gritaria, a prepararem-se para o espetáculo. Gabriela percebeu a sua urgência em tirá-los dali, mas Nelson, Alexandre e Daniel estavam demasiado concentrados na competição de testosterona para lhes darem ouvidos.

— Vamos — ordenou então, agarrando Alexandre pelo braço. — O Nelson já disse que não sabe de nada, por isso não precisamos de insistir.

— Mas e se souber e não quiser dizer? — acusou Daniel.

— SE SOUBESSE, JÁ TINHA DITO À POLÍCIA, PÁ!

— É bom que sim. É mesmo bom que sim — ameaçou Alexandre.

— PIREM-SE DAQUI MAS É! — berrou Nelson, acenando para o portão. — E não voltem a pôr aqui os pés, senão quem vai à polícia sou eu!

Com um puxão mais forte, Gabriela conseguiu finalmente chamar a atenção a Alexandre e o olhar que lhe lançou deixou claro que tinha de obedecer. A contragosto, ele anuiu e puxou Daniel consigo para seguirem Mariana pelos degraus abaixo. A porta fechou-se com estrondo nas costas deles e ecoou no corpo de Gabriela com igual força, acelerando-lhe o passo. A chuva intensificara-se e o casaco pouco a protegeu no caminho até ao carro, onde não chegou a entrar ao ouvir Mariana arquejar de choque.

— O que foi?

Seguiram-lhe o olhar e repararam que se fixara num carro do outro lado da estrada, algumas casas acima da de Nelson.

— O que foi, Mariana? — perguntou Daniel, contornando o carro para se aproximar dela.

Mariana parecia nem dar pela chuva que corria por ela abaixo, ensopando-a até aos ossos. Gabriela apercebeu-se de repente, com um sobressalto, de que estavam a olhar para um *Renault Clio* cinzento.

Antes que pudesse abrir a boca, a porta da casa em frente à qual o carro estava estacionado começou a abrir-se, revelando uma escuridão profunda do outro lado.

— Entrem no carro. ENTREM, AGORA! — gritou Gabriela, abrindo a porta do banco de trás.

A urgência na sua voz foi suficiente para fazer Alexandre entrar logo. Daniel também despertou do choque a tempo para abrir a porta do lado do pendura e empurrar Mariana lá para dentro, correndo a seguir para o banco de trás. Fechou a porta com estrondo, enquanto Alexandre pressionava o acelerador e se lançava rua fora, mas Gabriela não conseguiu conter-se e voltou-se para trás no banco, para olhar pela janela.

O *déjà-vu* desenrolou-se como um filme de terror: Rúben Santos parou sob o umbral da porta, de braços cruzados e cenho franzido de ameaça, o olhar mais negro que ela alguma vez vira, e ficou a ver o carro deles deslizar pela estrada alagada, até acabar por voltar para dentro e fechar a porta.

Capítulo 49

Era um carrossel. Por mais que Mariana puxasse pela cabeça, não havia outra forma de o ver. Estavam num carrossel desgovernado que nunca pararia de girar.

De cada vez que julgava estar a aproximar-se do fim da música e da hora de descerem dos cavalinhos, eis que uma nova volta começava. Queriam escapar, mas não tinham como. Continuavam apenas a girar e a girar em torno do imbróglio cada vez maior que era o caso de Francisco.

Alexandre estacionou ao lado da carrinha de Daniel, junto ao anexo da quinta. A chuva abrandara o suficiente para lhes permitir saírem e correrem para dentro de casa sem tornarem a ficar ensopados.

— OK, não sou o único a achar que é uma coincidência demasiado grande o Nelson e o Rúben serem vizinhos, pois não?

— Não. Não há coincidências assim tão grandes — confirmou Mariana.

— Então, acham que o Nelson pode ter estado envolvido na morte do Francisco? — indagou Gabriela, deixando as mãos caírem no colo.

— Não seria a hipótese mais descabida com que já lidámos — alertou Alexandre.

— Não consigo perceber como é que nunca nos demos conta de

que há tanta gente ligada ao Rúben — admitiu Mariana. — Parece que quanto mais andamos, mais relações descobrimos entre ele e toda a gente que teria motivos para querer fazer mal ao Francisco!

— Sim, se não me falham as contas, temos de incluir o Norberto, o padre Emanuel, o professor Hugo e agora até o bronco do Nelson! — disse Daniel, contando pelos dedos.

— E sem conseguirmos encontrar provas de que tenha sido algum deles — completou Alexandre.

Ninguém tinha como negar aquilo. Alexandre recostou-se no sofá. Gabriela voltou a esconder a cara nas mãos, mais para amparar a cabeça, que não parecia ter forças para sustentar, do que por precisar de se esconder deles. Até Mariana sentiu vontade de se sentar por uns instantes e baixar os braços, já que de nada parecia valer mantê-los em ação.

No fim, para sua surpresa, foi de Daniel que veio o ímpeto para continuarem.

— OK, não nos vale de nada ficar para aqui a puxar pela cabeça. Vamos tirar o resto da tarde e logo à noite voltamos aos caixotes do Francisco e vemos se encontramos mais alguma coisa, pode ser?

— Concordo — disse Alexandre, apanhando Mariana de surpresa. — Acho que podemos aproveitar para dar um salto a Lisboa. Preciso de ir ao escritório acertar uns pormenores com a minha equipa e tu podes ir ao hospital ver se também precisam de ti.

— Sim, é uma boa ideia. Vamos então, já não é cedo.

Gabriela e Daniel disseram que se encarregariam do que era preciso tratar na quinta enquanto eles estivessem fora. Combinaram reunir-se para jantar, já com João Paulo e Sandra. Alexandre e Mariana tornaram a ir buscar os casacos e a dirigirem-se ao carro dele.

Mariana sabia que Alexandre não queria somente voltar ao escritório para se certificar de que a sua ausência não estava a colocar a sua posição em risco. No fundo, também via ali uma oportunidade de os tirar por umas horas de debaixo da tensão que sentiam perto de Daniel e Gabriela. Já não eram obrigados a passar tanto tempo juntos há demasiados anos para agora o conseguirem fazer sem esforço. Quanto mais vezes pudessem aproveitar para ficarem a sós, melhor.

Regressaram à quinta ao final da tarde. A chuva dera-lhes finalmente tréguas. O céu ainda estava cinzento-chumbo, mas pelo

menos já só restava o permanente cheiro a terra molhada. Alexandre avisou que ia dar uma mão a Daniel, que estava na cozinha a adiantar o jantar. Mariana deixou-o ir e foi encontrar Gabriela no jardim das traseiras, ajoelhada diante do canteiro dos girassóis. Tinha as luvas verdes postas, o avental amarelo de Emília vestido e o cabelo apanhado numa trança à qual o vento do crepúsculo não dava tréguas. Deu pela sua chegada assim que Mariana passou da porta das traseiras, a qual deixou encostada antes de se dirigir a ela.

— Tens por aí uma tesoura a mais?

Mariana ajoelhou-se ao seu lado, sem sequer se importar de sujar as calças de fato beges de terra e lama, e tentou imitar-lhe o movimento seguro no corte das folhas murchas e no arrancar das ervas daninhas.

Durante muito tempo, não disse nada. Aproveitaram o melhor possível a última luz do dia, antes de Daniel se ver obrigado a acender os candeeiros de exterior para lhes permitir continuarem a tratar das flores. Gabriela ia-lhe deitando olhares de viés, dividida entre a vontade cada vez maior de questionar o que estava ali a fazer e a gratidão de a ter ao seu lado. Ao fim de algum tempo, o silêncio tornou-se incómodo até para Mariana.

— Estou cansada — confessou, virando-se para ela. — Cansada de tudo o que estamos a passar por causa do Francisco. Cansada de ter de me levantar todos os dias da cama quando tudo o que quero é ficar lá escondida. Cansada de ouvir perguntas sobre o bebé que me obrigam a voltar a pensar nele, porque isso custa-me mil vezes mais do que tentar esquecer-me de que algum dia estive grávida. Cansada de que toda a gente me olhe de lado pelos erros que cometi há tanto tempo e que gostava de poder corrigir, mas não posso, porque o tempo não volta atrás. E cansada de estar chateada contigo.

Gabriela baixou o olhar para o canteiro e cortou uma pequena folha amarelada, deixando-a cair na terra.

— Achava que ia ficar assim para sempre — murmurou Mariana —, mas a verdade é que estou cansada de estar chateada contigo. Exausta, para dizer a verdade. O que fizeste foi horrível, sim, e vai continuar a custar-me pensar nisso, mas caramba, eu também cometi erros. Fizemos todos mal uns aos outros a certa altura, e ficar presos à vontade de nos obrigarmos a pagar por eles não nos vai ajudar em

nada a lidar com o que agora temos em mãos. E a verdade é que... custa-me demasiado estar assim contigo. Tive demasiadas saudades tuas. Saudades daquilo que éramos quando ainda aqui vivíamos. E percebi que elas falam mais alto do que o rancor.

Durante uma eternidade, Gabriela não conseguiu reagir. Quando Mariana já começava a ensaiar o que diria a seguir, Gabriela puxou-a para si e deu-lhe um abraço apertado.

Depois, voltaram a concentrar-se nos girassóis, com a certeza de que Emília, onde quer que estivesse, ficaria orgulhosa delas.

Capítulo 50

Daniel não fazia ideia do que Mariana e Gabriela tinham conversado na tarde anterior, enquanto estavam no jardim a tratar dos canteiros da mãe dele, mas, fosse o que fosse que se tivesse passado, tinha transformado radicalmente o ambiente entre as duas.

Não é que parecessem menos cansadas, pelo menos fisicamente. Tinham acordado com olheiras enormes, que nenhuma das duas tinha tentado esconder com maquilhagem, e era óbvio que gostavam de poder ter continuado na cama ou de estarem em qualquer lugar que não ali. Não podia culpá-las. No entanto, e embora ainda estivessem irritadiças, pareciam ter feito as pazes, e isso era o mais importante. Daniel tinha esperado tanto por esse momento que, agora que se tinha concretizado, quase nem acreditava no que estava a ver.

Alexandre entrou na cozinha pouco depois, ainda a apertar os botões de punho da camisa. Também parecia cansado e maldisposto. Daniel decidiu que para quebrar o silêncio que se instalara a televisão serviria, nem que fosse como ruído de fundo vindo da sala de estar. Mas, para cúmulo do azar, assim que a ligou estava a dar uma peça sobre Francisco, com o repórter a falar num tom que deixava claro que, pelo menos para ele, os culpados já tinham sido encontrados e estavam reunidos naquela mesma cozinha a preparar as torradas e o café para o pequeno-almoço.

Daniel mudou para outro canal, cansado de ouvir o chorrilho de disparates que o jornalista dizia.

Puseram uma toalha azul-clara na mesa, trouxeram pratos e as canecas preferidas de cada um — o serviço de louça do dia a dia de Emília continuava intacto e tinha pratos e canecas mais que suficientes para os quatro, mas, desde que chegaram, Mariana, Alexandre e Gabriela tinham escolhido, talvez sem pensar, uma caneca específica para cada, que usavam todas as manhãs, e que em nada condizia com as restantes — e trouxeram o café e as torradas a seguir. Sentaram-se em volta da mesa e começaram a comer em silêncio, mas já sem a tensão que parecia acompanhá-los desde o início. Talvez o bom tempo ajudasse a levantar-lhes o ânimo. Era quase um milagre que estivesse um dia tão bom, tendo em conta o da véspera, mas não havia realmente qualquer ameaça de nuvens no céu. O sol entrava pelas janelas, abertas de par em par, inundava a divisão e fazia-os cintilar. Daniel quase acreditou que estava tudo bem. Que era apenas mais uma manhã de paz e sossego. Que eram apenas as versões adultas dos miúdos que tinham sido um dia e que continuavam amigos, continuavam a juntar-se ali na quinta, nem que fosse apenas para os pequenos-almoços de fim de semana. E Francisco devia estar atrasado, como sempre, mas não tardaria a tocar à campainha.

Daniel pestanejou, voltou ao presente, e a ilusão desfez-se.

— Estás bem, Dan? — balbuciou Gabriela, tão baixinho que ele mal a ouviu, entre dois goles de café.

Acenou discretamente, pedindo-lhe para não chamar a atenção de Alexandre e Mariana, mas eles pareciam nem ter dado por aquele aparte.

— Acho que devíamos chamar cá a tal jornalista do *Público* que quer falar connosco — disse Mariana, chamando as atenções de todos. — Podemos começar a contar-lhe o que já sabemos, pelo menos.

— Achas que é boa ideia? Não devíamos deixar o caso chegar ao fim e, depois, então falar com ela e contar-lhe tudo? — sugeriu Gabriela.

— Não. Ela não vai esperar muito mais tempo, vai começar à procura de confirmação para aquilo que quer publicar através de outras pessoas, se não nos disponibilizarmos para falar. Além disso,

não vamos fazer-lhe a papinha toda: ela quer falar connosco para ter uma noção do nosso passado com o Francisco, dos tempos de escola, da nossa relação com ele, etc., etc. De resto, para as informações sobre a investigação propriamente dita, de certeza que está a falar com a PJ e a GNR — concluiu Mariana.

— Não é que tenha grande vontade de ver a minha vida escarrapachada nas páginas dos jornais, mas se acham que é boa ideia, vamos lá — cedeu Alexandre.

— Não vamos escarrapachar nada — garantiu Mariana. — Se não nos sentirmos confortáveis com alguma parte, não lhe contamos.

— Então, basicamente, nem vamos abrir a boca — resmungou Daniel.

— Vamos. E temos de falar do *bullying*, do Rúben e de tudo o que se passou na escola — disse Gabriela, erguendo a mão para calar o protesto dos rapazes. — Eu sei, eu sei, escusam de me olhar assim, não fico mais contente com isto do que vocês. Mas sabem quão importante é podermos dar a nossa versão dos factos.

— A Gabi tem razão. A esta altura, de certeza que ela também já foi falar com o Rúben e já tem a dele — concordou Mariana.

— Exato. Por isso, é uma oportunidade de nos podermos... OK, não diria *redimir*, mas pelo menos apresentar publicamente as nossas desculpas — acrescentou Gabriela. — É importante as pessoas perceberem que até mesmo quem foi um idiota de primeira no passado pode arrepender-se e mudar.

— Acho que tens razão — disse Mariana. — Se concordámos em dar o nosso testemunho, e se ela quer mesmo fazer um perfil de fundo sobre o Francisco, mais vale que sejamos o mais honestos possível... porque a verdade tem de vir à tona. Mesmo aquela que nenhum de nós gosta de enfrentar.

— Então, acham bem chamá-la cá à tarde? — perguntou Alexandre.

— Por mim, pode ser — disse Gabriela.

Daniel percebeu que de nada valia chorar sobre o leite derramado e limitou-se a continuar a comer em silêncio.

O telemóvel começou a vibrar-lhe no bolso. Era Josefa Soares.

— Bom dia, dona Josefa.

— Olá, filho, bom dia! Como é que estás?

— Vai-se andando. E a senhora?

— Olha, cá vou andando também. Mas liguei-te porque eu e o Américo precisamos de ajuda.

— Aconteceu alguma coisa ao Américo?

— Não, não, calma! É só que ele escangalhou o aspersor da rega das couves e não sabe o que há de fazer. Não podes vir cá dar-lhe uma mãozinha?

Daniel deitou uma olhadela ao relógio de parede. Passava pouco das dez da manhã, mas duvidava que estivesse despachado antes do almoço, e Josefa e Américo insistiam sempre para ele lá almoçar quando ia ajudá-los com qualquer coisa.

— Não te pedia se não fosse importante, filho, que deves estar com muita coisa em mãos aí na quinta, mas vai ser um dia perdido se não arranjarmos o raio do aspersor... — insistiu Josefa, quase a implorar.

— Está bem, está bem, vou já para aí, não se preocupe. Diga só ao Américo para não mexer mais no aspersor, está bem?

— Ai, obrigada, filho, ainda bem! Até já!

Desligou e virou-se para os outros, ainda a acabarem de levantar a mesa.

— Vou ter de ir à quinta dos Soares dar uma vista de olhos ao aspersor deles. Acho que o Américo fez para lá qualquer coisa e agora não se sabe desenvençar.

— Os Soares não moram naquela quinta com o portão amarelo, quando se vem na estrada para aqui? — perguntou Gabriela.

— Sim, é essa mesma — confirmou Daniel.

— Posso ir contigo? Aproveito e dou um beijinho à Josefa. Ela é que me fazia sempre os bolos de aniversário e dos gêmeos — disse Gabriela.

— Claro, mas não devemos estar de volta antes do almoço, está bem? Eles insistem em convidar-me para comer com eles, sempre que lá vou.

— Não há problema, vão lá — incitou Alexandre, acenando para a porta. — Nós cá nos arranjamos. Eu vou aproveitar para trabalhar durante a manhã.

— E eu vou dar um jeito aos quartos. Já estão a precisar — disse Mariana.

— Preferes que fique contigo? — ofereceu-se Gabriela. — Quatro mãos sempre trabalham mais depressa...

— Não, não, vai lá com o Daniel, assim vou manter-me ocupada o resto da manhã. E não se preocupem, não ligamos à Leonor Marques até vocês voltarem.

Daniel e Gabriela beberam um último café cada, foram buscar os casacos e saíram. O dia estava tão bom que quase podiam ter feito o caminho a pé, para esticarem um pouco as pernas, mas Daniel não sabia se Gabriela se aguentaria tão bem como ele. Quando eram novos, detestava tanto as aulas de Educação Física — e tudo o que envolvesse desporto ou a fizesse suar — que desconfiava que, mesmo com os anos, era provável que continuasse a não ser grande adepta de exercício.

Foram então na carrinha. A quinta dos Soares ficava a menos de um quilómetro da sua e os portões estavam apenas encostados quando chegaram. Foram estacionar ao lado do carro de Josefa, velhinho e quase sem uso, em frente ao alpendre de madeira da casa principal. Josefa veio abrir a porta enquanto eles saíam da carrinha.

— Ai, filho, não me disseste que a Gabriela vinha contigo! — exclamou, como se fosse a rainha de Inglaterra a aparecer em vez dela. — Ai, boneca, estás tão bonita!

Gabriela abafou o riso enquanto se encaminhava para os braços abertos de Josefa. Ela deu-lhe um grande abraço, embalando-a de um lado para o outro, e um beijo ainda mais repenicado do que deu a Daniel, quando chegou a sua vez.

— Vocês estão tão lindos, os dois! — sorriu, apertando-lhe as bochechas ao mesmo tempo. — Ai, o orgulho que o Eduardo e a Emília, Deus os tenha, têm em vocês os dois!

— Esperemos que sim — murmurou Daniel.

— Claro que têm, mas claro que têm! E obrigada por vires, filho, que isto sem ti não se safa! Anda, entrem, entrem, o Américo está lá atrás na cozinha.

Américo virou-se nesse instante da bancada da cozinha e veio abraçar Daniel.

— Obrigado por teres cá dado um salto. Não sei o que raio fiz ao aspensor, mas preciso mesmo de o arranjar.

— Então, vamos lá ver o que se passa.

Deixou Gabriela com Josefa e saiu com Américo. Montou com ele no trator e deixou-o levá-lo até ao aspersor avariado. Américo tinha a mala de ferramentas no trator e passou-lha para o deixar fazer a sua magia.

E, como já contava, assim que resolveu esse problema, Américo começou a listar as outras dores de cabeça que a quinta lhe estava a dar e Daniel não teve coragem de o desiludir. Foi atrás dele para os vários pontos que precisavam de concerto ou de um simples manuseio mais cuidado e, quando deu pelas horas, já estava quase no almoço. Com efeito, Américo disse logo que era melhor voltarem para a casa que Josefa já devia ter o estufado pronto «e não, claro que não vais agora voltar de barriga vazia, onde é que já se viu, a Zefa já fez comida a contar contigo, não a queres ouvir ralar, pois não?».

Almoçaram os quatro, aproveitando para pôr a conversa em dia, e só conseguiram despachar-se já a meio da tarde. De regresso à carrinha, Daniel vinha de estômago demasiado cheio, mas com a cabeça surpreendentemente leve. Nem se dera conta do quanto precisava de sair de casa, de apanhar ar, de pensar noutra coisa que não em Francisco e na investigação, de se preocupar com coisas normais do dia a dia, como aspersores encravados, redes a precisarem de remendo ou prateleiras que meia dúzia de marteladas punham de volta no lugar.

Mas a benesse foi demasiado curta, como sempre, e ainda mal se tinha sentado ao volante quando o telemóvel voltou a tocar.

— Sim, Mariana?

— Ainda estás com os Soares?

— Sim, mas vamos agora mesmo para casa.

— Então venham, por favor. Imediatamente.

A voz de Mariana transmitia um pânico tão forte que, mesmo sem estar em alta voz, Gabriela a ouviu e levou a mão ao braço dele. Daniel olhou-a nos olhos e viu neles o mesmo medo que tinha começado a invadi-lo.

— O que é que aconteceu?

— Descobri uma coisa.

O estômago de Daniel torceu-se. Conteve-se para não olhar para Gabriela, certo de que a reação dela não o ajudaria em nada a sentir-se melhor.

— Por favor, Dan, preciso mesmo que venham para cá — implorou Mariana.

— Estamos a caminho — declarou, antes de desligar a chamada.

Capítulo 51

Mariana abriu-lhes a porta de rompante, sem lhes dar sequer tempo de tocar à campainha, e acenou, impaciente, na direção de Alexandre, que estava de pé, no meio da sala de estar, pálido como um fantasma. Mal esperou que Daniel e Gabriela despissem os casacos e se sentassem no sofá para lhes estender uma sebenta, com os cantos dobrados e as páginas amarelecidas pelo tempo.

— Leiam a página que está marcada.

Daniel engoliu em seco, pegando no caderno como se fosse uma bomba-relógio. Gabriela inclinou-se sobre ele para também conseguir ler.

Não devia ter voltado para trás. Nem sequer devia estar ali ainda àquela hora. O Alex e o Daniel estavam à minha espera, íamos chegar atrasados e tudo, mas quis voltar atrás, meti na cabeça que tinha de ir tirar a dúvida. Porque é que não lhes dei ouvidos? Eles têm sempre razão. Porque é que logo hoje não lhes dei ouvidos?

E agora é tarde de mais. Nunca mais vou conseguir não ver aquilo.

Quando fecho os olhos, ainda estou naquela maldita sala, onde encontrei o Rúben de costas, de joelhos no chão, a sufocar com a pila do Bateman na boca.

Porra, foda-se, porra!

Foi o choque. Sim, a Mariana de certeza que ia dizer que foi o choque

que me deixou feito estátua, à porta, a olhar lá para dentro e sem ser capaz de gritar nem de fugir. Como quando estamos a ver alguém a dar uma queda horrível ou, então, a ver um acidente de automóvel a acontecer. É horrível, é mesmo horrível, mas não conseguimos desviar os olhos. Por isso, continuei só ali especado a vê-lo a agarrar a cabeça do Rúben, a puxar-lhe o cabelo com força para o manter preso enquanto lhe fodia a boca com tanta força que todo ele tremia. E o Rúben a fazer aquele som, foda-se, a parecer um peixe fora de água, quase a vomitar.

E depois ele olhou para mim e foi aí que consegui sair do choque. Assim que ele endireitou a cabeça e abriu os olhos e olhou para mim, e se veio na boca do Rúben, e foi por minha causa, eu sei que foi, só aí é que corri o mais depressa que pude dali para fora, o mais depressa que alguma vez corri na vida.

Daniel nem conseguiu pestanejar no fim. Não conseguiu despegar os olhos daquela última palavra, gravada com tanto desespero que quase tinha furado o papel. Nem sabia quanto tempo teria ali ficado, as mãos a tremer enquanto tentavam manter a sebenta direita, se Gabriela não tivesse soltado aquele som, entre guincho e gemido, que o fez levantar a cabeça e olhar para ela, para a ver tapar a boca escancarada com as mãos.

— Oh, meu Deus...

— A quem é que o Rúben estava a... — perguntou Daniel, virando-se para Alexandre e Mariana.

— Não dá para perceber — murmurou Alexandre. — Já tentámos eliminar alguma hipótese, mas, só por aquilo que está aí escrito, pode ser qualquer pessoa...

— O Francisco chamou-lhe... está aqui, «Bateman» — repetiu Daniel, procurando a palavra na folha. — Até achei que tinha lido «Batman», mas não, é mesmo «Bateman». O que raio é um Bateman?

— Não deve ser *um*, mas *o*. Bateman é um apelido — esclareceu Gabriela.

— Estrangeiro — confirmou Mariana. — Conhecemos alguém com este nome?

Os quatro remeteram-se ao silêncio. Daniel fechou os olhos e apertou a cana do nariz entre o polegar e o indicador.

— E se for só uma manobra de distração? — acabou por sugerir. — E se o Francisco tiver decidido usar uma alcunha, ou um... um... ai, como é que se diz, Gabriela?

— Um pseudónimo.

— Sim, isso. E se for um pseudónimo para alguém que conhecemos? O Nelson, por exemplo? — Daniel apressou-se a continuar ao ver o choque nas caras dos outros. — Esperem, esperem, pensem comigo: ele era muito maior do que o Rúben, e sabemos aquilo que fez à Gabriela, e sabemos que é vizinho do Rúben, por isso, se calhar, eram mais próximos do que davam a entender. Nelson saberia, melhor que ninguém, quando ele estava sozinho em casa e...

— Mas o Nelson não era, e duvido que entretanto se tenha tornado, gay — disse Alexandre. — Não se lembram que até costumava apregoar que tinha um *ranking* das mamas de todas as raparigas com quem já tinha ido para a cama?

— Podia ser bi e nunca ter admitido... ou podia ser uma coisa específica só com o Rúben... — sugeriu Daniel.

— Ou não ter sequer nada a ver com sexualidade e ser apenas uma questão de poder e submissão — murmurou Gabriela, antes de os olhos se arregalarem de repente. — Esperem... oh, meu Deus!

Levantou-se, disparada, e lançou-se ao caixote que, entretanto, João Paulo identificara com um 3 bem forte escrito a marcador preto, na lateral. Mariana ergueu uma mão para calar Daniel quando ele se preparava para perguntar o que se passava, dando a Gabriela tempo de procurar a pasta verde-escura de que tinha ido à procura, tirá-la do caixote, abri-la no colo e começar a passar as folhas no seu interior a uma velocidade alucinante.

Quando até Mariana já se preparava para perguntar o que é que ela esperava encontrar, Gabriela soltou um guincho triunfante e ergueu os olhos para os deles.

— Está aqui! Já tinha lido isto antes, mas não percebi ao que é que se referia.

Daniel levantou-se para ir para junto dela ler a nota, na margem da folha, onde Francisco escrevinhara:

Não consigo parar de pensar neles e de pensar que devia contar a alguém o que vi. Que alguém tem de fazer alguma coisa. Ele não pode andar por aí à solta a fazer isto a qualquer pessoa. Devia era estar preso, mas, se eu não disser nada, mais ninguém vai dizer, pois não?

— Acham que está a falar sobre o Rúben e o Bateman? —

confirmou Daniel.

— Acho que sim. Até agora, não sabia se isto era um pedaço de alguma história ou da realidade, mas, depois disto do Rúben, acho mesmo que encaixa — disse Gabriela.

— E reforça a teoria de que tem de ter sido um adulto, e um numa posição de poder, para ele achar que devia estar preso por fazer aquilo ao Rúben — concluiu Mariana.

— E, se aconteceu no colégio, faz todo o sentido ter sido alguém de lá.

— Porque é que achas que foi no colégio? — perguntou Daniel, virando-se para Alexandre.

— Só pode ter sido. Que sentido faria ele estar em casa do Nelson ou do Rúben a vê-los?

As imagens que o texto de Francisco invocara martelavam as cabeças dos quatro, sem que nenhum encontrasse forma de lhes pôr fim.

Acabou por ser Mariana a conseguir recuperar primeiro.

— É como procurar uma agulha num palheiro... Mesmo que eliminássemos a hipótese de ter sido alguém de fora do colégio a entrar lá, alguém que o Rúben conhecesse, e que nos cingíssemos à população masculina adulta do colégio, ainda teríamos todos os contínuos, os administrativos, os professores...

— Os professores, não! — exclamou Gabriela.

— Gabriela, não podemos ser inocentes ao ponto de achar que...

— Mas que professor é que acham que seria capaz de uma coisa destas?! — indignou-se Gabriela.

— Na verdade, até é o mais provável — disse Daniel, pousando-lhe a mão na perna para a impedir de continuar a reclamar. — O Francisco dá a entender que é alguém que ele conhecia bem, e... lembraste daquele boato sobre o professor Hugo?

Gabriela ficou da cor da parede atrás de si, se calhar até mais a desmaiar para o cinzento. Alexandre e Mariana começaram por se mostrar tão estupefactos como ela, mas a compreensão atingiu-os mais depressa.

— Achas que foi ele? — perguntou Alexandre.

— Calma! — pediu Mariana, levantando as mãos no ar. — Não vamos tirar conclusões precipitadas, por favor!

— Lembras-te de mais alguém que tivesse fama disso?

— Pode ser só mesmo fama — defendeu Gabriela. — Vá lá, temos todos noção do quão cruéis os miúdos podem ser, não temos? E o professor Hugo nunca foi muito popular porque era muito severo, mas...

— Os boatos normalmente partem de um fundo de verdade — avisou Alexandre.

— Este não... — disse Mariana, chamando a si todas as atenções. — Eu sei quem é que começou o rumor, por isso é que sei que não é verdade.

— Sabes quem foi? — perguntou Alexandre.

— Sei. Foi o Francisco — afirmou Mariana.

Foi a vez de Daniel ficar sem palavras. Mariana tossiu para aclarar a garganta e poder continuar com a voz mais firme.

— Ele contou-me uma vez, e acho que não partilhou com mais ninguém, como é que o rumor começou. Foi numa conversa de balneário, antes de uma aula de Educação Física. Ele estava furioso porque o Hugo o tinha humilhado na aula anterior e quis dizer qualquer coisa estúpida da boca para fora, só para libertar o stress. Nem pensou bem no que estava a dizer nem nas consequências que isso poderia ter. E claro que os outros não se opuseram. Aliás, até começaram a empolar o que o Francisco disse e, quando ele deu por ela, já era o raio de uma bola de neve.

— E, entretanto, espalhou-se pela escola inteira e, às tantas, não se falava noutra coisa — recordou Daniel.

— Exatamente. Por isso... desta vez, foi só mesmo um rumor — concluiu Mariana.

— Então, achas que o devemos excluir da lista? Mesmo com o que ele fez aqui na quinta? — insistiu Alexandre.

— E mesmo com a hipótese de ele ter descoberto que as bocas sobre ele tinham começado no Francisco e ter querido vingar-se dele? — acrescentou Daniel.

— Não digo que o devemos excluir, mas também não acho que possamos reduzir as suspeitas a ele — insistiu Mariana. — Nesta altura, pode ter sido qualquer pessoa.

Fez-se um minuto de silêncio, enquanto cada um tentava digerir o que aquilo implicava. Quando o relógio de cuco na parede da cozinha

deu as horas, Daniel decidiu que já tinham perdido demasiado tempo a falar sobre esta descoberta chocante.

— Malta... acho que só vamos conseguir descobrir quem é o Bateman se perguntarmos diretamente ao Rúben.

Alexandre revirou os olhos e ia começar a protestar, mas Mariana pousou-lhe a mão no braço e silenciou-o.

— O Daniel tem razão. O Rúben pode não ter mais vontade de nos ver à frente do que nós a ele, mas, se lhe explicarmos como é que ficámos ao corrente disto e lhe mostrarmos que estamos do lado dele...

— E porque é que ele havia de acreditar nisso? Fizemos-lhe a vida num inferno, Mariana! Ele odeia-nos! — disse Gabriela.

— Eu sei, mas isto muda tudo! Não percebes? Explica finalmente porque é que ele era tão estranho, tão tímido, tão...

— Porque não deve ter sido a única vez que isto aconteceu! — concluiu Alexandre, os olhos a arregalarem-se de compreensão. — Devia ser uma coisa recorrente e ele morria de medo de que se soubesse, mas também era demasiado fraco para pedir ajuda ou para sair daquela situação e...

— E depois o pior inimigo dele descobre — juntou-se Daniel. — Foda-se... como é que ele não havia de odiar o Francisco?

— Não, aí é que já não concordo — disse Gabriela. — O Francisco ficou apavorado com aquilo que viu. De certeza que não ia usá-lo contra o Rúben. Tenho a certeza disso.

— Sim, também não o estou a ver a usar isto como arma — concordou Mariana. — Mas o Rúben pode ter achado que sim. Pode ter-se sentido ainda mais ameaçado pelo Francisco, que podia decidir contar a alguém e dar-lhe ainda mais cabo da vida.

— E por isso é que o matou! Para o calar! — concluiu Alexandre.

— Calma, calma, estamos a ir depressa de mais... — interrompeu Gabriela, levantando-se e começando a andar de um lado para o outro, entre os sofás e a mesinha de centro. — O Rúben era demasiado fraco, física e psicologicamente, para matar o Francisco e...

— Mas aqui é que entra a ajuda do Norberto ou do padre Emanuel, ou só de um deles — insistiu Alexandre.

Gabriela lançou-lhe um olhar tão desesperado que Daniel se levantou e se meteu entre ambos, para evitar que os ânimos pudessem

descambar ainda mais.

— Temos mesmo de ir a casa do Rúben tirar esta história a limpo. Até porque, se não foi ele a matá-lo, com ou sem ajuda... pode ter sido este tal Bateman.

— Sim! Isso já faz mais sentido! — exclamou Gabriela. — Ele pode ter matado o Francisco para o impedir de espalhar aquilo que viu!

— Especialmente, se quisesse manter a relação com o Rúben — disse Mariana.

— Eh pá, Mariana, não lhe chames *relação*... — arrepiou-se Gabriela, abanando a cabeça. — O Francisco dá a entender que o Rúben estava a ser forçado, que não estava ali propriamente contente...

— O Francisco viu a cena de costas e pode ter-lhe parecido mais violenta do que estava a ser para o Rúben — insistiu Mariana, continuando antes que Gabriela pudesse voltar a interrompê-la. — Pensem comigo: se o Rúben gostasse mesmo do Bateman, por mais doentia que a relação pudesse ser, porque estamos a falar de um adulto e de um menor de idade, e apesar de saber que toda a gente os julgaria se soubesse que andavam envolvidos, teria todo o interesse em manter segredo. E, quando o Francisco lhe contou que os tinha apanhado, pode ter ido a correr pedir ajuda ao Bateman, para que não fossem obrigados a parar com aquilo.

— Num caso ou no outro, o Rúben sabe sempre quem foi, por isso temos de o convencer a vir connosco à Polícia — concluiu Alexandre, já a dirigir-se ao bengaleiro para pegar no casaco. — Vamos embora. Não temos nem mais um segundo a perder.

Capítulo 52

Aquilo era uma péssima, péssima ideia, e ninguém conseguiria convencer Gabriela do contrário.

Porém, e porque estava em desvantagem e não valia a pena tentar demovê-los, deixou-se arrastar para o banco de trás do carro de Alexandre e deixou-o conduzir como um louco a caminho da casa de Rúben. Ele, Mariana e Daniel não se calavam, a atirar hipóteses e teorias do mais rocambolescas possível para cima da mesa. Gabriela, contudo, não conseguia parar de pensar na descrição que Francisco fizera daquele episódio, do medo visceral que, mesmo após tantos anos, parecia saltar das páginas. E que, embora ainda não se sentisse capaz de admitir aos outros, cada vez lhe dava mais certeza de que não, Rúben não queria que aquilo tivesse acontecido.

Fora vítima de uma situação que, provavelmente, ainda hoje lutava para pôr para trás das costas, e que eles se preparavam para lhe atirar de novo à cara.

Quando chegaram, e estacionaram a poucos metros da casa dele, Gabriela não conseguiu impedir-se de olhar para a casa do outro lado da rua. Perguntou-se se Nelson Machado estaria a espíá-los por entre as cortinas imundas, a vê-los encaminharem-se para a campainha da casa de Rúben, aliviado por perceber que afinal, desta vez, não era ele o alvo da perseguição. Sacudiu a impressão imaginária que os olhos

dele lhe causavam nas costas e virou-se para a frente, para ver Alexandre tocar à campanha.

Rúben demorou a vir abrir a porta. Devia ter começado por pensar que, se fingisse que não estava ninguém em casa, talvez eles mudassem de ideias e se fossem embora, até se dar conta de que Mariana teria reconhecido o carro dele, parado à entrada, e por isso saberia que ele estava ali. Foi aí que se rendeu e veio abrir-lhes a porta, apenas uma nesga, apenas o suficiente para lhes lançar aquele olhar ameaçador.

— O que raio é que estão aqui a fazer?

— Podemos entrar? Isto não é conversa para se ter na rua — anunciou Alexandre.

— Não quero conversas nenhuma convosco.

— Viemos em paz — disse Gabriela, erguendo as mãos abertas para lhe pedir clemência. — Juro que não vimos armar confusão. Precisamos de falar contigo.

— Já disse que não quero falar convosco! Não acham que já fizeram mal que chegue?

— Já, já fizemos. Mas é para reparar parte desse mal que aqui estamos — declarou Mariana, empurrando-o para trás, para conseguir entrar.

— O que é que estás a fazer?! Vou chamar a Polícia!

— Até agradecemos que o faças, mas a seguir — disse Alexandre, e era óbvio que Rúben não esperava por aquela. — Primeiro, precisamos que nos digas quem é o Bateman e se foi ele quem matou o Francisco.

— Batman? Mas qual Batman?

— Não é Batman, é Bateman. O homem a quem fizeste um broche no colégio — corrigiu Daniel.

O estômago de Gabriela caiu-lhe aos pés ao ver o quão horrorizado Rúben ficou. Varreu a rua com os olhos, a ver se ninguém ouvira o que Daniel tinha dito, e recuou aos tropeções para dentro de casa, puxando-os à pressa para dentro.

centro da mesa, em torno da qual já estavam todos sentados, quando a campainha ecoou pela casa. Daniel disse que ia abrir, enquanto os restantes trocavam um olhar surpreso. Se já ali estavam todos para jantar, até Sandra e João Paulo, quem poderia ser?

Não demoraram a descobrir, quando as botarras de uma série de policiais, encabeçados por Hélder Montalvor, invadiram a cozinha.

— Alexandre e Mariana Monteiro e Gabriela Lopes, estão detidos no âmbito da investigação da morte de Rúben Santos...

— *O quê?* — guinchou Gabriela.

— Não! — protestou Mariana, já um dos guardas começava a puxá-la da mesa.

— LARGUEM-NA! — bramiu Alexandre, mas também começava a ser puxado pelos outros guardas.

— O que é que está a acontecer? — balbuciou Sandra, levando as mãos à boca.

— Vão saber na altura certa. E nós vamos para o posto, a PJ está à nossa espera — avisou Hélder.

— O Rúben morreu? — gaguejou Gabriela.

— Nós não fizemos nada! Não lhe fizemos nada! — insistia Mariana, enquanto o guarda a arrastava para fora da cozinha.

— Não vale a pena dizerem nada neste momento...

— COMO ASSIM, NÃO VALE A PENA? — debateu-se Alexandre, mas não conseguia soltar-se das manípulas que lhe prendiam os cotovelos e o puxavam para a porta.

— Não, vocês dois não vêm — disse Hélder, barrando a passagem a João Paulo e Sandra.

— Isso é que era bom, virem cá buscá-los e nós não irmos com eles!

— Por favor, Sandra, não me compliques mais a vida — implorou Hélder, empurrando-a gentilmente para trás.

Sandra e João Paulo ficaram para trás, ele com o braço em redor dos ombros dela e ela a lutar contra as lágrimas, enquanto Hélder e os seus guardas encaminhavam Alexandre, Gabriela e Mariana para o exterior.

Lá fora, depararam-se com o espetáculo de luzes psicadélicas dos carros-patrulha, com os flashes e focos de luz das câmaras das equipas de reportagem dos vários canais e com a pequena multidão que, de

alguma forma, parecia ter-se concentrado em meia dúzia de minutos à entrada da quinta dos Aleixo. Já só viram a cabeça de Daniel a desaparecer para dentro de uma das viaturas da GNR.

— Não lhe fizemos nada... por favor, não lhe fizemos nada... — soluçava Gabriela para o guarda indiferente que a conduzia.

— Não digas nada — avisou Alexandre. — Não digas nada até chegarmos ao posto.

Quando as portas se fecharam e Gabriela ficou sozinha no banco traseiro do carro com Daniel, um assomo de raiva desceu-lhe pelos ombros e fê-lo esmurrar o encosto de cabeça do banco da frente, onde o guarda ainda não se tinha sentado.

— Dan — chamou Gabriela, obrigando-o a olhá-la nos olhos.

— Nós não lhe fizemos nada! Não temos de estar aqui, não lhe fizemos nada!

— Pois não, mas se a Mariana aqui estivesse diria que temos de manter a cabeça fria para lhes explicarmos isso. Por favor, fica comigo. Não me deixes sozinha nisto.

Os olhos brilhavam-lhe de tensão e um fio de suor começava a descer-lhe pela testa, mas Daniel assentiu, solene.

— Não estás sozinha. Nunca vais estar.

Gabriela assentiu, deitou-lhe a cabeça no ombro e fechou os olhos enquanto o carro-patrolha entrava em andamento, furava a multidão e se afastava pela estrada deserta e escura como breu.

Capítulo 53

A porta do seu lado abriu-se de repente. O guarda que viera a conduzir — só nesse momento viu que era Luís Vasques, com a expressão mais dura que alguma vez lhe dirigira — puxou-a para fora do carro. Anabela Semedo ajudou Alex a sair do outro lado e conduziu-o, com Mariana, Daniel e Gabriela, para o interior do posto.

Estava vazio, àquela hora. Já nem lá devia estar quase ninguém, num dia normal. Os guardas encaminharam-nos para a sala de interrogatórios onde tinham sido ouvidos da última vez. César e Rodrigo já lá estavam, sentados nas duas cadeiras de um lado da mesa. Marco Dantas e Fernanda Henrique acompanhavam-nos, encostados à parede atrás deles. Do outro lado da mesa, esperavam quatro cadeiras, pelas quais distribuíram os detidos.

Hélder fechou a porta, isolando-os na câmara cinzenta e fria. Foi para junto de Marco e Fernanda, cruzando os braços e amparando-se também na parede. Tinha no rosto a expressão mais sombria que Mariana alguma vez lhe vira.

Não a surpreendia. Também ele já devia estar cansado de tantas mortes.

Uma pasta bege estava pousada no centro da mesa, com o habitual gravador por cima. César estendeu a mão para o ligar e inclinou-se para diante na cadeira.

— Testemunho de Alexandre e Mariana Monteiro, Daniel Aleixo e Gabriela Lopes às 21h27 de quinta-feira, 29 de maio de 2019, sobre a morte de Rúben Santos — declarou, antes de abrir a pasta. — Acho que vamos começar por aqui...

Retirou da pasta três fotografias e expô-las lado a lado na mesa.

Eram do cadáver de Rúben, enforcado no candeeiro de teto da cozinha.

Mariana foi a única que não fechou os olhos. César tomou-o como sinal de que podia concentrar-se nela.

— O Rúben Santos foi encontrado morto na cozinha da sua habitação há cerca de meia hora. Têm alguma coisa a dizer sobre isto?

— Não.

César tirou uma folha do interior da pasta e baixou os olhos para ler as notas.

— O coronel Hélder Montalvor recebeu uma chamada do telefone da residência de Rúben Santos esta noite, por volta das 21 horas, na qual ele lhe terá revelado que vocês os quatro sabem pormenores da investigação sobre o homicídio do Francisco Andrade que ainda não partilharam connosco. O coronel tentou perguntar-lhe mais informações, mas o Rúben limitou-se a pedir que vos interrogássemos. O coronel e os seus guardas ficaram preocupados com o tom com que ele se expressou e dirigiram-se à habitação para averiguar mais pormenores. À chegada, encontraram o cadáver nas condições que podem ver por essas fotografias, acompanhado de uma nota.

Tirou da pasta um pedaço de papel, arrancado de um caderno pautado, no qual Rúben escrevinhara «já não aguento mais viver com isto».

Mariana reparou no arrepio que sacudiu Gabriela. Daniel deu-lhe a mão, mas ela apenas conseguiu abanar a cabeça, de lábios apertados de aflição.

— Têm a certeza de que isto tudo é novidade? — inquiriu Rodrigo, inclinando-se sobre a mesa.

— Temos. Não fazíamos ideia de que o Rúben tinha morrido — declarou Alexandre, ainda sem afastar o olhar das fotografias.

— No entanto, e segundo apurámos, hoje discutiram com ele em casa dele, ao final da tarde. Ou é mentira? — perguntou César.

— Não, não é — admitiu Mariana, concentrando em si as atenções

dos polícias. — Fomos lá tentar esclarecer uma coisa que descobrimos.

— A versão que nos chegou das testemunhas oculares... — começou a dizer César.

— Dos cuscos dos vizinhos dele — resmungou Daniel.

— É de que houve uma discussão acesa — completou Fernanda, aborrecida pela interrupção de Daniel.

— Pode dizer-se que sim — confirmou Alexandre.

— E qual foi o motivo? — insistiu César.

— Fomos lá pedir-lhe desculpa pela forma como o tratámos em miúdos e ele não aceitou bem — afirmou Mariana.

Mariana não desviou um milímetro dos olhos dos de César. Desejou, com todas as forças, quase teve vontade de ser religiosa para poder rezar, que nenhum dos outros lhe denunciasses o *bluff*. Aquele era o momento em que um mero deslize deitaria tudo a perder, e ela arrancaria a cabeça a quem quer que a fizesse escorregar.

— Foram tentar fazer as pazes? — provocou Rodrigo, pouco convencido.

— Sim. Mas não deu em nada. O Rúben passou-se da cabeça e às tantas até nos acusou de matarmos o Francisco e de estarmos a lançar-lhe as culpas em cima para tentarmos safar-nos — disse Mariana.

Gabriela estava sentada ao seu lado, por isso Mariana conseguia sentir as ondas de tensão que se libertavam do seu corpo. Felizmente, e ao invés de lhe lançar um dos seus olhares esbugalhados e infantis, tinha os olhos presos às fotografias de Rúben, viradas de cabeça para baixo para ela, mas que, ainda assim, pareciam hipnotizá-la.

— E vocês devem ter-se defendido com unhas e dentes dessa acusação — ironizou Marco.

— Sim, defendemos. Só que ele não parava, não aceitava os nossos pedidos de desculpas, por isso... acabámos por nos exaltar todos um pouco.

Pronto, já estava a chegar a terreno mais seguro. Porque aquela parte, sim, era verdade. Tinham perdido as estribeiras, tinham-se fartado de gritar uns com os outros... Simplesmente, não pela recusa de Rúben em aceitar as tréguas.

Era pela sua recusa em contar-lhes quem era Bateman.

Daniel inclinou-se para diante na cadeira, apoiando os antebraços musculosos na mesa, e chamou as atenções de todos. Mariana conteve

um suspiro, aliviada por o holofote deixar de incidir sobre si, recostou-se, dando-se conta de que tinha o corpo sob uma tal tensão que começava a doer-lhe as costas.

— Já vos dissemos, e foi o que dissemos também ao Rúben várias vezes hoje, que mudámos — disse Daniel. — Que agora olhamos para trás e vimos que éramos uns imbecis com ele. Mas ele bateu o pé, dizendo que de quem devia vir o maior pedido de desculpas já não o podia dar, por isso, nada disto valia.

— Ponha-se no lugar dele, Daniel. Acha que ia querer aceitar desculpas já muito depois do prazo?

— Mais vale tarde do que nunca — exclamou Daniel.

— Bem, que belo pedido de desculpas deve ter sido, para o deixarem com vontade de pôr a corda ao pescoço — provocou Marco, mas nem mesmo os colegas pareceram achar piada.

— Como é que ele estava quando o deixaram? — reformulou César.

— Furioso. Já nem nos estava a ouvir, só gritava por cima de nós, por isso é que nos viemos embora — disse Daniel.

Mariana assentiu, esperando que os inspetores deixassem o assunto ficar por ali, mas foi então que Daniel lhe puxou o tapete de debaixo dos pés.

— Mas há mais uma coisa que discutimos com o Rúben... e que ajuda a explicar porque é que ele se passou da cabeça connosco. Uma coisa de que nos lembrámos de o Francisco uma vez ter dito, e que achamos que pode estar relacionado com o desaparecimento dele.

Mariana teve de recorrer a todo o seu autocontrolo para não lhe ferrar as unhas no braço e o obrigar a calar-se.

— São as tais informações vitais à investigação do caso que ainda não partilharam connosco? — confirmou Rodrigo.

— Bem, ficámos com a ideia de que não são assim tão vitais, porque ele se fartou de as negar.

— Desembuche lá de uma vez e já se percebe se são importantes ou não — reclamou Marco.

Mariana sentiu a pulsação disparar. Olhou para Alexandre e encontrou-lhe os olhos tão tensos como os seus. *Um simples deslize, Dan, uma ínfima escorregadela e mandas-nos a todos ribanceira abaixo...*

Daniel, porém, escolheu esse momento para se revelar um ator ao

mais alto nível. Recorrendo às emoções certas a cada instante, gaguejando e parecendo enojado e preocupado nos instantes certos, alterou apenas o meio pelo qual a história lhes chegara — dizendo que a tinham ouvido de Francisco de viva voz, e não através dos seus cadernos — para traçar a relação entre Rúben e Bateman.

Incluindo a confirmação da teoria de Mariana de que, afinal, Rúben tivera mesmo sentimentos verdadeiros por Bateman na altura.

O horror que lhe viram nos olhos quando ameaçaram contar tudo aquilo à polícia se ele não colaborasse tinha sido demasiado cru para ser mentira, e só podia ser motivado pela vontade, mesmo após todos aqueles anos, de proteger alguém de quem continuava a gostar. Era doentio, mas Rúben jurou a pés juntos e a soluçar desalmadamente que Bateman nunca lhe fizera nada de mal, que Francisco tinha percebido tudo mal porque ele nunca lhe fizera nada que Rúben não quisesse.

Era doentio, sim, do mais doentio possível, e Rúben preferira morrer a ser obrigado a aceitar que vivera uma mentira.

— E, por isso, achamos que este Bateman pode ter matado o Francisco para o impedir de dar com a língua nos dentes e o obrigar a afastar-se do Rúben — concluiu Daniel, antes de se recostar na cadeira.

Os quatro inspetores entreolharam-se, a comunicarem por telepatia. Mariana esticou o pé na direção da perna de Daniel e deu-lhe um leve toque, para lhe chamar a atenção, e anuiu uma única vez, quase impercetivelmente. Ele devolveu-lhe o sinal, tornando a olhar para os polícias para não os deixarem ver aquele momento entre eles.

— Bem, esta história parece-nos demasiado rocambolesca, e não temos a principal figura viva para lhe pedirmos confirmação — concluiu César, tornando a virar-se para eles. — Além de quererem falar disto com o Rúben, houve mais alguma razão para irem a casa dele?

— Já dissemos que fomos pedir-lhe desculpa pelo *bullying* que lhe fizemos todo aquele tempo — disse Gabriela.

— E as testemunhas que ouviram a vossa discussão vão poder confirmar isso?

— Não sabemos o quanto ouviram ou deixaram de ouvir. Vão ter de confiar na nossa palavra, inspetores.

Mariana quis lançar um olhar de aviso a Alexandre e pedir-lhe que parasse de brincar com a sorte.

— A que horas saíram de casa do Rúben? — perguntou César.

— Eram umas oito, oito e picos. Voltámos para minha casa para termos o jantar pronto quando o João Paulo e a Sandra chegassem — disse Daniel.

— Repararam se estava alguém na rua, alguém que possa confirmar que foi essa a hora exata em que deixaram a propriedade? — inquiriu Fernanda.

— Não, não vimos se havia alguém na rua, mas ainda estava a dar o noticiário das oito no carro, por isso não devia andar muito longe disso.

César anuiu, deu o interrogatório por terminado e pediu a Hélder e à sua equipa que fizessem o favor de lhes dar boleia de volta para a quinta.

Capítulo 54

Daniel entrou em casa à frente do grupo e de Leonor Marques. Sandra e João Paulo vieram a correr da cozinha, mas estacaram à entrada da sala, atónitos, ao vê-la.

— Desculpem, a Leonor apanhou-nos a sair do posto e veio atrás de nós porque não pode esperar nem mais uma maldita noite para ter o seu grande furo — resmungou Daniel, revirando os olhos.

— Acreditem que gostava de vos deixar descansar, mas, como se viu, as coisas continuam a acontecer e, quanto mais tempo adiarem a conversa que vão acabar por ter comigo, mais me obrigam a descobrir os factos por outras fontes — resmungou Leonor, enquanto se sentava numa das poltronas.

— Ao menos pode dar-lhes tempo de comerem qualquer coisa? — interrompeu Sandra. — A polícia levou-os daqui às três pancadas e...

— Não é preciso, não se preocupem. Nenhum de nós tem fome — murmurou Gabriela.

— Pronto, então podem sentar-se, por favor? Quanto mais depressa começarmos, mais depressa se veem livres de mim — disse Leonor, enquanto pousava um gravador, quase absurdamente parecido com o de César, sobre a pilha de cadernos de Francisco, na mesinha de centro.

Sandra e João Paulo trocaram um olhar ansioso, mas sentaram-se,

tal como Gabriela, Mariana, Alexandre e Daniel, para ouvirem a história mais rocambolesca que podiam esperar daquela noite.

*

No fim, quando desligou o gravador e pousou a caneta sobre o caderno fechado, Leonor tirou os óculos para esfregar os olhos, soltando um longo suspiro.

— Obrigada aos quatro. Tenho noção de que não foi fácil contarem-me isto tudo, e tenho que agradecer-vos por terem confiado em mim para o fazerem.

— Ainda não vai publicar nada disto que contámos, pois não? — perguntou Daniel.

— Não. Ainda há muitas pontas soltas no caso. Ainda não se sabe a identidade do tal Bateman, não se sabe se foi mesmo ele que matou o Francisco... Há muita coisa por fechar, mas já tenho aqui muito material para analisar nos entretantos. E, assim sendo, não vos roubo mais tempo, já é tarde.

— Eu levo-a à porta — disse Daniel.

— E nós também vamos, meninos — disse João Paulo, a voz rouca de emoção. — Isto foi tudo...

— Foi demasiado. Precisamos todos de descansar — completou Sandra, já a despedir-se de Mariana com um abraço.

Daniel levou os três à porta e, depois de a fechar, esticou os braços acima do corpo e estalou os dedos, os músculos e as articulações. Gabriela soube que, se fizesse o mesmo, o corpo inteiro estalaria alto e bom som como o dele. Até os de Mariana e Alexandre. Estavam todos tensos e exaustos por terem passado tanto tempo na mesma posição e da tonelada que lhes pesara no coração durante a conversa com Leonor.

— Acho que devíamos ir dormir — disse Daniel, quando voltou para junto deles. — É tarde, estamos todos exaustos e não vamos ganhar nada em ficar aqui a falar sobre o que aconteceu.

— Achas que vais conseguir dormir? É que eu tenho sérias dúvidas de que consiga — reclamou Alexandre, num fio de voz.

— Não vai ser fácil, mas se continuarmos aqui é que não vamos conseguir de certeza. — disse Gabriela. — Vamos lá, amanhã, de

cabeça fresca ou tão fresca quanto possível, continuamos.

— A Gabriela tem razão. Também me quero ir deitar — disse Mariana.

Levantou-se e puxou Alexandre consigo. Daniel também se levantou, mas começou a encaminhar-se de novo para a porta.

— Tenho de ir ver de uma coisa ao anexo, mas vão-se deitando, vou já a seguir.

Mariana e Alexandre despediram-se e foram para o quarto. Gabriela ainda pensou segui-los, mas, por descargo de consciência, ligou a televisão, aninhou-se contra as almofadas decorativas do sofá central e ficou a ver se surgia alguma notícia sobre o suicídio de Rúben.

E claro que surgiu. A comunicação social trabalhava à velocidade da luz. Já era público que ela, Mariana, Alexandre e Daniel tinham sido ouvidos no posto da GNR horas antes, embora nenhum dos guardas ou inspetores tivesse querido revelar o teor do interrogatório. Porém, e como já se sabia que Rúben tinha sido encontrado morto, era fácil qualquer pessoa traçar uma linha reta entre eles. Se se atrevesse a abrir as caixas de comentários das reportagens nalguma rede social, não tinha dúvidas de que encontraria uma multidão a clamar pelas suas cabeças em espetos até ao fim do dia seguinte.

Foi à cozinha preparar um chá de camomila. Trouxe-o para a sala e bebeu-o devagar enquanto passava de canal em canal, num esforço inútil de escapar a reportagens ou entrevistas sobre o caso de Francisco e, agora, o suicídio de Rúben. A única coisa que podia esperar era que o perfil que Leonor Marques se preparava para escrever fosse diferente. Que, de alguma forma, se se pudesse atrever a desejar tal coisa, pudesse limpar um pouco a imagem deles. Trazer-lhes alguma paz no meio daquele inferno.

Ao chegar ao fim da chávena, desligou a televisão. Já agravara a dor de cabeça o suficiente. Afagou os braços e olhou em volta, para a sala tomada pelas sombras. Alexandre e Mariana já deviam estar a dormir e o melhor que tinha a fazer era seguir-lhes o exemplo. Porém, Daniel ainda estava a pé, e não queria deitar-se sem que ele também o fizesse.

Na verdade, estranhou que ele ainda não tivesse regressado do anexo. Dissera que precisava de verificar uma coisa rápida, mas já lá

ia, pelo menos, hora e meia.

Deixou o sofá, tirou o casaco do bengaleiro da entrada e vestiu-o enquanto saía pela porta principal, descia do alpendre e se encaminhava para o anexo. A luz escapava por baixo da porta, confirmando-lhe as suspeitas de que ele ainda ali estava.

Abriu a porta devagar, não querendo perturbá-lo no que quer que estivesse a fazer, mas não o viu. Tornou a encostar a porta e avançou pela arrecadação, acabando por o avistar junto à mesa de carpintaria, ao fundo. Uma pequena telefonia antiga empoleirada numa prateleira tosca, que ameaçava soltar-se a qualquer instante, emitia baixinho uma música acústica, melancólica e envolvente. Ao fim de alguns acordes, reconheceu a *Guilty Party* dos The National, e deu por si a sorrir. Gostava imenso deles.

Aproximou-se sem fazer barulho, observando as três cervejas vazias, encostadas à parede, e uma quarta, ainda a meio, mais perto de Daniel. Um cinzeiro, ao lado delas, tinha já uma espessa camada de cinza na base, e várias beatas e cigarros pelo meio. Ele estava compenetrado no móvel que estava a montar. Ainda parecia ir a meio, apenas as pernas e a base montadas. Contudo, o movimento das mãos era menos fluido que o suposto, e Gabriela estremeceu ao ver o martelo falhar por pouco o prego em que devia acertar e desviar-se perigosamente para o polegar de Daniel, que nem pareceu notar.

— Dan...

Ele nem ouviu. Pousou-lhe a mão nas costas, passando para o seu lado para lhe permitir vê-la. Daniel pestanejou, voltando de súbito à realidade, e passou a mão pela cara. Tirou o cigarro da boca, que já ia quase no fim, e apagou-o no cinzeiro.

— Não te ouvi entrar.

— Desculpa, devia ter feito barulho. Só quis vir ver o que é que ainda aqui estás a fazer. Já é muito tarde.

— Pois é, mas acho que não vou conseguir dormir, mesmo que me vá deitar, por isso vou aproveitar para adiantar isto.

— O que estás a fazer?

— Um móvel novo para a cozinha, para pôr a máquina do café em cima — murmurou, com um encolher de ombros.

— Parece uma boa ideia, mas talvez seja melhor continuares depois.

— Não, a sério, quero adiantar o mais possível. Já não lhe pegava desde que vocês vieram para cá. Quer dizer, há montes de coisas que se foram atrasando, mas desta consigo tratar agora.

— Mas precisas de descansar. Já bebeste um bom bocado e não é muito seguro estares de martelo na mão.

Daniel resfolegou e revirou os olhos, mas, quando tornou a erguer o martelo, este pairou por instantes sobre o prego, hesitante. Gabriela viu-lhe os olhos escurecerem enquanto tornava a pousar a ferramenta e pegava na cerveja. Levou-a à boca para beber três longos goles e tornou a pousá-la, virando-se de costas para o móvel e encostando-se à bancada. Baixou a cabeça e fechou os olhos, soltando o ar que retinha no peito, e pareceu de repente muito mais velho.

— Tenho medo de ir para a cama.

Gabriela sentiu um nó na garganta. Compreendia-o muito melhor do que gostaria. Não tinha ela própria procurado adiar o momento em que se visse sozinha no quarto escuro, sem nada que a distraísse de tudo o que acontecera nesse dia?

— Também ainda não consegui ir deitar-me — confessou, num tom tão sumido quanto o dele. — Tenho medo de... não, tenho a certeza de que também vou ver a cara do Rúben no escuro.

Daniel ergueu os olhos, fundos como poços, para os seus.

— Achas que algum dia vamos voltar a dormir em condições?

— Não sei.

Daniel fechou os olhos, mas não conseguiu conter mais o choro. Gabriela levou-lhe as mãos à cara numa tentativa de lhe limpar as lágrimas, mas, antes que pudesse pensar numa forma de o ajudar, Daniel puxou-a para si. Deixou-o abraçá-la, os braços como dois toros de ferro, a tentarem enterrá-la no peito, que sucumbia cada vez mais. Deixou-se afundar neles, envolvendo-lhe os ombros e o pescoço com os seus braços. Ele estava quente, quase febril. Cheirava a cerveja e a tabaco, mas ainda conseguia sentir réstias do perfume dele na curva do pescoço e na linha da clavícula. Sem pensar, pousou lá os lábios, detendo-os um instante. Não disse nada, e ele também não. Talvez nem se tivesse apercebido, mas ela julgou que o sentira estremecer.

Não queria pensar no que isso significava.

As mãos de Daniel moveram-se de repente. Subiram-lhe pelas costas, ao longo das costelas e dos ombros, para lhe alcançarem o

cabelo. O coração disparou-lhe sob a pele. Não fazia ideia do que ele estava a fazer. Sentiu-se zozza, mesmo sem ter bebido nada, e não soube o que fazer. O bom senso, agora apenas ruído de fundo na sua mente, avisou-a de que era melhor afastar-se, mas deu por si a chegar-se ainda mais ao corpo dele e a empurrá-lo contra a bancada. Ao alcançarem a nuca, os dedos dele passaram-lhe sob o cabelo, correndo ao longo das raízes. Enredaram-se fundo e ele puxou-lhe a cabeça para trás o suficiente para conseguir olhá-la, com olhos tão baços de carência, de fome, que ela apenas fechou os seus enquanto ele descia a boca para a dela.

Beijou-a com força. Os lábios obrigaram os dela a abrir-se mais e a língua invadiu-lhe a boca enquanto as mãos lhe puxavam o cabelo. Ela sentiu-se aquecer sob a língua dele, o calor a espalhar-se do peito para os braços e mãos e a concentrar-se na barriga. Calou a voz que lhe dizia que aquilo era um erro e subiu as mãos para o cabelo dele.

Amparando-lhe a cabeça com uma mão, Daniel desceu a outra para a perna, para lhe puxar o vestido. Os dedos dele eram agora surpreendentemente frios em contacto com a sua pele, que ela sentia a escaldar. Despiu-lhe o vestido e deixou-o cair-lhe aos pés. Gabriela mordeu-lhe a língua e Daniel soltou um gemido fundo, rouco. Quando a puxou para cima, envolveu-lhe a cintura com as pernas e deixou-o pousá-la na mesa e descer-lhe a boca para a garganta. Apoiou a cabeça na parede e deslizou as mãos pelas costas dele, para lhe despir a *T-shirt*. Daniel baixou a copas do soutien e beijou-lhe os mamilos, passou a ponta da língua por eles, endurecendo-os, e mordeu-os. Ela deixou escapar um gemido que o fez erguer o olhar por um instante. Não podiam fazer barulho.

Na verdade, não podiam fazer nada daquilo, mas já não importava. Era tarde de mais.

Fechou os olhos e a boca dele voltou-lhe aos mamilos. Ela puxou-lhe o cabelo com força, obrigando-o a voltar à boca dela, e beijou-o enquanto ele desapertava o cinto e baixava as calças. Arqueou as ancas e Daniel mordeu-lhe o lábio enquanto a penetrava.

A cabeça dela batia na parede a cada investida dele, mas a dor sabia-lhe bem. Amparou-se nele, ferrando-lhe as unhas nas costas, ouvindo-o gemer consigo. Ele tapou-lhe a boca com a mão para lhe abafar os gemidos e moveu-se mais rápido e mais fundo, como se

quisesse penetrar-lhe os ossos, numa cadência tão natural como se fizessem aquilo desde sempre, ou como se quisessem fazer aquilo desde sempre.

Gabriela mordeu-lhe a palma da mão com força quando se veio e Daniel seguiu-a logo, desabando-lhe nos braços e afundando a cabeça no seu pescoço. Gabriela sentiu a cabeça latejar contra a parede, o orgasmo a pulsar pelas pernas abaixo. Tentou abrir os olhos, mas a luz e as sombras ainda palpitavam. Esperou que os sentidos recuperassem e só então baixou o olhar para Daniel. Ele continuava abraçado a si, derramado sobre si, com as costas a moverem-se sob a respiração pesada.

Não disse nada enquanto o abraçava com mais força e lhe beijava o cabelo. Ele não reagiu durante um longo momento, em que a vida esperou em suspenso, mas acabou por também a beijar sobre o coração. Afastou-se depois, fazendo-lhe o corpo tremer quando saiu de dentro dela. Começou a vestir-se e Gabriela desceu da bancada e fez o mesmo.

Não precisaram de dizer nada. Não havia nada que pudessem dizer. Quando acabou de apertar as calças, Daniel puxou-a para si, abraçou-a com toda a força e soltou-a de seguida para a acompanhar até casa.

Apagaram a luz e fecharam a porta do anexo em silêncio. Ao entrarem em casa, o silêncio era tão profundo como quando Gabriela saiu. Daniel manteve a mão dela na sua enquanto se dirigia às escadas e Gabriela deixou-o conduzi-la ao seu quarto. Às escuras e em silêncio, despiram-se de novo e entraram para a cama. Daniel abriu os braços e ela aninhou-se neles e afundou a cabeça na sua almofada.

Deixou-se adormecer, demasiado cansada para sentir mais culpa.

Capítulo 55

Alexandre desceu à cozinha para beber um copo de água. Enquanto a obrigava passar pela garganta, áspera como lixa, olhou para o relógio, na parede, e viu que eram quase três da manhã. Ainda não conseguira pregar olho, caramba. Até ouvira Gabriela ir ao anexo convencer Daniel de que era demasiado tarde para estar a trabalhar. Tinham entrado pouco depois e ido deitar-se. Até ouvira Daniel começar a risonar. Só ele é que não conseguia ter descanso.

Bebeu o que restava de água no copo, deixou-o no lava-louça e foi para a sala. Acendeu apenas o candeeiro de leitura, ao lado do sofá, e debruçou-se sobre as coisas de Francisco. Se não conseguia dormir, mais valia seguir a técnica de Daniel.

Pegou no caderno de Português do décimo primeiro ano. Tinha sido Daniel a analisá-lo, mas estava tão cansado na altura que podia ter-lhe passado alguma coisa ao lado. Além do mais, tinha dito que aquele caderno só tinha coisas das aulas, nada de textos, em registo de diário ou de ficção, que Francisco tivesse escrito a sós ou com Gabriela. Eram mesmo só páginas e mais páginas de orações, classes de palavras, funções sintáticas e recursos expressivos. Quando chegou a meio, Alexandre já começava a sentir as pálpebras pesadas, o corpo finalmente a pedir a cama.

Nem se apercebeu de imediato do que estava a ler. Até voltou

atrás, para ter a certeza de que não eram os olhos cansados a pregar-lhe uma partida. Mas não, estava ali, sensivelmente a meio da página. Aquilo por que andavam há tanto tempo à procura. E, quando o leu, foi como se destrancasse a porta de um alçapão, no fundo da sua mente, para o deixar mergulhar numa recordação que, mesmo que fechasse os olhos, não podia ser mais nítida.

Francisco estava sentado ao seu lado na mesa, a tamborilar com a ponta da lapiseira amarela na página do manual de Português. O livro, de capa verde, era de Francisco, mas os rabiscos desajeitados que cobriam as margens das folhas eram de Alexandre, que os desenhava quando estava aborrecido. Nesse dia, esquecer-se do seu livro e caderno de exercícios em casa, por isso Francisco, o seu eterno colega de mesa, deixou-o desenhar no seu.

No entanto, dessa vez, Alexandre não estava a rabiscar nenhuma figura desajeitada, mas a escrever a descrição que lhes fora pedida do vilão literário ou cinematográfico preferido deles. E estava mesmo a entusiasmar-se com a enumeração dos motivos que faziam do palhaço Pennywise o pior deles todos. Francisco estava mais indeciso em eleger o seu vilão, por isso deixou-o escrever a sua parte primeiro. Toda a turma estava a trabalhar a pares — Daniel ficou com Gabriela e o professor colocou-os na outra ponta da sala, para impedir Alexandre e Daniel de passarem a aula na conversa.

O professor aproximou-se nesse instante da mesa de Alexandre e Francisco. Alexandre até era capaz de se recordar do que ele tinha vestido, umas calças de fato pretas, impecavelmente engomadas, um polo azul-claro e um pulôver cinzento pelos ombros, atado à frente, com as mangas a penderem-lhe para o peito. Sabia que a maioria das alunas do colégio o considerava um dos professores mais atraentes. Talvez se devesse ao facto de também ser um dos mais novos do corpo docente, cuja média de idades rondava os 50 anos. Algumas colegas até o observavam nesse preciso momento, com cuidado para não serem apanhadas em flagrante, e riram-se baixinho.

Mas ele nem reparou nelas, porque vinha ter com eles. Francisco ergueu o olhar do caderno, para lhe prestar atenção, mas foi em Alexandre que ele se focou.

«Como é que está a correr a tua composição, Alex?»

«Bem, 'stor! Escolhi o Pennywise. Conhece, não conhece? Do livro

A Coisa, do Stephen King.»

«Claro que conheço. Tem sido presença assídua neste exercício ao longo dos anos», comentou, antes de se voltar para Francisco. «E qual é o teu vilão preferido?»

«Ainda não consegui escolher. Gosto de muitos... Qual é o seu preferido, 'stor?»

«Também não é fácil escolher, mas», disse Rogério, com uma pausa para criar suspense, «tenho uma especial admiração pelo Patrick Bateman.»

Alexandre voltou ao presente ao ouvir alguém descer a correr pelas escadas.

— Alex! — exclamou Mariana, surgindo ao seu lado.

Alexandre deu um salto ao ser chamado de volta à realidade.

— O que se passa? Acordei e não estavas na cama, e vinha ver o que andas a fazer e...

Ao ver que ele não reagia, Mariana sentou-se ao seu lado e envolveu-lhe o rosto nas mãos, tentando ancorá-lo à realidade. Alexandre pestanejou com força, tentando dissolver a aura vermelha que lhe encobria o campo de visão, mas ainda não conseguia esquecer o sorriso maldoso de Rogério.

— O que se passa? O que é que aconteceu?

Alexandre tinha a garganta transformada numa parede de terra, de lama, de qualquer coisa por onde a voz não podia subir sem escorregar. Um arrepio gelado desceu-lhe pelas costas ao virar o caderno de Português para Mariana, para a deixar mergulhar no mesmo inferno em que ele caíra.

— Acho que descobri quem é o Bateman.

Capítulo 56

Mariana ainda estava a tentar acalmar Alexandre quando Daniel e Gabriela chegaram à sala e acenderam o candeeiro de teto. A diferença de luminosidade foi tão brusca que ela e Alexandre fecharam logo os olhos por reflexo, e ele voltou a libertar um gemido entrecortado como aquele que o ouvira soltar quando ainda estava lá em cima, e que a fizera descer as escadas a correr.

— O que se passa? — perguntou Daniel, contornando o sofá para vir para o lado deles.

Uma parcela secundária do cérebro de Mariana, a única que não estava concentrada em Alexandre, apercebeu-se de que Daniel e Gabriela vinham em roupa interior. E não teria ouvido passos em corrida apenas de uma direção? Teriam vindo do mesmo quarto?

Abanou a cabeça, voltando a focar-se em Alexandre. Teria tempo, mais tarde, para descobrir se se enganara ou não.

— Ouvimos-te fazer um barulho... Alex, estás bem? — perguntou Gabriela, levando a mão ao peito.

— Sei quem é o Bateman! — disse Alexandre. — Lembrei-me de onde é que ouvi o nome antes... Caramba, como é que não percebi mais cedo...

— E quem é? Desembucha, por amor de Deus! — apressou-o Gabriela.

Alexandre pestanejou ao olhar para ela. O terror que lhe embaciou os olhos atingiu Mariana como um estalo, desequilibrando-a como nada naquele momento teria conseguido, um segundo antes de as palavras lhe saírem dos lábios.

— É o professor Rogério.

Nos segundos que se seguiram, analisou o melhor que pôde a expressão de Alexandre e tentou distinguir se poderia haver alguma hipótese, por mais miserável que fosse, de que estivesse enganado.

Quando compreendeu que não havia, o corpo rebelou-se contra o choque.

— Não... não, não pode ser... — gaguejou Gabriela.

— O Rogério? — repetiu Daniel.

— É mesmo ele! Esse filho da mãe abusava do Rúben e... e provavelmente matou o Francisco!

Alexandre levantou-se e começou a deambular pela sala, a tremer da cabeça aos pés. Por um instante, Mariana temeu que ele perdesse o juízo. Estavam sob tanta tensão nos últimos tempos que não sabia quanto mais a corda esticaria antes de quebrar.

Se calhar, já quebrara. Só podia, para dizer uma coisa daquelas. Para lançar uma acusação assim sobre Rogério, de entre todas as pessoas.

Olhou para Daniel, branco como cal, e para Gabriela, que abanava a cabeça como uma criança. Tinha de fazer alguma coisa, e depressa, antes que o caos se instalasse.

— Alex, se tens a certeza de que o Rogério é o Bateman, temos de arranjar forma de o provar à polícia.

— À *polícia*? — repetiu Daniel, lançando os braços ao ar. — Eles não vão acreditar em nós, Mariana! Depois de hoje, ainda achas que podemos contar com eles?

— E, se lhes vamos esconder mais alguma coisa, é a gota de água.

— O que devíamos fazer era ir já a casa do Rogério e tratar do assunto, para ele não ter hipótese de se pirar daqui! — revoltou-se Daniel.

— Não podemos fazer isso — insistiu Mariana, a sentir-se chegar ao limite da paciência. — Não podemos simplesmente entrar pela casa do homem adentro! Alex, conta-nos exatamente do que é que te lembraste.

Alexandre soltou o ar de rajada enquanto se deixava cair no sofá.

— Houve uma aula de Português, no décimo primeiro ano, em que tivemos de fazer uma composição a descrever o nosso vilão preferido. Podia ser um qualquer, de qualquer livro ou filme ou série. Eu estava a trabalhar a pares com o Francisco, o Daniel com a Gabriela, e tu estavas na outra turma, claro...

— Lembro-me disso! — interveio Daniel. — Mas não me lembro de nada sobre o Bateman...

— Porque estavas demasiado longe para ouvires a conversa que tivemos com o Rogério, quando ele veio à nossa mesa — esclareceu Alexandre, os olhos a escurecerem de revolta. — Como o Francisco ainda não tinha escolhido o vilão, perguntou-lhe qual era o preferido dele e o Rogério disse-lhe que era o Patrick Bateman.

— Mas quem é o Patrick Bateman? É de onde?

— Do livro *Psicopata Americano* — disse Alexandre, de olhos no chão. — Que depois foi adaptado para filme. Aquele com o Christian Bale.

— Porra... o Rogério até que é parecido com ele... — apercebeu-se Daniel.

A consciência do que aquilo implicava abateu-se sobre os quatro.

— Não... não, estás a mentir! — acusou Gabriela de repente, recomeçando a abanar a cabeça.

— Achas que ia mentir sobre uma coisa destas? — protestou Alexandre.

— Mas estás! Não é verdade! O professor Rogério não...

Faltou-lhe o ar para acabar a frase.

— Aquele... aquele filho da puta... — rosnou Daniel.

— NÃO FALES ASSIM DELE! — guinchou Gabriela.

— Gabriela, estou a dizer a verdade, ele...

— CALA-TE! Já chega, não quero ouvir mais nada!

Alexandre ainda abriu a boca, mas ela não lhe deu tempo de dizer nada. Saiu disparada escadas acima e bateu com a porta do quarto com tanta força que pareceu abanar a casa inteira.

— Isto não está a acontecer... — gemeu Daniel, fechando os olhos.

Alexandre afundou a cabeça nas mãos. Mariana beijou-lhe o cabelo antes de pegar no caderno de Português.

— O que estás a fazer? — perguntou Daniel.

— Temos de continuar. Tem de haver mais qualquer coisa. Se vamos acusar o Rogério, precisamos de provas.

— E a Gabriela? — indagou Alexandre, voltando a destapar o rosto.

— Vamos dar-lhe um minuto.

Não foi um, foram quinze, mas Gabriela acabou por voltar. Sentou-se ao lado de Mariana no sofá e pegou na resma de folhas que ela lhe passou, sem dizer mais nada. Trazia o cabelo apanhado num rabo de cavalo desengonçado e o rosto meio molhado. Mariana percebeu que devia tê-lo lavado com água fria para se acalmar depois do ataque de choro, cujos vestígios ainda lhe notava no inchaço e vermelhidão em redor dos olhos. Ainda assim, lançou-se à leitura com o mesmo empenho dos restantes, determinados em encontrar forma de provar algo que devia pertencer ao reino dos pesadelos.

A madrugada correu numa lentidão agonizante. Quando chegou ao fim dos dois cadernos que lhe tinham cabido analisar, sem encontrar nada de jeito, Mariana rodou o pescoço, que sentia demasiado tenso, e levantou-se.

— Vou fazer café e buscar comida.

Nenhum dos outros levantou os olhos das páginas que estavam a ler. Seguiu até à cozinha e, assim que encostou a porta nas suas costas, pôde deixar cair a máscara.

Avançou até à bancada da cozinha e amparou-se nela. Estava tão cansada. Nas suas costas, o relógio de cuco bateu as cinco da manhã. Baixou a cabeça e fechou os olhos. A mente encheu-se-lhe de imagens de Rogério, Rúben e Francisco. A cada nova memória de um momento entre eles, a agonia crescia. Sentiu a boca inundada de biles.

Julgava-se boa a avaliar as pessoas, mas agora via que falhara redondamente.

— Mariana?

Abriu os olhos e virou-se para trás. Daniel estava parado na soleira da porta.

Devia ter uma expressão tão alarmante no rosto que ele deixou de lado o receio pela sua reação e aproximou-se quase a correr.

— Não te vás abaixo. Por favor — pediu, com a voz embargada de aflição.

— Não vou. A sério — disse Mariana, erguendo melhor a cabeça.
— Só precisei de ficar sozinha um segundo.

— Vim atrás de ti porque pareceu que estavas a sentir-te mal — disse Daniel, recuando um passo. — Mas posso ir-me embora, se preferires ficar sozinha.

Mariana abanou a cabeça. À luz de tudo o que tinham vindo a descobrir, o que ele lhe fizera era quase insignificante, e não valia a pena desperdiçar tempo a guardar-lhe rancor.

— Podes ficar aqui e ajudar-me — respondeu, virando-se para a cafeteira.

Daniel anuiu e ajudou-a a preparar o café e um prato com bolachas, que ambos sabiam que ninguém teria vontade de comer, mas mal não fazia levá-las para a sala, pelo menos. Mantiveram-se em silêncio enquanto esperavam que o café ficasse pronto, entendendo o quanto o outro precisava daquele momento para se recompor, até Mariana se virar para ele.

— Achas que foi o Rogério que matou o Francisco?

— Acho. Lá arcaboijo físico para o dominar tinha ele.

— Mas achas que era capaz disso? Ele adorava-o...

Quase tapou a boca com a mão, chocada com a absurdidade do que tinha dito. Daniel afagou-lhe as costas com carinho.

— Como é que nunca percebemos que espécie de pessoa era o Rogério? — acabou Mariana por murmurar, abanando a cabeça. — Como é que passámos tanto tempo com ele e nunca desconfiámos do que se tinha passado entre ele e o Rúben e o Francisco?

— Nunca desconfiámos porque ele é um filho da mãe que mente com todos os dentes que tem na boca — rosnou Daniel, ainda sem a olhar. — Mas ainda vamos a tempo de o fazer pagar.

— Sim... se realmente se provar que foi o Rogério, vamos conseguir que acabe atrás das grades.

— Não achas que prendê-lo é pouco? Que devíamos vingar o Francisco com mais...

— Não, não devíamos. Sei que queres vingá-lo, que *precisas* de vingá-lo, e acredita que também preciso, mas temos de manter a cabeça fria.

Daniel desviou o olhar. Cerrou as mãos e os maxilares com força suficiente para os ossos lhe sobressaírem da pele. Mariana percebeu

que estava a chegar lá e apostou a última carta do baralho.

— Se tiver sido o Rogério a fazer aquilo ao Francisco... também o quero morto. Estou a falar a sério: quero-o debaixo da terra tanto como tu. Mas não podemos dar cabo da nossa vida por causa dele. Ele não merece destruir mais ninguém.

Daniel aquiesceu, rendendo-se, e deixou-a virar-se para a bancada. Mariana deitou o café nas várias chávenas e dispô-las no tabuleiro, mas, antes de Daniel poder pegar nele e levá-lo para a sala, decidiui que não podia continuar a adiar aquele outro assunto.

— Ouve, antes de voltarmos... Não tenho nada que ver com isto e tens todo o direito de me mandar à merda, se quiseses, mas foi impressão minha ou tu e a Gabriela saíram do mesmo quarto há bocado?

Era incrível como, após tantos anos, Daniel ainda corava como um miúdo quando era apanhado a fazer alguma asneira.

— Não, não foi impressão tua.

— OK. Não, espera, deixa-me acabar. Não vou dar-te na cabeça, como é óbvio. São adultos e sabem o que fazem. Só peço que tenham cuidado.

— Não a vou magoar, Mariana.

A mágoa latente na voz dele fê-la estremecer.

— Sei que não o queres fazer. Mas andamos todos a ferver nos últimos tempos...

— Também não seria de esperar outra coisa.

— Eu sei, não digo que não. Mas temos de ter noção de que nenhum de nós está no seu melhor. Andamos a fazer e a dizer coisas uns aos outros que, noutras circunstâncias, nem nos passariam pela cabeça. Por isso... tem cuidado com a Gabriela. Ela acabou de descobrir da pior forma possível que a pessoa que via como um herói é um monstro. Nem sei como é que ainda não desmoronou...

— Nem vai desmoronar. Não vamos deixar que chegue a esse ponto.

— Pois não. Tem-nos cá para a apoiar... e tem-te a ti — reconheceu, pousando-lhe a mão no ombro. — Mas e depois? Quando isto acabar e as nossas vidas voltarem ao normal?

Daniel afastou o olhar para a janela. Mariana percebeu que ele tinha tão poucas certezas quanto ao amanhã como ela.

— Não sei como vai ser amanhã — acabou por dizer, num tom que voltou a cobri-la de pele de galinha. — Nem sei se lá chegamos bons da cabeça. E não, o que aconteceu entre mim e a Gabriela não foi planeado, não andava a pensar nisto há montes de tempo, nem acho que ela também o tenha feito. Aconteceu e pronto. Mas não julgues que vou armar-me em estúpido e deixá-la na lama quando este pesadelo acabar.

— Não pensei que o fosses fazer. Só te peço que tenham cuidado.

— Vamos ter. Não te preocupes.

— Ótimo — declarou Mariana, e voltou-se para a bancada. — Agora pega no tabuleiro e vamos para a sala. Não temos mais tempo a perder.

Capítulo 57

Gabriela não ergueu os olhos da página do caderno que estava a ler quando Mariana se levantou para ir à cozinha preparar café. Também não o fez quando Daniel, pouco depois, a seguiu. Mesmo depois de ficar sozinha com Alexandre, continuou focada na leitura, ciente de que tornaria a rebentar num choro desalmado se não o fizesse.

Obrigou-se a concentrar todas as atenções na letra apressada, quase indecifrável em certos pontos, que preenchia a página. Tanto se criticava a caligrafia dos académicos e médicos, que ela ainda gostava de ver alguém que não estivesse habituado à de Francisco a tentar discernir o que ele dizia em certas passagens.

Mas, para ela, era tão fácil como respirar. Conhecia aquela letra tão bem quanto a sua, os ângulos e vértices de cada vogal e consoante, a inclinação que por vezes assumiam quando a pressa o fazia deixar o final das palavras quase por acabar, quase a fugir.

Como o próprio Francisco fugira de tanto em vida, sem, no entanto, poder fugir de quem mais devia.

Como é que é possível? Como é que o Rogério pode ser o Patrick Bateman?

Fechou os olhos com força. Respirou fundo, domando a entrada e saída de ar e o fluxo até aos pulmões, e tentou imaginar, com a maior

nitidez que lhe era possível, aquele pensamento como algo sólido, como uma bola preta a pairar na sua mente. Quando o conseguiu, já a sentir o suor a acumular-se-lhe na testa e ao longo da coluna, tentou empurrar a bola para longe, para o fundo. «Fecha as más ideias numa caixinha no fundo da tua cabeça e não a abras até estares preparada para lidar com elas», dizia Emília tantas vezes.

Mas não conseguiu. Era só mais uma das coisas que era suposto ser capaz de fazer e não conseguia. Só mais um aspeto em que se sentia profundamente impotente.

Alexandre trouxe-a de volta ao presente. Não se apercebera de ele se ter levantado do sofá onde estava e de vir para o seu lado, mas sentiu-o quando ele lhe pousou a mão na perna e a obrigou a abrir os olhos.

— Estás bem?

— Não.

— Eu também não. Queres fazer uma pausa?

— Não podemos — suspirou Gabriela, sem disfarçar que daria tudo para poder dizer o contrário. — Não sabemos quanto tempo mais a polícia vai levar a descobrir que temos isto tudo aqui e a levá-lo para o posto. Temos de tentar chegar ao fim antes disso.

Alexandre aquiesceu, recostou-se e tornou a passar as folhas do maço que trouxera consigo, mas Gabriela percebeu que não estava tão concentrado como queria.

— É incrível, não é? — acabou ele por murmurar, com a voz mais rouca do que ela esperava. — Como é que conseguimos passar tanto tempo ao lado do Rogério e não perceber o que ele era e o que fez ao Rúben e ao Francisco.

Gabriela não precisou de responder. Alexandre deu-lhe a mão e apertou-lha com carinho, mas apenas conseguiu que ela tivesse mais vontade de vomitar.

— Eu não me limitava a gostar dele como professor, percebes? Eu... eu gostava *mesmo* dele. Era uma paixoneta parva de aluna pelo professor, eu sei, mas não deixa de ser real e eu não deixava de o sentir. E começou porque eu o admirava. *Profundamente*. Era o meu professor preferido. Foi ele que me deu vontade de seguir esta profissão. Foi nele que pensei todas as noites que passei a estudar, todas as vezes que me passou pela cabeça experimentar outras coisas,

tentar sair da minha zona de conforto. Mas acabava sempre por me lembrar dele, e do quanto gostava de um dia vir a inspirar os meus alunos como ele me tinha inspirado, e acabei por nunca mudar de ideias. Ele foi a referência que eu devia ter tido em casa e não tive. Foi quem... meu Deus, foi ele que me convenceu de que não havia nada de errado comigo por gostar de escrever. E agora descobrimos que ele abusava do Rúben, que o convenceu de que não havia nada de errado na relação deles e no que o Rúben sentia, e que... e que... meu Deus, e se ele não foi o único, Alex? E se o Francisco descobriu que o Rogério abusava de mais alguém e ele o matou para o impedir de o denunciar?

— Também já tinha pensado nisso. Que o Rúben pode não ter sido o único.

— Meu Deus... O que é que ainda vamos encontrar?!

Alexandre não foi capaz de responder. Só conseguiu envolver-lhe os ombros com o braço, apertá-la contra si e depois deixá-la voltar ao texto que tinha em mãos.

Mariana e Daniel regressaram nesse momento da cozinha. Distribuíram o café e as bolachas pelo pouco espaço livre em cima da mesinha de centro e concentraram-se em ver o que continha o último caixote que faltava abrir.

Ao chegarem ao fim, Daniel soltou um suspiro desesperado.

— Não há aqui nada. São só discos e vinis dele e do João Paulo.

Foi um murro no estômago de todos. Estavam tão desejosos de encontrar alguma pista que comprovasse, sem objeção possível, a culpa de Rogério, que ainda não se tinham detido na hipótese de, no fim, poder não haver nada.

— Tens a certeza? Não queres ver outra vez? — perguntou Alexandre.

— Não, meu, não há mesmo nada — disse Daniel.

— Sobram estes cadernos e esta pasta que já eram daquele caixote — avisou Mariana, pegando na pasta. — Se houver alguma coisa, tem de estar aqui.

O silêncio voltou a cair sobre o grupo enquanto Mariana partilhava o conteúdo da pasta com Daniel e Gabriela e Alexandre continuavam a ler os que tinham em mãos. Não soube quanto tempo passou até Daniel, a certa altura, ao virar uma página, deixar cair uma folha solta, dobrada ao meio, que lhe tombou no colo.

Mariana sentiu o coração disparar ante a perspectiva de que pudesse estar ali aquilo que procuravam, e a certeza de que não estava preparada para o enfrentar. Um formigueiro desceu-lhe pelos braços e adensou-se nas palmas das mãos enquanto as de Daniel, hesitantes, pegavam na folha.

E susteve a respiração quando ele ergueu aquele olhar horrorizado para o seu.

— O que foi? O que é que encontraste? — perguntou Mariana, pousando a chávena na mesa ao dar pela reação dele.

Mas a cor que o rosto de Daniel assumiu denunciou logo que não seria capaz de responder. Mariana arrancou-lhe a folha das mãos débeis e, ao ficar com um ar tão aflito como o dele, confirmou a Gabriela que tinham mesmo chegado àquilo que procuravam.

E não estava preparada. Não estava preparada de todo, não queria nada daquilo, e não havia nenhuma alavanca a puxar, nenhum botão a premir, nenhum engenho a acionar para obrigar o tempo a parar e...

— Eu... eu não sei se consigo ler tudo, mas...

— Tenta, por favor, que eu não consigo... — admitiu Daniel.

Mariana anuiu, aclarou a voz e começou.

Quando chegou ao fim, nenhum deles conseguiu quebrar o silêncio.

Nenhum deles conseguiu subir do fundo do poço.

Capítulo 58

O texto estava escrito em duas folhas A4 pautadas que não pertenciam ao caderno que Daniel estava a ler. Apareceram de repente, quando ele estava a virar uma página, e Alexandre pressentiu logo, quando as viu atingirem o tapete e Daniel a curvar-se para as apanhar, que o melhor era não o fazer. Era deixá-las estar ou, então, chegar-lhes o fogo para ele poder apagar para sempre o que quer que lá estivesse escrito. Mas a curiosidade falou mais alto e Daniel começou a ler. Nem a um terço conseguiu chegar antes de deixar sair aquele som que cobriu Alexandre de pele de galinha. Antes de ter tempo de a avisar para não o fazer, Mariana saltou para o lado de Daniel, tirou-lhe as folhas das mãos e começou a ler aquilo que, mais tarde, os quatro teriam dado tudo no mundo para nunca terem sabido.

Ainda não sei se consigo fazer isto. Não sei se tenho coragem. Mas, se continuar calado, vou rebentar. É mais forte do que eu. Agora que acho que me lembro finalmente de tudo, tenho de o deitar cá para fora, senão vai dar cabo de mim.

Foi a semana passada, na festa de Natal. A merda da festa de Natal. Quando chegámos, achei que ia ser a melhor noite de sempre. A Gabriela disse que parecia que estávamos no Mundo Encantado do Pai Natal, e até o DJ era muito melhor do que o do ano passado. E eu e a malta tínhamos tido duas semanas de testes e só queríamos divertir-nos. Foi para isso que

fui, para curtir a noite. Não foi para acabar como acabei.

Supostamente, as nossas bebidas não tinham álcool. As do bar onde os alunos podiam ir, pelo menos, não deviam ter. As do outro, onde iam os professores e os outros adultos, essas sabíamos que sim, mas nem valia a pena aproximarmo-nos porque o Ramiro, que era quem estava a servir, mandava-nos dar uma curva só pela forma como nos olhava, nem nos deixava chegar a abrir a boca. Por isso, não fui lá pedir nada, e confiei que podia beber à vontade do que pedíamos no outro bar.

Mas alguém me deve ter metido alguma coisa na bebida. Só pode. Comecei a ficar maldisposto e zozzo, sem mais nem menos. Achei que ia cair para o lado. Disse ao Daniel e aos outros que precisava de ir apanhar ar, para ver se eles não davam por nada. A minha ideia era ter saído do pavilhão, mas percebi que havia outras pessoas a irem lá para fora, e como não queria que ninguém me visse virar o barco, se chegasse a isso, achei melhor ir para a sala dos arrumos do ginásio, onde podia ficar sossegado até as tonturas passarem e estar bem para voltar para o pé deles.

Não me lembro quanto tempo estive sozinho na sala dos arrumos. Sei que me sentei no chão, depois levantei-me e dei uma volta ou duas, depois voltei a sentar-me. Às tantas, o Bateman entrou, fechou a porta e veio agarrar-me no braço. Perguntou-me se eu estava bem e eu disse que não, que estava a sentir-me muito mal, e ele disse que ia ajudar. Só que a voz dele estava estranha. Não lhe conseguia ver a cara, porque ele passou para trás de mim, mas a voz dele deixou-me coberto de suor, aquele suor com que ficamos quando estamos com medo, que nos dá arrepios. Ele disse: «Está tudo bem. Não faças barulho. Não grites.» E claro que tentei gritar, mas o que saiu foi mais um soluço esganiçado do que um grito, e ele tapou-me a boca com a mão para me calar.

Devia ter lutado mais. Devia ter tentando gritar mais alto. Devia ter tentado empurrá-lo. Devia ter tentado soltar-me quando ele me prendeu. Devia ter-lhe mordido a mão com que ele estava a tapar-me a boca ou dado uma joelhada nos tomates. Devia ter feito isto tudo, mas não consegui fazer nada, porque estava tão zozzo que mal me aguentava em pé. E, mesmo que não estivesse tão mal e tivesse conseguido pedir ajuda, a música estava aos berros no pavilhão principal e ninguém me ia conseguir ouvir.

Quando ele me tirou a mão da boca e me beijou, com tanta força que me magoou, não consegui fazer nada. Ele agarrou-me o cabelo, puxou-me para trás das prateleiras dos colchões e das bolas de ginástica e empurrou-me contra a parede. Bateu-me com a cabeça com tanta força que, por um momento, deixei de a sentir. Só quando o sangue quente começou a descer-me pela testa é que me dei conta. Achei que aí, sim, ia vomitar. Quis desmaiar durante tudo o que se passou a seguir, mas não consegui.

Devíamos ser capazes de desmaiar quando queremos, mas nunca somos.

Ele baixou-me os calções e os boxers com um safanão tão forte que os senti arranharem-me as pernas. Acho que nesse momento gritei ou disse qualquer coisa, porque ele mandou-me calar e voltou a bater-me com a cabeça na parede, ainda com mais força. E depois ouvi-o, porque estava de costas e não conseguia vê-lo, a tirar o cinto das próprias calças e a baixá-las.

Durante o tempo todo só pensei como é que ninguém me ia ajudar. Como é que continuavam todos a dançar e a curtir no pavilhão e não davam pela nossa falta. E ele demorou o tempo que quis, não teve pressa, e mesmo assim ninguém me ajudou. Implorei-lhe que parasse, mas de cada vez que o fazia ele batia-me outra vez com a cabeça na parede. Estava a ficar suja com o sangue, um borrão vermelho que ficava menos nítido a cada segundo, porque a minha visão estava enevoada de tanto chorar. Não conseguia parar de chorar como o raio de um bebé. E ele achou que a única forma de me calar era apertando-me o pescoço com uma mão, com tanta força que me ia sufocando.

Doía por todo o lado. Parecia que ele me ia rasgar por dentro.

A certa altura, deixei de lutar. Já não valia a pena.

Quando ele finalmente acabou, puxou-me os cabelos com força para me voltar a cabeça para trás e beijou-me como tinha beijado antes e saiu de dentro de mim. Senti-me tão fraco e doía-me tanto que me fui abaixo. Bati com os joelhos no chão com tanta força que até fiquei com a visão negra. Ele riu-se enquanto se vestia e passava a mão pelo cabelo para o alisar. Para fingir que não se tinha passado nada, que não tinha feito nada de mal. «Não foi assim tão mau, pois não?»

Fechei os olhos. Ouvi-o destrancar a porta e dizer para eu só sair quando não desse nas vistas, e que dava cabo de mim se eu contasse aquilo que tinha acontecido a alguém. Nem esperou para me ouvir dizer que ia obedecer, porque claro que ia obedecer. Foi-se simplesmente embora, voltou para a festa como se nada fosse e ninguém desconfiou de nada. Eu não me consegui mexer durante muito tempo. Fiquei só ali a chorar como se nunca mais fosse capaz de parar. Como um bebé, como o raio de um maldito bebé chorão e imbecil.

Quando consegui levantar-me, fui ao balneário dos rapazes ver o estado em que tinha ficado e vi logo que, assim que o Alex e o Dan me olhassem para a cara, iam ver que tinha acontecido alguma coisa, e eu não ia conseguir mentir. Por isso, mandei-lhes mensagem a dizer que alguma coisa me tinha mesmo dado a volta à barriga e precisava de ir para casa para ir à casa de banho à vontade. Eles ficaram preocupados, mas convenci-os de que não era preciso virem atrás de mim e de que deviam ao

menos eles aproveitar a festa, já que eu não podia.

Chamei um táxi e fui para casa. Entrei sem fazer barulho e tentei safar-me com as coisas da caixa dos primeiros socorros da casa de banho, atento a ver se não fazia barulho e não acordava os meus pais.

E agora já passou e ninguém vai descobrir. Ninguém pode descobrir.

E, se tentar o suficiente, se calhar nem aconteceu mesmo. Não passou de um pesadelo.

Só quando Mariana chegou ao fim é que Alexandre percebeu que aquele ruído que estava a ouvir, como o uivo de um animal ferido, saía da sua própria garganta. Era uma mistura de gemido e soluço, o seu corpo e mente a revoltarem-se contra aquilo que acabava de ler. Levou as mãos à boca, tapando-a para abafar o barulho, mas sentiu o coração partir-se aos bocados, cada um a fazer um som exatamente igual àquele.

Não podia ser. Não podia ser. Não podia...

A sua cabeça encheu-se de imagens de Francisco. Francisco, confiante como um leão, sempre o mais forte de todos. O seu melhor amigo. O seu irmão. Passou-lhe pela cabeça uma série de memórias dele, como um rolo de filme antigo. Memórias do sorriso dele, da forma como conseguia mostrar-se sério num instante e se perdia a rir logo no seguinte. Memórias de todas as vezes em que o tinha ajudado, o tinha apoiado...

E ninguém o tinha apoiado naquela noite. Ninguém o tinha levado ao hospital. Ninguém sequer tinha sabido que ele tinha sido...

Não. *Não podia ser.*

Aquela era a única coisa que ainda nenhum deles tinha pensado que pudesse ter acontecido a Francisco.

Daniel foi o primeiro a sair do choque, e saiu a ferro e fogo.

— VOU MATAR AQUELE CABRÃO!

Arrancou o caderno a Mariana, atirou-o à parede e saltou do sofá. Passou as mãos pelo cabelo, embebido em suor, afastou-o da cara à bruta e recomeçou a vaguear pela sala como um leão enjaulado.

Alexandre juntou-se-lhe, porque também não conseguia aguentar quieto e calado.

— Temos de ir, não podemos continuar aqui de braços cruzados!

— Alex...

— Alex o quê, Mariana? Alex o quê? Aquele filho da puta violou o

Rúben e o Francisco, e sabe-se lá mais quem, e continua aí à solta!

Gabriela fechou os olhos, mas não era aquela a reação de que ele precisava.

— TEMOS DE FAZER ALGUMA COISA! — berrou, apontando para o caderno, caído junto à parede. — Não podemos ficar aqui a ler e não fazer mais nada!

— E o que é que achas que devemos fazer? — bradou Mariana, o fogo a vir finalmente ao de cima. — Qual é a tua brilhante ideia?

— Vamos atrás dele! Vamos atrás daquele cabrão e...

— E fazemos o quê? Matamo-lo? Se o fizermos, vamos todos presos.

— Malta...

— ELE TAMBÉM COMETEU UM CRIME E NÃO ESTÁ PRESO!

— *AINDA NÃO!* — corrigiu Mariana, conseguindo que a voz superasse a de Alexandre o suficiente para o calar por um instante. — Nada me saberia melhor neste momento do que dar cabo daquele porco de merda, mas não vou passar anos atrás das grades por causa dele! Não é essa a maneira certa de vingarmos o Francisco!

— Malta, ouçam... — tentou Gabriela outra vez.

— Achas mesmo que ele vai ser apanhado e julgado, Mariana? Em que conto de fadas é que estás a viver? É que diz-me, porque adorava ir para lá contigo! — vociferou Alexandre.

— Não vivo em nenhum conto de fadas, mas estou a tentar que não passemos a um inferno ainda pior!

Alexandre abriu a boca para lhe responder, mas Daniel, em quem a voz da razão de Mariana parecia ter surtido efeito mais depressa, veio pousar-lhe as mãos nos ombros, com os olhos a encherem-se de uma seriedade e compreensão que o desarmaram por completo.

— Sei como te sentes. Acredita que sei. Aquele cabrão de merda destruiu a vida do Francisco e nada me faria mais feliz do que destruir a dele. Mas a Mariana tem razão. Não podemos chegar lá e matá-lo sem mais nem menos. Temos a responsabilidade de tratar disto de forma a ser feita justiça e tanto o Francisco como nós termos a paz que merecemos. E não a vamos ter na prisão.

Alexandre tinha a certeza de que não chegaria a ter paz alguma enquanto Rogério andasse ao cimo da terra, mas o nó que tinha na garganta cortou-lhe a voz.

Ainda assim, acenou em concordância. De nada valia continuar a insistir naquele momento na ideia que levaria avante, quer eles concordassem quer não, quando se visse cara a cara com Rogério.

— Pronto, então, e a dar-vos razão, o que é que fazemos agora? Ficamos aqui de braços cruzados a ler?

— Antes de continuarmos a ler ou não, ouçam-me, por amor de Deus! — exigiu Gabriela.

Tinha ido buscar o caderno que Alexandre atirara para o canto da sala e regressara ao sofá. Tinha a cara de um tom quase esverdeado, por isso devia ter relido o texto. Alexandre não sabia como é que ela conseguia. Não o voltaria a ler nem sob tortura.

— Acho que... — balbuciou Gabriela, a medo, antes de erguer os olhos cintilantes para os deles. — Acho que isto aconteceu antes.

— Antes de quê?

— Da cena do Rúben e do Rogério...

Alexandre olhou para Mariana e para Daniel, à espera de ver nos rostos deles a mesma confusão que o acometera, mas Mariana já estava a concordar, de cenho franzido de concentração.

— E por isso é que aqui ele nem parece assim tão chocado com aquilo que está a ver. Parece só... furioso — disse Gabriela, apontando para as folhas onde surgia a descrição do episódio entre Rogério e Rúben. — E desiludido, acima de tudo.

— Por perceber que não tinha sido o único — concluiu Mariana.

Alexandre e Daniel trocaram um longo olhar, a tentar perceber qual dos dois perderia a cabeça mais cedo. Daniel estava com uma cor quase tão desmaiada como a de Gabriela e, antes que Alexandre pudesse perguntar-lhe se estava bem, saiu disparado na direção da casa de banho. Bateu a porta com força, caiu de joelhos no chão e começou a vomitar com violência. Gabriela fechou os olhos e deixou pender a cabeça para o peito. Mariana e Alexandre sentaram-se um de cada lado dela e passaram-lhe os braços em redor da cintura e dos ombros.

— Nós estávamos lá... estávamos tão perto e não nos apercebemos de nada... — soluçou Gabriela.

— A música estava muito alta. Isto aconteceu no momento alto da festa, de certeza. Nem que ele tivesse conseguido gritar a sério o teríamos ouvido, mesmo estando ali ao lado. E, além disso, ele diz que

o Rogério lhe meteu qualquer coisa na bebida. Há drogas capazes de deixar a pessoa praticamente incapacitada, qualquer benzodiazepina teria esse efeito — explicou Mariana.

Mas não era desculpa suficiente. Podia invocar os argumentos que quisesse, toda a lógica e ciência do mundo, podia tentar convencer-se a si mesma de que a culpa era do DJ, da multidão que enchia a pista do pavilhão, das luzes e das decorações e da euforia em geral. Podia tentar lançar a culpa para onde quisesse, mas Alexandre continuava a senti-la aos ombros, um abutre a ferrar-lhe as garras na carne, cada vez mais fundo até ao âmago de si, até onde continuava a sentir que falhara a Francisco.

Nenhum teve coragem de dizer mais nada depois daquilo. Aguardaram que Daniel conseguisse voltar, depois de ter passado a boca por água, mas ainda vinha com um ar demasiado perturbado para o obrigarem a continuar a ler. Alexandre preparava-se para dizer isso mesmo, mas Daniel antecipou-se.

— Se continuarmos, podemos encontrar outra merda ainda pior. E se o Rogério tiver violado o Francisco outra vez ou ele tiver passado por algo ainda pior? Estão preparados para isso?

— Não, mas temos de continuar — declarou Mariana. — Já não falta muito, e pode ser que encontremos alguma explicação para o que realmente aconteceu no dia em que o Francisco morreu.

Rendendo-se, Daniel foi sentar-se na poltrona do pai, enquanto Gabriela pegava numa das últimas pastas que faltava analisar e distribuía as folhas no seu interior pelo grupo.

A seguir a teoria de Gabriela, de que o episódio a que Francisco assistira entre Rogério e Rúben tivesse sido posterior à sua violação, tentaram localizá-lo no tempo. Ao fim de algum tempo, Alexandre e Daniel lembraram-se de um fim de tarde, na penúltima semana de aulas do décimo segundo ano, em que tinham combinado ir ter à praia para um jogo de voleibol. Lembravam-se de Francisco ter dito que se esquecera do relógio no cacifo e de que ia voltar lá dentro num instante para o ir buscar, mas demorou uma eternidade. Tanto que um dos colegas com quem iam jogar ligou, a confirmar se valia a pena esperar por eles, e quando Daniel disse que ainda estavam à porta do colégio, o colega disse que nem valia a pena irem, porque iam começar sem eles. Daniel ficou piurso e desancou Francisco quando

ele voltou para junto deles.

— E ele realmente parecia preocupado com qualquer coisa, nem pareceu dar atenção ao que eu estava a dizer. Mas na altura não me passou pela cabeça...

— Claro que não passou. Nenhum de nós jamais teria imaginado o que ele tinha visto lá dentro — tranquilizou-o Gabriela.

Mas não servia de grande consolo. Só aumentava a sensação de impotência que os quatro partilhavam, por terem prestado tão pouca atenção ao estado de espírito do melhor amigo para não se aperceberem de que ele carregava um segredo terrível.

Contudo, e a bem da verdade, não foram os únicos desatentos naquelas duas últimas semanas do ano letivo.

A única coisa em que qualquer membro da comunidade do colégio conseguia pensar, naquela altura, era nos preparativos para a grande despedida. Havia tanta coisa a tratar, e com tão pouca antecedência, que todas as conversas acabavam, invariavelmente, por ir dar aos temas do baile de finalistas e do futuro universitário ou profissional que teriam dali em diante. Ainda tinham os últimos testes e a preparação para os exames finais pela frente, mas isso estava longe de ser o foco das atenções. Toda a gente queria tirar fotografias com toda a gente porque se sabia que, como em anos anteriores, os diretores de turma iam recolher as fotografias de quem as quisesse partilhar e afixá-las nos quadros de informações, ao longo do *hall* de entrada. Daniel e Alexandre achavam aquilo uma lamechice pegada, mas claro que Gabriela e Mariana adoravam a ideia. Passaram dias e dias de máquina em punho, a tirar fotografias com todos os colegas e professores e a pedir a Helena Martins para não se esquecer de que, no penúltimo dia de aulas, iam entregar-lhas todas num disco para ela as poder imprimir.

Além da saga das fotografias, havia a dos discursos de autoajuda. Quase todos os professores faziam longas dissertações no início e fim das aulas, nas quais se fartavam de dizer que tinha sido um prazer acompanhá-los ao longo daqueles anos e que esperavam que eles fossem bem-sucedidos no futuro, e faziam-se apostas sobre quem entraria para que universidade e para que curso.

Mas o mais importante, claro, era saber quem ia com quem ao baile de finalistas.

O baile era o maior evento do ano no Colégio D. João III. A Associação de Estudantes, que organizava o baile de finalistas, a festa de Natal e os restantes eventos, inspirava-se nos bailes dos filmes e séries norte-americanos para lhes dar a experiência de maior *glamour* possível. E, por mais que Alexandre quisesse manter a postura de ser do contra, a verdade é que andava tão entusiasmado como os outros. Tatiana Gomes tinha aceitado ser o seu par e ele mal podia esperar pelo momento em que pudesse assentar as mãos naquela cintura esculpida pelo Diabo. A única pessoa a quem admitia isto era a Daniel, que era quem o compreendia melhor, porque também estava ansioso por passar a noite na marmelada com o seu par, Anita Fernandes.

Nenhum deles percebeu bem como é que Francisco chegou à véspera do baile sem par, mas também não queriam pressioná-lo. Ele andava nervoso por causa dos exames finais e não queriam chagar-lhe a cabeça. Assim como assim, de certeza que não faltariam candidatas para abrir a pista de dança com ele. Nunca faltavam.

A noite foi de arromba. Os rapazes usaram os seus melhores fatos de cerimónia e as raparigas deslumbraram nos seus vestidos. Gabriela e Mariana tinham-se vestido, maquilhado e penteado juntas, em casa de Mariana, antes de os seus acompanhantes, Pedro e Rodrigo as irem buscar — dois colegas deles que não tinham nenhum interesse romântico nelas, mas também não tinham ninguém melhor para convidarem para o baile as irem buscar.

Toda a gente se divertiu e ninguém desconfiou, por um segundo que fosse, de que Francisco estava a viver um pesadelo. Nunca tinha tido grande pé para a dança — detalhe que as raparigas que queriam curtir com ele teimavam em ignorar —, mas, nessa noite, surpreendeu-os pelo tempo que passou na pista. Dançou a noite e madrugada inteiras e pareceu a Alexandre que viveu, tal como eles, a melhor noite da sua vida.

O dia seguinte chegou, tal como os restantes dessa semana, e Francisco continuou a não dar nas vistas. Alexandre, Daniel, Mariana e Gabriela tinham estado tão envolvidos no espírito das celebrações, e depois na tensão da chegada dos exames, assim como os outros colegas, que nenhum se apercebeu de que Francisco estava numa frequência completamente diferente.

Mas não posso culpá-los. Daria um braço, daria o corpo inteiro para

poder sentir-me como eles. Para ainda me sentir bem. Para ainda me sentir normal.

Encontraram aquela passagem anotada na margem de uma folha em que surgia um exercício de uma aula de Inglês, como prova de que aquilo que tinha vivido nunca deixava realmente o pensamento de Francisco. Em qualquer momento, em qualquer lugar, o trauma voltava à superfície.

À medida que avançavam nas últimas folhas e textos, crescia entre eles uma tensão eletrizante. Tinham todos medo de chegar ao fim e não encontrar nada que servisse de prova de que Rogério era Patrick Bateman. A certa altura, Alexandre, que mal conseguia manter-se quieto no sofá enquanto Mariana lia em voz alta, pôs-se a pesquisar na Internet a referência. Acabou por descobrir que o Patrick Bateman do livro *Psicopata Americano*, de Bret Easton Ellis, é um executivo de Nova Iorque bem-sucedido, vaidoso e arrogante, que vem a descobrir-se que também é um assassino em série. O estômago revirou-se-lhe mais uma vez. *Porra, encaixa como uma luva.*

Nesse instante, Mariana virou a página e semicerrou os olhos, com o corpo inteiro a retesar-se.

— Acho que é isto... acho que chegámos lá.

— Consegues ler? — murmurou Alexandre.

Mariana tentou anuir com convicção, mas não tinha forma de disfarçar o tremor das mãos.

Decidi organizar uma noitada cá em casa para ajudar o Alex. A Tatiana acabou com ele e ele ficou mesmo mal e precisa do nosso apoio. E não há nada melhor para isso do que uma festa.

Acabou por correr melhor do que eu estava à espera. Acabei mesmo por me divertir. Nenhum deles desconfiou de que não estou bem, mas foi melhor assim. O que eu menos queria era tornar-me no centro das atenções. Desta vez, era o Alex que precisava de apoio. Acho que tenho direito a ter algum orgulho em mim por não lho ter tirado. Pelo menos, desta vez.

E, na verdade, a noite acabou por ser uma das melhores que tivemos em muito tempo. Ouvimos música, fartámo-nos de beber, jogámos — a Mariana continua a ser péssima no SingStar, passe o tempo que passar — e conversámos imenso. O Alex desabafou connosco e nós apoiámo-lo o melhor que conseguimos, e agora acho que já se está a sentir melhor. Vai

precisar que continuemos ao lado dele, mas acho que já está a sentir-se menos miserável e vai começar a recuperar.

Mas nem todos o fazemos da mesma maneira, pois não? Nem todos temos a mesma facilidade em seguir em frente. Eu sei isto demasiado bem e é por isso que tomei a decisão que tomei: preciso de me libertar disto. Preciso de seguir em frente.

Porque estou a começar a falhar. Consegui disfarçar até agora, mas é cada vez mais difícil. Estou demasiado cansado para conseguir manter sempre a fachada e ela está a começar a vir abaixo. Desconcentrei-me há bocado, quando me despedi da Gabriela. Ela ficou preocupada comigo, olhou para mim de uma maneira estranha enquanto estava a ir-se embora no carro dos pais. Se calhar parei de sorrir demasiado depressa? Ou não acenei como deve de ser? Espero bem que seja só impressão minha e que, na verdade, ela não tenha reparado em nada, senão vai querer falar comigo sobre isso. E aí terei de lhe mentir, outra vez, para ela não chegar a saber de nada, e só Deus sabe como me custa ter de lhe mentir.

Mas vou ter tempo para me preocupar com a Gabriela. Agora tenho de me despachar porque já perdi demasiado tempo, e aquilo que tenho de fazer não pode continuar a ser adiado. Tenho de ir falar com o Bateman.

— Ele foi ter com o Rogério?! — interrompeu Daniel.

— Ao que parece... — murmurou Gabriela, atordoada.

— Deixem a Mariana ler! — pediu Alexandre, fazendo-lhe sinal para continuar.

Ela lançou-lhes um olhar desesperado. Alexandre sabia que tinha medo do que viesse a seguir. Ainda assim, como nenhum dos outros a livrou, voltou a baixar os olhos para o texto.

Já deixei passar demasiado tempo. Já não aguento mais. Mesmo que já não tenha de voltar à escola, sei que vou continuar a cruzar-me com ele por aí e não vou aguentar. E mesmo que, por milagre, nunca mais o visse, não posso aceitar que ele ande por aí livre depois daquilo que me fez e ao Rúben. Porque agora que sei que não fui o único, tenho a certeza de que ele não se vai ficar por aqui. Não se vai contentar só connosco.

Por isso, vou levar o meu telemóvel em modo de gravador, escondido para ele não se aperceber dele, e vou obrigá-lo a confessar o que fez. Quando tiver essa prova, vou levá-la à polícia e o chefe Hélder vai prendê-lo e ele vai passar os próximos anos atrás das grades e não vai poder fazer mal a mais ninguém.

Está na hora de o travar. Tem de ser.

E quando tudo tiver terminado, sei que toda a gente terá milhares de perguntas, mas nessa altura acho que já me sentirei preparado para lhes responder. Até agora não estive, mas nessa altura, dê por onde der, terei de estar.

— E termina aqui. Já não há mais nada — declarou Mariana, antes de fechar devagar o caderno e o pousar no colo. — Já não há mais nada.

Seguiu-se um longo silêncio. Não foi planeado, mas assim que viram Mariana fechar o caderno, e de seguida os olhos, Alexandre, Gabriela e Daniel fizeram o mesmo. Deixaram que o silêncio os soterrasse durante aquilo que pareceu um século, no qual se resignaram com o fim, com o limite, com o abismo.

Sabiam estar a aproximar-se dele, à medida que devoravam página após página. Sabiam que, mais cedo ou mais tarde, chegariam à última frase que Francisco tinha escrito. Sabiam que, depois disso, não haveria mais nada, não teriam mais nada a que se agarrar nem poderiam continuar a invocar com tanta clareza as memórias que tinham partilhado com ele, nem a deixar que ele lhes enchesse a mente com as suas. Sabiam isso tudo de antemão, e, mesmo assim, foram acometidos pelo choque mais profundo ao constatarem que aquele era o derradeiro fim. Que a seguir àquela frase se encontravam apenas folhas em branco.

Alexandre sentiu o coração abrandar-lhe o sangue nas veias. Como é que podia acabar assim? Alimentara a esperança de que, no último instante, Francisco tivesse perdido o medo e tivesse escrito, claro como água, quem era Bateman e o que lhe fizera e a Rúben. E agora, quanto mais aquele silêncio se arrastava, mais se dava conta de que fora estupidamente ingénuo da sua parte esperar aquilo.

Se Francisco quisesse pedir ajuda, tê-lo-ia feito. Teve tempo, *demasiado* tempo, e não o fez. Mas o seu desespero, a sua vergonha, eram tão profundos que não ousou deixar mais que aquela alcunha como pista. Porque, no fundo, era bastante provável que nem lhe tivesse passado pela cabeça que, de alguma forma, ele, Daniel, Mariana e Gabriela pudessem vir a encontrar aqueles textos. E porque é que havia de passar? Não podia adivinhar que aquele seria o último que viria a escrever. Não podia saber que não regressaria da conversa com Rogério. Não podia antecipar que seria ali o fim e que não, não

seria ele a levar tudo aquilo à polícia e a conseguir que se fizesse justiça. E, como não podia saber nada daquilo, também não precisou de se prevenir. Nem devia ter ponderado na hipótese de a conversa com Rogério correr tão mal que ele acabasse por matá-lo. Quis acreditar que, se alguma ínfima parte de Francisco achasse que isso era possível, lhes teria deixado melhores provas para seguirem.

Só que não sabia. Não podia saber.

— Não temos nada que ligue o Rogério ao Bateman — proclamou, chamando a atenção dos outros. — A polícia não vai acreditar quando tentarmos explicar o que sabemos, porque não temos como o provar.

Daniel baixou o olhar para as mãos pousadas nas pernas, e Mariana e Gabriela trocaram um olhar de desalento, mas ele não conseguiu continuar de braços cruzados.

— Já chega — decidiu, levantando-se. — Já lemos todos os malditos textos, já procurámos todas as provas que podíamos procurar e não temos nada além da minha recordação, que a polícia vai descartar com uma pinta dos diabos.

— Alex... — balbuciou Mariana.

— Não, não comeces! — interrompeu. — Não temos nada para lhes levar, portanto temos de tratar disto sozinhos! Está na hora de fazermos justiça pelo Francisco!

— Concordo contigo, mas não podemos chegar a casa do Rogério e matá-lo! O que é que fazíamos a seguir? — protestou Mariana.

— NÃO FAÇO IDEIA! Só sei que vou dar em louco se esse cabrão continuar impune depois do que fez ao Francisco e ao Rúben e a mais sei lá quantos miúdos!

— Ele não vai ficar impune. Só temos de encontrar algo que comprove a associação dele ao Bateman... ou alguém que desconfiasse de algo deste género sobre ele e que possa servir de testemunha — explicou Gabriela, mas tinha a voz tão fraca que Alexandre duvidava que ela própria acreditasse naquilo que estava a dizer.

Porém, antes de poder berrar-lhe que tinha de lhes sair a porra do Euromilhões para encontrarem alguma alminha que lhes pudesse valer, Mariana levantou-se com os olhos a brilhar.

— Esperem... E se houver mesmo essa testemunha?

— A sério? E não tinha vindo à baila há nove anos, quando o caso ainda estava fresco e podia ter sido uma ajuda para a polícia? —

protestou Daniel.

— Pode não ter tido coragem de falar... Ou pode, tal como nós, ter descoberto o que aconteceu ao Francisco e ao Rúben, mas não ter dito nada à polícia por não ter como prová-lo.

— Ou pode ter sabido por um meio que, moralmente, o impedia de o denunciar à justiça — completou Gabriela.

E quando se levantou, para ir para o lado de Mariana, fez-se tanta luz na mente de Alexandre como a que brilhava nos olhos de ambas.

— O padre Emanuel.

Capítulo 59

A igreja estava vazia quando chegaram. Passava pouco das sete da manhã. Mariana até duvidava que Emanuel já lá estivesse, mas Alexandre e Daniel não tinham querido esperar mais.

Assim que chegaram à conclusão de que ele podia ser a única pessoa a saber o que se passara entre Rogério, Francisco e Rúben — e que o sigilo confessional o isentara da obrigatoriedade de partilhá-lo com a polícia — encaixotaram todos os pertences de Francisco numa correria, trocaram os pijamas por roupa de rua, levaram os caixotes para a carrinha de Daniel e voaram até lá. Não havia trânsito àquela hora e a estrada tinha deslizado sob o veículo a uma velocidade vertiginosa.

Estacionaram numa das ruas transversais à igreja. Subiram a escadaria cabisbaixos e curvados contra o vento agreste. Absteram-se de correr, como os corações pediam, e atravessaram as grandiosas portas de madeira escura com a maior serenidade possível. Não queriam despertar suspeitas de alguém que pudesse ir a passar na rua.

— Padre? — chamou Daniel, com a voz a ecoar pela igreja. — Padre, está aqui?

— Não grites, Dan, por favor... — sussurrou Gabriela.

Lançou um olhar ansioso em redor e afagou os braços. Parecia ter medo de que as figuras saltassem dos vitrais para os castigarem pela

perturbação do seu sono eterno.

— Padre? — chamou Daniel de novo, já a meio da nave central.

— O que vem a ser isto? — inquiriu Emanuel, surgindo de uma porta lateral.

Ainda vinha em modo casual, com umas calças de ganga escuras e um polo bege. Vê-los entrar igreja adentro parecia o oposto de uma aparição divina.

— Precisamos de falar consigo — disse Alexandre.

Aceleraram o passo até ele e Emanuel foi recuando de novo para a porta.

— É muito cedo, ainda falta imenso para a missa...

— Por isso é que é uma boa altura para falarmos. Podemos ir para o seu escritório, por favor? — implorou Gabriela.

Emanuel suspirou e fez-lhes sinal para o acompanharem. Conduziu-os ao longo dos corredores frios, até ao escritório pequeno, bafiento e demasiado atulhado de tralha para se considerar confortável.

— Querem um café ou um chá? Ainda não tomei o pequeno-almoço, podem fazer-me companhia.

— Se bebermos mais café, rebentamos. E, se calhar, também não é a melhor ideia comer muito antes de ouvir aquilo que viemos contar-lhe — aconselhou Gabriela.

O cenho de Emanuel franziu-se ao ponto de as sobranceiras quase se tocarem. Aquiesceu, compreendendo a gravidade do que se lhe deparava. Contornou a secretária e sentou-se no cadeirão preto no outro lado.

— Muito bem, contem-me, então, o que vos trouxe aqui.

Só havia duas cadeiras do lado oposto da secretária. Alexandre fez sinal a Mariana para se sentar, e ela puxou Gabriela para que se sentasse ao seu lado. Alexandre e Daniel ficaram de pé, atrás delas. Mariana duvidava que, com o avançar da conversa e o exaltar dos ânimos, eles conseguissem ficar quietos muito tempo.

— Esta conversa não é nada fácil de ter, padre — começou Gabriela.

— Já percebi que não — murmurou Emanuel. — Vejo nos vossos olhos que o que vos trouxe aqui vos pesa muito no coração. Mas aqui, na casa do Senhor, estão seguros. Podem contar tudo.

Por isso, contaram tudo mesmo, sem poupar um único detalhe. Enquanto os ouvia, Emanuel levantou-se uma vez para ir buscar o café quando ficou pronto, e outra para, depois de o beber, se ir colocar à janela, com as mãos unidas atrás das costas, a olhar para o exterior. Mas de nada valia esconder-lhes o rosto, porque o resto do corpo denunciava na perfeição a tensão que se ia apoderando dele a cada palavra.

E que lhes confirmou que nada daquilo que ouvia o surpreendia.

— Padre, desculpe, mas é impressão nossa ou já estava à espera disto? — perguntou Daniel.

Emanuel não se virou. Mariana sentia a impaciência a alastrar do corpo de Daniel como ondas de calor. Esticou uma mão para trás, para lha pousar na perna, e pediu-lhe para manter a calma. Daniel anuiu, devagar, mas não desviou os olhos, quais miras de espingarda, das costas hirtas de Emanuel.

Quando finalmente se virou para os enfrentar, o sorriso amargo que lhes dedicou foi resposta suficiente.

— Tens razão. Nada disto me surpreende.

— E porque não? — inquiriu Alexandre.

— Porque, infelizmente, sei que o Francisco e o Rúben não foram as primeiras vítimas do Rogério Carrilho.

Capítulo 60

Embora já esperasse esta resposta, Gabriela ainda sentiu que os olhos se esbugalhavam e a pele descorava com a revelação de Emanuel.

Enquanto o choque chegava e passava, apenas conseguiu absorver a expressão conformada dele e digerir o facto de que acabava de afirmar que o antigo professor deles já tinha violado e matado alguém antes de Francisco e de Rúben.

Sentiu Daniel descair para diante e amparar-se nas costas da cadeira onde estava sentada para não perder por completo o equilíbrio. Viu também Alexandre tapar a boca com a mão, enquanto a outra era envolvida pela de Mariana, que a apertou enquanto fitava Emanuel com uma tenacidade que Gabriela nunca invejara tanto.

Emanuel, por seu lado, observava-os como se receasse que entrassem todos em histeria. Era o mais espectável, ela tinha noção disso, pelo que não podia criticá-lo pelo modo como os olhava, nem por não adivinhar que aquilo era apenas a confirmação do pior que tinham esperado.

— Quem foi a primeira vítima? — perguntou Mariana.

Emanuel baixou o olhar para o café, que começara a mexer na chávena com uma lentidão agonizante. Gabriela compreendeu que, até àquele instante, ele não acreditara ter de reviver aquelas memórias.

Tinha os olhos pesados, as sobrancelhas quase a unirem-se na testa, as rugas a aprofundarem-se em redor da boca, franzida numa linha lívida. Parecia, de repente, dez anos mais velho. Percebeu que teria tentado evitar que chegassem àquele momento, se adivinhasse que a conversa iria tão longe.

Mas era tarde de mais. Agora, toda a verdade tinha de vir à tona.

— Conte-nos, padre, por favor — sussurrou Gabriela, apertando-lhe a mão. — Já o guardou para si demasiado tempo.

Emanuel ergueu o olhar brilhante de culpa para o de Gabriela e, ao vê-la assentir, tossiu para aclarar a voz e começou.

— Há vinte e dois anos, quando o Rogério Carrilho ainda estava há pouco tempo no colégio, começaram a surgir uns rumores sobre um rapaz cá da vila. Chamava-se Paulo Faria e, até ter entrado para o décimo ano, era uma menino bem-disposto, simpático, sempre de sorriso na cara. Não fui eu que o batizei, só vim para a paróquia uns dois ou três anos depois de ele ter nascido, mas já fez a catequese comigo e já fui eu que o crismei e lhe dei as bênçãos. A família dele era muito presente, sabem? Era um prazer tê-los comigo aos domingos na missa. Além do Paulo, tinham uma menina, uns cinco anitos mais nova, a Rosa, que era uma bonequinha. Um autêntico anjo, aquela menina. E os pais eram pessoas muito modestas e desfaziam-se em elogios para os filhos, principalmente para o Paulinho, que era o orgulho da vida deles. Tinha bons amigos, boas notas e parecia... bem, *normal* para a idade. Só que, um dia, começou a mudar. Não consigo apontar ao certo a partir de que momento deixou de ser o menino alegre que costumava ser e começou a tornar-se introvertido, até mesmo antissocial. Não foi de um dia para o outro. Ao princípio, nem os pais nem os amigos se aperceberam de que ele estava a mudar. Mas eu percebia, pela forma como ele parecia... olhar, sabem, *através* das pessoas, sem sorrir nem parecer estar a ouvi-los, de que algo não estava bem. Mesmo durante a missa, ele, que antes estava sempre atento ao que eu dizia, já parecia nem me ouvir. Parecia sempre perdido nos seus pensamentos...

— Contou isto a alguém? — cortou Daniel, demasiado impaciente para esperar que ele chegasse ao fim no seu ritmo.

— Não, não quis meter-me demasiado na vida dele, porque as pessoas podiam considerar que estava a abusar do meu papel. Sei bem

que a maioria das pessoas pensa que os padres se intrometem em tudo, mas não passa de um preconceito. Eu, pelo menos, não sou nada assim e prefiro que sejam as pessoas a vir ao meu encontro e a confiarem aquilo que as atormenta do que eu a insistir com elas para que o façam.

Nem Gabriela nem nenhum dos outros conseguiu contrariá-lo naquele ponto.

— Por isso, e para não dar azo a mexericos, guardei as minhas suspeitas para mim. Mas fui-me mantendo de olho nele e vi-o ficar cada vez mais triste. Já quase nunca aparecia com os amigos nos bailaricos e quermesses. Cheguei a achar que se teriam chateado por alguma razão. O momento de viragem, em que perdi de vez o receio do que pudessem depois andar a dizer nas minhas costas, foi quando ele começou a inventar desculpas para não vir à missa ao domingo. A primeira vez, o pai disse que ele estava adoentado e tinha ficado em casa. Na segunda vez, dois ou três domingos depois, disse-me que ele ia ter um teste muito importante na semana seguinte e tinha dito que precisava de ficar a estudar. Ora, quem sou eu para me impor contra a dedicação à escola, mas o Paulinho nunca tinha colocado os deveres escolares à frente da tradição de vir com a família à igreja ao domingo. Mas, mesmo aí, não disse nada, porque ainda achava que podia ser só impressão minha. A gota de água foi na terceira ou quarta vez que ele faltou, novamente com a desculpa de que estava adoentado. Já não devo ter conseguido disfarçar muito bem a desconfiança, porque o pobre pai dele desfez-se a pedir-me desculpa, mas não insisti com mais perguntas. Só que, por acaso, no fim da missa desse dia ouvi dois dos amigos dele comentarem, enquanto estavam a sair, que achavam que ele andava a comportar-se de uma forma estranha. E, a dada altura, um dos amigos comentou que não achava justa a nota que o professor Rogério lhe tinha dado, porque ele não merecia um valor tão alto no teste.

— Espere... ele andava a inflacionar-lhe as notas? — interveio Gabriela.

— Sim. Isso aconteceu ao Francisco?

— Não. Quer dizer, não que tenhamos reparado. Achámos sempre que as notas que ele tirava eram merecidas... — disse Alexandre, ainda que começasse a surgir-lhe alguma hesitação na voz.

— Sim, e era natural que tivesse boas notas a Português, já que escrevia tão bem — concordou Gabriela.

— Padre, mas volte à história do Paulo, por favor — pediu Daniel.

— Sim, sim, claro... Bem, fiquei desconfiado e comecei a prestar mais atenção às conversas que ouvia dos amigos dele. E em poucas semanas, em que o Paulo não voltou a vir à missa, reparei que o nome do Rogério Carrilho aparecia cada vez mais e que, segundo os amigos, o Paulo se tinha tornado um dos seus melhores alunos. Talvez vocês não tivessem achado estranho, mas eu achei. De um dia para o outro, o humor e a personalidade dele começam a transformar-se, ao mesmo tempo que as notas a uma única disciplina subiam e as outras se mantinham constantes? Achei demasiado estranho para ficar quieto, por isso decidi ir à escola e tentar perceber o que se andava a passar.

— E consegui descobrir o que ele lhe tinha feito? — perguntou Alexandre, com os olhos a arregalarem-se de entusiasmo.

— Mais ou menos. A verdade é que o doutor Barroso já me andava a pedir para passar por lá há imenso tempo. E aproveitou, nesse dia em que lá fui, para me convidar a dar aulas de Educação Moral e Religiosa, como já fazia nas escolas públicas do concelho, quando comesse o novo ano. Nessa altura, estávamos quase no fim das férias de verão, por isso tinha de decidir no momento. E a verdade é que não, não seria muito fácil dar aulas em mais uma escola, o meu horário estava a ficar difícil de gerir, mas não podia ignorar que tinha ali a oportunidade de ir à escola todas as semanas e manter o Paulo debaixo de olho. Por isso aceitei e, no início das aulas desse ano, passei a acompanhar a situação mais de perto. E acabou por ser a melhor decisão que podia ter tomado, porque houve um dia em que o Rogério deixou de ser tão cuidadoso e pediu ao Paulo para falar com ele na sala, no fim da aula. Ora, essa aula era antes da minha, e como o Paulo nunca mais chegava, logo ele que nunca se atrasava para as minhas aulas, decidi ir à procura dele. E não, aquilo que fiz não foi bonito, porque ouvir atrás das portas nunca é, mas o meu instinto dizia-me que era necessário... e foi.

— Ele fez-lhe alguma coisa? — perguntou Mariana.

— Sim. Eu estava encostado à parede, a espreitar para dentro da sala num ângulo em que podia vê-los, mas eles não me podiam ver, e ouvi o Rogério dizer-lhe que, se ele não tivesse cuidado e não parasse

de dar nas vistas, teria de lhe dar uma lição como dera antes, para ele aprender a comportar-se.

— Oh, meu Deus... — gemeu Gabriela.

— Essa também foi a minha reação — confessou Emanuel, baixando a cabeça com pesar. — Mas acabei por conseguir ouvir e ver mais um pouco. Depois de o Rogério lhe dar o raspanete, e como o Paulinho estava quase a ponto de começar a chorar, ele... ele tornou-se mais... *meigo*. Eu já estava desconfiado, desde o princípio da conversa, da *lição* que ele lhe teria dado no passado, mas tive a certeza quando o vi passar-lhe a mão pelo cabelo e depois puxá-lo e...

Gabriela sentiu-se grata por Emanuel ter feito uma pausa nesse momento, que lhe permitiu ultrapassar o novo assomo de náuseas.

— O Rogério fez-lhe mais alguma coisa? Quer dizer, enquanto os estava a ver? — perguntou Alexandre.

— Não, só o... o beijou. Disse-lhe que ele era especial, que não podia chamar as atenções porque aquilo que eles tinham era *especial* e não podia vir a público, porque as pessoas não compreenderiam — contou Emanuel, num tom que deixava claro que aquilo continuava a perturbá-lo tanto como na altura. — Percebi logo que o Paulo estava assustado, não só por aquilo que se passava poder vir a tornar-se motivo de falatório, como por antecipar a reação que o Rogério teria se tal viesse a acontecer. Percebi logo que tinha medo dele. Estava a tentar ao máximo não o provocar, mas era óbvio que, de cada vez que ele o beijava, o Paulo retraía-se. Já vi muitos beijos nesta vida, muitos mais do que consigo lembrar-me, acreditem, mas nunca... nunca tinha visto aquilo.

— E o que aconteceu a seguir, padre? — adiantou Mariana.

— Depois de o beijar, o Rogério disse-lhe para ter cuidado com o que dizia e fazia junto das outras pessoas, e depois disse que ia buscá-lo a casa dali a algumas noites. Não consegui perceber para onde o ia levar ou como tencionava justificar-se se os pais dele os apanhassem. Mas fiquei tão preocupado com o que ouvi que decidi logo que não podia deixar aquilo acontecer. Por isso, depois de ele mandar o Paulo embora, entrei na sala e confrontei-o. Ameacei ir à polícia contar o que tinha visto se ele se atrevesse a voltar a magoar aquele rapaz, e ele...

A voz voltou a apagar-se enquanto ele fechava os olhos.

— Ele riu-se de mim.

Gabriela sentiu um nó de compaixão formar-se-lhe na garganta quando compreendeu como Emanuel ainda se sentia embaraçado com aquela memória. Tinham passado tantos anos, mas, quando tornou a abrir os olhos, estes ainda ardiam de remorsos.

— Aquilo que fez foi o mais correto — disse Mariana, naquele tom que ninguém conseguia contrariar. — O Rogério Carrilho riu-se de si porque é um filho da mãe, mas o padre estava a fazer o que era correto.

— Obrigado por dizeres isso, Mariana, mas a verdade é que devo sentir-me envergonhado, sim... não só por ter sido motivo de chacota, por não me ter imposto mais, mas também por não me ter esforçado o suficiente depois disso.

— O que é que aconteceu a seguir? — perguntou Alexandre.

— Ele disse que eu devia deixar de meter o nariz onde não era chamado e voltar à minha vida patética — confessou Emanuel. — Quando viu que eu não desistia, partiu para ameaças mais sérias. Disse que dava cabo de mim se me atrevesse a contar aquilo que tinha ouvido a alguém. Disse que me matava se chegasse a ir à polícia, mesmo que eles não acreditassem em mim e nada lhe acontecesse. Eu não devia ter-lhe dado ouvidos, devia ter feito o que tinha dito que ia fazer, mas... Vocês podem não compreender, claro que não, mas a forma como ele estava a olhar para mim e a falar...

— Pareceu-lhe demasiado sério — concluiu Mariana.

Gabriela sentia a mesma piedade que ela, a mesma incapacidade de o censurar. Quem quer que ouvisse aquele relato seria incapaz de o acusar de ter sido covarde ou de lhe imputar a culpa pelo destino de Paulo. Emanuel fora posto entre a espada e a parede por alguém que temia que não tivesse receio algum de usar a espada, e agira como a maioria das pessoas sensatas teria agido no seu lugar: salvou a própria pele.

— O que é que aconteceu ao Paulo? — perguntou, tentando soar o mais encorajadora possível.

— Nada, no imediato. Aliás, continuou tudo na mesma durante as semanas seguintes, mas depois ele desapareceu... assim como o Francisco, sem mais nem menos. A família e os amigos procuraram-no por toda a parte, mas nunca mais se soube dele.

Gabriela voltou-se para olhar para os outros. Alexandre devolveu-lhe o olhar, perplexo, e Daniel e Mariana trocaram outro entre si, cheio de pena daquilo que acontecera àquele pobre rapaz, de que nenhum deles se lembrava, e pena também pelo homem que ainda hoje carregava a culpa do que lhe acontecera.

— Padre, já foi muito corajoso por ter enfrentando o Rogério, mas não podia ter feito mais nada sem correr o risco de pagar por isso — defendeu Gabriela, voltando a apertar-lhe a mão. — Seria a sua palavra contra a dele, se chegasse a apresentar o caso a alguém e o Paulo não validasse a sua versão. E acho que já todos percebemos que ele também teria demasiado medo do Rogério para o fazer.

— Pois tinha — concordou Emanuel, com um sorriso triste. — Nunca cheguei a falar deste incidente com ele, sabem? Tinha demasiado medo de que ele pudesse assustar-se e, em vez de deixar que eu o protegesse, fosse a correr contar ao Rogério que eu sabia e, lá está, ele pudesse magoar-nos a ambos. Por isso... não disse nada. Nenhum de nós disse, e ele continuou impune... até acabar por fugir.

— O quê? O Rogério foi-se embora? — perguntou Daniel.

— Sim. No final desse ano letivo, com o Paulinho desaparecido há meses e a investigação encerrada por falta de meios para continuar, o Rogério achou por bem afastar-se antes que alguém conseguisse ligá-lo ao caso. Mas veio aqui, na véspera de partir, dizer que me mataria se eu contasse a alguém o que sabia. Disse que arranjaría forma de descobrir, mesmo longe, e que daria cabo de mim, porque não tinha culpa do que tinha acontecido nem teria de pagar por isso. Assegurou-me, *jurou* pela própria alma, que não tinha nada que ver com o desaparecimento do Paulinho, que o tinha amado, que o que eles tinham era verdadeiro e mútuo, e que tinha ficado destroçado por ele desaparecer. Não acreditei, e não sei se ele o percebeu ou não, mas disse-me que iria afastar-se de Torres Vedras durante uns tempos para pôr a cabeça em ordem e... e para consertar o coração. Foi esta expressão que ele usou, «consertar o coração». E eu, talvez mais inocente do que devia ter sido, que o Senhor me perdoe, achei que o «consertar» seria...

— Curar a homossexualidade — completou Mariana.

Gabriela arrepiou-se com o desdém na voz dela. Tentou dar-lhe um toque leve, sem que Emanuel reparasse, para lhe pedir que se

contivesse, mas não valeu de nada. O olhar de Mariana flamejava e Emanuel não lhe podia escapar.

— Sim. Sim, admito, foi isso que pensei.

— Espero que a esta altura já tenha compreendido que a homossexualidade não é uma doença e que nada tem que ver com o comportamento que o Rogério tinha para com o Paulo, e que, mais tarde, teve para com o Rúben e o Francisco. Até entendo que possa não o conseguir aceitar tão abertamente como nós, mas gostávamos mesmo que percebesse que a homossexualidade deve ser vivida da mesma forma saudável e aberta que a heterossexualidade, uma vez que na base de ambas está o amor ao próximo, como o padre devia, melhor que qualquer um de nós, ser capaz de perceber. E aquilo que o Rogério Carrilho sentia pelos rapazes que molestou em nada se aproximava de amor ou de uma relação saudável.

— Agora sou capaz de compreender, mas naquela época as relações entre pessoas do mesmo sexo não eram tão aceites como hoje. Nunca tinha sequer ouvido falar de um caso assim aqui na paróquia, e logo o primeiro contacto que estava a ter com um era baseado na violência e no abuso de poder de uma parte sobre a outra. Não podem esperar que visse a situação com o distanciamento que hoje vocês têm.

— Claro, e temos a certeza de que hoje também olha para a situação de outra perspectiva — disse Gabriela, calando Mariana antes que ela pudesse prosseguir. — Então, quando é que o Rogério voltou a Torres Vedras?

— Foi uns seis ou sete anos depois de se ter ido embora. Em 2003, foi isso. Voltou a convite do diretor Barroso, que não tinha gostado tanto dos dois professores que entretanto tinha contratado para dar aulas de Português durante essa fase. Voltou, segundo me contaram, com um ordenado maior do que tinha antes e de cara lavada, sem qualquer associação ao caso do Paulinho.

— E o que é que lhe aconteceu, afinal? — perguntou Daniel.

— Ninguém sabe. Ainda hoje ninguém sabe.

Gabriela observou o olhar que Alexandre e Daniel trocaram e adivinhou aquilo em que teriam pensado.

Estaria Paulo enterrado noutra vala do cemitério de Santa Cruz?

Emanuel abanou a cabeça para lhes desfazer a esperança.

— Não, o Paulinho não está no cemitério. Desapareceu e,

presumivelmente, morreu há vinte e dois anos. O cemitério já foi mexido e remexido desde então e, se ele lá estivesse, já teria sido encontrado.

— O Francisco esteve lá nove anos e não o encontraram — contrapôs Mariana.

— Pois não, mas é um intervalo de tempo muito menor. E, além disso... há outra razão que me leva a acreditar que ele não está lá.

— O facto de o Norberto não ter ajudado o Rogério a enterrá-lo na altura — concluiu Gabriela.

Emanuel baixou o olhar, numa vergonha ainda mais flagrante.

— Se isso aconteceu ou não, nunca cheguei a saber. O Norberto nunca mo disse. Já vos contei, a única coisa que ele me dizia era que não conseguia viver com aquilo que sabia, mas eu nunca lhe permiti contar o que sabia, e pagarei por isso até ao fim dos meus dias. Mas, também por isso, não posso garantir que tenha sido mesmo assim como dizem, que ele tenha ajudado o Rogério a enterrar o Francisco...

— Não há muita margem de manobra nesse caso — acusou Alexandre. — O Rogério não teria sabido que espaço estava livre para abrir a cova, nem o podia fazer sozinho em plena luz do dia. Se calhar, conseguia noutro lugar, mas não no cemitério. E o cemitério fecha a partir de certa hora, por isso ele tinha de pedir a quem lá estava que o deixasse entrar. E, como a polícia entretanto descobriu, só o Norberto é que estava de serviço no dia em que ele matou o Francisco. Não é assim tão difícil somar dois mais dois.

— Talvez não seja para vós, mas para mim é. Não consigo... não consigo compreender como é que alguém tão honrado, tão *bom*, como o Norberto, se veria numa situação dessas, a tomar parte num crime tão hediondo...

— Foi pelo Rúben — declarou Mariana. — O Rogério deve ter ameaçado fazer-lhe o mesmo para forçar o Norberto a cooperar.

— É possível... sim, é possível — admitiu Emanuel, ainda que a contragosto. — Mas tudo o que dissermos daqui em diante serão meras suposições. Nenhum de nós lá estava, e nada foi deixado escrito ou registado sobre esse dia. A única pessoa que sabe o que verdadeiramente aconteceu é o próprio Rogério.

— E o padre teve de continuar a vê-lo andar por aí todos os dias, sabendo o que ele tinha feito e sem poder fazer nada — disse Daniel, e

os olhos escureceram e a voz ensombrou-se para o que se seguiu. — Mas podia ter feito qualquer coisa quando soube que o Paulo já não era a única vítima dele. E não fez.

Capítulo 61

O olhar ferido de Emanuel não deixava margem para dúvidas: Daniel não se limitara a tocar na ferida; enterrara o dedo bem fundo no buraco que ele ainda tinha cavado na carne, até aos ossos.

— Dan, não... — sussurrou Gabriela, abanando a cabeça.

— Ele tem razão. Desta vez, o padre teria conseguido que a pessoa em causa corroborasse a sua história — defendeu Mariana, voltando o olhar gélido para ele. — Porque é que não o fez?

Emanuel fechou os olhos. Alexandre apercebeu-se de que ele começava a tremer e conteve a vontade de revirar os olhos. Nenhum deles tinha pachorra para os remorsos fora de prazo dele.

— Eu queria ter contado, mas não podia...

— A sério que é essa desculpa que nos vai pregar? — bradou Daniel.

— Não estou a pregar coisa nenhuma! — revoltou-se Emanuel. — Sabem perfeitamente, ou, se não sabem, deviam, que aquilo que nos é contado em confessional tem de ser mantido como isso mesmo: uma confissão! E o Rúben fez de propósito para eu não poder partilhar com ninguém o que ele me tinha contado, e quando já era tarde de mais para ajudar alguém, mesmo que quebrasse os meus votos e fosse à polícia! Têm de acreditar em mim... Não fiz mais porque não pude...

— Explique-nos melhor como é que soube, por favor — pediu

Gabriela.

Emanuel desviou o olhar para a janela. O dia ficava cada vez mais claro e agradável lá fora, mas ali dentro eles estavam a sufocar.

— Foi a grande custo que consegui que o Rúben me contasse os maus-tratos que o Francisco e vocês lhe infligiam — começou Emanuel. — Via-o cada dia mais triste, mais cabisbaixo e metido consigo, e comecei a ganhar de novo a ideia de que algo não estava bem. Não associei ao Rogério, apesar de tudo, porque o Rúben já era, como vocês sabem, um miúdo muito solitário e abatido. Ainda assim, achava que havia ali algo de errado. Mas só consegui descobrir porque convenci o Norberto a falar com ele primeiro, e ele depois veio contar-me que o Rúben tinha admitido que vocês o humilhavam sempre que podiam em frente aos outros colegas. Isto já durava, na altura em que me chegou, há mais ou menos meio ano, mas tinha vindo a piorar. E acredito que teria continuado se algo não tivesse acontecido, algo ainda pior que os vossos maus-tratos, e que tivesse lançado o Rúben num precipício emocional ainda maior.

— Ele foi violado pelo Rogério — completou Alexandre.

— Sim. Chegou um dia a casa que mal conseguia andar e o Norberto perdeu a paciência. Sabem que nesta altura ele já vivia com o Rúben, certo?

— Sim. A mãe dele já tinha morrido — disse Gabriela.

— Sim, e o Norberto já se tinha tornado tutor legal dele. E para não lhe tirar tudo aquilo a que ele estava habituado, e também porque a casa onde tinha crescido com a mãe tinha melhores condições do que a velha casa do Norberto, mudou-se ele para lá. E, nesse dia, quando o Rúben chegou, ele obrigou-o a despir-se e viu-lhe as nódoas negras nas costas e... e mais abaixo e... bem, conseguem imaginar o resto. O Norberto perdeu a cabeça e ameaçou que ia a casa dos Andrade entender-se com o João Paulo e a Sandra e contar-lhes o que o Francisco andava a fazer. Só que o Rúben não o deixou ir. Jurou que dessa vez não tinham sido o Francisco nem vocês a fazer-lhe nada. E, muito a contragosto, acabou por contar que tinha sido vítima de uma...

Emanuel não conseguiu concluir a frase, mas não era preciso. Se tivesse sido sequer parecida com a primeira violação de Francisco, não era de admirar que Norberto tivesse ficado desolado ao ver o estado

em que o corpo dele ficara.

— O Rúben admitiu que tinha sido o Rogério? — indagou Mariana.

— Não — disse Emanuel. — Não, ele bem tentou, mas o Rúben chegou a um ponto em que só conseguia chorar. Dizia que, se contasse a verdade, acabava morto. E obrigou o Norberto a jurar que não diria nada a ninguém. Foi uma promessa muito difícil de fazer, como podem imaginar, mas o Norberto fê-la, sob a condição de que o Rúben viesse falar comigo. Até lhe disse que, se me contasse em confissão, eu não poderia contar a ninguém, e ao menos assim ele não teria de carregar aquele peso sozinho. E o Rúben acabou por concordar, disse que o faria quando estivesse pronto... mas esse dia nunca chegou. O Norberto tentou convencê-lo de que guardar aquilo para si era mais do que ele poderia suportar, mas o Rúben dizia sempre que ainda não conseguia falar no assunto. E, a certa altura, a postura dele começou a mudar... e começou a dar a entender que olhava para o que lhe tinha acontecido com outros olhos. Como se... Desculpem, é que isto é muito difícil...

— Começou a dar a entender que tinha sentimentos pelo Rogério — concluiu Mariana.

— Sim — admitiu Emanuel, fechando os olhos e abanando a cabeça. — E, como devem imaginar, não era algo que o Norberto pudesse aceitar. Tiveram enormes discussões, em que o Rúben acusava Norberto de não o compreender e de o estar a torturar com a exigência de que ele me contasse tudo. Dizia que... que não suportaria ser afastado do Rogério, mas que sabia que era isso que aconteceria se as pessoas descobrissem o que se passava entre eles. Disse que... que não aguentaria viver sem ele. E, por isso, o Norberto deixou de insistir.

— Ele desistiu de fazer justiça pelo Rúben?

— Não é assim tão simples, Daniel — ripostou Emanuel, os olhos a chisparem ao cravar-se nos dele. — Não tenho a menor dúvida de que o Norberto me quis vir contar a cada minuto de cada dia que passou, mas nós, mais do que a maioria das pessoas, damos valor às promessas feitas, em especial aquelas que fazemos em nome de Deus. Por isso, ele não podia quebrar a confiança do seu filho, porque, para todos os efeitos, ele via-o como um filho, e vir contar-me. Tinha de ser

o Rúben a vir, no seu próprio tempo.

— Então, quando diz que era tarde de mais quando soube... — murmurou Gabriela.

— É a verdade. O Rúben só me contou tudo depois de o Francisco desaparecer.

Lá fora, passada a ameaça da chuva, os pássaros tinham começado a cantar, num contraste injusto com o silêncio que pairava entre eles.

— Acredito que se o Francisco não tivesse desaparecido... ainda hoje não saberia o que o Rúben e ele passaram — confessou Emanuel.

— Mas ele viu o que tinha acontecido ao Francisco e percebeu que, se não pedisse ajuda, podia acontecer-lhe o mesmo — concluiu Mariana.

— Talvez... mas acredito que o tenha feito mais para se proteger de eu poder ser usado como testemunha contra eles.

— Como assim? — perguntou Daniel.

— O Rúben tinha receio de que o Norberto perdesse a paciência e lhe viesse contar. E, sem o fazer como uma confissão, o padre não teria a obrigação moral de guardar segredo. Por isso, antecipou-se e contou-lhe o Rúben diretamente, em confissão, para garantir que a verdade não viria à tona, pelo menos pela sua boca — esclareceu Gabriela.

Emanuel assentiu.

Alexandre nem tinha força para lhe lançar à cara quão absurdo tudo aquilo era, quando ele continuava a remoer-se numa culpa agonizante.

— Dias depois de o Francisco desaparecer, quando a vila ainda estava num rebuliço e a polícia andava a falar com toda a gente que o conhecia, o Rúben veio ter comigo e disse-me que precisava de se confessar — contou Emanuel. — Nessa altura, eu não sabia que o Norberto já estava ao corrente disto, nem que andava a pedir-lhe que viesse falar comigo há muito tempo. Ouvi tudo na maior ingenuidade... e sim, jurei que não contaria a ninguém. Mas agora... agora não consigo guardá-lo mais para mim. O Rúben nunca teria descoberto que o Francisco sabia do seu... envolvimento com o Rogério se ele próprio não o tivesse confrontado com isso. Um dia, pouco antes de acabarem as aulas do vosso último ano, apanhou o Rúben à saída da escola e começou a bater-lhe e... e disse-lhe que os

tinha visto. O Rúben implorou-lhe que não contasse a ninguém e o Francisco perdeu a cabeça de vez. Bateu-lhe como nunca. Partiu-lhe a cana do nariz e duas costelas. Estava perdido de raiva. Acusava o Rúben de tudo o que lhe passava pela cabeça, tudo no desespero de o obrigar a abrir os olhos e a enfrentar a verdade, mas não conseguiu. O Rúben ainda estava demasiado cego pelo que sentia pelo Rogério... mas, pela reação do Francisco, nasceu nele uma suspeita horrível...

— De que o Rogério também tinha abusado do Francisco — disse Gabriela.

— Exatamente. E fê-lo pensar que talvez o Rogério só se tivesse interessado por ele precisamente por causa do Francisco. Por saber que ele era alvo dos maus-tratos do Francisco. Maus-tratos esses que, como também já devem ter conseguido perceber, se agravaram depois da violação do próprio Francisco.

— Sim. Depois disso ele... ele tornou-se mais violento — murmurou Mariana.

Baixou a cabeça, acometida pelas recordações de como a sua própria relação com ele mudara depois daquilo. Alexandre inclinou-se para lhe pousar os lábios no alto da cabeça e apertou-lhe a mão com mais força, até a sentir capaz de ouvir o resto.

— O Rúben implorou ao Francisco que não fizesse nada, que não contasse aquilo que vira a ninguém. Mas, pelo que me contaram, ele decidiu mesmo ir confrontar o Rogério.

— Sim, e ele matou-o — afirmou Alexandre.

Regressou o silêncio, denso e pesado como nevoeiro, que Daniel não conseguiu aguentar mais que um par de minutos.

— Obrigado por nos contar isto tudo, padre. Mas agora não pode ficar por aqui.

Emanuel levantou o olhar, agora cintilante de receio.

— Não... não me podem pedir isso...

— Não estamos a pedir, estamos a exigir — corrigiu Alexandre, pousando as mãos abertas na mesa. — Tem de vir à polícia repetir tudo o que acabou de nos dizer.

— Não podem pedir-me isso... Por favor, contei-vos porque compreendo que precisavam de saber a verdade, mas não podem pedir-me que conte a mais...

— Não percebe que, se não tivermos o seu testemunho a

corroborar o nosso, a polícia não poderá fazer nada? — explicou Mariana.

— Eles não vão agir com base apenas em textos que o Francisco escreveu e naquilo de que nos lembramos — defendeu Gabriela.

— Aliás, vai na volta, ainda se metem com a ideia de que não têm como provar que o que o Francisco escreveu é verdade, porque está misturado com montes de outras histórias que são ficção! — acrescentou Daniel.

— Mas... mas o confessorário...

— Oh, padre, por amor de Deus, e olhe que agora é mesmo pelo amor d'Ele, pare com isso! — rosnou Alexandre, erguendo os braços ao ar. — Acha mesmo que Deus, se é que há algum, gostaria que um pedófilo com um historial como o do Rogério continuasse a andar por aí impune, depois de ter provocado a morte a três pessoas? Acha mesmo?

Emanuel nem tinha forças para o repreender pela blasfêmia. De olhos fechados, abanava a cabeça e torcia as mãos no colo, de novo tão pesado pelos remorsos e pela indecisão como antes.

Porém, antes que Alexandre pudesse insistir, Mariana levantou-se, colocou-se diante dele e pousou-lhe a mão no peito, pedindo-lhe que esperasse.

E, ao fim de alguns segundos, o tormento de Emanuel pareceu dissolver-se. Com o tremor a abrandar, abriu os olhos e cravou-os nos de Alexandre com o mais perto de força divina que algum deles viria a ver.

— Por muito que me custe, e acreditem que custa mais do que consigo expressar, desta vez percebo que tenho de o fazer, mesmo que vá contra os meus princípios.

— Obrigada, padre! — gemeu Gabriela.

Ia começar a contornar a secretária a correr, de certeza para o abraçar, mas Emanuel levantou-se e ergueu uma mão para a travar.

— Calma, filha. Não pode ser tão rápido como todos gostariam.

— Porque não? De que é que estamos à espera? — perguntou Daniel.

— Primeiro, temos de reunir provas daquilo de que vamos acusar o Rogério. Não sou especialista em questões de justiça, pelo menos daquela que é praticada nas nossas polícias e nos nossos tribunais, mas

julgo saber que é preciso apresentar provas daquilo de que acusamos outras pessoas.

— Mas nós temos essas provas! Temos os textos do Francisco, temos as nossas versões e a sua...

— Não chegam, Daniel — insistiu Emanuel. — Se não chegavam antes do meu testemunho, também não chegarão só com ele. Precisamos de mais.

— Não temos feito outra coisa estes dias senão procurar provas e não encontrámos nada! — disse Alexandre.

— Esperem... — disse Gabriela de repente, avançando um passo e erguendo a mão. — Padre, o Norberto chegou a levar o Rúben ao hospital, depois de o Rogério o...

Emanuel afastou o olhar por um momento, tentando lembrar-se, mas acabou por abanar a cabeça.

— Não... não me lembro de o Rúben mo ter dito...

— Mas, se o tiver levado, há de certeza algum registo disso! — insistiu Gabriela. — Algum exame médico que tenha sido pedido e que tenha ficado registado no sistema, algum recibo do pagamento de alguma consulta ou exame...

— Tens razão! O César e os outros usaram o que encontraram da altura em que fui ao hospital para me obrigarem a falar, por isso consideram esses documentos provas viáveis! — disse Mariana.

— Sim, têm razão. Não tenho a certeza de que eles tenham chegado a ir ao hospital, atenção. Mas, se tiverem ido, é sem dúvida um meio de conseguirmos provar, pelo menos, a agressão do Rúben! — concordou Emanuel.

— Então, vamos ao hospital. Se foram, de certeza que foram ao de Torres Vedras. O Rúben não devia ter seguro de saúde para ir ao privado, pois não? — perguntou Daniel.

— Não, acredito que não tinha — confirmou Emanuel.

— Então, não vamos perder mais tempo, vamos lá! — incitou Alexandre.

— Vão vocês — disse Emanuel. — Espero que compreendam que não posso ausentar-me da igreja com o dia que vou ter hoje pela frente, com o funeral do Rúben logo à tarde. Além disso, a minha presença não vai influenciar a vossa busca por provas nesta fase. Vão e depois contem-me o que descobriram.

Alexandre percebeu que Gabriela queria insistir, mas não tinham tempo para aquilo. Cada minuto contava e não podiam dar-se ao luxo de perder vários a tentar convencer Emanuel a vir com eles.

— Vamos fazer o que o padre pediu e depois voltamos aqui — sussurrou Alexandre a Gabriela, enquanto a puxava pelo braço.

Ela acabou por se render. Deixou-o puxá-la para fora do escritório de Emanuel, com Daniel e Mariana atrás deles, e só tornaram a falar quando saíram da igreja.

— OK, a ideia de irmos ao hospital até é boa, mas não pode ser a nossa prioridade — revelou Alexandre. — Primeiro, temos de ir a outro sítio onde é bem mais provável encontrarmos alguma prova daquilo que o Rogério fez.

Viu os olhos de Mariana começarem a arregalar-se, mas não lhe deu hipótese de dizer nada. Pegou-lhe na mão, apertando-a com força, e voltou-se para Daniel e Gabriela.

— Vamos a casa dele.

Capítulo 62

Estava na hora. Daniel sentia a boca do estômago palpitar cada vez mais, um segundo pulsar ao lado do coração.

Se a justiça oficial não funcionava, fariam eles justiça pelas próprias mãos.

Só voltaram a abrir a boca quando já tinham entrado para a carrinha de Daniel e ele acelerava estrada fora.

— Alguém sabe onde é a casa do Rogério? — perguntou Alexandre.

— Acho que fica lá para o Alto da Vela... — disse Daniel, tirando o telemóvel do bolso e passando-o a Gabriela, sentada ao seu lado. — Podes ligar ao Tó Fonseca e pôr em alta voz, por favor?

— Quem é o... — começou Mariana a perguntar.

— Era o António da turma D — esclareceu Gabriela. — Não te lembras, aquele com os óculos fundo de garrafa horríveis?

— O que me espanta é como é que tu ainda te lembras — murmurou Alexandre.

— Damo-nos bem até hoje. De vez em quando, ainda vamos beber umas jolas — explicou Daniel. — E se alguém sabe onde o cabrão do Rogério mora, é ele. A mãe e a avó dele metem o bedelho na vida de toda a gente.

— Já está a chamar — disse Gabriela, e aproximou o telemóvel da

boca de Daniel.

Só tocou duas ou três vezes, mas tinham todos os nervos tão à flor da pele que Daniel ia perder a paciência mesmo antes de ouvir a voz de Antônio do outro lado.

— Sim?

— Tó, sou eu, o Daniel. Olha lá, sabes onde é que o professor Rogério mora?

— Acho que sim, é naquele casarão amarelo no Alto da Vela, um com painéis solares no telhado. Porquê?

— Porque queria... sim, queria pedir-lhe ajuda com um texto que estou a escrever para ler na... quando se fizer o funeral do Francisco. O funeral a sério, quero dizer.

— Ah, sim, claro, claro, desculpa perguntar... — Tó viu que o tema era sensível e passou à frente o mais depressa possível. — Sim, ele vive naquele casarão grande, de dois pisos, de paredes amarelas, e não tem nada em frente, só a praia.

— Obrigado!

Assim que ele se despediu, Gabriela desligou e guardou o telemóvel no bolso.

— Foi uma boa justificação. Como é que te lembraste disto?

— Nem sei, mas foi a primeira coisa que me veio à cabeça — admitiu Daniel. — Normalmente, se mencionares o Francisco, as pessoas perdem logo a vontade de fazer conversa de circunstância.

— Sim, foi uma boa ideia — concordou Mariana. — Vamos então, antes que nos caia a ficha da loucura em que nos vamos meter.

— Loucura ou não, já vai tarde — rosnou Alexandre.

Ninguém o contrariou, e Daniel acelerou ainda mais.

O silêncio acompanhou-os enquanto percorriam os poucos quilómetros entre a igreja e o Alto da Vela. A viagem não levou mais que cinco minutos, mas não foi isso que pareceu a Daniel, com o coração a martelar-lhe no peito e a sensação de que estavam parados no tempo e a maldita carrinha não andava. Lutou contra a vontade de esmurrar o volante. Sabia que assustaria Gabriela e Mariana e elas já estavam demasiado nervosas para terem também de levar com a sua impaciência. Não, tinha de tentar ser como Mariana, manter o sangue-frio mesmo quando o sentia a escaldar.

E sentiu-o ferver quando entraram na Avenida do Alto da Vela e,

poucos metros à frente, reconheceram a casa que António Fonseca tinha descrito, e também o *BMW* de Rogério, estacionado frente ao portão e à cerca branca que delimitava a propriedade.

— Ele ainda está em casa! Já não devia ter saído para o colégio? — perguntou Mariana, esticando-se do banco de trás para ver o relógio no tabliê.

— Ainda são oito horas, mas já não deve faltar muito para sair — disse Gabriela.

— Estaciona mais lá à frente, Dan. Ele não nos pode ver — pediu Alexandre.

Daniel anuiu, sem conseguir descerrar os lábios, e avançou para o fundo da avenida. Parou num ponto longe o suficiente para não chamar a atenção de Rogério quando saísse, mas que ainda os deixava ver a casa e saber o momento certo para avançarem.

— Acham que vai demorar muito? — perguntou Gabriela, a tremer.

— Não. Se as aulas ainda começarem às nove, como na nossa altura, já não pode demorar muito a sair — garantiu Mariana.

Calaram-se então, de olhos pregados no portão da casa, e por isso o toque do telemóvel de Mariana sobressaltou-os como o estrondo de um trovão.

— Quem raio é agora? — arfou Daniel, virando-se para trás.

Mariana tirou o telemóvel do bolso do casaco com as mãos a tremerem tanto que quase o deixava cair, e não ajudou ler o nome que aparecia no visor.

— É a Leonor Marques...

— A jornalista? O que é que ela quer a esta hora? — bradou Alexandre.

— Não faço ideia...

— Não atendas, vamos sair a qualquer altura — disse Daniel.

Mariana desligou a chamada, colocou o telemóvel em silêncio — avisando-os para fazerem o mesmo — e guardou-o de novo no bolso.

Minutos depois, a porta da vivenda abriu-se. Rogério saiu, ainda a acabar de vestir o corta-vento e a falar ao telemóvel. Atravessou os portões e entrou no carro, mas o silêncio no interior da carrinha de Daniel só morreu quando o viram começar a afastar-se e a ganhar velocidade, até desaparecer de vez na esquina da avenida.

— OK, vamos a isto — incitou Daniel.

Saiu logo, seguido pelos outros, mas ainda não tinha conseguido avançar sequer três passos quando Mariana o travou.

— Calma! Vamos pensar primeiro no que é que vamos fazer!

— O que é que precisamos de pensar? Vamos procurar alguma coisa que o relacione com o Francisco e com o Rúben, se calhar até com o Paulo, e voltamos a sair!

— Está bem, mas *o quê* e *onde* é que vamos procurar? — insistiu, a passar as mãos pelo cabelo. — Só no quarto dele, ou nas outras divisões também?

— E como é que vamos trazer o que encontrarmos se for muita coisa e for muito pesado? — juntou-se Gabriela.

— Sei lá como é que vamos trazer! Nem sabemos aquilo que vamos encontrar! — barafustou Daniel, revirando os olhos.

— Têm razão, OK, mas só estamos aqui a perder tempo a planear o que vamos ter de improvisar na altura. Se continuarmos aqui, algum vizinho ainda dá por nós e começa a meter o nariz onde não é chamado — avisou Alexandre, e não esperou pela resposta de Mariana ou Gabriela para começar a dirigir-se à casa.

Daniel libertou o braço da mão que Mariana ainda lá tinha e pegou-lhe na outra, para a puxar consigo atrás de Alexandre. Gabriela seguiu-os, a reclamar baixinho.

O portão da moradia era de fecho manual e Rogério não se dera ao trabalho de o trancar. Passaram para lá dele, atravessaram o estreito caminho de pedra branca que serpenteava pela relva bem aparada do jardim frontal e começaram a contornar a casa, a torcer para Rogério ter deixado alguma das janelas entreaberta. Daniel varria a rua com os olhos, mas todas as casas vizinhas tinham os estores e portas fechados. A rua estava deserta, sufocada pelo calor que começava a levantar-se, anormal para a hora. Nem um pássaro a atravessar o céu ou um cão vadio a espreitar à esquina. Avançaram depressa ao longo da faixa de relva que ligava o jardim da frente ao quintal das traseiras, onde havia uma mesa, duas cadeiras desdobráveis e uma churrasqueira.

A janela que Daniel desejava que houvesse estava lá, felizmente, e num golpe de sorte maior do que qualquer deles se atreveu a desejar, apesar de as portadas estarem trancadas, os estores não estavam

completamente corridos.

Alexandre começou a olhar para o chão em volta da casa. Daniel percebeu aquilo de que ele estava à procura e ajudou-o. Encontrou primeiro que ele um pedregulho, quase do tamanho da mão, e passou-lho. Antes que Mariana ou Gabriela pudessem reclamar, como se preparavam para fazer, Alexandre partiu o vidro e meteu o braço pelo buraco. Mesmo com a manga da camisola descida, Daniel percebeu, pelo esgar de dor que lhe passou pela cara, que se tinha cortado. Ainda assim, não deu mais nas vistas do que isso e apressou-se a destrancar a janela. Daniel colocou-se ao seu lado e ajudou-o a empurrar os estores, cinzentos e sujos, o suficiente para lhes dar passagem, e avançou em primeiro lugar. Alexandre tirou a camisola, revelando uma *T-shirt* por baixo, e Mariana aproximou-se para observar os cortes.

— Dá-me a *T-shirt*.

Alexandre despiu-a e voltou a vestir a camisola enquanto Mariana rasgava uma faixa do tecido da *T-shirt* e a enrolava em torno do antebraço dele. Alexandre deu-lhe um beijo rápido no fim, piscou-lhe o olho e ergueu-a pela cintura, passando-a para os braços que Daniel estendia pela janela. Ajudou de seguida Gabriela a subir e subiu por último. Daniel certificou-se de que a janela ficava aberta e com os estores subidos, para o caso de precisarem de sair à pressa.

Uma vez dentro da casa, mais escura e muito mais fresca que a rua, deram uns segundos aos olhos para se adaptarem à diferença de luminosidade, mas não perderam mais tempo. Tal como desconfiavam, a janela dava para a sala de estar. Era uma divisão espaçosa, com mobiliário em madeira, acrílico e vidro disposto com espaço suficiente entre si para não se tornar atafulhada ou claustrofóbica, como na quinta. O objeto dominante era um enorme LCD sobre um móvel baixo de vidro, de frente para um sofá que parecia muito confortável. Ao lado da televisão, duas grandes estantes carregadas de livros, a única pista sobre a profissão do dono da casa.

— Sou só eu que acho esta sala um bocado estranha? — perguntou Mariana.

— Não, também não é como eu esperava — concordou Alexandre.

— Não, não é só por não parecer aquilo que vemos na televisão. É que... não acham que parece demasiado *neutra*?

— Como assim? — perguntou Gabriela, virando-se para ela.

— Não há nada do próprio Rogério. Nem uma única fotografia nem nada que diga «bem-vindos à minha humilde casinha» — resmungou Daniel.

— É isso mesmo. Podia ser a sala de qualquer pessoa — concordou Mariana.

— Sabem o que é que isso prova? Que é mesmo um psicopata — acusou Daniel.

— Não vamos perder mais tempo, vá lá — pediu Alexandre. — Vamos dividir-nos para procurar mais depressa. Dan, ficas com o quarto dele. Amor, ficas comigo aqui na sala? E tu, Gabi, ficas de vigia à entrada?

Adotaram todos as posições definidas sem reclamar, mas Daniel notou que Gabriela não ficara satisfeita. Em miúdos, era sempre ela que Alexandre ou Francisco designavam como sentinela, o que a irritava solenemente, mas faziam-no porque era a que tinha a melhor audição de entre todos e a que mais depressa notaria se estivessem em perigo.

Alexandre e Mariana lançaram mãos à obra na sala enquanto Daniel avançava para uma das duas únicas portas que via, já que se acedia à cozinha e sala de jantar por dois arcos abobados nas paredes. O instinto dizia-lhe que aquela porta dava para o quarto de Rogério e não para a casa de banho, o que se revelou num palpite certo.

Ao entrar, o quarto pareceu-lhe tão arrumado e impessoal como a sala de estar. Acendeu o candeeiro de teto, redondo e simples, e a luz amarelada iluminou o mobiliário de madeira escura e a decoração simples em tons pastel. Parecia o raio de um quarto de hotel. A abanar a cabeça, concentrou-se na secretária, ao fundo da divisão. Aí, pela primeira vez, viu algo que correspondia às expectativas que tinha. A mesa estava tão cheia de papéis, pastas, livros, dicionários e outros materiais escolares que só podia pertencer a um professor.

Avançou para a secretária e começou a desfolhar tudo o que a cobria, procurando depois nas duas gavetas de cada lado. Não encontrou nada. A verdade era que não sabia ao certo o que procurar, mas não encontrou nada além de testes, apontamentos para as aulas, folhas de exercícios e outros materiais relacionados com a escola. Acabou por soltar um suspiro que trouxe Mariana à porta.

— Encontraste alguma coisa?

— Nem por isso.

— Nós, na sala, também não. Deixa-me dar uma ajuda aqui.

Avançou para os dois grandes roupeiros de nogueira e começou a vasculhá-los.

Trabalharam em silêncio vários minutos — que, no estado de nervos em que estavam, pareceram horas —, demasiado ansiosos para desperdiçarem tempo a conversar. No entanto, quando Mariana deixou escapar aquele gemido de desespero, Daniel olhou-a por cima do ombro e viu-a voltar a passar as mãos pelo cabelo.

— Não estás a encontrar nada?

— Não! — vociferou Mariana, batendo com as palmas das mãos nas portas do roupeiro. — Não há aqui nada além de roupa e sapatos! Estou a ver em todas as prateleiras e todas as gavetas, mas não me parece que, a ter de esconder alguma coisa, fosse aqui...

— Aqui também não parece haver nada — disse Daniel, virando-se de novo para a secretária. — São só coisas das aulas, e são tantas folhas que vou ficar aqui até amanhã se tiver de ver cada uma!

— Não temos tempo para isso. Tenta ver algo que se destaque! — pediu Mariana, que entretanto se tinha agachado ao lado da cama.

Mariana esticou a mão e o braço por baixo dela, para tatear o chão em busca de algum sinal de um possível alçapão ou compartimento secreto. Daniel viu-lhe a frustração estampada no rosto e percebeu que continuava a não ter sorte. Deixou-a continuar, ainda assim, e virou-se para a secretária. Também ali não parecia haver nada: quem quer que passasse vistoria ao quarto acharia que Rogério Carrilho era um simples professor de Português, solteiro e bom rapaz, que nunca faria mal a ninguém.

— Já encontraram alguma coisa? — perguntou Alexandre, de repente à porta.

— Credo, Alex, não faças isso! — arfou Mariana, levando uma mão ao peito.

— Desculpem. Já encontraram alguma coisa ou não?

— Não, nada. E estou a começar a passar-me da cabeça com esta merda! — rugiu Daniel, lançando um molho de papéis ao ar num acesso de raiva.

Esvoaçaram e caíram em torno dele e de Alexandre, que se tinha

aproximado para ajudar. Abriram e fecharam gavetas, caixas, latas e todos os outros sítios onde Rogério pudesse guardar algo, enquanto Mariana verificava as costas dos quadros nas paredes e do espelho de corpo inteiro, encostado à parede da janela. Também ali não havia nada de anormal, tirando o facto de os quadros serem absurdamente vagos, com cores suaves e formas pouco distintas, o mais estêreis possível.

Quando a impaciência de Alexandre e Daniel começava a raiar o limite, Gabriela apareceu à porta do quarto.

— Porque é que estão a demorar tanto? Já cá estamos há imenso tempo!

— Não encontramos nada! Aquele verme não deixou nenhum rasto do que lhes fez... — rosnou Daniel, batendo uma gaveta com força de encontro à secretária.

— Bem, não estou a servir de nada ali fora — insistiu Gabriela, arregaçando as mangas. — Não se passa nada, ninguém anda na rua, portanto mais vale ajudar aqui!

Daniel conteve a vontade de lhe pedir para voltar para o seu posto porque ela até tinha razão. A rua estava tão sossegada que, se algo acontecesse, seriam capazes de ouvir e fugir a tempo.

Dedicou-se a vasculhar, ao lado de Alexandre, uma caixa cheia de fotografias que ele tinha desencantado de uma das gavetas. Viram logo que a maioria era da infância de Rogério e incluía os pais e outros familiares dele.

Daniel perguntou-se como é que uma criança que parecia tão inocente naquela altura podia ter-se transformado num ser tão monstruoso em adulto.

— O que é que estão a ver? — perguntou Gabriela, aproximando-se para espreitar. — Isso são fotografias dele?

— São. Quem diria que podia mudar tanto, hã? — sibilou Alexandre.

Continuaram a passar as fotografias em revista, assistindo ao avançar da vida de Rogério. Daniel continuou à procura do ponto de viragem, o momento em que ele passou a sentir-se atraído por miúdos indefesos. Nenhuma fotografia apontava para esse instante e, à medida que o tempo passava, o desespero aqueceu-lhes o sangue.

Até que um ruído súbito no corredor os sobressaltou e fez olhar

para a porta.

— O que raio é que estão a fazer? — praguejou Rogério Carrilho.

Capítulo 63

Mariana pestanejou, para se certificar de que não estava a ter uma alucinação. Quando se convenceu de que Rogério estava mesmo diante deles, um arrepio desceu-lhe pelo corpo.

— Seu filho da puta... — rosnou Daniel.

Rogério não podia ter ficado mais chocado com outra coisa que ele tivesse dito. As sobrancelhas subiram na testa de Rogério quase até à linha do cabelo, tão negro como elas. Ele nunca fora fácil de impressionar, mas agora a sua expressão era tão ridícula que conseguiu enervar Mariana ainda mais.

Não, não restava nada da admiração ou respeito que um dia nutrira por ele. Temera senti-los, como sabia que Gabriela continuava a sentir, mas não. Não restava nada além de um asco profundo.

Aquele homem fora responsável pelas mortes de Francisco, Rúben e Paulo, e do seu bebé também.

Daniel e Alexandre, ao seu lado, tremiam de antecipação. Sentia-os prontos para se lançarem sobre ele. Só ainda não o tinham feito porque não conseguiam abdicar do prazer sádico de verem Rogério tentar descortinar o que estava a acontecer.

— O que é que se passa? O que estão aqui a fazer?

A voz não continha qualquer ameaça. Ainda estava em plena confusão, olhando de um rosto para o outro na tentativa de dar

sentido à cena com que se deparara.

— Estamos aqui para fazer justiça pelo Francisco — declarou Mariana.

Depois daquilo, só teve tempo de recuar, puxando uma Gabriela atónita consigo, quando Alexandre e Daniel se lançaram sobre Rogério, que teve um mero segundo para compreender aquilo que se aproximava.

A tensão explodiu no quarto. Rogério, liberto do choque inicial, começou a defender-se e, com um arrepio, Mariana reconheceu que ele estava em boa forma. Tinha um corpo demasiado trabalhado para ser o típico professor de liceu de meia-idade que, quando muito, dá caminhadas à beira-mar ao fim de semana. Não, de certeza que, para se manter naquela forma, frequentava o ginásio. Se calhar, até haveria ali alguns esteroides à mistura. Conseguiu desembaraçar-se de Daniel e Alexandre sem a menor dificuldade. Gabriela berrou quando o punho dele atingiu Daniel na têmpora. Mariana sentiu o impacto quase tanto como ele e soube que Daniel ficara com a visão turva. Vi-o pestanejar para voltar a focá-la e apressar-se a dar o troco a Rogério. Esmurrou-o no queixo e levou-o a gemer enquanto recuava aos tropeções. Alexandre impediu-o de cair para lá da porta. Puxando-o por um punhado de cabelos, arrastou-o de volta ao quarto e lançou-o ao chão. Aterrou perto de onde Gabriela estivera segundos antes de Mariana a puxar consigo. Amparou-a quando ela se desequilibrou para cima de si, enquanto Alexandre e Daniel pontapeavam Rogério nas costas e abdómen. Ele ganhava como um cão, com a saliva a começar a escorrer pelos cantos da boca. O primeiro fio de sangue surgiu pouco depois.

Contudo, conseguiu concentrar-se o suficiente para perceber como ganhar vantagem. Quando apanhou o tornozelo de Alexandre a jeito, puxou-o para baixo. Alexandre arquejou ao resvalar e caiu de costas sobre o tapete. O som do impacto do corpo no chão arrancou um gemido a Mariana. Viu Alexandre fechar os olhos num esgar de dor e temeu que Rogério lhe tivesse fraturado alguma costela ou feito outra lesão mais grave.

Virou-se para Rogério a sentir a visão toldada de uma aura vermelha de fúria.

Empurrando Gabriela para trás, avançou sobre ele e enterrou-lhe

o salto da bota na cana do nariz. Sentiu o osso e a cartilagem quebrarem, no meio dos berros desvairados dele. Porém, antes de poder experimentar a primeira sombra de vitória, sentiu as mãos dele subirem para lhe envolverem a perna. O puxão foi demasiado forte. Soube, instantes antes de atingir o chão, que bateria em madeira lisa, porque o tapete estava longe de mais.

Por milagre, Daniel lançou-se para o chão e foi sobre ele que aterrou. Ainda assim, o impacto lançou-lhe uma descarga de dor pelas costas abaixo. Mesmo a morder o lábio, não conseguiu abafar um guincho estridente. Ouviu Alexandre berrar algures, fora do seu campo de visão, por saber que ela se magoara. Pestanejou, tentando obrigar a cabeça a parar de girar, e amparou-se nos antebraços para se soerguer e poder vê-lo, mas descobriu que não tinha forças. A zona do baixo-ventre doía-lhe tanto que temeu que a hemorragia recomeçasse. Passara pouquíssimo tempo desde o aborto. Não podia estar a passar por isto tão cedo...

Mas não tinha alternativa. Alexandre precisava dela. Francisco precisava dela.

Daniel amparou-a, empurrando-lhe as costas, e ajudou-a a pôr-se de pé. Mariana nem se dera conta de que deixara de ouvir os gritos de Gabriela, que ecoavam em redor deles desde que Alexandre e Daniel se tinham lançado contra Rogério. Olhou à procura dela, para tentar perceber o que tinha acontecido, e viu-a de repente agachada junto à cabeça de Rogério. Com um berro histérico, cravou as unhas, daquele inocente cor-de-rosa-bebé, nas maçãs do rosto de Rogério e arrastou-as ao longo delas. Os rastos vermelhos que deixou para trás levaram Rogério a gritar a um nível que ainda não tinha atingido. Daniel e Alexandre não conseguiram impedir-se de sorrir para Gabriela, mas o sorriso esmoreceu de imediato. Rogério, lançando os braços para trás, conseguiu puxá-la para si e esmurrou-a na barriga.

— NÃO! — rugiu Daniel, ao ouvi-la gritar.

Os olhos de Gabriela arregalaram-se com a dor de tentar obrigar o ar a chegar aos pulmões. Sem lhe dar tempo de voltar a atacá-la, Daniel esmurrou Rogério no peito. Assim que ele a soltou, Gabriela rolou para o chão, abraçada à barriga e a tentar respirar por entre as vagas de dor. Daniel continuou a esmurrar Rogério, cego de adrenalina. Rogério, contudo, não demorou a ser capaz de virar a sua

côlera para ele.

— PARE! — gritou Mariana, que, ajoelhada ao lado de Alexandre, tentava ajudá-lo a recuperar o suficiente para poder regressar à luta.
— PARE IMEDIATAMENTE!

Mas Rogério nem a ouviu. Enquanto esmurrava Daniel na cabeça, rosto e peito, os olhos escureceram, com as pupilas a dilatarem-se numa fúria animalesca. Quando o conseguiu imobilizar por instantes, virou-se para Alexandre, para ver se ele o conseguiria impedir. Mas Alexandre ainda gemia e arfava enquanto tateava as costas. Mariana compreendeu que não estava em condições de se levantar, tal como compreendeu que, se não fizesse nada, Rogério magoaria seriamente Daniel.

Amaldiçoando-se por ter de deixar Alexandre sozinho, Mariana voltou-se sobre Rogério e deu-lhe um soco no olho esquerdo, levando-o a ganir enquanto o tapava com as duas mãos.

Reparou nesse instante que Gabriela, ainda caída no chão, conseguira tirar o telemóvel do bolso das calças. Ainda com um braço em volta da barriga, começou a gatinhar para longe de Rogério, ao mesmo tempo que tentava digitar um número. Mariana percebeu que ia ligar à polícia, por isso concentrou-se em ganhar tempo para ela conseguir completar a chamada.

Mas o instante em que estivera distraída foi suficiente para Rogério recuperar do seu soco. Num piscar de olhos, envolveu a cabeça de Mariana com as mãos, curvou-se sobre ela para a obrigar a cair de costas e bateu-lhe a cabeça contra o chão, enquanto o berro horrorizado de Alexandre preenchia o quarto.

E, por momentos, foi apenas a escuridão.

Aquela dor eclipsou qualquer outra. Sentiu, mais do que ouviu, o osso estalar e fender-se. Os sentidos tremeram. Ouvia os ecos dos gritos de Alexandre e Daniel, via as sombras dos seus braços e mãos a envolverem os de Rogério e a puxarem-nos para trás, mas sentia a sua própria cabeça continuar a ser erguida e empurrada de novo contra o chão. Uma e outra vez. O sangue desceu para a parte de trás do crânio. Fechou os olhos para tentar aplacar a dor, mas recomeçou a ouvir os berros de Gabriela. Quis voltar a abrir os olhos para perceber porque é que ela começara a gritar quando devia estar longe do alcance de Rogério e a chamar a polícia.

No entanto, assim que conseguiu abrir uma nesga dos olhos, viu Rogério sobre si, transformado num animal.

Lançando para trás o braço a que Alexandre se agarrara, atingiu-o no peito com força suficiente para lhe arrancar o ar dos pulmões. Empurrou-o para trás, de encontro à cama, e fê-lo cair sobre ela e rebolar até ao chão. Daniel, defendendo-se da segunda investida, conseguiu atingi-lo no estômago, mas a adrenalina — ou outra substância mais forte que Rogério devia ter tomado, hipótese de que Mariana começava a desconfiar mais a cada segundo — não deixou que ele o sentisse. Como se o murro dele não tivesse sido mais que o roçar das asas de uma mosca, Rogério empurrou Daniel para trás e fê-lo tropeçar no tapete e chocar contra um dos roupeiros, batendo lá com a cabeça com mais um ruído que arrepiou Mariana, antes de deslizar até ao chão.

Vendo-se por instantes livre de oposição, Rogério voltou a concentrar-se nela. Envolveu-lhe de novo a cabeça com as mãos e Mariana apenas teve tempo de fechar os olhos, ciente de que ele a rebentaria dessa vez.

Mas não surgiu um novo impacto. As mãos desapareceram de repente. A cabeça de Mariana aterrou com o seu próprio peso. Ouviu um segundo embate seco, mas percebeu que não fora o seu corpo a atingir nada, mas o que antes estivera sobre si.

Sem saber onde invocou forças para o fazer, conseguiu abrir os olhos. Pestanejou e olhou à sua volta. Rogério caíra de costas, de olhos fechados. Atrás dele, Alexandre arquejava, ofegante, enquanto segurava um dos candeeiros das mesas-de-cabeceira — ainda um candeeiro à antiga, com pé de metal e abajur de vidro amarelo-fosco —, a pingar sangue.

— Amor...

Passou por cima de Rogério, que perdera os sentidos, deixando o candeeiro escorregar-lhe da mão, e caiu de joelhos à frente dela. Puxou-a para si e abraçou-a com tanta força que Mariana sentiu os pulmões comprimidos contra as costelas. Sentiu-o enterrar-lhe os dedos no cabelo, mas, ao sentir o sangue, afastou-se logo. Os olhos arregalaram-se num horror primitivo ao ver o vermelho intenso que lhe manchava os dedos. Mariana subiu-lhe as mãos para o rosto e obrigou-o a ouvi-la.

— Não perdi os sentidos... estou b-bem... ajuda-me a levantar...

Alexandre anuiu, completamente desnortado, mas obedeceu. Mariana abriu a boca para lhe dizer que precisava de algo com que fazer pressão no rasgão que teria na nuca, mas não chegou a conseguir dizer nada.

Ao olhar em volta do quarto, acabou por parar atrás da porta e viu o saco de golfe bege, que passara despercebido no ligeiro espaço entre a porta e a parede.

E que não fazia sentido, porque Rogério nunca dera a entender que gostava de golfe.

Não percebeu logo o que estava a ver, mas, ainda antes de poder formular a questão na sua mente, o olhar de Daniel seguiu o seu. E enquanto um arrepio lhe descia pelos braços e a cobria de gelo, Mariana viu-o avançar para lá, fechar a porta, correr o fecho do saco e deixar a descoberto o que estava lá dentro.

Uma pá de metal.

Capítulo 64

O novo tremor que desceu pelas costas de Daniel foi estranhamente sedativo. Desanuviou-lhe a visão e desenhou-lhe um sorriso nos lábios. A boca ainda sabia ao sangue que continuava a descer-lhe do nariz partido, mas até esse gosto era agora fácil de suportar. Quando tirou a pá do saco, pegando-lhe pelo cabelo de madeira, a adrenalina começou a transformar-se numa calma profunda, porque o plano que se tinha formado na sua mente era demasiado perfeito para dar espaço ao medo.

Mas assim que se virou, com a pá na mão, Gabriela, pálida como a morte, lançou-se para a sua frente e levantou os braços.

— NÃO! Não, Daniel, não!

Manteve a pá segura com firmeza, mas parou de andar. Os olhos de Gabriela cintilavam com um medo tão cru que foi capaz de o travar por um momento, e ela aproveitou-se disso para se aproximar mais e envolver-lhe o rosto com as mãos, já sem nenhum do calor e desejo com que o tinha feito horas antes.

Seria verdade? Tudo aquilo no anexo da quinta tinha acontecido apenas há um par de horas? Sentia que já passara uma eternidade. Tinham descoberto tanta coisa desde aí, tinha mudado tanto desde que estava lá a abraçá-la, a beijá-la, a partilhar com ela a dor que não conseguia suportar sozinho...

Mas as mãos eram as mesmas. Os olhos eram os mesmos, aquele mar azul profundo que o conseguiria engolir melhor que qualquer oceano. A mulher era a mesma e ele precisava tanto dela como antes.

— Não faças isso... Por favor, não o mates...

— Sai-me da frente e deixa-me fazer o que tem de ser feito.

— Não posso... não podes matá-lo, por favor...

— Ele matou o Francisco e o Paulo e levou o Rúben a enforcar-se. E agora ia matar a Mariana. Viste o que ele lhe estava a fazer?

— Vi, vi, e quero tanto esmagar-lhe a cabeça como tu, mas não podemos!

— Porquê? Se há alguém que merece morrer é ele, por tudo o que fez e que ainda vai fazer se o deixarmos escapar!

— Eu sei, mas por favor não o mates! Não podes ser preso, Dan... não me faças isso, por favor... não posso perder-te também...

Daniel sentiu um nó formar-se na garganta e começar a apertar ao ponto de mal o deixar respirar. Não conseguiu continuar a olhar para ela. Tinha de fazer aquilo, não só por si e para finalmente dar paz à sua consciência, mas principalmente por Alexandre.

Sabia que ele também queria matar Rogério, mas, ao contrário de si, não ia conseguir viver com a culpa. Nunca tinha lidado bem com emoções fortes, já todos sabiam disso, e viver o resto da vida a saber que tinha desfeito a cabeça de um homem à pazada não o deixaria voltar a dormir. Ia dar com ele em louco, tinha a certeza disso. Com ele e com Mariana, que não ia suportar viver ao lado dele. E, por isso, tinha de ser ele a fazê-lo, por si, por eles os dois e por Francisco, Rúben, Paulo e todos os miúdos que Rogério viria a magoar daí em diante se o deixassem escapar.

Olhou por cima do ombro, para onde Alexandre e Mariana os observavam em silêncio, amparados um no outro, e percebeu que, embora não se tivesse enganado e, lá bem no fundo, ambos desejassem tanto como ele pôr fim à vida de Rogério, não o iriam admitir. Iam ficar do lado de Gabriela e tentar travá-lo.

E sabia que não o faziam por hipocrisia, mas por não quererem que fosse ele o único a ter de pagar por algo que todos queriam fazer.

— Não faças isso, meu. Por favor — pediu Alexandre, mais contido que Gabriela, mas igualmente preocupado.

— Não podes ir preso, Daniel. Precisamos todos de ti — juntou-se

Mariana.

Daniel rangeu os dentes, dividido entre dar-lhes ouvidos ou ao que o coração lhe exigia que fizesse. Mariana aproveitou a sua indecisão para avançar, com os passos lentos e calculados de um caçador, até parar ao lado de Gabriela. Pousou a mão, lenta mas confiante, no cabo de madeira da pá, entre as mãos de Daniel, e fixou nele um olhar que deitou por terra o que lhe restava de bravura.

— Não podemos deixar que ele destrua mais uma vida — insistiu Mariana.

— Mas ele está mesmo ali... — gaguejou Daniel, a sentir a determinação a começar a tremer. — Se acabarmos com isto, vamos poder vingar o Francisco...

— Mas não da maneira certa. Não é isto que ele quer, de certeza — continuou Mariana.

Daniel teve de fechar os olhos para tentar concentrar-se e perceber a qual das metades de si devia dar ouvidos. Ainda queria desfazer a cabeça de Rogério numa polpa vermelha de carne e miolos, mas a noção de que Mariana, Gabriela e Alexandre tinham razão começava a ganhar força dentro de si. A lógica nas súplicas deles começava a abrir-lhe os olhos, mas ainda lutava para chegar à melhor solução quando ouviu a aproximação de Alexandre e voltou a abrir os olhos, para o ver parar ao lado de Mariana.

E quando ele lhe pousou uma mão no ombro e segurou a pá com a outra, percebeu que não podia fazer frente aos três.

— Também não quero que passes o resto da vida atrás das grades, mas ainda há outro motivo para te impedir de desfazeres a cabeça daquele cabrão — alertou, e Gabriela e Mariana viraram-se para o olhar com a curiosidade renovada. — Se o matarmos, não vamos conseguir a confissão dele para o que fez ao Francisco, ao Paulo e ao Rúben. E, sem essa confissão, a polícia não vai reconhecer aquilo que aconteceu e ninguém virá a saber o que foi feito deles.

— O Alex tem razão! — exclamou Mariana. — Sim, é isso mesmo! Pensa nisso, Daniel: se o matarmos sem lhe arrancarmos algo que nos ajude a provar o que lhes fez, o Francisco e o Paulo vão ser só mais dois miúdos que desapareceram do dia para a noite, e o Rúben, um pobre coitado que não conseguia viver consigo mesmo e por isso decidiu matar-se. E nós seremos os únicos a saber a verdade!

Daniel soltou o ar que nem se tinha apercebido de que estava a prender no fundo do peito. Quando o pôde libertar, e deixar que a calma começasse a voltar, viu o alívio nas caras de Mariana e Gabriela e o pequeno sorriso que ergueu os cantos da boca de Alexandre.

E soube que o perdoavam por ter chegado tão perto de deitar tudo a perder.

— Muito bem, e agora... o que é que lhe fazemos? — perguntou Mariana.

Viraram-se todos para onde Rogério jazia. Daniel ainda sentiu uma réstia da vontade de lhe esmagar a cabeça e aumentar a poça de sangue que começava a ensopar as ripas de madeira do chão, mas afrouxou o aperto com que a segurava a pá.

— Acho que devíamos amarrá-lo, acordá-lo e obrigá-lo a confessar tudo. Vamos fazer como o Francisco pensou fazer: usamos um dos nossos telemóveis como gravador e... e magoamo-lo o suficiente para conseguirmos que fale — sugeriu Gabriela.

— Gosto especialmente da última parte — sorriu Alexandre. — Há mesmo uma escritora dentro de ti, hã?

— Quem sabe, depois disto, não a deixo finalmente vir cá para fora brincar — provocou Gabriela, encolhendo os ombros.

— Também acho boa ideia — disse Daniel, estendendo a pá a Gabriela. — Bate-lhe se vires que ele começa a acordar.

Gabriela concordou e segurou a pá com mais determinação, ao mesmo tempo que se dirigia ao roupeiro de Rogério, ainda de portas abertas, e tirava de lá uma camisola de algodão branca. Passou-a a Mariana, que pressionou a parte de trás da cabeça. Daniel desconfiava que ela estaria à beira de perder os sentidos, tão pálida e cambaleante como estava, com os lábios azulados, mas não se atreveu a mandá-la sentar-se. O seu próprio nariz ainda sangrava. Gabriela, reparando nisso, tirou outra *T-shirt* do roupeiro e deu-lha para ele poder pressionar e estancar a hemorragia.

— Amor, há uma corda num dos armários por baixo do balcão, na cozinha. Não faço ideia porque diabos é que ele a tem lá, mas podemos amarrá-lo com ela — pediu Alexandre.

Mariana saiu disparada do quarto, enquanto Daniel e Alexandre erguiam Rogério para cima da cama. Era incrivelmente pesado — acordado e de pé parecia bem mais leve, mas claro que aqueles

músculos todos pesavam imenso —, mas ainda o conseguiram içar para lá. Gabriela manteve-se por perto, com a pá em riste, pronta a usá-la ao primeiro sinal de que Rogério estivesse prestes a acordar. Mariana voltou com a corda, já cortada em duas partes. Passou uma a Daniel e outra a Alexandre, para poderem prender os pulsos de Rogério às extremidades da cabeceira da cama. As mãos de Daniel tremiam tanto que demorou muito mais do que demoraria em circunstâncias normais a prender-lhe o pulso esquerdo, mas nem Alexandre nem as raparigas reclamaram da série de asneiras que soltou enquanto o fazia.

E estavam a acabar de o amarrar quando ouviram as batidas na porta.

Daniel sentiu o sangue coagular nas veias. Alexandre, Mariana e Gabriela olharam para a porta, mas também não conseguiram mexer-se. Nos primeiros segundos após aquela série de batidas, sustiveram a respiração e esperaram que não tivesse passado de uma ilusão auditiva que, por acaso, os atingiu ao mesmo tempo.

Só quando as ouviram outra vez, mais urgentes, é que foram arrancados ao choque e perceberam que estava mesmo alguém a bater à porta principal da casa.

— Oh, meu Deus... — gemeu Gabriela.

— Quem é que pode ser? — rosnou Alexandre. — Será que nos ouviram...

— É bem capaz de ser algum velho metediço... — praguejou Daniel.

— Ou a polícia. Podem ter chamado a polícia — murmurou Mariana.

As sugestões teriam continuado se não tivessem sido interrompidos por mais batidas na porta, ainda mais impacientes. Daniel percebeu que a pessoa que estava do outro lado não ia desistir, porque tinha a certeza de que havia gente em casa.

— Merda...

— Vamos ser presos... vamos mesmo ser presos... — soluçou Gabriela, com os olhos a vaguearem entre Rogério e a pá.

— Ninguém vai preso, OK? Porque vamos conseguir a confissão do Rogério! — declarou Alexandre. — Vamos só esperar que a pessoa se vá embora...

— Sim, não vamos dar nas vistas. Vou só espreitar pela porta para ver quem é e volto para vos dizer! — decidiu Mariana.

Voou para fora do quarto sem fazer o menor barulho, como um fantasma cujos pés nem tocassem o chão. Daniel sentiu a ansiedade subir vários graus no quarto e acumular-se num véu de suor que lhe colou a camisola às costas. Olhou para Rogério por cima do ombro, sentindo uma tremenda vontade de despachar aquilo de uma vez por todas e saltar pela janela antes de quem quer que estivesse à porta os poder ver, mas o olhar de Alexandre manteve-o paralisado. Gabriela começou a andar de um lado para o outro em frente à cama, a murmurar em surdina, agarrada à pá como alguém a afogar-se se agarraria a uma boia salva-vidas, sem que nenhum deles conseguisse decifrar o que dizia. Só se calou e parou de andar quando ouviram a porta principal da casa abrir-se e tornar a fechar-se.

— A Mariana abriu a porta?! — arfou Daniel.

Um olhar desesperado para Gabriela fê-lo perceber que não era o único à beira de um ataque de nervos.

Antes de poderem decidir o que fazer, Mariana e a pessoa que tinha batido com tanta insistência entraram no quarto, e o medo foi afastado com uma bofetada de alívio.

— *Leonor?* — exclamou Gabriela.

— Sim, sou eu... e já sabia que havia de encontrar algo deste género! — protestou, com um olhar estupefacto na direção de Rogério. — Ainda bem que não cheguei tarde de mais!

Capítulo 65

Alexandre já tinha sido apanhado de surpresa demasiadas vezes no decurso desse dia, e a manhã ainda nem ia a meio, mas aquela foi a vez em que ficou menos preocupado.

De todas as pessoas que podiam ter aparecido, Leonor era, de longe, a menor ameaça.

— O que é que está aqui a fazer? — inquiriu Gabriela.

— Olhem que bem podia perguntar a mesma coisa! — ralhou Leonor, apontando para Rogério. — Vim falar com ele para o perfil do Francisco. Tinha acabado de estacionar quando vos vi passar na carrinha e ficarem à espreita ao fundo da rua, e liguei à Mariana para perguntar o que é que estavam a fazer e não me atenderam!

— Então, ficou a ver no que é que a cena dava? — resumiu Daniel.

— E ainda bem que o fiz! Onde é que isto tinha ido parar se não tivesse entrado agora?

— Não ia a lado nenhum, e antes que chame a polícia, deixem-nos...

— Chamar a polícia? — repetiu Leonor, virando-se para Alexandre com os olhos esbugalhados.

— Não vai chamá-los? — perguntou Gabriela.

— Claro que não! — reclamou Leonor, quase ofendida. — Até

porque o César e os outros não são exatamente os meus melhores amigos. Vou ficar aqui a ajudar-vos, mas preciso que me expliquem o que raio estão a fazer.

— Estamos a fazer justiça. Foi o Rogério que matou o Francisco — disse Mariana.

Leonor recuou um passo. Olhou de um para o outro, a medir a dimensão da loucura que partilhavam, e o olhar acabou por parar em Rogério. Levou uma mão à garganta e Alexandre percebeu que tinha dificuldade em engolir.

— Aconteceu imensa coisa desde que foi à quinta falar connosco, Leonor... e descobrimos muito mais coisas — disse Gabriela.

— E descobriram que... meu Deus, o Bateman é mesmo ele?

— Sim. Inspirado no Patrick Bateman do *Psicopata Americano*, já agora. Tive um pesadelo a noite passada em que me lembrei de uma aula de Português em que ele o mencionou diretamente e percebemos que foi a partir disso que o Francisco estabeleceu a associação entre eles — esclareceu Alexandre.

— E o que é que estão a pensar fazer?

— Aquilo que o Francisco planeava, mas não chegou a conseguir fazer: vamos gravar a confissão dele como autor dos homicídios — afirmou Gabriela.

— *Homicídios*? — repetiu Leonor. — Há mais que um?

— Sim. Ele matou outro rapaz, chamado Paulo Faria — explicou Mariana.

Leonor tornou a olhar para Rogério e começou a abanar a cabeça.

Todavia, e antes que algum deles pudesse tentar esclarecer um pouco mais da história, sacou um gravador da mala que trazia a tiracolo e ligou-o.

— Bem, se é de uma confissão que precisamos, vamos lá conseguí-la.

Alexandre e Mariana entreolharam-se, cada um mais admirado que o outro, e não conseguiram conter um sorriso, que não tardou a esmorecer nos lábios de Mariana quando os olhos começaram a revirar-se nas órbitas.

Alexandre correu para ela e amparou-a quando ela perdeu os sentidos, deixando descair a mão que segurara a *T-shirt* contra a cabeça. Os olhos de Leonor arregalaram-se ainda mais ao reparar no

sangue que lhe ensopava o cabelo e as costas da camisola.

— Têm de chamar uma ambulância!

— Eu já tinha tentado ligar-lhes... — balbuciou Gabriela.

— Liga agora! Por favor! — implorou Alexandre.

Ajoelhou-se para conseguir segurar melhor Mariana e voltar a pressionar a *T-shirt* contra a parte de trás da cabeça dela. Estava gelada, tinha a pele translúcida e os lábios já quase azuis. Foda-se, devia ter percebido que ela estava mais perto do colapso do que dava a entender. Como é que podia ter sido tão cego?

— Já estou a ligar — avisou Gabriela, a levar o telemóvel à orelha. — Não te preocupes, Alex, eles vão chegar a tempo.

— Mantém a calma — ordenou Leonor. — Continua a fazer-lhe pressão na cabeça. A ambulância não há de demorar. E, entretanto, ajudem-me com o Rogério.

— Vai, vai com eles. Eu fico com ela — disse Gabriela, ajoelhando-se do outro lado de Mariana e puxando-a para o seu colo.

Entalara o telemóvel entre a orelha e o ombro, ainda com a chamada em espera. Alexandre engoliu o medo e passou-lhe o corpo de Mariana para poder levantar-se e contornar a cama. Daniel fez o mesmo pelo outro lado, para também se aproximar da cabeça de Rogério.

Alexandre começou por lhe dar uma bofetada capaz de lhe virar a cabeça no pescoço, mas não conseguiu trazê-lo de volta. Daniel bateu-lhe na direção oposta, mas teve o mesmo resultado. Estavam prestes a verificar se ele ainda respirava — uma vez que tinha perdido tanto ou mais sangue que Mariana — ou se Daniel o teria matado ao atingi-lo com a pá, quando Leonor se lembrou de repente de tirar uma garrafa de água, ainda quase cheia, da mala. Tirou a tampa e despejou-lhe a água sobre rosto, e Rogério agitou-se e começou finalmente a recuperar os sentidos.

— O gravador está a postos — avisou Leonor, erguendo-o bem à frente dele.

— E a ambulância também já vem a caminho — alertou Gabriela.

— Muito bem, vamos a isto — ciciou Alexandre, empunhando a pá.

Quando Rogério Carrilho abriu os olhos, tinha à sua frente cinco pessoas em diferentes estágios de debilitação física, mas sem qualquer

receio de o deixarem num ainda pior. Pareceu chegar de imediato a essa conclusão, porque gemeu e começou a tentar libertar-se das cordas, recebendo como paga um soco de Alexandre no nariz, já feito numa polpa asquerosa, mas que conseguiu deixar ainda pior.

— Essa é por ter partido o nariz ao Daniel.

Rogério tornou a gemer enquanto o sangue lhe escorria para a boca. Os cantos dos olhos encheram-se de lágrimas, mas ainda havia tanta maldade neles que Alexandre teve de se conter para não voltar a esmurrá-lo.

— O que raio é que pensam que estão a fazer? — bradou Rogério. — Têm noção daquilo que vos vai acontecer quando a polícia souber disto?

— Não, mas tem noção daquilo que *lhe* vai acontecer quando a polícia descobrir o que fez ao Francisco, ao Paulo e ao Rúben? — corrigiu Daniel, com um sorriso diabólico.

Souu tão ameaçador que Rogério se encolheu. Onde antes havia revolta e indignação, surgia agora um medo flagrante. Daniel pregou-lhe outro murro, com força suficiente para o levar a arquejar e a engasgar-se em saliva e sangue, e novas lágrimas juntaram-se às que já estavam prestes a correr-lhe dos cantos dos olhos.

— Não fiz nada a ninguém... Não sei de onde tiraram essa ideia estapafúrdia...

— Tem a certeza de que é por aí que quer ir? — ameaçou Alexandre, e ergueu um pouco a pá para que ele a pudesse ver.

Os olhos de Rogério arregalaram-se enquanto um tremor começava a subir-lhe pelo corpo.

— Larga já isso!

— Não sei se já percebeu que está muito longe de poder ditar o que vai ou não ser-lhe feito, professor — avisou Leonor, no tom mais sereno do mundo, como se aquela cena fosse normal no seu dia a dia. — Não me parece que nenhum deles vá desistir enquanto não confessar aquilo que fez ao Francisco Andrade, ao Rúben Santos e ao Paulo Faria. Por isso, cabe-lhe a si decidir se dirá a bem... ou a mal.

Rogério pestanejou como um veado diante da mira de uma caçadeira. O maxilar começou a tremer-lhe tanto que deixaram de conseguir distinguir o que dizia. Daniel voltou a bater-lhe para o obrigar a sair daquele estado catatónico e ele gemeu de dor, mas não

pareceu mais decidido a colaborar.

— Vocês não têm nada contra mim, nada que me ligue a esses casos... A polícia nunca acreditará em vocês!

Alexandre sentiu o entusiasmo crescer e não conseguiu impedir-se de olhar para Daniel, que também sorria. A um sinal dele, lançou-lhe a pá, que Daniel apanhou em voo sobre a cama. Os olhinhos apavorados de Rogério seguiram o movimento e quase lhe caíram da cara quando Daniel se aproximou das pernas dele, brandindo a pá quase com prazer. Recomeçou a tremer e a balbuciar a ladainha de antes enquanto se encolhia o mais que podia para longe da arma, mas era inútil, porque não podia enfiar as pernas para dentro do próprio corpo.

— Violou o Francisco há nove anos — disse Alexandre, puxando-lhe o cabelo para o obrigá-lo a olhá-lo nos olhos. — E, antes disso, já tinha violado o Paulo. E também violou o Rúben, depois de violar o Francisco. O padre Emanuel contou-nos tudo e está disposto a confirmá-lo à polícia.

Um novo brilho acendeu-se no fundo dos olhos de Rogério. Alexandre nunca tinha visto nada assim, mas desconfiava que fosse ao que o desespero mais profundo se parecia.

— Eu não fiz nada! O Emanuel já está mais para lá do que para cá e não tem noção do que diz!

— Vai repetir isso quando ele estiver cara a cara consigo? — riu-se Leonor.

— Não há provas de nada! Não há nada que me relacione com esses miúdos! *Nada!*

Porém, quando se está numa desvantagem tão evidente, o pânico leva a melhor sobre a pessoa, e Rogério entregou o jogo ao olhar para a pá.

Um arrepio sacudiu o corpo a Alexandre enquanto lhe seguia o olhar e compreendia que se antes Rogério vira a pá como algo que podia infligir-lhe ainda mais dor, agora havia algo mais a dançar naqueles olhos enlouquecidos.

— SEU FILHO DA MÃE! — berrou, e puxou com mais força um punhado de cabelos de Rogério, levando-o a uivar e a contorcer-se. — Foi com esta pá que os matou, não foi?

Deu-se logo conta de que fora o único a chegar àquela conclusão,

pelos olhares assombrados que Daniel, Leonor e Gabriela lançaram à pá, mas não esperou que recuperassem do choque antes de tornar a esmurrar Rogério.

— Conte-nos o que é que lhes fez!

— Para... para, por favor... — implorou Rogério, entre soluços.

— Só vamos parar quando nos contar a verdade — balbuciou Mariana.

Alexandre e Daniel olharam para ela. Parecia estar a recuperar os sentidos e Gabriela ajudava-a a pôr-se de pé. Ainda estava demasiado fraca, mas aquela sede de vingança que Alexandre vira acender-se dentro dela durante a luta tinha regressado em pleno.

— É verdade? Foi com esta pá que matou o Francisco e o Paulo?

Rogério continuou a gemer e a soluçar. Daniel, perdendo a paciência, desceu a pá sobre uma das pernas dele, arrancando-lhe um uivo histérico segundos antes de o metal lhe atingir a tíbia e poder parti-la.

— PAREM! — guinchou Rogério. — Foi, foi com essa pá que os matei!

Daniel parou a pá em movimento e, com um sorriso, tornou a afastá-la.

— Conte tudo o que fez, tal e qual como aconteceu — exigiu Leonor.

Rogério, contudo, já estava convencido de que Daniel seria capaz de lhe quebrar um ou mais ossos se perdesse a cabeça e não precisou de mais incentivos.

— Sim, é verdade. Eu... eu envolvi-me com o Francisco e...

— Não. Não se *envolveu* com ninguém — sibilou Mariana. — O que fez, e ao Paulo antes dele, foi violá-los.

— Vocês não sabem! — revoltou-se Rogério, recomeçando a debater-se com as amarras no esforço de se soerguer. — Não fazem ideia daquilo que nós tínhamos! Ninguém faz!

— Não tente convencer-nos de que era uma relação normal, seu porco de merda! — vociferou Daniel. — O Francisco escreveu tudo e ninguém que leia aquilo vai pensar, por um segundo que seja, que ele quis que aquilo lhe tivesse acontecido!

Rogério cerrou os maxilares com tanta força que os ossos sobressaíram sob a pele. Deixou de se debater com as cordas que lhe

prendiam os pulsos e o corpo abateu-se na cama. Recomeçou a abanar a cabeça, já sem ser capaz de os olhar, e Alexandre estremeceu ao dar-se conta de que já não era a eles que estava a tentar convencer, mas a si mesmo.

Seria possível? Poderia ter pensado, durante todo aquele tempo, que aquilo que fizera a Paulo e a Francisco não fora de todo contra a vontade deles? Que tivessem realmente partilhado algo especial?

Gabriela pareceu chegar à mesma conclusão que ele e avançou para a cama com os olhos a toldarem-se de lágrimas.

— Não, vocês não tiveram uma relação normal!

— E quem são vocês para o dizer? Hã? Nem sequer chegaram a conhecer o Paulo!

— Mas conhecemos o Francisco melhor que ninguém e...

— MENTIRA! — gritou Rogério, o cuspo a sair disparado no meio do choro. — Isso é mentira! Se o conhecessem assim tão bem, teriam percebido o que lhe aconteceu!

Gabriela tornou a recuar, as lágrimas a começarem a descer-lhe pela cara. Alexandre quis voltar a bater em Rogério, mas descobriu que nem conseguia levantar as mãos. Sentia os braços como membros alheios a si, desligados do resto do corpo, que já não podia controlar. Daniel devia sentir o mesmo, porque lhe via nos olhos a vontade de erguer a pá e também não parecia conseguir fazê-lo.

Porque era verdade. Custava a ouvir, ainda mais vindo de quem vinha, mas não deixava de ser verdade.

— Vocês não o conheciam assim tão bem! — insistiu Rogério, já sem ponta de ironia ou mesquinhez, apenas uma tristeza profunda. — Ele era tão melhor do que vocês... melhor do que vocês todos juntos... Não havia ninguém como ele...

— Foi por isso que começou a gostar dele?

Só Leonor teria sido capaz de colocar a situação naqueles termos. Alexandre fechou os olhos, incapaz de assistir ao que o rosto de Rogério pudesse mostrar, mas não foi a tempo de tapar os ouvidos.

— Não era simples gostar... Eu amava-o.

Alexandre continuava de olhos fechados, mas teve de os abrir quando o grito lancinante de Rogério encheu a sala, e viu que Daniel lhe afundara a pá na coxa direita. Rogério começou a contorcer-se e a uivar como um cão desalmado, atirando a cabeça contra a almofada, e

quando Daniel teve de fazer um esforço evidente para tornar a levantar a pá, Alexandre percebeu que lhe teria partido o fémur.

— NÃO SE ATREVA A VOLTAR A DIZER UMA COISA DESSAS! — berrou Daniel, tornando a levantar a pá no ar.

— Mas é v-v-verdade... eu amava-o...

— Daniel, espera — pediu Leonor, erguendo uma mão enquanto se aproximava. — Não me parece que ele esteja a mentir.

— O QUE É AINDA PIOR! — rugiu Daniel.

— Pois é, mas, se estiver a ser sincero, precisamos que confesse.

— Como é que ele pode estar a ser sincero? — protestou Alexandre.

— Pode, porque é um cabrão doentio — murmurou Daniel.

Tremia como varas verdes e lançava a Rogério o olhar mais animalesco que Alexandre já lhe vira. Continuava a segurar a pá, agora com as duas mãos, e parecia apoiar-se nela como um náufrago se apoiaria numa boia.

— Continue, Rogério — ordenou Leonor, apontando-lhe o gravador. — Conte-nos o que fez aos dois rapazes.

Rogério fechou os olhos e começou a abanar a cabeça, mas, pela primeira vez, fazia-o com desânimo e não em rejeição às acusações.

— Não queria tê-los matado... a nenhum deles... Os meus rapazes...

Leonor levantou a mão para travar Alexandre e Daniel quando ambos se inclinaram sobre Rogério e lançou-lhes um olhar de aviso. Alexandre obrigou-se a recuar. Tinha noção de que precisavam daquilo, de que Rogério confessasse tudo nos seus termos e no seu tempo, mas era de mais pedirem-lhe que ficasse impassível a ouvir as atrocidades que lhe brotavam da garganta, à qual, naquela altura, já só pensava em envolver com as mãos e apertar até o ar deixar de conseguir passar.

— O Paulo era especial, era o aluno que qualquer professor deseja ter e... e gostava de mim — soluçou Rogério, engolindo para molhar a garganta e conseguir prosseguir. — Gostava de conversar comigo no início e no fim das aulas, mesmo depois de os colegas saírem para o intervalo. Nunca se importava de ficar um pouco mais comigo na sala e comentar a atualidade do país, mesmo assuntos que outros miúdos ainda não tinham maturidade para discutir... Era brilhante...

— E quando é que a vossa relação de professor-aluno começou a mudar? — inquiriu Leonor, numa calma que Alexandre não sabia como conseguia conservar.

Rogério ergueu o olhar da perna partida apenas para ela, ciente de que, se havia alguém naquele quarto cuja estima ainda poderia desejar conquistar, era a de Leonor.

— Não consigo dizer. Ele tornou-se um dos meus melhores alunos, como eu sabia desde o início que podia ser. Foi por isso que quis ajudá-lo. Queria que ele se tornasse ainda melhor, que alcançasse o potencial que eu sabia que ele tinha.

— Deixe-me adivinhar: ele só precisava de um empurrãozinho e o professor não se importou de lho dar, não foi? — sugeriu Mariana, a voz a destilar sarcasmo.

O olhar de Rogério revestiu-se de uma camada de gelo ao voltar-se para o dela.

— O Paulo foi a minha casa um dia para eu lhe poder dar explicações e... e eu...

— Tentou envolver-se com ele. Mas ele não lhe deu troco, pois não? — supôs Leonor, semicerrando os olhos. — E, como estava a fazer-se de difícil, decidiu dar-lhe uma lição... diferente.

— NÃO FOI ASSIM! Não foi isso...

— Então como foi? Hã? — interrompeu Alexandre. — Porque o padre Emanuel contou-nos que o confrontou um dia na escola, algum tempo depois disso, quando o ouviu a repreender o Paulo sobre dar nas vistas e poder expor o vosso segredinho.

— Esse padre tem muito pouco de santo — rosnou Rogério.

— Vamos simplesmente passar à frente da ironia do que acaba de dizer, Rogério — ordenou Leonor, vendo Alexandre e Daniel prestes a começarem aos gritos. — Já chegámos todos à conclusão de que abusou do Paulo Faria em sua casa no dia em que lhe deu explicações e, para chegarem ao ponto de, meses mais tarde, o Rogério se dar ao desprazo de o beijar em pleno colégio, significa que a vossa relação continuou, com o Paulo demasiado assustado para pedir ajuda.

— Ele não estava assustado coisa nenhuma! — revoltou-se Rogério. — Estão a inventar coisas! Ele... ele queria aquilo tanto como eu, mas não sabia... Não tinha experiência a lidar com...

— Com pedófilos? — acusou Daniel, abafando uma gargalhada. —

Pois, é óbvio que não! E devia estar tão morto de medo de que você lhe fizesse alguma coisa que se foi calando a tudo até acabar por *desaparecer* misteriosamente, não foi?

— Onde é que escondeu o corpo? — inquiriu Leonor.

Rogério fechou os olhos com força, com tanta força como se os quisesse esmagar por detrás das pálpebras, e rangeu os dentes ao ponto de todos os ouvirem.

— FALE! Não vai a lado nenhum enquanto não falar! — ameaçou Alexandre.

Daniel recomeçou a erguer a pá, mas Leonor e Mariana fizeram-lhe sinal para parar ao repararem que os lábios de Rogério começavam a agitar-se. Era um movimento tão subtil, ao início, que os outros não perceberam, mas evoluiu até aquilo que murmurava, num fio de voz esganado, se tornar perceptível.

— No p-pinhal... no pinhal de Leiria...

Alexandre sentiu-o como se Rogério tivesse acabado de o esmurrar. Olhou para Mariana, temendo ter percebido mal, mas o horror que lhe via no olhar confirmou-o.

— Enterrou-o lá? — arquejou Gabriela, a levar a mão à boca.

— Sim. Eu não queria tê-lo matado... não fiz de p-p-propósito, mas... mas ele morreu! Morreu nas minhas mãos e eu...

— Enterrou-o — acusou Leonor. — Sem sequer permitir que a família e amigos dele pudessem despedir-se. Tem noção da quantidade de vidas que destruiu?

Rogério não respondeu. Uma lágrima rolou-lhe pela cara, ainda de olhos fechados, enquanto, ao longe, começava a ouvir-se uma sirene.

— Porque é que não enterrou o Francisco lá também? — inquiriu Leonor.

— Porque precisava de... de o ter mais perto de mim...

— Então, decidiu chantagear o Norberto Saraiva para que ele o ajudasse a enterrar o Francisco no cemitério? — concluiu Gabriela.

— Como é que conseguiu convencê-lo? — insistiu Leonor.

Rogério continuava a abanar a cabeça, mas, ao ver que Daniel ainda não desistira de lhe despedaçar o resto do fémur, obrigou-se a voltar a olhar para Leonor.

— Ameacei que faria o mesmo ao Rúben se ele não me ajudasse... e ele obedeceu.

Já tinham todos chegado àquela teoria, ainda durante a conversa com Emanuel, mas verem-na agora confirmada custava mais do que podiam ter previsto.

Mariana, no limite da resistência, contornou a cama para se aproximar de Alexandre. Ele sentia-se demasiado entorpecido pelo choque de tudo o que acabava de ouvir para conseguir obrigar os braços a responderem ao apelo de a envolver neles, por isso foi Mariana a abraçá-lo. Continuou a pressionar-lhe a *T-shirt* contra a ferida no crânio, mas deixou que ela o envolvesse com toda a força no seu abraço.

— Já parei a gravação — indicou Leonor, enquanto baixava o gravador. — A polícia está a chegar, Rogério. Já não pode fugir mais.

Apanhando-os uma última vez de surpresa, Rogério riu-se.

— Não, já não posso, realmente. Mas também já estava na hora.

Mariana travou Alexandre quando o sentiu começar a precipitar-se sobre Rogério. Atraiu-lhe o olhar para o seu e abanou a cabeça, num claro sinal de que estavam demasiado perto de conseguir aquilo por que tanto esperavam para agora se darem ao luxo de deitar tudo a perder.

As sirenes subiam de volume lá fora. Leonor saiu do quarto com a indicação de que ia informar a polícia do que encontrariam lá dentro.

Mas Mariana ainda se virou para olhar Rogério, por cima do ombro, com um sorriso que também surpreendeu Alexandre.

— Não nos vai fazer a pergunta óbvia?

— Que pergunta? — murmurou Rogério.

— A de como descobrimos a verdade.

— Ora, não é difícil perceber. Não considero nenhum de vocês estúpido. Bastou que o Emanuel vos tivesse contado aquilo que sabia sobre mim e o Paulo...

— Não, não foi assim — cortou Gabriela. — Até porque fomos *nós* a ir ter com ele para lhe pedirmos ajuda para provar aquilo que já tínhamos descoberto.

— Então, como é que perceberam...

— Porque o Francisco descreveu toda a cena em que o viola... e chamou-lhe Patrick Bateman.

Alexandre não sabia que reação esperar da parte de Rogério. Não sabia se seria melhor que tivesse mostrado choque ou arrependimento,

ou a confusão absoluta de quem não conseguira acompanhar-lhes a linha de raciocínio.

A única certeza que tinha era que não esperava que ele se mostrasse quase orgulhoso, como se Francisco, como bom aluno que era, tivesse acertado em cheio, tivesse tido pontuação máxima no exercício, e não pudesse ter-lhe dado uma alcunha melhor.

— Aposto que foste tu que ligaste os pontos, Alexandre — disse, voltando-se para ele com os olhos cintilantes de triunfo. — Afinal, eras tu que estavas sentado ao lado dele naquela aula em que vos contei que o Patrick Bateman é o meu vilão preferido.

— Sim, fui eu que percebi.

— Muito, muito bem — sorriu Rogério, abafando uma gargalhada que os cobriu a todos de pele de galinha. — Mas presumo que nenhum de vocês saiba porquê, não é? Acredito que nenhum de vocês tenha lido o livro ou, pelo menos, visto o filme *Psicopata Americano*.

— Porque é que diz isso? — inquiriu Mariana, com os olhos a semicerrarem-se.

— Porque, se o tivessem feito, não teriam ficado tão surpreendidos quando disse que enterrei o Paulo e o Francisco — sorriu Rogério. — No filme, durante a conversa que o Patrick está a ter com o detetive Donald Kimball, sabem o que é que ele diz?

— Deixe-se de merdas e diga o que tem a dizer. Não estamos numa das suas malditas aulas — vociferou Alexandre.

— Pois não... portanto, vou poupar-vos o trabalho de irem pesquisar. O que ele diz é: «A terra apenas se abre e engole as pessoas.»

O sorriso que exibiu no final fez Alexandre dar graças por Mariana continuar a segurá-lo, porque não sabia como se teria aguentado sobre os joelhos se não a tivesse consigo.

— E é verdade, não é? — riu-se Rogério, as lágrimas a escorrerem pelas bochechas e a saliva pelo queixo. — A terra abre-se para engolir tudo o que lhe quisermos dar.

Capítulo 66

Daniel foi para a sala de estar de Rogério e aproximou-se da janela por onde tinham entrado. A aragem fresca que passava por ela soube-lhe tão bem que encostou ao vidro as mãos e a testa para poder aproveitá-la. Era o primeiro minuto de calma a que tinha direito em muito tempo. Demasiado tempo.

Depois de a polícia e o INEM chegarem, Rogério rendeu-se finalmente à ideia de que não ia escapar e entrou num estado quase catatónico. Deixou de reagir a qualquer coisa que ouvisse ou que lhe fizessem, como se já nem estivesse no mesmo plano terreno que eles. Entretanto, Alexandre carregou Mariana para a ambulância, que a levou de imediato para o hospital de Torres Vedras, para o golpe na cabeça ser visto o quanto antes. Daniel, Gabriela e Leonor ficaram no quarto com a equipa da Polícia Judiciária. Leonor mostrou-lhes a gravação e ajudou Daniel e Gabriela a esclarecer a autêntica cena de telenovela com que os inspetores se tinham deparado ao entrar. Rogério ouviu todo o relato em silêncio, sem levantar os olhos da perna que Daniel esmagara com a pá, e que começava a ganhar uma cor e inchaço preocupantes. Não tentou, em momento algum, negar nada daquilo que estava a ser dito sobre si. Ainda assim, no fim da gravação, e mesmo que tivesse ficado claro que ia servir como prova em tribunal, César e os outros ainda exigiram que Rogério repetisse

tudo para os seus gravadores. Não os deixaram ficar para ouvir essa parte. Pediram-lhes que saíssem do quarto — até Leonor, que insistiu que precisava de testemunhar tudo para a reportagem que ia escrever, mas à qual eles não deram importância. Não eram definitivamente os seus maiores fãs.

Sem grande alternativa, Gabriela, Daniel e Leonor passaram a meia hora seguinte na sala, sentados num dos sofás de Rogério, três autênticas estátuas. A cooperação com a polícia acabou por compensar: quando os inspetores e os guardas começaram a sair do quarto e anunciaram que o assunto estava encerrado, Daniel sentiu o peso que carregava aos ombros começar a dissolver-se.

Era o fim. As famílias de Paulo, Rúben e Francisco iam finalmente ter as respostas que mereciam. A verdade ia chegar a todos.

Rogério nem ofereceu resistência quando os guardas o libertaram da cama, o algemaram e o levaram para o carro-patrolha. Ao passar por Daniel e Gabriela na sala, lançou-lhes o olhar de um fantasma. Tinha-se esvaído dele toda a força, toda a raiva, todo o instinto de sobrevivência. Talvez, como Gabriela disse mais tarde, lá bem no fundo, ele estivesse tão ansioso por aquele momento como eles, porque podia finalmente parar de se esconder.

Quando Leonor se lembrou de perguntar se Daniel e os outros iam ter de pagar pela forma como tinham tratado Rogério, os inspetores ainda pareceram começar a considerar o assunto, mas Hélder entrou em cena antes que algum deles abrisse a boca.

— Não, nem pensem que deixo o Rogério apresentar queixa seja do que for.

Daniel sorriu-lhe, guardando um agradecimento maior para mais tarde. Os inspetores não tiveram remédio senão encolher os ombros e dizer que, se aquilo pudesse ficar entre eles, não viam grande necessidade de pôr mais lenha na fogueira.

No entanto, não ficaram livres de prestar depoimentos. Tiveram de dar um, coletivo e oficial, de tudo o que tinham feito desde que tinham saído do posto da GNR no início da noite anterior. Só depois disso os deixaram descansar. Leonor saiu para telefonar ao editor e explicar a bomba que iam publicar no dia seguinte, e Gabriela aproveitou para se estender no maior dos sofás e fechar os olhos para relaxar por um instante.

Daniel encostou-se à janela, fechou os olhos e deixou-se ficar um momento a sentir a brisa cálida que se erguia no exterior, até ouvir passos nas suas costas e sentir Leonor e Gabriela aproximarem-se.

— Parece que já acabou — suspirou Leonor, enquanto tirava um cigarro do maço e lhe oferecia outro. — Como é que vocês estão?

— Vamos ficar bem — murmurou Gabriela.

Leonor acendeu os cigarros de ambos enquanto Gabriela se sentava junto a Daniel no parapeito da janela.

— Amanhã sai a reportagem com o desfecho do caso e, no domingo, para ter o destaque que merece, sai o perfil do Francisco — informou Leonor.

— Obrigado — murmurou Daniel. — Foi...

— *Foste.*

— Foste uma enorme ajuda.

— É o meu trabalho — sorriu Leonor, piscando-lhe o olho. — E gosto muito dele.

Daniel devolveu-lhe o sorriso, mas não chegou a poder dizer mais nada, porque viram Hélder aproximar-se.

— Já podem ir para casa. Por hoje, não vamos precisar mais de vocês. Mas, se precisarmos de recolher novos depoimentos, ligo-vos para virem ter connosco ao posto.

— Obrigada, chefe — disse Gabriela.

— Não me agradeçam. Garantam-me só que da próxima vez não chegam a este ponto para provar que têm razão, porque nós acabamos por lá chegar, mais cedo ou mais tarde.

— Mas, desta vez, não dava para ser mais tarde — defendeu Gabriela.

Hélder não encontrou forma de o negar. Limitou-se a afastar-se com um aceno e um último sorriso, batendo no ombro de Daniel em despedida. Ficaram a vê-lo dirigir-se à porta e esperaram até ouvirem os motores dos carros-patrolha, e as viaturas começarem a afastar-se pela estrada, antes de partilharem um longo suspiro de satisfação. Daniel passou o braço pelos ombros de Gabriela e beijou-a no topo da cabeça enquanto ela se encostava a si e lhe envolvia a cintura com os braços.

Estava exausto, e sabia que ela estava tão ou mais que ele. A adrenalina que até aí os tinha mantido em ação, lhes tinha mantido os

músculos quentes e os sentidos apurados, começava a diluir-se no sangue e a abrandá-lo. Ficaram um momento assim, abraçados e amparados um no outro, a deixar a calmaria após a tempestade começar a instalar-se, até Gabriela levantar a cabeça do seu peito para o poder olhar nos olhos.

— Acabou mesmo, hã?

— Sim. O Rogério vai ter o que merece. Toda a gente saberá a verdade sobre o Francisco, o Rúben e o Paulo e eles vão poder finalmente ter paz... e nós também.

— Uma paz muito merecida — acrescentou Leonor. — Já era mais que tempo. E agora o que me dizem de virem comigo ao hospital contar isto tudo ao Alexandre e à Mariana?

Daniel e Gabriela seguiram-na até à rua. Daniel não fazia ideia de como é que, num tão curto espaço de tempo, já podia ter-se reunido uma pequena multidão à porta, mas foi com esse cenário que se depararam ao sair. Leonor ajudou-os a escapar às perguntas e microfones dos jornalistas e equipas das televisões que os rodearam como um enxame. Correram para o carro dela e Leonor acelerou a fundo, numa fuga digna de um filme.

Vendo Gabriela voltar-se no banco para olhar pela janela e ver a casa de Rogério a diminuir à distância, junto com todas as mentiras e segredos, Daniel deu-lhe a mão e procurou-lhe o olhar.

— Acabou. Agora só precisamos de seguir em frente.

E Gabriela, sorrindo, assentiu.

Capítulo 67

Gabriela terminou de escrever a última linha, pousou a caneta ao lado do caderno e fechou os olhos. Inspirou fundo, deixando o ar encher o peito, e sentiu, pela primeira vez em muito tempo, uma paz incrivelmente doce alcançar cada centímetro de si.

Se pudesse, teria ficado ali mais tempo, a apreciar o silêncio de que, calados enfim os demónios e fantasmas, podia desfrutar. Contudo, não tardaram os passos do outro lado da porta, logo seguidos das batidas na madeira. Abriu os olhos e Sara e Santiago espreitaram para dentro do quarto, uma cabeça por cima da outra no intervalo da madeira e dois pares de olhos a brilhar com igual preocupação.

— Já acabaste? — perguntou Santiago, tão elegante no fato cinzento-escuro que o pai lhe emprestara.

— Sim.

— A mãe diz que temos de ir agora para não chegarmos atrasados! — avisou Sara.

— Sim, claro. Vão descendo que eu vou mesmo atrás de vocês.

Os gémeos obedeceram e deixaram-na a sós. Gabriela levantou-se e guardou o caderno na mala preta, que colocou ao ombro. Deitou um olhar rápido ao espelho, certificando-se de que a saia do vestido não tinha ficado amarrotada, e depois reuniu-se aos irmãos e aos pais na

sala de estar da quinta.

— Ah, já aqui está a Gabi — anunciou Vítor.

À semelhança de Santiago, envergava um fato de calças e casaco cinzento-escuros, uma camisa branca por baixo e gravata preta a acompanhar. Maria e Sara tinham optado por camisas e calças de fato, pretas, que, no caso de Maria, já tinham assistido a demasiados velórios e funerais. Receberam Gabriela com sorrisos encorajadores, que ela também viu nos rostos de Fernando e Leonor, que chegavam nesse momento da cozinha, ainda a meio de uma conversa com Mariana.

Tinham vindo todos, dos quatro cantos do país, e bastava olhar para João Paulo e Sandra para ver o quanto a presença dos antigos amigos significava para ambos. Estavam sentados num dos sofás, com Camila, Alexandre e o irmão de Mariana, André, no outro sofá. A poltrona de Eduardo permanecia vazia. Nesse dia ninguém era capaz de a ocupar, nem mesmo Daniel, que deambulava entre a cozinha e a sala, a certificar-se de que toda a gente estava pronta para sair.

— Já estamos todos? — perguntou, chegando à sala nesse instante.

— Sim, já cá estou — disse Gabriela.

— Ótimo, então é melhor irmos. Está quase a começar — alertou Vítor.

O grupo dirigiu-se à saída e dividiu-se pelos automóveis. Gabriela ergueu por instantes o rosto para o sol e fechou os olhos. Estava um dia soalheiro e fresco, absolutamente perfeito. Vítor manteve o ar condicionado ligado durante a viagem, atrás do carro de Fernando e Leonor.

À chegada ao destino, viram uma multidão reunida à entrada da igreja, e as atenções de todos centraram-se no grupo que ladeou João Paulo e Sandra na subida da escadaria até às grandes portas de madeira. Abriram-se alas para os deixar passar, enquanto todos os presentes os observavam com uma reverência profunda. Em redor deles, vindos de todas as direções, disparavam os *flashes* das máquinas fotográficas dos repórteres que ainda estavam em Santa Cruz, a acompanhar o fim da telenovela.

Nos últimos dois dias, o país acompanhara o desfecho do caso de Rogério Carrilho, incluindo o extremo a que Gabriela, Daniel,

Alexandre e Mariana tinham chegado para desvendar a verdade. Agora eram considerados quase heróis nacionais. Foi com esse sentimento que foram recebidos pelas centenas de olhares e sorrisos que os acompanharam enquanto entravam na igreja. Daniel tinha um penso branco a cobrir o nariz, Mariana tinha outro ao longo da parte de trás da cabeça, que o chapéu largo que usava não conseguia disfarçar por completo, e Alexandre e Gabriela exibiam arranhões e nódoas negras como marcas de guerra.

Rogério, pelo seu lado, não podia estar mais longe dali. A aguardar julgamento, estava a ser defendido por um advogado que mal conseguia camuflar o repúdio que tinha de olhar para ele, e todos os comentadores televisivos defendiam que seria um escândalo, praticamente inconstitucional, dar-lhe algo abaixo da pena máxima.

O grupo entrou e sentou-se, com as famílias, na primeira fila de bancos. A igreja não estava tão fresca como o exterior. Havia dezenas de velas acesas a ajudar a aquecer o espaço, que Emanuel já não devia ver tão cheio há muito tempo. A multidão que se reunira no exterior apressou-se a entrar também e a espalhar-se pelos lugares livres. Uma parte ainda teve de ficar de pé, nas laterais e no fundo da igreja, mas sempre com vista para o altar.

Gabriela deu-se conta de que até César, Rodrigo, Marco e Fernanda ali estavam, sentados numa das filas ao fundo da igreja, com Hélder e os seus guardas. César captou-lhe o olhar e acenou-lhe uma vez, respeitoso, antes de esboçar uma amostra de sorriso. Já os louvara perante a comunicação social, mas vê-lo agora sorrir-lhe, pela primeira vez desde que tinham deixado a casa de Rogério, era uma recompensa ainda maior.

Tornando a virar-se no banco, Gabriela admirou o altar, decorado com centenas de flores brancas. Agrupadas em ramos, coroas ou rodas, despontavam de todo o lado, enchendo o ar de um perfume tão forte que lhe deu alguma vontade de tossir. O verde dos ramos e folhas também sobressaía, assim como as tonalidades pastel dos laços e enfeites dos arranjos. À parte deles, o altar ainda estava decorado com as velas, todas brancas, mas nenhuma de um tom tão puro e chamativo quanto o do caixão.

Repousava sobre o altar, fechado e com uma enorme coroa de gardénias sobre o tampo. Ao lado, num cavalete branco, estava uma

grande moldura com uma fotografia de Francisco, que Gabriela sabia ser a preferida de Sandra e João Paulo. Fora tirada numa manhã das férias de verão do décimo ano e Francisco exibia um sorriso de orelha a orelha, os olhos cor de amêndoa cintilantes de alegria e o cabelo a brilhar ao sol. Apesar de a fotografia o apanhar apenas dos ombros para cima, Gabriela recordava-se de ele estar apenas de calções de banho, prestes a juntar-se a ela e a Mariana, Daniel e Alexandre no mar. Naquela tarde, eles e os pais tinham-se reunido na Praia do Navio para comemorar uma qualquer ocasião, e João Paulo tinha achado que Francisco estava demasiado bonito para não ficar registado naquela fotografia.

E agora Gabriela tinha a certeza de que era perfeita para aquele dia.

Olhou para João Paulo, sentado ao seu lado, e viu-lhe os olhos cheios de lágrimas, que o sorriso não deixava cair. Pela primeira vez, estava em paz. Sandra também. Aos poucos, começavam a recuperar parte da força que tinham antes do desaparecimento do filho. Ambos repararam que Gabriela os observava e dedicaram-lhe largos sorrisos, enquanto João Paulo lhe apertava a mão e a beijava na testa.

Emanuel surgiu nesse instante pela porta lateral do púlpito. Todos se levantaram para o receberem. Subiu ao altar e deu início à cerimónia. Gabriela começou a preparar-se para a tarefa que lhe cabia. Sabia que, se prestasse demasiada atenção ao discurso dele, acabaria por se emocionar e não seria capaz de cumprir com aquilo que esperavam dela, por isso concentrou-se na fotografia de Francisco, no sorriso maravilhoso dele, e retirou dele forças para manter a calma.

— E como foi graças aos amigos mais próximos e mais queridos do Francisco que ele pôde entrar por fim no caminho que o levará à paz eterna, é a eles que dou a palavra, para que possam ler a elegia que prepararam — anunciou Emanuel.

Mariana tocou na mão de Gabriela. Ela assentiu e levantou-se para a acompanhar e a Alexandre e Daniel, sob os olhares carregados de expectativa de cada pessoa presente na igreja. As pernas tremiam-lhe, mas não se deixou acobardar enquanto avançava para o púlpito. Deitou um olhar aos pais e aos gémeos e depois aos pais de Mariana, Daniel, Francisco e à mãe de Alexandre, e ainda a Leonor Marques, sentada ao fundo da igreja, que lhe piscou o olho e lhe dedicou um

sorriso de incentivo.

Tirou o caderno da mala, abriu-o sobre o púlpito e aclarou a garganta enquanto o desfolhava até à última entrada. Fechou os olhos ainda por um momento e respirou fundo. Fez-se silêncio. Não se ouvia uma respiração, uma perturbação à serenidade de morte que se instalara, mas Gabriela conseguia ouvir Francisco a rir-se ao seu ouvido.

Anda lá com isso, Gabi. Até parece que não és ótima a ler em público. Brilha para mim uma última vez, vá lá.

E Gabriela abriu os olhos e, devolvendo-lhe o sorriso, começou.

Nunca pensei que chegaria o dia em que escreveria para me despedir de ti. De tudo o que te quis escrever, e que quis escrever contigo, isto era a última coisa. Mas, como costumavas dizer, a vida é um mar de surpresas, e tu continuas a ser a maior da minha.

Há muito tempo que tínhamos perdido a esperança de algum dia podermos despedir-nos de ti, mas esse dia chegou, e quem me dera que pudesses ver todos os que aqui estão contigo. Que ainda hoje sentem a tua falta, porque foste tão importante para todos nós. Porque fizeste a diferença nas nossas vidas. Porque, por muito mal que possas ter feito, fizeste muito mais o bem, e é por ele que serás recordado.

Quem me dera que pudesses ver o quanto foste amado. E o quanto continuas a ser. Porque, mesmo já não estando aqui, estarás sempre connosco.

Foste o melhor amigo que qualquer um de nós podia ter. Foste a pessoa a quem, mesmo não partilhando o sangue, tivemos a sorte de chamar família. A sorte imensa de crescer contigo. De aprender contigo. De te acompanhar em cada aventura. De nos sentir apoiados e protegidos pela tua eterna coragem e pela ainda maior fé que tinhas em cada um de nós. Acreditavas que juntos éramos invencíveis e, graças a ti, também acreditávamos. Ao teu lado, éramos os melhores do mundo, apesar de estarmos tão longe de o ser. E foi um privilégio ter-te ao nosso lado. Um que terminou demasiado depressa, tal como a vida, ainda tão cheia de esperança e possibilidades, que tinhas pela frente.

Perder-te foi a maior dor das nossas vidas, e nenhum de nós teve paz nestes nove anos. Não conseguimos alcançá-la porque não tínhamos respostas. A tua memória perseguiu-nos, a tua presença manteve-nos sempre em alerta. Sempre à espera de que regressasses para junto de nós. Não, não te esquecemos. Jamais te esqueceríamos. E agora, finalmente, podemos fazer-te justiça.

Mas o caminho que tivemos de percorrer para aqui chegar não foi fácil. Aquilo que vivemos, e o que viemos a saber sobre ti e sobre nós mesmos, despertou o melhor e o pior de nós. Compreendemos, melhor que nunca, quando se diz que alguns segredos devem continuar enterrados. Encará-los pôs-nos à prova. Fez-nos questionar até que ponto estamos dispostos a ir uns pelos outros. Mostrou-nos que eras o elo que nos unia, acima de tudo. Porque, sem ti, afastámo-nos, tornámos a aproximar-nos e voltámos a afastar-nos, um mar revoltado que não tem descanso, como tu também nunca tiveste. Sofremos muito, magoámo-nos muito uns aos outros, e a ti também. Mas, mesmo nos piores momentos, foi a tua memória que nos fez continuar, e foi por ela que soubemos perdoar-nos. Contigo, aprendemos o perdão. Foi por ti que não baixámos os braços até chegarmos à verdade.

E agora podes finalmente descansar. Já acabou, meu amor. Acabou. Já não há segredos, não há vergonha, não há mentiras. Nem voltará a haver. Hoje podes descansar na certeza de que não foi tudo em vão. E de que nunca estarás sozinho.

Vamos amar-te para sempre, Francisco. Estarás sempre connosco, onde quer que estejas e onde quer que vás. Descansa em paz.

— Ámen — respondeu a igreja em coro.

— Ámen — sussurrou Gabriela no fim, para si mesma e para Francisco, antes de voltar a fechar o caderno dele.

Virou-se para Mariana, Alexandre e Daniel, e deu-se conta de que eles tinham os olhos tão cheios de lágrimas quanto os seus.

Ao sinal de Emanuel, tornou a guardar o caderno na mala, desceu com os outros e regressaram aos seus lugares, ao lado de João Paulo e Sandra. Eles, e a maioria dos presentes, estavam a chorar, e Emanuel concedeu-lhes alguns momentos para se recompor antes de prosseguir com a missa.

Gabriela tornou a olhar para a fotografia de Francisco e sorriu-lhe, certa de que ele teria ficado orgulhoso de si.

Depois da missa, Emanuel encabeçou a procissão até ao cemitério. Os presentes dirigiram-se para lá nas suas viaturas. Gabriela seguiu no carro com os pais e os gémeos, que passaram a viagem a elogiar a sua elegia. À chegada ao cemitério, voltou para junto de Alexandre, Daniel e Mariana. Era com eles que devia estar até ao fim, lado a lado na primeira fila do círculo que se formou em redor da cova aberta para receber o caixão de Francisco.

Assistiram à cerimónia em silêncio e sem chorar. Viram o caixão descer para o interior da terra, ser tapado por esta e ser colocada uma lápide de mármore branco, lisa e simples, à cabeceira. Além do nome de Francisco e das datas de nascimento e morte, constava ainda uma frase que aqueceu o coração de Gabriela.

FILHO E AMIGO, JAMAIS ESQUECIDO, VINGADO E ETERNAMENTE RECORDADO
ESTARÁS SEMPRE ENTRE NÓS

Quando Emanuel encerrou o funeral, repetiu-se o ritual do dia da vigília no colégio. Gabriela, Daniel, Mariana e Alexandre foram beijados, abraçados e elogiados por todos. O cemitério foi-se esvaziando à medida que o sol descia no céu. Quando o crepúsculo começou a toldar de dourado e vermelho as lápides e os jazigos, e uma aragem começou a agitar as copas das árvores, Gabriela, Alexandre, Daniel e Mariana já só estavam acompanhados pelos pais, por João Paulo e Sandra, que acabavam de se despedir de um casal de antigos vizinhos, e por Leonor Marques, que se encaminhava para eles nesse instante.

— Foi uma cerimónia muito bonita. O Francisco teria gostado — declarou, enquanto se curvava para deixar uma rosa branca junto à lápide.

— Obrigada por toda a ajuda, Leonor. E pelo trabalho que fez ao longo destes dias — murmurou Gabriela.

— Não me agradeçam. Foi um caso difícil, não vou mentir, mas dá-me paz ver que chegou ao fim e que o bem venceu. É sempre isso que gostamos de dar ao público, a vitória do bem no final, não é?

— É. Obrigado por nos ter ajudado a chegar à nossa — disse Alexandre.

— Não têm de quê. E agora vou deixar-vos despedirem-se do vosso amigo. Está a fazer-se tarde e tenho de voltar para casa, mas queria dizer-vos que, mesmo de futuro, podem contar comigo seja para o que for. Estou a falar a sério.

— E nós acreditamos. Obrigado, Leonor — sorriu Daniel, estendendo-lhe a mão.

Leonor despediu-se de cada um antes de se dirigir à saída, enquanto João Paulo e Sandra se aproximavam.

— A Leonor foi uma ajuda preciosa. Quem diria, hã? — comentou

João Paulo.

— Nós não, mas não se devia julgar o livro pela capa — admitiu Mariana. — Ainda bem que ela foi persistente. Não sei como teria acabado tudo se ela não tivesse chegado no momento em que chegou.

— Não pensem nos «ses». O que interessa é que acabou — defendeu Sandra.

Avançou de braços abertos para Gabriela e Mariana e envolveu-as neles, enquanto Alexandre e Daniel retribuía o abraço de João Paulo.

— Obrigada por tudo o que fizeram pelo Francisco — sussurrou Sandra, antes de as soltar.

— E, se tivéssemos de voltar atrás, faríamos tudo de novo — garantiu Alexandre.

João Paulo abraçou-o com mais força para não o deixar vê-lo começar a chorar. Sandra acariciou-lhe o cabelo e o rosto antes de se esticar, em bicos de pés, para o beijar na testa, como beijara tantas vezes Francisco. Abraçaram e beijaram Mariana, Gabriela e Daniel de seguida, despedindo-se com um «até já, filhos», antes de se encaminharem para os portões.

Quando lá chegaram, os quatro voltaram-se para a lápide de Francisco, lado a lado e recortados contra o sol poente, e Gabriela curvou-se para pousar a mão sobre o nome dele, na pedra fria, e deu-se conta de que não havia espaço para raiva ou revolta, apenas para a paz e o alívio que finalmente podiam partilhar.

Capítulo 68

O frio instalou-se com o crepúsculo, e foi encolhido sob um cardigã que Gabriela encontrou Daniel, ao sair para o alpendre das traseiras.

Aproximou-se sem fazer barulho, adivinhando-o perdido em pensamentos, de olhar fixo no horizonte. Só lhe chamou a atenção quando ocupou a cadeira ao seu lado.

— Gabriela? O que é que fazes aqui?

— Vim mostrar-te isto.

Estendeu-lhe o exemplar do *Público*. O cenho de Daniel franziu-se ao pegar nele, com o mesmo receio com que pegaria numa bomba, e manteve-se assim enquanto o folheava até chegar à primeira página do perfil de Francisco.

NEVER BREAK THE CHAIN

COMO O HOMICÍDIO DE UM ADOLESCENTE AJUDOU A EXPOR A SENDA DE CRIMES DE
UM PEDÓFILO, ESCONDIDO SOB A PELE DE UM PROFESSOR EXEMPLAR.

O CASO DE FRANCISCO ANDRADE

Ao longo de oito páginas, que continham várias fotografias que João Paulo e Sandra tinham autorizado publicar, Leonor usava a letra do tema dos Fleetwood Mac para explorar a amizade de Francisco,

Alexandre, Mariana, Gabriela e Daniel, que os mantivera unidos como uma corrente, contra tudo e todos, para lá da morte e do esquecimento, para lhe fazer justiça e trazer à luz do dia os segredos que o tinham enterrado. O tom não era excessivamente emotivo, mas era impossível ficar indiferente ao texto.

— Está muito bonito — disse Gabriela, enquanto Daniel passava as páginas — Ela é mesmo muito boa.

— Parece que sim... mas não há de ter sido fácil para a Sandra e o João Paulo ler isto. Ela não poupou nos detalhes.

— Pois não, mas, sinceramente, ainda bem que não o fez. Tínhamos razão quanto à sinceridade nua e crua ser o melhor remédio. Quando chegas ao fim, consegues ver isso.

— Logo leio com mais atenção — prometeu Daniel, tornando a dobrar o jornal. — E as peças nos outros jornais? Estão muito más?

— Algumas estão mais sensacionalistas, mas a maioria faz uma boa cobertura do caso.

Daniel pousou o jornal na mesinha de madeira ao lado da sua cadeira, antes de se virar para a olhar.

— Achava que já tinhas ido para Albufeira. O Alex e a Mariana já estão em casa, certo?

— Sim, e o plano também era já estar na estrada com os meus pais e os gémeos, mas... não consegui ir. Disse-lhes para seguirem caminho e apanhei o autocarro de volta para cá.

Daniel não precisava de lhe pedir para aprofundar. Afastou o olhar para onde o cemitério se recortava contra o céu vermelho. Gabriela observou-o também por muito tempo, e, ao tornar a abrir a boca, soube que as palavras eram desnecessárias, porque Daniel sabia bem aquilo que sentia.

— Achei que ia ser mais fácil. Mais... rápido, sabes?

— Começar a seguir em frente? — completou Daniel.

— Sim. Que, assim que enterrássemos o Francisco, deixaria de sentir este peso aos ombros e conseguiria... não sei. A verdade é que não sei de que é que estava à espera, mas... achei que seria algo com impacto, algo forte o suficiente para me fazer acreditar que estava na alguma espécie de ponto de partida, percebes?

— Percebo. Acredita que percebo.

— Acho que queria... no fundo, queria um momento à filme de

Hollywood, com uma música comovente em pano de fundo e o passado, o presente e o futuro a unirem-se num momento «*bam!*».

— Mas ainda não conseguiste nada disso, pois não?

— Não — admitiu, sem conseguir erguer a voz acima de um sussurro. — Ainda cá está, o peso que senti estes anos todos. Ainda não mudou nada.

— Não digas isso. Não é verdade — contrapôs Daniel. — Descobrimos o que o Rogério fez ao Francisco e agora ele vai finalmente ter o que merece. E pudemos enterrar o Francisco e despedir-nos dele.

— Então, porque é que sinto que ainda não acabou? Que ainda falta fazer alguma coisa?

— Porque falta. Falta que nos perdoemos uns aos outros.

Gabriela tentou desfazer o aperto que lhe afunilava mais a garganta a cada segundo, mas também não conseguiu que ele desaparecesse.

— Achámos, estes anos todos, que o peso que sentíamos estava cá por não sabermos o que lhe tinha acontecido. Pela sensação de que lhe estávamos a falhar por não conseguirmos pôr os pontos nos is no caso dele. Agora é diferente — disse Daniel, com uma calma e uma certeza que a surpreenderam. — Agora o que sentimos é culpa, porque descobrimos tudo o que aconteceu debaixo dos nossos narizes e percebemos que deixámos que acontecesse porque não estivemos tão presentes como deveríamos ter estado. Agora é desse peso que temos de nos livrar.

— Então, é bom que nos habituemos a ele, porque não me parece que algum dia chegue a desaparecer.

— Acho que vai ser mais fácil com o tempo. *Tem* de ser mais fácil.

— Tem? Daqui a quanto tempo é suposto perdoarmo-nos por deixarmos o Francisco sofrer daquela forma e acabar por ser morto? Quando é que vai passar a ser aceitável seguirmos com as nossas vidinhas em frente, sabendo que ele não o pode fazer?

— Não sei. Não sei o que te responder a isso. Acho que... acho que vamos ter de dar tempo ao tempo e deixar que ele nos mostre.

Ao vê-la começar a abanar a cabeça, Daniel pegou-lhe nas mãos e apertou-lhas com força, atraindo-lhe o olhar.

— Fizemos tudo o que podíamos. Há nove anos e agora. Já

tínhamos tentado seguir em frente e, mesmo assim, quando apareceu a primeira pista, voltámos logo para nos lançarmos outra vez de cabeça e descobrir a verdade. E conseguimos, não conseguimos? Só não fizemos mais porque não podíamos. É nisso que temos de pensar. Essa é que tem de ser a nossa verdade.

Gabriela pestanejou para dissipar as lágrimas e obrigou-se a anuir, esforçando-se por abrir o coração e acreditar nele.

Daniel, porém, conhecia-a demasiado bem.

— Não digo que vá ser fácil. Claro que não vai. Pode levar anos até pensarmos nele sem nos roermos de culpa. Caramba, pode levar anos até sermos capazes de voltar a olhar uns para os outros! Mas, leve os anos que levar, vamos acabar por lá chegar.

— Acreditas mesmo?

— Acredito. *Tenho de acreditar.*

Tornou a assentir, desejosa de conseguir confiar tão cegamente naquilo que os outros diziam como antes. Até a perda dessa inocência lhe custava.

Era, contudo, apenas mais um pormenor sem o qual precisava de continuar. Porque, a acreditar no que Daniel dizia, e demorasse o tempo que demorasse, havia de o conseguir.

Mas seria mais fácil se não tivesse de o fazer sozinha.

— O que é que vais fazer agora? — murmurou, tornando a olhar para Daniel.

— Como assim?

— O que é que vais fazer à tua vida?

— Que pergunta é essa? Vou... sei lá, vou continuar aqui, a trabalhar e a tentar ganhar para pagar as contas...

— Vais continuar aqui?

— Para onde hei de ir? Esta é a minha casa.

Gabriela desviou o olhar para longe. Para a horta, que tanto trabalho e proveito dera a Eduardo, e depois para o jardim, ainda mais ao fundo, onde os adorados canteiros e flores de Emília adejavam suavemente com a brisa, como que a convidá-la a ajoelhar-se de novo naquela terra em que tantas vezes encontrara paz quando mais precisava dela. Só que o olhar avançou para mais longe ainda. E, ao alcançar o cemitério, Gabriela encheu o peito de ar e permitiu-se um segundo para medir a segurança que tinha naquilo que se preparava

para dizer.

A perspectiva de ter aquela mesma visão o resto da vida confirmou-lhe que estava a tomar a decisão correta.

— Pensei que... que pudesses querer vir comigo para o Algarve.

Não se voltou logo para ele. Em silêncio, de olhos no cemitério, que escurecia sob o luar, permitiu-lhe calcular, como ela própria calculara, se aquele era o melhor futuro para si.

Quando ele voltou a apertar-lhe as mãos, virou-se para o olhar nos olhos e sentiu o coração estremecer.

— Gabi, sabes que te amo, mas...

— Não, espera. Também acho que devemos continuar apenas amigos. Não me arrependo do que aconteceu entre nós, sabes que não... mas também acho melhor continuarmos assim. Mas és o meu melhor amigo, és a pessoa de quem mais preciso e... e por isso gostava que voltasses comigo.

— Mas então fica tu aqui comigo! Temos espaço mais que suficiente para...

— Não — interrompeu Gabriela, pousando-lhe as pontas dos dedos nos lábios. — Por favor, não me peças isso. Não posso acordar todos os dias e olhar para onde o Francisco está enterrado. Não posso seguir com a minha vida, nem amanhã nem nunca, se todos os dias for recordada daquilo que aconteceu aqui.

Daniel baixou o olhar e Gabriela viu-o render-se àquilo que, por mais que lhes custasse, se afigurava cada vez mais certo.

— Esta é a minha casa, Gabriela. Percebo, a sério que sim, que não te imagines a viver aqui, mas... é a minha *casa*, entendes? Foi dos meus pais, foi onde cresci e agora...

— Agora é tua. E vai continuar a ser.

— Sim. Desculpa, mas não posso deixar para trás tudo o que eles lutaram por conseguir e tudo o que também já consegui graças a ela. Este é o meu lugar... mesmo que acorde todos os dias a lembrar-me do que se passou aqui.

— Eu sei. Eu sei — murmurou Gabriela, enxugando os cantos dos olhos antes de deitar a cabeça no ombro dele e deixar o olhar voltar a pousar no cemitério. — E também não podes deixar o Francisco.

Sentiu-o arrepiar-se antes de a envolver num abraço e a apertar contra si.

— Pois não. Se não deixei a vida inteira, também não é agora que vou deixar.

— Eu sei. E obrigada por não o fazeres. Já que nenhum de nós é capaz... obrigada por ficares tu a zelar por ele.

— Mas se algum dia te sentires capaz de voltar, sabes que tens as portas desta casa abertas para ti. Sempre, ouviste?

— Sim. Sempre.

Daniel beijou-lhe o topo da cabeça. Uma rajada de vento mais forte atravessou-os e Gabriela chegou-se a ele, abraçando-o pela cintura e encostando o ouvido ao peito dele. No silêncio que se seguiu, captou-lhe o ritmo do coração e este pareceu, pela primeira vez desde que se tinham reencontrado, começar a abrandar.

Fechou os olhos e apreciou aquele último instante antes de ter de voltar a deixá-lo e a Santa Cruz. E apreciou-o por saber que era só um interlúdio.

No fim, levasse o tempo que levasse, aquela voltaria a ser a sua casa.

Agradecimentos

Este livro não existiria sem o apoio de uma série de pessoas, para quem não existem palavras suficientes no mundo para agradecer. Mas vou tentar:

Em primeiro lugar, à Clara Capitão, por me receber de braços abertos na Penguin Random House e me encorajar a manter a fé com o sorriso contagiante que tem, e à Diana Garrido, a melhor editora que eu podia ter, por me dar a mão e não me soltar mais, nem ao leme deste barco. Se avistámos terra e a alcançámos, em tudo o devo a ela. Agradeço também ao João Santos, à Sofia Fisher e aos restantes membros da equipa Penguin que colaboraram neste livro e ajudaram a transformá-lo nesta versão final que está para lá dos meus melhores sonhos. Obrigada a todos pela paciência, dedicação e empenho.

A José Riço Direitinho, por aceitar ler o primeiro rascunho quando eu já estava à beira de desistir de o publicar e o ter feito chegar às mãos certas, e pelo apoio constante.

E aos amigos que tenho a sorte e o privilégio de ter à minha volta: Joana Araújo, Marta Costa, Vanessa Dinis, Tiago Miguel Caeiro, Telmo Domingos, Inês Aguiar, Joana de Carvalho, Catarina Pereira, Ana Luísa Alves, Alexandre Coelho, Gonçalo Cabral, Catarina Caseirito Beatriz Silva, Jéssica Sousa, Ana Bento, André Conde, Rita Caldeira, Julia McKellar, Chris Abrantes, Ana Rita Palmeira, Rúben Barroso e

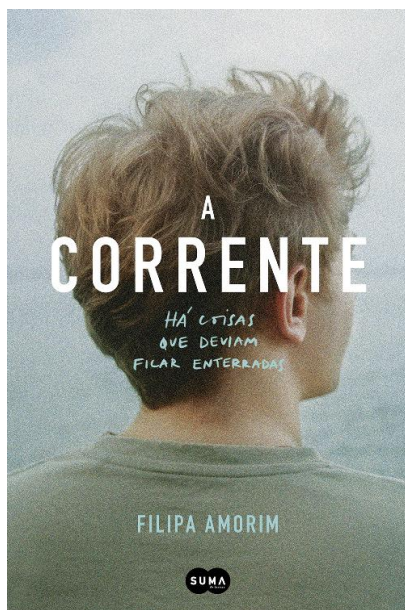
Bernardo Pereira. Sem vocês, nem seria quem sou, nem escreveria como escrevo. Obrigada por serem os elos da minha corrente.

Ao inspetor Carlos Ademar, da Escola da Polícia Judiciária, pelo esclarecimento das dúvidas sobre procedimentos e atuação da PJ, e a Fernando Janeiro, enfermeiro da Força Aérea Portuguesa, pelos conselhos quanto à melhor forma de descrever as cenas de ação e de nível médico-traumatológico nesta história. Obrigada a ambos por toda a disponibilidade para me orientarem e esclarecerem. Qualquer erro ou incoerência no enredo é culpa minha.

À minha mãe e à minha avó, pelo amor, encorajamento e paciência infinitos, e por respeitarem as horas que passo a escrever, à porta fechada, isolada no meu mundo cuja porta está, finalmente, aberta.

E, por fim, ao meu avô. Onde quer que estejas, espero que estejas orgulhoso de mim e que saibas a falta que me fazes. Volto a abraçar-te um dia.

Sobre este livro



Gabriela, Alexandre, Mariana e Daniel são amigos desde o berço, elos de uma corrente que se diria inquebrável.

Até que, no início daquele que se adivinhava o melhor verão das suas vidas, Francisco desaparece sem deixar rasto.

Sem saberem lidar com a perda e o choque, os quatro começam a

afastar-se. Mariana, Alexandre e Gabriela deixam Santa Cruz, a terra onde cresceram, e onde o fantasma de Francisco permanece. Daniel é o único que fica para trás, a ansiar pelo dia em que os amigos consigam suportar a dor do regresso.

Só que este é antecipado, após nove anos, pela descoberta do cadáver de Francisco numa cova que se julgava livre no cemitério.

A investigação do seu homicídio, que também motiva a vinda dos inspetores César Delgado e Rodrigo Gonçalves para Santa Cruz, traz à tona a mágoa e as mentiras que os quatro amigos partilharam e tentaram a grande custo manter enterradas ao longo dos anos, revelando que a amizade que os une já não é a fachada perfeita que um dia foi. Mas aquilo de que nenhum desistirá é de descobrir quem matou Francisco e quem lhes roubou o futuro risonho que poderiam ter tido ao seu lado.

Filipa Amorim constrói uma história carregada de dor, amizade, amor e perda, sem deixar de lado os ingredientes de um bom policial: o mistério, a dúvida constante e a busca pela verdade.

Sobre a autora

Os livros são os presentes preferidos de **Filipa Amorim**, que tem sempre um a meio e outro já escolhido para ler a seguir.

Nascida nos arredores de Lisboa nos anos 90, formou-se em Jornalismo e trabalha como assessora de imprensa, mas a escrita é o seu grande amor. Começou a escrever aos dez anos, inspirada pelas peripécias dos protagonistas da série Uma Aventura, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, mas desde que descobriu a saga Millennium de Stieg Larsson que os thrillers nórdicos têm um lugar de destaque nas suas estantes — e no seu coração.

A Corrente é o seu primeiro livro publicado pela Penguin Random House.